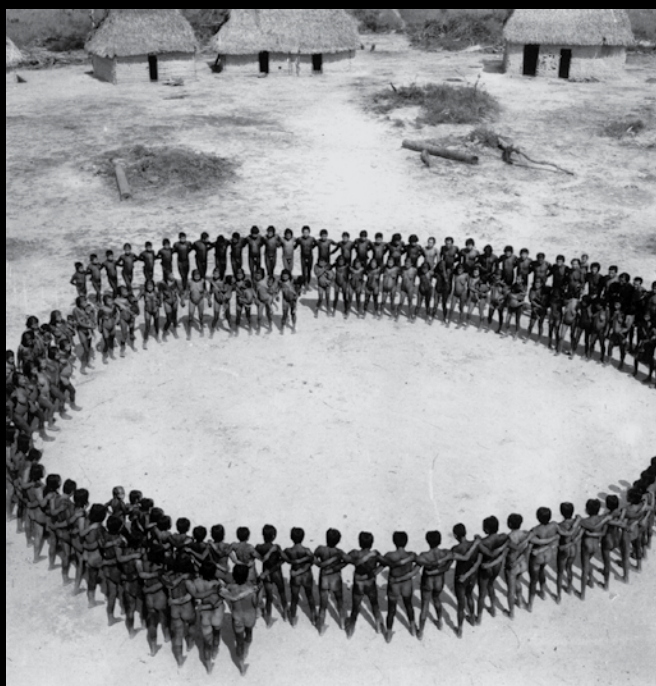


DIAGNÓSTICO DA EFETIVIDADE DO FUNDO KAYAPÓ NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DO POVO KAYAPÓ E NA GESTÃO E INTEGRIDADE DE SEUS TERRITÓRIOS

Relatório Final



Instituto
Socioambiental

São Paulo, março de 2019



PRODUTO 4. DIAGNÓSTICO DA EFETIVIDADE DO FUNDO KAYAPÓ NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DO POVO KAYAPÓ E NA GESTÃO E INTEGRIDADE DE SEUS TERRITÓRIOS

TERMO DE REFERÊNCIA Nº 2017.0627.00016-5

O **Instituto Socioambiental (ISA)** é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, fundada em 1994, para propor soluções de forma integrada a questões sociais e ambientais com foco central na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos. Desde 2001, o ISA é uma Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – com sede em São Paulo (SP) e subsedes em Brasília (DF), Manaus (AM), Boa Vista (RR), São Gabriel da Cachoeira (AM), Canarana (MT), Eldorado (SP) e Altamira (PA).

www.socioambiental.org

Conselho Diretor: Geraldo Andrello (presidente), Marina Kahn, Carlos Alberto Ricardo, Deborah de Magalhães Lima

Secretário Executivo: André Villas-Bôas



EQUIPE TÉCNICA

Maria Beatriz Nogueira Ribeiro - Coordenação geral.

André Villas-Bôas - Supervisão.

Componente 1.

Maria Beatriz Nogueira Ribeiro - Planejamento, pesquisa, coleta e análise de dados, redação e revisão de textos, elaboração e organização de relatórios.

Pedro C. Guimarães - Planejamento, pesquisa, coleta de dados, análise de entrevistas, redação e revisão de textos, coordenação de campo.

Julio C. S. Itacaramby - Pesquisa, coleta, sistematização e análise de dados, redação e revisão de textos.

Petra L. Pantoja - Coleta, sistematização de dados, apoio na análise de dados e produção de tabelas, redação de textos.

João L. Pantoja - Sistematização de dados, apoio na análise de dados e produção e formatação de tabelas e gráficos.

Componente 2.

Cicero Cardoso Augusto - Planejamento, organização, sistematização e cruzamento de dados e informações, produção de resultados, revisão de mapas, redação e revisão de textos, elaboração de relatórios.

Juan Doblás Prieto - Concepção, definição e processamento das imagens, classificação temática, controle de qualidade e validação, análise, produção e análise de resultados, redação e revisão de textos.

William Lima - Edição e atualização cartográficas dos temas da base, organização dos metadados, produção cartográfica, formatação de gráficos e tabelas, apoio na confecção e diagramação do relatório do componente 2.

Ricardo Abad - Atualização do banco de dados geográficos.

LISTA DE ACRÔNIMOS

AFP – Associação Floresta Protegida
AIS – Agente Indígena de Saúde
AISAN – Agente Indígena de Saneamento
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CASAI – Casa de Saúde Indígena
CI – Conservação Internacional
CR – Coordenação Regional (FUNAI)
CTL – Coordenação Técnica Local (FUNAI)
DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena
EJA – Educação de Jovens e Adultos
FK – Fundo Kayapó
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
FUNBIO – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IK – Instituto Kabu
INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IR – Instituto Raoni
ISA – Instituto Socioambiental
MPF – Ministério Público Federal
PAA – Programa de Aquisição de Alimentos
PBA – Plano Básico Ambiental
PBAI – Plano Básico Ambiental Indígena
PF – Polícia Federal
PGTA – Plano de Gestão Territorial e Ambiental
PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNGATI – Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas
PPP – Plano Político Pedagógico
PRODES – Programa de Cálculo do Desflorestamento da Amazônia
RMTX - Rede de Monitoramento Territorial do Xingu
SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena
SEDUC – Secretaria de Educação
SIG – Sistema de Informação Geográfica
SIRADX - Sistema de Indicação por Radar de Desmatamento da Bacia do Xingu
TAC – Termo de Ajustamento de Conduta
TEE – Território Etnoeducacional
TI – Terra Indígena
UHE – Usina Hidrelétrica

APRESENTAÇÃO

O presente documento é o produto final do estudo “Diagnóstico da Efetividade do Fundo Kayapó na Melhoria da Qualidade de Vida, da Gestão e da Integridade Territorial das Terras Indígenas do Povo Kayapó”, realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA) para o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio). O objetivo deste estudo foi realizar um diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó, e da gestão e integridade territorial das Terras Indígenas da etnia Kayapó nos últimos cinco anos, como forma de avaliar a efetividade do Fundo Kayapó e propor estratégias para potencializá-lo. Este documento está dividido em três partes principais: (1) Componente 1. Diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó e da gestão de seus territórios; (2) Componente 2. Diagnóstico da integridade física dos territórios Kayapó; e (3) Avaliação de impactos do Fundo Kayapó para a melhoria na qualidade de vida, gestão e integridade territorial das Terras Indígenas Kayapó.

SUMÁRIO GERAL

RESUMO EXECUTIVO.....	6
EXECUTIVE SUMMARY.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
COMPONENTE 1.....	11
Sumário.....	12
1. Objetivos.....	25
2. Métodos.....	25
3. Resultados.....	45
4. Síntese e avaliação crítica da qualidade de vida e gestão das TIs Kayapó.....	260
5. Avaliação dos indicadores utilizados.....	280
6. Conclusões.....	288
COMPONENTE 2.....	290
Sumário.....	291
1. Objetivos.....	297
2. Métodos.....	298
3. Resultados.....	309
4. Conclusões e recomendações.....	352
5. Produtos.....	354
AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DO FUNDO KAYAPÓ.....	356
Sumário.....	357
1. Representatividade e linhas de ação apoiadas pelo Fundo Kayapó.....	359
2. Impactos diretos e indiretos do Fundo Kayapó.....	365
3. Sugestões para potencializar o Fundo Kayapó.....	376
4. Conclusões.....	380
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	381

Lista de Figuras

Figura 1. Terras Indígenas da etnia Kayapó: Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kararaô, Kayapó, Las Casas, Menkragnoti, Xikrin do Cateté e Trincheira/Bacajá; localizadas no sul do Estado do Pará e norte do Estado do Mato Grosso.....8

RESUMO EXECUTIVO

As Terras Indígenas (TIs) da etnia Kayapó formam um dos maiores blocos de floresta contínua protegida na Amazônia e têm representado nas últimas décadas uma barreira extremamente eficiente contra o desmatamento em uma região com altíssima pressão antrópica, conhecida como arco do desmatamento. O Fundo Kayapó é um fundo de longo prazo que tem financiado ações tanto para a conservação da sociobiodiversidade e o desenvolvimento de atividades produtivas sustentáveis nas TIs Kayapó, quanto para o fortalecimento das principais associações Kayapó: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni. Este estudo teve como objetivo realizar um diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó e da gestão e integridade física de seus territórios nos últimos cinco anos; e avaliar a efetividade do Fundo Kayapó para a melhoria da qualidade de vida, gestão e integridade territorial das TIs Kayapó. Foram contempladas no estudo as comunidades Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjônkore, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Este documento está dividido em três partes principais: A primeira parte (componente 1) trata da qualidade de vida do Povo Kayapó e da gestão de seus territórios. A segunda parte (componente 2) trata da integridade física das Terras Indígenas Kayapó. A terceira parte consiste em uma avaliação dos impactos do Fundo Kayapó. O diagnóstico de qualidade de vida e gestão das TIs Kayapó é constituído principalmente por dados secundários relativos a demografia, saúde, educação, cultura e língua, subsistência e segurança alimentar, renda, energia, acesso e infraestrutura nas comunidades, proteção e monitoramento territorial das TIs, gestão territorial e ambiental, atendimento aos Kayapó, fortalecimento institucional das três principais associações indígenas que representam as comunidades Kayapó, produção sustentável, e ordenamento territorial. Os dados foram coletados junto a órgãos dos Governos Federal, Estaduais e Municipais, às próprias associações indígenas e em entrevistas com atores-chave indígenas e não-indígenas. O diagnóstico de integridade física é constituído por análises remotas de desmatamento, degradação florestal, empreendimentos e infraestrutura, incluindo a geração de produtos cartográficos. Foi utilizado como referência um diagnóstico realizado em 2013, o qual definiu a linha de base, visando a consolidação de um estudo comparativo que permitiu a avaliação de mudanças na qualidade de vida, gestão e integridade física nos territórios Kayapó. Com base nos resultados obtidos e na análise dos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó, foi realizada uma análise dos impactos do mesmo. Os resultados mostram que os Kayapó são um povo coeso, que ainda mantém sua cultura e tradições fortalecidas, mesmo diante do crescente aumento do contato com a sociedade envolvente. Nos últimos anos, diversos aspectos da qualidade de vida dos Kayapó melhoraram, como, por exemplo, o aumento das atividades de geração de renda e o maior acesso a benefícios sociais, além do fortalecimento de suas associações e a melhoria do atendimento prestado por elas às comunidades. Por outro lado, novos desafios surgiram. Dentre eles, merecem destaque o aumento da movimentação de famílias Kayapó entre as aldeias e as cidades, o aumento de missionários evangélicos frequentando as aldeias, a crescente demanda por renda, o enfraquecimento da FUNAI e o enorme aumento de aldeias envolvidas com atividades ilícitas, em especial o garimpo, que atualmente representa a maior ameaça aos territórios, à cultura e aos modos de vida dos Kayapó. Diante do atual cenário político do Brasil, estas e outras ameaças tendem a se agravar. Neste contexto, o papel das associações Kayapó é fundamental na interlocução com a sociedade envolvente, no apoio a atividades que promovam a autonomia do povo Kayapó e a preservação da sociobiodiversidade, e no fortalecimento dos Kayapó. Apesar dos recursos do Fundo Kayapó representarem uma pequena parte dos recursos geridos pelas associações Kayapó, sua atuação tem sido estratégica, tanto pelo seu caráter contínuo, como por apoiar projetos estruturantes e, principalmente, por apoiar o fortalecimento institucional destas associações.

EXECUTIVE SUMMARY

The Kayapó Indigenous Lands (ILs) form one of the largest blocks of protected continuous forest in the Amazon and have represented, over the last decades, an extremely efficient barrier against deforestation in a region under very high anthropogenic pressure, known as the arc of deforestation. The Kayapó Fund is a long-term fund that has supported actions both for the conservation of socio-biodiversity and the development of sustainable productive activities in the Kayapó ILs, as well as for the strengthening of the main Kayapó associations: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu and Instituto Raoni. This study aimed to assess the quality of life of the Kayapó people and the management and physical integrity of their territories in the last five years; and to evaluate the effectiveness of the Kayapó Fund for improving quality of life, management and territorial integrity of Kayapó ILs. The study included Kayapó communities located in Badjônkore, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas and Menkragnoti ILs. This document is divided into three main parts. Part 1 details aspects of the quality of life for the Kayapó people and the management of their territories. Part 2 details the physical integrity of the Kayapó Indigenous Lands. Part 3 provides an impact assessment of the Kayapó Fund. Assessment of the quality of life and management of Kayapó ILs was conducted mainly from secondary data on demographics, health, education, culture and language, subsistence and food security, income, energy, access and infrastructure in communities, protection and territorial monitoring, ILs territorial and environmental management, services to the Kayapó, institutional strengthening of the three main Kayapó associations, sustainable production, and territorial planning. The data were collected from Federal, State and Municipal governments, from the three above cited organizations that work in Kayapó territories, and from interviews with key Indigenous and non-Indigenous actors. The assessment of physical integrity includes remote analysis of deforestation and forest degradation, data on enterprises and infrastructure in the area surrounding Kayapó ILs, as well as cartographic products. A similar assessment made in 2013 was used as baseline for a comparative study with the data currently updated in this study, allowing for an evaluation of changes to quality of life, management and physical integrity in Kayapó territories. Based on the results obtained in this comparative study, as well as on the analysis of the projects supported by the Kayapó Fund, an assessment of its impacts was performed. The results show that the Kayapó are a cohesive group that still maintains strong culture and traditions, even in a context of increasing contact with the surrounding society. In recent years, several aspects of the Kayapó's quality of life have improved, such as an increase in income generating activities and access to social benefits, as well as a strengthening of their associations and the consequent improvement of services to communities. However, new challenges have also emerged. These include the increased movement of Kayapó families from villages to surrounding cities, the increasing influence of evangelical missionaries, the growing demand for income, the weakening of FUNAI, and the large increase in villages involved in illicit activities, especially gold mining which currently represents the greatest threat to the Kayapó's territories, culture and way of life. Considering the current political scenario in Brazil, these and other threats are expected to get worse. Given this context, the role of Kayapó associations is fundamental in the dialogue with the surrounding society, in supporting activities that promote the autonomy of the Kayapó people and the preservation of socio-biodiversity, as well as empowering the Kayapó people. Although the resources from the Kayapó Fund represent a small part of the total resources managed by Kayapó associations, their reliability have made them instrumental for supporting important projects and, mainly, the institutional strengthening of the Kayapó associations.

INTRODUÇÃO

Os Kayapó ou Mëbêngôkre são um povo indígena pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, família linguística Jê, provavelmente originário da região de cerrados entre os Rios Araguaia e Tocantins (Turner 1992) e que habita hoje uma grande porção de terras na região sul do Pará e norte do Mato Grosso. No total, os Kayapó habitam hoje nove Terras Indígenas (TIs) - Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kararaô, Kayapó, Las Casas, Menkragnoti, Xikrin do Cateté e Trincheira/Bacajá - que no total somam aproximadamente 13 milhões de hectares (Figura 1). Destas, cinco TIs são contíguas (Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó e Menkragnoti), formando um dos maiores blocos de Terras Indígenas da Amazônia.

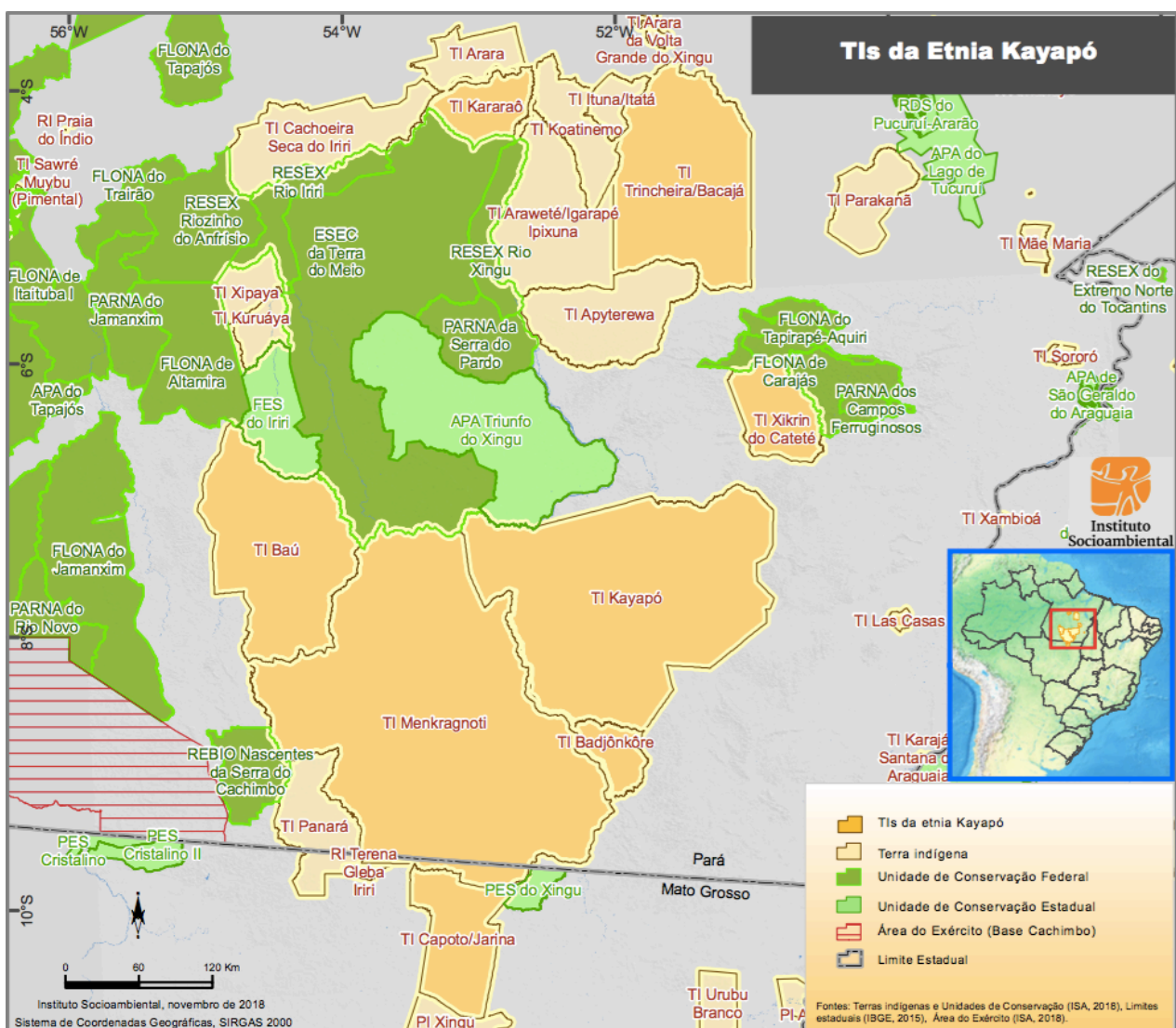


Figura 2. Terras Indígenas da etnia Kayapó: Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kararaô, Kayapó, Las Casas, Menkragnoti, Xikrin do Cateté e Trincheira/Bacajá; localizadas no sul do Estado do Pará e norte do Estado do Mato Grosso. Fontes: ISA 2018, IBGE 2015.

As TIs Kayapó estão localizadas na borda sudeste do ecossistema amazônico, em uma área de transição entre a Floresta Tropical e o Cerrado do Brasil Central. Esta região, denominada Arco de desmatamento da Amazônia, sofreu um intenso processo de colonização a partir da década de 60, com a abertura das rodovias Belém-Brasília (BR-010), Cuiabá-Santarém (BR-163) e finalmente a Transamazônica (BR-230), somada às políticas de incentivo à colonização proporcionados pelo Estado. O grande fluxo migratório, a descoberta e exploração de ouro e outros recursos minerais na região leste e a exploração madeireira a leste, a norte e a oeste, seguidos pelo crescente desmatamento para o estabelecimento da atividade pecuária, consolidaram a fronteira de colonização às margens dos territórios Kayapó (Schmink & Wood, 1992). Atualmente, a região é dominada por pastos e, mais recentemente, por lavouras de soja, principalmente a oeste do bloco.

Os territórios Kayapó, somados a outras Áreas Protegidas da bacia do Xingu, têm representado por décadas a única barreira contra a devastação total da região. As vastas florestas das TIs Kayapó prestam serviços ambientais inestimáveis, como a regulação do clima local e regional (Ricketts et al. 2010). Por ser uma região de transição entre a Amazônia e o Cerrado, a TI Kayapó possui uma alta diversidade de ambientes e, portanto, de espécies da fauna e da flora (Baider 2000, Peres & Nascimento 2006, Salm 2004, Solorzano-Filho 2009), muitas das quais utilizadas para subsistência pelos Kayapó. Apesar de seu inegável papel para barrar o desmatamento, com o crescente esgotamento dos recursos naturais nos entornos, a pressão sobre essas áreas tem aumentado e representa um dos maiores riscos à sobrevivência das florestas e dos modos de vida dos Kayapó.

Os desafios para a gestão e a conservação das TIs Kayapó, para a manutenção da cultura e dos modos de vida do povo Kayapó, assim como para o atendimento de seus anseios, são imensos, tanto pela intensificação do contato com a sociedade envolvente e suas tecnologias, quanto pela nova onda de pressão por parte de atividades ilícitas como garimpo e madeira (ISA 2018) e pelo cenário político nacional extremamente desfavorável. Nesse contexto, a atuação de associações locais fortes tem um papel chave na interlocução com a sociedade não indígena, no fortalecimento político dos Kayapó, no atendimento às suas necessidades atuais, na manutenção de sua cultura e modos de vida e na proteção de seus direitos e de seus territórios. Hoje, três associações Kayapó se destacam por sua representatividade, por sua história junto aos Kayapó, por sua idoneidade e pelos projetos por ela executados: A Associação Floresta Protegida (AFP), que representa 19 aldeias na TI Kayapó, quatro na TI Las Casas e duas na TI Menkragnoti; o Instituto Kabu (IK), que representa quatro aldeias na TI Baú e oito na TI Menkragnoti; e o Instituto Raoni (IR), que representa 10 aldeias na TI Capoto/Jarina e quatro na TI Menkragnoti.

O Fundo Kayapó (FK) é um fundo de longo prazo criado em 2011 com objetivo de assegurar um fluxo contínuo e sustentável de recursos financeiros para a conservação da sociobiodiversidade e o desenvolvimento de atividades produtivas sustentáveis nas TIs Kayapó. O FK recebeu doações que totalizam de R\$ 14,4 milhões, oriundas do Fundo Amazônia, por meio do BNDES, e da Conservação Internacional (CI-Brasil). Os recursos aportados para o FK são gerenciados pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO), tendo sido aplicados a partir de 2013 em projetos socioambientais desenvolvidos e executados pela AFP, pelo IK e pelo IR. Os projetos financiados pelo FK visam o fortalecimento das associações Kayapó, o fortalecimento social dos Kayapó, a proteção e a conservação de seus territórios e o fomento de atividades produtivas nas comunidades, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida de suas populações.

Diante do contexto acima, os objetivos deste estudo foram: (1) realizar um diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó, da gestão e da integridade territorial das Terras Indígenas Kayapó nos últimos cinco anos, tendo como referência a linha de base estabelecida em um diagnóstico realizado em 2013 (ISA 2014); (2) Com base na evolução dos indicadores de qualidade de vida, gestão e integridade territorial nos últimos cinco anos, assim como nos projetos apoiados, avaliar a efetividade do Fundo Kayapó e propor estratégias para potencializá-lo.



COMPONENTE 1

DIAGNÓSTICO DA QUALIDADE DE VIDA DO POVO KAYAPÓ E DA GESTÃO DE SEUS TERRITÓRIOS

SUMÁRIO

1. OBJETIVOS.....	25
2. MÉTODOS.....	25
2.1. Terras Indígenas, comunidades e associações indígenas contempladas.....	25
2.2. Coleta de dados e informações.....	28
2.2.1. Indicadores do Diagnóstico de Qualidade de Vida e Gestão das TIs Kayapó.....	29
2.2.2. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia.....	33
2.2.3. Entrevistas com atores-chave e indígenas.....	36
2.3. Fontes de informação.....	37
2.4. Análise de dados.....	42
2.4.1. Sistematização e análise de dados e informações.....	42
2.4.2. Avaliação crítica da situação atual e evolução dos indicadores.....	44
2.4.3. Avaliação dos indicadores utilizados.....	44
2.4.4. Avaliação da efetividade do Fundo Kayapó.....	45
3. RESULTADOS.....	45
3.1. Indicadores do Diagnóstico de Qualidade de Vida e Gestão das Terras Indígenas Kayapó e entrevistas.....	45
3.1.1. Demografia.....	45
3.1.2. Saúde.....	58
3.1.3. Educação.....	85
3.1.4. Cultura e língua.....	120
3.1.5. Subsistência e segurança alimentar.....	143
3.1.6. Renda.....	160
3.1.7. Infraestrutura - energia, comunicação e acesso.....	181
3.1.8. Ameaças e proteção territorial das TIs.....	192
3.1.9. Gestão ambiental e territorial.....	205
3.1.10. Órgãos e organizações que assistem os Kayapó.....	210
3.1.11. Fortalecimento institucional das associações apoiadas pelo Fundo Kayapó - AFP, IK e IR.....	217
3.1.12. Percepção geral dos Kayapó sobre a qualidade de vida nas aldeias.....	240
3.2. Indicadores do Plano de Monitoramento BNDES/Fundo Amazônia.....	241
3.2.1. Desmatamento.....	241
3.2.2. Atividades produtivas.....	241
3.2.3. Gestão e monitoramento territorial.....	251

3.2.4. Indicadores financeiros do Fundo Kayapó.....	257
4. SÍNTESE E AVALIAÇÃO CRÍTICA DA QUALIDADE DE VIDA E GESTÃO DAS TIS KAYAPÓ.....	260
4.1. Indicadores do Diagnóstico de Qualidade de Vida e Gestão das TIs Kayapó.....	263
4.2. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia.....	276
5. AVALIAÇÃO DOS INDICADORES UTILIZADOS.....	279
5.1. Indicadores do Diagnóstico de Qualidade de Vida e Gestão das TIs Kayapó.....	279
5.2. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia.....	283
5.3. Sugestões gerais para melhoria dos indicadores e do diagnóstico.....	287
6. CONCLUSÕES.....	288

Lista de Tabelas

Tabela 1. Terras Indígenas e comunidades contempladas no presente estudo e Estado(s) onde estão localizadas.....	26
Tabela 2. Indicadores por tema avaliados neste estudo, incluindo indicadores do Diagnóstico da Qualidade de vida do Povo Kayapó realizado em 2013, novos indicadores e indicadores alterados ou com nomenclatura adequada.....	30
Tabela 3. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES avaliados neste estudo.....	34
Tabela 4. Fontes de informação consultadas para cada tema do diagnóstico de qualidade de vida do Povo Kayapó e gestão de seus territórios e do Plano de Monitoramento do BNDES.....	37
Tabela 5. Atores indígenas e não indígenas entrevistados para o diagnóstico da qualidade de vida e gestão das Terras Indígenas Kayapó e a respectiva instituição a qual pertencem e função que exercem.....	38
Tabela 6. Indígenas com os quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para o diagnóstico da qualidade de vida e gestão das Terras Indígenas Kayapó e a respectiva idade, gênero, comunidade e Terra Indígena.....	41
Tabela 7. Número de aldeias nas Terra Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e em 2018, e aldeias novas criadas de 2013 a 2018.....	46
Tabela 8. Comunidades localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, e o respectivo número de habitantes Kayapó, em 2018.....	50

Tabela 9. População total Kayapó nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti nos anos de 2013 e 2018, taxas de crescimentos total e média para o período e índice de presença de grupos indígenas isolados.....	50
Tabela 10. Média, mediana, número máximo e número mínimo de habitantes por aldeia nas Terras Indígenas Bajonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas, Menkragnoti e total no ano de 2018.....	55
Tabela 11. DSEIs que prestam atendimento e presença de posto em cada uma das aldeias Kayapó localizadas nas TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018.....	58
Tabela 12. População total atendida, número de aldeias atendidas, proporção de aldeias com posto de saúde e condições da estrutura física do posto nas aldeias Kayapó atendidas pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018.....	60
Tabela 13. Número total de médicos, de dentistas, de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, de Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN) e de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) atuando nos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018.....	62
Tabela 14. Proporção de aldeias com poços artesianos, com tratamento adequado de esgoto e com amostras de água contaminadas por <i>Escherichia coli</i> , uma bactéria indicadora de contaminação fecal, nas aldeias atendidas pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018.....	63
Tabela 15. Fonte de água para consumo, tipo de tratamento de esgoto e contaminação da água do rio por <i>Escherichia coli</i> , nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018.....	64
Tabela 16. Possibilidade de contaminação dos rios por mercúrio e destinação do lixo doméstico e hospitalar (produzido pelo posto de saúde) nas aldeias atendidas pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018.....	67
Tabela 17. Possibilidade de contaminação dos rios por mercúrio e destinação do lixo doméstico e hospitalar (produzido pelo posto de saúde) nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018.....	68
Tabela 18. Enfermidades mais comuns entre os Kayapó atendidos pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós entre janeiro de 2017 e junho de 2018.....	71
Tabela 19. Taxas de mortalidade anual de crianças menores de um ano, de crianças menores de cinco anos, de crianças e jovens de cinco a 14 anos e de adultos de 15 a 60 anos, para os Kayapó atendidos pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós, entre janeiro de 2017 e junho de 2018.....	72
Tabela 20. Número de nascimentos, proporção dos partos realizados na cidade, proporção de partos cesáreos, taxa de mortalidade de recém-nascidos até o 28 ^o dia de vida e taxa de	

mortalidade materna para os Kayapó atendidos pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós entre janeiro de 2017 e junho de 2018.....	74
Tabela 21. Número de pajés nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	74
Tabela 22. Número total de pajés nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	77
Tabela 23. Presença de escola em atividade e órgão municipal ou estadual responsável pelo atendimento à educação nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	87
Tabela 24. Proporção de aldeias com escola e de aldeias com escolas que oferecem Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	90
Tabela 25. Ciclos da educação básica oferecidos, anos oferecidos, oferecimento de EJA (Educação de jovens e adultos) e presença parcial ou total de turmas multisseriadas nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	90
Tabela 26. Número total de alunos e número de alunos do sexo masculino e feminino nas escolas das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	94
Tabela 27. Proporção de alunos matriculados em escolas em relação à população total das Terras Indígenas, comparação entre o número de alunos matriculados do sexo masculino e feminino, número de alunos por professor, comparação entre o número de professores indígenas e não indígenas, e professor protagonista nas escolas das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	96
Tabela 28. Número de professores indígenas e não indígenas e professor protagonista nas escolas nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	97
Tabela 29. Infraestrutura escolar: qualidade da estrutura física, qualidade dos materiais de ensino/equipamentos utilizados, existência de biblioteca e acesso à internet nas escolas das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	101
Tabela 30. Alimentação escolar: oferecimento de merenda diária, presença de alimentos da culinária indígena na merenda escolar, escola atendida pelo PNAI e/ou PAA, nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	104
Tabela 31. Língua mais utilizada na escola, existência de currículo específico para o povo Kayapó e utilização de livros e/ou materiais didáticos em Kayapó nas escolas localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	107
Tabela 32. Língua utilizada na escola, existência de currículo específico para o povo Kayapó e utilização de livros e/ou materiais didáticos em Kayapó nas escolas localizadas nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	110

Tabela 33. Uso da língua materna, número de festas tradicionais realizadas nos últimos dois anos e quantidade de artesanato confeccionado para uso próprio nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	121
Tabela 34. Número total (mínimo) de festas realizadas nos últimos dois anos, proporção de aldeias com registros da cultura material e imaterial, proporção de aldeias com indígenas capacitados para o registro da cultura e proporção de aldeias com equipamentos adequados para o registro da cultura nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018.....	125
Tabela 35. Existência de registros da cultura material e imaterial (impressos e audiovisuais), existência de Kayapós capacitados para o registro da cultura e existência de equipamentos adequados para o registro da cultura nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018.....	125
Tabela 36. Proporção de aldeias com casa do guerreiro, proporção de aldeias apenas com moradias tradicionais, com moradias tradicionais e não tradicionais (mista) e apenas com moradias não tradicionais, e proporção de aldeias com presença de missionários nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	129
Tabela 37. Presença de casa do guerreiro, tipos de moradias existentes e presença de missionários nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018.....	130
Tabela 38. Consumo de produtos produzidos nas roças, consumo de produtos coletados na floresta e/ou cerrado, número de produtos extrativistas consumidos e importância de produtos vindos da cidade em comparação com alimentos produzidos nas roças e coletados na floresta e/ou cerrado, nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	144
Tabela 39. Consumo de produtos produzidos nas roças, consumo de produtos coletados na floresta e/ou cerrado e diversidade de produtos extrativistas consumidos pelas aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	145
Tabela 40. Importância de produtos vindos da cidade em comparação com alimentos produzidos nas roças e coletados na floresta e/ou cerrado, importância da criação de animais em comparação com caça e pescado e importância das carnes vinda da cidade em comparação com caça e pescado em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	148
Tabela 41. Grau de consumo de carnes de caça e de pescado, número de tipos de criação de animais e importância da criação de animais e das carnes vindas da cidade em comparação com as carnes de caça e pescado nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	152

Tabela 42. Grau de consumo de carne de caça e de pescado, e presença e tipo de criação de animais em aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	153
Tabela 43. Principais atividades econômicas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	161
Tabela 44. Comercialização de produtos da floresta, de artesanato e de produtos das roças pelas aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	163
Tabela 45. Outras atividades de geração de renda, além da comercialização de produtos da sociobiodiversidade, e atividades ilícitas de geração de renda nas aldeias Kayapó nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	166
Tabela 46. Renda total gerada pela comercialização de produtos e serviços pelas Associações Kayapó entre os anos de 2013 e 2017.....	170
Tabela 47. Renda média anual total, por aldeia e per capita gerada pela comercialização de produtos e serviços pelas Associações Kayapó entre os anos de 2013 e 2017.....	171
Tabela 48. Servidores Indígenas da etnia Kayapó vinculados à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 2018.....	172
Tabela 49. Fontes de renda e estimativa da renda total obtida por comunidades Kayapó da Terra Indígena Kayapó no ano de 2018.....	173
Tabela 50. Proporção estimada da renda gerada por benefícios sociais, salários e iniciativas de geração de renda em relação à renda total de comunidades Kayapó da Terra Indígena Kayapó no ano de 2018.....	174
Tabela 51. Porporção de aldeias com presença de energia proveniente de rede elétrica, com fontes de energia alternativas (gerador ou placa solar) e com os diferentes tipos de meio de comunicação nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	181
Tabela 52. Presença de energia elétrica proveniente de rede elétrica (linhão) e fontes de energia alternativas em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	182
Tabela 53. Presença de internet e tipos de meios de comunicação utilizados em aldeias das Terras Indígenas Kayapó em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	184
Tabela 54. Tipo e condições de acesso às aldeias localizadas nas Terras Indígenas Kayapó em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	186
Tabela 55. Tipo e condições de acesso às aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	187

Tabela 56. Situação Jurídica das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	192
Tabela 57. Principais ameaças, grau de ameaça das atividades e existência de projetos em parceria com a Associação no entorno das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	196
Tabela 58. Principais ameaças e grau de ameaça das atividades à integridade das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	196
Tabela 59. Existência de rotina de monitoramento das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti e infraestrutura para esta atividade por parte das Associações indígenas Kayapó.....	197
Tabela 60. Envolvimento no monitoramento e circulação dos Kayapó pelos territórios das aldeias representadas pela Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni em 2018....	199
Tabela 61. Articulação entre comunidades, associações e órgãos do governo em relação à proteção territorial das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti e existência de operações da PF/IBAMA para coibir atividades ilegais.....	201
Tabela 62. Coordenações Regionais da FUNAI responsáveis pelas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018.....	211
Tabela 63. Associações indígenas da etnia Kayapó mapeadas em 2018 e Terra Indígena na qual estão localizadas as aldeias representadas por cada uma delas.....	214
Tabela 64. Número de aldeias, população total representada e área aproximada de atuação das principais Associações indígenas das Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti.....	217
Tabela 65. Comunidades Kayapó localizadas nas Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti e as respectivas Associações Indígenas que as representam.....	219
Tabela 66. Linhas de atuação e atividades da Associação Floresta Protegida, do Instituto Kabu e do Instituto Raoni.....	223
Tabela 67. Principais financiadores e parceiros da Associação Floresta Protegida, do Instituto Kabu e do Instituto Raoni.....	226
Tabela 68. Recurso médio gerido anualmente, recurso médio anual per capita, recurso médio anual por aleia, recurso médio anual por área e média de projetos aprovados nos últimos cinco anos para a Associação Floresta Protegida, o Instituto Kabu e o Instituto Raoni.....	226
Tabela 69. Infraestrutura para atendimento às comunidades e número e qualificação dos funcionários das associações Kayapó em 2018.....	232
Tabela 70. Número de funcionários indígenas nas associações Kayapó e proporção que estes representam em relação ao número total de funcionários em 2018.....	234

Tabela 71. Existência de iniciativas para formação de jovens lideranças, grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político do Brasil e articulação dos kayapó com o movimento indígena nacional em 2018.....	236
Tabela 72. Desmatamento anual das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti de 2013 a 2017.....	241
Tabela 73. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pela Associação Floresta Protegida, nos anos de 2013 a 2017.....	242
Tabela 74. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelo Instituto Kabu, nos anos de 2013 a 2017.....	244
Tabela 75. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelo Instituto Raoni, nos anos de 2013 a 2017.....	245
Tabela 76. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelas associações Kayapó, no período de 2013 a 2017 – Totais por Associação.....	246
Tabela 77. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelas associações Kayapó, no período de 2013 a 2017 – Totais por ano.....	247
Tabela 78. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pela Associação Floresta Protegida, nos anos de 2013 a 2017.....	253
Tabela 79. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelo Instituto Kabu, nos anos de 2013 a 2017.....	254
Tabela 80. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelo Instituto Raoni, nos anos de 2013 a 2017.....	255
Tabela 81. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelas associações Kayapó, nos anos de 2013 a 2017 – Totais por Associação.....	256
Tabela 82. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelas associações Kayapó, nos anos de 2013 a 2017 – Totais por ano.....	256
Tabela 83. Valor dos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó de 2013 a 2017, por Associação Kayapó e por ciclo.....	258
Tabela 84. Saldo inicial e final, valor dos rendimentos gerados pelas aplicações financeiras, valor de despesas e valor desembolsado para projetos apoiados pelo Fundo Kayapó, no período de 2013 a 2017.....	259
Tabela 85. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Demografia” em 2018.....	263

Tabela 86. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Saúde”, em 2018.....	263
Tabela 87. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Educação”, em 2018.....	265
Tabela 88. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Cultura e Língua”, em 2018.....	267
Tabela 89. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Subsistência e segurança alimentar”, em 2018.....	268
Tabela 90. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Renda”, em 2018.....	270
Tabela 91. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Infraestrutura - energia, acesso e comunicação”, em 2018.....	271
Tabela 92. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Proteção e monitoramento territorial”, em 2018.....	272
Tabela 93. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Gestão ambiental e territorial”, em 2018.....	273
Tabela 94. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Órgãos e organizações que assistem os Kayapó”, em 2018.....	274
Tabela 95. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Fortalecimento institucional das associações apoiadas pelo Fundo Kayapó”, em 2018.....	274
Tabela 96. Síntese, avaliação e evolução do indicador do tema “Percepção geral dos Kayapó sobre a qualidade de vida nas aldeias”, em 2018.....	275
Tabela 97. Síntese, avaliação e evolução do indicador “Desmatamento nas Terras Indígenas Kayapó”, em 2018.....	276
Tabela 98. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Atividades produtivas”, em 2018.....	276
Tabela 99. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Gestão e monitoramento territorial”, em 2018.....	277
Tabela 100. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores financeiros do Fundo Kayapó, em 2018.....	278
Tabela 101. Indicadores inseridos e modificados no diagnóstico da qualidade de vida e gestão das Terras Indígenas Kayapó e as respectivas justificativas para sua inclusão/modificação.....	280
Tabela 102. Avaliação dos indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES e sugestões para sua melhoria.....	285

Lista de Figuras

Figura 1. Comunidades Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkore, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, no sul do Estado do Pará e norte do Estado do Mato Grosso.....	26
Figura 2. Número total de comunidades Kayapó localizadas nas Terra Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti nos últimos 50 anos.....	46
Figura 3. Número de aldeias criadas anualmente nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti desde 2007.....	47
Figura 4. Comunidades localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, e o respectivo número de habitantes em 2018.....	48
Figura 5. População total Kayapó nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti da década de 50 até o presente.....	49
Figura 6. População total Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018, por faixa etária.....	53
Figura 7. População Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti da década de 90 até o presente.....	54
Figura 8. Distribuição do número de habitantes por comunidade, para as comunidades Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, nos anos de 2013 e 2018.....	55
Figura 9. Presença de postos de saúde nas aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018.....	61
Figura 10. Opinião dos Kayapó sobre a qualidade do atendimento à saúde nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	78
Figura 11. Opinião dos Kayapó sobre a qualidade do atendimento à saúde na cidade em 2013 e 2018.....	78
Figura 12. Existência e quantidade de pajés nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018, segundo os Kayapó.....	79
Figura 13. Importância dos tratamentos dos pajés das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018, segundo os Kayapó.....	79
Figura 14. Risco dos tratamentos dos pajés das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti estarem sendo perdidos em 2013 e 2018, segundo os Kayapó.....	80

Figura 15. Número médio de professores indígenas e não indígenas, número de alunos por professor e número de alunos por turma nas escolas Kayapó localizadas no Estado do Mato Grosso e no Estado Pará nos anos de 2013 e 2018.....	100
Figura 16. Livro de alfabetização na língua Mëbêngôkre – <i>Mëbêngôkre kabên mari kadjy 'ã pi'òk nê ja.</i> (Kayapó et al. 2015, Associação Floresta Protegida).....	109
Figura 17. Opinião dos Kayapó sobre a qualidade da educação nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	116
Figura 18. Relação entre a população total das aldeias e o número de festas realizadas, para as aldeias Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, no ano de 2018.....	124
Figura 19. Relação entre a população total das aldeias e a presença de casa do guerreiro, para as aldeias Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, no ano de 2018.....	128
Figura 20. Opinião dos Kayapó sobre a manutenção da cultura nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018	133
Figura 21. Opinião dos Kayapó sobre a realização de festas tradicionais pelas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	134
Figura 22. Opinião dos Kayapó sobre a participação dos jovens em festas tradicionais nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	134
Figura 23. Opinião dos Kayapó sobre a quantidade de roças existentes nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	156
Figura 24. Opinião dos Kayapó sobre a variedade de alimentos plantados nas roças das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	156
Figura 25. Opinião dos Kayapó sobre a importância das roças para alimentação nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	157
Figura 26. Opinião dos Kayapó sobre a quantidade de caça disponível nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	157
Figura 27. Opinião dos Kayapó sobre a quantidade de pescado disponível nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	158

Figura 28. Opinião dos Kayapó sobre a origem da proteína animal consumida nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	158
Figura 29. Opinião dos Kayapó sobre a origem dos alimentos consumidos nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	159
Figura 30. Número de aldeias que comercializam castanha, artesanato, cumaru, farinha e que possuem garimpos em 2013 e 2018 nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	163
Figura 31. Proporção de aldeias que comercializam produtos da floresta, de artesanato e de produtos da roça, que realizam iniciativas de turismo e educação e que praticam atividades ilegais (garimpo, venda de madeira e arrendamento de terras) em 2013 e 2018 nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	169
Figura 32. Importância relativa da receita gerada por cada uma das iniciativas de geração de renda sustentável desenvolvidas no território Kayapó pelas Associações Kayapó entre os anos de 2013 a 2017.....	171
Figura 33. Opinião dos Kayapó sobre as atividades de geração de renda nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	175
Figura 34. Opinião dos Kayapó sobre a infraestrutura das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.....	190
Figura 35. Desmatamento no interior e no entorno (10 km) das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti até 2012 e de 2013 a 2017.....	194
Figura 36. Garimpos, cicatrizes de queimadas e estradas no interior e no entorno (10 km) das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti até 2017.....	195
Figura 37. Envolvimento dos Kayapó no monitoramento dos territórios das aldeias representadas pela Associação Floresta Protegida, pelo Instituto Kabu e pelo Instituto Raoni em 2013 e 2018.....	200
Figura 38. Circulação dos Kayapó pelos territórios das aldeias representadas pela Associação Floresta Protegida, pelo Instituto Kabu e pelo Instituto Raoni em 2013 e 2018.....	200
Figura 39. Opinião dos Kayapó sobre a proteção de seus territórios em 2013 e 2018.....	202
Figura 40. Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Las Casas, PA.....	208
Figura 41. Aldeias Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti e Coordenações Regionais da FUNAI que as atendem.....	210
Figura 42. Opinião dos Kayapó sobre a atuação da FUNAI em 2013 e 2018.....	215

Figura 43. Opinião dos Kayapó sobre a atuação das prefeituras municipais em 2013 e 2018....	216
Figura 44. Opinião dos Kayapó sobre a atuação das associações Kayapó em 2013 e 2018.....	216
Figura 45. Aldeias Kayapó representadas pela Associação Floresta Protegida, pelo Instituto Kabu e pelo Instituto Raoni, localizadas nas Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti em 2018.....	218
Figura 46. Número de aldeias representadas pelas principais associações indígenas das Terras Indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti.....	221
Figura 47. Número de indígenas representados pelas principais associações indígenas das Terras Indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti.....	222
Figura 48. Recurso médio anual gerido pelas associações Kayapó nos últimos anos em 2013 e 2018. Os valores de 2013 foram corrigidos pelo índice IPCA para julho de 2018.....	227
Figura 49. Recurso médio anual per capita gerido pelas associações Kayapó nos últimos anos em 2013 e 2018. Os valores de 2013 foram corrigidos pelo índice IPCA para julho de 2018.....	228
Figura 50. Número total de funcionários e número de funcionários com ensino superior e/ou com pós-graduação completa nas associações Kayapó em 2013 e 2018.....	233
Figura 51. Número total de funcionários indígenas nas associações Kayapó em 2013 e 2018.....	234
Figura 52. Grau de apropriação das associações pelos Kayapó em 2013 e 2018.....	235
Figura 53. Compreensão pelos Kayapó do atual contexto político do Brasil em 2013 e 2018....	236
Figura 54. Articulação dos Kayapó com o movimento indígena nacional em 2013 e 2018.....	237
Figura 55. Opinião dos Kayapó sobre a felicidade dos parentes Kayapó nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.....	240
Figura 56. Receita total e relativa gerada por produto “ <i>in natura</i> ”, para as associações Kayapó, no período de 2013 a 2017.....	249
Figura 57. Receita total e relativa gerada por produto beneficiado, para as associações Kayapó, no período de 2013 a 2017.....	250
Figura 58. Receita total e relativa gerada por produtos “ <i>in natura</i> ” no período de 2013 a 2017, por associação Kayapó.....	251
Figura 59. Receita total e relativa gerada por produtos beneficiados no período de 2013 a 2017, por associação Kayapó.....	251
Figura 60. Recurso total desembolsado pelo Fundo Kayapó por associação Kayapó, no período de 2013 a 2017.....	257

1. OBJETIVOS

Realizar o diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó e da gestão de seus territórios, incluindo:

- Atualização de indicadores levantados no diagnóstico realizado em 2013 (ISA 2014) e inclusão de novos indicadores, caso necessário;
- Compilação de indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES de 2013 a 2017;
- Realização de entrevistas com atores-chave e com indígenas;
- Avaliação dos indicadores utilizados.

2. MÉTODOS

2.1. Terras Indígenas, comunidades e associações indígenas contempladas

Foram contempladas no diagnóstico as comunidades Kayapó localizadas nas TIs Badjonkore, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, nos Estados do Pará e Mato Grosso (Figura 1). O critério utilizado para considerar um agrupamento familiar como aldeia/comunidade é que sua população fosse superior a 15 pessoas e a presença de indígenas fosse permanente e não temporária, como ocorre em roças sazonais e acampamentos. As associações indígenas para as quais foram levantados dados são aquelas contempladas pelo Fundo Kayapó, ou seja, Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni.

A lista completa das comunidades Kayapó, assim como a respectiva Terra Indígena e o Estado no qual cada comunidade está localizada, encontram-se na tabela 1.

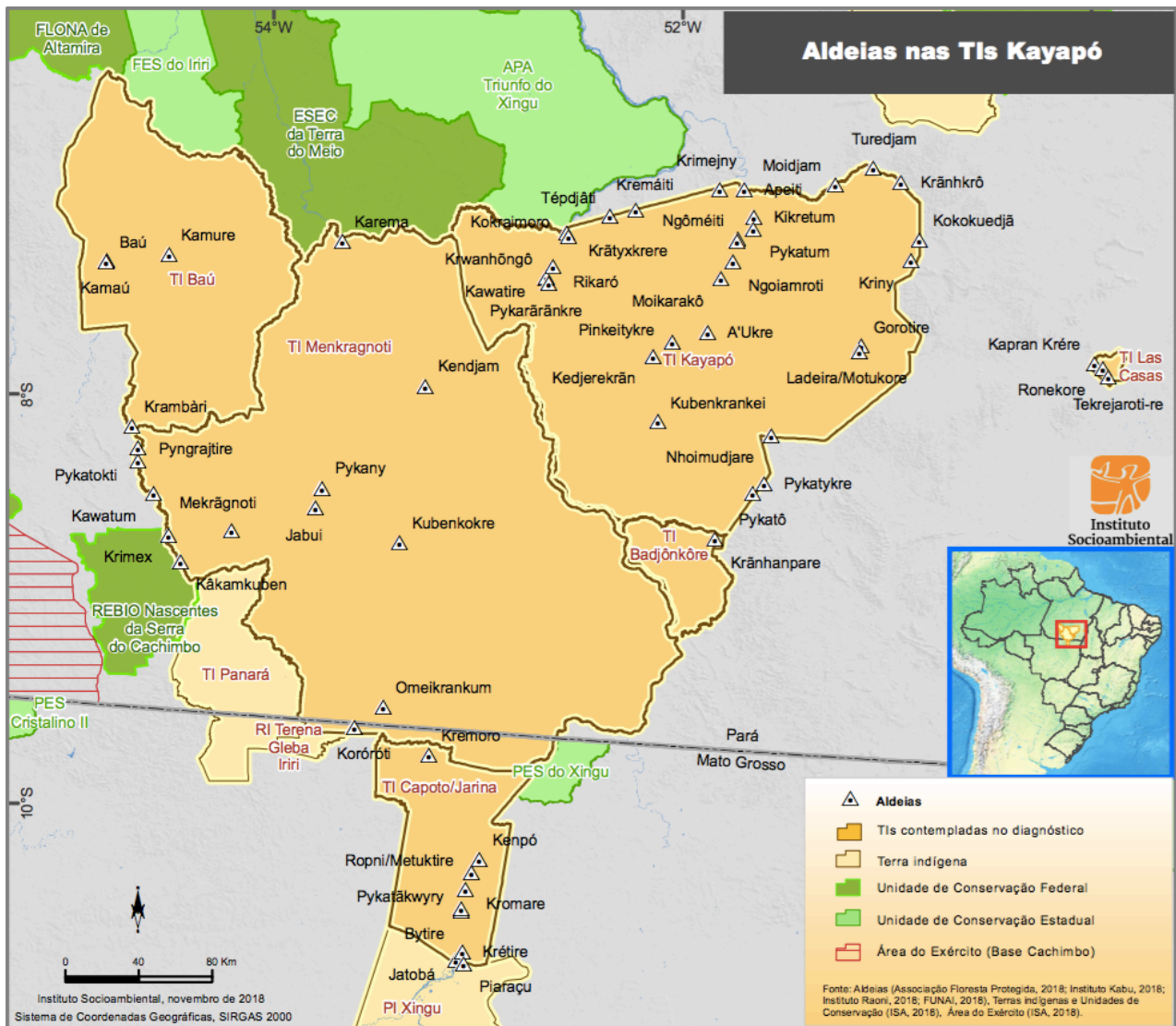


Figura 1. Comunidades Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkore, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, no sul do Estado do Pará e norte do Estado do Mato Grosso. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni, Funai e ISA, 2018.

Tabela 1. Terras Indígenas e comunidades contempladas no presente estudo, e Estados onde estão localizadas. Fontes: Associação Floresta protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni e Funai 2018.

Terra Indígena	Aldeia**	Estado
Badjonkôre	Krânhanpare	PA
Baú	Baú	PA
Baú	Kamaú	PA
Baú	Kamüre*	PA
Baú	Krambàri*	PA
Capoto/Jarina	Bytire	MT

Capoto/Jarina	Jatobá	MT
Capoto/Jarina	Kenpó	MT
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	MT
Capoto/Jarina	Krétire	MT
Capoto/Jarina	Kromare	MT
Capoto/Jarina	More*	MT
Capoto/Jarina	Piaraçu	MT
Capoto/Jarina	Pykatākwyry	MT
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	MT
Kayapó	A'Ukre	PA
Kayapó	Apeiti	PA
Kayapó	Bananal*	PA
Kayapó	Gorotire	PA
Kayapó	Juari (Piokrótikô/Mikim)	PA
Kayapó	Kawatire	PA
Kayapó	Kedjerekrân	PA
Kayapó	Kikretum	PA
Kayapó	Kokokuedjã	PA
Kayapó	Kokraimoro	PA
Kayapó	Krãnhkrô	PA
Kayapó	Krãtyxkrere*	PA
Kayapó	Kremáiti*	PA
Kayapó	Krimejny*	PA
Kayapó	Kriny	PA
Kayapó	Krwanhôngô*	PA
Kayapó	Kubenrankei	PA
Kayapó	Ladeira (Motukore)	PA
Kayapó	Moidjam	PA
Kayapó	Moikarakô	PA
Kayapó	Momokre *	PA
Kayapó	Mutum*	PA
Kayapó	Ngoiamroti*	PA
Kayapó	Ngokongoti-re*	PA
Kayapó	Ngôméiti	PA
Kayapó	Nhoimudjare	PA
Kayapó	Pidjokore*	PA
Kayapó	Pinkeitykre*	PA
Kayapó	Ponte (Kutenkore)*	PA
Kayapó	Pykakyti*	PA

Kayapó	Pykarārānkre	PA
Kayapó	Pykatô	PA
Kayapó	Pykatum*	PA
Kayapó	Pykatykre*	PA
Kayapó	Pyuredjan*	PA
Kayapó	Rikaró	PA
Kayapó	Rokrore (Oncinha)*	PA
Kayapó	Tantanjere*	PA
Kayapó	Tépdjâti	PA
Kayapó	Tepore*	PA
Kayapó	Turedjam	PA
Las Casas	Arawá *	PA
Las Casas	Kapran Krére	PA
Las Casas	Ronekore*	PA
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	PA
Menkragnoti	Jabui*	PA
Menkragnoti	Kâkakuben	MT
Menkragnoti	Karema*	PA
Menkragnoti	Kawatum	PA
Menkragnoti	Kendjam	PA
Menkragnoti	Koróróti	MT
Menkragnoti	Krimex	PA
Menkragnoti	Kubenkokre	PA
Menkragnoti	Mekrãgnoti*	PA
Menkragnoti	Mokrore	PA
Menkragnoti	Omeikrankum	PA
Menkragnoti	Pykany	PA
Menkragnoti	Pykatokti*	PA
Menkragnoti	Pyngrajtire	PA

* Aldeias novas, criadas a partir de 2013, que não foram contempladas no diagnóstico anterior.

** Não foram consideradas as aldeias de outras etnias localizadas na TI Capoto/Jarina (Wani Wani - etnia Trumai; Kaweretxikô - etnia Tapayuna).

2.2. Coleta de dados e informações

Para realizar um diagnóstico o mais completo possível sobre a qualidade de vida e a gestão das TIs Kayapó situação das TIs Kayapó, foi levantado um conjunto de dados e informações composto por:

- (a) Indicadores de qualidade de vida avaliados no diagnóstico realizado em 2013 (ISA, 2014 - linha de base) e novos indicadores para avaliação da qualidade de vida e gestão dos territórios Kayapó, complementares aos coletados em 2013;
- (b) Indicadores que compõem o Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia;
- (c) Entrevistas com atores-chave que atuam nas TIs Kayapó e com indígenas Kayapó.

2.2.1. Indicadores do Diagnóstico de Qualidade de Vida e Gestão das TIs Kayapó

Em 2013 foi realizado o primeiro diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó, o qual definiu a linha de base para indicadores sobre diferentes temas relacionados à qualidade de vida de indígenas das aldeias localizadas no bloco de TIs Kayapó, assim como sobre as principais associações Kayapó (Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni).

Para avaliar a situação atual e a evolução dos diferentes aspectos da qualidade de vida do Povo Kayapó e da gestão de seus territórios, foram coletados no presente estudo dados sobre os temas: demografia, saúde, educação, cultura e língua, subsistência e segurança alimentar, renda, energia, acesso e infraestrutura nas comunidades, integridade territorial das TIs, gestão ambiental e territorial, assistência aos Kayapó e fortalecimento institucional das três principais associações indígenas que representam as comunidades Kayapó.

Foram atualizados os indicadores do diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó realizado em 2013, para comparação com a linha de base (ano de 2013), e inseridos novos indicadores, complementares aos utilizados em 2013, tanto para fornecer um panorama mais completo da situação de cada tema avaliado, como para abarcar novos temas relevantes no contexto das TIs Kayapó nos últimos anos. A lista completa de indicadores utilizados encontra-se na tabela 2.

A escolha em 2013, assim como a complementação em 2018, dos temas e indicadores que compuseram o diagnóstico visaram abordar aspectos considerados relevantes para: (a) a saúde e o bem-estar das populações Kayapó; (b) a manutenção de sua cultura e de seus meios de vida tradicionais; (c) o atendimento aos anseios e necessidades das suas populações decorrentes do processo de contato e do histórico de relações com a sociedade envolvente; (d) o respeito aos direitos constitucionais das populações indígenas; (e) o fortalecimento e a autonomia das comunidades Kayapó e de suas associações representativas. De forma geral, os temas e indicadores abordam três eixos principais: ambiental, econômico e social.

Os dados foram coletados por comunidade (dados relativos a saúde, educação, cultura e língua, subsistência e segurança alimentar, renda e energia e acesso às aldeias), por Terra Indígena (demografia e integridade territorial), por DSEI (parte dos dados de saúde) e por associação Indígena (associativismo e desempenho institucional das principais associações indígenas Kayapó). O período contemplado foi de agosto de 2017 a julho de 2018 para a maior parte dos indicadores, enquanto outros foram coletados por ano a partir de 2013.

Tabela 2. Indicadores por tema avaliados neste estudo, incluindo indicadores do diagnóstico da qualidade de vida do Povo Kayapó realizado em 2013, novos indicadores (*) e indicadores alterados ou com nomenclatura adequada (**).

Tema	Indicador
Demografia	Número de aldeias por Terra Indígena**
	Número de habitantes por aldeia e por Terra indígena**
	Taxa de crescimento populacional por Terra Indígena*
Saúde	Presença de posto de saúde na aldeia
	Qualidade da estrutura física do posto de saúde*
	Realização de campanhas de vacinação regulares
	Número total de médicos e outros profissionais de saúde nos DSEIs
	Presença de dentista atuando na aldeia
	Número de profissionais de saúde não indígenas atuando na aldeia
	Número de agentes indígenas de saúde (AIS) e de saneamento (AISAN) atuando na aldeia
	Número de Pajés na aldeia**
	Principais problemas de saúde dos Kayapó
	Número de partos ocorridos na cidade*
	Taxa de cesarianas
	Taxa de mortalidade de recém-nascidos*
	Taxa de mortalidade materna
	Taxa de mortalidade infantil
	Taxa de mortalidade infanto-juvenil*
	Taxa de mortalidade adulta
	Procedência da água para consumo**
	Tipo de tratamento de esgoto**
	Contaminação da água do rio por <i>Escherichia coli</i> *
	Contaminação da água do rio por mercúrio**
	Destinação do lixo doméstico e hospitalar na aldeia
Existência de iniciativas de saúde em parceria com outras organizações*	
Percepção dos Kayapó sobre o atendimento à saúde	
Educação	Presença de escola na aldeia

	Oferta de ensino fundamental na aldeia
	Oferta de ensino médio na aldeia
	Oferta de EJA na aldeia*
	Número de alunos matriculados na escola**
	Gênero dos alunos matriculados na escola*
	Presença de turmas multisseriadas
	Língua utilizada na escola
	Existência de currículo específico para os Kayapó
	Existência de material didático específico para os Kayapó em sua língua materna
	Valorização da cultura Kayapó nas práticas escolares*
	Existência de Projeto Político Pedagógico (PPP) na escola*
	Número de professores indígenas e não indígenas na aldeia
	Protagonismo dos professores indígenas na escola*
	Existência de formação para os professores Kayapó**
	Qualidade da Infraestrutura escolar*
	Qualidade da Alimentação escolar*
	Número de alunos atendidos na cidade*
	Acesso de alunos indígenas à universidade*
	Existência de projetos de educação na aldeia em parceria com outras organizações*
	Percepção dos Kayapó sobre a educação nas aldeias
Cultura e língua	Uso da língua materna
	Realização de festas tradicionais na aldeia nos últimos dois anos**
	Presença de registros da cultura (impressos, CDs e DVDs) na aldeia
	Capacidade para o registro audiovisual da cultura*
	Quantidade de artefatos culturais produzidos para uso próprio na aldeia
	Presença de missionários na aldeia
	Presença de casa do guerreiro na aldeia
	Tipos de moradias existentes na aldeia
	Percepção dos Kayapó sobre a manutenção de sua cultura
Subsistência e segurança alimentar	Consumo de alimentos produzidos nas roças **
	Consumo de produtos extrativistas coletados na floresta /cerrado na aldeia**
	Importância dos produtos vindos da cidade para o consumo na aldeia em comparação com alimentos produzidos nas roças e extrativistas**
	Consumo de carne de caça na aldeia**
	Consumo de pescado na aldeia**
	Existência e tipo de criação de animais para consumo na aldeia
	Importância da criação de animais para o consumo na aldeia em

	comparação com a caça e o pescado*
	Importância das carnes vindas da cidade para o consumo na aldeia em comparação com a caça e o pescado**
	Percepção dos Kayapó sobre subsistência e segurança alimentar nas aldeias
Renda**	Principais atividades econômicas na aldeia
	Comercialização de produtos da floresta na aldeia**
	Comercialização de artesanato na aldeia**
	Comercialização de produtos das roças na aldeia**
	Geração de renda na comunidade através de serviços (ecoturismo, pesca, pesquisa)*
	Existência de atividades ilícitas que geram renda na aldeia*
	Presença de iniciativas de geração de renda nas aldeias**
	Renda gerada por iniciativas de geração de renda*
	% de renda total gerada por iniciativas de geração de renda em comparação a renda total da comunidade *
	Número de indígenas assalariados na aldeia
	Percepção dos Kayapó sobre a situação da renda nas comunidades
Infraestrutura - Energia, acesso e comunicação**	Existência de energia elétrica na aldeia**
	Existência e tipo de fontes alternativas de energia na aldeia*
	Tipo de acesso às aldeias**
	Condição do acesso às aldeias**
	Tipos de meios de comunicação utilizados na aldeia*
	Existência de internet na aldeia**
	Percepção dos Kayapó sobre a infraestrutura nas aldeias
Proteção e monitoramento territorial	Situação jurídica das TIs
	Principais ameaças aos entornos das TIs
	Grau de ameaça aos entornos das TIs*
	Existência de projetos nos entornos das Tis
	Principais ameaças à integridade das TIs
	Grau de ameaças à integridade das TIs*
	Infraestrutura voltada ao monitoramento das TIs**
	Periodicidade do monitoramento das TIs pelas Associações*
	Articulação entre diferentes atores para o monitoramento das TIs**
	Envolvimento dos Kayapó no monitoramento de seus territórios*
	Circulação e apropriação do território pelos Kayapó*
	Articulação entre diferentes atores para a fiscalização das TIs **
	Existência e periodicidade das operações do governo (PF/IBAMA) para coibir atividades ilegais dentro da TI**
Percepção dos Kayapó sobre proteção e monitoramento territorial	

PGTA*	Elaboração do PGTA*
Atendimento aos Kayapó*	Papel dos órgãos e organizações que prestam atendimento aos Kayapó*
	Número de associações locais Kayapó existentes*
	Percepção dos Kayapó sobre os principais órgãos e organizações que atendem as comunidades
Fortalecimento institucional das associações apoiadas pelo Fundo Kayapó**	Representatividade de cada associação*
	Linhas de atuação e projetos desenvolvidos por cada associação
	Principais financiadores e parceiros de cada associação
	Quantidade de recursos geridos anualmente nos últimos cinco anos por cada associação**
	Número de projetos aprovados anualmente nos últimos cinco anos por cada associação**
	Infraestrutura de cada associação para atendimento às comunidades
	Número e qualificação dos funcionários de cada associação
	Número de funcionários indígenas em cada associação*
	Frequência de realização de Assembleias Gerais por cada associação
	Apropriação da associação pelos indígenas*
	Existência de iniciativas para formação de jovens lideranças*
	Grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político*
Articulação dos kayapó com o movimento indígena nacional*	
Percepção geral dos Kayapó sobre sua qualidade de vida *	Felicidade dos Kayapó nas aldeias*

2.2.2. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia

O Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia para avaliar os impactos do Fundo Kayapó é composto por uma planilha de indicadores que buscam avaliar o alcance dos seguintes objetivos gerais e específicos:

- Objetivo Geral 1 - Atividades que mantêm a floresta em pé têm atratividade econômica nas Terras Indígenas Kayapó no sul do Pará e norte do Mato Grosso.
 - Objetivo Específico 1.1 - Atividades econômicas de uso sustentável da floresta e da biodiversidade identificadas e desenvolvidas nas Terras Indígenas Kayapó;
 - Objetivo Específico 1.2 - Cadeias dos produtos agroflorestais das Terras Indígenas Kayapó com valor agregado ampliado;
 - Objetivo Específico 1.3 - Capacidades gerencial e técnica ampliadas para a implantação de sistemas agroflorestais, atividades de manejo florestal, produção

agroextrativista e beneficiamento de produtos agroflorestais nas Terras Indígenas Kayapó.

- Objetivo Geral 2 - Terras indígenas Kayapó estão ordenadas territorialmente.
 - Objetivo Específico 2.1 - Gestão das Terras Kayapó aprimorada;
 - Objetivo Específico 2.2 - Capacidade de monitoramento territorial dos índios Kayapó aprimorada e estruturada.

Buscando monitorar o Objetivo Geral 1 e seus objetivos específicos, o Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia inclui indicadores gerais sobre atividades produtivas realizadas pelos indígenas. Quanto ao Objetivo Geral 2, o Plano de Monitoramento traz indicadores que buscam avaliar a gestão ambiental e territorial das TIs Kayapó, visando avaliar a capacidade e efetividade de gestão e proteção de seu território.

Por fim, o Plano de Monitoramento inclui uma tabela para avaliar o funcionamento do Fundo Kayapó, com indicadores relacionados aos recursos de projetos, número de projetos e indígenas capacitados. A lista de indicadores encontra-se na tabela 3.

Para obter os dados, as planilhas de dados foram enviadas para os técnicos de cada associação apoiada pelo Fundo Kayapó. Os dados foram coletados por associação indígena, Terra Indígena ou ciclo do FK, dependendo do indicador, para o período de 2013 a 2017.

Tabela 3. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES avaliados neste estudo.

Objetivo	Indicador
Objetivo geral 1 - Atividades que mantêm a floresta em pé têm atratividade econômica nas Terras Indígenas Kayapó no sul do Pará e norte do Mato Grosso	Volume de produção in natura (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto
	Volume de produto beneficiado (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto
	Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto
	Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto
Objetivo específico 1.1 - Atividades econômicas de uso sustentável da floresta e da biodiversidade identificadas e desenvolvidas nas Terras Indígenas Kayapó	
Objetivo específico 1.2 - Cadeias dos	Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis

<p>produtos agroflorestais das Terras Indígenas Kayapó com valor agregado ampliado</p> <p>Objetivo específico 1.3 - Capacidades gerencial e técnica ampliadas para a implantação de sistemas agroflorestais, atividades de manejo florestal, produção agroextrativista e beneficiamento de produtos agroflorestais nas Terras Indígenas Kayapó</p>	<p>Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos</p>
<p>Objetivo geral 2 - Terras Indígenas Kayapó estão ordenadas territorialmente</p> <p>Objetivo específico 2.1 - Gestão das terras Kayapó aprimorada</p> <p>Objetivo específico 2.2 - Capacidade de monitoramento territorial dos índios Kayapó aprimorada e estruturada</p>	<p>Número de ações de gestão ambiental implantadas</p> <p>Número de associações Kayapó fortalecidas</p> <p>Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados</p> <p>Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária</p> <p>Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental</p> <p>Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos</p> <p>Número de expedições de monitoramento realizadas</p> <p>Número de horas de sobrevoos</p> <p>Número de ocorrências de invasão territorial</p> <p>Desmatamento anual nas Terras Indígenas Kayapó (INPE – PRODES)</p>
<p>Produto: Criação, capitalização e operacionalização de um mecanismo financeiro denominado Fundo Kayapó, objetivando o apoio continuado e financeiramente sustentável a projetos socioambientais nas Terras Indígenas Kayapó, que tenham por finalidade:</p>	<p>Valor desembolsado para os projetos apoiados pelo Fundo Kayapó</p> <p>Valor dos ativos financeiros na conta do Fundo Kayapó</p> <p>Valor dos rendimentos financeiros reais líquidos gerados pelas aplicações financeiras do Fundo Kayapó</p>

monitoramento territorial; desenvolvimento de atividades produtivas sustentáveis; gestão ambiental com foco na proteção e recuperação da biodiversidade; e custeio e manutenção das organizações Kayapó	Número de projetos apoiados pelo Fundo Kayapó
	Número de indígenas diretamente beneficiados pelas atividades do projeto

2.2.3. Entrevistas com atores-chave e indígenas

Com o objetivo de complementar os indicadores, fornecendo diferentes informações e/ou pontos de vista sobre a qualidade de vida dos Kayapó, assim como subsidiar a avaliação da efetividade do Fundo Kayapó, foram realizadas entrevistas com especialistas, coordenadores e técnicos das associações Kayapó, assim como atores-chave indígenas e não indígenas que atuam nas comunidades Kayapó. Nas entrevistas foram abordados aspectos relevantes do contexto socioeconômico, ambiental e político local e de todos os temas abordados nos indicadores.

As entrevistas foram divididas em dois grupos, dependendo do grupo-alvo:

- (1) Entrevistas abertas, realizadas com atores-chave indígenas e não indígenas;
- (2) Entrevistas semi-estruturadas, realizadas apenas com os indígenas.

As entrevistas abertas, realizadas com funcionários da FUNAI, DSEIs, associações, pesquisadores e indígenas, continha apenas perguntas abertas, porém específicas para cada grupo-alvo, sobre a qualidade de vida dos Kayapó e temas de domínio do entrevistado, sendo que este podia discorrer livremente e com a profundidade desejada. Já as entrevistas semi-estruturadas realizadas com os indígenas seguiram um protocolo fixo que mesclava perguntas abertas e perguntas fechadas, de múltipla escolha, sobre os diferentes aspectos da qualidade de vida nas comunidades.

Ao todo, foram realizadas 44 entrevistas abertas, 17 com indígenas e 27 com não indígenas, e 28 entrevistas semi-estruturadas com indígenas. A grande maioria das entrevistas foi realizadas pessoalmente, em Brasília e em duas viagens de campo realizadas nos meses de agosto e setembro para Colíder e Novo Progresso (primeira viagem) e Ourilândia do Norte, Tucumã e Redenção (segunda viagem). Uma entrevista foi realizada via Skype e outra por e-mail.

2.3. Fontes de Informação

Os dados e informações coletados para alimentar os indicadores do presente diagnóstico foram obtidos por meio de quatro formas principais: (1) informações disponíveis na internet ou publicações impressas, (2) informações solicitadas via Serviço de Informação ao Cidadão (SIC) a órgãos governamentais; (3) informações solicitadas via telefone, e-mail ou pessoalmente diretamente aos órgãos responsáveis, associações Kayapó e organizações que atuam nos territórios Kayapó; e (4) entrevistas.

Todas as fontes de informação por tema do diagnóstico encontram-se na tabela 4. Na tabela 5 encontra-se a lista de atores indígenas e não indígenas com os quais foi realizada entrevista aberta e na tabela 6 encontra-se a lista de indígenas que participaram das entrevistas semi-estruturadas.

Tabela 4. Fontes de informação consultadas para cada tema do diagnóstico de qualidade de vida do Povo Kayapó e gestão de seus territórios e do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia.

Tema/ Indicador	Fontes de informação
Demografia	Ministério da Saúde / SESAI /DSEIs Kayapó PA, Kayapó MT e Tapajós via Sistema de Informação ao Cidadão (SIC)
	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
	CR Kayapó Sul do Pará (Camilo Soares)
Saúde	Ministério da Saúde / SESAI /DSEIs Kayapó PA, Kayapó MT e Tapajós via Sistema de Informação ao Cidadão (SIC)
	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
	FUNAI
Educação	Secretaria da Educação de Novo Progresso, PA
	Secretaria Municipal de Educação, Cumarú do Norte, MT
	Secretaria Municipal de Educação de Peixoto Azevedo, MT
	Secretaria de Educação de Colíder, MT
	Secretaria de Educação do Estado do Pará, PA
	Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso
	Secretaria Municipal de Educação de São Félix do Xingu, PA - SEMED
	Secretaria Municipal de Educação de Matupá, MT - SEMEC
	Secretaria de Educação Cultura e Desporto de Garantã do Norte, MT
	Secretaria de Educação de Ourilândia do Norte, PA
	Secretaria de Educação de Pau D'arco, PA

	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Turismo, de Santana do Araguaia - PA
	Secretaria Municipal de Educação de Bannach, PA
	Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de São José do Xingu, MT
	FUNAI
	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
Cultura e Língua	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
	FUNAI
Subsistência e segurança alimentar	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
	FUNAI
Atividades Produtivas	Associações Kayapó (AFP, IK e IR e cooperativa CooBaY)
	FUNAI
Renda	Associações Kayapó (AFP, IK e IR e cooperativa CooBaY)
	Secretarias de Educação estaduais (PA e MT) e municipais que atendem as aldeias Kayapó.
	FUNAI via SIC / CR Kayapó Sul do Pará (Camilo Soares)
	Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) via SIC
Energia e Acesso às aldeias	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
	FUNAI
Integridade Territorial	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
	Instituto Socioambiental (ISA)
Desempenho institucional das principais Associações Indígenas Kayapó	Associações Kayapó (AFP, IK e IR)
	FUNAI
Desmatamento anual (Plano de Monitoramento do BNDES)	INPE
Demais indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES	Associações Kayapó (AFP, IK, IR e cooperativa CooBaY)
	Funbio

Tabela 5. Atores indígenas e não indígenas entrevistados para o diagnóstico da qualidade de vida e gestão das Terras Indígenas Kayapó e a respectiva instituição a qual pertencem e função que exercem.

Nome	Órgão / Organização	Função
* Adriano Jerzolimski	Associação Floresta Protegida - Brasília	Coordenador Geral

* Amaury Kayapó (Bepnhoti Atydjare)	Associação Floresta Protegida - Tucumã	Coordenador Indígena
Mopa Kayapó	Associação Floresta Protegida - Tucumã	Técnico cooperativa
Oro Muturua	Associação Floresta Protegida - Tucumã	Presidente
* Ronei Silva	Associação Floresta Protegida - Tucumã	Coordenador geral do PBA Onça Puma
* Junio Eslei	Instituto Kabu - Brasília	Coordenador Geral
* Adriano Amorim	Instituto Kabu - Novo Progresso	Coordenador de campo
* Dotô Kayapó	Instituto Kabu - Novo Progresso	-
Dulceane de Souza Silva	Instituto Kabu - Novo Progresso	Gestora da arte Kayapó
* Edson Ramalho	Instituto Kabu - Novo Progresso	Coordenador Técnico
Kokoro Mekragnoti	Instituto Kabu - Novo Progresso	Secretário
* Luis Carlos Sampaio	Instituto Kabu - Novo Progresso	Consultor EDF
Paulo Kudjere kayapó	Instituto Kabu - Novo Progresso	Auxiliar administrativo
* Tomeikwa Bepakati	Instituto Kabu - Novo Progresso	Presidente
Kadjure Metikutire	Instituto Raoni - Colíder	Jovem
* Edson Aracelli Santini	Instituto Raoni - Colíder	Coordenador Geral
* Karina	Instituto Raoni - Colíder	Coordenadora de projetos
Matsipaya Txukarramãe Waurá	Instituto Raoni - Colíder	Jovem
* Raoni Metkutire	Instituto Raoni - Colíder	Cacique
* Renan Santini	Instituto Raoni – Colíder	Coordenador de Campo
* Igor Richwin	Instituto Raoni e Associação Floresta Protegida - Brasília	Coordenador do Programa de Monitoramento
* Thiago Shinaider	Instituto Raoni e Associação	Assessor e coordenador de projetos

	Floresta Protegida - Brasília	
* Barbara Zimmerman	ICFC e EDF - Toronto, CA	Coordenadora do Projeto Kayapó
* Patxon Kayapó	FUNAI - Colíder	Coordenador Regional
Camilo Soares	FUNAI - Tucumã	Servidor
* Kapranpoi	TI Las Casas	-
* Bemoro Metkutire	DSEI - Colíder	Assessor indígena
* Luís Carlos Colonelli	DSEI - Colíder	Enfermeiro DSEI / DIASI
Elissandra Brito Soares	DSEI Novo Progresso - Polo Base	Enfermeira
Inácia Freitas	Casai / Sesai - Ourilândia do Norte	Enfermeira Casai
* Tiago Silva do Nascimento	Casai / Sesai - Ourilândia do Norte	-
Aibi	Secretaria de Educação - Ourilândia do Norte	Articulador indígena
Bepkudjy	Secretaria de Educação - Ourilândia do Norte	Articulador indígena
Darlene Sousa	Secretaria de Educação - Ourilândia do Norte	Coordenadora do centro escolar
Josias Santos	Secretaria de Educação - Ourilândia do Norte	Supervisor da educação indígena
Juliana	Secretaria de Educação - Novo Progresso	Secretaria de Educação
Karla	Secretaria de Educação - Novo Progresso	Coordenadora Pedagógica
Marinez	Secretaria de Educação - Novo Progresso	Coordenadora Pedagógica
* Viviane Martins Silva da Cunha	Secretaria de Educação Municipal - São Felix do Xingu	-

* Sandro Kayapó	DSEI Kayapo Pará	Presidente CONDISI
* Maria Cristina Troncarelli	Consultora	Coordenadora do Programa de formação complementar de professores Kayapó
* Cassio Inglez de Souza	Consutor	Antropólogo com mestrado desenvolvido junto aos Kayapó e com ampla experiência de trabalho junto a este e outros povos indígenas
* Oé Paiakan Kayapó	DSEI Kayapo Pará	Secretaria executiva do CONDISI
Susana Grillo	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC) - Brasília	Atua na diretoria responsável pela educação para as relações étnico-raciais, educação escolar indígena, quilombola e do campo.

* Entrevistas transcritas (ANEXO 2)

Tabela 6. Indígenas com os quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para o diagnóstico da qualidade de vida e gestão das Terras Indígenas Kayapó e respectiva idade, gênero, comunidade e Terra Indígena.

Nome	Idade	Gênero	Comunidade	Órgão e Função
Djwyxet	38	Homem	Kremoro (Kapot)	Agente indígena de saneamento
Bepnoy	39	Homem	Kremoro (Kapot)	Educador
Patkore	42	Homem	Kremoro (Kapot)	Professor
Patxon	33	Homem	Kremoro (Kapot)	Coordenador regional Funai
Bepkra	22	Homem	Kubenkokre	Prevfogo/Chefe esquadrão
Ireo	24	Homem	Kubenkokre	Prevfogo
Bepdjyre	35	Homem	Kamaú	Diretor financeiro Kabu
Tomkye	18	Homem	Kamaú	-
Bekwyikunti	65	Homem	Kamaú	-
Monget	30	Homem	Pykany	Vice-cacique
Oimy	38	Homem	Mekrãgnoti/Pykany	Aluno técnico enfermagem
Bemoiti	25	Homem	Kubenkokre	Fotógrafo IK
Tepko	35	Homem	Kubenkokre	Estudante
Bepkyi	32	Homem	Kubenkokre	ASB Novo Progresso
Nhakoro	43	Mulher	Kaprankrere	Professor
Krôpidjy	18	Homem	Kaprankrere	Estudante
Takakpe	45	Homem	Rikaró	-
Pàticare	32	Homem	Kendjam	-
Bepnoroti	26	Homem	Ngôméiti	Assessor indígena da AFP

Bepnhum	23	Homem	Krwanhõngô	-
Nhétire	49	Homem	Kokraimoro	-
Akaikran	22	Homem	Pykarârânkre	-
Bepkrwa	28	Homem	Ngôméiti	Trabalhou 3 anos na SESAI
Kokokangro	18	Mulher	Piaraçu	-
Irepuka	38	Mulher	Kremoro (Kapot)	-
Beruá	39	Homem	Bytire	Professor
Nhakapru	42	Homem	Pykatâkwry	-
Bemok	37	Homem	Kromare	-

2.4. Análise de dados

2.4.1. Sistematização e análise de dados e informações

Os dados coletados para cada um dos indicadores foram separados por tema e, dependendo do indicador, por comunidade, TI ou associação. O conjunto completo de dados obtidos para o ano de 2018 foi organizado em tabelas, gráficos e mapas. Algumas das informações foram apresentadas em gráficos comparativos com a linha de base, para facilitar a visualização de padrões e tendências. Foram calculadas estatísticas básicas, como média, mediana, valor mínimo e valor máximo e porcentagens, por associação e TI separadamente e para todas as TIs juntas, dependendo do caso. Não foram utilizadas análises estatísticas para a comparação de TIs ou Associações, assim como para a evolução dos indicadores ao longo do tempo.

As informações e dados coletados nas entrevistas foram separados em dois grupos: (a) dados provenientes das questões de múltipla escolha realizadas nas entrevistas semi-estruturadas com os Kayapó; e (b) informações qualitativas provenientes das questões abertas realizadas durante as entrevistas abertas e semi-estruturadas com todos os atores.

Os dados provenientes das questões de múltipla escolha, os quais representam a percepção dos Kayapó sobre diferentes aspectos de sua qualidade de vida, foram apresentados em gráficos em cada seção que trata dos diferentes temas abordados.

As informações qualitativas das entrevistas foram utilizadas para complementar os dados dos indicadores apresentados nas tabelas, gráficos e análises, com a percepção e o discurso dos atores envolvidos na gestão do território Kayapó, indígenas e outros profissionais com experiência de atuação junto aos Kayapó. É apresentado o que está sendo dito sobre os indicadores e quais os temas de maior destaque da atualidade na região. Essa abordagem privilegia a oralidade e

busca extrair dos diferentes pontos de vista e discursos elementos que possam apoiar a compreensão do contexto atual, sendo essencial para a constituição de uma visão ampla sobre a realidade dos territórios Kayapó.

A análise do conteúdo das entrevistas seguiu os seguintes passos:

- (a) Análise e síntese das entrevistas realizadas no diagnóstico de 2013 (linha de base);
- (b) Síntese dos principais temas e pontos de vista relatados pelos atores entrevistados, organizados de acordo com os temas abordados no presente diagnóstico da qualidade de vida e gestão das TIs Kayapó. Não há identificação dos entrevistados. O objetivo é apresentar de forma preliminar as questões mais relevantes abordadas por todos, ou pela maioria dos entrevistados;
- (c) Identificação dos temas de maior destaque relatados pelos entrevistados (temas recorrentes, que todos abordavam independente de terem sido questionados especificamente sobre eles), do contexto em que os entrevistados mencionavam estes temas e as relações estabelecidas por eles;
- (d) Análise da evolução da percepção sobre os indicadores por meio do discurso dos entrevistados, fazendo uma análise comparativa entre os temas de maior destaque nas entrevistas de 2013 e 2018;
- (e) Análise comparativa entre os dados secundários, o conteúdo das entrevistas e a percepção da equipe durante as viagens a campo;
- (f) Síntese da opinião dos principais atores envolvidos com a gestão dos territórios Kayapó sobre a formulação de estratégias de ação para melhorar a qualidade de vida, a proteção territorial e a efetividade do Fundo Kayapó.

Ao final da seção relativa a cada um dos temas abordados no diagnóstico foi apresentado um texto com os resultados da análise qualitativa das entrevistas. Os resultados dessa análise estão em sua maioria associados ao que foi dito sobre cada indicador, sendo que esses discursos podem corroborar ou não as análises dos dados secundários.

2.4.2. Avaliação crítica da situação atual e evolução dos indicadores

Ao longo do processo de planejamento da coleta, recebimento e análise dos dados, assim como após as entrevistas, foram realizadas discussões internas da equipe do ISA, no sentido de realizar uma reflexão estratégica sobre as informações coletadas.

Após a análise de todos os indicadores e entrevistas, foi realizada uma síntese dos principais resultados e informações obtidos e uma interpretação da evolução da qualidade de vida do Povo Kayapó em relação aos diferentes temas abordados. Seguindo a lógica do primeiro diagnóstico realizado, os resultados obtidos a partir dos indicadores e das entrevistas foram classificados em:

1. Muito bom: resultado positivo para todas ou quase todas as comunidades / TIs / associações;
2. Bom: resultado positivo para a maioria das comunidades / TIs / associações;
3. Regular: resultado positivo/negativo para aproximadamente metade das comunidades / TIs / associações;
4. Ruim: resultado negativo para a maioria das comunidades / TIs / associações;
5. Muito ruim: resultado negativo para todas ou quase todas as comunidades / TIs / associações;
6. Necessita atenção: resultados que podem ter ao mesmo tempo impactos positivos e negativos e/ou muito importantes em termos de impactos para o povo Kayapó.

A evolução de cada indicador foi realizada principalmente com base na comparação com a avaliação de 2013, mas também na experiência da equipe do ISA quanto às consequências de fatos apontados por alguns indicadores. A classificação utilizada foi: Melhorou, Piorou ou Estável. Não foi possível realizar a avaliação da evolução tanto para os indicadores que necessitam atenção (já que os mesmos possuem tanto impactos positivos quanto negativos), a não ser que a situação se encontre igual à de 2013; como para os indicadores novos e fatos novos apontados nas entrevistas, devido à ausência de parâmetros para comparação com anos anteriores.

2.4.3. Avaliação dos indicadores utilizados

Ao longo do estudo, foi realizada a avaliação tanto dos indicadores propostos no diagnóstico de 2013 como dos indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia. Quando necessário, foi feita a exclusão ou a alteração / adequação de indicadores já existentes, tanto em função de dificuldades na compreensão e na coleta dos mesmos, quanto para complementá-los. Foi também realizada a inclusão de novos indicadores para alguns temas abordados, assim como a sugestão de melhorias para os indicadores do BNDES/Fundo Amazônia.

2.4.4. Avaliação da efetividade do Fundo Kayapó

A avaliação dos impactos do Fundo Kayapó nas Terras Indígenas Kayapó e suas principais associações representativas foi realizada ao considerando-se:

- a. A avaliação detalhada de todos os projetos e respectivas linhas de ação apoiadas pelo Fundo Kayapó em cada associação nos últimos cinco anos;
- b. A comparação dos recursos investidos pelo Fundo Kayapó com recursos de outras iniciativas que foram conduzidas junto ao Povo Kayapó
- c. A análise da evolução dos indicadores levantados neste diagnóstico nos últimos cinco anos, com base nos dados coletados e entrevistas.

A avaliação da efetividade do Fundo Kayapó é apresentada ao final do estudo, após o diagnóstico da integridade física dos territórios Kayapó (Componente 2).

3. RESULTADOS

3.1. Indicadores do Diagnóstico de Qualidade de Vida e Gestão dos Territórios Kayapó e Entrevistas

3.1.1. Demografia

O número total de aldeias Kayapó dentro das TIs Kayapó, Menkragnoti, Baú, Badjônkore, Capoto/Jarina e Las Casas aumentou de 46 em 2013 para 74 em 2018. A TI Kayapó é a que possui o maior número de aldeias (41), enquanto as demais TIs do bloco possuem de 1 (TI Badjonkôre) a 14 (TI Menkragnoti) aldeias (Tabela 7). Em comparação com as últimas décadas, o número total de aldeias nas TIs Kayapó tem aumentado de forma exponencial (Figura 2). Porém, esse aumento não ocorreu de forma regular em todas as TIs, mas principalmente na TI Kayapó, a qual teve 19 novas aldeias criadas nos últimos cinco anos, enquanto nas demais TIs o aumento foi de nenhuma a três aldeias no mesmo período (Tabela 7).

Tabela 7. Número de aldeias nas Terra Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e em 2018, e aldeias novas criadas de 2013 a 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Número de aldeias em 2013	Número de aldeias em 2018**	Número de aldeias criadas nos últimos cinco anos
Badjonkôre	1	1	0
Baú	2	4	2
Capoto/Jarina*	8	10	3
Kayapó	22	41	19
Las Casas	2	4	2
Menkragnoti	11	14	2
Total	46	74	28

* Não foram incluídas no cálculo as aldeias de outras etnias localizadas na TI Capoto/Jarina (aldeias Wani Wani, da etnia Trumai, e Kaweretxikô, da etnia Tapayuna).

** Foram incluídas apenas aldeias com mais de 15 habitantes, consideradas permanentes pelas Associações Kayapó

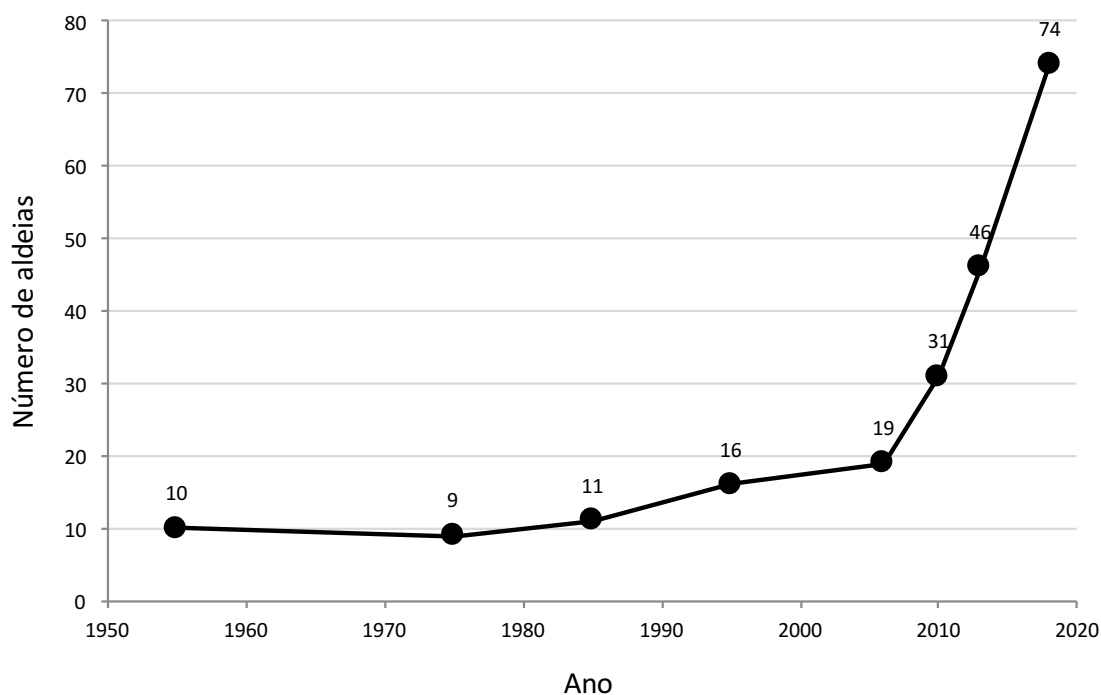


Figura 2. Número total de comunidades Kayapó localizadas nas Terra Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti nos últimos 50 anos. Adaptado de Jerzolimski et al. 2011. Fontes: Nimuendajú 1952, Arnaud 1987, Ricardo 2000, Ricardo & Ricardo 2006, Kayapó et al. 2007, SIASI – Funasa/MS 2010, ISA 2013, e Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Enquanto as cisões entre aldeias nas décadas anteriores parecem ter sido motivadas por tensões internas nas aldeias, como disputas entre lideranças, ciúmes, acusações de feitiçaria e pela busca por locais com maior disponibilidade de recursos (Jerozolimski et al. 2011), mais recentemente, além daqueles motivos, o surgimento de novas aldeias está em grande parte relacionado ao desejo por locais com maior acesso às cidades e benefícios. Nos últimos 5 anos, o grande aumento de aldeias na TI Kayapó e Las Casas parece também ter sido estimulado tanto pelo aporte de recursos distribuídos “por aldeia” provenientes de projetos de mitigação e compensação de impactos de grandes empreendimentos e outros (ver mais detalhes na seção 3.1.11), como devido ao retorno do garimpo para a porção leste da TI Kayapó, sendo que cada grupo quer fazer sua própria gestão dos recursos e regiões de garimpo. Estes fatores se sobrepuseram nos últimos anos, de forma que não é possível detectar a influência de cada um deles separadamente no surgimento de aldeias (Figura 3).

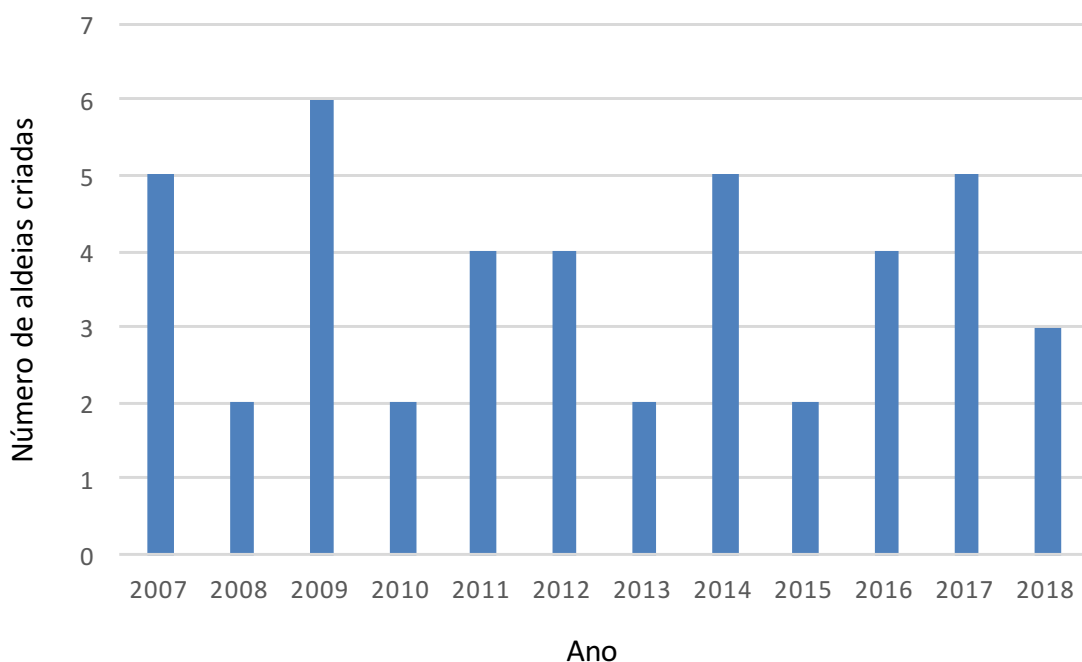


Figura 3. Número de aldeias criadas anualmente nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti desde 2007. Fontes: Funasa/MS 2010, ISA 2013 e Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018. OBS. Não foi possível obter junto à FUNAI o ano de criação das novas aldeias que não fazem parte da AFP, IR ou IK, as quais representam aproximadamente 1/3 das aldeias criadas entre 2013 e 2018. Desta forma, os números estão subestimados a partir de 2013.

Enquanto aldeias mais antigas se encontram no interior dos territórios Kayapó, hoje, a grande maioria das novas aldeias Kayapó está localizada nas proximidades dos limites das Terras Indígenas (Figura 4).

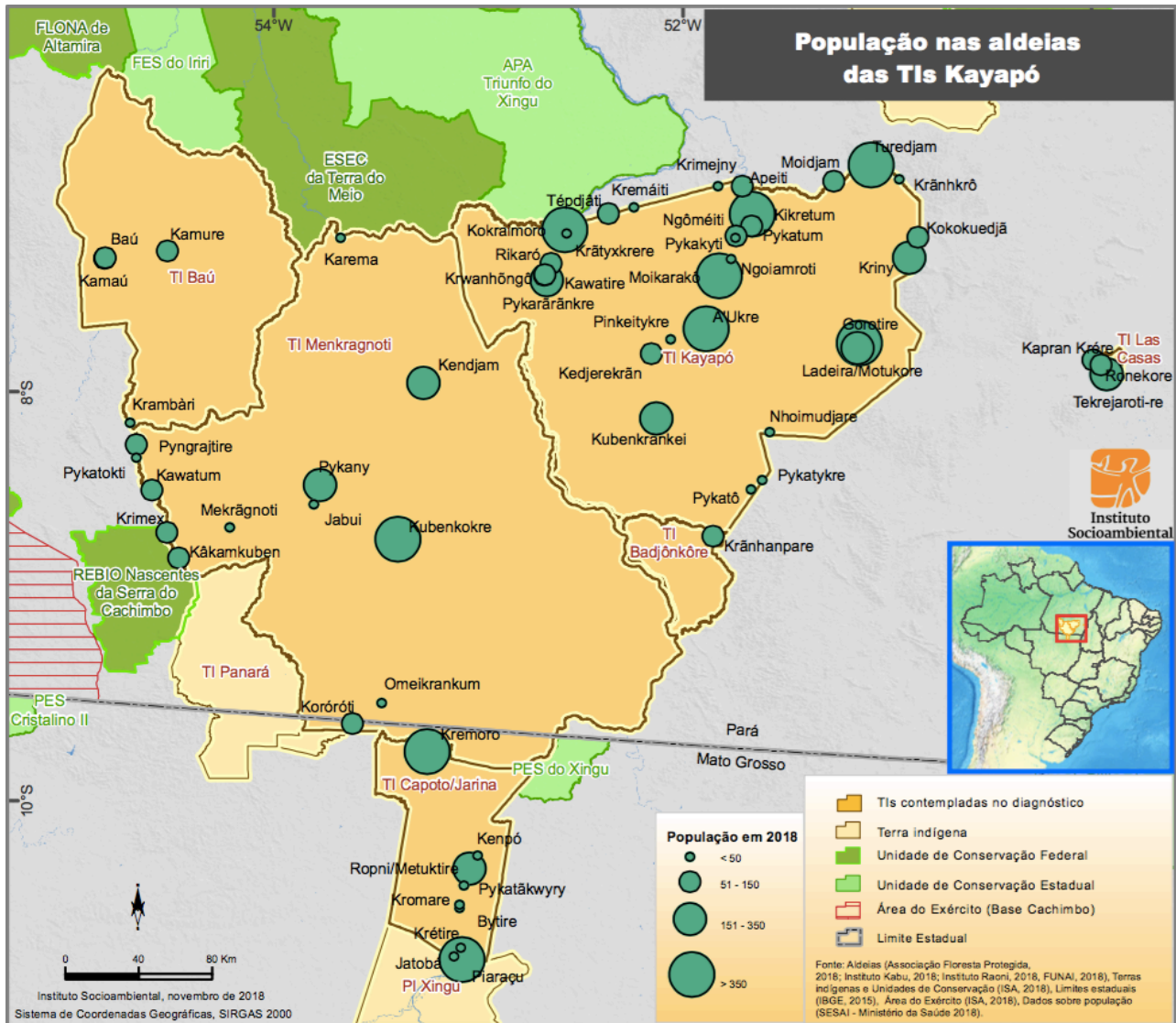


Figura 4. Comunidades localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, e o respectivo número de habitantes em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu, Instituto Raoni e ISA 2018.

A população total das TIs Kayapó, sem se considerar populações isoladas, aumentou de 8.072 em 2013 para 9.403 habitantes em 2018, um aumento de 16,5% em 5 anos (média anual de 3,3% no período; Tabela 8; Figura 5). Quando comparado a dados históricos de crescimento populacional da população Kayapó, o crescimento atual continua alto em relação às décadas anteriores (1950s a 1990s), porém se encontra abaixo da taxa de crescimento para o período

anterior (2010 a 2013 - 5,3%). Essa redução na taxa de crescimento provavelmente se deve, entre outros fatores, ao fato de nos últimos anos as mulheres indígenas terem acesso a anticoncepcionais e cirurgias de laqueadura e, portanto, poderem realizar o planejamento familiar junto a seus companheiros (I. Freitas, comunicação pessoal).

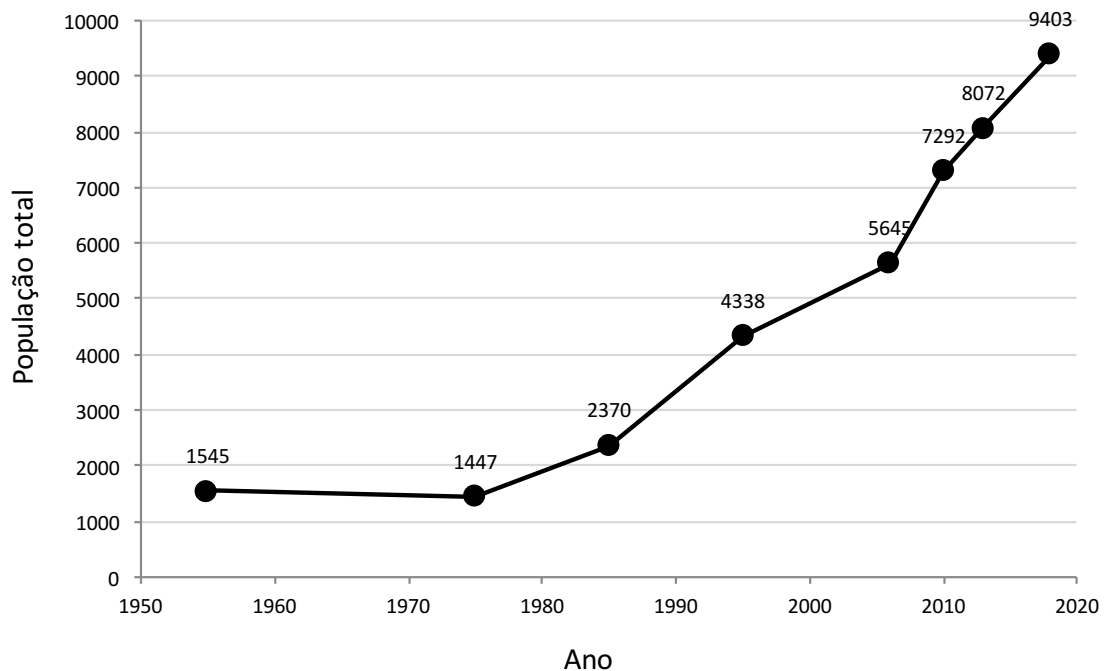


Figura 5. População total Kayapó nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti da década de 50 até o presente. Adaptado de Jerzolimski et al. 2011. Fontes: Nimuendajú 1952, Arnaud 1987, Ricardo 2000, Ricardo & Ricardo 2006, Kayapó et al. 2007, SIASI – Funasa/MS 2010, ISA 2013 e Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Apesar da redução, as taxas de crescimento entre os Kayapó ainda são extremamente altas em comparação a taxas de crescimento geral da população brasileira e outras. A título de comparação, a taxa estimada de crescimento populacional anual do Brasil para 2018 é de 0,82%, a do Estado do Pará é de 1,08% e a do Estado do Mato Grosso 1,27% (IBGE, 2018), enquanto a taxa de crescimento mundial é de 1,18% para o período 2010-2015 e 1,09% para o período 2015-2020 (UN, 2017).

Tabela 8. População total Kayapó nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti nos anos de 2013 e 2018, taxas de crescimentos total e média para o período e indício de presença de grupos indígenas isolados. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	População Kayapó Total em 2013	População Kayapó total em 2018*	Taxa de crescimento populacional 2013-2018 (%)	Taxa de crescimento populacional anual média de 2013-2018 (%)	Indícios de isolados
Badjonkôre	131	140	6,9	1,4	Não
Baú	220	382	73,6	14,7	Não
Capoto/Jarina	1290	1499	20,2	4,0	Sim
Kayapó	4658	5034	8,1	1,6	Sim
Las Casas	302	399	32,1	3,2	Não
Menkragnoti	1471	1758	16,0	3,2	Sim
Outras Tis**	Sem info	99	n.a.	n.a.	n.a.
Cidade	Sem info	92	n.a.	n.a.	n.a.
Total Geral	8072	9403	16,5	3,3	Sim

*Foram incluídos no cálculo indígenas Kayapó que habitam aldeias de outras etnias localizadas dentro da TI Capoto/Jarina, assim como os que vivem em Postos de Vigilância e agrupamentos com menos de 15 habitantes nas TIs Kayapó.

**Há indígenas da etnia Kayapó vivendo em outras aldeias, especialmente devido a casamentos com indígenas de outras etnias, principalmente no Parque Indígena do Xingu e na TI Panará.

A lista completa das aldeias localizadas em cada uma das seis TIs contempladas neste estudo e suas respectivas populações encontra-se abaixo (Tabela 9).

Tabela 9. Comunidades localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, e o respectivo número de habitantes Kayapó, em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeia	População 2018
Badjonkôre	Krãnhanpare	140
Baú	Baú	117
Baú	Kamaú	142
Baú	Kamüre	97
Baú	Krambàri	26
Capoto/Jarina	Bytire	45
Capoto/Jarina	Jatobá	39

Capoto/Jarina	Kenpó	32
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	610
Capoto/Jarina	Krétire	29
Capoto/Jarina	Kromare	39
Capoto/Jarina	More	18
Capoto/Jarina	Piaraçu	362
Capoto/Jarina	Pykatäkwry	20
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	266
Kayapó	A'Ukre	374
Kayapó	Apeiti	80
Kayapó	Bananal	18
Kayapó	Gorotire	911
Kayapó	Juari (Piokrótikô)	32
Kayapó	Kawatire	75
Kayapó	Kedjerekrân	74
Kayapó	Kikretum	358
Kayapó	Kokokuedjã	71
Kayapó	Kokraimoro	355
Kayapó	Krânhrô	42
Kayapó	Krätýxkrere	48
Kayapó	Kremáiti	48
Kayapó	Krimejny	43
Kayapó	Kriny	178
Kayapó	Krwanhôngô	60
Kayapó	Kubenrankei	183
Kayapó	Ladeira (Motukore)	200
Kayapó	Moidjam	84
Kayapó	Moikarakô	446
Kayapó	Momokre	71
Kayapó	Mutum	16
Kayapó	Ngoiamroti	44
Kayapó	Ngokongoti-re	41
Kayapó	Ngôméiti	65
Kayapó	Nhoimudjare	19
Kayapó	Pidjokore	15
Kayapó	Pinkeitykre	35
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	22
Kayapó	Pykakyti	27
Kayapó	Pykarārânkre	152

Kayapó	Pykatô	15
Kayapó	Pykatum	97
Kayapó	Pykatykre	31
Kayapó	Pyuredjan	25
Kayapó	Rikaró	78
Kayapó	Rokrore (oncinha)	20
Kayapó	Tantanjere*	56
Kayapó	Tépdjâti	84
Kayapó	Tepore	21
Kayapó	Turedjam	354
Las Casas	Arawá	40
Las Casas	Kapran Krére	141
Las Casas	Ronekore	51
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	167
Menkragnoti	Jabui	25
Menkragnoti	Kâkakuben	51
Menkragnoti	Karema	50
Menkragnoti	Kawatum	56
Menkragnoti	Kendjam	181
Menkragnoti	Koróróti	137
Menkragnoti	Krimex	98
Menkragnoti	Kubenkokre	617
Menkragnoti	Mekrâgnoti	40
Menkragnoti	Mokrore	111
Menkragnoti	Omeikrankum	42
Menkragnoti	Pykany	239
Menkragnoti	Pykatokti	46
Menkragnoti	Pyngrajtîre	65

Atualmente, a população total Kayapó das TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti é representada predominantemente por jovens e crianças. Aproximadamente 67% da população tem menos de 24 anos e 44% tem menos de 14 (Figura 6)

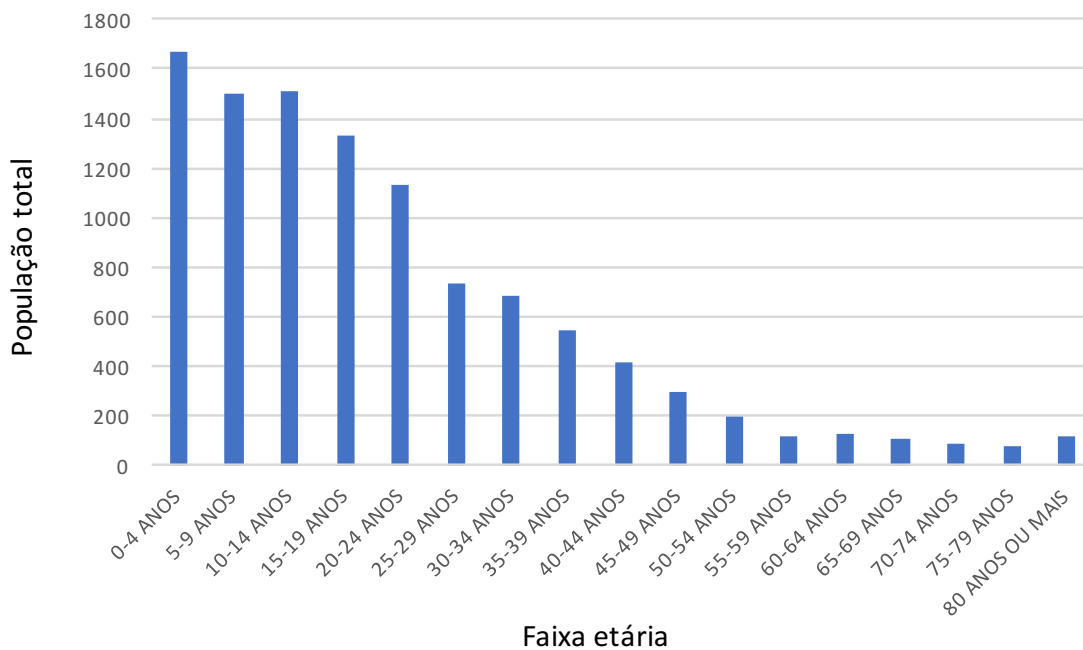


Figura 6. População total Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, por faixa etária. Fontes: DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará e DSEI Rio Tapajós 2018.

Embora a TI Kayapó seja a TI com a maior população (5.034 habitantes), o maior crescimento populacional desde 2013 se deu na TI Baú (73,9% / média anual 14,7%), enquanto o menor ocorreu na TI Bajonkôre (6,9% / média anual de 1,4%) (tabela 9, figura 7). A discrepância na taxa de crescimento populacional entre as Terras Indígenas pode estar relacionada a dois fatores principais: a. migrações de famílias de uma TI para outra, como ocorrido na TI Baú, onde houve uma migração de famílias provenientes da TI Menkragnoti (J. Eslei, comunicação pessoal); b. diferenças nas taxas atuais de natalidade ou mortalidade nas aldeias destas regiões, tema que será abordado na seção 3.1.2.

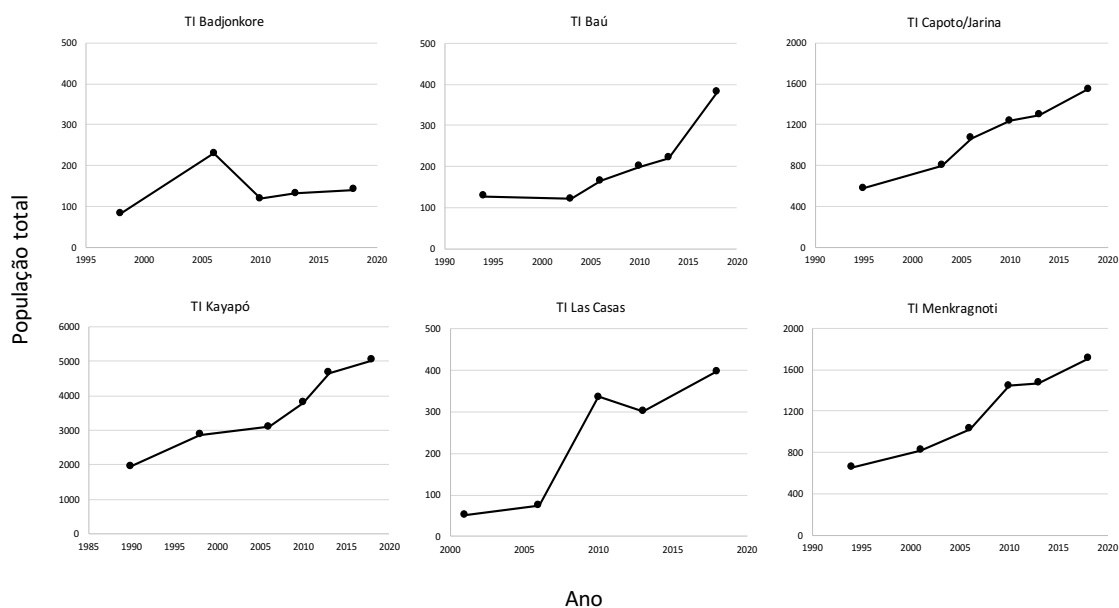


Figura 7. População Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti da década de 90 até o presente. Adaptado de Jerolimski et al. 2011. Fontes: Nimuendajú 1952, Arnaud 1987, Ricardo 2000, Ricardo & Ricardo 2006, Kayapó et al. 2007, Funasa/MS 2010, ISA 2013, e Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Apesar do aumento populacional, como resultado da explosão no número de aldeias, hoje o bloco de TIs Kayapó é caracterizado por um grande número de aldeias pequenas, em contraposição às poucas e numerosas aldeias existentes na época do contato. Atualmente, 69,7% das aldeias Kayapó possuem menos de 100 habitantes, enquanto 15,8% possuem de 101 a 200 habitantes e 14,5% possuem mais de 201 habitantes (Figura 8). Além de impactos culturais (tratados na seção 3.1.4), a fragmentação das aldeias Kayapó resulta em uma fragilização da unidade e do controle social dos Kayapo sobre os processos que estão ocorrendo nas TIs.

A média de habitantes por aldeia diminuiu de cerca de 169 hab/ald em 2013 para 123 hab/ald em 2018. Já a mediana, que representa o valor central, diminuiu de 76,5 hab/ald em 2013 para 58 hab/ald em 2018. A TI Kayapó é a que possui o maior número de aldeias pequenas, assim como a maior aldeia (Gorotire). As estatísticas básicas referentes à população nas aldeias das TIs Kayapó estudadas para o ano de 2018 encontram-se na tabela 10.

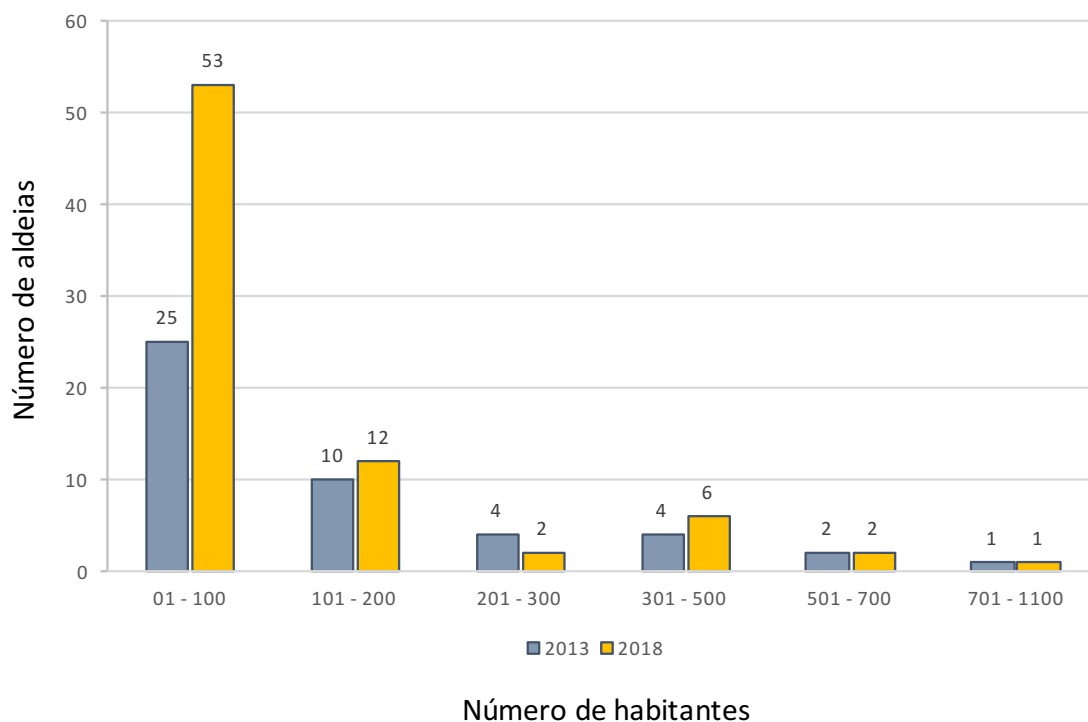


Figura 8. Distribuição do número de habitantes por comunidade, para as comunidades Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti nos anos de 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Tabela 10. Média, mediana, número máximo e número mínimo de habitantes por aldeia nas Terras Indígenas Bajonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas, Menkragnoti e total, no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Média de habitantes por aldeia	Mediana de habitantes por aldeias	Número de habitantes da menor aldeia (min)	Número de habitantes da maior aldeia (max)
Badjonkôre	140	140	140	140
Baú	96	107	26	142
Capoto/Jarina*	146	39	18	610
Kayapó	121	60	15	911
Las Casas	100	96	40	167
Menkragnoti	126	61	25	617
Total Geral	123	58	15	911

*Não foram incluídas no cálculo as aldeias de outras etnias localizadas na TI Capoto/Jarina.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema Demografia

“É a cidade que está chegando mais perto da aldeia. A aldeia existia antes de Tucumã, e a cidade chegou, através do garimpo. Depois o tempo passando, aí vem a bolsa família”.

O movimento da população Kayapó dentro e fora do território, com a criação de novas aldeias e o aumento do fluxo de indígenas para as cidades foram as principais questões demográficas relatadas durante as entrevistas de campo. O aumento expressivo no número de aldeias (de 46 aldeias em 2013 para 74 aldeias em 2018) foi relacionado pelos entrevistados aos seguintes fatores: 1) divisões internas entre famílias; 2) estratégia para acessar os recursos dos PBAs e outros projetos; 3) busca por facilidade de acesso às cidades pelas novas estradas e 4) adesão a atividades ilícitas. Esse aumento tem como consequência uma diminuição considerável no tamanho das aldeias, o que gera diversos impactos na dinâmica cultural tradicional Kayapó.

O aumento da movimentação de famílias e jovens entre as aldeias e as cidades do entorno das Terras Indígenas foi o outro tema de destaque relacionado pelos entrevistados aos fatores a seguir: 1) acesso a benefícios sociais (bolsa família, licença maternidade, aposentadoria); 2) busca por uma educação de qualidade para as crianças e jovens, pois a escola da cidade é considerada melhor do que a da aldeia e 3) trabalho nas instituições de saúde, educação, FUNAI ou nas associações. É importante observar que nas entrevistas realizadas em 2013 esses dois temas já haviam sido mencionados, apesar de na maioria das vezes terem sido abordados de forma indireta e dando ênfase, principalmente, ao interesse dos jovens pelas cidades. A seguir o relato de 2013 mais expressivo sobre esse movimento:

“Muitas comunidades estão mudando de lugar para facilitar o acesso às cidades, aos bens de consumo, à saúde, etc. Os jovens querem os bens dos brancos e os que estudam na cidade querem usar roupas, brincos e cabelos diferentes dos tradicionalmente usados pelos Kayapó.”

Em 2018, nas viagens a campo e durante as entrevistas esses dois temas foram abordados por praticamente todos os entrevistados além de ser motivo das conversas informais nas três cidades sedes das associações, nas secretarias de educação, e nas CASAls. O discurso sobre esse movimento migratório se encontra hoje em outro patamar, evidenciando o aumento na intensidade desse fluxo e a centralidade que essa questão adquiriu.

“Eles estão migrando de uma forma errada. Eles estão trazendo as crianças muito novas pra cidade.”

“Uma demanda que tem surgido é para comprar casas para a comunidade. Cada comunidade quer ter sua casa na cidade. Antes tinha a casa de apoio da Funai que servia a todo mundo e agora não; a casa de apoio foi apropriada por uma determinada aldeia, então é dela. E aí as outras tem que batalhar para ter sua própria casa de apoio na cidade”

Um outro fator demográfico que não foi mencionado de forma explícita nas entrevistas, mas é extremamente relevante na atual conjuntura é a grande proporção de jovens na sociedade Kayapó. Houve muitos relatos entre os entrevistados sobre a necessidade de se criar estratégias de formação e geração de renda específicas para os jovens.

Percebe-se, de uma forma geral, que as políticas públicas da saúde, educação, e mesmo os projetos de apoio às associações indígenas são focados em ações nas aldeias, não havendo muitas ações voltadas para a população Kayapó que vive nas cidades. As cidades normalmente eram consideradas locais de passagem e ofereciam uma rede de centros de apoio para uma população em trânsito. No entanto, o cenário atual indica que uma parte da população Kayapó tende a se fixar na cidade e nas aldeias próximas e que esse movimento tende a ser definitivo. A dinâmica social Kayapó parece tender a se reordenar de acordo com esse fluxo constante entre as cidades e as aldeias próximas e com uma população jovem interessada na cultura urbana. Isso não exclui o interesse e a relação dessa juventude com a cultura tradicional Kayapó, mas é um fator que deve ser levado em consideração no planejamento e implementação das estratégias de apoio ao povo Kayapó.

Diante desse cenário é providencial que as instituições de apoio ao Povo Kayapó criem condições para compreender e atender essa demanda, se empenhando para criar melhores condições de permanência nas aldeias, como projetos de geração de renda, e, ao mesmo tempo, incentivando espaços de convivência dos Kayapó nas cidades. Em Colíder, por exemplo, existe um grupo de jovens Kayapó que se reúne semanalmente para conversar sobre o seu contexto de vida e buscar um caminho para a juventude Kayapó que mora nas cidades.

3.1.2. Saúde

Atendimento à saúde dos Kayapó

O atendimento relativo à saúde dos Kayapó vem sendo realizado por três DSEIs, vinculados à Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) / Ministério da Saúde: DSEI Kayapó Pará, DSEI Kayapó Mato Grosso e DSEI Tapajós. Todas as aldeias vinculadas à AFP, assim como as aldeias da porção leste e vinculadas a outras associações indígenas, são atendidas pelo DSEI Kayapó Pará. As aldeias associadas ao IR são atendidas pelo DSEI Kayapó Mato Grosso e as associadas ao IK são atendidas pelo DSEI Tapajós (Tabela 11).

Tabela 11. DSEIs que prestam atendimento e presença de posto em cada uma das aldeias Kayapó localizadas nas TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeia	DSEI responsável	Presença de posto de saúde	Condições da estrutura física do posto de saúde
Badjonkôre	Krânhanpare	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Baú	Baú	DSEI Tapajós	Sim	Média
Baú	Kamaú	DSEI Tapajós	Sim	Ruim
Baú	Kamüre	DSEI Tapajós	Não	n.a.
Baú	Krambãri	DSEI Tapajós	Não	n.a.
Capoto/Jarina	Bytire	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Capoto/Jarina	Jatobá	DSEI Kayapó MT	Sim	Boa
Capoto/Jarina	Kenpó	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	DSEI Kayapó MT	Sim	Ótima
Capoto/Jarina	Krétire	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Capoto/Jarina	Kromare	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Capoto/Jarina	More	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	DSEI Kayapó MT	Sim	Média
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	DSEI Kayapó MT	Sim	Ruim
Kayapó	A'Ukre	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Ótima
Kayapó	Apeiti	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Kayapó	Bananal	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Gorotire	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Ótima
Kayapó	Juari	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.

	(Piokrótikô/Mikim)			
Kayapó	Kawatire	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Kedjerekrân	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Kikretum	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Ótima
Kayapó	Kokokuedjã	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Kokraimoro	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Ótima
Kayapó	Krãnhkrô	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Krãtyxkrere	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Média
Kayapó	Kremáiti	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Krimejny	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Kriny	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Kayapó	Krwanhõngô	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Kubenrankei	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Ótima
Kayapó	Ladeira (Motukore)	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Moidjam	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Moikarakô	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Ótima
Kayapó	Momokre	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Kayapó	Mutum	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Ngoiamroti	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Ngôméiti	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Kayapó	Nhoimudjare	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
kayapó	Pidjokore	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Pinkeitykre	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Pykakyti	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Pykarãrãnkre	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Kayapó	Pykatô	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Pykatum	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Pykatykre	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Média
Kayapó	Pyuredjan	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Rikaró	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Tantanjere	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Tépdjâti	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Tepore	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Kayapó	Turedjam	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Las Casas	Arawá	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Las Casas	Kapran Krére	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Ótima

Las Casas	Ronekore	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Menkragnoti	Jabui	DSEI Rio Tapajós	Não	n.a.
Menkragnoti	Kâkakuben	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Menkragnoti	Karema	DSEI Kayapó - Pará	Não	n.a.
Menkragnoti	Kawatum	DSEI Rio Tapajós	Sim	Péssima
Menkragnoti	Kendjam	DSEI Kayapó - Pará	Sim	Boa
Menkragnoti	Koróróti	DSEI Kayapó MT	Sim	Ruim
Menkragnoti	Krimex	DSEI Rio Tapajós	Sim	Péssima
Menkragnoti	Kubenkokre	DSEI Rio Tapajós	Sim	Boa
Menkragnoti	Mekrãgnoti	DSEI Rio Tapajós	Não	n.a.
Menkragnoti	Mokrore	DSEI Kayapó MT	Sim	Ruim
Menkragnoti	Omeikrankum	DSEI Kayapó MT	Não	n.a.
Menkragnoti	Pykany	DSEI Rio Tapajós	Sim	Média
Menkragnoti	Pykatokti	DSEI Rio Tapajós	Não	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	DSEI Rio Tapajós	Sim	Péssima

Tabela 12. População total atendida, número de aldeias atendidas, proporção de aldeias com posto de saúde e condições da estrutura física do posto nas aldeias Kayapó atendidas pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

DSEI	População total atendida	Nº total de aldeias Kayapó atendidas	Aldeias com posto de saúde (%)	Condições da estrutura do posto de saúde
Kayapó MT	1840	14	42,9	50% ruim, 16,7% média, 16,7% boa, 16,7% ótima
Kayapó PA	5738	48	35,4	11,8% média, 47,1% boa, 41,2% ótima
Rio Tapajós	1568	12	58,3	42,9% péssima, 14,3% ruim, 28,6% média, 14,3% boa
Total	9146	74	40,5	10% péssima, 13,3% ruim, 16,7% média, 33,3% boa, 26,7% ótima

Do total de aldeias localizadas nas TIs Kayapó, apenas 30 (40,5%) possuem postos de saúde (Tabela 11; Figura 9). O número de aldeias com postos de saúde aumentou em relação a 2013 (23), porém este aumento não acompanhou o crescimento no número de aldeias. No entanto,

cabe ressaltar que diversas aldeias novas são bastante próximas a aldeias maiores com postos ou a sedes municipais e, desta forma, são atendidas nestes locais. Dentre as aldeias que possuem posto de saúde, em 23,3% a condição da estrutura física dos mesmos foi considerada péssima ou ruim pelos DSEIs e em 60% foi considerada boa ou ótima (Tabela 12).

As aldeias atendidas pelo DSEI Kayapó são as que possuem menos postos de saúde proporcionalmente ao número de aldeias, enquanto as sob responsabilidade do DSEI Tapajós são as que possuem mais postos de saúde (Figura 9). No entanto, os postos sob responsabilidade do DSEI Kayapó PA foram os melhor avaliados em relação à sua estrutura física, enquanto os sob responsabilidade do DSEI Tapajós foram os pior avaliados (Tabela 12).

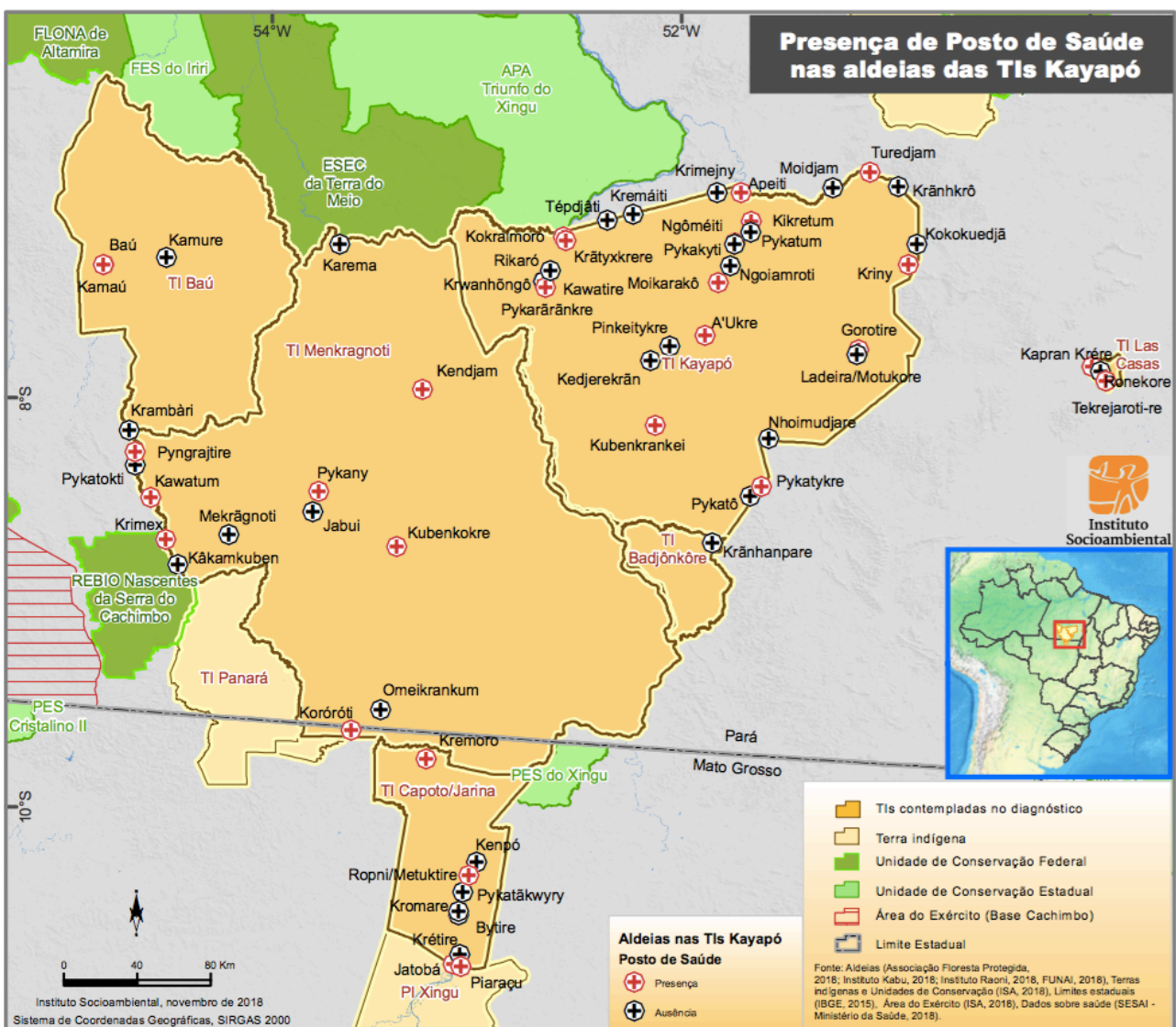


Figura 9. Presença de postos de saúde nas aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu, Instituto Raoni e ISA 2018.

Os DSEIs informaram que a vacinação nas aldeias é realizada por uma equipe multidisciplinar de saúde indígena e abrange toda a população Kayapó, ofertando todas as vacinas disponíveis no calendário nacional de vacinação dos povos indígenas.

A equipe dos DSEIs que atendem as aldeias Kayapó é composta por médicos, dentistas, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, além dos agentes indígenas de saúde (AIS) e de saneamento (AISAN). Não foram fornecidas pelos DSEIs informações sobre o número de profissionais de saúde indígenas e não indígenas por aldeia, mas sim por DSEI. Ao todo, apenas 3 médicos atuam nos DSEIs que atendem os Kayapó, sendo que atualmente não há nenhum médico no DSEI Kayapó Pará. Há 18 dentistas, 21 enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, além de 74 AISAN e 191 AIS atuando nas aldeias (Tabela 13). No entanto, apenas o DSEI Kayapó Pará atende exclusivamente as Terras Indígenas Kayapó. Já o DSEI Kayapó Mato Grosso e o DSEI Tapajós atendem diversas outras aldeias em TIs de outras etnias, além dos Kayapó. Desta forma o número de profissionais atuando exclusivamente com os Kayapó é certamente muito menor.

Tabela 13. Número total de médicos, de dentistas, de enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, de Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN) e de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) atuando nos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

DSEI	Número total de médicos atuando no DSEI	Número total de dentistas atuando no DSEI	Número total de enfermeiros, técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem atuando no DSEI	AISAN atuando em aldeias	AIS atuando em aldeias
Kayapó MT	1	5	6	24	43
Kayapó PA	0	6	6	23	65
Rio Tapajós	2	7	9	27	83
Total	3	18	21	74	191

Saneamento básico nas aldeias

A água consumida nas aldeias é proveniente de duas fontes principais: poços artesianos e rios. Do total de aldeias, 60,8% possuem poços para o fornecimento de água (Tabela 14). O DSEI Tapajós e Kayapó PA são os que possuem a maior proporção de aldeias com água proveniente de poços, cerca de 65%. As aldeias atendidas pelo DSEI Kayapó MT são as que possuem

proporcionalmente menos poços artesianos. No entanto estas são as que possuem a maior proporção de aldeias com tratamento adequado de esgoto (fossa séptica – 28,6%) e nas quais não foi detectada a contaminação do rio por *Escherichia coli*, uma bactéria indicadora de contaminação fecal (Funasa 2013). As aldeias atendidas pelo DSEI Tapajós não possuem tratamento de esgoto e não há informação sobre a contaminação da água por *E. coli*. Já em relação às aldeias atendidas pelo DSEI Kayapó PA, apenas 16,7% possuem fossa séptica e 83,3% possuem amostras de água contaminadas por *E. coli*. (Tabelas 14 e 15)

Embora a situação de saneamento nas aldeias esteja longe da ideal, ela melhorou em relação à situação em 2013. Mais aldeias (valor bruto e proporcional) possuem poços artesianos para fornecimento de água e tratamento adequado ao esgoto sanitário. As aldeias da TI Baú, por exemplo, não possuíam poços artesianos em 2013 e agora as duas maiores aldeias possuem. Nenhuma aldeia possuía esgoto sanitário em 2013, enquanto agora 16,2% possuem fossa séptica (Tabela 14).

Tabela 14. Proporção de aldeias com poços artesianos, com tratamento adequado de esgoto e com amostras de água contaminadas por *Escherichia coli*, uma bactéria indicadora de contaminação fecal, nas aldeias atendidas pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018. Fontes: DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará e DSEI Rio Tapajós 2018.

DSEI	% de aldeias com poços artesianos	% de aldeias com tratamento adequado ao esgoto	% de aldeias com contaminação da água por <i>Escherichia coli</i>
Kayapó MT	42,9	28,6	0,0
Kayapó PA	64,6	16,7	83,3
Rio Tapajós	66,7	0,0	s.i.
Total	60,8	16,2	64,5

Tabela 15. Fonte de água para consumo, tipo de tratamento de esgoto e contaminação da água do rio por *Escherichia coli*, nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Fonte da água para consumo	Tipo de tratamento de esgoto	Contaminação do rio por <i>Escherichia coli</i> *
Badjonkôre	Krãnhanpare	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	9%
Baú	Baú	Poço	Não há	Não realizado
Baú	Kamaú	Poço	Não há	Não realizado
Baú	Kamũre	Rio	Não há	s.i.
Baú	Krambãri	Rio	Não há	Não realizado
Capoto/Jarina	Bytire	Poço	Não há	0%
Capoto/Jarina	Jatobá	Poço	Não há	0%
Capoto/Jarina	Kenpó	Rio	Não há	0%
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	0%
Capoto/Jarina	Krétire	Rio	Não há	s.i.
Capoto/Jarina	Kromare	Rio	Não há	0%
Capoto/Jarina	More	Rio	Não há	0%
Capoto/Jarina	Piaraçu	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	s.i.
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Rio	Não há	s.i.
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	s.i.
Kayapó	A'Ukre	Poço	Não há	0%
Kayapó	Apeiti	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	Não realizado
Kayapó	Bananal	Poço	Não há	67%
Kayapó	Gorotire	Poço	Não há	100%
Kayapó	Juari (Piokrótikô/Mikim)	Poço	Não há	86%
Kayapó	Kawatire	Rio	Não há	80%
Kayapó	Kedjerekrã	Rio	Não há	s.i.
Kayapó	Kikretum	Poço	Não há	67%
Kayapó	Kokokuedjã	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	13%

Kayapó	Kokraimoro	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	11%
Kayapó	Krãnhkrô	Rio	Não há	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	Rio	Não há	Não realizado
Kayapó	Kremãiti	Poço	Não há	Não realizado
Kayapó	Krimejny	Poço	Não há	Não realizado
Kayapó	Kriny	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	0%
Kayapó	Krwanhõngô	Rio	Não há	Não realizado
Kayapó	Kubenrankei	Rio	Não há	86%
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Poço	Não há	33%
Kayapó	Moidjam	Poço	Não há	s.i.
Kayapó	Moikarakô	Poço	Não há	67%
Kayapó	Momokre	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	67%
Kayapó	Mutum	s.i.	Não há	Não realizado
Kayapó	Ngoiamroti	Rio	Não há	Não realizado
Kayapó	Ngokongoti-re	Poço	Não há	14%
Kayapó	Ngôméiti	Poço	Não há	s.i.
Kayapó	Nhoimudjare	Poço	Não há	s.i.
Kayapó	Pidjokore	Poço	Não há	50%
Kayapó	Pinkeitykre	Rio	Não há	s.i.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Poço	Não há	Não realizado
Kayapó	Pykakyti	Rio	Não há	s.i.
Kayapó	Pykarãrãnkre	Serra	Não há	100%
Kayapó	Pykatô	Poço	Não há	0%
Kayapó	Pykatum	Rio	Não há	s.i.
Kayapó	Pykatykre	Rio	Não há	s.i.
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	Não há	Não realizado
Kayapó	Rikaró	Rio	Não há	Não realizado
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Poço	Não há	20%
Kayapó	Tantanjere	Rio	Não há	
Kayapó	Tépdjâti	Poço	Não há	s.i.
Kayapó	Tepore	Poço	Não há	25%
Kayapó	Turedjam	Poço	Não há	25%
Las Casas	Arawá	Poço	Não há	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	13%
Las Casas	Ronekore	Poço	Não há	s.i.

Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	Poço	Fossa séptica individual ou coletiva	25%
Menkragnoti	Jabui	Rio	Não há	Não realizado
Menkragnoti	Kâkakuben	Rio	Não há	Não realizado
Menkragnoti	Karema	Rio	Não há	s.i.
Menkragnoti	Kawatum	Poço	Não há	Não realizado
Menkragnoti	Kendjam	Poço	Não há	0%
Menkragnoti	Koróróti	Rio	Não há	Não realizado
Menkragnoti	Krimex	Poço	Não há	s.i.
Menkragnoti	Kubenkokre	Poço	Não há	Não realizado
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Poço	Não há	s.i.
Menkragnoti	Mokrore	Poço	Não há	0%
Menkragnoti	Omeikrankum	Rio	Fossa séptica individual ou coletiva	Não realizado
Menkragnoti	Pykany	Poço	Não há	Não realizado
Menkragnoti	Pykatokti	Rio	Não há	Não realizado
Menkragnoti	Pyngrajtire	Poço	Não há	s.i.

*Porcentagem de análises da água para consumo humano com presença de *Escherichia coli* em 2017. *E. coli* é uma bactéria indicadora de contaminação fecal. A SESAI é o órgão responsável da qualidade da água consumida pela população e informou que as amostras de água para procedimentos analíticos são retiradas de pontos específicos do sistema de abastecimento de água e, na inexistência destes, no ponto de consumo da água.

A possibilidade de contaminação dos rios que banham as aldeias Kayapó por mercúrio aumentou nos últimos anos em decorrência do grande aumento na atividade garimpeira na região (mais detalhes na seção 3.1.8.). Enquanto nas TI Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas e Menkragnoti a chance de contaminação dos rios por mercúrio é de nula a baixa, nas TIs Baú e Menkragnoti, diversas aldeias tem chance de média a certa de estarem com suas águas contaminadas pelo mercúrio proveniente da atividade garimpeira. Na TI Baú três das quatro aldeias estão com os rios contaminados com certeza, assim como todas as aldeias da TI Kayapó banhadas pelos Rios Fresco e Branco. (Tabelas 16 e 17)

A SESAI informou que está em fase de elaboração uma Cooperação Técnica entre a SESAI e a Seção de Meio Ambiente do Instituto Evandro Chagas (SAMAM/IEC/SVS/MS), referente ao monitoramento de substâncias químicas que representam risco à saúde dos povos indígenas, dentre elas o monitoramento de mercúrio. Atualmente, o monitoramento de substâncias químicas é realizado apenas por demanda, ou seja, a partir de denúncias e/ou informações relacionadas a casos de exposição e intoxicação.

A destinação do lixo doméstico e hospitalar produzido nas aldeias está longe de ser adequada, com exceção das aldeias atendidas pelo DSEI Tapajós, onde todo o lixo produzido nas aldeias é encaminhado para os municípios próximos. Esta iniciativa foi implementada em conjunto com o Instituto Kabu nas aldeias onde o mesmo atua. Nas demais aldeias, o lixo doméstico é na maioria das aldeias depositado a céu aberto, sem qualquer tratamento, e em parte incinerado. Em muitas aldeias, é comum ver plásticos, principalmente de embalagens de alimentos, espalhados pela aldeia, sendo tanto um problema estético quanto de saneamento. O lixo hospitalar é em parte encaminhado à cidade, porém a maioria é incinerado na própria aldeia. Em aproximadamente 11% das aldeias o lixo hospitalar é depositado em buracos a céu aberto, algumas vezes com fácil acesso inclusive de crianças (Tabela 16 e 17). Segundo informações fornecidas pela SESAI, cabe a cada DSEI articular com o poder municipal parcerias para o planejamento, execução e monitoramento, integrado e efetivo, das ações relacionadas ao gerenciamento de resíduos sólidos nas áreas indígenas.

Tabela 16. Possibilidade de contaminação dos rios por mercúrio e destinação do lixo doméstico e hospitalar (produzido pelo posto de saúde) nas aldeias atendidas pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós em agosto de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

DSEI	Possibilidade de contaminação do rio das aldeias por mercúrio	Tipo de destinação do lixo doméstico	Tipo de destinação do lixo do posto de saúde
Kayapó MT	100% nula	100% depósito a céu aberto	100% cidade
Kayapó PA	25% nula, 50% média, 25% com certeza	50% depósito a céu aberto, 45,7% incineração, 4,	14,8% buracos na aldeia, 77,8% incineração, 7,4% cidade
Rio Tapajós	19,6% nula, 56,5% baixa, 4,3% média, 4,3% alta, 15,2% com certeza	100% cidade	100% cidade
Total	36,1% nula, 36,1% baixa, 11,1% média, 2,8% alta, 13,9% com certeza	51,4% depósito a céu aberto, 29,2% incineração, 19,4% cidade	11,1% buracos na aldeia, 58,3% incineração, 30,6% cidade

Tabela 17. Possibilidade de contaminação dos rios por mercúrio e destinação do lixo doméstico e hospitalar (produzido pelo posto de saúde) nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em agosto de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará, DSEI Rio Tapajós, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Chance de contaminação do rio por mercúrio	Destinação do lixo doméstico	Destinação do lixo do posto de saúde
Badjonkôre	Krãnhanpare	Baixa	Incineração	Incineração
Baú	Baú	Com certeza	Cidade	Cidade
Baú	Kamaú	Com certeza	Cidade	Cidade
Baú	Kamũre	Com certeza	Cidade	n.a.
Baú	Krambãri	Média	Cidade	n.a.
Capoto/Jarina	Bytire	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Capoto/Jarina	Jatobá	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Capoto/Jarina	Kenpó	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Nula	Depósito a céu aberto	Cidade
Capoto/Jarina	Krétire	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Capoto/Jarina	Kromare	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Capoto/Jarina	More	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	Nula	Depósito a céu aberto	Cidade
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Nula	Depósito a céu aberto	Cidade
Kayapó	A'Ukre	Baixa	Depósito a céu aberto	Buracos na aldeia
Kayapó	Apeiti	Com certeza	Depósito a céu aberto	Buracos na aldeia
Kayapó	Bananal	Nula	Incineração	Incineração
Kayapó	Gorotire	Com certeza	Incineração	Incineração
Kayapó	Juari (Piokrótikô/Mikim)	Média	Incineração	Incineração
Kayapó	Kawatire	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Kedjerekrã	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Kikretum	Com certeza	Incineração	Incineração
Kayapó	Kokokuedjã	Baixa	Incineração	Incineração
Kayapó	Kokraimoro	Baixa	Depósito a céu aberto	Buracos na aldeia
Kayapó	Krãnhkrô	Com certeza	Incineração	Incineração
Kayapó	Krãtyxkrere	Baixa	Depósito a céu aberto	Buracos na aldeia
Kayapó	Kremáiti	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Krimejny	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Kriny	Alta	Incineração	Incineração

Kayapó	Krwanhôngô	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Kubenrankei	Baixa	Depósito a céu aberto	s.i.
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Com certeza	Incineração	Incineração
Kayapó	Moidjam	Com certeza	Incineração	Incineração
Kayapó	Moikarakô	Baixa	Depósito a céu aberto	s.i.
Kayapó	Momokre	Nula	Incineração	Incineração
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	Nula	Incineração	Incineração
Kayapó	Ngôméiti	Baixa	Depósito a céu aberto	s.i.
Kayapó	Nhoimudjare	Nula	Incineração	Incineração
Kayapó	Pidjokore	Baixa	Incineração	Incineração
Kayapó	Pinkeitykre	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Baixa	Incineração	Incineração
Kayapó	Pykakyti	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Pykarârânkre	Baixa	Depósito a céu aberto	s.i.
Kayapó	Pykatô	Baixa	Incineração	Incineração
Kayapó	Pykatum	Média	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Pykatykre	Nula	Depósito a céu aberto	s.i.
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Baixa	Incineração	Incineração
Kayapó	Tantanjere	Baixa	Incineração	Incineração
Kayapó	Tépdjâti	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Kayapó	Tepore	Alta	Incineração	Incineração
Kayapó	Turedjam	Com certeza	Incineração	Incineração
Las Casas	Arawá	Nula	Incineração	Incineração
Las Casas	Kapran Krére	Baixa	Depósito a céu aberto	s.i.
Las Casas	Ronekore	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	Baixa	Cidade	Cidade
Menkragnoti	Jabui	Nula	Cidade	n.a.
Menkragnoti	Kâkakuben	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Menkragnoti	Karema	Baixa	Depósito a céu aberto	n.a.
Menkragnoti	Kawatum	Média	Cidade	Cidade
Menkragnoti	Kendjam	Baixa	Cidade	Cidade

Menkragnoti	Koróróti	Nula	Depósito a céu aberto	s.i.
Menkragnoti	Krimex	Média	Cidade	Cidade
Menkragnoti	Kubenkokre	Média	Cidade	n.a.
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Nula	Cidade	n.a.
Menkragnoti	Mokrore	Nula	Depósito a céu aberto	s.i.
Menkragnoti	Omeikrankum	Nula	Depósito a céu aberto	n.a.
Menkragnoti	Pykany	Nula	Cidade	Cidade
Menkragnoti	Pykatokti	Média	Cidade	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	Média	Cidade	Cidade

A saúde dos Kayapó

Dentre as enfermidades mais comuns registradas entre os Kayapós dos DSEIs MT, PA e Rio Tapajós, as principais estão relacionadas às vias aéreas superiores e inferiores, como gripes, pneumonia e outras doenças crônicas; à pele, como micoses, alergias, dermatites, entre outras; e ao sistema digestivo, incluindo doenças e verminoses decorrentes da falta de saneamento básico. Artroses, dorsopatias e outras dores musculares, ósseas e articulares também são comuns, assim como traumatismos. Essas enfermidades são semelhantes às registradas em 2013.

No DSEI Kayapó do MT houve uma alta incidência de complicações relacionadas à gestação, parto e puerpério, fato que provavelmente está relacionado ao crescimento de partos ocorridos na cidade entre os Kayapó. É relevante ressaltar que o DSEI Tapajós é o que apresentou menor incidência de verminoses, enquanto o DSEI Kayapó do PA apresentou a maior incidência. Este fato está diretamente relacionado ao tratamento adequado de esgoto e à proveniência e qualidade da água consumida (tabelas 14 e 15). Houve um aumento de casos de hipertensão (21 casos), especialmente entre os Kayapó do MT, assim como de casos de diabetes, enfermidades relacionadas em grande parte à mudança nos hábitos alimentares. Também chama atenção a alta incidência de doenças da mama (25 casos). Foram registrados 11 casos de tuberculose pelo DSEI Kayapó do MT. Não há informações sobre os casos de malária ou leishmaniose.

Na tabela 18 encontram-se as cinco doenças mais frequentes registradas por cada DSEI entre os Kayapó.

Tabela 18. Enfermidades mais comuns entre os Kayapó atendidos pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós entre janeiro de 2017 e junho de 2018. Fontes: DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará e DSEI Rio Tapajós 2018.

DSEI	Enfermidades mais comuns	% dos atendimentos
Kayapó MT (n=2.109)	Doenças agudas e crônicas das vias aéreas superiores e inferiores, incluindo pneumonia, gripes e outros sintomas respiratórios	37,6
	Doenças relacionadas à pele e tecido subcutâneo, como dermatites, micoses entre outras	8,7
	Doenças Infecciosas e outros distúrbios relacionados ao sistema digestivo	7,3
	Complicações para a mãe ou feto decorrentes da gestação, parto e puerpério	5,7
	Helmintiases (verminoses)	4,8
Kayapó PA (n=487)	Doenças agudas e crônicas das vias aéreas superiores e inferiores, incluindo pneumonia, gripes e outros sintomas respiratórios	33,9
	Doenças Infecciosas e outros distúrbios relacionados ao sistema digestivo	22,2
	Helmintiases (verminoses)	14,6
	Doenças relacionadas à pele e tecido subcutâneo, como dermatites, micoses entre outras	10,1
	Artroses	3,9
Rio Tapajós (n=184)	Dorsopatias (dores na coluna)	17,9
	Doenças agudas e crônicas das vias aéreas superiores e inferiores, incluindo pneumonia, gripes e outros sintomas respiratórios	14,1
	Doenças Infecciosas e outros distúrbios relacionados ao sistema digestivo	13,0
	Doenças relacionadas à pele e tecido subcutâneo, como dermatites, micoses entre outras	7,6
	Doenças do ouvido interno, médio e externo	4,9

A taxa de mortalidade de crianças Kayapó com menos de um ano continua extremamente alta, alcançando 50 óbitos por 1000 crianças nascidas vivas (Tabela 19). Esta taxa é muito maior do que a mesma taxa para o Brasil para 2017 (13,2/1000; tabela19) e é próxima à de países como o Afeganistão (51,5/1000; WHO 2018). As taxas de mortalidade para países ou regiões

normalmente são calculadas a partir de uma amostra muito maior do que a utilizada neste estudo e, portanto, existe um erro (para mais ou para menos) associado aos cálculos aqui apresentados. Ainda assim, a taxa de mortalidade de crianças abaixo de 1 ano pode ser considerada extremamente alta, assim como em 2013. Segundo a SESAI, as principais causas da mortalidade de crianças pequenas são doenças respiratórias e do trato digestivo, além de transtornos específicos do período neonatal.

A taxa de mortalidade de crianças menores de cinco anos (14,4/1000) é praticamente igual à taxa para o Brasil. Já a de crianças e jovens de 5 a 14 anos (1/1000) é atualmente menor do que a taxa para o Brasil (Tabela 19). Apesar de causa desta diminuição possivelmente ser devido ao baixo número amostral, deve-se lembrar que as principais causas de mortalidade de jovens no Brasil são atualmente violência e acidentes de trânsito, fatores raramente presentes no contexto das aldeias.

A taxa de mortalidade de adultos de 15 a 60 anos entre os Kayapó, por sua vez, continua muito elevada (234,8/100.000) e mais alta do que a taxa para o Brasil (tabela 19), fato possivelmente relacionado às condições adversas de trabalho no campo ao longo da vida e à menor expectativa de vida em relação à sociedade brasileira que vive em cidades. A taxa de mortalidade de adultos Kayapó de 15 a 60 anos é próxima à de Angola (238/100.000).

Tabela 19. Taxas de mortalidade anual de crianças menores de um ano, de crianças menores de cinco anos, de crianças e jovens de cinco a 14 anos e de adultos de 15 a 60 anos, para os Kayapó atendidos pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós entre janeiro de 2017 e junho de 2018. Fontes: DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará e DSEI Rio Tapajós 2018.

DSEI	Taxa de mortalidade anual de crianças menores de 1 ano (por 1000 nascidos vivos)	Taxa de mortalidade anual de crianças menores de 5 anos (por 1000 nascidos vivos)	Taxa de mortalidade anual de crianças e jovens entre 5 e 14 anos (por 1000)	Taxa de mortalidade anual de adultos de 15 a 60 anos (por 100.000)
Kayapó MT	70,9 (n=47)	17,4 (n=230)	1,7 (n=394)	240,4 (n=1109)
Kayapó PA	44,2 (n=226)	11,9 (n=954)	1,1 (n=1836)	249,4 (n=2673)
Rio Tapajós	54,1 (n=74)	20,1 (n=298)	0,0 (n=458)	175,4 (n=760)
Total	50,0 (n=347)	14,4 (n=1482)	1,0 (n=2688)	234,8 (n=4542)
Brasil (2017)*	13,2	14,8	2,4	143,0

*WHO, 2018

Nos últimos anos, houve um grande aumento de partos ocorridos na cidade, fato preocupante devido a uma série de motivos. Primeiro, porque o nascimento de uma criança é um evento familiar e cultural em que as mulheres mais velhas da família tem uma participação fundamental, realizando os partos das filhas, sobrinhas e netas. Existem também parteiras nas aldeias que são chamadas no caso de partos difíceis (M. Kayapó, comunicação pessoal), além de rituais específicos relacionados ao nascimento. Este conhecimento está correndo um sério risco diante do aumento de partos ocorridos na cidade. Segundo, porque muitas gestantes, segundo informações fornecidas por um médico do DSEI (A. Jerzolimski, comunicação pessoal) vem sendo encaminhadas à cidade com 35 semanas de gestação, ou seja, praticamente um mês antes do nascimento do bebê, e acomodadas nas CASAls, local onde são tratados os indígenas doentes que vão para as cidades. As mães e seus bebês ficam nas CASAls até pelo menos três semanas após o parto, correndo alto risco de serem infectadas por doenças em um momento extremamente vulnerável de suas vidas. Terceiro, porque ao serem encaminhadas para hospitais na hora do parto, as gestantes estão sujeitas ao sistema de saúde vigente no Brasil, no qual o número de cesarianas é um dos maiores do mundo. Desta forma, a chance de a gestante ser encaminhada para uma cirurgia cesariana desnecessária aumenta muito, assim como aumentam as chances de complicações pós-parto.

Entre janeiro de 2017 e junho de 2018, cerca de 70% dos partos ocorreram na cidade e não nas aldeias, como ocorria antes (Tabela 20). Infelizmente não há dados para comparação com o ano de 2013. No entanto, como esperado, o número de cesarianas também aumentou. Em média 15,3% dos partos entre as mulheres Kayapó ocorreram por meio de cesáreas. Esta taxa é exatamente a recomendada pela Organização Mundial da Saúde (15%), taxa muito menor do que a média de 55% para o Brasil. No entanto, a taxa de cesarianas aumentou três vezes em relação a 2013 e, desta forma, é importante que não aumente mais e se mantenha próxima a este valor nos próximos anos.

Apesar de grande parte das gestantes Kayapó fazerem acompanhamento pré-natal nas aldeias e na cidade, a taxa de mortalidade de recém-nascidos (10,8 por 1000) ainda é ligeiramente mais alta do que a taxa para o Brasil. Já a taxa de mortalidade materna (119,7 por 100.000) é 2,7 vezes maior do que a brasileira (Tabela 20). Porém deve-se ressaltar que houve apenas um óbito materno, o que reforça a importância de uma amostragem maior para a obtenção de taxas mais confiáveis.

Tabela 20. Número de nascimentos, proporção dos partos realizados na cidade, proporção de partos cesáreos, taxa de mortalidade de recém-nascidos até o 28^o dia de vida e taxa de mortalidade materna para os Kayapó atendidos pelos DSEIs Kayapó do Mato Grosso, Kayapó do Pará e Rio Tapajós, entre janeiro de 2017 e junho de 2018. Fontes: DSEI Kayapó do Mato Grosso, DSEI Kayapó do Pará e DSEI Rio Tapajós 2018.

DSEI	Número total de nascimentos	Nascimentos na cidade (%)	Taxa de cesarianas (%)	Taxa de mortalidade de recém-nascidos até o 28 ^o dia de vida (por 1000)	Taxa de mortalidade materna (por 100.000)
Kayapó MT	133	70,7	12,8	s.i.	501,3
Kayapó PA	316	78,2	21,5	12,7	0,0
Rio Tapajós	108	44,4	0,0	18,5	0,0
Total	557	69,8	15,3	10,8	119,7
Brasil (2015)	--	--	55,5	8,5	44,0

*WHO, 2018

O número de pajés (*Waiangás*) informado pelos Kayapó atualmente é 94 (tabela 22), valor levemente menor do que em 2013 (98). Não foi possível obter essa informação na maior parte das aldeias ao leste da TI Kayapó, portanto este número certamente está subestimado. No entanto, ao longo dos últimos cinco anos alguns idosos, incluindo pajés, faleceram. Não sabemos se foram “substituídos” ou não. A TI Menkragnoti é a que possui o maior número de pajés (tabela 22), em especial a aldeia Kubenkokre, a qual possui 10 pajés (tabela 21). Segundo o *Waiangá* Kaikwara, da aldeia Moikarakô (M.B.N. Ribeiro, comunicação pessoal) existem dois tipos de pajés na cultura Kayapó: aqueles cujo conhecimento é transmitido de pai/avô para filho/neto (“raizeiros”) e que possuem conhecimentos específicos sobre plantas medicinais e enfermidades específicas (“pajé de escorpião”, por exemplo); e aqueles que são como “médiuns”, ou seja, são escolhidos, ensinados e acompanhados por espíritos de pajés antigos, sendo também aconselhados por pajés vivos até adquirirem experiência para lidar com sua missão de curar. Os tratamentos dos pajés ainda são muito utilizados pelos Kayapó.

Tabela 21. Número de pajés nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Número de pajés
Badjonkôre	Krãnhanpare	s.i.
Baú	Baú	2
Baú	Kamaú	8

Baú	Kamüre	2
Baú	Krambàri	1
Capoto/Jarina	Bytire	1
Capoto/Jarina	Jatobá	1
Capoto/Jarina	Kenpó	1
Capoto/Jarina	Kremoro	5
Capoto/Jarina	Krétire	1
Capoto/Jarina	Kromare	1
Capoto/Jarina	More	0
Capoto/Jarina	Piaraçu	3
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	0
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	4
Kayapó	A'Ukre	3
Kayapó	Apeiti	2
Kayapó	Bananal	s.i.
Kayapó	Gorotire	s.i.
Kayapó	Juari	s.i.
Kayapó	Kawatire	1
Kayapó	Kedjerekrãn	2
Kayapó	Kikretum	s.i.
Kayapó	Kokokuedjã	s.i.
Kayapó	Kokraimoro	s.i.
Kayapó	Krãnhkrô	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	1
Kayapó	Kremáiti	0
Kayapó	Krimejny	1
Kayapó	Kriny	s.i.
Kayapó	Krwanhõngô	2
Kayapó	Kubenkrankei	1
Kayapó	Ladeira	s.i.
Kayapó	Moidjam	s.i.
Kayapó	Moikarakô	4
Kayapó	Momokre	s.i.
Kayapó	Mutum	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	1
Kayapó	Ngokongoti-re	s.i.

Kayapó	Ngôméiti	2
Kayapó	Nhoimudjare	s.i.
Kayapó	Pidjiokore	s.i.
Kayapó	Pinkeitykre	1
Kayapó	Ponte	s.i.
Kayapó	Pykakyti	1
Kayapó	Pykarãrãnkre	2
Kayapó	Pykatô	s.i.
Kayapó	Pykatum	0
Kayapó	Pykatykre	1
Kayapó	Pyuredjan*	s.i.
Kayapó	Rikaró	0
Kayapó	Rokrore	s.i.
Kayapó	Tantanjere	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	1
Kayapó	Tepore	s.i.
Kayapó	Turedjam	s.i.
Las Casas	Arawá	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	2
Las Casas	Ronekore	2
Las Casas	Tekrejaroti-re	2
Menkragnoti	Jabui	1
Menkragnoti	Kâkakuben	1
Menkragnoti	Karema	1
Menkragnoti	Kawatum	2
Menkragnoti	Kendjam	3
Menkragnoti	Koróróti	1
Menkragnoti	Krimex	3
Menkragnoti	Kubenkokre	10
Menkragnoti	Mekrãgnoti	2
Menkragnoti	Mokrore	1
Menkragnoti	Omeikrankum	1
Menkragnoti	Pykany	2
Menkragnoti	Pykatoti	2
Menkragnoti	Pyngrajtire	2

Tabela 22. Número total de pajés nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Número total de pajés nas aldeias
Badjonkôre	s.i.
Baú	13
Capoto/Jarina	18
Kayapó	26
Las Casas	6
Menkragnoti	31
TOTAL	94

Percepção dos Kayapó sobre a saúde

Segundo os Kayapó entrevistados, a qualidade do atendimento tanto na aldeia como na cidade melhorou em relação a 2013, apesar de ainda ser considerado mediano pela maioria dos indígenas. Em 2018 nenhum entrevistado considerou o atendimento péssimo (Figuras 10 e 11). A maioria dos entrevistados considera que ainda existem muitos pajés nas aldeias (Figura 12) e quase todos responderam que o tratamento dos pajés ainda é muito utilizado (Figura 13), valor semelhantes aos de 2013. Menos Kayapó consideram atualmente que o tratamento dos pajés pode estar sendo perdido (Figura 14).

Qual é a qualidade do atendimento à saúde nas aldeias? (n 2018 = 27)

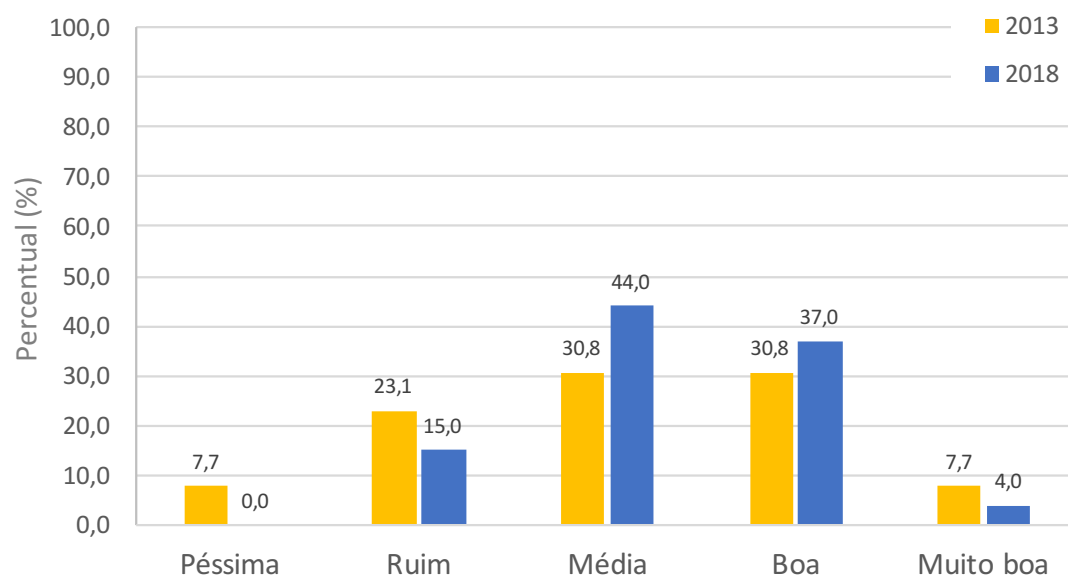


Figura 10. Opinião dos Kayapó sobre a qualidade do atendimento à saúde nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

Qual é a qualidade do atendimento à saúde na cidade? (n 2018 = 24)

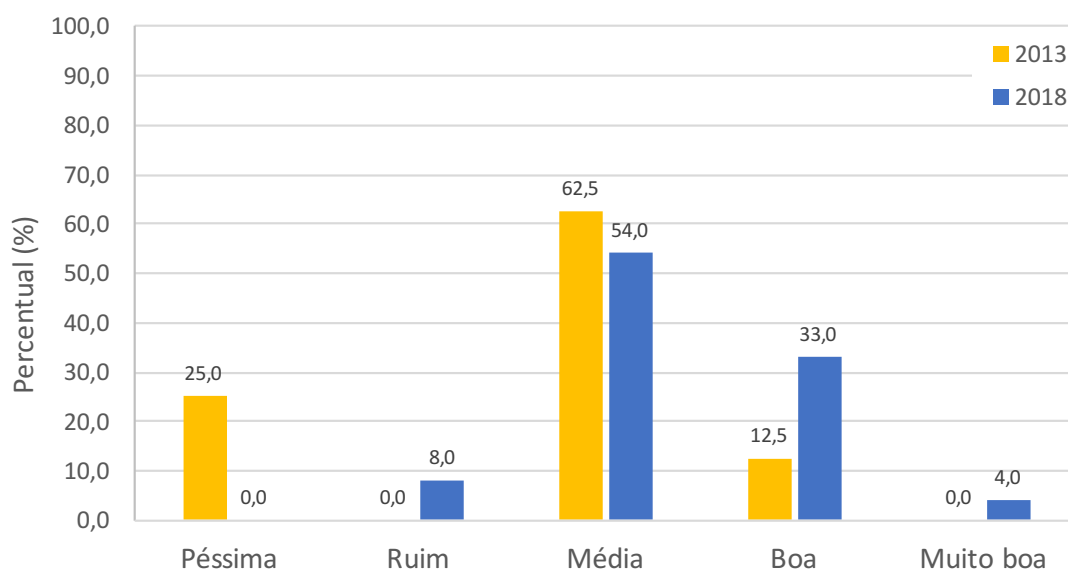


Figura 11. Opinião dos Kayapó sobre a qualidade do atendimento à saúde na cidade em 2013 e 2018.

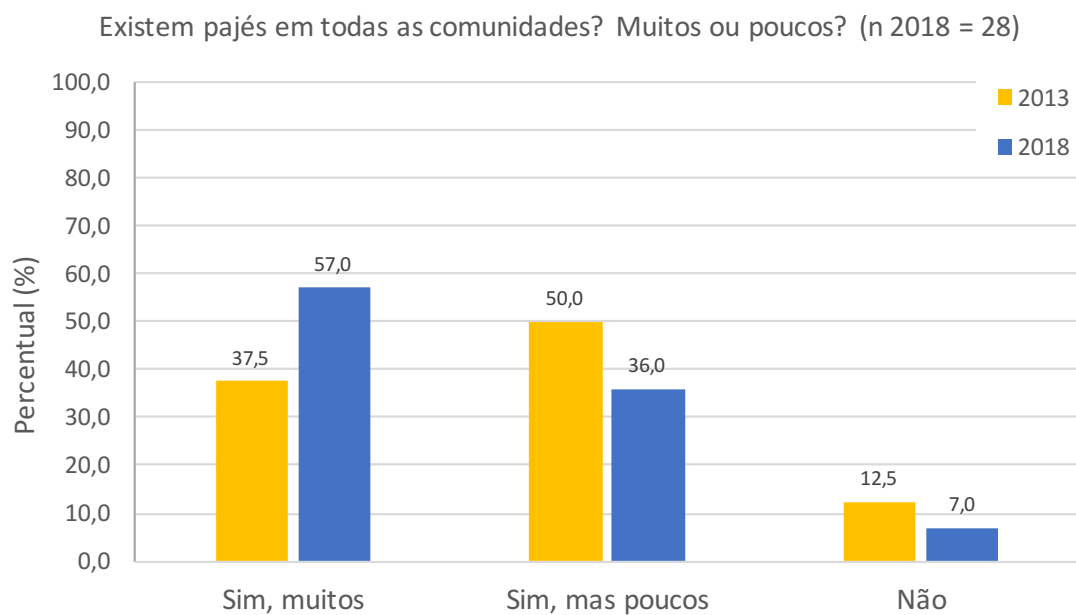


Figura 12. Existência e quantidade de pajés nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018, segundo os Kayapó.

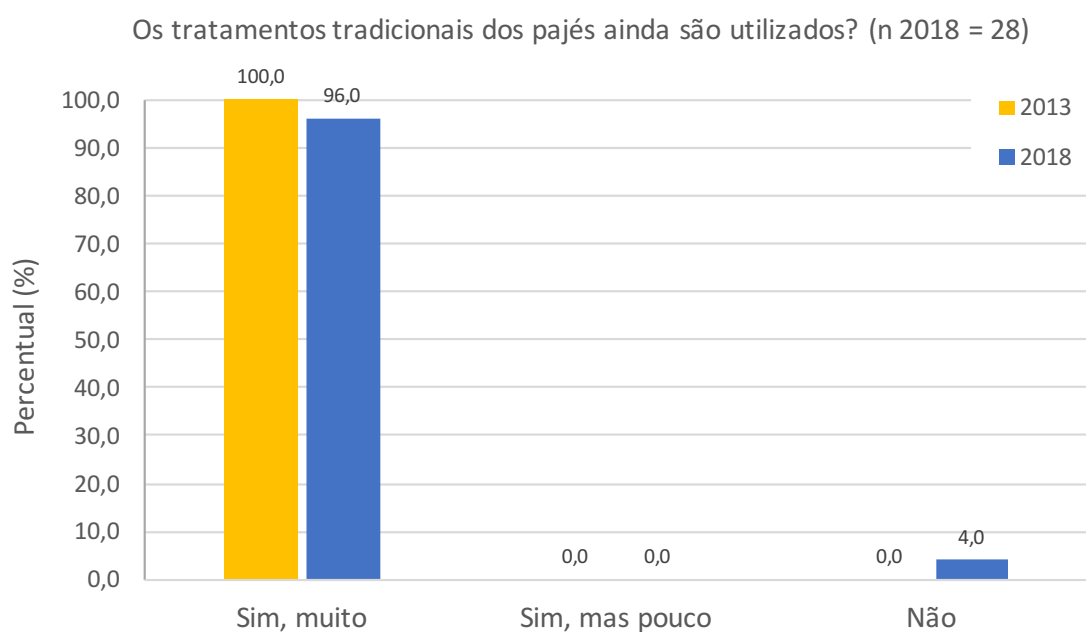


Figura 13. Importância dos tratamentos dos pajés das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018, segundo os Kayapó.

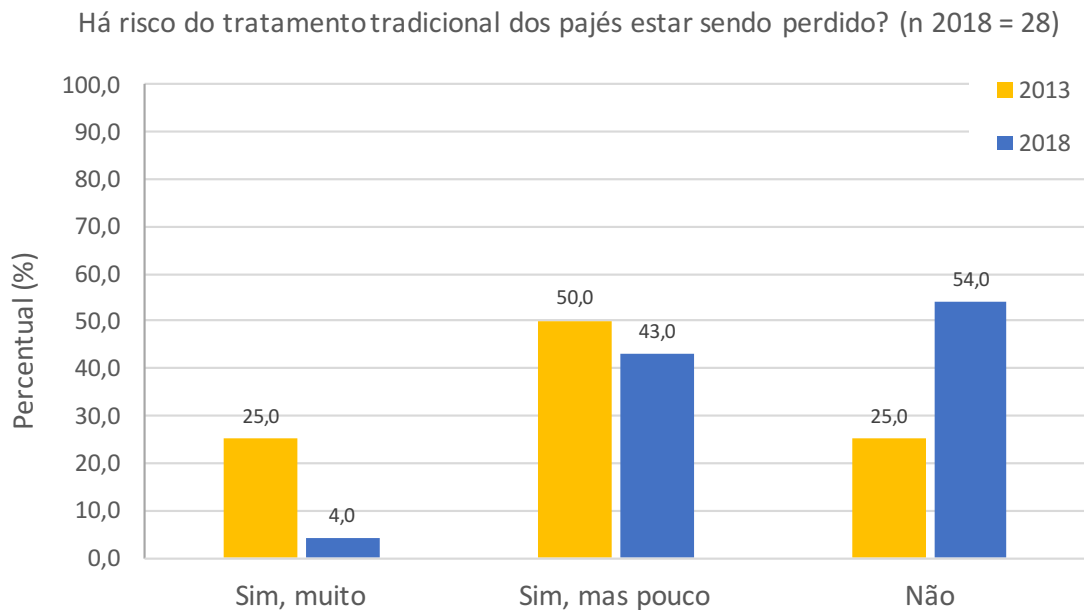


Figura 14. Risco dos tratamentos dos pajés das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti estarem sendo perdidos em 2013 e 2018, segundo os Kayapó.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema Saúde

Os temas abordados pela maior parte dos profissionais de saúde e indígenas entrevistados tanto em 2013 quanto em 2018 foram: 1) dificuldades em relação ao tratamento do lixo nas aldeias e destinação do lixo hospitalar; 2) baixo índice de saneamento básico; 3) contaminação dos rios por causa dos garimpos; 4) insatisfação com as estruturas de saúde nas aldeias; 5) mortalidade infantil, que ainda tem índices altos quando comparada à média da população brasileira; 6) surgimento de casos de diabetes e hipertensão por causa da mudança nos hábitos alimentares; 7) relação conflituosa entre medicina tradicional e medicina ocidental; 8) uso excessivo de remédios pelos indígenas; 9) aumento no consumo de bebidas alcoólicas; e 10) maior dificuldade por parte dos profissionais de saúde para trabalhar nas aldeias envolvidas em atividades ilícitas, devido a desconfiança dos indígenas de serem denunciados.

Em 2018, dois outros temas se destacaram: 1) aumento no número de cesarianas e 2) aumento da população indígena nas cidades e aumento no número de aldeias, sobrecarregando o sistema de saúde disponível.

Na visão dos profissionais da saúde o atendimento melhorou muito nos últimos anos. Os profissionais de saúde que atuam em campo de uma forma geral parecem ser admiradores da cultura Kayapó e extremamente dedicados ao seu trabalho. Houve um aumento no quantitativo das equipes, melhoria no acesso as aldeias, no alojamento dos profissionais nas aldeias e na qualificação dos diagnósticos. Nas entrevistas, os indígenas, em geral, fazem uma avaliação ruim do atendimento da saúde: reclamam principalmente da precariedade das estruturas, da impossibilidade de realização de exames mais complexos e da aquisição de remédios que não constam na lista básica ofertada pelas farmácias nas aldeias e CASAI. A precariedade nas estruturas de atendimento seguem sendo o principal problema relatado por todos.

De uma forma geral os temas de destaque em 2018 tiveram uma relação direta com o aumento da movimentação para as cidades e o aumento no número de aldeias e evidenciam essa transformação no modo de vida Kayapó.

"Em 2012 eles eram pouco inseridos na sociedade, agora 2018 eles estão bem inseridos. Nós temos mais de 20 casas de indígenas aqui na cidade e o fluxo de alimentos consumidos que vai pra aldeia é muito grande. Eles comem a mesma coisa que o branco come. Refrigerante, pão, açúcar, arroz e feijão. Então a probabilidade deles adoecerem é muito grande."

O sistema de saúde indígena foi planejado e construído para cuidar dos indígenas nas aldeias. A presença cada vez maior de indígenas nas cidades e o aumento no número de aldeias tem gerado um grande impacto no funcionamento das estruturas de saúde.

"O dimensionamento do pessoal era para atender 1300 indígenas. Eram 6 aldeias e hoje são 14 aldeias, em torno de 1380 indígenas. Aumentaram 80 indígenas e mais que dobrou o número de aldeias, então não consigo fazer atendimento integral."

De acordo o relato das equipes de saúde, o foco do trabalho é a atenção primária na aldeia. Quando o paciente precisa ser retirado da aldeia o procedimento é o seguinte:

"Passa-se o rádio da aldeia pra CASAI e ela faz o pré recebimento desse paciente. Tem toda a logística se é via terrestre, fluvial, aérea. Da CASAI a gente destina ele se vai pra emergência, ou se é caso de consulta, mas ele já vem de lá com a gente sabendo que vai pra rede do SUS."

A CASAI foi pensada como um centro de apoio ao indígena aldeado. O indígena desaldeado, residente na cidade, deve procurar diretamente o SUS. No entanto isso não ocorre, pois sem o apoio dos funcionários da CASAI eles não conseguem ser atendidos nos Hospitais do SUS.

"Os secretários (de saúde) ou não entendem ou fazem de conta que não entendem. Mas vão ter que entender que a realidade é essa. Tem duas situações, nós temos os índios aldeados e os desaldeados. Os desaldeados pelo regulamento da SESAI, o procedimento é SUS. Isso é uma coisa que vai ser discutida a longo prazo, para se chegar a um entendimento. A SESAI em si não abandona o índio que está na cidade, mas a obrigação dele quando adoecer é procurar o SUS."

Uma possível solução para esse quadro é o Incentivo para a Atenção Especializada aos Povos Indígenas (IAEPI) uma ação recente voltada a estabelecimentos de saúde em nível ambulatorial e hospitalar, como contrapartida à qualificação dos serviços de saúde prestados aos pacientes indígenas. Vai dar oportunidade para adaptar hospitais e enfermarias para a realidade da cultura indígena (redes nas enfermarias, áreas abertas para fogueiras e pajelanças). Essa ação visa criar melhores condições para o atendimento dos indígenas nos hospitais conveniados ao SUS.

A atuação dos pajés sempre esteve presente quando se tratou do assunto saúde. Os relatos abordaram principalmente as seguintes situações: 1) a relação entre a medicina tradicional e a medicina ocidental; 2) a escolha do tipo de tratamento a ser seguido pelos pacientes e os critérios para essa decisão; 3) a conduta das equipes de saúde nas aldeias; e 4) a relação dos pajés com os hospitais e médicos na cidade quando são chamados para curar algum paciente internado. Os pajés ocupam uma posição central nos processos de cura dentro das aldeias.

O conflito existente entre a tradição Kayapó e as práticas terapêuticas da medicina ocidental em muitas situações não são percebidos com clareza, mas em alguns contextos específicos como na atuação dos pajés e nos partos podemos perceber o quanto a situação é delicada e de difícil gestão.

"Os pajés continuam sendo importantes, atuantes e demandados. Tem a doença que é do Kayapó, que não é a doença do branco, que o tratamento é com o pajé e que o remédio do branco não vai funcionar."

"O pajé é sempre presente nos Kayapós. Muitas vezes eles procuram primeiro o pajé, pra depois procurar nossa equipe e as vezes vão junto. Se tiver que remover o paciente, a gente conversa com o pajé. Por exemplo: as vezes o pajé diz que precisa do paciente por 3 dias, ou as vezes a equipe pede pro pajé ir junto."

À primeira vista, o discurso clássico é de que existem as doenças do branco e as doenças dos índios e que cada uma deve ser tratada pela sua respectiva cultura. No entanto na prática essa

relação não parece ser tão evidente, havendo muitas sobreposições entre as diferentes visões de mundo e práticas terapêuticas.

“A gente respeita bastante, sempre tenta conciliar os dois tratamentos, tanto o ocidental, quanto o tradicional. É decisão da família, porque nós não temos a tutela dos índios, nós não somos responsáveis por cada indígena, nós somos responsáveis por oferecer assistência a saúde. Mas se ele quer sair do hospital e fazer tratamento tradicional de acordo com a cultura, a fé dele, a gente respeita, mas a gente se respalda, assina um termo de responsabilidade, e ajuda no que for preciso.”

De uma forma geral, as equipes de saúde que trabalham nas aldeias têm uma relação mais harmônica e tendem a respeitar o tratamento dos pajés e a escolha dos pacientes em relação ao tratamento que desejam seguir. No entanto, nos hospitais da cidade, existem muitos casos em que os pajés não são bem aceitos pelos médicos e não tem autorização para acompanhar os pacientes quando estão internados. O fato é que não existe um procedimento definido para a conduta do hospital em relação a presença e tratamento do pajé, fazendo com que essa questão seja definida pela posição pessoal do médico e sua equipe. O que fica evidente é que a visão e os procedimentos das equipes de saúde são muitas vezes incompatíveis com a visão da tradicional Kayapó.

“Ainda tem uma crise de quem é a responsabilidade por garantir o trabalho dos pajés, a viagem do pajé para tratar o doente, então o sistema de saúde ainda não contempla essa demanda, muitas vezes tentam atender por pressão, mas isso ainda não é muito claro, e precisa ser aprimorado.”

Houve muitos relatos de pacientes que morreram ou tiveram a saúde comprometida devido a uma indecisão em relação ao tipo de tratamento a ser seguido.

“As vezes o pajé não consegue, mas as vezes consegue, aí fica nesse meio termo. Ano passado teve alto índice de evasão do hospital e isso ocasionou vários óbitos de menores. Mas pela questão da cultura, eles sabem que pneumonia, tuberculose, criança desidratada é muito difícil pajé conseguir resolver. Aí a gente apoia a decisão deles, mas tem caso que a gente não consegue reverter a situação. Porque a cultura do Kayapó é muito forte.”

Assim como em relação aos pajés, o parto passa por um momento de transição, com pontos de vista opostos em relação ao procedimento correto a ser seguido.

“O profissional está lá dentro da área; médico, enfermeira, odontóloga, técnico, identificou, teve febre, vômito, etc, a gente recomenda que o primeiro encaminhamento seja com os pajés, parteiras, rezadores e benzedores das aldeias, isso é o primeiro passo que deveria estar sendo feito e não está.”

Enquanto alguns relatam o procedimento pré-natal oferecido nas aldeias e na cidade de forma positiva, outros acreditam que os tratamentos são tendenciosos e têm influenciado no aumento do número de cesarianas e no enfraquecimento das tradições.

“Tradicionalmente todas as avós faziam os partos das netas, e hoje não acontece mais isso. Então temos poucas parteiras, e elas fazem qualquer tipo de parto, mas tradicionalmente eram as avós, e devido a elas não fazerem essa prática, acabam indo fazer pré-natal, e vindo pra cá. Quando há complicação, acabam fazendo cesária. Meninas novas fazem cesária porque não tem preparativo de ter parto normal, não tem orientação que antes as avós faziam.”

O fato é que todos relataram um aumento do número de cesarianas, principalmente na primeira gravidez. Esse aumento é atribuído por muitos a uma maior presença das equipes de saúde nas aldeias e ao acesso mais fácil entre as aldeias e a cidade, o que criou condições para que as mulheres optem por ter os filhos nos hospitais.

“Essa questão de vir fazer os exames e ultrassom, elas se sentem seguras, conhecem o hospital. E aí ela escolhe por essa questão de se tiver um problema ela pode socorrer por estar no hospital.”

Tomemos como exemplo a recomendação do Ministério da Saúde que preconiza que para gestantes menores de 14 anos com baixa estatura, recomenda-se parto com médicos. No caso dos Kayapó que tem a média de idade da primeira gravidez entre 14 e 16 anos, o número de gestantes que será avaliada como gravidez de risco é muito alto e isso impacta o aumento muito grande de partos na cidade e, como consequência, de cesarianas.

“Falando no geral as vezes dá mais ou menos 50% na cidade e 50% na aldeia, até 60% na cidade e 40% na aldeia. E antes era 90% na aldeia e 10% na cidade. Nos últimos 5 anos.”

O aumento no número de cesarianas tem como uma de suas consequências uma dificuldade na recuperação das mulheres, pois é uma cirurgia que requer atenção e cuidados no pós-parto. Segundo relatos das entrevistas, as índias acabam não respeitando o repouso e o período de cicatrização, o que pode aumentar as chances de complicações pós-parto.

“Teve um ano, acho que 2013, devido a um óbito (na aldeia) em 2012, elas ficaram bastante na aldeia, e aí começou a procura por ter acompanhamento médico. Por causa dessa complicação, todo mundo ficou com medo. Em contrapartida, teve um ano também que teve um parto na cidade que teve uma complicação, que elas ficaram com medo de ter parto na cidade.”

Em uma área sensível como a saúde, onde a fragilidade da condição humana se manifesta de forma clara quando alguém adoece, podemos perceber claramente como muitos Kayapó estão oscilando entre os dois mundos. A citação acima nos mostra uma situação que representa esse movimento pêndular. O equilíbrio entre esses mundos, principalmente no caso das práticas terapêuticas, é essencial para o bem-estar físico e emocional dos indígenas.

3.1.3. Educação

A principal referência para a educação escolar indígena atualmente é a Resolução N° 5, de 22 de junho de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Segundo esta resolução:

A educação escolar indígena tem como objetivos proporcionar aos indígenas, suas comunidades e povos:

- A recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências;
- O acesso às informações, conhecimentos técnicos, científicos e culturais da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas.

Constituem elementos básicos para a organização, a estrutura e o funcionamento da escola indígena:

- A centralidade do território para o bem viver dos povos indígenas e para seus processos formativos e, portanto, a localização das escolas em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos Estados ou Municípios contíguos;
- A importância das línguas indígenas e dos registros linguísticos específicos do português para o ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades indígenas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística de cada povo;
- A organização escolar própria;
- A exclusividade do atendimento a comunidades indígenas por parte de professores indígenas oriundos da respectiva comunidade.

Na organização da escola indígena deverá ser considerada a participação de representantes da comunidade na definição do modelo de organização e gestão, bem como:

- Suas estruturas sociais;
- Suas práticas socioculturais, religiosas e econômicas;
- Suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino-aprendizagem;
- O uso de materiais didático-pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo indígena;
- A necessidade de edificação de escolas com características e padrões construtivos de comum acordo com as comunidades usuárias, ou da predisposição de espaços formativos que atendam aos interesses das comunidades indígenas.

Os sistemas de ensino devem assegurar às escolas indígenas estrutura adequada às necessidades dos estudantes e das especificidades pedagógicas da educação diferenciada, garantindo laboratórios, bibliotecas, espaços para atividades esportivas e artístico-culturais, assim como equipamentos que garantam a oferta de uma educação escolar de qualidade sociocultural.

A avaliação da educação entre o Povo Kayapó foi baseada nos princípios acima.

Presença e estrutura das escolas nas aldeias

As aldeias das TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti são atualmente atendidas pelas Secretarias de Educação dos Municípios em que as TIs se encontram e dos Estados do PA e MT. Nas aldeias localizadas no Pará, todas as escolas de ensino médio são estaduais, enquanto as escolas de ensino infantil e fundamental são municipais. No Mato Grosso, o Estado é responsável tanto por escolas de ensino fundamental como as de ensino médio, embora os municípios também atendam algumas aldeias (Tabela 23).

Tabela 23. Presença de escola em atividade e órgão municipal ou estadual responsável pelo atendimento à educação nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas, Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT, Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Presença de escola	Órgão Responsável
Badjonkôre	Krãnhanpare	Sim	Sec. Mun. Educ. Santana do Araguaia, PA
Baú	Baú	Sim	Sec. Mun. Educ. Novo Progresso, PA
Baú	Kamaú	Sim	Sec. Mun. Educ. Novo Progresso, PA
Baú	Kamũre	Não	n.a.
Baú	Krambãri	Sim	Sec. Mun. Educ. Castelo dos Sonhos/ Altamira, PA
Capoto/Jarina	Bytire	Sim	Sec. Est. Educ. do Mato Grosso - SEDUC MT
Capoto/Jarina	Jatobá	Sim	Sec. Est. Educ. do Mato Grosso - SEDUC MT
Capoto/Jarina	Kenpó	Sim	Sec. Est. Educ. do Mato Grosso - SEDUC MT
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Sim	Sec. Mun. Educ. Peixoto de Azevedo, MT / SEDUC MT (Ens. Médio)
Capoto/Jarina	Krétire	Sim	Sec. Est. Educ. do Mato Grosso - SEDUC MT
Capoto/Jarina	Kromare	Sim	Sec. Est. Educ. do Mato Grosso - SEDUC MT
Capoto/Jarina	More	Não	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	Sim	Sec. Est. Educ. do Mato Grosso - SEDUC MT
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Sim	Sec. Est. Educ. do Mato Grosso - SEDUC MT
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Sim	s.i.
Kayapó	A'Ukre	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Apeiti	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Kawatire	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Kedjerekrã	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Kokraimoro	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA / SEDUC PA (Ens. Médio)
Kayapó	Krãtyxkrere	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Kremáiti	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Krimejny	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Krwanhõngô	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Kubenrankei	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Moikarakô	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Ngoiamroti	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Ngôméiti	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Pinkeitykre	Não	n.a.

Kayapó	Pykakyti	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Pykarãrãnkre	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Pykatum	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Pykatykre	Sim	Sec. Mun. Educ. Cumaru do Norte, PA
Kayapó	Rikaró	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Tépdjâti	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA
Kayapó	Bananal	Não	n.a.
Kayapó	Gorotire	Sim	Sec. Mun. Educ. Cumaru do Norte, PA / SEDUC PA (Ens. Médio)
Kayapó	Juari (Piokrótikô/Mikim)	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Kikretum	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Kokokuedjã	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Krãnhkrô	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Kriny	Sim	Sec. Mun. Educ. Bannach, PA
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Sim	Sec. Mun. Educ. Cumaru do Norte, PA
Kayapó	Moidjam	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Kayapó	Momokre	Sim	Sec. Mun. Educ. Cumaru do Norte, PA
Kayapó	Mutum	Não	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	Não	n.a.
Kayapó	Nhoimudjare	Não	n.a.
Kayapó	Pidjokore	Não	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Não	n.a.
Kayapó	Pykatô	Não	n.a.
Kayapó	Pyuredjan	Não	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Não	n.a.
Kayapó	Tantanjere	Não	n.a.
Kayapó	Tepore	Não	n.a.
Kayapó	Turedjam	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte, PA
Las Casas	Kapran Krére	Sim	Sec. Mun. Educ. Ourilândia do Norte / Redenção, PA
Las Casas	Ronekore	Não	Sec. Mun. Educ. Pau D`Arco, PA
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	Sim	Sec. Mun. Educ. Cumaru do Norte, PA
Las Casas	Arawá	Não	Sec. Mun. Educ. Pau D`Arco, PA
Menkragnoti	Jabui	Não	n.a.
Menkragnoti	Kâkakuben	Sim	s.i.
Menkragnoti	Karema	Não	n.a.
Menkragnoti	Kendjam	Sim	Sec. Mun. Educ. São Félix do Xingu, PA

Menkragnoti	Kawatum	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT
Menkragnoti	Krimex	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT
Menkragnoti	Kubenkokre	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Não	n.a.
Menkragnoti	Pykany	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT
Menkragnoti	Pykatokti	Não	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT
Menkragnoti	Koróróti	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT
Menkragnoti	Mokrore	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT
Menkragnoti	Omeikrankum	Sim	Sec. Mun. Educ. Guaranta do Norte, MT

Das 74 aldeias Kayapó contempladas neste diagnóstico, 54 ou 73% possuem escolas. Exceto a TI Badjonkôre, que possui apenas uma aldeia (com escola – 100%), a TI Capoto/Jarina é a que possui maior proporção de aldeias com escolas (90,9%). A TI Las Casas possui escolas em duas de suas quatro aldeias (50%; Tabelas 23 e 24), porém devido à sua proximidade do município de Pau D'Arco, os estudantes das aldeias que não possuem escolas estudam em escolas na cidade. A proporção de escolas diminuiu em relação a 2013, quando 93,7% das aldeias apresentavam escolas. Esta diminuição está relacionada ao aumento do número de pequenas aldeias nos últimos anos. Enquanto todas as aldeias maiores e mais antigas possuem escolas, a maior parte das aldeias pequenas ou muito novas não possuem, sendo que em alguns casos as crianças frequentam escolas das aldeias próximas. Das aldeias com mais de 60 habitantes, 100% possuem escolas, com exceção da recém-formada aldeia Kamũre, na TI Baú. Das aldeias com menos de 60 habitantes, 50% possuem escolas, enquanto que das aldeias com menos de 25 habitantes, apenas 8,3% possuem escolas. As aldeias menores ou mais novas que possuem escolas normalmente funcionam como salas anexas a escolas de outras aldeias (Tabela 23).

Das aldeias que possuem escolas no bloco de TIs Kayapó (73%), todas possuem ao menos Ensino Fundamental ciclo I (1º ao 5º ano) e ao menos 27 (36,5% do total de aldeias) possuem pelo menos um ano do Ensino Fundamental ciclo II (6º ao 9º ano). A Educação Infantil (Pré-escola e Jardim) é oferecida em ao menos 19 aldeias (25,7%), enquanto apenas cinco aldeias possuem Ensino Médio (6,8%; Tabelas 24 e 25). O número de escolas que oferecem Ensino Médio continua igual ao número em 2013, apesar do aumento no número de aldeias e população. Duas aldeias que eram atendidas por escolas estaduais de Ensino Médio (Baú e Pykany) em 2013 deixaram de ser atendidas, enquanto este ciclo passou a ser oferecido nas aldeias Kokraimoro e Gorotire, ambas na TI Kayapó. As TI Badjonkôre, Baú e Las Casas atualmente não possuem nenhuma escola com Ensino Médio, sendo que alguns estudantes vão cursar o Ensino Médio nos

municípios mais próximos. A Educação para Jovens e Adultos é oferecida em 11 aldeias (14,9%) (Tabelas 24 e 25).

A baixa oferta de Ensino Médio nas aldeias resulta em um acesso reduzido de indígenas ao Ensino Superior. Só foi possível obter informações sobre o número de Kayapós cursando Ensino Superior para a TI Kayapó. Segundo as secretarias de educação de Ourilândia do Norte, São Félix do Xingu e Cumaru do Norte, ao menos 54 indígenas estão cursando faculdades atualmente. A grande maioria dos estudantes Kayapó no Ensino Superior são homens, sendo que grande parte destes é bolsista do Programa de Bolsa Permanência (PBP).

Tabela 24. Proporção de aldeias com escola e de aldeias com escolas que oferecem Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas, Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT, Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	% de aldeias com escola	% de aldeias com Ens. Fundamental	% de aldeias com Ens. Médio	% de aldeias com EJA
Badjonkôre	100	100	0,0	0,0
Baú	75	75	0,0	s.i.
Capoto/Jarina	90,9	90,9	18,2	9,1
Kayapó	70,7	70,7	4,9	4,8
Las Casas	50*	50*	0,0	50
Menkragnoti	69,2	69,2	7,7	46,2
Total	73,0	73,0	6,8	14,9

Tabela 25. Ciclos da educação básica oferecidos, anos oferecidos, oferecimento de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e presença parcial ou total de turmas multisseriadas nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas, Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT e FUNAI 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Ciclos oferecidos	Anos oferecidos	Presença de EJA	Presença de turmas multisseriadas
Badjonkôre	Krãnhanpare	Ed. Infantil e Fund. I e II	s.i.	Não	s.i.
Baú	Baú	Ed. Infantil e Fund. I e II	JD ao 6º ano	s.i.	Sim

Baú	Kamaú	Ed. Infanti e Fund. I e II	JD ao 8º ano	s.i.	Sim
Baú	Kamũre	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Baú	Krambãri	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Bytire	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Jatobá	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kenpó	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Educação Infantil e fund. I e II, Ens. Médio	JD ao 9º ano, 1º ao 3º ano Ens. Médio	Não	Sim
Capoto/Jarina	Krétire	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kromare	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	More	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	Fund. I e II, Ens. Médio	1º ao 9º ano, 1º ao 3º ano Ens. Médio	Sim	Sim
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	A'Ukre	Fund. I e II	1º ao 9º ano	Não	Sim
Kayapó	Apeiti	Fund. I e II	2º ao 9º ano	Não	Sim
Kayapó	Kawatire	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Kedjerekrãn	Fund. I e II	2º ao 6º ano	Não	Sim
Kayapó	Kokraimoro	Ed. Infantil, Fund. I e II, Ens. Médio	JD ao 9º ano, 1º ano Ens. Médio	Não	Não
Kayapó	Krãtyxkrere	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Kremãiti	Fund. I e II	1º ao 6º ano	Não	Sim
Kayapó	Krimejny	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Krwanhôngô	Fund. I	2º ao 6º ano	Não	Sim
Kayapó	Kubenkrankai	Fund. I e II	1º ao 9º ano	Não	Sim
Kayapó	Moikarakô	Fund. I e II	1º ao 9º ano	Não	Não
Kayapó	Ngoiamroti	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Ngôméiti	Fund. I e II	2º ao 7º ano	Não	Sim
Kayapó	Pinkeitykre	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykakyti	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Pykarãrãnkre	Fund. I e II	1º ao 8º ano	Não	Sim
Kayapó	Pykatum	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Pykatykre	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.

Kayapó	Rikaró	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Tépdjâti	Fund. I e II	1º ao 6º ano	Não	Sim
Kayapó	Bananal	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Gorotire	Ed. Infantil, Fund. I e II, Ens. Médio	Pré ao 9º ano, 1º ao 3º ano Ens. Médio	Sim	Não
Kayapó	Juari (Piokrótikô/)	Ed. Infantil e Fund. I e II	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Kikretum	Ed. Infantil e Fund. I e II	1º ao 9º ano	Não	Sim
Kayapó	Kokokuedjã	Fund. I	1º ao 5º ano	Não	Sim
Kayapó	Krãnhkrô	Fund. I e II	1º ao 9º ano	Não	Sim
Kayapó	Kriny	Ed. Infantil, Fundamental I	Pré ao 9º ano	Sim	Sim
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moidjam	Fund. I e II	1º ao 9º ano	Não	Sim
Kayapó	Momokre	Ed. Infantil e Fund. I	s.i.	Não	s.i.
Kayapó	Mutum	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Nhoimudjare	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pidjokore	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykatô	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pyuredjan	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tantanjere	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tepore	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Turedjam	Ed. Infantil e Fund. I e II	1º ao 9º ano	Não	Sim
Las Casas	Kapran Krére	Ed. Infantil e Fund. I	1º ao 5º ano	Sim	Não
Las Casas	Ronekore	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	Ed. Infantil e Fund. I	1º ao 5º ano	Sim	Sim
Las Casas	Arawá	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.

Menkragnoti	Jabui	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kâkakuben	Fundamental	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Karema	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kendjam	Fund. I e II	2º ao 6º ano	Não	Não
Menkragnoti	Kawatum	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Krimex	Ed. Infantil e Fund. I e II	Pré e 9º anos	Sim	Sim
Menkragnoti	Kubenkokre	Ed. Infantil, Fund. I e II, Ens. Médio	JD ao 9º ano, 1º ao 3º ano Ens. Médio	Sim	Sim
Menkragnoti	Mekrâgnoti	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pykany	Ed. Infantil, Fund. I e II	JD ao 9º ano	Sim	Sim
Menkragnoti	Pykatokti	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	Ed. Infantil e Fund. I e II	Pré e 9º anos	Sim	Sim
Menkragnoti	Koróróti	Ed. Infantil e Fund. I e II	Pré e 9º anos	Sim	s.i.
Menkragnoti	Mokrore	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Omeikrankum	Ed. Infantil e Fund. I e II	Pré e 9º anos	Sim	s.i.

Na maioria das escolas, as turmas são multisseriadas em cada ciclo (Tabela 25). O número de alunos matriculados varia de 8 a 408, dependendo do tamanho da aldeia (Tabela 26). O número total de alunos Kayapó na escola representa, no mínimo, 34% da população total das seis TIs Kayapó, chegando a aproximadamente 49% na TI Badjonkôre (algumas escolas não forneceram esta informação e, portanto, este valor é subestimado; Tabela 27). O número total de meninas matriculadas nas escolas é 13,9% menor do que o de meninos para todas as TIs juntas, padrão semelhante ao das outras TIs para as quais se tem informações (Tabela 26 e 27).

Tabela 26. Número total de alunos e número de alunos do sexo masculino e feminino nas escolas das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas e Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Nº total de alunos	Nº de alunos do sexo masculino	Nº de alunos do sexo feminino
Badjonkôre	Krãnhanpare	68	s.i.	s.i.
Baú	Baú	43	24	19
Baú	Kamaú	93	46	47
Baú	Kamũre	n.a.	n.a.	n.a.
Baú	Krambãri	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Bytire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Jatobá	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kenpó	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	150	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Krétire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kromare	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	More	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	70	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Ropni/ Metuktire	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	A'Ukre	135	69	66
Kayapó	Apeiti	69	32	37
Kayapó	Kawatire	20	s.i.	s.i.
Kayapó	Kedjerekrãn	36	23	13
Kayapó	Kokraimoro	259	140	119
Kayapó	Krãtyxkrere	12	6	6
Kayapó	Kremáiti	17	12	5
Kayapó	Krimejny	21	s.i.	s.i.
Kayapó	Krwanhõngô	41	20	21
Kayapó	Kubenrankei	86	44	42
Kayapó	Moikarakô	222	90	132
Kayapó	Ngoiamroti	15	4	11
Kayapó	Ngôméiti	66	44	22
Kayapó	Pinkeitykre	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykakyti	20	9	11
Kayapó	Pykarãrãnkre	71	40	31
Kayapó	Pykatum	26	9	17
Kayapó	Pykatykre	s.i.	s.i.	s.i.

Kayapó	Rikaró	27	11	16
Kayapó	Tépdjâti	56	32	24
Kayapó	Bananal	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Gorotire	408	s.i.	s.i.
Kayapó	Juari (Piokrótikô)	11	8	3
Kayapó	Kikretum	135	79	56
Kayapó	Kokokuedjã	14	7	7
Kayapó	Krãnhkrô	79	56	23
Kayapó	Kriny	92	48	44
Kayapó	Ladeira (Motukore)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moidjam	41	30	11
Kayapó	Momokre	52	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Nhoimudjare	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pidjokore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykatô	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pyuredjan	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tantanjere	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tepore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Turedjam	127	79	48
Las Casas	Kapran Krére	28	s.i.	s.i.
Las Casas	Ronekore	n.a.	n.a.	n.a.
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	62	s.i.	s.i.
Las Casas	Arawá	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Jabui	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Kâkakuben	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Karema	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kendjam	123	67	56
Menkragnoti	Kawatum	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Krimex	22	9	13
Menkragnoti	Kubenkokre	147	82	65
Menkragnoti	Mekrãgnoti	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pykany	56	33	23
Menkragnoti	Pykatokti	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	40	19	21

Menkragnoti	Koróróti	37	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Mokrore	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Omeikrankum	8	s.i.	s.i.

Tabela 27. Proporção de alunos matriculados em escolas em relação à população total das Terras Indígenas, comparação entre o número de alunos matriculados do sexo masculino e feminino, número de alunos por professor, comparação entre o número de professores indígenas e não indígenas, e professor protagonista nas escolas das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas e Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT 2018.

Terra Indígena	% de alunos em relação à população total	Comparação entre o Nº de alunos do sexo masculino e feminino	Nº de alunos por professor	Comparação entre o Nº de professores indígenas e não indígenas	Professor protagonista na escola
Badjonkôre	48,6	s.i.	17,0	Número igual de professores indígenas e não indígenas	s.i.
Baú	35,6	5,7% mais meninos	27,2	33,3% mais professores indígenas	100% prof. ind.
Capoto/Jarina	14,2	s.i.	12,2	Somente professores indígenas	100% prof. ind.
Kayapó	42,9	14,2% mais meninos	19,3	16,4% mais professores não indígenas	8% prof. Ind. 54% prof. não ind. 38% ambos
Las Casas	22,6	s.i.	15,0	50% mais professores indígenas	100% prof. não ind.
Menkragnoti	25,4	15,2% mais meninos	15,0	Somente professores indígenas*	100% prof. ind.
Total	33,7	13,9% mais meninos	21,0	17,3% mais professores indígenas	21% prof. ind. 49% prof. não ind. 30% ambos

O número de professores atuando nas aldeias varia de 1 (nas escolas menores) a 15 na maior escola, localizada na aldeia Gorotire, TI Kayapó (Tabela 28). O número total de professores nas escolas Kayapós é de 148, o que representa 1 professor para cada 21 alunos matriculados. A TI Capoto/Jarina é a que possui mais professores por aluno (1 para cada 12,2 alunos), enquanto a TI Baú é a que possui menos professores (1 para cada 27,2 alunos; Tabela 27). Do total de professores, 81 (54,7%) são indígenas e 67 (45,3%) são não indígenas. As TIs Capoto/Jarina e Menkragnoti (atendidas pela SEDUC MT) possuem apenas professores indígenas atuando nas escolas, enquanto as escolas nas outras TIs (que são atendidas pelos municípios e Estado paraenses) possuem tanto professores indígenas quanto não indígenas. De maneira geral há mais professores indígenas, entretanto, estes são os principais protagonistas em apenas 21% das escolas no total das TIs, sendo que nas TIs Baú, Capoto/Jarina e Menkragnoti os professores indígenas são os principais protagonistas em 100% das escolas (Tabela 27).

Tabela 28. Número de professores indígenas e não indígenas e professor protagonista nas escolas nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas e Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Nº de professores indígenas	Nº de professores não indígenas	Professor protagonista na escola
Badjonkôre	Krânhanpare	2	2	s.i.
Baú	Baú	1	1	s.i.
Baú	Kamaú	1	1	s.i.
Baú	Kamüre	n.a.	n.a.	n.a.
Baú	Krambãri	1	0	Professor indígena
Capoto/Jarina	Bytire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Jatobá	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kâkakuben	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kenpó	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	10	0	Professor indígena
Capoto/Jarina	Krétire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kromare	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	More	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	8	0	Professor indígena
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Ropni/ Metuktire	s.i.	s.i.	s.i.

Kayapó	A'Ukre	2	2	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Apeiti	2	3	Professor não indígena
Kayapó	Kawatire	2	1	Professor não indígena
Kayapó	Kedjerekrän	2	2	Professor não indígena
Kayapó	Kokraimoro	5	5	Professor não indígena
Kayapó	Krätýxkrere	0	1	Professor indígena
Kayapó	Kremáiti	1	1	Professor indígena
Kayapó	Krimejny	1	1	Professor não indígena
Kayapó	Krwanhôngô	1	1	Professor não indígena
Kayapó	Kubenkrankei	2	2	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Moikarakô	4	4	Professor não indígena
Kayapó	Ngoiamroti	1	1	Professor não indígena
Kayapó	Ngôméiti	2	2	Professor não indígena
Kayapó	Pinkeitykre	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykakyti	1	1	Professor não indígena
Kayapó	Pykaräränkre	2	2	Professor não indígena
Kayapó	Pykatum	2	2	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Pykatykre	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	1	1	Professor não indígena
Kayapó	Tépdjâti	2	2	Professor não indígena
Kayapó	Bananal	n.a.	n.a.	n.a.

Kayapó	Gorotire	3	12	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Juari (Piokrótikô)	1	1	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Kikretum	2	2	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Kokokuedjã	1	1	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Krãnhkrô	2	2	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Kriny	2	2	Professor não indígena
Kayapó	Ladeira (Motukore)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moidjam	2	2	Ambos - professor indígena e não indígena
Kayapó	Momokre	2	2	
Kayapó	Mutum	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Nhoimudjare	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pidjokore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykatô	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pyuredjan	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tantanjere	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tepore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Turedjam	3	3	Ambos - professor indígena e não indígena
Las Casas	Kapran Krére	2	1	Professor não indígena
Las Casas	Ronekore	n.a.	n.a.	n.a.

Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	2	1	Professor não indígena
Las Casas	Arawá	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Karema	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kendjam	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Jabui	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kawatum	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Krimex	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Kubenkokre	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Mekrãgnoti	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pykany	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Pykatokti	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Koróróti	2	0	Professor indígena
Menkragnoti	Mokrore	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Omeikrankum	1	0	Professor indígena

No geral, os indicadores de educação das escolas vinculadas a secretarias do Estado e municipais do MT se encontram em melhor situação do que os indicadores para escolas vinculadas ao Estado e Municípios do PA. Nas escolas do MT, há somente professores indígenas, o número total de professores por comunidade é maior (5,3 no MT x 3,8 no PA), há menos alunos por professor (12,6 no MT x 18,4 no PA) e o número de alunos por turma é menor (18,3 no MT x 36,1 no PA). Todos os valores se mantêm próximos aos de 2013, com exceção do número médio de alunos por turma, que cresceu de 22,9 para 36,1 nas aldeias do Pará. (Figura 15)

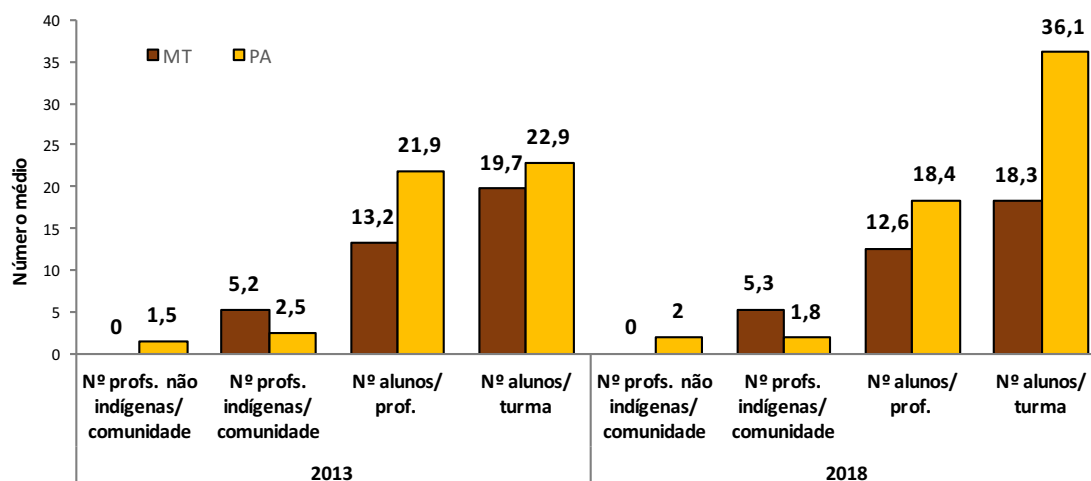


Figura 15. Número médio de professores indígenas e não indígenas, número de alunos por professor e número de alunos por turma, nas escolas Kayapó localizadas no Estado do Mato Grosso e no Estado Pará nos anos de 2013 e 2018. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas e Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT 2013 e 2018.

No que se refere à infraestrutura escolar, mais da metade (53%) das escolas possui estrutura física considerada de ruim a muito ruim. Em diversas aldeias, especialmente aldeias novas, as aulas são conduzidas em locais improvisados, por vezes em casas feitas de palha. Apenas 42% das escolas possuem estrutura física considerada de boa a muito boa. A qualidade dos materiais utilizados na escola é considerada de média (36%) a boa (59%) para a maioria das aldeias para as quais se tem informações. Apenas três escolas possuem biblioteca em todas as TIs Kayapó e em apenas uma há internet. (Tabela 29)

Tabela 29. Infraestrutura escolar: qualidade da estrutura física, qualidade dos materiais de ensino/equipamentos utilizados, existência de biblioteca e acesso à internet nas escolas das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas, Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT, Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Qualidade da estrutura física da escola	Qualidade dos materiais de ensino /equipamentos utilizados na escola	Existência de biblioteca na escola	Acesso à internet na escola
Badjonkôre	Krânhanpare	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Baú	Boa	s.i.	s.i.	s.i.

Baú	Kamaú	Boa	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Kamüre	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Baú	Krambàri	Muito ruim	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Bytire	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Jatobá	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kenpó	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Muito ruim	Bom	Não	Não
Capoto/Jarina	Krétire	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kromare	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	More	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	Médio	Médio	Não	Não
Capoto/Jarina	Pykatäkwyry	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Ropni/ Metuktire	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	A'Ukre	Ruim	Médio	Não	Não
Kayapó	Apeiti	Muito boa	Bom	Não	Sim
Kayapó	Kawatire	Muito ruim	Bom	Não	Não
Kayapó	Kedjerekrân	Muito ruim	Bom	Não	Não
Kayapó	Kokraimoro	Muito boa	Bom	Sim	Não
Kayapó	Krätÿxkrere*	Muito ruim	Bom	Não	Não
Kayapó	Kremáiti*	Boa	Bom	Não	Não
Kayapó	Krimejny*	Muito boa	Bom	Não	Não
Kayapó	Krwanhôngô*	Ruim	Bom	Não	Não
Kayapó	Kubenkrankai	Ruim	Médio	Não	Não
Kayapó	Moikarakô	Boa	Bom	Sim	Não
Kayapó	Ngoiamroti*	Muito ruim	Bom	Não	Não
Kayapó	Ngôméiti	Muito boa	Bom	Não	Não
Kayapó	Pinkeitykre*	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykakyti*	Ruim	Bom	Não	Não
Kayapó	Pykarãrãnkre	Boa	Bom	Sim	Não
Kayapó	Pykatum*	Ruim	Médio	Não	Não
Kayapó	Pykatykre*	Ruim	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Boa	Bom	Não	Não
Kayapó	Tépdjâti	Boa	Bom	Não	Não
Kayapó	Bananal*	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Gorotire	Muito boa	Bom	Sim	Não
Kayapó	Juari (Piokrótikô)	Ruim	Médio	Não	Não

Kayapó	Kikretum	Médio	Médio	Não	Não
Kayapó	Kokokuedjá	Ruim	Médio	Não	Não
Kayapó	Krãnhkrô	Ruim	Médio	Não	Não
Kayapó	Kriny	Boa	Médio	Não	Não
Kayapó	Ladeira (Motukore)	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moidjam	Ruim	Médio	Não	Não
Kayapó	Momokre	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Nhoimudjare	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pidjokore	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykatô	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pyuredjan*	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Rokrore	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tantanjere	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tepore	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Turedjam	Boa	Médio	Não	Não
Las Casas	Kapran Krére	Muito ruim	Muito ruim	Não	Não
Las Casas	Ronekore	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Las Casas	Tekrejaroti-re	Boa	Médio	Não	Não
Las Casas	Arawá	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Jabui	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Kâkakuben	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Karema	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kendjam	Médio	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Kawatum	Ruim	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Krimex	Ruim	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Kubenkokre	Boa	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Mekrãgnoti	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pykany	Boa	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Pykatokti	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	Ruim	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Koróróti	Ruim	Bom	s.i.	Não
Menkragnoti	Mokrore	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Omeikrankum	Ruim	Bom	s.i.	Não

Quanto à alimentação escolar, com exceção da escola na aldeia Piaraçu (TI Capoto/Jarina), em todas escolas é oferecida merenda diariamente. Para as aldeias da TI Kayapó e para a aldeia Piaraçu, os alimentos que compoem a merenda escolar são provenientes exclusivamente da cidade. Já para as escolas da TI Menkragnoti para as quais há informações, a merenda é composta por aproximadamente metade de alimentos vinda da cidade e metade proveniente das próprias aldeias.

O PAA (Lei 10.696/2003) possui como finalidade promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar, por meio da compra de alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, e destinação dos mesmos às escolas públicas, entre outros fins. O orçamento do PAA é composto por recursos do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Já o PNAE (Lei nº 11.947/2009) determina que no mínimo 30% da alimentação escolar deve ser proveniente de agricultura familiar, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais indígenas. Atualmente, nenhuma escola Kayapó é atendida pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e/ou Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), programas do governo que incentivam a aquisição de alimentos locais pelas escolas. Apenas São Felix do Xingu executou durante algum tempo o PNAE, com apoio da AFP. (Tabela 30)

Tabela 30. Alimentação escolar: oferecimento de merenda diária, presença de alimentos da culinária indígena na merenda escolar e escola atendida pelo PNAE e/ou PAA, nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas e Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Oferecimento de merenda escolar diária	Presença de alimentos da culinária indígena na merenda escolar	Escola atendida pelo PNAE e/ou PAA
Badjonkôre	Krãnhanpare	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Baú	s.i.	s.i.	Não
Baú	Kamaú	s.i.	s.i.	Não
Baú	Kamũre	n.a.	n.a.	n.a.
Baú	Krambãri	s.i.	s.i.	Não
Capoto/Jarina	Bytire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Jatobá	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kenpó	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não

Capoto/Jarina	Krétire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kromare	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	More	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Piaraçu	Às vezes	Maioria dos alimentos vindos da cidade	Não
Capoto/Jarina	Pykatākwyry	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Ropni/ Metuktire	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	A'Ukre	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Apeiti	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kawatire	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kedjerekrân	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kokraimoro	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Krätÿxkrere	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kremáiti	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Krimejny	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Krwanhôngô	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kubenkrankei	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Moikarakô	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Ngoiamroti	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Ngôméiti	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Pinkeitykre	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykakyti	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Pykarārânkre	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não

Kayapó	Pykatum	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Pykatykre	s.i.	s.i.	Não
Kayapó	Rikaró	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Tépdjâti	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Bananal	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Gorotire	Sim	Não informado	Não
Kayapó	Juari (Piokrótikô)	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kikretum	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kokokuedjã	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Krãnhkrô	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Kriny	Sim	Somente alimentos vindos da aldeia	Não
Kayapó	Ladeira (Motukore)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moidjam	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Kayapó	Momokre	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Nhoimudjare	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pidjokore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykatô	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pyuredjan	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tantanjere	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tepore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Turedjam	Sim	Somente alimentos vindos da cidade	Não
Las Casas	Kapran Krére	Sim	Não	Não
Las Casas	Ronekore	n.a.	n.a.	n.a.
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	Sim	Não	Não
Las Casas	Arawá	n.a.	n.a.	n.a.

Menkragnoti	Jabui	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Kâkakuben	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Karema	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kendjam	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Kawatum	s.i.	s.i.	Não
Menkragnoti	Krimex	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Kubenkokre	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Mekrãgnoti	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pykany	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Pykatokti	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Koróróti	Sim	Metade dos alimentos vindos da cidade	Não
Menkragnoti	Mokrore	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Omeikrankum	Sim	Metade dos alimentos vindos da cidade	Não informado

Qualidade do ensino, considerando as especificidades da educação indígena

As línguas mais utilizadas na maioria das escolas são Português e Kayapó igualmente (86%), sendo a língua Kayapó a mais utilizada apenas em três escolas para as quais foram fornecidas informações (Tabelas 31 e 32).

Tabela 31. Língua mais utilizada na escola, existência de currículo específico para o povo Kayapó e utilização de livros e/ou materiais didáticos em Kayapó nas escolas localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas e Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT 2018.

Terra Indígena	Língua utilizada na escola	Existência de currículo específico para o povo Kayapó	Utilização de livros/materiais didáticos em Kayapó
Badjonkôre	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	50% Kayapó 50% ambas	100% Sim	50% Sim 50% Não

Kayapó	8% Kayapó 8% Português 84% ambas	35% Sim 65% Não	9% Sim 91% Não
Las Casas	100% ambas	100% Não	100% Não
Menkragnoti	100% ambas	s.i.	100% Não
Total	8% Kayapó 6% Português 86% ambas	34% Sim 66% Não	10% Sim 90% Não

Houve uma recorrência significativa de respostas “não” para os indicadores: Existência de currículo específico Kayapó (66% não possuem) e Utilização de livros/materiais didáticos em Kayapó (90% não utilizam; Tabelas 31 e 32). Deve-se ressaltar que o número de secretarias que forneceram essa informação é muito pequeno, assim esses valores são imprecisos. As secretarias de educação responsáveis pelas escolas das TIs Capoto/Jarina e Kayapó foram as únicas que expressaram conhecimento sobre o currículo específico e utilização de livros/materiais didáticos em Kayapó nas escolas, justamente as mesmas que declararam o maior uso da língua Kayapó nas práticas escolares. Porém, na prática, na maioria das escolas indígenas o currículo é uma cópia do currículo das escolas municipais.

No que se refere ao material didático específico para o povo Kayapó e em sua língua, além das publicações já existentes anteriormente (publicações desenvolvidas ao longo do curso de formação de professores Kayapó e Tapayuna, pela FUNAI e Associação Ipren-re, em 1997, e as cartilhas Kayapó “*Me ba nhõ pi’ôk*”, realizadas em colaboração em um seminário de educação promovido pela FUNAI, Associação Internacional de Linguística e Missão Cristã Evangélica do Brasil), a AFP desenvolveu em 2015, com recursos da Eletrobrás e do PBA Onça Puma (ver seção 3.1.11), um livro de alfabetização na língua Mëbêngôkre – *Mëbêngôkre kabên mari kadjy ‘ã pi’ôk nê ja* (Figura 16). Outros livros, para ensino de Português e saúde, encontram-se em fase de produção. Entretanto, segundo informações fornecidas pelas secretarias da educação, esses materiais ainda são pouco utilizados nas escolas.



Figura 16. Livro de alfabetização na língua Mëbêngôkre – *Mëbêngôkre kabën mari kadjy 'ã pi'ôk nẽ ja*. (Kayapó et al. 2015, Associação Floresta Protegida).

Apenas 18 escolas (24%) possuem Projeto Político Pedagógico (PPP), segundo informações fornecidas pelas secretarias, sendo que participaram da sua formulação professores indígenas, profissionais da educação e a comunidade.

Segundo as secretarias de educação, a maioria das escolas valorizam os mais velhos da comunidade indígena na educação e formação dos mais jovens, respeitando as tradições da cultura nas atividades escolares, bem como nas reuniões realizadas na escola. Porém, a SEDUC-PA salientou que falta sistematizar essas ações, sendo esta a realidade da maioria das escolas. Apenas uma secretaria (SEDUC-MT) mencionou que nas atividades escolares os mais velhos da comunidade são trazidos para ensinar nas escolas, e isso ocorre através de palestras e rodas de conversa com os estudantes, nas quais os mais velhos contam aos jovens sobre a importância dos povos ancestrais e das suas histórias, constituindo um importante espaço de formação de autonomia na transmissão dos conhecimentos indígenas. Diante disso, ficou evidente que o estado do Mato Grosso avançou mais do que o Pará em mais esse aspecto da educação escolar indígena. Verificou-se também, que as escolas da TI Las Casas, que ministram os conhecimentos culturais indígenas como conteúdos transversais, não desenvolvem atividades que valorizam os mais velhos na comunidade; isso reforça a importância de realizar atividades voltadas diretamente à valorização da cultura/tradição na escola, inclusive, para maior participação dos mais velhos (mestres da tradição oral, lideranças indígenas e/ou pajés) na formação dos jovens.

Embora todas as secretarias de educação que disponibilizaram informações tenham afirmado que são valorizados os conhecimentos tradicionais/culturais Kayapós nas práticas pedagógicas escolares, seja trabalhando a cultura indígena em atividades, relacionadas as culturas artesanais, aulas conduzidas na língua materna por professores indígenas, ou através de conteúdos transversais, a maioria das secretarias não mencionou a existência de projetos/programas especificamente direcionados à valorização da tradição/cultura indígena na escola, com exceção das secretarias de São Félix do Xingu-PA e a SEDUC-MT. A primeira não especificou o programa e a segunda citou o programa "Saberes Indígenas na Escola", através do qual professores foram contratados. Esta é uma política de formação de professores da educação escolar indígena, gerida pela SECADI/MEC que busca promover a formação continuada intercultural, bilíngue (ou multilíngue) em letramento e numeramento em línguas indígenas e em português, conhecimentos e artes verbais indígenas, bem como das especificidades da organização comunitária indígena; sendo ministrado por instituições de ensino superior (IES) em parceria com estados e municípios, neste caso, parceria entre UFMT e SEDUC-MT.

Tabela 32. Língua utilizada na escola, existência de currículo específico para o povo Kayapó e utilização de livros e/ou materiais didáticos em Kayapó nas escolas localizadas nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Secretarias Municipais de Educação dos municípios nos quais as TIs Kayapó estão inseridas e Secretarias Estaduais de Educação do PA e MT 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Língua utilizada na escola	Existência de currículo específico para o povo Kayapó	Utilização de livros/materiais didáticos em Kayapó
Badjonkôre	Krânhanpare	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Baú	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Kamaú	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Kamüre	n.a.	n.a.	n.a.
Baú	Krambàri	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Bytire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Jatobá	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kenpó	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Mais Kayapó	s.i.	Não
Capoto/Jarina	Krétire	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Kromare	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	More	n.a.	n.a.	n.a.

Capoto/Jarina	Piaraçu	Português e Kayapó igualmente	Não	Sim
Capoto/Jarina	Pykatākwyry	s.i.	s.i.	s.i.
Capoto/Jarina	Ropni/ Metuktire	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	A'Ukre	Português e Kayapó igualmente	Sim	Não
Kayapó	Apeiti	Português e Kayapó igualmente	Não	Não
Kayapó	Kawatire	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Kedjerekrân	Português e Kayapó igualmente	Não	Não
Kayapó	Kokraimoro	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	Mais Kayapó	Não	s.i.
Kayapó	Kremáiti	Mais Kayapó	Não	s.i.
Kayapó	Krimejny	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Krwanhõngô	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Kubenrankei	Português e Kayapó igualmente	Sim	s.i.
Kayapó	Moikarakô	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Ngôméiti	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.

Kayapó	Pinkeitykre	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykakyti	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Pykarãrãnkre	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Pykatum	Portugues e Kayapó igualmente	Sim	s.i.
Kayapó	Pykatykre	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	Português e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Kayapó	Bananal	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Gorotire	Mais Português	Não	Não
Kayapó	Juari (Piokrótikô)	Portugues e Kayapó igualmente	Sim	Não
Kayapó	Kikretum	Portugues e Kayapó igualmente	Sim	Não
Kayapó	Kokokuedjã	Portugues e Kayapó igualmente	Sim	Não
Kayapó	Krãnhkrô	Português e Kayapó igualmente	Sim	Não
Kayapó	Kriny	Mais Português	Não	Sim
Kayapó	Ladeira (Motukore)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moidjam	Português e Kayapó igualmente	Sim	Não
Kayapó	Momokre	n.a.	n.a.	n.a.

Kayapó	Mutum	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ngokongoti-re	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Nhoimudjare	n.a.	n.a.	n.a.
kayapó	Pidjokore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pykatô	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Pyuredjan	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tantanjere	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Tepore	n.a.	n.a.	n.a.
Kayapó	Turedjam	Portugues e Kayapó igualmente	Sim	Não
Las Casas	Kapran Krére	Portugues e Kayapó igualmente	Não	Não
Las Casas	Ronekore	n.a.	n.a.	n.a.
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	Portugues e Kayapó igualmente	Não	s.i.
Las Casas	Arawá	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Jabui	n.a.	n.a.	n.a.
Capoto/Jarina	Kâkakuben	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Karema	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Kendjam	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Kawatum	s.i.	s.i.	Não
Menkragnoti	Krimex	Portugues e Kayapó igualmente	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Kubenkokre			Não
Menkragnoti	Mekrâgnoti	n.a.	n.a.	n.a.
Menkragnoti	Pykany	Portugues e Kayapó igualmente	s.i.	Não
Menkragnoti	Pykatokti	n.a.	s.i.	n.a.
Menkragnoti	Pyngrajtire	Portugues e Kayapó igualmente	s.i.	Não

Menkragnoti	Koróróti	Portugues e Kayapó igualmente	s.i.	Não
Menkragnoti	Mokrore	s.i.	s.i.	s.i.
Menkragnoti	Omeikrankum	Portugues e Kayapó igualmente	s.i.	Não

Formação de professores

A formação de professores indígenas é essencial tanto para promover uma educação ao mesmo tempo qualificada e que respeite as especificidades culturais de cada povo, quanto para empoderar os próprios indígenas para a condução de processos educativos em suas comunidades.

Os cursos de formação específica para professores indígenas que atendem atualmente estudantes Kayapós são: 1. Magistério Intercultural Indígena ou Licenciatura em Normal Superior Indígena, que habilita o profissional indígena na área da Pedagogia para lecionar nos anos iniciais; 2. Licenciatura Intercultural Indígena, na qual o estudante geralmente pode escolher entre as habilitações Línguas, Artes e Literaturas, Ciências Sociais, Matemática e Ciências da Natureza ou Licenciatura em Pedagogia. Entre eles estão os cursos de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará (Uepa) e da Universidade do Estado de MT (Unemat), embora este último tenha se enfraquecido no último ano; e a Licenciatura para professores indígenas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade Federal de Goiás (UFG).

Recentemente, o curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará (Uepa), vinculado ao Núcleo de Formação Indígena (Nufi), formou a primeira turma da etnia Kayapó. Dezesesseis professores Kayapó receberam o título de licenciados pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor). No final de 2018, a Escola Estadual Indígena Bepkororoti, MT, com apoio do Instituto Raoni, também formou 138 indígenas na modalidade de Ensino Médio Magistério Intercultural e Curso Profissionalizante EMIEP – Agroecologia, oferecida pela Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer (Seduc-MT). Em 2018, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) também aprovou a implantação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Escolar Indígena, em nível de Mestrado, na UEPA em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) e da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

Existem ainda processos de formação continuada para os professores que estão no exercício do magistério. Destas formações, as que atendem educadores Kayapó, mesmo não sendo específicas para professores indígenas, são: 1. A “Jornada Pedagógica Municipal”; 2. O Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e; 3. O Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso (CEFAPRO). A primeira busca atender os professores das escolas da Secretaria Municipal de Educação de Ourilândia do Norte - PA. O segundo é vinculado ao MEC e busca promover a formação continuada de professores alfabetizadores no Brasil, junto aos estados e municípios. Atende, por exemplo, os educadores da aldeia Gorotire, da TI Kayapó, cuja escola está vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Cumaru do Norte e SEDUC-PA. O terceiro tem como finalidade a formação continuada dos profissionais da educação básica do estado do Mato Grosso e atende, entre outros, os educadores da aldeia Piaraçu, da TI Capoto/Jarina, cuja escola está vinculada à SEDUC-MT.

Atualmente vêm sendo implementado pela AFP um curso de formação complementar de professores Kayapó, no âmbito do Componente Indígena do PBA (Projeto Básico Ambiental) do empreendimento Onça Puma/Vale (mais informações na seção 3.1.11), composto por módulos anuais intensivos de formação (de 2 a 3 semanas cada), associados à produção de materiais didáticos na língua Mëbêngôkre e a visitas de acompanhamento pedagógico profissional dos professores em suas aldeias.

Território Etnoeducacional (TEE) Pykakwatynhre

Segundo o Decreto 6.861/ 2009, a educação escolar indígena deve ser organizada a partir da territorialidade dos povos indígenas e de planos de ação pactuados no âmbito de cada TEE. A criação dos TEEs tem como objetivo apoiar a implementação, avaliação e o enraizamento da Política de Educação Escolar Indígena, levando em consideração a territorialidade das etnias, a participação indígena e a articulação entre os órgãos públicos.

As TIs Badjonkôre, Baú, Kayapó, Kayapó e Menkragnoti, juntamente com a TI Xikrin do Cateté, fazem parte do Território Etnoeducacional (TEE) Pykakwatynhre. As discussões sobre o TEE foram iniciadas junto aos Kayapó em 2009 e em 2011 foi estabelecido o comitê gestor do TEE Pykakwatynhre, composto por representantes governamentais, de instituições de ensino e pesquisa, da sociedade civil e das comunidades Kayapó e Xikrin que fazer parte do TEE. Desde então foi realizada ao menos uma reunião em 2013 do comitê gestor do TEE Pykakwatynhre para elaboração do Plano de Ação.

Percepção dos Kayapó sobre a Educação

Dos Kayapó entrevistados, 43% consideram a qualidade da educação escolar nas aldeias média e 32% consideram a mesma boa. Apenas 4% consideram a educação péssima, valor menor do que em 2013 (aprox. 15%). No entanto, em 2018 nenhum Kayapo considerou a qualidade da educação das aldeias muito boa, valor menor do que em 2013 (7,7%; Figura 17).

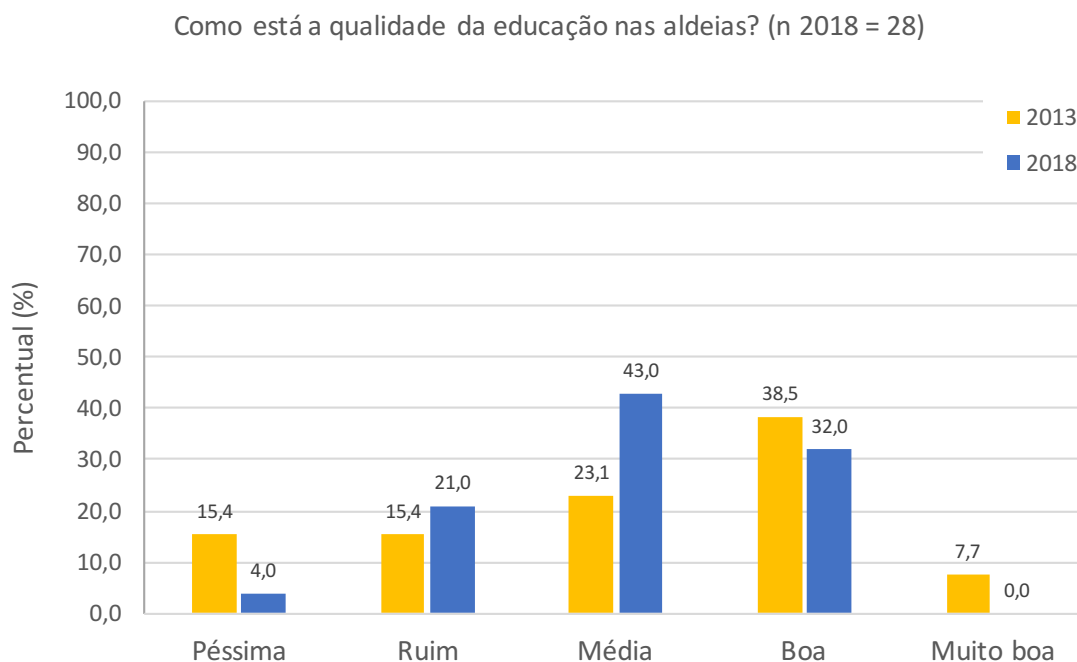


Figura 17. Opinião dos Kayapó sobre a qualidade da educação nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema Educação

Uma síntese dos principais problemas existentes na educação indígena nas aldeias relatados nas entrevistas são: 1) falta de estruturas adequadas para o funcionamento das escolas e alojamento para os professores não indígenas; 2) despreparo dos professores indígenas e não indígenas; 3) ausência de fiscalização por parte das secretarias de educação e da própria comunidade em relação à execução das aulas; 4) ausência de material didático e calendário específico; 5) professores não indígenas consumindo bebidas alcoólicas nas aldeias; 6) ausência de critérios técnicos para os funcionários indicados pelos caciques; 7) cisão das aldeias, gerando

uma dificuldade extra em atender a demanda crescente; 8) aumento dos alunos nas cidades e diminuição do número de alunos nas escolas nas aldeias.

Dentre as questões relatadas acima as de maior destaque no momento são: 1) o surgimento de novas aldeias que exigem a implantação de escolas e 2) o aumento da quantidade de alunos matriculados nas escolas das cidades, com alto índice de reprovação e evasão.

O aumento no número de aldeias e o fluxo intenso de alunos entre as escolas da cidade e das aldeias gera um grande impacto no planejamento e na gestão das secretarias de educação. Os relatos mais frequentes mencionam o fato dos alunos se matricularem em diferentes escolas no mesmo ano letivo e a criação de salas anexas a uma escola pré-existente quando ocorre o surgimento de uma nova aldeia. Essas informações só podem ser inseridas no sistema das secretarias de educação no próximo ano letivo, ou seja, o planejamento e a execução das ações em relação a merendas escolares, quantidade de professores e logística se tornam inconsistentes, pois só é possível formalizar as mudanças e adaptar o planejamento e a execução no orçamento do próximo ano.

"Esse ano mesmo já houve mais duas divisões de aldeias, e eles exigem escolas nessas aldeias, e isso dificulta, porque não tem como abrir processo no meio do ano. Não tenho como começar aula a qualquer momento. Eu tenho uma lei que diz quando posso fazer matrícula, de que forma. relatei aqui por exemplo: construímos uma escola na aldeia e de repente eles deixam a aldeia. Deixa toda a estrutura e se mudam para outro local e querem uma outra escola agora."

Apesar dos indígenas afirmarem que os jovens se mudam para a cidade em busca de uma educação melhor, o índice de reprovação, evasão e desinteresse é muito alto na visão dos professores. O desconhecimento da língua portuguesa, as viagens constantes para as festas tradicionais e o desinteresse dos jovens em frequentar a escola são os principais fatores para justificar essa situação.

"O exemplo da Moikarakô, que teve aniversário da aldeia no mês de junho. Em meados de maio as famílias voltaram para aldeia para a festa, e só retornaram em agosto para a cidade. Veja o que complica a educação escolar regular aqui da zona urbana, com a educação escolar indígena dentro da aldeia. Porque na aldeia, a escola ficou sem aula, mas tinha envolvimento da escola nas atividades, mas não tinha aula formal. Mas os indígenas que estudam na zona urbana tiveram aula."

Em um caso limite foi relatada a ocorrência de uma turma que iniciou o ano letivo com 60 alunos indígenas e terminou com apenas 1 aluno. As secretarias de educação não sabem como lidar com a situação. Não existe até o momento nenhuma ação específica sendo feita a esse respeito para compreender o fenômeno e preparar professores e gestores para lidarem com a situação.

“Por exemplo, nós temos hoje mais de 140 alunos indígenas na zona urbana. Isso é absurdo, porque a educação escolar indígena tem a característica indígena dentro da aldeia. A mulher indígena não fala português, as meninas vêm para a cidade e estudam numa turma de 30 alunos onde não tem tradutor. Isso tem reduzido nossos índices do IDEB porque na avaliação ela não é aprovada. Mas o principal da educação indígena hoje é o preparo dos indígenas para instruir as crianças.”

“Há uns 3, 4 anos a migração para as cidades cresceu muito. O motivo eu não sei. Porque a gente sente que quando alguém se destaca, o filho do fulano se destacou, então tenho que fazer alguma coisa para os meus filhos também se destacarem. Antigamente, bastava ser um líder na comunidade, lá dentro, e hoje não. Eles querem um líder político, uma pessoa que debate, sabe falar, discutir o assunto. Hoje em dia é computador, não é mais briga com arco e flecha. Aí os pais começam a se empolgar: meu filho tem que ser médico, enfermeiro, dentista, querem ver os filhos se formarem para fazer o trabalho que os brancos estão fazendo na aldeia.”

A mudança de paradigma relatada nesse trecho nos dá alguns indícios do movimento em curso entre muitos Kayapós. A educação deveria ser a ponte a garantir um elo de comunicação e travessia saudável entre o universo Kayapó e o não indígena. No entanto, a educação indígena permanece fragilizada institucionalmente e socialmente. Apesar da existência de um arcabouço teórico e metodológico desenvolvido por educadores e indígenas qualificados, na prática esse conhecimento e essas referências não são aplicados no dia a dia nas escolas do território Kayapó.

“Ainda é um movimento fraco, as escolas ainda são gerenciadas pelos professores não indígenas e os professores Mebêngôkre ainda dispõem de pouco espaço para sua atuação (um ou dois dias por semana). O currículo das escolas não tem nada de diferenciado, sendo que a escola não trabalha com temas significativos para o povo Mebêngôkre, tanto os relacionados aos seus conhecimentos e história, quanto os relacionados ao convívio com a sociedade não indígena, como a prevenção de doenças, a política interna e do Brasil, as leis, o ambiente e o manejo, o que são impactos ambientais e sociais relacionados a projetos econômicos etc. O currículo imposto pelas Secretarias é a cópia do das escolas municipais.”

Pelo contrário, a escola nas aldeias continua se mostrando como uma extensão das escolas na cidade, a tomar como exemplo a adoção do mesmo currículo e formação de professores das escolas municipais. Esta constitui, como vem constituindo há séculos, uma das principais formas de desarticulação cultural dos povos indígenas.

“Escola sempre foi a lança que partiu as comunidades indígenas e ainda é.”

Um fato que merece destaque é o fato de o Território Etnoeducacional Pykakwatynhre ter sido mencionado por apenas uma das 14 secretarias de educação contatadas por nós, apesar de haver sido criado recentemente e ter funcionado por algum tempo. Todas as outras secretarias em que estivemos presentes pessoalmente ou conversamos por email e telefone jamais mencionaram a existência do território etnoeducacional.

A falta de processos formativos adequados para professores indígenas e não indígenas, o desinteresse das equipes de muitas secretarias de educação e as dificuldades operacionais decorrentes do conflito entre a burocracia do Estado e a cultura Kayapó se somam ao fato das comunidades indígenas não terem o conhecimento necessário para fiscalizar a qualidade das aulas e apoiar o processo de construção de uma educação indígena que realmente funcione como um espaço de mediação entre o universo Kayapó e o ocidental. Apesar de haver um engajamento político das lideranças indígenas em nível nacional pela melhoria da qualidade da educação indígena, no nível das aldeias a qualidade dos processos formativos não é pautada de forma adequada pelos professores, caciques ou secretarias de educação de uma forma geral.

“Os professores (indígenas) que são contratados para lecionar nas aldeias, que deveriam ser protagonistas para fortalecimento da educação escolar na comunidade, eu acho que relaxaram. E eles pegaram seus filhos com o salário que têm, colocaram nas cidades para estudar nas escolas que são melhores que na aldeia, enquanto ele tá empurrando com a barriga a educação na aldeia.”

Na maior parte das vezes a relação entre os indígenas e as secretarias de educação é pautada principalmente por questões práticas relacionadas às escolas nas aldeias: merenda, indicação de funcionários e construção de estruturas físicas são normalmente os principais temas em debate. A qualidade do conteúdo e a forma como é transmitido são temas secundários, mencionados normalmente pelos profissionais engajados na melhoria da educação indígena, mesmo porque os próprios indígenas não têm consciência dos seus direitos em receberem uma educação diferenciada.

"Há uma dívida histórica. Não é algo que vai se resolver com uma gestão, duas ou três. É a longo prazo. E não é situação de se resolver só no município, porque a demanda é do Governo do Estado, do Governo Federal, em especial a questão indígena, demanda muito do Governo Federal. Veja a questão da merenda, do atendimento, de infraestrutura. Você faz a escola, mas como faz com os professores? Eu não posso construir uma casa para o professor com recurso da Semed, com Fundeb. Não posso, mas tenho que ter professor lá dentro. Onde você coloca?"

No contexto atual apesar de todos os problemas e desafios relatados, houve avanços em relação ao sistema de educação indígena como um todo. Investir em espaços de formação dos professores Kayapó, conversar mais com a comunidade sobre a escola e a sua função e promover encontros temáticos com as mulheres e jovens são iniciativas que teriam um grande impacto positivo no sistema educacional.

"A gente vê professores defendendo propostas no conselho de saúde, professores acompanhando reuniões com prefeitos, professores ajudando lideranças escrevendo, traduzindo. Então a escola com certeza, desde o projeto de magistério até agora, contribuiu sim com alguma coisa. Mas a gente quer avançar mais, ir mais longe."

A qualidade da escola indígena e o nível de compreensão e apropriação que o povo Kayapó têm em relação às escolas nas aldeias é decisivo para a melhoria de diversos processos que envolvem as comunidades atualmente, desde saúde e manutenção da cultura até processos políticos e territoriais. Existe uma urgência no estabelecimento de instâncias mediadoras entre o universo Kayapó e o universo das cidades e as escolas deveriam ser esse espaço. Porém, no contexto atual, está claro que não serão enquanto os Kayapó não tomarem consciência do papel da escola como elemento de mediação intercultural. Por isso é extremamente necessário que sejam criadas outras instâncias formativas para despertar essa consciência na população Kayapó, para que esta possa exigir do Estado o apoio necessário para uma educação de qualidade adaptada à sua cultura, modos de vida e necessidades diante das transformações sociais que estão vivendo.

3.1.4. Cultura e língua

Apesar da crescente migração de aldeias para as bordas das Terras Indígenas, da intensificação do contato com as cidades e do uso de tecnologias, a cultura Kayapó parece se manter fortalecida. A língua materna (*Mëbêngôkre*) ainda é a mais falada em todas as aldeias (Tabela 33) e o português normalmente é utilizado apenas por homens jovens e adultos, para o contato com

os não indígenas. Apesar da presença de escolas bilíngues nas aldeias nos últimos anos nas TIs Kayapó, as crianças se comunicam em Kayapó e a maioria das mulheres ainda não fala o português. Um fato interessante é que alguns Kayapós têm relatado a perda de expressões utilizadas pelos mais velhos na língua materna (A. Jerozolinski, comunicação pessoal), o que por um lado pode ser um processo natural de transformação da língua, porém por outro pode refletir a perda de vocabulário relacionado a processos e/ou aspectos culturais tradicionais (como por exemplo a perda de termos de parentesco).

Tabela 33. Uso da língua materna, número de festas tradicionais realizadas nos últimos dois anos e quantidade de artesanato confeccionado para uso próprio nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Uso da língua materna na aldeia	Número de festas tradicionais realizadas nos últimos 2 anos	Quantidade de artesanato para uso próprio
Badjonkôre	Krãnhanpare	Muito usada	s.i.	s.i.
Baú	Baú	Muito usada	2	Muito
Baú	Kamaú	Muito usada	5	Muito
Baú	Kamũre	Muito usada	0	Muito
Baú	Krambãri	Muito usada	1	Muito
Capoto/Jarina	Bytire	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	Jatobá	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	Kawêrêtxikô	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	Kenpó	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	Kremoro	Muito usada	5	Muito
Capoto/Jarina	Krétire	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	Kromare	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	More	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	Piaraçu	Muito usada	5	Muito
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Muito usada	0	Muito
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Muito usada	3	Muito
Capoto/Jarina	Waniwani	Muito usada	0	Muito
Kayapó	A'Ukre	Muito usada	5	Muito
Kayapó	Apeiti	Muito usada	1	Muito
Kayapó	Bananal	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Gorotire	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Juari	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Kawatire	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Kedjerekrã	Muito usada	0	Muito

Kayapó	Kikretum	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokokuedjá	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokraimoro	Muito usada	5	Muito
Kayapó	Krãnhkrô	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Kremáiti	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Krimejny	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Kriny	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Krwanhõngô	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Kubenkrankei	Muito usada	3	Muito
Kayapó	Ladeira	Muito usada	s.i.	Muito
Kayapó	Moidjam	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Moikarakô	Muito usada	6	Muito
Kayapó	Momokre	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Ngokongoti-re	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngôméiti	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Nhoimudjare	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Pidjiokore	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Pinkeitykre	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Ponte	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykakyti	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Pykarãrãnkre	Muito usada	2	Muito
Kayapó	Pykatô	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykatum	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Pykatykre	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Pyuredjan	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Muito usada	0	Muito
Kayapó	Rokrore	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Tantanjere	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	Muito usada	1	Muito
Kayapó	Tepore	Muito usada	s.i.	s.i.
Kayapó	Turedjam	Muito usada	s.i.	s.i.
Las Casas	Arawá	Muito usada	s.i.	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	Muito usada	5	Muito
Las Casas	Ronekore	Muito usada	0	Muito
Las Casas	Tekrejaroti-re	Muito usada	4	Muito
Menkragnoti	Jabui	Muito usada	0	Muito

Menkragnoti	Kâkakuben	Muito usada	0	Muito
Menkragnoti	Karema	Muito usada	0	Muito
Menkragnoti	Kawatum	Muito usada	0	Muito
Menkragnoti	Kendjam	Muito usada	2	Muito
Menkragnoti	Koróróti	Muito usada	1	Muito
Menkragnoti	Krimex	Muito usada	1	Muito
Menkragnoti	Kubenkokre	Muito usada	4	Muito
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Muito usada	0	Muito
Menkragnoti	Mokrore	Muito usada	0	Muito
Menkragnoti	Omeikrankum	Muito usada	0	Muito
Menkragnoti	Pykany	Muito usada	3	Muito
Menkragnoti	Pykatoti	Muito usada	0	Muito
Menkragnoti	Pyngrajtire	Muito usada	1	Muito

Todas as aldeias para as quais obtivemos informação têm produzido grande quantidade de artesanato para uso próprio, como pulseiras, braceletes, colares, cocares e outros adereços especialmente para utilização em rituais, mas também no dia a dia, como cestos, bordunas, entre outros (Tabela 33). Este número aumentou em relação a 2013, quando apenas 70% das aldeias produzia muito artesanato, especialmente na TI Baú, que em 2013 produzia pouco artesanato em 100% das aldeias. O aumento do número e alcance de projetos de artesanato e outras alternativas de geração de renda (as quais permitem maior aquisição de miçangas, por exemplo), certamente contribuíram para o aumento da produção de artesanatos tradicionais para uso próprio.

Nos últimos dois anos, houve no mínimo 65 festas tradicionais nas aldeias Kayapó das TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti (Tabela 33), em no mínimo 28% das comunidades Kayapó contempladas (Tabela 34). O número de festas tradicionais foi próximo ao descrito para o ano de 2013, no qual foram realizadas um mínimo de aproximadamente 60 festas, mesmo com o aumento da população e do número de aldeias. No entanto, não foi possível obter informações sobre as festas realizadas em 2017 e 2018 nas aldeias do leste do bloco de TIs Kayapó, o que subestima o número de festas realizadas neste período. Dentre as festas realizadas nos últimos dois anos, as mais comuns são as festas importantes de nomeação *Bemp*, *Menire Biôk*, *Memy biôk*, *Kwirykangô* e *Takâk* (Lea 2012). Algumas festas tradicionais menos comuns, mas que ocorreram no período foram *Bô Kaygó*, *Mewemôro*, *Kadjàtàbore* e *Bay*. Ocorreram também festas não tradicionais Kayapó, as quais foram “importadas” de outros povos, como *Hina Hina*, nas aldeias do oeste do bloco Kayapó, e *Yawarekumã*, na aldeia Trumai Waniwani.

Assim como em 2013, a grande maioria das festas ocorreu em aldeias grandes, enquanto as aldeias menores e mais novas participam das festas nas aldeias-mães ou aldeias grandes próximas a elas (Figura 18). Do total de festas realizadas nos últimos dois anos nas TIs Kayapó, 99% ocorreram em aldeias com mais de 65 habitantes e 91% em aldeias com mais de 100 habitantes, sendo que nestas últimas a média de festas por ano equivale a 3,6 festas/ano. Tradicionalmente, os rituais Kayapó duram de semanas a meses, sendo precedidos por caçadas, pescarias e outras atividades até culminar nos dias finais, onde ocorrem danças, cantos e outros rituais (Fisher 2003). Todas estas atividades normalmente requerem um número mínimo de famílias, ornamentos e esforço, os quais aldeias pequenas não podem prover.

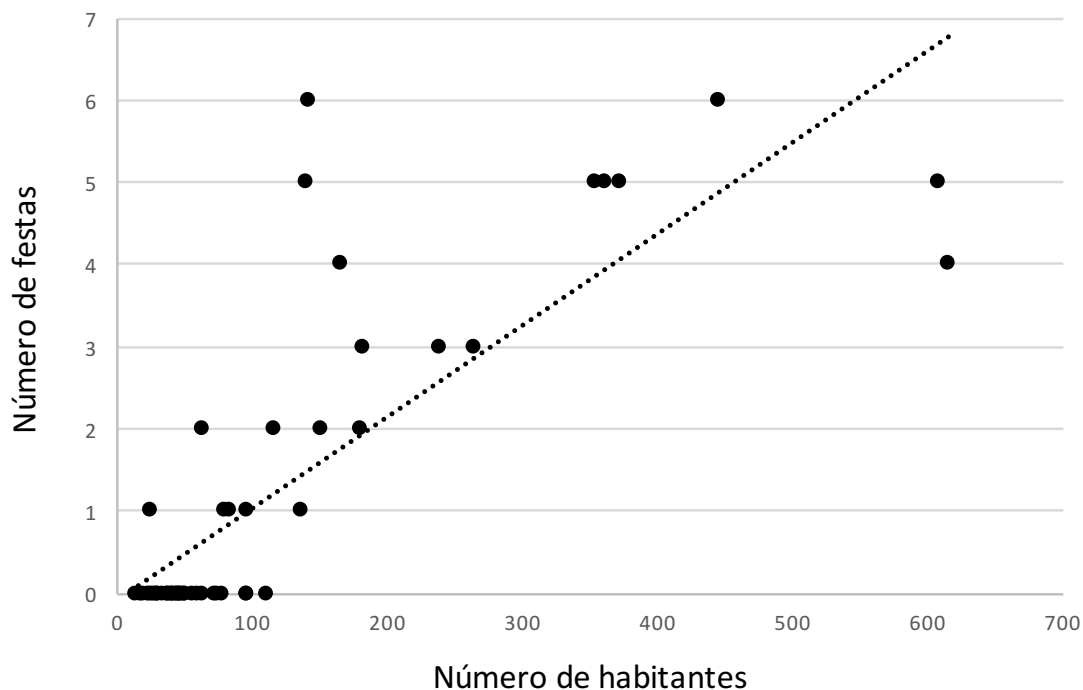


Figura 18. Relação entre a população total das aldeias e o número de festas realizadas, para as aldeias Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Em aproximadamente 63% das aldeias Kayapó há registros impressos ou audiovisuais da cultura material e imaterial, como fotografias e vídeos (tabelas 34 e 35). A Associação Floresta protegida e o Instituto Kabu têm realizado nos últimos anos iniciativas de documentação da cultura material e imaterial, resultando em diversos filmes sobre a cultura Kayapó. Devido a projetos de documentação e capacitação em audiovisual nos últimos anos, hoje cerca de 69% das aldeias

contam com indígenas capacitados para a elaboração de filmes (Tabela 34). Na TI Kayapó foi formado em 2017 um coletivo de 15 cineastas indígenas, o coletivo Beture, o qual tem produzido diversos filmes sobre a cultura material e imaterial Kayapó (S. Giovine, comunicação pessoal). Apesar da formação de cineastas, menos da metade das aldeias (43,1%) contam com equipamentos adequados para registro de sua cultura, como câmeras fotográficas e filmadoras (Tabela 34).

Tabela 34. Número total (mínimo) de festas realizadas nos últimos dois anos, proporção de aldeias com registros da cultura material e imaterial, proporção de aldeias com indígenas capacitados para o registro da cultura e proporção de aldeias com equipamentos adequados para o registro da cultura nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Número de festas	% de aldeias com registros da cultura	% de aldeias com Kayapós capacitados para o registro da cultura	% de aldeias com equipamentos adequados para o registro da cultura
Badjonkôre	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	8	100,0	100,0	100,0
Capoto/Jarina	13	30,0	30,0	0,0
Kayapó	23	65,0	76,2	40,0
Las Casas	9	66,7	100,0	66,7
Menkragnoti	12	71,4	71,4	57,1
TOTAL	65	62,7	69,2	43,1

Tabela 35. Existência de registros da cultura material e imaterial (impressos e audiovisuais), existência de Kayapós capacitados para o registro da cultura e existência de equipamentos adequados para o registro da cultura nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Existência de registros da cultura material e imaterial	Existência de Kayapós capacitados para o registro da cultura	Existência de equipamentos adequados para o registro da cultura
Badjonkôre	Krãhanpare	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Baú	Sim	Sim	Sim
Baú	Kamaú	Sim	Sim	Sim

Baú	Kamüre	Sim	Sim	Sim
Baú	Krambàri	Sim	Sim	Sim
Capoto/Jarina	Bytire	Não	Não	Não
Capoto/Jarina	Jatobá	Não	Não	Não
Capoto/Jarina	Kawêrêtxikô	Sim	Não	Não
Capoto/Jarina	Kenpó	Não	Não	Não
Capoto/Jarina	Kremoro	Sim	Sim	Não
Capoto/Jarina	Krétire	Não	Não	Não
Capoto/Jarina	Kromare	Não	Não	Não
Capoto/Jarina	More	Não	Não	Não
Capoto/Jarina	Piaraçu	Sim	Sim	Não
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Não	Não	Não
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Sim	Sim	Não
Capoto/Jarina	Waniwani	Não	Não	Não
Kayapó	A'Ukre	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Apeiti	Sim	Sim	Não
Kayapó	Bananal	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Gorotire	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Juari	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kawatire	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Kedjerekrân	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Kikretum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokokuedjã	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokraimoro	Sim	Sim	Não
Kayapó	Krãnhkrô	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	Não	Não	Não
Kayapó	Kremáiti	Não	Não	Não
Kayapó	Krimejny	Não	Não	Não
Kayapó	Kriny	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Krwanhôngô	Sim	Sim	Não
Kayapó	Kubenkrankai	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Ladeira	s.i.	Sim	s.i.
Kayapó	Moidjam	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moikarakô	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Momokre	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Sim	Sim	Não
Kayapó	Ngokongoti-re	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngôméiti	Não	Sim	Não

Kayapó	Nhoimudjare	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pidjiokore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pinkeitykre	Não	Sim	Não
Kayapó	Ponte	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykakyti	Não	Não	Não
Kayapó	Pykarārānkre	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Pykatô	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykatum	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Pykatykre	Não	Não	Não
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Sim	Sim	Sim
Kayapó	Rokrore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tantanjere	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	Sim	Sim	Não
Kayapó	Tepore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Turedjam	s.i.	s.i.	s.i.
Las Casas	Arawá	s.i.	s.i.	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	Sim	Sim	Sim
Las Casas	Ronekore	Não	Sim	Não
Las Casas	Tekrejaroti-re	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Jabui	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Kâkakuben	Não	Não	Não
Menkragnoti	Karema	Não	Não	Não
Menkragnoti	Kawatum	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Kendjam	Sim	Sim	Não
Menkragnoti	Koróróti	Sim	Sim	Não
Menkragnoti	Krimex	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Kubenkokre	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Mekrāgnoti	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Mokrore	Não	Não	Não
Menkragnoti	Omeikrankum	Não	Não	Não
Menkragnoti	Pykany	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Pykatoti	Sim	Sim	Sim
Menkragnoti	Pyngrajtire	Sim	Sim	Sim

Aproximadamente 54% das aldeias das TIs Kayapó possuem casa do guerreiro / casa dos homens (Tabela 36), um elemento central das aldeias Kayapó nas quais tradicionalmente são realizados rituais e reuniões de guerreiros para transmissão de conhecimentos, histórias, e

tomadas de decisão (Turner, 1992). A ausência de casa do guerreiro em 45% das aldeias, valor ligeiramente maior que em 2013 (cca. 41%), também está relacionada ao grande número de aldeias novas e pequenas (Figura 19). 100% das aldeias com mais de 80 habitantes possui casa do guerreiro, enquanto para aldeias com menos de 80 habitantes, este valor é de apenas 25%. A TI Capoto Jarina, na qual a maior parte das aldeias são pequenas (Tabela 10), é também a que possui a menor porcentagem de aldeias com casa do guerreiro (30% - apenas nas aldeias grandes, com mais de 266 habitantes; Tabela 36).

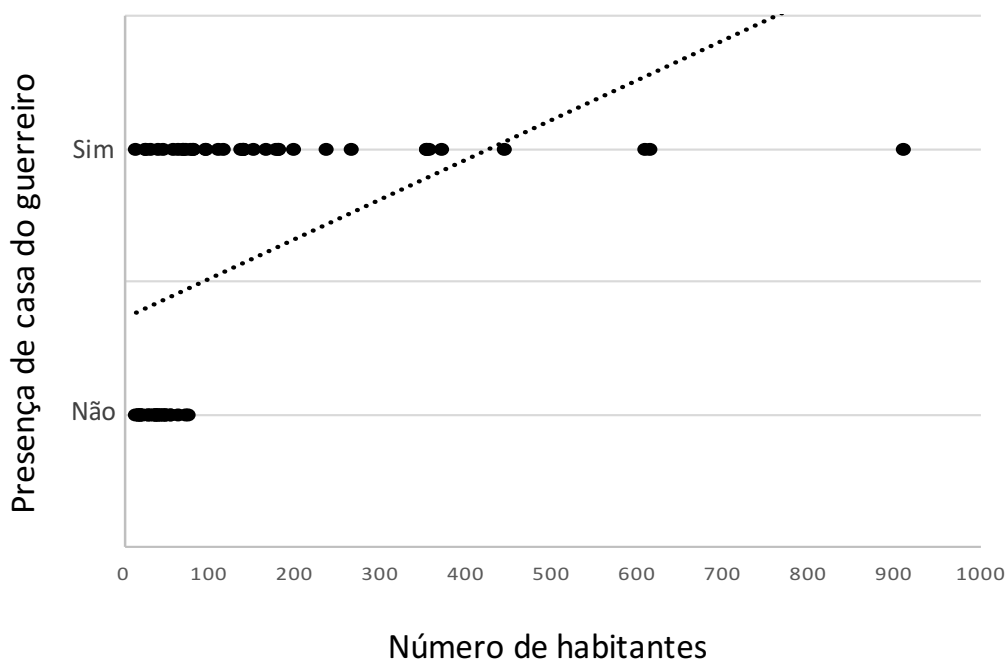


Figura 19. Relação entre a população total das aldeias e a presença de casa do guerreiro, para as aldeias Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Apesar da maioria das aldeias (58,9%) ainda possuir apenas moradias tradicionais (Tabelas 36 e 37), este valor diminuiu significativamente em relação a 2013, quando 79% das aldeias ainda tinha apenas casas tradicionais. Aproximadamente 37% das aldeias atualmente possui tanto casas tradicionais quanto casas de alvenaria e especialmente de madeira, normalmente com telhado de zinco, e 4,1% possui apenas casas não tradicionais. As Terras Indígenas Capoto/Jarina e Menkragnoti são as TIs nas quais há proporcionalmente mais aldeias apenas com casas tradicionais (90% e 85,7%, respectivamente; Tabela 36). As aldeias mais novas geralmente possuem casas tradicionais, enquanto as mais antigas possuem construções de alvenaria ou madeira, que normalmente após alguns anos se encontram em estado bastante

deteriorado devido à falta de manutenção. Apesar de as casas tradicionais serem mais frescas do que as casas com telhados de zinco, a construção de casas de alvenaria ou madeira nas aldeias tem sido uma demanda recorrente das comunidades para os projetos nos últimos cinco anos, devido à dificuldade e crescente distância para se encontrar palha para o telhado (normalmente as folhas das palmeiras injá e babaçu), assim como sua pouca durabilidade.

Tabela 36. Proporção de aldeias com casa do guerreiro, proporção de aldeias apenas com moradias tradicionais, com moradias tradicionais e não tradicionais (mista) e apenas com moradias não tradicionais, e proporção de aldeias com presença de missionários nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Aldeias com casa do guerreiro (%)	Tipos de moradias existentes nas aldeias (%)	Aldeias frequentadas por missionários (%)
Badjonkôre	100,0	100% Mista	100 %
Baú	100,0	100% Mista	s.i.
Capoto/Jarina	30,0	90% Tradicional; 10% Mista	10 %
Kayapó	56,4	44,7% Tradicional; 47,4% Mista; 7,9% Não tradicional	68,4 %
Las Casas	50	75% Tradicional; 25% Mista	75 %
Menkragnoti	50,0	85,7% Tradicional; 14,3% Mista	16,7 %
TOTAL	54,3	58,9% Tradicional; 37% Mista; 4,1% não tradicional	60 %

Aproximadamente 60% das aldeias são frequentadas por missionários católicos e principalmente evangélicos (Tabelas 36 e 37). Este valor é expressivamente mais alto do que em 2013, quando apenas 20% das aldeias eram frequentadas por missionários. Foram também incluídas em 2018 aldeias onde há pastores evangélicos Kayapó, que realizam inclusive cultos em igrejas improvisadas. A TI Kayapó é a que possui a maior proporção de aldeias com missionários (68,4%), enquanto a TI Capoto/Jarina é a que possui o menor valor (10% - apenas uma aldeia). Uma evidência deste aumento na atuação de missionários evangélicos é que a reprodução do discurso evangélico tem crescido nos últimos anos entre os Kayapó, incluindo os que moram e trabalham nas cidades, em detrimento de crenças e valores tradicionais Kayapó. Deve-se ressaltar que, diferente dos evangélicos, os missionários católicos, predominantemente ligados ao CIMI (Conselho Indigenista Missionário), possuem uma atuação menos evangelizadora e mais política, apoiando muitas comunidades na defesa de seus direitos.

Tabela 37. Presença de casa do guerreiro, tipos de moradias existentes e presença de missionários nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Presença de casa do guerreiro	Tipos de moradias existentes	Presença de missionários / quais
Badjonkôre	Krãnhanpare	Sim	Tradicional e alvenaria	Sim. Católicos e evangélicos
Baú	Baú	Sim	Tradicional c/ madeira	s.i.
Baú	Kamaú	Sim	Tradicional c/ madeira	s.i.
Baú	Kamũre	Sem info	Tradicional c/ madeira	s.i.
Baú	Krambãri	Sim	Tradicional c/ madeira	s.i.
Capoto/Jarina	Bytire	Não	Tradicional	Não
Capoto/Jarina	Jatobá	Não	Tradicional	Não
Capoto/Jarina	Kenpó	Não	Tradicional	Não
Capoto/Jarina	Kremoro	Sim	Tradicional	Sim. Evangélicos
Capoto/Jarina	Krétire	Não	Tradicional	Não
Capoto/Jarina	Kromare	Não	Tradicional	Não
Capoto/Jarina	More	Não	Tradicional	Não
Capoto/Jarina	Piaraçu	Sim	Tradicional c/ madeira	Não
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Não	Tradicional	Não
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Sim	Tradicional	Não
Kayapó	A'Ukre	Sim	Tradicional c/ madeira + zinco	Não
Kayapó	Apeiti	Sim	Alvenaria	Sim. Evangélicos
Kayapó	Bananal	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Gorotire	Sim	Tradicional, alvenaria e madeira	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Juari	Sim	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Kawatire	Não	Tradicional	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Kayapó	Kedjerekrãn	Sim	Tradicional c/ madeira + zinco	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Kayapó	Kikretum	Sim	Tradicional, alvenaria e madeira	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Kokokuedjã	Sim	Tradicional, alvenaria e	Sim. Católicos e

			madeira	evangélicos
Kayapó	Kokraimoro	Sim	Alvenaria	Sim. Evangélicos
Kayapó	Krãnhkrô	Sim	Tradicional, alvenaria e madeira	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Krãtyxkrere	Não	Tradicional	Não
Kayapó	Kremáiti	Sim	Tradicional c/ madeira + zinco	Não
Kayapó	Krimejny	Não	Tradicional	Não
Kayapó	Kriny	Sim	Tradicional, alvenaria e madeira	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Krwanhõngô	Sim	Tradicional	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Kayapó	Kubenrankei	Sim	Tradicional e alvenaria	Não
Kayapó	Ladeira	Sim	Tradicional e alvenaria	Sim. Evangélicos
Kayapó	Moidjam	Sim	Tradicional, alvenaria e madeira	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Moikarakô	Sim	Tradicional c/ madeira + zinco	Sim. Evangélicos
Kayapó	Momokre	Sim	Tradicional, alvenaria e madeira	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Não	Tradicional c/ madeira + zinco	Não
Kayapó	Ngokongoti-re	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Ngôméiti	Não	Tradicional c/ madeira + zinco	Não
Kayapó	Nhoimudjare	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Pidjiokore	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Pinkeitykre	Não	Tradicional	Não
Kayapó	Ponte	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Pykakyti	Sim	Tradicional	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Kayapó	Pykarārãnkre	Sim	Tradicional	Sim. Evangélicos
Kayapó	Pykatô	Sim	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Pykatum	Sim	s.i.	Sim (apenas Kayapó).

				Evangélicos
Kayapó	Pykatykre	Não	Tradicional c/ madeira + zinco	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Não	Tradicional c/ madeira + zinco	Não
Kayapó	Rokrore	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Tantanjere	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Tépdjâti	Sim	Tradicional c/ madeira + zinco	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Kayapó	Tepore	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Kayapó	Turedjam	Sim	Tradicional, alvenaria e madeira	Sim. Católicos e evangélicos
Las Casas	Arawá	Não	Tradicional	Sim. Católicos e evangélicos
Las Casas	Kapran Krére	Sim	Tradicional c/ madeira + zinco	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Las Casas	Ronekore	Não	Tradicional	Não
Las Casas	Tekrejaroti-re	Sim	Tradicional	Sim (apenas Kayapó). Evangélicos
Menkragnoti	Jabui	Não	Tradicional	s.i.
Menkragnoti	Kâkakuben	Não	Tradicional	Não
Menkragnoti	Karema	Não	Tradicional	Não
Menkragnoti	Kawatum	Não	Tradicional	s.i.
Menkragnoti	Kendjam	Sim	Tradicional c/ madeira + zinco	Não
Menkragnoti	Koróróti	Sim	Tradicional	Não
Menkragnoti	Krimex	Sim	Tradicional c/ madeira	s.i.
Menkragnoti	Kubenkokre	Sim	Tradicional	s.i.
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Não	Tradicional	s.i.
Menkragnoti	Mokrore	Sim	Tradicional	Sim. Evangélicos
Menkragnoti	Omeikrankum	Não	Tradicional	Não
Menkragnoti	Pykany	Sim	Tradicional	s.i.
Menkragnoti	Pykatoti	Não	Tradicional	s.i.
Menkragnoti	Pyngrajtire	Sim	Tradicional	s.i.

Percepção dos Kayapó sobre sua Cultura

Dos indígenas entrevistados, 75% consideram a manutenção da cultura média a boa, valor maior do que a soma dessas categorias em 2013 (Figura 20). Apesar de os dados secundários mostrarem que as aldeias menores não realizam festas, 87,5% dos Kayapó declararam que as aldeias estão realizando muitas festas tradicionais (Figura 21), já que a maioria dos habitantes das aldeias menores participam das festas nas aldeias mães. A maioria dos Kayapó (70%) considera que os jovens têm participado muito das festas e atividades tradicionais. Em 2013 esse valor era de 54,5%, enquanto 18,2% declararam que os jovens não participavam das festas (Figura 22).

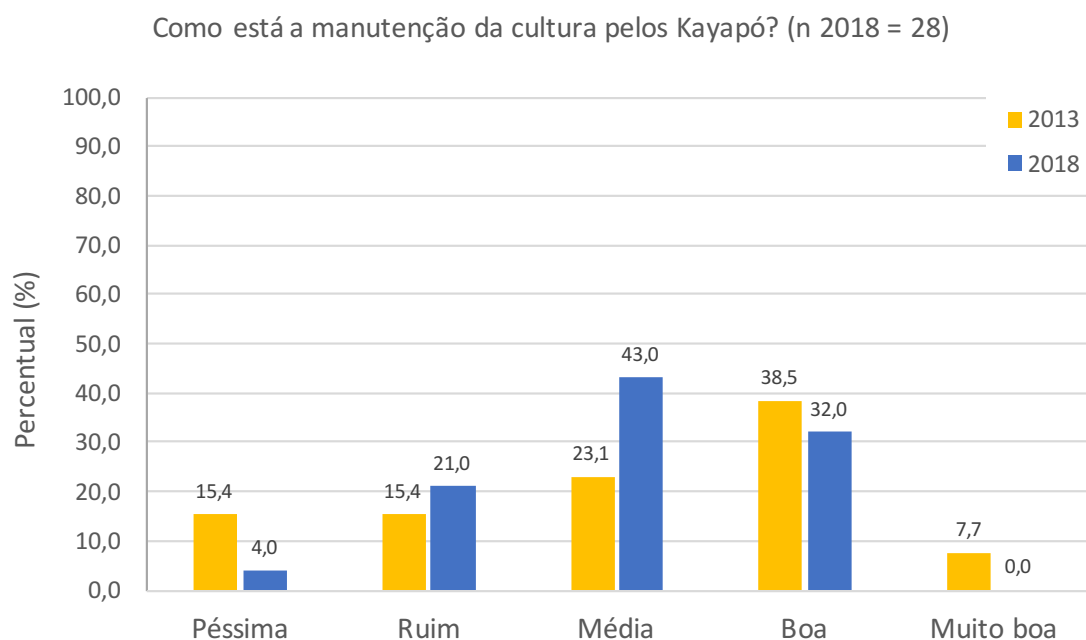


Figura 20. Opinião dos Kayapó sobre a manutenção da cultura nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

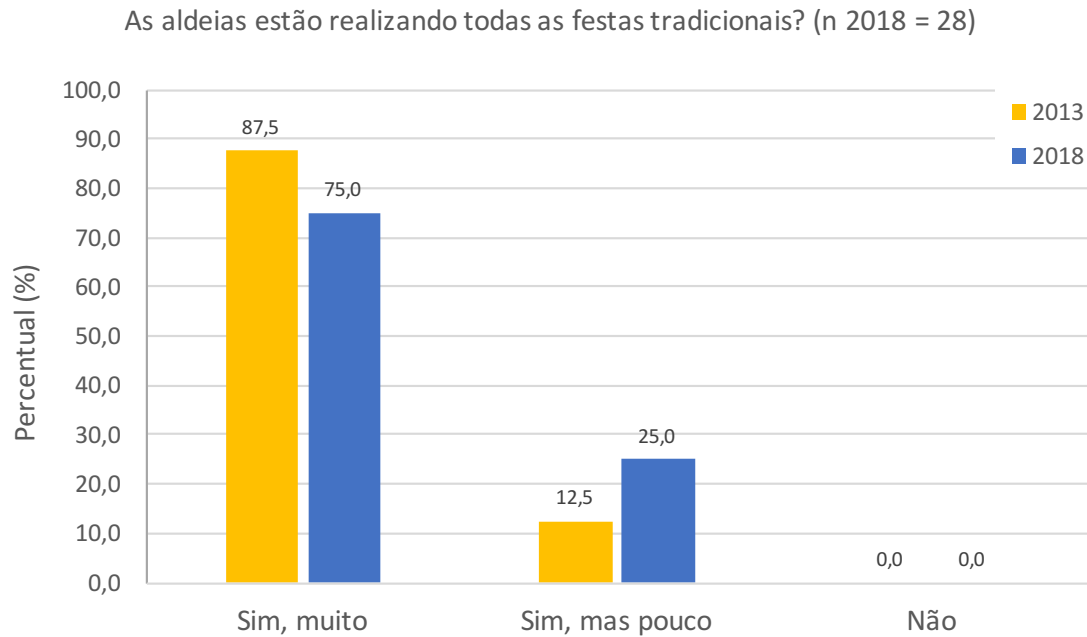


Figura 21. Opinião dos Kayapó sobre a realização de festas tradicionais nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

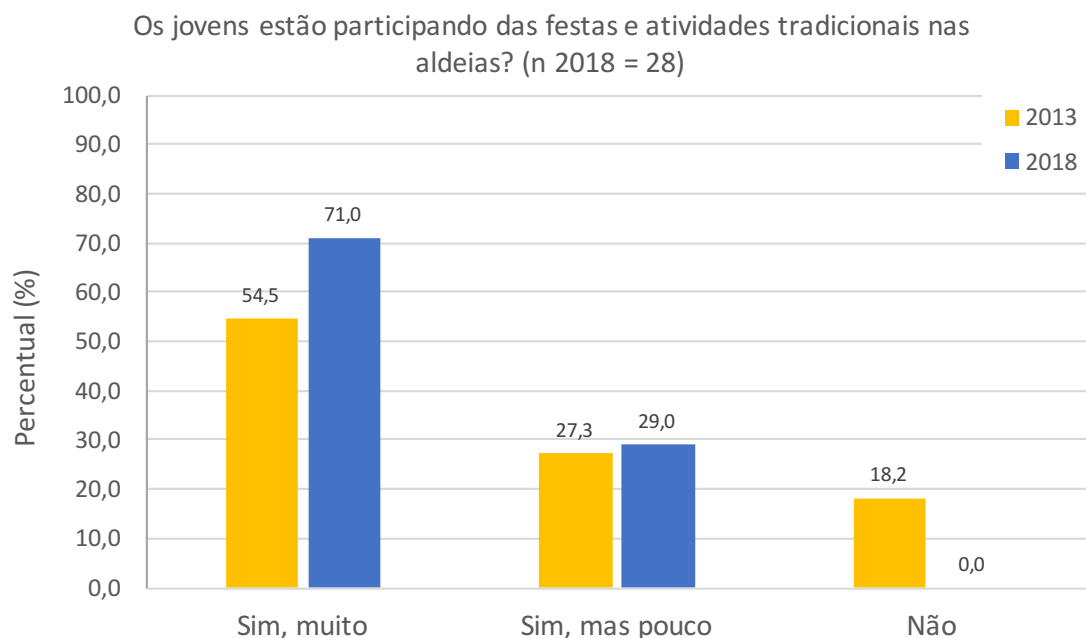


Figura 22. Opinião dos Kayapó sobre a participação dos jovens em festas tradicionais nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema Cultura e Língua

O discurso sobre a ruptura cultural entre os mais velhos e as novas gerações esteve presente em todas as entrevistas como a principal ameaça à manutenção da cultura Kayapó. A realização das festas tradicionais, a produção, comercialização e uso do artesanato e a produção audiovisual são vistos como os principais fatores positivos pelo conjunto dos entrevistados. Houve unanimidade em afirmar a importância de se criar estratégias para fortalecer a Cultura Kayapó.

“E hoje, por exemplo eu tenho conhecimento diferente do cacique, eu chego lá e ele vai querer me pôr num sistema que eu não vou aceitar. E ele também não vai querer que eu conduza dentro de um sistema que eu tô trazendo de fora. Aí fica sempre nisso. Então eu acho que tem que servir de mão dupla. Tanto a questão da evolução dos parentes e a formação de novas lideranças.”

Ao longo das entrevistas, três temas foram abordados de forma recorrente pelos entrevistados: 1) o grande número de jovens morando nas cidades, apontado por todos como um fator importante em relação ao futuro da cultura Kayapó, 2) o papel das mulheres na sociedade Kayapó e o seu desejo de participar das tomadas de decisão e 3) a inclusão do futebol como um elemento importante da cultura Kayapó contemporânea.

“Quando o branco chega a primeira vez no meio dos kayapós; a primeira vez entre eles falando na língua deles, ele não é nada. A primeira vez que um kayapó sai no meio dos brancos, ele não vai entender, ele não é nada.”

Apesar do fluxo migratório das famílias para a cidade, a língua Kayapó ainda é muito presente tanto entre as famílias na cidade quanto nas aldeias. Dificilmente iremos escutar uma família Kayapó conversando em português entre eles, mesmo que estejam morando na cidade. O número de mulheres que falam português ainda é reduzido, tanto na cidade quanto nas aldeias.

O tema “língua” não foi abordado diretamente durante as entrevistas, mas foi mencionado frequentemente nas entrevistas com os professores e funcionários das secretarias de educação. Nesse contexto esteve principalmente associado ao aumento do número de alunos Kayapó nas escolas urbanas e mais especificamente ao recente aumento de alunas mulheres nas escolas.

Apesar de os Kayapó afirmarem que migram para as cidades em busca de uma melhor educação, na visão dos profissionais da educação, eles são descritos como alunos desinteressados, com notas baixas, altos índices de faltas, reprovação e evasão. Em grande medida, os professores das

escolas atribuem esse mal desempenho ao desconhecimento da língua portuguesa por parte dos jovens, principalmente pelas mulheres.

Esse contexto é ao mesmo tempo um indicador da força da língua Kayapó e um alerta para que sejam implementadas estratégias para que a língua continue presente, pois os Kayapó têm levado seus filhos para a escola na cidade justamente para que aprendam português e conheçam melhor o mundo dos *Kuben*.

"Kayapó prefere assistir Kayapó."

O incentivo a formação dos jovens em técnicas audiovisuais no contexto atual é essencial para: 1) o registro e fortalecimento da cultura tradicional como elemento mediador entre as diferentes gerações; 2) expressão artística, geração de renda e inclusão social; 3) formação e ação política. Em um relato registrado em 2013 podemos perceber como o interesse dos jovens pela tecnologia precisa ser canalizado de forma positiva:

"O grande foco quando tem reuniões nas aldeias é o fato de que os jovens já não estão respeitando os velhos como antigamente. É pendrive, mp3, tecnologia, só querem estar na moda."

No entanto é importante destacar que o interesse pela tecnologia e pela cidade não é exclusivo dos jovens, tendo em vista o grande número de famílias que migraram para a cidade recentemente. Os relatos indicam que a ambição e os objetos de desejo se transformaram, pois tanto os pais quanto os filhos querem se tornar médicos, advogados, cineastas, ou outras profissões valorizadas pelos *kuben*. Esse movimento é mais amplo e mais profundo do que um simples interesse por bens de consumo, implicando uma transformação na visão de mundo e nos objetivos de vida dos Kayapó.

"O jovem parece estar em outra, mas é questão do acesso à cidade mesmo, eles se acham sabendo muito mais do que o velho que está lá [na aldeia]."

Se por um lado o aparente desinteresse dos jovens pela cultura tradicional é atribuído ao seu encanto pela tecnologia, bens de consumo e as facilidades das cidades, existem também elementos na cultura tradicional que precisam ser considerados nesse processo de reflexão.

"Os jovens achavam que não tinham valor nenhum, porque na cultura deles, eles não podem nem falar em reunião, os velhos não deixam. Aí a gente encoraja eles: - você tem que falar, não pode abaixar a cabeça. Você não pode é desacatar um velho, mas defender suas idéias ninguém vai te

contestar, desde que defenda as suas idéias e desde que não conteste a idéia dos velhos. A cultura deles também é muito complicada pros jovens."

Esse contexto deixa claro que é muito importante estimular a criação de espaços de mediação e diálogo que possam integrar as diferentes gerações dos Kayapó com seus respectivos objetivos de vida e visão de mundo. A produção de conteúdos, sejam eles impressos ou audiovisuais é uma estratégia importante para potencializar os processos de formação e integrar o universo dos mais velhos com a juventude, articulando o universo local e o global. O acesso a internet e o incentivo às práticas tradicionais devem ser equilibrados em um processo formativo amplo.

"Nós temos que preparar hoje nossos parentes, pra eles virem pra cidade, que tenham conhecimento, mas voltem pra sua comunidade, pra dar suporte, dar estrutura, apoio a comunidade. Se a gente não tiver a ferramenta pensada para o futuro, nós não vamos conseguir isso. Essa questão também da governabilidade da comunidade, pensar no futuro, a formação de novas lideranças, porque nós estamos no tradicional, aquele que é mais bravo, é mais respeitado. E no futuro? Quando a gente tiver esse avanço, como vai ser a forma de governabilidade de cada povo, cada comunidade?"

Durante as entrevistas, às referências a Casa do Guerreiro, embora pouco recorrentes, estiveram principalmente associadas a formação de lideranças e a juventude. A casa do guerreiro é um espaço de convivência, formação, transmissão do conhecimento e tomada de decisão. O aumento das pequenas aldeias que não possuem casa do guerreiro associadas ao aumento do fluxo de jovens para as cidades é um indicador de uma transformação importante na reprodução das dinâmicas de convivência listadas acima.

"Eu acho que é falta de liderança. Eu com 14 anos, com 12 anos, comecei a participar na casa dos homens, me pintaram, uma pessoa me adotou como se fosse filho dele, aí fui dormir na casa dos homens e fui aprender como é. Cada grupo tem seu chefe e tem uma liderança geral. Tem grupo de jovens, tem grupo de mais velhos um pouco que já tem filhos, e têm mais velho que já tem 2, 3, 4 filhos e os velhos que já tem neto. Mas cada grupo tem seu chefe para comandar ali. Eu assisti isso e eu vejo quando a liderança de um grupo fala: - Vamos lá fazer! E todo mundo vai. Hoje em dia não. Isso é uma cultura por causa de não ter lideranças. Tem um jovem ali, mas tem que ter liderança. Assim que era antigamente, até 98. A partir de 2000, as coisas caíram demais."

Houve um aumento no número de aldeias com moradias não tradicionais nos últimos anos. Apesar de haver aldeias mais antigas com casas não tradicionais construídas nos primeiros ciclos de garimpo e madeira da década de 90, recentemente a mudança nos padrões das construções

está intimamente relacionada aos projetos de compensação ambiental atualmente executados e à facilidade do acesso gerado pela abertura das novas estradas, somada à maior proximidade das aldeias às cidades. Os projetos de compensação (mais detalhes na seção 3.1.11) têm recursos destinados diretamente para as aldeias, onde a comunidade decide o que fazer e a associação executa. Uma das maiores demandas solicitadas pelos Kayapó com esses recursos é a construção de casas de alvenaria.

"É uma demanda difícil de ser trabalhada. A associação até buscou se capacitar; chamar profissionais na área de bioconstrução para poder pensar em modelos mistos que aproveitassem materiais disponíveis no território para gerar maior sustentabilidade. Mas é difícil e houve muita resistência e muita pressa. As comunidades queriam tudo para ontem e queriam um modelo específico que existe no entorno das terras indígenas."

Na aldeia Kaprankrere (TI Las Casas), onde foi feita uma visita durante a viagem de campo, metade da aldeia possui casas de alvenaria construídas recentemente com recursos de um projeto executado pela associação Angrokrere e a outra metade da aldeia, que não faz parte dessa associação e está vinculada à AFP, possui casas tradicionais ou de barro, palha e madeira. A percepção sobre o esse tema não é uniforme. Houve relatos de pessoas que acreditam que o aumento na construção de casas de alvenaria é uma tendência a se consolidar e outros afirmam que esse é um movimento pendular e tende a se estabilizar com o tempo. Da mesma forma, não há consenso de que estas moradias sejam melhores do que as tradicionais.

"Mudou muito a questão das casas. Tem muitas casas que eles querem que faça de madeira. Só que é assim: é interessante que desde 2010 eles já criaram casas de tudo quanto é jeito: de material, de madeira em volta, de eternit, e volta tudo para a casa tradicional, no final das contas volta para casa tradicional mesmo, porque é mais fresca. É a que eles sabem manter e é mais fácil."

O grande aumento da presença dos missionários nas aldeias, principalmente evangélicos, é uma das principais transformações recentes na Cultura kayapó. A percepção sobre esse tema mudou muito entre 2013 e 2018. Temos por exemplo seguinte depoimento em 2013:

"- Aqui não. O evangélico não acessa os Kayapó porque é uma etnia mais refratária a isso. Teve um Kayapó do Pará que veio aqui falar destas coisas (evangelismo)."

Apesar do aumento recente na presença dos missionários evangélicos, sua relação com a Cultura Kayapó não é tão recente assim, tendo em vista que as duas primeiras formas de escrita da

língua Mebêngôkre foram desenvolvidas por missionários evangélicos (Novas tribos) e pelo SIL (Summer Institute of Linguistics). Em 2018 os relatos evidenciam a seguinte situação:

“- Muitos [missionários]! Acabei de sair, e um pessoal me ligou lá de Alta Floresta, os pastores querem levar um grupo de indígenas para fazer intercâmbio não sei onde e queriam nosso ônibus emprestado. Então eles têm acesso fácil às aldeias e a gente não consegue monitorar isso. Já tem muito indígena que não quer dançar mais, sabe? E o Kayapó nesta questão espiritual acredita muito; é sensível. Tem igreja nas aldeias, casinha de palha e tudo lá.”

Um outro elemento que deve ser ressaltado nesse contexto é que ainda não existe uma presença institucional consolidada das igrejas. Em umas das conversas informais realizadas em campo, um indígena relatou que é o pastor na sua aldeia. Disse não estar vinculado a nenhuma linha evangélica ou Igreja específica. Lê a Bíblia e quando vai à cidade e frequenta alguns cultos. Ele construiu uma casinha de palha na aldeia e faz o seu culto de acordo com a sua visão da Bíblia.

“ São várias as linhas, tem de tudo, a maior parte é [da igreja] evangélica, católica é menos”

Dentre as razões apontadas nas entrevistas para o aumento da presença dos missionários, podemos destacar o enfraquecimento da Funai, que antes tinha uma posição mais restritiva em relação a essa presença, mas com os sucessivos cortes de orçamento e redução de equipe passaram a não ter condições de exercer esse controle. Outro fator importante é que os missionários têm recursos e estratégia para executar essa ocupação, se associam às prefeituras e se envolvem nos processos formativos dos professores.

“Na educação, eles têm suas estratégias de entrada, pela língua, eles ofereciam curso de formação dos professores não indígenas, e através dos professores não indígenas depois envolveram os professores indígenas.”

Em todos os relatos as festas foram consideradas muito importantes e têm uma centralidade na dinâmica social. Mesmo com o aumento no número de pequenas aldeias, o número aproximado de festas realizadas em 2013 se manteve em 2018, porém apenas em aldeias grandes.

“Quando há uma cisão e um grupo pequeno se distancia, existe uma limitação a uma série de atividades tradicionais. Por exemplo, os rituais. Uma aldeia com 20 pessoas não vai fazer uma festa. Então ela vai depender dos processos de nomeação, ela vai precisar se associar a outras aldeias.”

"Eu fui convidado pelo meu compadre, eu vou lá me apresentar para o filho dele, eu vou cerimoniar a dança da arara, representando que eu sou um compadre daquele menininho para todo mundo ver. Quando ele crescer ele vai ser meu compadre. Quando meu filho vai ter uma festa, batizar meu neto, meu filho pode chamar ele quando crescer. Meu filho vai chamar ele para ele vir representar e batizar o meu neto. A cultura é assim, cultura dos indígenas, compadre com compadre pode estar em outra aldeia, que pode chamar pra festa."

"Eles se reúnem, dão um jeito, todo mundo se reúne, faz a festa quando tem que fazer em alguma aldeia. Mas o problema negativo é que as vezes cria uma aldeia longe e na hora da festa tem que procurar um meio de comparecer naquela aldeia pra participar daquela festa."

Recentemente tem havido também a incorporação de elementos externos às festas tradicionais.

"Festas tradicionais eles sempre fazem, mas a gente percebe que tem outras introduções e interferências no meio. Coisas do branco mesmo, que antes nas festas tradicionais não tinham e que hoje eles utilizam. Eu percebo que vem mudando."

Outro comportamento associado às festas é a evasão escolar das crianças nas cidades. Em muitos casos as famílias matriculam os filhos em uma escola na cidade e depois viajam para uma festa durante um período que pode variar de alguns dias a vários meses e não comunicam esse fato à direção da escola. Nos registros escolares e na visão dos professores esse comportamento é considerado evasão escolar. Alguns profissionais das secretarias de educação comentaram que frequentemente descobrem crianças que são matriculadas em diferentes escolas no mesmo ano. Matriculam os filhos na escola da cidade no início do ano letivo e depois voltam para a aldeia ou vão participar de alguma festa e fazem outra matrícula em outra escola.

Assim como em relação a presença da língua Kayapó, a participação nas festas pelas famílias que moram na cidade é um comportamento que mostra a vitalidade da cultura Kayapó e ao mesmo tempo é percebida pelos professores das escolas da cidade como um problema no processo de aprendizagem das crianças.

Um grande desafio na atualidade do povo Kayapó é a criação de estratégias que possam simultaneamente fortalecer sua cultura e tradição criar espaços de mediação entre as diferentes gerações Kayapó e a influência da sociedade envolvente. O artesanato, a produção audiovisual, a formação de jovens são estratégias que compoem esse cenário.

O artesanato é um elo entre a cultura tradicional e a sociedade em geral e também uma fonte de renda importante nos períodos de entressafra das atividades sazonais. O aumento da produção de artesanato para uso próprio e também para a comercialização é um reflexo desse papel mediador que o artesanato possui.

Outros dois temas que merecem destaque são o futebol e o empoderamento das mulheres. Esses temas estão sendo abordados em conjunto pois representam mudanças no paradigma da cultura tradicional Kayapó.

O futebol esteve presente em muitos relatos informais como sendo uma grande paixão Kayapó tanto nas cidades quanto nas aldeias; e as mulheres, as quais têm manifestado a necessidade de participar das tomadas de decisão e dos processos de gestão dos projetos.

Os profissionais das secretarias de educação sempre diziam que os indígenas faltavam muito as aulas, mas que nos jogos de futebol eles estavam presentes todos os dias. Em uma das entrevistas foi feita a seguinte pergunta a um gestor indígena de uma das associações.

"Você pensa em algum projeto que possa ser feito para despertar os jovens, para atraí-los, para eles se interessarem pela aldeia, pela cultura?"

Ele respondeu:

"O futebol! Pra masculino e feminino, desde pequeno. Porque todo mundo adora. Então o caminho certo, para botar a cabeça no lugar, é futebol. Tem que ter uma coisa permanente, precisa apoio, para a gente botar no papel pra funcionar. Vai começar a festa, abertura, e no outro dia só futebol, aldeia contra aldeia. E no final termina todo mundo dançando com troféu."

Por esse relato podemos perceber a importância do futebol na cultura contemporânea Kayapó, a ponto de ser considerado um elemento da cultura tradicional Kayapó. Para muitos isso pode parecer um contrassenso, mas é um indicador interessante em relação ao momento atual para subsidiar estratégias de fortalecimento do povo Kayapó.

O Papel das Mulheres - De acordo com uma das entrevistas, hoje já existem 4 caciques mulheres. Esse aspecto será abordado principalmente por meio da transcrição de trechos de uma entrevista. Essa opção se justifica pela clareza expressa na fala e pela riqueza da contribuição no contexto da tradição Kayapó como um todo.

“Toda mulher Kayapó elas são bravas, se impõe, decidem, são determinadas e muito corajosas. Mais que homem, porque elas que fazem várias demandas na aldeia; elas que trabalham, acordam cedo, mesmo doente, carregam peso. Eu admiro, elas buscam lenha, vão no rio, pegam água de litros e litros todos os dias. Falta elas expressarem realmente quais são as demandas, as melhorias para dentro das aldeias, a vontade delas não é sair das aldeias e sim levar uma melhor qualidade de vida pra dentro das aldeias. Isso que eu vejo, isso que elas falam, isso que elas querem. É o que elas falam: vocês que estão na cidade, vocês têm que ver a nossa participação, pra gente expor isso pra vocês, pra vocês nos ajudarem.”

“A gente vê bastante homem falando da história e do contexto. E dentro da aldeia é diferente, porque a real situação das mulheres dentro da aldeia, são elas que têm poder e autonomia dentro da aldeia, elas que determinam o que tem que ser feito e como tem que ser feito, os homens apenas respeitam. Diante dessa conferência das mulheres eu comecei a ver isso, que a gente precisa resgatar elas, porque elas complementam o homem, não é questão de competição, é questão de complemento. Homens se preocupam muito com as questões materiais e as mulheres se preocupam com o todo, com a qualidade de vida, com o cuidado do todo. Acho muito importante as mulheres virem pra poder ajudar.”

“Elas falavam em muitas reuniões que elas querem ocupar espaço pra poder falar, sentem essa necessidade, porque quem fica dentro da aldeia e se depara com muita dificuldade são elas, não são os homens, porque eles viajam muito e não têm essa visão. Não são diretamente impactados como elas. Quem se depara diretamente com o rio, com água, comida, alimentação, saber se a água está boa, são elas, são as crianças, doença quem se depara primeiro são as crianças. Então elas sentem essa necessidade de ocupar esses espaços sim. Mas tem a preocupação dos homens, tem algumas imposições. Mas elas sentem essa vontade, no contexto até político.”

O desejo das mulheres em se expressar, ocupar mais espaços nas instâncias de decisão e se envolver nos projetos começa a aparecer de forma mais clara. O fato das famílias estarem começando a levar as filhas para estudar nas escolas das cidades é um indicador importante em relação a essa mudança. No entanto esse processo de empoderamento das mulheres deve ser feito dentro de uma visão de mundo Kayapó e conduzida por eles, para que seja efetiva e positiva.

“Eu me lembro do velho cacique Toto dizer que as mulheres tinham mais facilidade de ser dominadas, de ser manipuladas, e por isso, que a índia era proibida de trabalhar, por causa disso. Talvez eu pensando aqui hoje, se nós tivéssemos aberto as portas, talvez hoje não teríamos mais essa cultura, porque os homens tiveram mais acesso por causa disso, porque ele vai mas volta. Homem já começa com uma série de dificuldades, se ele se envolver com uma branca, ele vai ter

que ter salário, então já começa a dificuldade por aí, ele pode até se envolver mas acaba voltando pra comunidade. Mulher índia não, se ela for pro centro da cidade, não digo todas, mas a maioria acaba se perdendo. A grande preocupação que eles falavam na casa dos guerreiros era isso, e eu sempre pensava.”

3.1.5. Subsistência e segurança alimentar

Na maior parte das aldeias das TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, as roças continuam sendo uma importante fonte de alimentos para a população, embora proporcionalmente mais aldeias estejam consumindo menos produtos das roças em comparação ao consumo em 2013 (Tabelas 38 e 39). A facilidade de acesso aos centros urbanos (como na TI Las Casas), assim como a presença de atividades que geram renda e/ou a adesão das famílias a programas de benefícios sociais certamente têm influência sobre as atividades de subsistência. Na TI Kayapó, as aldeias onde o consumo de produtos de roças é considerado médio a baixo são aquelas que atualmente conduzem atividades ilegais (Tabela 39).

O consumo de produtos extrativistas também é alto na maioria das aldeias, exceto nas aldeias das TIs Baú e Menkragnoti, onde o consumo de alimentos coletados das florestas e cerrado foi considerado médio na maioria das comunidades. A variedade de produtos extrativistas para consumo na aldeia parece ser mais alta nas TIs onde a fisionomia florestal é predominante e inclui mel, castanha, açaí, bacaba e outros frutos. Já nas TIs onde o cerrado predomina, como as TIs Las Casas e Capoto/Jarina, o número de produtos foi baixo (três alimentos para cada aldeia) incluindo pequi, mel, buriti, banana e bacaba. (Tabelas 38 e 39)

Assim como em 2013, as aldeias das TIs Las Casas e Kayapó são as que mais consomem alimentos vindos da cidade em comparação com produtos extrativistas e das roças. Nestas TIs, em nenhuma aldeia os produtos produzidos nas próprias aldeias representam a fonte mais importante de alimentos. Nas demais TIs, os produtos produzidos e coletados na aldeia são a fonte mais importante de alimentos, embora algumas aldeias estejam aumentando o consumo de produtos vindos de fora em comparação ao ano de 2013. (Tabelas 38 e 40)

Tanto a AFP, como o IK e o IR têm atualmente iniciativas para o fortalecimento da produção alimentar nas aldeias. A AFP tem apoiado feiras de sementes tradicionais entre as aldeias Kayapó e de outros povos indígenas, enquanto o IK e o IR têm trabalhado como o enriquecimento dos pomares e roças e o apoio à produção de farinha.

Tabela 38. Consumo de produtos produzidos nas roças, consumo de produtos coletados na floresta e/ou cerrado, número de produtos extrativistas consumidos e importância de produtos vindos da cidade em comparação com alimentos produzidos nas roças e coletados na floresta e/ou cerrado, nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Consumo de produtos das roças	Consumo de produtos da floresta/ cerrado	Número de produtos da floresta/ cerrado consumidos	Importância de produtos vindos da cidade em comparação com alimentos produzidos nas roças e coletados na floresta/ cerrado
Badjonkore	100% alto, 0% médio, 0% baixo	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	75% alto, 25% médio, 0% baixo	0% alto, 100% médio, 0% baixo	8	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante
Capoto/Jarina	100% alto, 0% médio, 0% baixo	100% alto, 0% médio, 0% baixo	3	0% mais importante, 30,0 % igualmente importante, 70,0% menos importante
Kayapó	76,9% alto, 15,4% médio, 7,7% baixo	95,2% alto 4,8% médio 0% baixo	7	4,8% mais importante 95,2 igualmente importante, 0% menos importante
Las Casas	75% alto, 0% médio, 25% baixo	100% alto, 0% médio, 0% baixo	3	66,7% mais importante, 33,3% igualmente importante, 0% menos importante
Menkragnoti	92,9% alto, 7,1% médio, 0% baixo	42,9% alto, 57,1% médio, 0% baixo	9	7,1% mais importante, 7,1% igualmente importante, 85,7% menos importante
TOTAL	86,4% alto, 10,2% médio, 3,4% baixo	75% alto, 25% médio, 0% baixo	12	7,8 % mais importante, 49,1 % igualmente importante, 43,1 % menos importante

Tabela 39. Consumo de produtos produzidos nas roças, consumo de produtos coletados na floresta e/ou cerrado e diversidade de produtos extrativistas consumidos pelas aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Consumo de produtos das roças	Consumo de produtos da floresta / cerrado	Diversidade de produtos da floresta/cerrado consumidos
Badjonkôre	Krãnhanpare	Alto	s.i.	s.i.
Baú	Baú	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Baú	Kamaú	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Baú	Kamũre	Médio	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Baú	Krambàri	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Capoto/Jarina	Bytire	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Jatobá	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Kenpó	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Kremoro	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Krétire	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Kromare	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	More	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Piaraçu	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktir e nova	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Kayapó	A'Ukre	Alto	Alto	Castanha, açaí, mel, bacaba, buruti, etc.
Kayapó	Apeiti	Alto	Alto	Castanha, açaí, mel, bacaba, frutão, etc.
Kayapó	Bananal	Alto	s.i.	s.i.
Kayapó	Gorotire	Alto	s.i.	s.i.
Kayapó	Juari (Mikim)	Médio	s.i.	s.i.
Kayapó	Kawatire	Alto	Alto	Castanha, açaí, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Kedjerekrãn	Alto	Alto	Castanha, açaí, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Kikretum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokokuedjã	Médio	s.i.	s.i.

Kayapó	Kokraimoro	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Krãnhkrô	Baixo	s.i.	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Kremáiti	Alto	Alto	Castanha, mel, etc.
Kayapó	Krimejny	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Kriny	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Krwanhôngô	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Kubenkrankei	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, buruti, gueroba, entre outras
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Médio	Médio	Castanha
Kayapó	Moidjam	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moikarakô	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Momokre	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Ngokongoti-re	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngôméiti	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Nhoimudjare	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pidjiokore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pinkeitykre	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykakyti	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Pykarãrãnkre	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Pykatô	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykatum	Médio	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Pykatykre	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Alto	Alto	Castanha, açai, mel, bacaba, etc.
Kayapó	Rokrore (oncinha)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tantanjere	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	Alto	Alto	Castanha, mel, etc.
Kayapó	Tepore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Turedjam	Baixo	s.i.	s.i.
Las Casas	Arawá	Pouco	s.i.	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	Alto	Alto	Pequi, Buriti, bacaba, etc.
Las Casas	Ronekore	Alto	Alto	Pequi, Buriti, bacaba, etc.

Las Casas	Tekrejaroti-re	Alto	Alto	Pequi, Buriti, bacaba, etc.
Menkragnoti	Jabui	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Menkragnoti	Kâkakuben	Alto	Alto	Mel, pequi e banana
Menkragnoti	Karema	Médio	Alto	Castanha, açaí, mel, bacaba, etc.
Menkragnoti	Kawatum	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Menkragnoti	Kendjam	Alto	Alto	Castanha, açaí, mel, bacaba, etc.
Menkragnoti	Koróróti	Alto	Alto	Castanha e banana
Menkragnoti	Krimex	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Menkragnoti	Kubenkokre	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Menkragnoti	Mokrore	Alto	Alto	Castanha e banana
Menkragnoti	Omeikrankum	Alto	Alto	Castanha e banana
Menkragnoti	Pykany	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Menkragnoti	Pykatoti	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.
Menkragnoti	Pyngrajtire	Alto	Médio	Açaí, castanha, mel, uxi, pequi, cacau, golosa, bacaba, etc.

Tabela 40. Importância de produtos vindos da cidade em comparação com alimentos produzidos nas roças e coletados na floresta e/ou cerrado, importância da criação de animais em comparação com caça e pescado e importância das carnes vinda da cidade em comparação com caça e pescado em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Importância de produtos vindos da cidade em comparação com alimentos produzidos nas roças e coletados na floresta/ cerrado	Importância da criação de animais em comparação com caça e pescado	Importância das carnes vinda da cidade em comparação com caça e pescado
Badjonkôre	Krânhanpare	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Baú	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Baú	Kamaú	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Baú	Kamüre	s.i.	Menos importante	Menos importante
Baú	Krambãri	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Bytire	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Jatobá	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Kenpó	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Kremoro	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Krétire	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Kromare	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	More	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Piaraçu	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Menos importante	Menos importante	Menos importante

Capoto/Jarina	Ropni/Metuktir e nova	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	A'Ukre	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Apeiti	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Bananal	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Gorotire	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Juari (Mikim)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kawatire	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Kedjerekrân	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Kikretum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokokuedjã	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokraimoro	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Krânhrô	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Kremáiti	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Krimejny	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Kriny	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Krwanhõngô	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Kubenrankei	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Ladeira (Motukore)	igualmente importante	Menos importante	Mais importante
Kayapó	Moidjam	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moikarakô	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Momokre	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Ngokongoti-re	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngôméiti	Igualmente importante	Menos	Menos importante

			importante	
Kayapó	Nhoimudjare	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pidjokore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pinkeitykre	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykakyti	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Pykaräränkore	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Pykatô	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykatum	Mais importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Pykatykre	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Rokrore (oncinha)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tantanjere	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Kayapó	Tepore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Turedjam	s.i.	s.i.	s.i.
Las Casas	Arawá	s.i.	s.i.	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	Mais importante	Menos importante	Mais importante
Las Casas	Ronekore	Mais importante	Menos importante	Mais importante
Las Casas	Tekrejaroti-re	Igualmente importante	Menos importante	Mais importante
Menkragnoti	Jabui	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Kâkakuben	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Karema	Mais importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Kawatum	Menos importante	Menos	Menos importante

			importante	
Menkragnoti	Kendjam	Igualmente importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Koróróti	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Krimex	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Kubenkokre	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Mokrore	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Omeikrankum	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Pykany	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Pykatoti	Menos importante	Menos importante	Menos importante
Menkragnoti	Pyngrajtire	Menos importante	Menos importante	Menos importante

O consumo de carne de caça continua alto na maioria das aldeias das TIs Kayapó, exceto na aldeia Motukore (Ladeira) e possivelmente em outras aldeias com maior contato com a sociedade de fora da TI, na região leste da TI Kayapó, e na TI Las Casas, que se encontra em uma região já mais degradada, na qual algumas espécies importantes para caça, como porcão/queixada (*Tayassu tajacu*) e o tatu cansatra (*Priodontes maximus*), estão localmente extintas. O pescado também continua sendo muito consumido na grande maioria das aldeias, com exceção de algumas na TI Kayapó e das aldeias da TI Las Casas, que em sua maioria não se encontram próximas a grandes rios. Muitas aldeias possuem criações, predominantemente de galinhas e de animais silvestres (Tabelas 41 e 42).

A criação de animais tem pouca importância em comparação à carne de caça e pescado para todas as aldeias. O consumo de carnes vindos de fora da TI é menos importante em termos de obtenção de proteína animal do que a caça e o pescado para a grande maioria das aldeias, com exceção da aldeia Motukore e da TI Las Casas, que se encontra cercada de pastagens e tem maior proximidade à cidade (exceto a aldeia Motukore), padrão semelhante ao encontrado em 2013 (Tabelas 40 e 41).

Tabela 41. Grau de consumo de carnes de caça e de pescado, número de tipos de criação de animais e importância da criação de animais e das carnes vindas da cidade em comparação com as carnes de caça e pescado nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Consumo de carne de caça	Consumo de pescado	Nº de tipo de criação de animais	Importância da criação de animais em comparação com caça e pescado	Importância das carnes vinda da cidade em comparação com caça e pescado
Badjonkore	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	100% alto, 0% médio, 0% baixo	100% alto, 0% médio, 0% baixo	5	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante
Capoto/Jarina	100% alto, 0% médio, 0% baixo	90% alto, 0% médio, 10% baixo	1	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante
Kayapó	95,2% alto, 4,8% médio, 0% baixo	76,2% alto, 4,8% médio, 19% baixo	3	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante	4,8% mais importante, 0% igualmente importante, 95,2% menos importante
Las Casas	0% alto, 100% médio, 0% baixo	0% alto, 100% médio, 0% baixo	3	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante	100% mais importante, 0% igualmente importante, 0% menos importante
Menkragnoti	100% alto, 0% médio, 0% baixo	100% alto, 0% médio, 0% baixo	7	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante
TOTAL	98% alto, 2% médio, 0% baixo	86,6% alto, 3,8% médio, 9,6% baixo	10	0% mais importante, 0% igualmente importante, 100% menos importante	2% mais importante, 0% igualmente importante, 98% menos importante

Tabela 42. Grau de consumo de carne de caça e de pescado, e presença e tipo de criação de animais em aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Consumo de carne de caça	Consumo de pescado	Presença e tipo de criação de animais
Badjonkôre	Krãnhanpare	s.i.	s.i.	s.i.
Baú	Baú	Alto	Alto	Jabuti, arara
Baú	Kamaú	Alto	Alto	Arara, papagaio, periquito, macaco, jabuti
Baú	Kamũre	Alto	Alto	Arara, papagaio, periquito e macaco
Baú	Krambãri	Alto	Alto	Arara e papagaio
Capoto/Jarina	Bytire	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	Jatobá	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	Kenpó	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	Kremoro	Alto	Baixo	Galinha
Capoto/Jarina	Krétire	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	Kromare	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	More	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	Piaraçu	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Alto	Alto	Galinha
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire nova	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	A'Ukre	Alto	Alto	Galinha, porco
Kayapó	Apeiti	Alto	Alto	Galinha, porco
Kayapó	Bananal	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Gorotire	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Juari (Mikim)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kawatire	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Kedjerekrãn	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Kikretum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokokuedjã	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Kokraimoro	Alto	Alto	Galinha, porco
Kayapó	Krãnhkrô	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Krãtyxkrere	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Kremãiti	Alto	Baixo	Galinha, gado
Kayapó	Krimejny	Alto	Baixo	Galinha
Kayapó	Kriny	s.i.	s.i.	s.i.

Kayapó	Krwanhôngô	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Kubenkrankei	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Médio	Médio	Galinha
Kayapó	Moidjam	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Moikarakô	Alto	Alto	Galinha, porco
Kayapó	Momokre	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Ngokongoti-re	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngôméiti	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Nhoimudjare	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pidjiokore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pinkeitykre	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykakyti	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Pykarârânkre	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Pykatô	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Pykatum	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Pykatykre	Alto	Baixo	Sem criação
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Alto	Alto	Galinha
Kayapó	Rokrore (oncinha)	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tantanjere	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	Alto	Baixo	Galinha, porco, gado
Kayapó	Tepore	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Turedjam	s.i.	s.i.	s.i.
Las Casas	Arawá	s.i.	s.i.	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	Médio	Médio	Galinha
Las Casas	Ronekore	Médio	Médio	Galinha, porco, gado
Las Casas	Tekrejaroti-re	Médio	Médio	Galinha, porco
Menkragnoti	Jabui	Alto	Alto	Macaco, arara, periquito
Menkragnoti	Kâkakuben	Alto	Alto	Galinha
Menkragnoti	Karema	Alto	Alto	Sem criação
Menkragnoti	Kawatum	Alto	Alto	Arara, papagaio, macaco, periquito
Menkragnoti	Kendjam	Alto	Alto	Galinha
Menkragnoti	Koróróti	Alto	Alto	Galinha
Menkragnoti	Krimex	Alto	Alto	Arara, papagaio, periquito, macaco

Menkragnoti	Kubenkokre	Alto	Alto	Arara, papagaio, macaco, periquito
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Alto	Alto	Arara, macaco, periquito
Menkragnoti	Mokrore	Alto	Alto	Galinha
Menkragnoti	Omeikrankum	Alto	Alto	Galinha
Menkragnoti	Pykany	Alto	Alto	Arara, papagaio, macaco
Menkragnoti	Pykatoti	Alto	Alto	Periquito, macaco
Menkragnoti	Pyngrajtire	Alto	Alto	Arara, papagaio, macaco, quati, caititu

Percepção dos Kayapó sobre a subsistência e a segurança alimentar

Dos Kayapó entrevistados, 75% relataram que ainda há muitas roças nas aldeias (Figura 23) e 64% que há muitas variedades plantadas (Figura 24), tantas quanto antigamente. 74% disseram que as roças fornecem todos ou a maioria dos alimentos, valor menor do que em 2013 (Figura 25). Em relação à obtenção de proteína animal, 68% consideram que a quantidade de caça disponível nas aldeias é muito abundante ou abundante (Figura 26), enquanto apenas 57% consideram o pescado abundante ou muito abundante (Figura 27). Ainda assim, quase todos os entrevistados consideram que a caça e o pescado são mais importantes do que as carnes, frango ou pescado comprados fora da aldeia (Figura 28). Porém, houve um crescimento na proporção de indígenas que consideram alimentos vindos da cidade mais importantes do que os obtidos/produzidos nas aldeias (Figura 29), diferente de 2013, quando nenhum entrevistado considerou alimentos vindos de fora mais importantes.

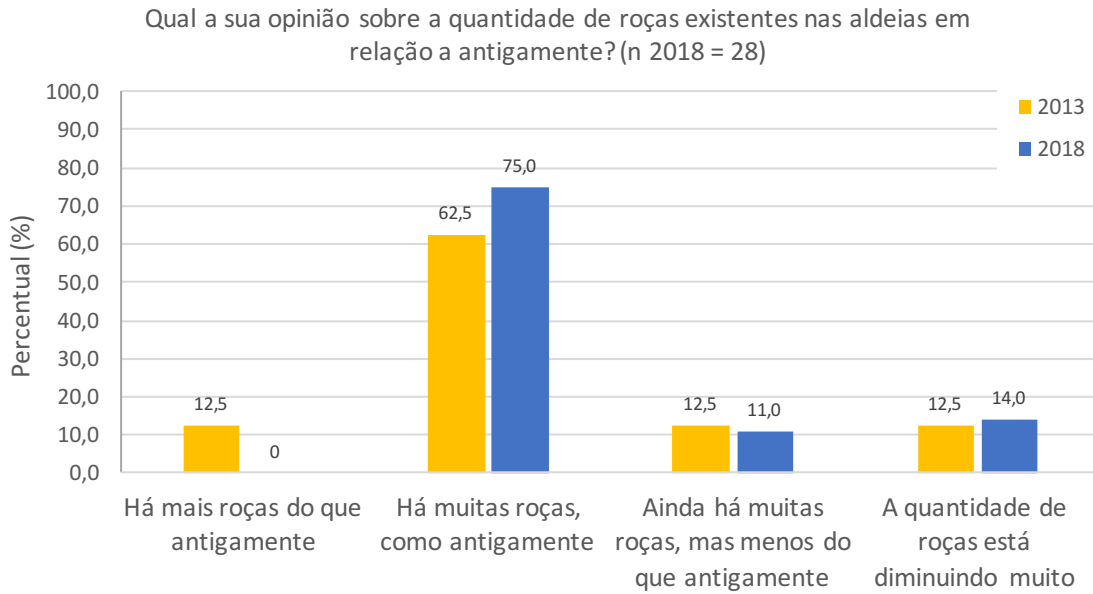


Figura 23. Opinião dos Kayapó sobre a quantidade de roças existentes nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

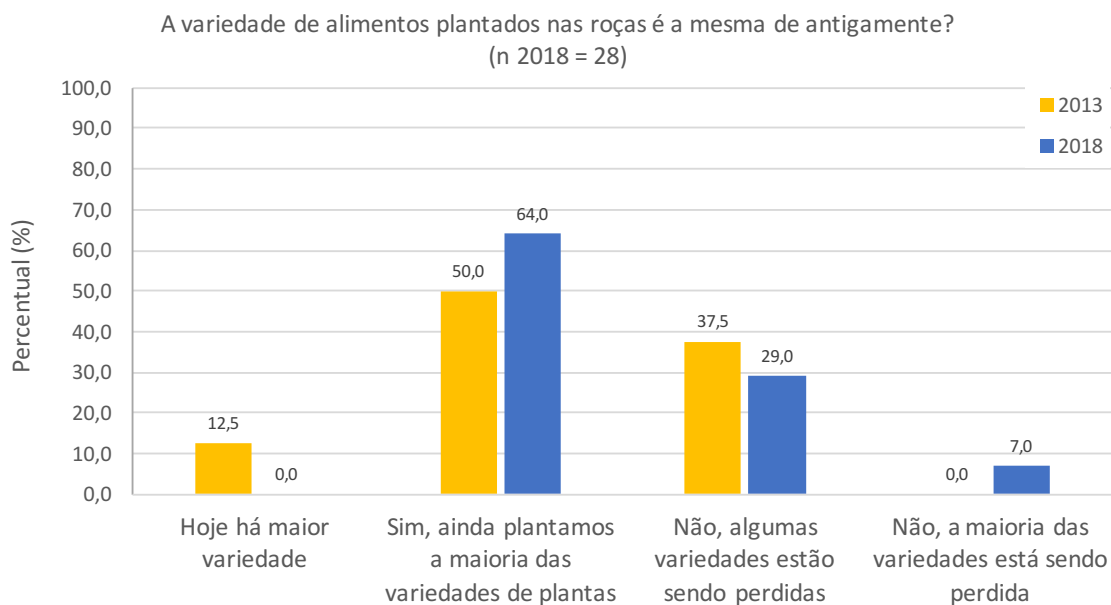


Figura 24. Opinião dos Kayapó sobre a variedade de alimentos plantados nas roças das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

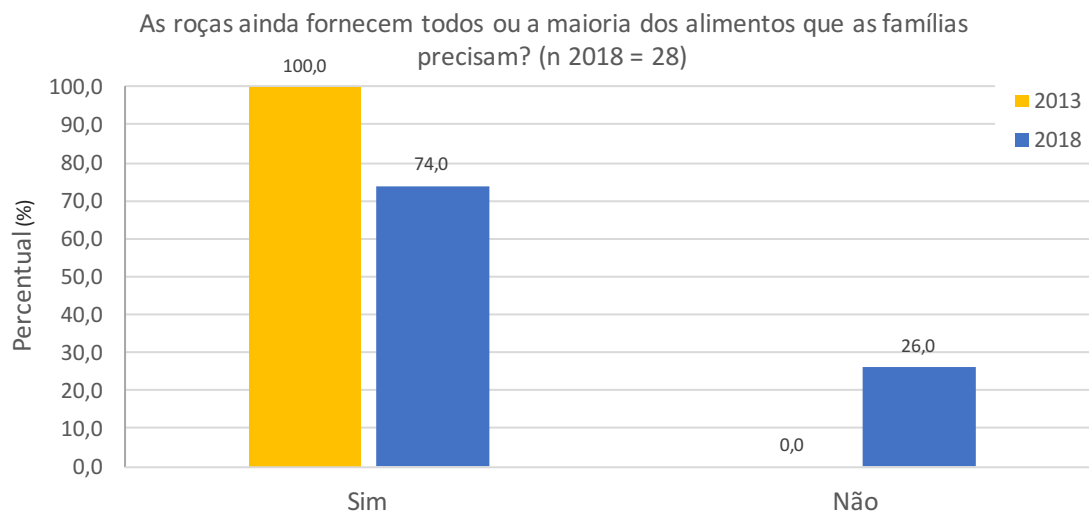


Figura 25. Opinião dos Kayapó sobre a importância das roças para alimentação nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

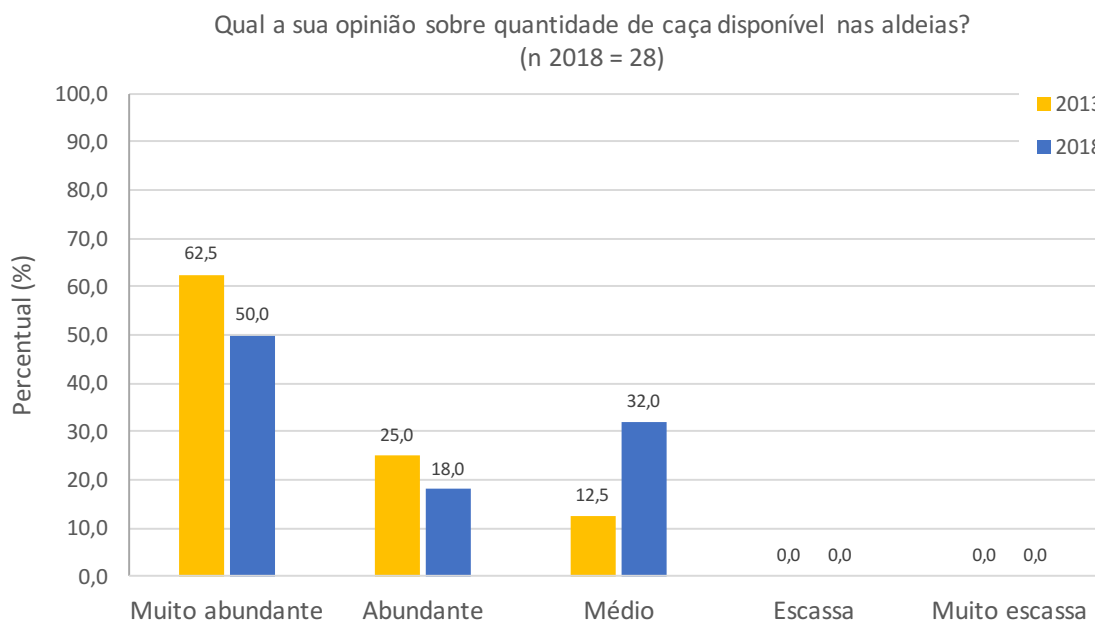


Figura 26. Opinião dos Kayapó sobre a quantidade de caça disponível nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

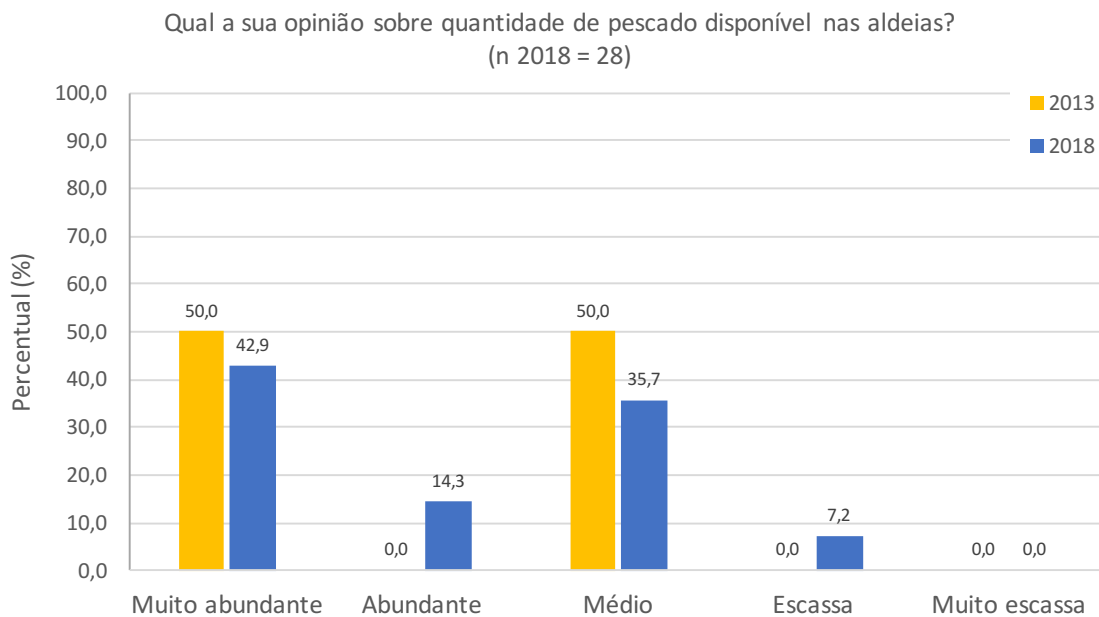


Figura 27. Opinião dos Kayapó sobre a quantidade de pescado disponível nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

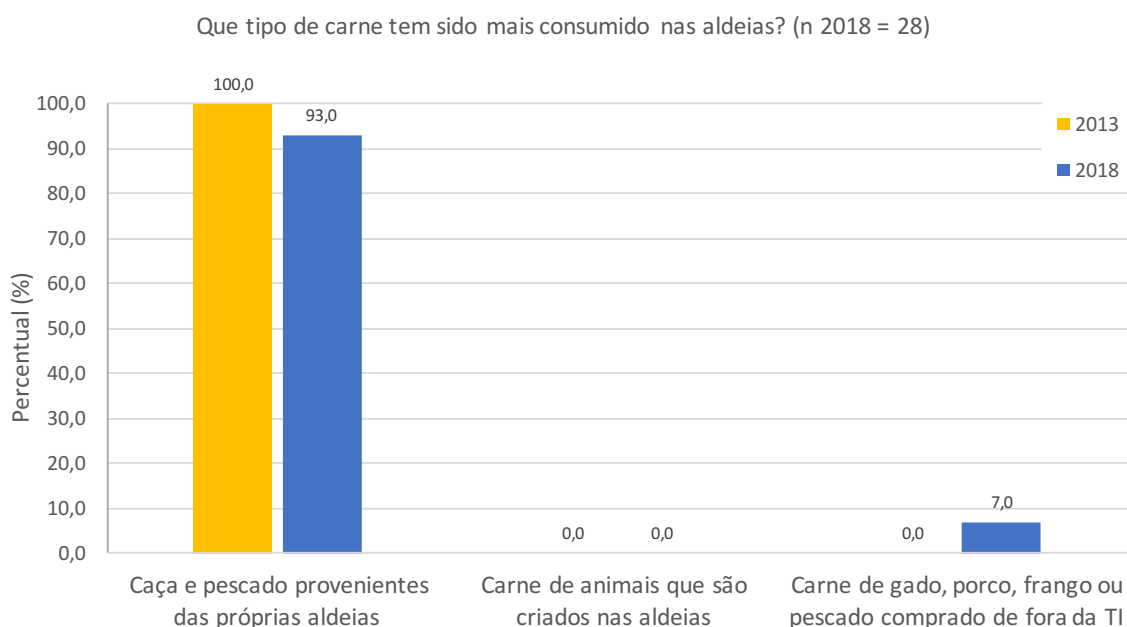


Figura 28. Opinião dos Kayapó sobre a origem da proteína animal consumida nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

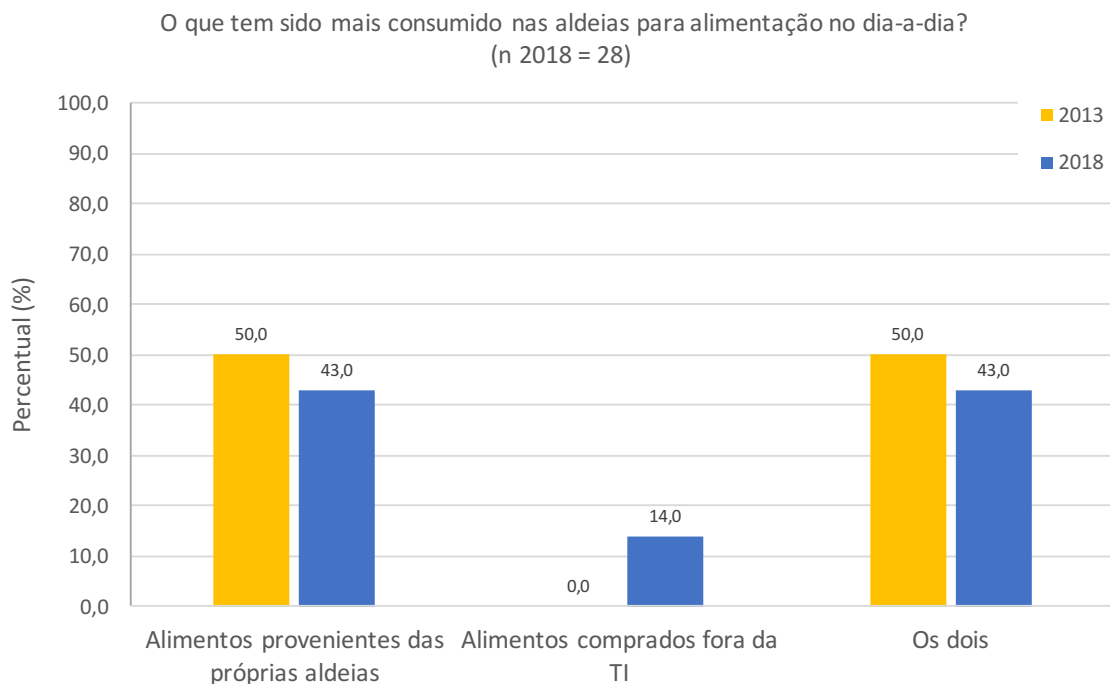


Figura 29. Opinião dos Kayapó sobre a origem dos alimentos consumidos nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema subsistência e segurança alimentar

"De acordo com a tradição dos Kayapó, o genro deveria caçar para o sogro, mas os jovens já não querem levar comida para os velhos. Eles pedem frango pontualmente quando estão na cidade, mas não muito. "

A intensidade e a qualidade da atividade agrícola e extrativista são indicadores que refletem a saúde de uma comunidade e de uma cultura. A agricultura, o extrativismo, a caça e a pesca são muito presentes no cotidiano das aldeias e tem um papel fundamental na alimentação e na dinâmica social Kayapó. Apesar disso, houve muitos relatos de que essas atividades atualmente são desenvolvidas principalmente pelas gerações mais velhas, havendo uma menor participação dos jovens.

Os relatos sobre agricultura durante as entrevistas estiveram associados principalmente a saúde, geração de renda e mudança de hábitos nas novas gerações. O surgimento de indígenas com

hipertensão, diabetes, pressão alta e outras enfermidades associadas ao consumo de bens industrializados vindos da cidade foi uma unanimidade tanto entre indígenas quanto entre não indígenas. Em 2013 essa mudança no padrão de produção e consumo de alimentos já estava clara:

"Em relação à garantia da segurança alimentar, tem épocas do ano que eles estão com mais fome, porque antes tinha maior organização dos plantios, para a roça nunca ficar sem nada. Assim, mesmo com grande diversidade, em algumas épocas do ano ainda falta alimento. O que mudou foi a preferência das pessoas por outros alimentos, que aprenderam depois do contato."

Os alimentos adquiridos na cidade passaram a integrar os itens básicos para subsistência, principalmente nas aldeias mais próximas as cidades. Com o aumento da presença dos Kayapó nas cidades, intensificou-se um fluxo de troca entre os alimentos tradicionais que são levados para as cidades e alimentos industrializados que são levados para as aldeias.

"Em relação a alimentação da aldeia, continua sendo o que nosso pai, mãe, avó ensinava pra nós, hoje continua sendo a roça. A gente planta nossa alimentação: banana, batata doce, milho, cana, tudo que o pessoal mais velho ensinava para nós. A alimentação continua, mandioca, porco, tatu. Hoje nós toma café, toma bolacha, café com leite, arroz e feijão, mas não esquece de comida da aldeia, tem a alimentação da aldeia. Hoje a gente come os dois: tem dia que come comida do branco, outro dia queremos só comida tradicional, mas como estamos acostumados a tomar café todo dia, tomamos todo dia, de manhã, tarde, final da tarde."

A pesca não foi mencionada em nenhuma das entrevistas, a não ser em relatos sobre invasões de pescadores e no projeto de pesca esportiva da AFP.

3.1.6. Renda

Atualmente, a renda dos indígenas que vivem nas comunidades das TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti é proveniente de três fontes principais: (a) Atividades econômicas, sejam elas legais (venda de produtos da sociobiodiversidade e outros serviços) ou ilegais (madeira, garimpo, arrendamento de terras, entre outras); (b) Salários (professores, profissionais de saúde e funcionários da FUNAI e associações); e (c) Benefícios Sociais (bolsa família, aposentadoria e salário maternidade). Abaixo serão detalhadas cada uma destas fontes de renda.

Atividades econômicas

Tabela 43. Principais atividades econômicas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI (Nº de aldeias)	Principais atividades econômicas (Nº de aldeias)
Badjonkôre (1)	Arrendamento (1), pesca (1) e venda ilegal de madeira (1)
Baú (4)	Castanha (4), cumaru (4), babaçu (2), artesanato (4), venda ilegal de madeira esporadicamente (2)
Capoto/Jarina (11)	Cumaru (1), mel (1), pequi (1), artesanato (10), farinha (10), balsa (3)
Kayapó (41)	Castanha (38), cumaru (6), jaborandi (2), artesanato (26), turismo (1), pesquisa (1) Projeto casa de cultura (1), arrendamento (2), venda ilegal de madeira (7), garimpo (10), pesca (1)
Las Casas (4)	Pequi (3), artesanato (3), farinha (2), arrendamento (3)
Menkragnoti (13)	Castanha (10), cumaru (12), artesanato (14), farinha (4), turismo (1), venda ilegal de madeira esporadicamente (3)
Total (74)	Artesanato (57), castanha (52), cumaru (23), farinha (16), venda ilegal de madeira (13), garimpo (10), arrendamento (6), pequi (4), balsa (3), jaborandi (2), babaçu (2), turismo (1), pesca (2), mel (1), copaíba (1), casa de cultura (1), educação e extensão uniersitária (1), pesquisa (1).

Atualmente, as atividades econômicas mais importantes conduzidas nas aldeias Kayapó são (em ordem decrescente do número de aldeias que praticam; tabela 43):

- (1) Artesanato (57 aldeias): a comercialização de artesanato é a atividade que envolve mais aldeias nas TIs Kayapó. A venda é realizada tanto de forma autônoma pelos indígenas, nas cidades mais próximas ou em viagens e eventos, quanto por meio de iniciativas junto às associações indígenas. A produção de artesanato é uma das atividades que mais envolvem as mulheres kayapó, resultando em um empoderamento deste grupo não apenas por meio da renda gerada, mas também pela participação das mesmas diretamente nas tomadas de decisão relacionadas às iniciativas de venda dos produtos. Por ser uma atividade tradicional, tem um papel importante na valorização da cultura Kayapó.
- (2) Castanha (54 aldeias): a castanha é tradicionalmente explorada pelos Kayapó e ocorre em altas densidades nas florestas da região, estando presente em grande parte das aldeias,

com exceção daquelas localizadas em áreas de Cerrado. A castanha é comercializada *in natura* tanto pelos próprios indígenas no mercado local ou com compradores/atravessadores da região, quanto por meio das associações/ cooperativas. Atualmente o Instituto Kabu e a Associação Floresta Protegida possuem iniciativas de beneficiamento e comercialização da castanha *in natura* e descascada.

- (3) Cumaru (23 aldeias): assim como a castanha, ocorre em muitas aldeias que estão localizadas em fisionomias florestais. Sua semente é comercializada seca por meio das associações para empresas de cosméticos.
- (4) Farinha (16 aldeias): Atividade conduzida principalmente pelas aldeias da TI Capoto/Jarina, com apoio do Instituto Raoni. A farinha é comercializada principalmente nos mercados dos municípios próximos.
- (5) Atividades ilícitas: A venda ilegal de madeira (ao menos 13 aldeias), o garimpo (ao menos 10 aldeias) e o arrendamento de terras (ao menos 6 aldeias) são atividades realizadas principalmente pelas aldeias da porção leste da TI Kayapó, as quais não são representadas pelas associações apoiadas pelo Fundo Kayapó, embora algumas aldeias da TI Baú e Menkragnoti também pratiquem a venda esporádica de madeira. Diferentemente das demais atividades econômicas citadas aqui, estas atividades normalmente beneficiam poucas famílias da comunidade e a renda é distribuída de forma desigual entre a população, gerando conflitos dentro das próprias aldeias e entre aldeias e causando sérios impactos sociais e ambientais.
- (6) Comercialização de outros produtos da sociobiodiversidade (pequi, jaborandi, babaçu, copaíba e mel - 1 a 4 aldeias); serviços (balsa, turismo, casa de cultura, educação e extensão universitária e pesquisa - 1 a 3 aldeias) e pesca ilegal (ao menos 2 aldeias).

Em comparação com as atividades produtivas mais relevantes em termos de números de aldeias em 2013, observa-se por um lado a expansão das iniciativas de comercialização de artesanato, castanha e cumaru, e por outro um grande aumento das atividades ilegais, que passaram ganhar importância como fonte de renda para mais comunidades (Figura 30).

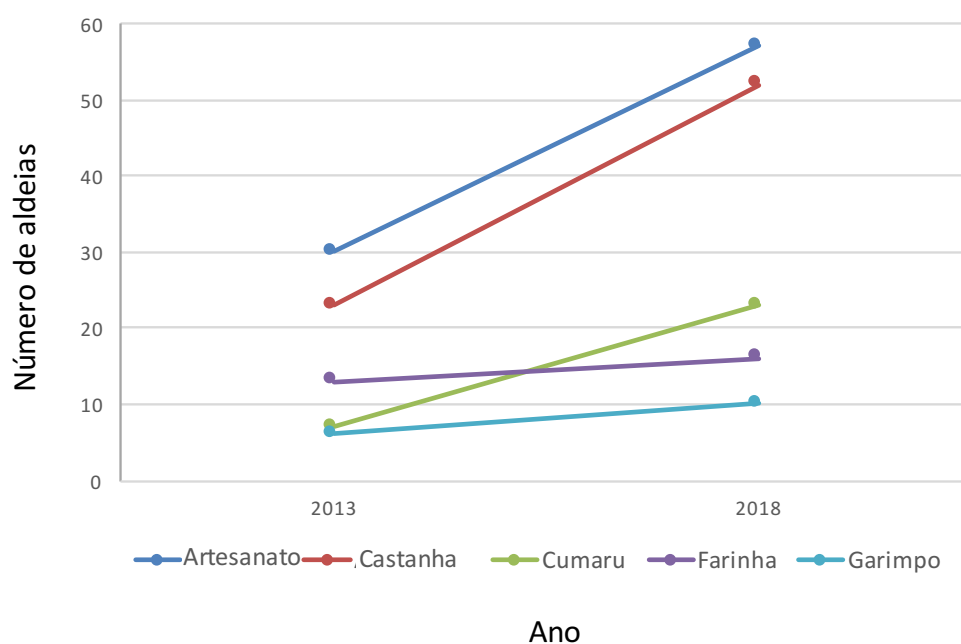


Figura 30. Número de aldeias que comercializam castanha, artesanato, cumaru, farinha e que possuem garimpos em 2013 e 2018 nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarira, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

As atividades econômicas praticadas por cada aldeia encontram-se nas tabelas 44 e 45.

Tabela 44. Comercialização de produtos da floresta, de artesanato e de produtos das roças pelas aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Comercialização de produtos da floresta	Comercialização de artesanato	Comercialização de produtos das roças
Badjonkôre	Krãnhanpare	Não	Não	Não
Baú	Baú	Castanha, cumaru e babaçu	Sim	Não
Baú	Kamaú	Castanha, cumaru e babaçu	Sim	Não
Baú	Kamũre	Castanha e cumaru	Sim	Não
Baú	Krambãri	Castanha e cumaru	Sim	Não
Capoto/Jarina	Bytire	Não	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	Jatobá	Não	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	Kenpó	Não	Sim	Farinha

Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Copaíba	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	Krétire	Não	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	Kromare	Não	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	More	Não	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	Piaraçu	Mel, pequi e cumaru	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	Pykatākwyry	Não	Sim	Farinha
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire nova	Não	Sim	Farinha
Kayapó	A'Ukre	Castanha e cumaru	Sim	Não
Kayapó	Apeiti	Castanha e jaborandi	Sim	Não
Kayapó	Bananal	Castanha	Não	Sim
Kayapó	Gorotire	Castanha e cumaru	Sim	Sim
Kayapó	Juari (Mikim)	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Kawatire	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Kedjerekrân	Castanha e cumaru	Sim	Não
Kayapó	Kikretum	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Kokokuedjã	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Kokraimoro	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Krânhrô	Castanha	Não	Não
Kayapó	Krâtyxkrere	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Kremáiti	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Krimejny	Castanha e jaborandi	Sim	Não
Kayapó	Kriny	Castanha e cumaru	Sim	Não
Kayapó	Krwanhôngô	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Kubenrankei	Castanha e cumaru	Sim	Não
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Castanha e cumaru	Sim	Não
Kayapó	Moidjam	Castanha	Não	Não
Kayapó	Moikarakô	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Momokre	Castanha	Não	Não
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Ngokongoti-re	Castanha	Não	Não
Kayapó	Ngôméiti	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Nhoimudjare	Castanha	Não	Não
Kayapó	Pidjiokore	Castanha	Não	Não
Kayapó	Pinkeitykre	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Ponte	Castanha	Não	Não

	(Kutenkore)			
Kayapó	Pykakyti	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Pykarârânkre	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Pykatô	Castanha	Não	Não
Kayapó	Pykatum	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Pykatykre	Não	Sim	Não
Kayapó	Pyuredjan*	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Castanha	Não	Não
Kayapó	Tantanjere	Castanha	Não	Não
Kayapó	Tépdjâti	Castanha	Sim	Não
Kayapó	Tepore	Castanha	Não	Não
Kayapó	Turedjam	Castanha	Não	Não
Las Casas	Arawá	Não	Não	Sim
Las Casas	Kapran Krére	Pequi	Sim	Farinha
Las Casas	Ronekore	Pequi	Sim	Não
Las Casas	Tekrejaroti-re	Pequi	Sim	Farinha
Menkragnoti	Jabui	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Kâkakuben	Não	Sim	Farinha
Menkragnoti	Karema	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Kawatum	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Kendjam	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Koróróti	Cumaru	Sim	Farinha
Menkragnoti	Krimex	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Kubenkokre	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Mekrâgnoti	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Mokrore	Não	Sim	Farinha
Menkragnoti	Omeikrankum	Cumaru	Sim	Farinha
Menkragnoti	Pykany	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Pykatoti	Castanha e cumaru	Sim	Não
Menkragnoti	Pyngrajtire	Castanha e cumaru	Sim	Não

Tabela 45. Outras atividades de geração de renda, além da comercialização de produtos da sociobiodiversidade, e atividades ilícitas de geração de renda nas aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Outras atividades de geração de renda	Atividades ilícitas de geração de renda
Badjonkôre	Krãnhanpare	Não	Arrendamento, pesca e extração ilegal de madeira
Baú	Baú	Não	Não
Baú	Kamaú	Não	Madeira esporadicamente
Baú	Kamũre	Não	Madeira esporadicamente
Baú	Krambãri	Não	Não
Capoto/Jarina	Bytire	Não	Não
Capoto/Jarina	Jatobá	Não	Não
Capoto/Jarina	Kenpó	Não	Não
Capoto/Jarina	Kremoro	Balsa	Não
Capoto/Jarina	Krétire	Não	Não
Capoto/Jarina	Kromare	Não	Não
Capoto/Jarina	More	Não	Não
Capoto/Jarina	Piaraçu	Balsa	Não
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Não	Não
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire nova	Balsa	Não
Kayapó	A'Ukre	Educação e extensão universitária (curso de campo) e pesquisa	Não
Kayapó	Apeiti	Não	Não
Kayapó	Bananal	Não	Arrendamento, pesca e extração ilegal de madeira
Kayapó	Gorotire	Não	Garimpo e extração ilegal de madeira
Kayapó	Juari (Mikim)	Não	Garimpo
Kayapó	Kawatire	Não	Não
Kayapó	Kedjerekrãn	Não	Não
Kayapó	Kikretum	Não	Garimpo
Kayapó	Kokokuedjã	Não	Garimpo
Kayapó	Kokraimoro	Não	Não
Kayapó	Krãnhkrô	Não	Garimpo e extração ilegal de madeira

Kayapó	Krãtyxkrere	Não	Não
Kayapó	Kremáiti	Não	Arrendamento
Kayapó	Krimejny	Não	Não
Kayapó	Kriny	Não	Garimpo e extração ilegal de madeira
Kayapó	Krwanhõngô	Não	Não
Kayapó	Kubenkrankei	Não	Não
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Não	Garimpo e extração ilegal de madeira
Kayapó	Moidjam	Não	Garimpo
Kayapó	Moikarakô	Projeto Casa de Cultura / museu do índio	Não
Kayapó	Momokre	Não	Garimpo e extração ilegal de madeira
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Não	Não
Kayapó	Ngokongoti-re	Não	s.i.
Kayapó	Ngôméiti	Não	Não
Kayapó	Nhoimudjare	Não	s.i.
Kayapó	Pidjiokore	Não	s.i.
Kayapó	Pinkeitykre	Não	Não
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Não	s.i.
Kayapó	Pykakyti	Não	Não
Kayapó	Pykarãrãnkre	Não	Não
Kayapó	Pykatô	Não	s.i.
Kayapó	Pykatum	Não	Não
Kayapó	Pykatykre	Não	Não
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Não	Não
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Não	s.i.
Kayapó	Tantanjere	Não	s.i.
Kayapó	Tépdjâti	Não	Não
Kayapó	Tepore	Não	s.i.
Kayapó	Turedjam	Não	Garimpo e extração ilegal de madeira
Las Casas	Arawá	Não	s.i.
Las Casas	Kapran Krére	Não	Arrendamento
Las Casas	Ronekore	Não	Arrendamento
Las Casas	Tekrejaroti-re	Não	Arrendamento
Menkragnoti	Jabui	Não	Não

Menkragnoti	Kâkakuben	Não	Não
Menkragnoti	Karema	Não	Não
Menkragnoti	Kawatum	Não	Não
Menkragnoti	Kendjam	Turismo (pesca esportiva)	Não
Menkragnoti	Koróróti	Não	Não
Menkragnoti	Krimex	Não	Madeira esporadicamente
Menkragnoti	Kubenkokre	Não	Não
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Não	Não
Menkragnoti	Mokrore	Não	Não
Menkragnoti	Omeikrankum	Não	Não
Menkragnoti	Pykany	Não	Madeira esporadicamente
Menkragnoti	Pykatoti	Não	Não
Menkragnoti	Pyngrajtire	Não	Madeira esporadicamente

Do total de aldeias Kayapó das seis TIs estudadas, 81,9% comercializam produtos da floresta, 79,2% comercializam artesanato, 26,4% comercializam produtos das roças e apenas 4,2% possuem projetos de turismo e educação. No mínimo 28% participam de atividades ilegais. Deve-se considerar o grande aumento no número de aldeias na região. Assim, em comparação com o ano de 2013, houve um crescimento principalmente na proporção de aldeias que participam de projetos de comercialização de artesanato. Embora a proporção de aldeias que comercializam produtos da floresta tenha diminuído (em função do grande aumento do número de aldeias), estas atividades se expandiram muito nos últimos anos. Proporcionalmente menos aldeias estão comercializando produtos da roça e mais aldeias estão praticando atividades ilegais. (Figura 31)

O papel das associações indígenas AFP, IK e IR tem sido fundamental na consolidação de atividades de geração de renda sustentáveis nas TIs Kayapó, na tentativa de fazer frente à expansão desenfreada de atividades ilegais, especialmente do garimpo (mais detalhes na seção 3.1.8.). Nos últimos anos, as associações Kayapó têm participado de redes de produtores articuladas por organizações como o Imaflora, o ISA e outros parceiros, como por exemplo o Selo Origens Brasil. A capacidade de gestão e articulação que estas redes proporcionam, assim como a oportunidade de definir estratégias conjuntas para agregar valor à produção e negociar a mesma a preços mais altos, como formação de estoque, negociação em conjunto e contato com novos parceiros comerciais, tem aberto novos mercados e alavancado a renda gerada pela comercialização de produtos da sociobiodiversidade.

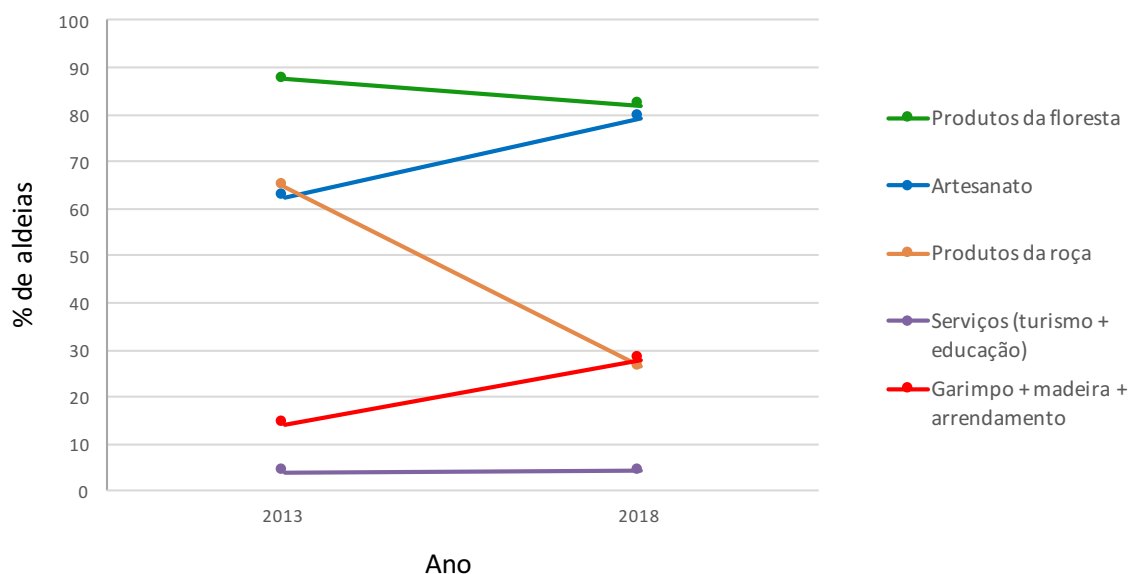


Figura 31. Proporção de aldeias que comercializam produtos da floresta, artesanato e produtos da roça, que realizam iniciativas de turismo e educação e que praticam atividades ilegais (garimpo, venda de madeira e arrendamento de terras) em 2013 e 2018 nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarira, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Atualmente a AFP tem seis iniciativas de geração de renda estabelecidas e em fase de teste (castanha, cumaru, pequi, artesanato, turismo de pesca esportiva e educação e extensão universitária - curso de campo), além de outras iniciativas em fase de desenvolvimento. Já o IK possui quatro iniciativas estabelecidas (castanha, cumaru, babaçu e artesanato). O IR conta com cinco iniciativas (copaíba, pequi, cumaru, farinha e artesanato). Com exceção da TI Badjonkôre, o número de iniciativas sustentáveis de geração de renda é maior do que três em todas as Terras Indígenas, situação similar à de 2013. 100% das aldeias representadas pela AFP, pelo IK e pelo IR participam de ao menos uma iniciativa de geração de renda sustentável, enquanto que as aldeias não representadas por estas associações não possuem iniciativas, comercializando sua produção em mercados locais e/ou com atravessadores, normalmente a preços baixos.

Em 2012 a AFP apoiou a constituição de uma cooperativa (CooBaY) destinada à gestão da compra e da venda de produtos do agroextrativismo e artesanato das aldeias a ela cooperadas (as mesmas aldeias que fazem parte da AFP). A AFP tem apoiado técnica e financeiramente a CooBaY, como, por exemplo, incluindo em suas propostas recursos para manter um quadro mínimo de funcionários e subsidiando alguns dos custos da cooperativa. A CooBaY funciona em uma sala na sede da própria AFP.

A receita gerada pelas iniciativas de geração de renda desenvolvidas pelas associações Kayapó tem alcançado valores significativos nos últimos anos. Entre 2013 e 2017 a receita total gerada por elas variou entre R\$ 256 mil no IR e 2,7 milhões na AFP. Dentre todas elas, a cadeia da castanha é a que tem gerado as maiores receitas, um total de R\$ 2,17 milhões em todo o território entre 2013 e 2017 (52,1% da receita total), seguida pela cadeia do artesanato, cuja receita foi de R\$ 1,17 milhões (28,1%; Figura 32). As iniciativas de pesca esportiva e os cursos de extensão universitária conduzidos pela AFP não aumentaram em número, porém se consolidaram e geraram um total de R\$ 470,6 mil no mesmo período para apenas duas aldeias, se mostrando uma modalidade de atividade de geração de renda extremamente promissora para o contexto Kayapó. (Tabela 46)

Tabela 46. Renda total gerada pela comercialização de produtos e serviços pelas associações Kayapó entre os anos de 2013 e 2017. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Produto	AFP (R\$)	IK (R\$)	IR (R\$)	Total associações
Castanha (<i>in natura</i> + descascada)	1.646.637,00	524.159,00	--	2.170.796,00
Artesanato	485.016,00	507.315,00	175.650,00	1.167.981,00
Cumarú	93.458,00	173.771,00	14.095,00	281.324,00
Pequi	4.725,00	--	39.025,00	43.750,00
Copaíba	--	--	15.950,00	15.950,00
Farinha + polvilho	--	--	11.280,00	11.280,00
Serviços (curso de campo + pesca esportiva)	470.642,00	--	--	470.642,00
Total	2.700.478,00	1.205.245,00	256.000,00	4.161.723,00

A receita média anual gerada pelas iniciativas de comercialização de produtos e serviços pelas associações Kayapó de 2013 a 2017 variou de R\$ 51,2 mil no IR a R\$ 540,1 mil na AFP, o que representa uma renda média por aldeia de aproximadamente R\$ 3,2 mil (IR) a R\$ 21,6 mil (AFP) e uma renda per capita de R\$ 27,8 (IR) a R\$ 180,7 (AFP; Tabela 47). Cabe ressaltar que para essa análise, os valores das receitas obtidas são contabilizados de forma bruta, ou seja, não estão deduzidos os custos operacionais para comercialização dos mesmos, custos estes subsidiados em sua maioria pelas associações que apoiam as iniciativas.

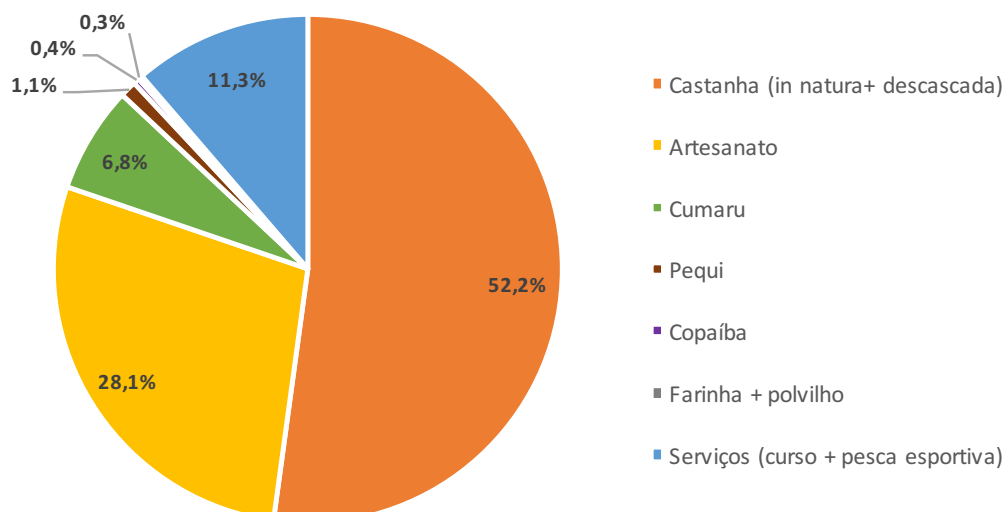


Figura 32. Importância relativa da receita gerada por cada uma das iniciativas de geração de renda sustentável desenvolvidas no território Kayapó pelas associações Kayapó entre os anos de 2013 a 2017. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Tabela 47. Renda média anual total, por aldeia e per capita gerada pela comercialização de produtos e serviços pelas associações Kayapó entre os anos de 2013 e 2017. Fontes: Associação Floresta protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

ASSOCIAÇÃO	Renda média anual total (R\$)	Renda média anual por aldeia (R\$)	Renda média anual per capita (R\$)
AFP	540.095,60	21.603,82	180,69
IK	241.049,00	20.087,42	153,73
IR	51.200,00	3.200,00	27,83

Apesar de as aldeias do IR serem as que possuem a menor receita anual gerada a partir das iniciativas de geração de renda, as aldeias da TI Capoto/Jarina se beneficiam do funcionamento de uma balsa que cruza o Rio Xingu na estrada que passa em seu limite inferior (MT-322), na divisa com o Parque Indígena do Xingu. Segundo o IR, o recurso gerado pelo gerenciamento da balsa pelas comunidades Kayapó é estimado em R\$ 1,5 milhão anual, que é dividido entre as aldeias Kayapó dessa TI (gerando em média cerca de R\$ 136,4 mil anuais por aldeia se for dividido igualmente entre as mesmas). O IR não recebe ou administra este recurso.

Salários e benefícios sociais

Além das atividades econômicas, a renda dos Kayapó é constituída por salários, basicamente na área da saúde (AIS e AISAN), educação (professores indígenas, monitores, merendeiros), FUNAI e associações, e de benefícios sociais. Os benefícios recebidos atualmente são a aposentadoria rural, o salário maternidade e o bolsa família.

Atualmente, 81 indígenas kayapó são contratados pelas Secretarias de Educação dos Municipais e Estaduais como professores e monitores das escolas indígenas, sendo 2 na TI Badjonkôre, 3 na TI Baú, pelo menos 18 na TI Capoto/Jarina, 51 na TI Kayapó, 4 na TI Las Casas e ao menos 3 na TI Menkragnoti (nesta TI não foi possível obter informações de todas as aldeias). Não foi possível obter informação sobre o número de indígenas empregados pela SESAI que atuam nas aldeias.

Além destes, 17 kayapós são empregados nas associações indígenas, sendo cinco na AFP, nove no IK e três no IR. Não há informações sobre indígenas empregados por outras associações. Já a FUNAI conta com 15 servidores indígenas em seu quadro, sendo três vinculados à Coordenação Regional Kayapó Sul do Pará e 12 vinculados à Coordenação Regional Norte do Mato Grosso (Tabela 48). A grande maioria dos indígenas empregados pela FUNAI e pelas associações reside na cidade e não nas aldeias.

Tabela 48. Servidores Indígenas da etnia Kayapó vinculados à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 2018. Fonte: FUNAI 2018.

Nome	Coordenação Regional	Unidade
Kubei Kayapó	CR Kayapó Sul do Pará	CTL Redenção
Paulinho Paiakan	CR Kayapó Sul do Pará	CTL Redenção
Tabo Kayapó	CR Kayapó Sul do Pará	CTL Redenção
Megaron Txucarramae	CR Norte do Mato Grosso	CR Norte do Mato Grosso - Colíder
Moikara Txucarramae	CR Norte do Mato Grosso	CR Norte do Mato Grosso - Colíder
Patxon Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CR Norte do Mato Grosso - Colíder
Pituyaro Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Guarantã do Norte
Karupi Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I
Meubamp Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I
Nikati Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I
Oket Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I
Patkare Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I
Puii Txukahamae	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I
Txokra Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I
Yabuti Metuktire	CR Norte do Mato Grosso	CTL Peixoto de Azevedo I

Nos últimos anos, a FUNAI tem prestado uma assistência importante aos indígenas na obtenção de benefícios sociais. Em 2018, ao menos 1000 famílias foram beneficiadas pelo Programa Bolsa família e os idosos e mulheres indígenas têm direito à aposentadoria rural e salário maternidade. No entanto, não foi possível obter junto aos órgãos responsáveis ou à FUNAI o número de indígenas Kayapó que atualmente recebem estes benefícios.

Com base em informações sobre salários e benefícios sociais levantadas pela CR Kayapó Sul do Pará, dados sobre o programa bolsa família fornecidos pelo Ministério do Desenvolvimento Social e a receita gerada por atividades produtivas fornecidas pela Associação Floresta Protegida para 15 comunidades Kayapó localizadas na TI Kayapó, no município de São Felix do Xingu, foi realizado um cálculo da importância de cada uma dessas fontes de renda para a renda total das comunidades (Tabelas 49 e 50).

As aldeias para as quais foi realizado este cálculo possuem de 27 a 540 habitantes e todas são representadas pela Associação Floresta Protegida. A renda total anual variou entre R\$ 41,2 mil, na menor aldeia, e R\$ 673, 9 mil, na maior aldeia (Tabela 49). Os benefícios sociais representam em média 48,8% da renda total, enquanto os salários representam em média aproximadamente 44,2%. As iniciativas de geração de renda representam em média 9,9% da renda total anual, variando entre 3,1 e 15,6% (Tabela 50). Não foram incluídas as receitas geradas pelas iniciativas de geração de renda em 2018, já que quando os dados foram coletados nem toda a produção havia sido comercializada. No entanto, a receita gerada em 2018 foi a mais alta desde 2013 e, desta forma, iria aumentar a proporção da renda gerada por estas iniciativas em relação ao total. Deve-se ressaltar que, apesar de representarem a menor parte da renda das comunidades, as iniciativas de geração de renda têm em comum o potencial de gerar uma receita que é bem distribuída na comunidade, entre pessoas de diferentes famílias, jovens e velhos, homens e mulheres.

Tabela 49. Fontes de renda e estimativa da renda total obtida por comunidades Kayapó da Terra Indígena Kayapó no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Ministério do Desenvolvimento Social, SEDUCs e SESAÍ 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Benefícios sociais*	Salários**	Iniciativas de geração de renda***	Renda total anual
Kayapó	Apeiti	R\$60.961,87	R\$80.002,00	R\$18.014,80	R\$158.978,67
Kayapó	Kawatire	R\$63.698,34	R\$67.002,00	R\$10.560,40	R\$141.260,74
Kayapó	Kedjerekrã	R\$98.927,30	R\$69.602,00	R\$12.744,00	R\$181.273,30
Kayapó	Kokraimoro	R\$410.915,15	R\$213.408,00	R\$49.540,70	R\$673.863,85
Kayapó	Krãtyxkrere	R\$58.354,05	R\$33.202,00	R\$7.143,80	R\$98.699,85

Kayapó	Kremaiti	R\$22.803,43	R\$137.202,00	R\$5.124,90	R\$165.130,33
Kayapó	Krimeiny	R\$15.171,43	R\$33.202,00	R\$5.124,90	R\$53.498,33
Kayapó	Kruwanhongô	R\$64.456,21	R\$33.202,00	R\$16.617,10	R\$114.275,31
Kayapó	Moikarakô	R\$303.936,95	R\$132.808,00	R\$80.756,00	R\$517.500,95
Kayapó	Ngojamroti	R\$20.688,31	R\$20.800,00	R\$6.988,50	R\$48.476,81
Kayapó	Ngomeiti	R\$37.515,12	R\$41.600,00	R\$10.094,50	R\$89.209,62
Kayapó	Pykararankre	R\$194.004,08	R\$173.810,00	R\$22.673,80	R\$390.487,88
Kayapó	Rikaró	R\$62.295,59	R\$46.800,00	R\$14.598,20	R\$123.693,79
Kayapó	Tepdjâti	R\$62.295,59	R\$50.744,00	R\$14.598,20	R\$127.637,79
Kayapó	Pykakyti	R\$16.228,99	R\$20.800,00	R\$4.193,10	R\$41.222,09

*Incluídos: aposentadoria rural (valor de referência R\$ 12.402,00 anuais), salário maternidade (valor de referência R\$ 3.816,00) e bolsa família (valor anual médio per capita de R\$ 459,74, calculado a partir do valor total do benefício repassado a famílias Kayapó de agosto de 2017 a julho de 2018. Fontes: FUNAI e MDS.

**Incluídos salários de: Professores com magistério (valor de referência: R\$ 20.800,00 anuais), Monitor escolar (valor de referência: R\$ 15.600,00 anuais), Merendeira (valor de referência: R\$ 12.402,00 anuais), Auxiliar de Serviços gerais das escolas (valor de referência: R\$ 12.402,00 anuais), AIS (Agente indígena de saúde - valor de referência: R\$ 13.000,00 anuais), (Agente indígena de saneamento - valor de referência: R\$ 13.000,00 anuais), brigadistas do Prevfogo (valor de referência: R\$ 18.356,00 anuais). Fontes: SEDUCs e SESAI.

***Incluídas: rendas anuais médias para os anos de 2013 a 2017 provenientes da comercialização de castanha, cumaru e artesanato para cada aldeia que participa destas iniciativas. Fonte: Associação Floresta Protegida.

Tabela 50. Proporção estimada da renda gerada por benefícios sociais, salários e iniciativas de geração de renda em relação à renda total de comunidades Kayapó da Terra Indígena Kayapó no ano de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, FUNAI, Ministério do Desenvolvimento Social, SEDUCs e SESAI 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Benefícios sociais* (%)	Salários** (%)	Iniciativas de geração de renda*** (%)
Kayapó	Apeiti	38,3	50,3	11,3
Kayapó	Kawatire	45,1	47,4	7,5
Kayapó	Kedjerekrã	54,6	38,4	7,0
Kayapó	Kokraimoro	61,0	31,7	7,4
Kayapó	Krãtyxkrere	59,1	33,6	7,2
Kayapó	Kremaiti	13,8	83,1	3,1
Kayapó	Krimeiny	28,4	62,1	9,6
Kayapó	Kruwanhongô	56,4	29,1	14,5
Kayapó	Moikarakô	58,7	25,7	15,6

Kayapó	Ngojamroti	42,7	42,9	14,4
Kayapó	Ngomeiti	42,1	46,6	11,3
Kayapó	Pykararankre	49,7	44,5	5,8
Kayapó	Rikaró	50,4	37,8	11,8
Kayapó	Tepdjāti	48,8	39,8	11,4
Kayapó	Pykakyti	39,4	50,5	10,2
	Média	48,8	44,2	9,9

*Incluídos: aposentadoria rural, salário maternidade e bolsa família

**Incluídos salários de: Professores com magistério, Monitor escolar, Merendeira, Auxiliar de Serviços gerais das escolas, AIS (Agente indígena de saúde), (Agente indígena de saneamento) e brigadistas do Prevfogo.

***Incluídas: rendas anuais médias para os anos de 2013 a 2017 provenientes da comercialização de castanha, cumaru e artesanato para cada aldeia que participa destas iniciativas.

Percepção dos Kayapó sobre renda

A maioria dos indígenas entrevistados considera as atividades de geração de renda atualmente boas (43%) e muito boas (18%), valores maiores do que os valores de 2013. Nenhum entrevistado considerou a situação atual péssima (Figura 33).

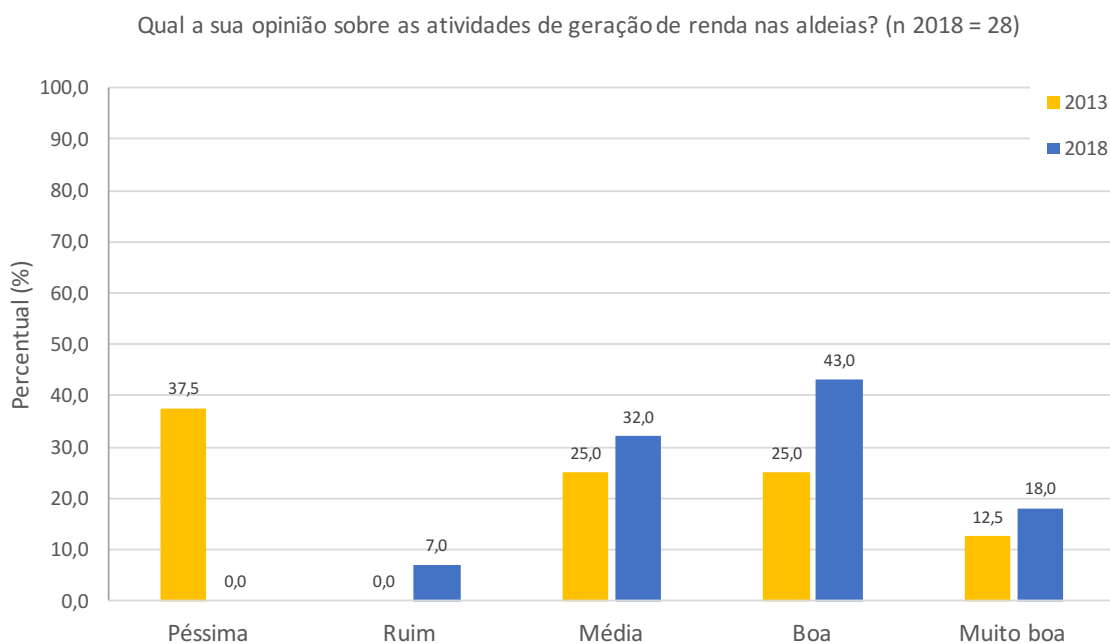


Figura 33. Opinião dos Kayapó sobre as atividades de geração de renda nas aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema renda

“Hoje todo mundo mexe com dinheiro, aí todo mundo está querendo. Não tem como dizer, que a metade quer e outra não. São todos. Todo mundo quer. Hoje nós já acostumamos, já entramos na cultura de sociedade brasileira, e a gente vendo o dinheiro, todos nós queremos. Mas eu não quero assim falar dele (indígena envolvido com garimpo), eu só quero nessa minha fala, mostrar o trabalho que nós estamos prestando para a comunidade. Porque se eu falo dele, vão começar a falar que eu tô falando deles, não tô falando, tô apenas explicando.”

O desejo de muitos Kayapós por uma fonte de renda pessoal ou familiar como justificativa para muitas das principais transformações recentes da cultura foi o tema de maior destaque nas entrevistas. O maior acesso às cidades, a adesão às atividades ilícitas e mesmo o engajamento em projetos que trazem benefícios para as aldeias foram relatados como tendo sido motivados pelo acesso ao dinheiro para uso pessoal ou familiar.

É importante destacar que esse fenômeno recente parece ter características distintas dos ciclos do garimpo e do mogno anteriores pela multiplicidade de eventos que compõe o contexto atual: 1) a escala, pois está presente em todas as Terras Indígenas, mesmo que não tenham atividades ilegais em curso; 2) a presença dos grandes projetos de compensação (mais detalhes na seção 3.1.11.); 3) o acesso mais constante entre aldeias e cidades decorrente da abertura de novas estradas e da necessidade de acessar benefícios sociais, 4) o interesse da população Kayapó, especialmente os jovens, pelas novas tecnologias, bens de consumo e alimentos industrializados.

“Em 2007 eu lembro que a gente ia lá fazer reuniões sobre castanhas, sem prometer nada, a gente fez um estudo, plano de negócios, então tinha muito pouca fonte de recursos, mas era isso, as vontades e desejos são proporcionais às oportunidades que você tem. As oportunidades de renda aumentam, os desejos também aumentam de forma proporcional.”

A busca por novas possibilidades de geração de renda é muito importante no contexto atual e se tornou um elemento essencial tanto para a garantia da integridade territorial das Terras Indígenas quanto para o equilíbrio social das aldeias, principalmente nas aldeias próximas às cidades do entorno. Existe um assédio grande dos madeireiros, garimpeiros e fazendeiros sobre os indígenas nas cidades para apoiarem as atividades ilegais em troca de uma participação nos lucros ou algum tipo de benefício.

“Me ofereceram 5 mil reais e falaram: - A gente tem uma madeira lá não sei onde; o IBAMA foi lá e a gente correu. Tá lá a madeira e eu te dou 5 mil pra você liberar pra gente ir tirar. Eu falei que

não. - Se você for lá eu vou chamar IBAMA. No dia seguinte, outro homem chegou com 10 mil reais, e disse: - Tô aqui com dinheiro no bolso. Vou te passar agora. Eu falei: - Se eu pegar esse dinheiro vou prejudicar os meus parentes, não é só eu que vou ser prejudicado, então não quero esse dinheiro, ilegal. E meu filho falando pra mim: - Pai, porque você não pega esse dinheiro. - Filho você não tá vendo? Eu não te preparei pra isso! Ele respondeu: - ah desculpa então! Eu estava no mercado um dia, e o cara chegou e falou: tô com 15 mil reais que vou te pagar agora. Eu falei: não quero seu dinheiro, esquece de mim, senão vou chamar a polícia agora, vou chamar IBAMA agora. “

As atividades ilícitas são um grande atrativo pela oferta de dinheiro líquido e rápido. No entanto, a divisão de recursos gerada por elas não é homogênea entre as famílias, sendo normalmente apropriada principalmente por alguma família.

Os projetos e as atividades das associações, por sua vez, são planejados para o conjunto das aldeias e do território e são implementadas em uma dinâmica de acordos coletivos e um controle social e financeiro. Estão focados na integridade do território por meio de ações estruturantes, que levam tempo para se consolidarem e dependem de um engajamento consciente motivado por fatores que vão além do acesso ao recurso rápido para uso pessoal.

“Como eu falei no início da minha conversa, as aldeias que estão mexendo aí, eles escolheram o caminho, trabalhar com dinheiro direto. Aqui, com projeto, ninguém vê recurso, realmente recurso grande ninguém pode levar pra distribuir pra todo mundo. Ele é transferido de conta pra conta, é pra pagar o que a comunidade gastou, nossos parentes só querem receber dinheiro na mão.”

Outro tema relatado é a maneira dos Kayapó de lidar com o dinheiro. Os entrevistados foram unânimes em relatar a dificuldades dos indígenas para gerir o dinheiro que recebem. O exemplo mais marcante é a gestão da balsa na aldeia Piarajú que gera uma das maiores receitas da região. Nas entrevistas, foi relatada, uma receita mensal que pode chegar a 1,5 milhão por ano. Esse recurso é dividido entre os integrantes das aldeias para utilização em fins pessoais, não havendo um investimento na estrutura da aldeia, em ações formativas ou em sua associação representativa.

“Um indígena me ligou e perguntou quanto tinha pra receber da fiscalização. Aí eu falo: - você foi dois dias, então você tem 200 reais. Ele pagou 280 reais em um táxi lá em Garantã do Norte pra vir receber 200 reais. Aí eu falei: - você pagou 280 pra vir aqui receber 200. Você perdeu 80. Ele falou: - Ah mas os 280 são da balsa, não é meu.”

Situações semelhantes a essa são relatadas constantemente e se reproduzem muitas vezes na relação com os recursos dos projetos. Os Kayapó de uma forma geral gastam todo dinheiro de forma inconsequente, comprando os bens materiais que desejam. No entanto, o desejo de viver na cidade tem levado alguns indígenas a procurar empregos, então hoje eles têm essa demanda real e aumenta a cada dia.

Outra fonte de renda disponível para os Kayapó são os benefícios sociais. Se por um lado muitos não indígenas criticam a forma como os benefícios funcionam e o fato de terem funcionado como um vetor de atração dos indígenas para as cidades, os indígenas os consideram positivos, pois são uma forma de geração de renda.

"O benefício social traz resultado muito bom para a comunidade, porque ajuda muito a comunidade. Antes não existia isso, e hoje a gente tem relação muito boa, porque ajuda muita aldeia, bolsa família, maternidade, ajuda muito a população indígena que mora na aldeia. Comprar material que precisa na aldeia."

Apesar da demanda crescente por dinheiro, existem muitos indígenas engajados na proteção do território e na geração de renda por meio dos projetos e das atividades sustentáveis. O mais importante é que essas atividades têm se mostrado efetivas e bem-sucedidas, apesar da competição desleal com as atividades ilícitas, que são capazes de gerar um grande volume de recursos de forma rápida.

Uma experiência de destaque é a cooperativa criada pela AFP. Os indígenas reconhecem a diferença entre a associação e a cooperativa e estabelecem uma relação comercial com a cooperativa, tendo em vista que ela compra a sua produção. No entanto não estão dispostos a negociar os preços e acompanhar os valores de mercado.

"A gente pagou 35 reais a lata em 2017. No final do ano falaram que tinha que ser 50 reais a lata. A lata de 10 quilos. Passou poucos dias e o preço caiu. Tivemos que pagar 50 reais para eles, mesmo na cidade estando 35. Se a gente acompanhasse o mercado não teria prejuízo. Aí está no estoque, e estamos vendendo a 40, 35 e tendo prejuízo."

O desenvolvimento de atividades de geração de renda sustentáveis associadas a processos formativos amplos que incluam jovens e mulheres é essencial para o futuro do território Kayapó. É também importante que essas iniciativas contemplem uma formação básica na gestão dos recursos financeiros.

"Eu queria que muitos Kayapós tivessem uma visão do que é um bem. Um bem é nossa comunidade, nossa terra, recurso que a gente tem. Queria que a gente tivesse isso, mas muitos não têm isso, muito acham que necessidades imediatas precisam ser sanadas a partir daquele momento com algum dinheiro imediato. É diferente quando a gente garante uma condição de vida melhor, um bem viver a longo prazo, coletivo, familiar, com saúde. A gente tem essa dificuldade de fazer muitos de nossos parentes entenderem isso, esse é um desafio, fazer outros parentes valorizarem a importância da terra, da comunidade, e a gente poder se capacitar, nós mesmos fazer a gestão de nossa terra. E não é aceitando dinheiro fácil que a gente vai conseguir fazer a gestão da nossa terra, e sim quando a gente se capacitar, ser bem informado, decidir qual trabalho a gente quer, com cuidado."

Além da produção extrativista, as três associações executam projetos de fomento à produção e comercialização de artesanato, além do fato de existir uma produção espontânea realizada pelos de maneira informal pelos indígenas. Em 2013 já havia uma percepção positiva em relação ao artesanato:

"Eu diria que o artesanato foi o grande elo que a gente conseguiu montar com a comunidade de Novo Progresso e região. Gente de tudo quanto é canto passa aqui, pra levar. Virou lembrança da região."

Em 2018 essa percepção positiva permanece, porém há algumas ressalvas em relação ao escoamento da produção, tendo em vista que o número de artesãos e a produção aumentaram muito.

"Até uma preocupação recente agora é como vamos escoar tanto artesanato assim. As mulheres participam muito, os homens e os jovens também, porque é renda. A castanha é sazonal, mas o artesanato é durante o ano inteiro, isso tem ajudado muito a diversificar um pouco."

Outro fator importante destacado em relação aos projetos de artesanato é que a presença de um técnico indígena em campo para acompanhar e organizar as compras, encomendas e as entregas tem sido essencial para o sucesso da iniciativa.

Um tema que merece destaque é o desejo expresso por diversos Kayapós em realizar plantios em grande escala para comercialização dessa produção e também a incorporação da atividade agropecuária.

O extrativismo, apesar de ser uma atividade tradicional se tornou uma atividade para geração de renda inserida no universo dos projetos. A agricultura, com exceção dos projetos de farinha realizados pelo IR na Capoto Jarina ainda não era considerada uma atividade para geração de renda. Mesmo no caso da TI Capoto/Jarina, a produção e comercialização da farinha foi uma alternativa encontrada, devido a ausência do extrativismo da castanha na região.

"Na roça até os anos anteriores nós fornecíamos equipamentos para os índios construírem suas próprias roças. Hoje a gente tá trabalhando junto com Instituto Raoni com essa máquina (trator). Se a gente fizer uma abertura maior e comprar laranja, banana, maracujá e outras frutas pra ver o indígena saudável, a gente vai estar contribuindo com o bem viver do índio; fazer o indígena um produtor, uma pequena empresa, micro-empendedor, pra vender seu produtos pra escola, daquele cadastro de produtor rural, DAP."

Um outro relato interessante em relação a uma atividade agrícola em grande escala voltada para a comercialização é o plantio de cacau para produção de chocolate.

"Sabe o que eu to planejando aqui: uma plantação de cacau. É uma coisa que substituiu o ouro; um saco de 50kg é 700,00 reais. Isso não vai prejudicar a floresta. Construir uma mini usina lá perto, começar a triturar ali, já sai só o pó, e é fácil de comercializar. Tem pessoas que produzem chocolate, e podem ensinar os indígenas próprios a fazer chocolate. Já sai com embalagem, nome indígena; uma coisa que não prejudica, não afeta. Aí as comunidades ajudam a proteger, e ajudar a mostrar pras pessoas que não estão destruindo."

Em algumas áreas que têm a atividade pecuária mais presente e que tem um contato maior com os Kayapó, houve relatos de que eles estão propensos a discutir e inclusive a implementar atividades agropecuárias dentro da TI.

"Eles têm muito essa coisa de virar fazendeiro. Isso é uma situação que nós já temos percebido e começado a discutir com eles que é uma atividade que não se adequa para os Kayapó."

"Ah não quero mais carregar nas costas. Quero um caminhão, preciso trator, o branco tem eu também quero. Começa aí. Infelizmente a gente tem que lidar com isso, porque o acesso está muito fácil na cidade e eles querem ter os benefícios que o branco tem, o que eles querem na verdade é fazer roça parecida com o branco."

3.1.7. Infraestrutura - energia, comunicação e acesso

Apenas 15,3% das aldeias das TIs Badjonkôre, Baú, Caporo/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti possuem energia proveniente de rede elétrica, valor maior do que o de 2013 (8,3%) porém ainda baixo. As TIs que não tinham e passaram a contar com energia elétrica são a TI Baú e a TI Las Casas. As aldeias que contam com energia elétrica são as que podem ser acessadas por estradas que contam com rede elétrica. No entanto, a grande maioria (88%) das aldeias contam com fontes de energia alternativa, como geradores a diesel e placas solares. (Tabelas 51 e 52)

Todas as aldeias possuem ao menos algum tipo de meio de comunicação. Todas possuem rádios, cerca de 13% possui internet e aproximadamente 13% contam com sinal de celular (tabelas 51 e 53).

Tabela 51. Porporção de aldeias com presença de energia proveniente de rede elétrica, com fontes de energia alternativas (gerador ou placa solar) e com os diferentes tipos de meio de comunicação nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Presença de energia elétrica (% das aldeias)	Fontes de energia alternativas (% das aldeias)	Tipo de meios de comunicação (% das aldeias)
Badjokôre	0	s.i.	100% Rádio
Baú	50%	100% Gerador	50% Rádio, 25% Rádio e internet, 25% Internet, rádio e celular
Capoto/Jarina	10%	100% Solar	90% Rádio, 10% Internet e rádio
Kayapó	15,4%	46% Gerador, 46% Solar e gerador, 8% Não possui	87% Rádio, 10% Rádio e celular, 3% Rádio e internet
Las Casas	50%	25% Solar e gerador, 75% Não possui	75% Internet, rádio e celular, 25% Rádio e celular
Menkragnoti	0	57% Gerador, 29% Solar, 7% Solar e gerador, 7% Não possui	86% Rádio, 14% Rádio e internet
TOTAL	15,3%	40% Gerador, 29% Solar e gerador, 19% Solar, 12% Não possui	80,6% Rádio, 6,9% Rádio e celular, 7% Rádio e internet, 5,6% Internet, rádio e celular

Tabela 52. Presença de energia elétrica proveniente de rede elétrica e fontes de energia alternativas em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Energia elétrica (linhão)	Fontes de energia alternativas
Badjonkôre	Krãnhanpare	Não	s.i.
Baú	Baú	Sim	s.i.
Baú	Kamaú	Sim	s.i.
Baú	Kamũre	Não	Gerador
Baú	Krambàri	Não	Gerador
Capoto/Jarina	Bytire	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	Jatobá	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	Kenpó	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	Kremoro	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	Krétire	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	Kromare	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	More	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	Piaraçu	Sim	s.i.
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Não	Placa solar
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire nova	Não	Placa solar
Kayapó	Apeiti	Sim	Não
Kayapó	A'Ukre	Não	Solar e gerador
Kayapó	Bananal	Não	Não
Kayapó	Gorotire	Não	Gerador
Kayapó	Juari (Mikim)	Não	Gerador
Kayapó	Kawatire	Não	Solar e gerador
Kayapó	Kedjerekrã	Não	Solar e gerador
Kayapó	Kikretum	Não	Gerador
Kayapó	Kokokuedjã	Sim	Gerador
Kayapó	Kokraimoro	Não	Solar e gerador
Kayapó	Krãnhkrô	Sim	Gerador
Kayapó	Krãtyxkrere	Não	Solar e gerador
Kayapó	Kremáiti	Não	Solar e gerador
Kayapó	Krimejny	Não	Solar e gerador
Kayapó	Kriny	Sim	Gerador
Kayapó	Krwanhôngô	Não	Solar e gerador
Kayapó	Kubenrankei	Não	Solar e gerador
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Não	Gerador
Kayapó	Moidjam	Sim	Gerador

Kayapó	Moikarakô	Não	Solar e gerador
Kayapó	Momokre	Não	Gerador
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Não	Solar e gerador
Kayapó	Ngokongoti-re	Não	Gerador
Kayapó	Ngôméiti	Não	Solar e gerador
Kayapó	Nhoimudjare	Não	Gerador
Kayapó	Pidjiokore	Não	Gerador
Kayapó	Pinkeitykre	Não	Solar e gerador
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Não	Gerador
Kayapó	Pykakyti	Não	Solar e gerador
Kayapó	Pykarãrãnkre	Não	Solar e gerador
Kayapó	Pykatô	Não	Gerador
Kayapó	Pykatum	Não	Solar e gerador
Kayapó	Pykatykre	Não	Não
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Não	Solar e gerador
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Não	Gerador
Kayapó	Tantanjere	Não	Gerador
Kayapó	Tépdjâti	Não	Solar e gerador
Kayapó	Tepore	Não	Gerador
Kayapó	Turedjam	Sim	Gerador
Las Casas	Arawá (Kopdjám)	Não	Não
Las Casas	Kapran Krére	Não	Solar e gerador
Las Casas	Ronekore	Sim	Não
Las Casas	Tekrejaroti-re	Sim	Não
Menkragnoti	Jabui	Não	Gerador
Menkragnoti	Kâkakuben	Não	Placa solar
Menkragnoti	Karema	Não	Não
Menkragnoti	Kawatum	Não	Gerador
Menkragnoti	Kendjam	Não	Solar e gerador
Menkragnoti	Koróróti	Não	Placa solar
Menkragnoti	Krimex	Não	Gerador
Menkragnoti	Kubenkokre	Não	Gerador
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Não	Gerador
Menkragnoti	Mokrore	Não	Placa solar
Menkragnoti	Omeikrankum	Não	Placa solar
Menkragnoti	Pykany	Não	Gerador
Menkragnoti	Pykatoti	Não	Gerador

Menkragnoti	Pyngrajtire	Não	Gerador
-------------	-------------	-----	---------

Tabela 53. Presença de internet e tipos de meios de comunicação utilizados em aldeias das Terras Indígenas Kayapó em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Presença de internet	Meios de comunicação utilizados
Badjonkôre	Krãnhanpare	Não	Rádio
Baú	Baú	Sim	Internet e rádio
Baú	Kamaú	Sim	Internet, celular e rádio
Baú	Kamüre	Não	Rádio
Baú	Krambãri	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Bytire	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Jatobá	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Kenpó	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Kremoro	Sim	Internet e rádio
Capoto/Jarina	Krétire	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Kromare	Não	Rádio
Capoto/Jarina	More	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Piaraçu	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Não	Rádio
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire nova	Não	Rádio
Kayapó	Apeiti	Não	Rádio
Kayapó	A'Ukre	Não	Rádio
Kayapó	Bananal	Não	Rádio
Kayapó	Gorotire	Sim	Rádio e celular
Kayapó	Juari (Mikim)	Não	Rádio e internet
Kayapó	Kawatire	Não	Rádio
Kayapó	Kedjerekrã	Não	Rádio
Kayapó	Kikretum	Não	Rádio
Kayapó	Kokokuedjã	Não	Rádio
Kayapó	Kokraimoro	Não	Rádio
Kayapó	Krãnhkrô	Não	Rádio e celular
Kayapó	Krãtyxkrere	Não	Rádio
Kayapó	Kremáiti	Não	Rádio
Kayapó	Krimejny	Não	Rádio
Kayapó	Kriny	Não	Rádio e celular
Kayapó	Krwanhôngô	Não	Rádio

Kayapó	Kubenkrankei	Não	Rádio
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Não	Rádio
Kayapó	Moidjam	Não	Rádio
Kayapó	Moikarakô	Não	Rádio
Kayapó	Momokre	Não	Rádio
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Não	Rádio
Kayapó	Ngokongoti-re	Não	Rádio
Kayapó	Ngôméiti	Não	Rádio
Kayapó	Nhoimudjare	Não	Rádio
Kayapó	Pidjiokore	Não	Rádio
Kayapó	Pinkeitykre	Não	Rádio
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Não	Rádio
Kayapó	Pykakyti	Não	Rádio
Kayapó	Pykarārānkre	Não	Rádio
Kayapó	Pykatô	Não	Rádio
Kayapó	Pykatum	Não	Rádio
Kayapó	Pykatykre	Não	Rádio
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Não	Rádio
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Não	Rádio
Kayapó	Tantanjere	Não	Rádio
Kayapó	Tépdjâti	Não	Rádio
Kayapó	Tepore	Não	Rádio
Kayapó	Turedjam	Não	Rádio e celular
Las Casas	Arawá (Kopdjám)	Não	Rádio e celular
Las Casas	Kapran Krére	Sim	Internet, rádio e celular
Las Casas	Ronekore	Sim	Internet, rádio e celular
Las Casas	Tekrejaroti-re	Sim	Internet, rádio e celular
Menkragnoti	Jabui	Não	Rádio
Menkragnoti	Kâkakuben	Não	Rádio
Menkragnoti	Karema	Não	Rádio
Menkragnoti	Kawatum	Não	Rádio
Menkragnoti	Kendjam	Não	Rádio
Menkragnoti	Koróróti	Não	Rádio
Menkragnoti	Krimex	Não	Rádio
Menkragnoti	Kubenkokre	Sim	Internet e rádio
Menkragnoti	Mekrāgnoti	Não	Rádio
Menkragnoti	Mokrore	Não	Rádio

Menkragnoti	Omeikrankum	Não	Rádio
Menkragnoti	Pykany	Sim	Internet e rádio
Menkragnoti	Pykatoti	Não	Rádio
Menkragnoti	Pyngrajtire	Não	Rádio

O acesso aos municípios de referência é considerado muito bom apenas para 33% das aldeias das TIs Kayapó, sendo 10% bom, 50% médio e 7% considerado ruim. Na época chuvosa cerca de 58% das aldeias possuem acesso por via terrestre e cerca 45,5% possui acesso fluvial. Apenas uma aldeia (1%, Mekragnoti, TI Menkragnoti) possui acesso exclusivamente por via aérea. Na época seca, muitos rios da região se tornam pouco navegáveis, mas por outro lado as estradas apresentam melhores condições. Nesta época, 61% das aldeias possuem acesso por via terrestre e 41% possuem acesso fluvial. Duas aldeias, localizadas na TI Menkragnoti, possuem apenas acesso por via aérea na época seca. (Tabelas 54 e 55)

Tabela 54. Tipo e condições de acesso às aldeias localizadas nas Terras Indígenas Kayapó em aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Acesso à aldeia na época de chuva	Acesso à aldeia na época seca	Condição do acesso à aldeia
Badjonkôre	100% Terrestre e aéreo	100% Terrestre e aéreo	100% Ruim,
Baú	25% Fluvial, 50% Terrestre e aéreo, 25% Terrestre e fluvial	50% Terrestre e aéreo, 50% Terrestre e fluvial	100% Médio
Capoto/Jarina	50% Fluvial, 20% Terrestre, 20% Terrestre e aéreo, 10% Fluvial e aéreo	50% Fluvial, 20% Terrestre, 20% Terrestre e aéreo, 10% Fluvial e aéreo	100% Médio
Kayapó	23% Fluvial, 41% Terrestre, 15% Terrestre e aéreo, 3% Terrestre e fluvial, 18% Fluvial e aéreo	23% Fluvial, 41% Terrestre, 15% Terrestre e aéreo, 3% Terrestre e fluvial, 15% Fluvial e aéreo, 3% Fluvial, terrestre e aéreo	51% Muito bom, 15,5% Bom, 28% Médio, 5,5% Ruim
Las Casas	100% Terrestre	100% Terrestre	75% Muito bom, 25% Bom
Menkragnoti	36% Fluvial,	36% Fluvial,	7% Muito bom

	7% Terrestre, 7% Aéreo 29% Terrestre e fluvial 14% Terrestre e aéreo, 7% Fluvial e aéreo	36% Terrestre, 14% Aéreo 14% Terrestre e aéreo,	79% Médio 14% Ruim
TOTAL	28% Fluvial, 32% Terrestre, 1,4% Aéreo, 18% Terrestre e aéreo, 8% Terrestre e fluvial 12,5% Fluvial e aéreo	26% Fluvial, 38% Terrestre, 2,8% Aéreo, 18% Terrestre e aéreo, 4% Terrestre e fluvial, 10% Fluvial e aéreo, 1% Fluvial, terrestre e aéreo	33% Muito bom 10% Bom 50% Médio 7% Ruim

Tabela 55. Tipo e condições de acesso às aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta protegida, FUNAI, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

TI	Aldeia	Acesso à aldeia na época de chuva	Acesso à aldeia na época seca	Condição do acesso à aldeia
Badjonkôre	Krânhanpare	Aéreo e terrestre	Aéreo e terrestre	Ruim
Baú	Baú	Terrestre e aéreo	Terrestre e aéreo	Médio
Baú	Kamaú	Terrestre e aéreo	Terrestre e aéreo	Médio
Baú	Kamüre	Fluvial	Terrestre e fluvial	Médio
Baú	Krambãri	Terrestre e fluvial	Terrestre e fluvial	Médio
Capoto/Jarina	Bytire	Fluvial	Fluvial	Médio
Capoto/Jarina	Jatobá	Terrestre	Terrestre	Médio
Capoto/Jarina	Kenpó	Fluvial	Fluvial	Médio
Capoto/Jarina	Kremoro	Terrestre e aéreo	Terrestre e aéreo	Médio
Capoto/Jarina	Krétire	Fluvial	Fluvial	Médio
Capoto/Jarina	Kromare	Fluvial	Fluvial	Médio
Capoto/Jarina	More	Terrestre	Terrestre	Médio
Capoto/Jarina	Piaraçu	Terrestre e aéreo	Terrestre e aéreo	Médio
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Fluvial	Fluvial	Médio
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire nova	Fluvial e aéreo	Fluvial e aéreo	Médio
Kayapó	Apeiti	Terrestre e fluvial	Terrestre e fluvial	Muito bom
Kayapó	A'Ukre	Fluvial e aéreo	Fluvial e aéreo	Muito bom

Kayapó	Bananal	Terrestre	Terrestre	Médio
Kayapó	Gorotire	Aéreo e terrestre	Aéreo e terrestre	Médio
Kayapó	Juari (Mikim)	Terrestre e Aéreo	Terrestre e Aéreo	Bom
Kayapó	Kawatire	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Kedjerekrân	Fluvial e aéreo	Fluvial e aéreo	Muito bom
Kayapó	Kikretum	Aéreo e Fluvial	Aéreo e fluvial	Bom
Kayapó	Kokokuedjä	Aéreo e Terrestre	Aéreo e terrestre	Bom
Kayapó	Kokraimoro	Fluvial e aéreo	Fluvial e aéreo	Muito bom
Kayapó	Krânhrô	Terrestre	Terrestre	Bom
Kayapó	Krâtykrere	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Kremâiti	Terrestre	Terrestre	Muito bom
Kayapó	Krimejny	Terrestre	Terrestre	Muito bom
Kayapó	Kriny	Aéreo e Terrestre	Aéreo e Terrestre	Médio
Kayapó	Krwanhôngô	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Kubenkrankrei	Fluvial e aéreo	Fluvial e aéreo	Muito bom
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Aéreo e Terrestre	Aéreo e Terrestre	Médio
Kayapó	Moidjam	Terrestre	Terrestre	Bom
Kayapó	Moikarakô	Fluvial e aéreo	Fluvial, terrestre e aéreo	Muito bom
Kayapó	Momokre	Terrestre	Terrestre	Médio
Kayapó	Mutum	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Ngoiamroti	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Ngokongoti-re	Terrestre	Terrestre	Médio
Kayapó	Ngôméiti	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Nhoimudjare	Terrestre	Terrestre	Ruim
Kayapó	Pidjiokore	Terrestre	Terrestre	Médio
Kayapó	Pinkeitykre	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Terrestre	Terrestre	Médio
Kayapó	Pykakyti	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Pykarârânkre	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Pykatô	Aéreo e terrestre	Aéreo e terrestre	Ruim
Kayapó	Pykatum	Fluvial e aéreo	Fluvial e aéreo	Muito bom
Kayapó	Pykatykre	Terrestre	Terrestre	Muito bom
Kayapó	Pyuredjan	s.i.	s.i.	s.i.
Kayapó	Rikaró	Fluvial	Fluvial	Muito bom
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Terrestre	Terrestre	Médio

Kayapó	Tantanjere	Terrestre	Terrestre	Médio
Kayapó	Tépdjâti	Terrestre	Terrestre	Muito bom
Kayapó	Tepore	Terrestre	Terrestre	Médio
Kayapó	Turedjam	Terrestre	Terrestre	Bom
Las Casas	Arawá (Kopdjâti)	Terrestre	Terrestre	Bom
Las Casas	Kapran Krére	Terrestre	Terrestre	Muito bom
Las Casas	Ronekore	Terrestre	Terrestre	Muito bom
Las Casas	Tekrejaroti-re	Terrestre	Terrestre	Muito bom
Menkragnoti	Jabui	Terrestre e fluvial	Terrestre	Médio
Menkragnoti	Kâkakuben	Fluvial	Fluvial	Ruim
Menkragnoti	Karema	Fluvial	Fluvial	Médio
Menkragnoti	Kawatum	Terrestre e fluvial	Terrestre	Médio
Menkragnoti	Kendjam	Fluvial e aéreo	Aéreo	Muito bom
Menkragnoti	Koróróti	Fluvial	Fluvial	Médio
Menkragnoti	Krimex	Terrestre e fluvial	Terrestre	Médio
Menkragnoti	Kubenkokre	Terrestre e aéreo	Terrestre e aéreo	Médio
Menkragnoti	Mekrâgnoti	Aéreo	Aéreo	Médio
Menkragnoti	Mokrore	Fluvial	Fluvial	Médio
Menkragnoti	Omeikrankum	Fluvial	Fluvial	Ruim
Menkragnoti	Pykany	Terrestre e aéreo	Terrestre e aéreo	Médio
Menkragnoti	Pykatoti	Terrestre	Terrestre	Médio
Menkragnoti	Pyngrajtire	Terrestre e fluvial	Terrestre	Médio

Percepção dos Kayapó sobre a infraestrutura das aldeias

Segundo os Kayapó entrevistados, a infraestrutura das aldeias melhorou desde 2013, sendo considerada média a boa por 86% dos entrevistados (Figura 34).

Qual a sua opinião sobre a infra-estrutura das aldeias? (n 2018 = 28)

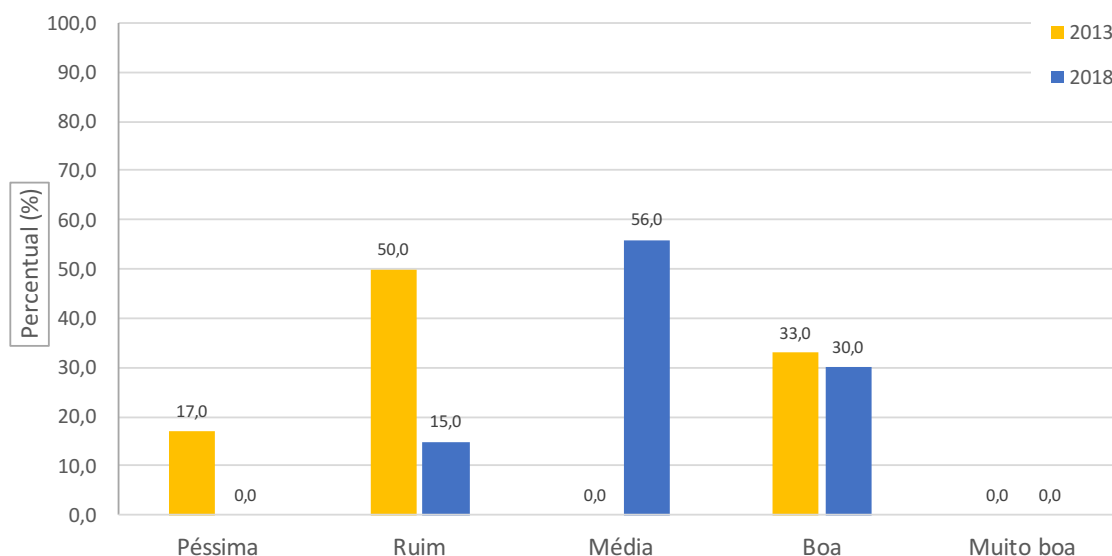


Figura 34. Opinião dos Kayapó sobre a infraestrutura das aldeias localizadas nas Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2013 e 2018.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema Infraestrutura

"Então você tá vendo, BR 163 trouxe coisa boa, mas também trouxe muito indígena pra cidade. E aí como que a gente vai fazer para tentar levar essas pessoas pra aldeia de novo? Aqui é internet fácil. A gente tem que criar alguma coisa que pode atrair eles para voltarem pra lá de novo."

Em todas as entrevistas o tema "infraestrutura", foi principalmente relacionado às construções de escolas e postos de saúde nas aldeias. As reclamações sobre a ausência total de estruturas adequadas ou sobre as condições precárias das estruturas existentes é quase uma unanimidade. As grandes aldeias que são mais antigas possuem estruturas de alvenaria, como escolas, postos de saúde, poços artesianos e alojamentos para professores e equipe de saúde. As novas e pequenas aldeias não possuem praticamente nenhuma estrutura construída pelo Estado, no entanto têm sido construídas recentemente casas de alvenaria financiadas pelos recursos das compensações dos PBAs. Os gestores públicos atribuem essa situação à dificuldade logística e à ausência de recursos disponíveis atender as demandas existentes e ao aumento no número de aldeias ocorrido recentemente.

"Nas aldeias onde o acesso é fluvial ou aéreo, pra fazer uma solicitação pra uma empresa fazer postinho lá é complicado. Como que ele vai levar todos os materiais via aérea ou fluvial? Tem empresa que já licitou e desistiu, viu que teria mais gasto com o traslado do que com a própria obra. A gente encontra essa dificuldade."

Apesar das reclamações constantes sobre a condição precária das estruturas, existem relatos de aldeias que se mudaram e abandonaram estruturas recém construídas. Essa mudança foi impulsionada principalmente pela abertura das estradas que se conectam à BR 163, atraindo as aldeias para a margens das Terras Indígenas.

"Outra dificuldade é a dinâmica das aldeias, que trocam de lugar. Temos recurso para sistema de captação de água (2 milhões de reais), aí a gente investe em uma aldeia, e quando o esquema está funcionando, mudam de área."

A centralidade do termo "acesso" parece ser o elemento essencial no momento. "Acesso" visto das mais variadas formas e nos mais diversos contextos: Acesso à cidade, à energia elétrica, aos bens de consumo, à saúde, à educação.

"Qualidade de vida para eles é não ter uma casa de palha, é ter uma casa de madeira, que eu acho que é um direito deles de escolherem por isso, é ter energia em casa, é poder ter uma geladeira, que as aldeias tenham uma infraestrutura que eles encontram na cidade, porque não é nada mais que isso."

A abertura das estradas foi uma demanda dos Kayapó e muitos olham para elas de forma positiva. O maior acesso às cidades ou para aldeias próximas às cidades é vista como uma ameaça por alguns, mas por outros é vista como uma oportunidade e um melhoria.

"Aí abriram 197 km (de estradas). Abriram acesso para as aldeias. Aí começou porrada, cisão e começaram a vir para a fronteira. Aí no contexto de mapeamento, você vê muitos caras na beirada. Tem na região central, mas e a outra parte?"

A ausência do Estado e o enfraquecimento da FUNAI, associados aos grandes volumes de recursos investidos pelos PBAs, mudou a dinâmica de negociação e troca entre os Kayapó da região. O acesso fácil entre a cidade e a aldeia cria novas possibilidades de negociação com outros atores da região, em troca de apoio às demandas da aldeia.

“Quanto mais longe, dependendo da condição ambiental e logística, é mais difícil os projetos chegarem na aldeia, mas no dia a dia, o índio está mais tranquilo socialmente e culturalmente. Quem está mais perto da cidade tem mais problemas políticos, sociais e desentendimento, mas por um lado tem mais condição de receber apoio.”

Essa mudança impacta todas as outras dimensões da cultura Kayapó.

3.1.8. Ameaças e proteção territorial das TIs

Situação Jurídica das TIs Kayapó

Todas as Terras Indígenas Kayapó contempladas neste estudo são homologadas, situação igual à de 2013. As homologações ocorreram entre 1991 (TIs Capoto/Jarina e Kayapó) e 2009 (TI Las Casas; Tabela 56). Existe uma outra Terra Indígena da etnia Kayapó, a TI Kapôt Nhinore, ainda em processo de identificação pela FUNAI (Portaria 1.249 de 27/09/2004). A TI Kapôt Nhinore está localizada na porção sudeste da TI Menkragnoti, sul da TI Badjonkôre e leste da TI Capoto/Jarina, única região onde o Rio Xingu não está protegido po Terras Indígenas, e é território tradicional dos Kayapó (Kayapó et al. 2007).

Tabela 56. Situação Jurídica das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fonte: ISA 2018.

Terra Indígena	Estado	Situação Jurídica	Área oficial (ha)
TI Badjonkore	PA	Homologada (2003)	221.981
TI Baú	PA	Homologada (2008)	1.540.930
TI Capoto/Jarina	MT	Homologada (1991)	634.915
TI Kayapó	PA	Homologada (1991)	3.284.005
TI Las Casas	PA	Homologada (2009)	21.344
TI Menkragnoti	PA / MT	Homologada (1993)	4.914.255
Total	PA/MT	Homologadas	10.617.430

Ameaças antrópicas às TIs Kayapó e seus entornos

As Terras Indígenas Kayapó estão situadas em uma das regiões com maior pressão antrópica da região amazônica, em seu limite sudeste, o chamado “arco do desmatamento”. A intensificação da ocupação desta região se deu a partir da década de 60, com a abertura de estradas no período militar somada às políticas de colonização da região. Nas últimas três décadas, a região sofreu um intenso fluxo migratório, agravado pela descoberta de ouro e pela exploração de madeiras nobres na região, resultando em altos índices de desmatamento (Schmink & Wood, 1992). Atualmente, a região é dominada por pastos e, mais recentemente, por lavouras de soja, principalmente a oeste. Os territórios Kayapó, somados a outras Áreas Protegidas da bacia do Xingu, representam a única barreira contra a devastação total da região. Com o crescente esgotamento dos recursos naturais nos entornos, no entanto, a pressão sobre essas áreas tem aumentado muito nos últimos anos.

A exploração madeireira continua sendo uma das ameaças mais citadas pelas associações nos entornos de quase todas as TIs Kayapó desde 2013, com exceção da TI Las Casas, que foi criada em uma área já bastante impactada e onde predominam fisionomias do bioma Cerrado (Tabela 57). O crescente esgotamento dos estoques das madeiras mais visadas nos entornos das TIs faz com que haja uma pressão maior nos recursos madeireiros do interior das TIs, o que de fato está acontecendo (Tabela 58). A exploração madeireira normalmente ocorre em ciclos, nos quais as espécies de maior valor econômico são retiradas antes das de menos valor. Na década de 90 as TIs Kayapó sofreram uma intensa exploração seletiva de mogno, o qual foi praticamente extinto da região. Atualmente, o ipê é a espécie mais visada, juntamente com outras espécies de alto valor, e vem sendo sistematicamente retirada das TIs Kayapó a distâncias cada vez maiores das bordas.

Assim como a exploração madeireira, a expansão da pecuária é considerada uma das maiores ameaças aos entornos das TIs Kayapó (Tabela 57), sendo uma atividade já estabelecida há anos na região sul e sudeste do Pará. A pecuária e a agricultura representam as formas de degradação mais intensas da paisagem. Estas atividades ocorrem onde a cobertura vegetal já foi totalmente retirada, diferente da atividade madeireira, por exemplo, na qual apenas uma ou algumas espécies são exploradas. A presença da pecuária no entorno imediato das TIs aumenta a chance de ocorrerem arrendamentos de áreas dentro dos territórios indígenas para fazendeiros, como já vem ocorrendo em algumas TIs Kayapó, como a TI Las Casas e Kayapó (Tabela 58).

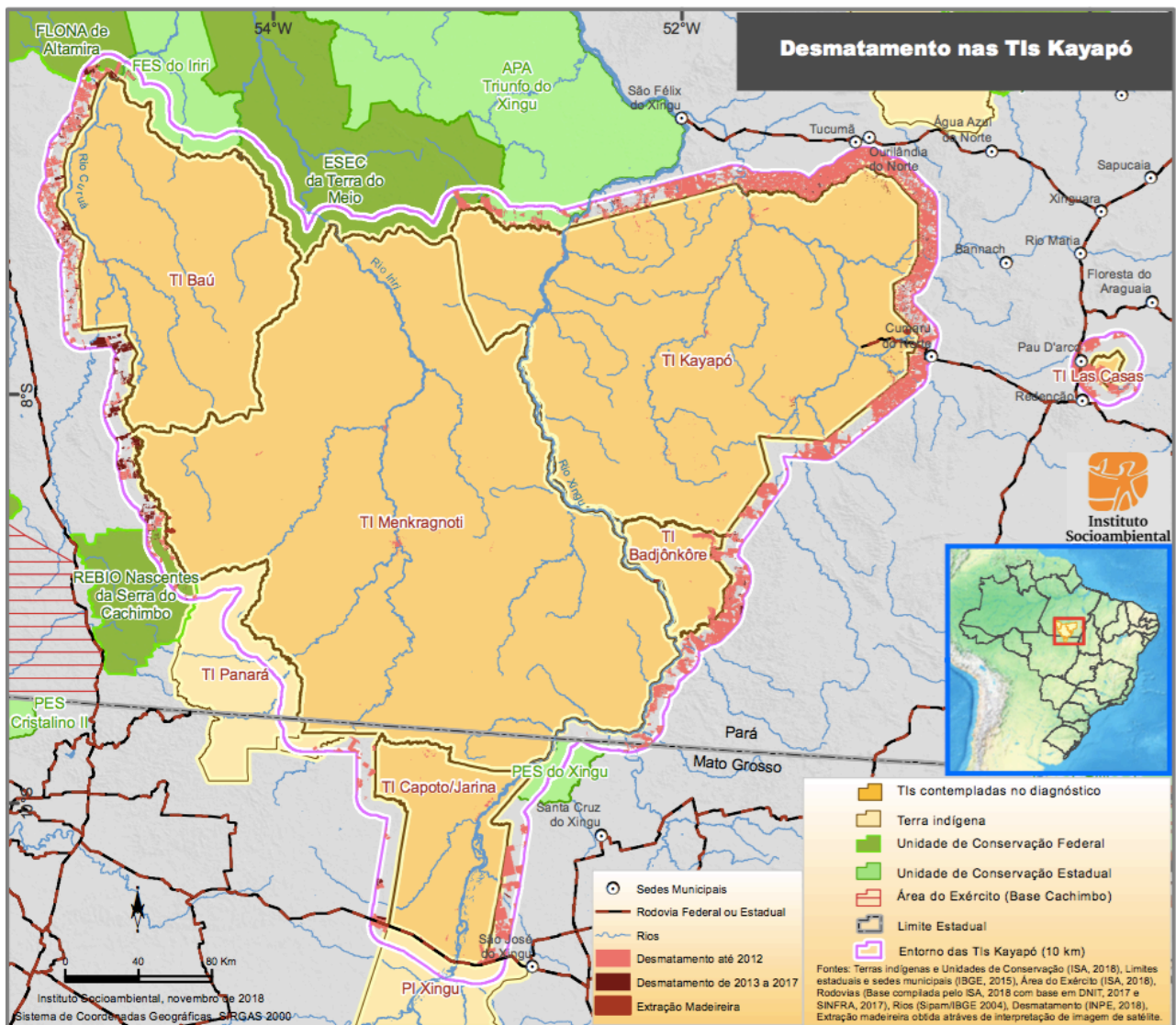


Figura 35. Desmatamento no interior e no entorno (10 km) das Terras Indígenas Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti até 2012 e de 2013 a 2017. Fonte: ISA 2018.

Em comparação com o ano de 2013, a monocultura de soja surgiu como uma das principais ameaças ao entorno de quatro das seis TIs Kayapó (Tabela 57). A monocultura de soja tem se desenvolvido de forma significativa ao longo da rodovia BR-163, a oeste do bloco Kayapó. O asfaltamento da rodovia e o início do processo de implantação da ferrovia EF-170 (Ferrogrão) têm acelerado o processo de expansão em direção ao norte das lavouras de soja mato-grossenses. Uma das consequências diretas da expansão das monoculturas nos entornos imediatos das TIs é a contaminação de rios por agrotóxicos, citada como uma das ameaças à integridade das TIs Baú e Menkragnoti (Tabela 58). Outra consequência significativa é o aquecimento do mercado de terras e a conseguinte aceleração dos processos de grilagem e desmatamento na região (Torres, Doblas e Alarcon, 2017).

A pesca ilegal também foi citada como uma ameaça em cinco das seis TIs do bloco Kayapó (Tabela 58). A pesca ilegal, especialmente para fins comerciais, ou mesmo a pesca esportiva feita de forma intensa e sem a devolução dos indivíduos, coloca em risco os estoques pesqueiros dos rios e como consequência, a segurança alimentar das populações Kayapó que dependem destes recursos.

No entanto, nos últimos anos, sem dúvida a atividade mais impactante foi o garimpo de ouro, que cresceu de forma desenfreada especialmente na porção leste da TI Kayapó (Tabela 58). De 2013 a 2017 foram detectados mais de 680 novos focos de atividade garimpeira. A área total afetada por esta atividade mais do que triplicou, alcançando 10.830 ha (ver análise completa no componente 2). A atividade garimpeira traz consigo grandes impactos sociais e ambientais. A entrada de não indígenas nas TIs acarreta uma série de conflitos entre aldeias, doenças entre os indígenas e resulta em recursos distribuídos de forma desigual entre e dentro das aldeias. Os rios são completamente destruídos pela atividade das pás carregadeiras (PCs), contaminando as águas e os recursos pesqueiros com mercúrio, sendo que todas as aldeias rio abaixo das áreas exploradas são afetadas. O crescimento da atividade garimpeira tem também resultado na desarticulação das comunidades da TI Kayapó, sendo que muitas delas inclusive deixaram de fazer parte da AFP ao optarem por se envolver com o garimpo.

É importante destacar que a área de atuação do Instituto Raoni vive um contexto diferente das áreas representadas por outras associações, pelos seguintes fatores: 1) presença do Cacique Raoni, que pela sua trajetória e visibilidade na mídia provavelmente inibe a invasão por fazendeiros vizinhos; 2) não existem grandes empreendimentos que gerem recursos de compensação ambiental; 3) não existem grandes áreas de garimpos ilegais; 4) A extração ilegal de madeira não possui grande importância por ser uma TI localizada principalmente em áreas de Cerrado. A pesca ilegal e o aumento das áreas destinadas ao plantio de soja foram as principais ameaças à integridade territorial das aldeias associadas ao IR.

Além dos impactos citados pelas associações, as queimadas, em sua maioria decorrentes das próprias atividades de subsistência dos Kayapó, assim como os impactos de empreendimentos conduzidos na região, são ameaças relevantes às TIs Kayapó. Estes, assim como os demais impactos citados acima, serão tratados com detalhe no componente 2 deste estudo.

Tabela 57. Principais ameaças, grau de ameaça das atividades e existência de projetos em parceria com a associação no entorno das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Principais ameaças ao entorno da TI	Grau de ameaça destas atividades para a integridade da TI	Existência de projetos em parceria com a Associação no entorno da TI
Badjonkôre	Madeira e pesca ilegal	Sem info	Sem info
Baú	Garimpo, madeira, pesca ilegal, retirada de seixos, desmatamento, soja, pastagem, estradas e vicinais	Alto	Não
Capoto/Jarina	Planos de manejo florestal, pecuária, soja e arrendamentos	Médio	Não
Kayapó	Garimpo, pecuária, madeira, estradas e soja	Muito alto	Não
Las Casas	Pecuária	Alto	Não
Menkragnoti	Pesca ilegal, madeira, soja, pastagem, estradas e vicinais, arrendamento e garimpo (incipiente)	Alto	Não

Tabela 58. Principais ameaças e grau de ameaça das atividades à integridade das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Principais ameaças à integridade da TI	Grau de ameaça destas atividades para a integridade da Terra Indígena
Badjonkôre	Extração de madeira e pesca ilegal	Alto
Baú	Garimpo, madeira, pesca ilegal e agrotóxico	Muito alto
Capoto/Jarina	Pesca ilegal	Médio
Kayapó	Garimpo, extração seletiva ilegal de madeira, arrendamento e pesca ilegal	Muito alto
Las Casas	Arrendamento	Alto
Menkragnoti	Madeira, pesca ilegal e agrotóxico	Alto

Monitoramento e fiscalização das TIs Kayapó

A proteção territorial nas TIs Kayapó é realizada em duas frentes complementares: o monitoramento territorial, realizado prioritariamente pelos próprios indígenas e suas associações, com o objetivo de monitorar as áreas mais vulneráveis do território e detectar a presença de atividades ilícitas; e a fiscalização, representada pelas ações de comando e controle sob responsabilidade legal do Estado - PF, IBAMA e FUNAI.

As associações indígenas AFP, IK e IR, assim como em 2013, continuam tendo um papel fundamental no monitoramento dos territórios Kayapó contra as atividades ilícitas, especialmente com o crescente corte de recursos para a FUNAI nos últimos anos. As três associações contam com infraestrutura adequada para o monitoramento dos territórios Kayapó, incluindo carros, equipamentos e recursos para sobrevoos (tabela 59). O monitoramento ativo pelos Kayapó das áreas mais vulneráveis de seus territórios é realizado cerca de três vezes ao ano junto a cada uma das associações (tabela 59) e, com exceção da CTL da FUNAI em Novo Progresso, a qual tem tido desde 2013 uma participação limitada, as demais CTLs e CRs da FUNAI tem atuado em conjunto nessas ações. As três associações têm investido na capacitação de representantes Kayapó para a gestão e monitoramento ambiental, muitas vezes em conjunto com o IBAMA, e hoje há um conjunto significativo de agentes ambientais, “gestores” ambientais e brigadistas indígenas que participam das ações de monitoramento.

Tabela 59. Existência de rotina de monitoramento das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti e infraestrutura para esta atividade por parte das Associações indígenas Kayapó. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Existência de rotina de monitoramento da TI por parte da Associação	Infraestrutura da Associação voltada ao monitoramento da TI
Badjonkôre	Sem info	Sem info
Baú	Sim, na estação seca	Carros, técnicos em geoprocessamento, recurso para sobrevoos e equipamentos
Capoto/Jarina	Sim, no mínimo 3 vezes por ano ou quando há demanda	1 Veículo terrestre, 1 embarcação com motor de 40 hp, 1 drone, recursos para sobrevoos, 2 aparelhos de GPS, técnico em geoprocessamento, 1 notebook e recursos para custeio de expedições de monitoramento territorial
Kayapó	Sim, no mínimo 3 vezes por ano	2 veículos terrestres, 8 aparelhos de GPS, 2 câmeras fotográficas, 1 notebook, recurso para sobrevoos e recurso para custeio de expedições de monitoramento

		territorial
Las Casas	Sim, no mínimo 2 vezes por ano	2 veículos terrestres, 8 aparelhos de GPS, 2 câmeras fotográficas, 1 notebook, recurso para sobrevoo e recurso para custeio de expedições de monitoramento territorial
Menkragnoti	Sim, no mínimo 3 vezes por ano ou quando há demanda	Carros, técnicos em geoprocessamento, recurso para sobrevoo e equipamentos, drone

Recentemente, a AFP e o IK têm implementado bases de vigilância em locais estratégicos com equipes rotativas formadas por indígenas das comunidades próximas para o controle de fluxo de não indígenas em rios e estradas em seus territórios. Na porção do Rio Xingu localizada ao norte da TI Kayapó, por exemplo, que era alvo de pesca comercial ilegal, os resultados da implementação dessas bases na quantidade de pescado já foram sentidos pelas comunidades Kayapó.

Desde 2016, a AFP, o IK, o IR têm também participado da “Rede de Monitoramento Territorial do Xingu” (RMTX), a qual é formada pelos especialistas em SIG pertencentes às associações indígenas e ao ISA. Além do mapeamento remoto de ameaças pelo Sistema de Indicação por Radar de desmatamento da Bacia do Xingu (SIRADX), uma iniciativa do Programa Xingu do ISA, são realizadas reuniões trimestrais, nas quais são compartilhadas informações técnicas e estratégicas sobre as ameaças à integridade territorial das Áreas Protegidas da bacia do Xingu.

O resultado do papel ativo das associações no monitoramento de seus territórios e na detecção de atividades ilícitas é claramente observado na TI Kayapó, por exemplo, quando é comparada a quantidade de áreas de garimpo na área de atuação da AFP e na área de comunidades que não estão representadas por ela (Figura 36).

Além dos resultados diretos do monitoramento territorial pelos próprios Kayapó e suas associações na proteção de suas terras, o maior envolvimento dos indígenas (Figura 37) promove um aumento da circulação dos mesmos pelo seu território e presença em áreas mais remotas (Figura 38), além da transmissão de conhecimentos acerca dos territórios e sua história entre gerações (Tabela 60).

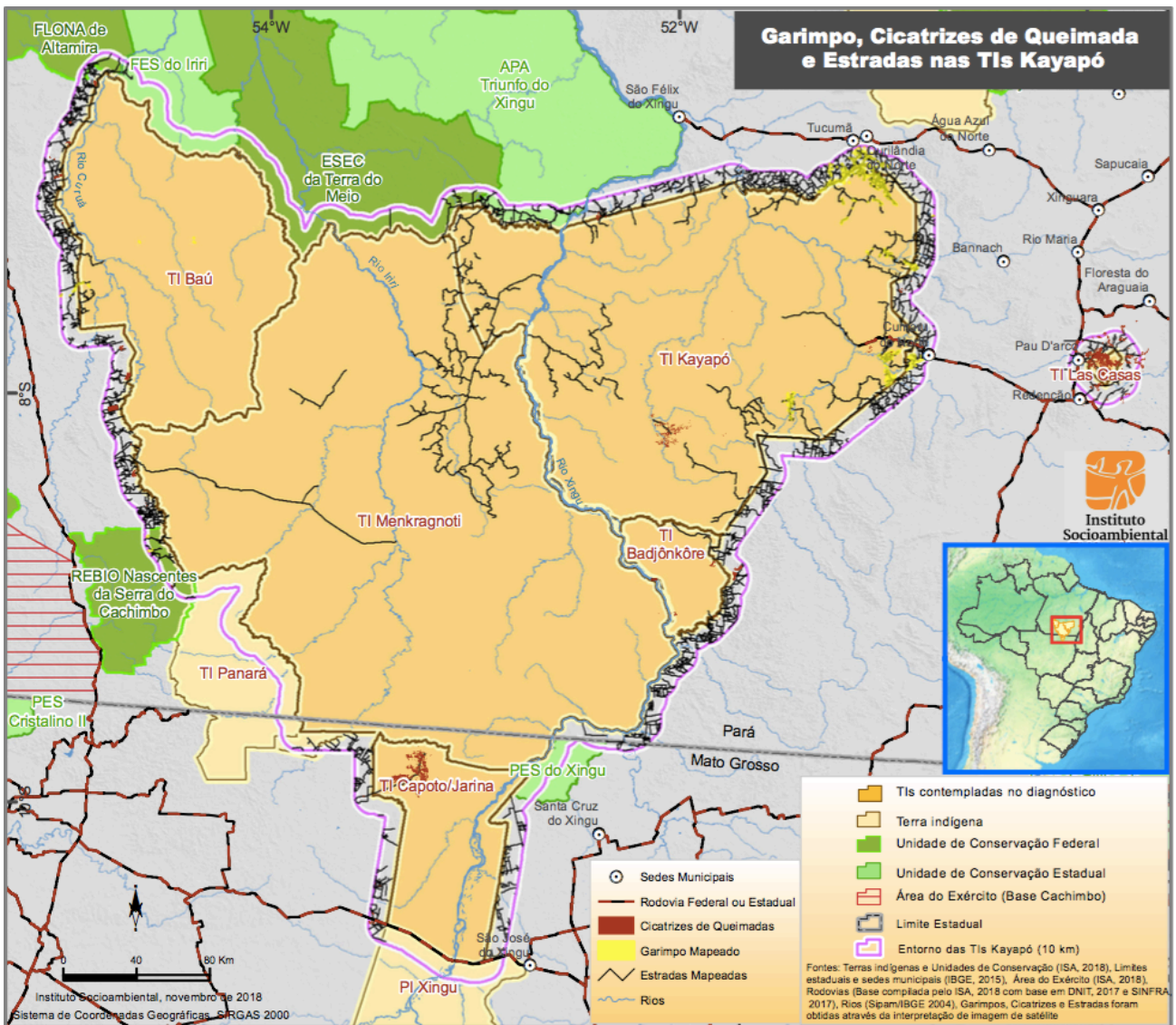


Figura 36. Garimpos, cicatrizes de queimadas e estradas no interior e no entorno (10 km) das Terras Indígenas Badjõnkõre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti até 2017. Fonte: ISA 2018.

Tabela 60. Envolvimento no monitoramento e circulação dos Kayapó pelos territórios das aldeias representadas pela Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Envolvimento dos Kayapó no monitoramento de seus territórios	Circulação dos Kayapó pelos seus territórios
AFP	Alto	Muita
IK	Alto	Muita
IR	Alto	Média

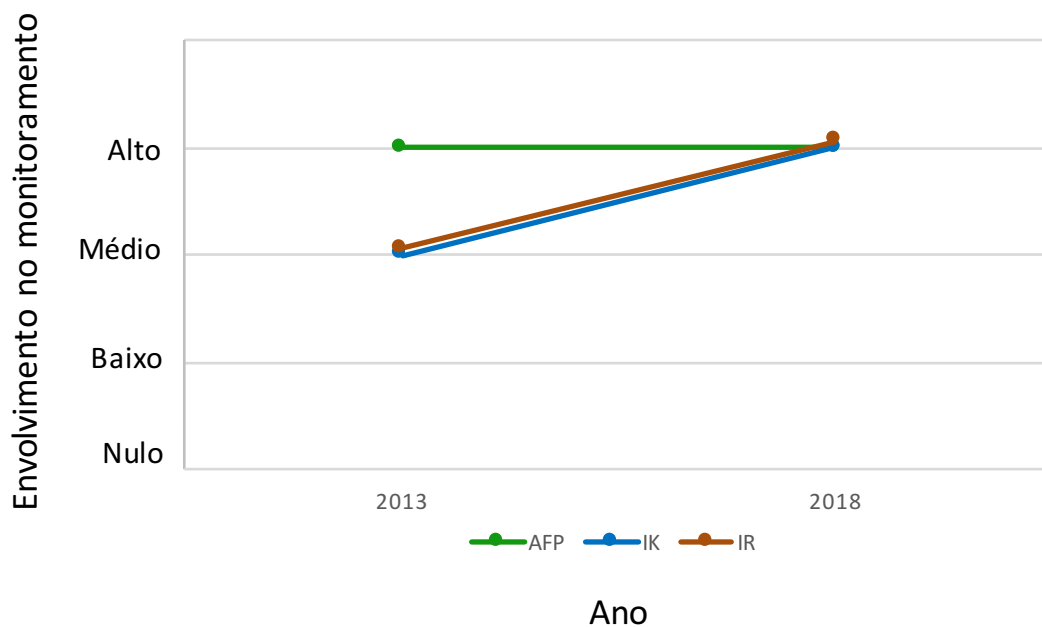


Figura 37. Envolvimento dos Kayapó no monitoramento dos territórios das aldeias representadas pela Associação Floresta Protegida, pelo Instituto Kabu e pelo Instituto Raoni em 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018.

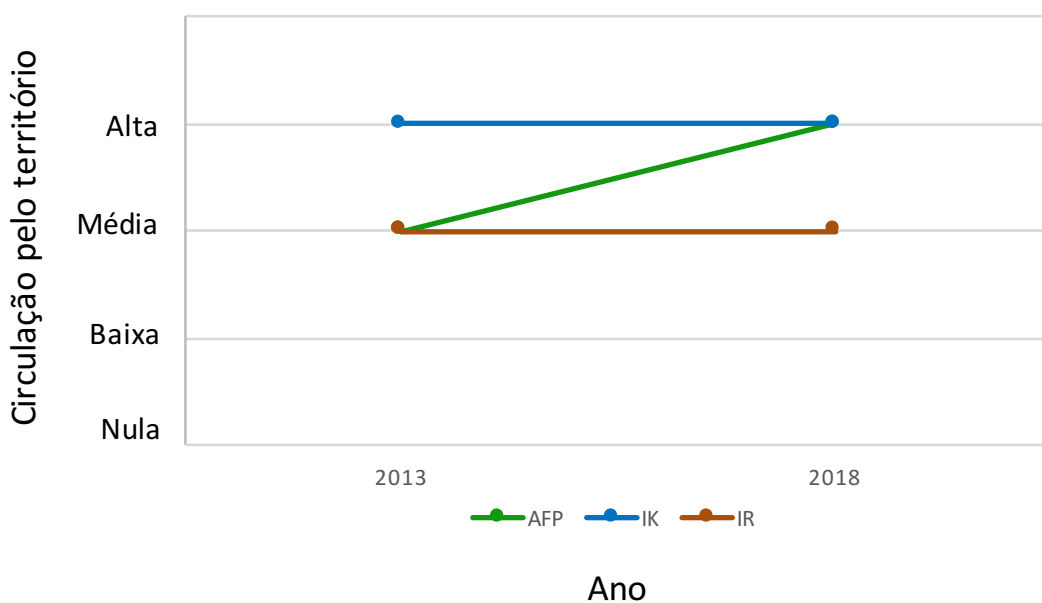


Figura 38. Circulação dos Kayapó pelos territórios das aldeias representadas pela Associação Floresta Protegida, pelo Instituto Kabu e pelo Instituto Raoni em 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018.

De forma complementar às ações de monitoramento realizadas pelos próprios indígenas e suas associações, o Estado tem um papel extremamente importante para coibir as atividades ilegais que se instalam no interior das TIs. Nos últimos anos, a PF e o IBAMA em parceria com a FUNAI, têm realizado grandes operações anuais ou semestrais de fiscalização, especialmente para controlar a atividade garimpeira e a extração seletiva ilegal de madeira, as quais certamente freiam temporariamente a expansão destas atividades, porém não têm sido suficientes em termos de frequência diante da quantidade e do alto retorno econômico das mesmas (Tabela 61).

Tabela 61. Articulação entre comunidades, associações e órgãos do governo em relação à proteção territorial das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti e existência de operações da PF/IBAMA para coibir atividades ilegais dentro delas. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Terra Indígena	Articulação entre diferentes atores para o monitoramento da TI	Articulação entre diferentes atores para a fiscalização da TI	Existência de operações da PF/IBAMA para coibir atividades ilegais dentro da TI
Badjonkôre	Sem info	Sem info	Sem info
Baú	Comunidades, associação, FUNAI (parcial), IBAMA (capacitações)	IBAMA, FUNAI, Ministério Público Federal, ISA e associações	Sim, 2 vezes por ano
Capoto/Jarina	Comunidades, associação, FUNAI (parcial), IBAMA (capacitações)	Articulação com IBAMA e Funai e realização de ações de fiscalização, ISA e associações	Sim, quando demandado ou cerca de 2 vezes por ano
Kayapó	Comunidades, associação, FUNAI (parcial), IBAMA (capacitações)	Articulação com IBAMA e Funai e realização de ações de fiscalização, ISA e associações	Sim, 1 vez por ano
Las Casas	Comunidades, associação, FUNAI (parcial), IBAMA (capacitações)	Articulação com IBAMA e Funai e realização de ações de fiscalização, ISA e associações	Não
Menkragnoti	Comunidades, associação, FUNAI (parcial), IBAMA (capacitações)	Articulação com IBAMA, FUNAI, Ministério Público Federal, ISA e associações	Sim, 2 vezes por ano

Percepção dos Kayapó sobre a proteção territorial nas TIs Kayapó

Do total de indígenas entrevistados, 79% consideram que as ações de proteção territorial (monitoramento e fiscalização) estão atualmente boas ou muito boas. Em comparação a 2013, houve um aumento na proporção de indígenas que considera a proteção territorial muito boa (32% em 2018; 13% em 2013). (Figura 39)

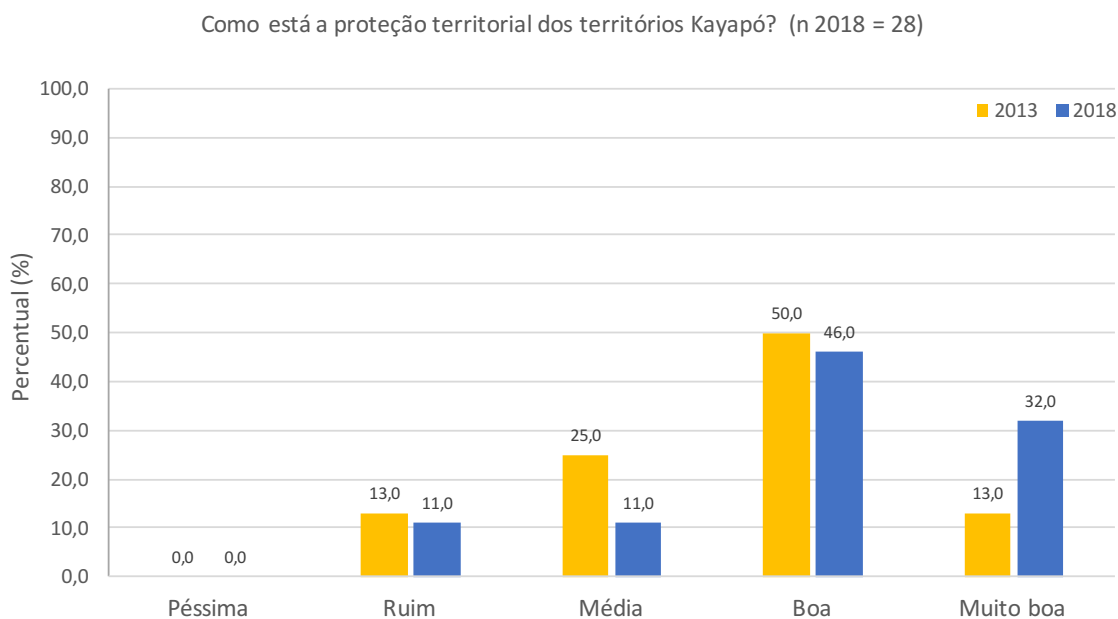


Figura 39. Opinião dos Kayapó sobre a proteção de seus territórios em 2013 e 2018.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema Ameaças e Proteção Territorial

“Uma das pessoas se levantou na assembleia e falou: - Quero sair da associação e quero trabalhar no garimpo. A gente falou: - Beleza, nós não vamos atrapalhar seu trabalho e nem você vai interferir no nosso trabalho, porque você escolheu seu caminho e nós escolhemos o nosso. Nós não podemos atrapalhar um ao outro. E se tem alguma operação, não pensa que somos nós. Nós não temos autonomia de autorizar nada, você escolheu seu caminho.”

Nas entrevistas os temas de destaque foram: 1) o assédio de garimpeiros e madeireiros aos indígenas; 2) a percepção dos Kayapó sobre as atividades ilícitas e os projetos de compensação ambiental como uma fonte de renda; 3) a baixa presença do Estado no território e o número

reduzido das expedições de fiscalização; 4) as técnicas de monitoramento realizadas pelas associações; 5) a tradição Kayapó de não julgar em público seus parentes e não denunciá-los mesmo que estejam envolvidos em atividades ilegais.

“O que deve fortalecer é o monitoramento da terra indígena, porque ela vai trazer bons resultados de captação de recursos com os projetos. Se não tiver manutenção, vigilância das terras e integridade, não vai ter ninguém apostando os seus recursos.”

Dentre as estratégias para melhoria da efetividade das expedições de vigilância foram destacadas a importância de se fazerem constantes visitas aos fazendeiros vizinhos e demarcar de forma clara, com picadas grandes, as fronteiras com linhas secas. A implementação de postos de vigilância em locais estratégicos com equipes rotativas e disponibilização de conteúdo formativo (livros e filmes) para os indígenas e não indígenas que estiverem de plantão também foi destacada como uma iniciativa que tem trazido bons resultados.

Mesmo diante de tantas ameaças em seu entorno é possível perceber de forma clara a efetividade do trabalho que tem sido desenvolvido pelas associações e aldeias Kayapó engajadas na preservação do território. As ações de monitoramento territorial são compostas atualmente pela utilização de expedições de vigilância, monitoramento remoto, monitoramento in loco e capacitação de jovens. As associações se qualificaram tecnicamente nos últimos anos e tem buscado constantemente novas forma de melhorar a efetividade do monitoramento.

“Quando você fica sabendo de alguma invasão, o prejuízo já está feito; o cara já tirou não sei quantos caminhões de madeira. Quando fica sabendo de um negócio desse termina falando no rádio e todo mundo fica sabendo. Aí tem os bons e tem os ruins, e os ruins terminam sendo mais rápidos e quando você chega lá o madeireiro já foi embora.”

Entre a identificação dos ilícitos e a realização de uma ação para coibir a atividade há uma lacuna grande de tempo. O número de operações do IBAMA e da Polícia Federal não são suficientes. Quando a Polícia Federal e o IBAMA fazem operações de busca e apreensão em garimpos e polos ilegais de extração de madeira, as associações são pressionadas pelos indígenas que estavam participando das atividades ilegais e precisam se justificar argumentando que não participam das operações.

“Eu vejo assim, as operações devem acontecer, até para tentar criar, não vou dizer um obstáculo, mas deixar o pessoal com medo. E precisa pensar em alternativas para que isso não aconteça, e este é o ponto fundamental. O que a gente tenta fazer, é entender porque eles estão cortando

madeira, o que está faltando? Aí são as coisas mais práticas: “ah não tem farmácia que presta, não tem escola que presta, a gente quer energia”, essas coisas mais básicas mesmo.”

O fracasso ou sucesso de qualquer iniciativa seja ela a proteção do território ou a exploração ilegal dos recursos naturais depende da participação efetiva dos Kayapó. Estão diretamente envolvidos tanto nas iniciativas bem-sucedidas de proteção territorial quanto nas atividades ilícitas dentro do seu território.

Existe um código de conduta cultural que inibe as denúncias e os julgamentos públicos entre os Kayapó em relação à participação em atividades ilícitas. Quando um indígena ou uma aldeia decidem ingressar em uma atividade ilegal, essa decisão tende a ser respeitada pelos demais. Isso não significa que eles estejam de acordo, mas que evitam julgar e acusar os parentes em público.

“Se meus parentes, meu irmão, está lá como liderança praticando coisa errada, mexendo com garimpo, com madeira, e o IBAMA for lá prender as coisas dele, no fim eu vou defender ele, mesmo eu sabendo que é proibido por lei, eu tenho que defender ele. Mas antes de acontecer isso, eu tenho que aconselhar, dar educação, preparar ele, aí sim, ele vai dizer, não, se não meu pai vai brigar comigo, ele não vai fazer, mas se eu não falar nada, aí ele vai fazer.”

A criação de mecanismos para se aproximar de comunidades que estão envolvidas com atividades ilícitas oferecendo alternativas para uma transição também é um fator que deve ser contemplado nas futuras estratégias de proteção territorial, pois no momento não existem caminhos para essa transição.

“A percepção de ameaça para eles já mudou bastante, qualquer coisa que venha, vai impactar diretamente eles, mas o que eles visualizam, pelo menos nas conversas que a gente tem é: Vai passar perto da aldeia fulano de tal, a gente vai ganhar”.

Mas acima de tudo a proteção das Terras Indígenas é um dever do Estado e a ação do poder público para coibir as invasões e garantir a proteção dos territórios é fundamental, tanto nas mensagens públicas que emite, quanto na aprovação e cumprimento das leis. Nesse sentido, o contexto político tem uma influência direta na integridade do território Kayapó e deve ser responsabilizado por isso.

“A ameaça vem de Brasília. Se aquele pessoal lá garantir a proteção da terra, a terra vai continuar existindo: o governo. Porque as ameaças estão lá, se aquele pessoal assinar alguma coisa é ruim para nós. Tem que garantir que eles respeitem.”

3.1.9. Gestão Ambiental e Territorial

PGTAs como ferramenta de implementação da PNGATI

A Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas (PNGATI) foi instituída pelo Decreto nº 7.747, de 5 de julho de 2012 e tem como objetivo “garantir e promover a proteção, a recuperação, a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais das terras e territórios indígenas, assegurando a integridade do patrimônio indígena, a melhoria da qualidade de vida e as condições plenas de reprodução física e cultural das atuais e futuras gerações dos povos indígenas, respeitando sua autonomia sociocultural, nos termos da legislação vigente”.

A PNGATI é composta por 7 eixos temáticos: (1) Proteção territorial e dos recursos naturais; (2) Governança e participação indígena; (3) Áreas protegidas, Unidades de Conservação e Terras Indígenas; (4) Prevenção e recuperação de danos ambientais; (5) Uso sustentável de recursos naturais e iniciativas produtivas indígenas; (6) Propriedade intelectual e patrimônio genético; e (7) Capacitação, formação, intercâmbio e educação.

O principal instrumento de implementação da PNGATI são os PGTAs - Planos de Gestão Territorial e ambiental para as Terras Indígenas. Os PGTAs visam a valorização do patrimônio material e imaterial indígena, recuperação, conservação e uso sustentável dos recursos naturais, assegurando a melhoria da qualidade de vida e as condições plenas de reprodução física e cultural dos povos indígenas. Têm como pano de fundo a expressão do protagonismo, autonomia e autodeterminação dos povos indígenas, sendo estratégicos para a reflexão e planejamento do uso sustentável dos territórios indígenas, de forma a assegurar a melhoria da qualidade de vida e as condições plenas de reprodução física e cultural das atuais e futuras gerações, assim como para orientação de políticas públicas ambientalistas e indigenistas.

Os PGTAs têm como princípios:

- **Protagonismo Indígena:** é um instrumento feito pelos e para os indígenas, segundo suas aspirações e visões de futuro, com a colaboração e o apoio do Estado e de parceiros da sociedade civil;

- Legalidade: o plano se dá no âmbito do ordenamento jurídico nacional, seguindo e respeitando as normas vigentes, consideradas as especificidades indígenas;
- Sustentabilidade: visa a sustentabilidade dos povos indígenas e das Terras Indígenas, considerando aspectos socioculturais, econômicos, políticos e ambientais, no sentido de atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras também atenderem às suas próprias necessidades;
- Estabelecimentos de acordos/pactos: possibilita que os planos sejam potencializados como ferramentas de diálogo interno e externo, contribuindo para efetividade das ações planejadas e para a eficiência das políticas públicas direcionadas aos povos indígenas. (FUNAI 2013)

Os PGTAs abrangem questões relacionadas ao passado, presente e futuro de cada povo indígena, podendo ser organizadas nos eixos temáticos relevantes para cada um deles e sempre pressupondo um processo participativo de construção. Entre as etapas propostas para a elaboração dos PGTAs, que incluem desde o planejamento das atividades e sensibilização dos atores envolvidos, pesquisas bibliográficas, documentais e em campo, oficinas com as comunidades, diagnósticos, etnomapeamentos, planejamento e priorização de ações, estabelecimento de acordos e metas, etnozoneamento, validações, formalização, entre outros (FUNAI 2013); três elementos se destacam:

- Diagnóstico Participativo: consiste no levantamento e na análise de informações dos territórios indígenas em oficinas, a partir do diálogo e da visão dos próprios indígenas, considerando o contexto histórico, político, sociocultural, econômico e ambiental em que os mesmos estão inseridos;
- Etnomapeamento: se configura na construção de uma carta geográfica com os locais importantes do território indígena, o seu uso cultural, a distribuição espacial dos recursos naturais, a identificação de impactos ambientais e outras informações relevantes, salvaguardando o interesse, o olhar e a compreensão indígena. Pode ser feito com base em desenhos livres, uso de imagens de satélite, croquis, mapas e cartas geográficas.
- Etnozoneamento: é o planejamento e a categorização de áreas pelos indígenas segundo sua importância ambiental e étnica, realizada com base no Etnomapeamento e discussões internas das comunidades.

Após a elaboração e formalização do documento contendo o PGTA, segue-se sua implementação. Sendo um instrumento dinâmico, o PGTA deve ser constantemente avaliado e periodicamente atualizado e aprimorado, para que possa acompanhar mudanças e desafios e incorporar novos temas importantes para os indígenas.

Os PGTA nas Terras indígenas Kayapó

Das TIs contempladas neste estudo, apenas a TI Las Casas tem seu PGTA já elaborado e publicado. O PGTA da TI Las Casas (*Gwaj ba nhõ Pyka – A Nossa Terra*; Figura 40) foi elaborado pela AFP juntamente com comunidades Kayapó *Tekrejarôtire* e *Kaprãnrere*, localizadas na TI Las Casas, e possui quatro eixos temáticos: (1) Educação; (2) Atividades Produtivas; (3) Território e Direitos; e (4) Gestão Ambiental. O PGTA da TI Las Casas foi elaborado com recursos do Ministério do Meio Ambiente (MMA), por meio do Subprograma Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas (PDPI) ao longo dos anos de 2014 a 2016, sendo finalizado e lançado em abril de 2017 (Figura 40).

A TI Kayapó, por sua vez, possui atualmente um PGTA provisório, consolidado a partir das ações relacionadas a gestão territorial, diagnósticos, etnomapeamentos, acordos, demandas e reuniões realizadas ao longo de 15 anos de atuação da AFP junto às comunidades Kayapó, no âmbito de diferentes iniciativas. O PGTA da TI Kayapó está organizado nos seguintes eixos temáticos: (1) Cultura e Conhecimento; (2) Gestão Territorial e Ambiental; (3) Atividades produtivas e Geração de Renda; e (4) Fortalecimento Institucional e Político. Apesar de consolidado, o PGTA da TI Kayapó não foi efetivamente publicado.

Em 2014, a AFP submeteu a proposta “Território, cultura e autonomia Mëbêngôkre” para a chamada pública de projetos voltados ao apoio de Planos de Gestão Territorial e Ambiental em Terras indígenas do Fundo Amazônia, tendo sido a única organização indígena com sua proposta aprovada. A proposta prevê tanto a implementação das ações previstas no PGTA da TI Las Casas, como a atualização e implementação do PGTA da TI Kayapó. O projeto, cujo recurso total é de aproximadamente R\$ 9.1 milhões, será executado em três anos e terá início em 2019.



Figura 40. Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Las Casas, PA.

As TIs Capoto/Jarina, Baú e Menkragnoti até o momento não possuem um PGTA elaborado. No entanto, tanto o IR quanto IK já estão se mobilizando para a elaboração dos PGTA junto às respectivas TIs nas quais atuam. Em 2018, estas organizações conseguiram apoio financeiro da Fundação Moore para realizar a fase inicial de diagnóstico nas TIs Capoto/Jarina, Baú e Menkragnoti, incluindo o diagnóstico socioambiental e atividades de sensibilização e mobilização das comunidades vinculadas ao IR e o etnomapeamento nas comunidades vinculadas ao IK.

Recentemente, o Funbio, com apoio da Conservação Internacional do Brasil (CIB), também aprovou uma proposta junto à Fundação Petrobrás que prevê, entre outras atividades, iniciar o processo de discussão e planejamento junto às comunidades Kayapó e reunir insumos para a elaboração do PGTA da TI Menkragnoti. Este projeto envolverá as três associações indígenas Kayapó apoiadas pelo Fundo Kayapó - AFP, IK e IR, já que todas têm aldeias associadas localizadas na TI Menkragnoti. O recurso total do projeto é de cerca de R\$ 5.8 milhões e as atividades devem ter início em 2019.

A TI Badjonkôre é a única TI do bloco Kayapó que ainda não possui atividades relacionadas ao PGTA.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema PGTA

A elaboração dos PGTA das Terras Indígenas foi uma iniciativa elogiada por todos os gestores das associações e também pelos indígenas, como estratégia fundamental para integrar todas as ações em execução no território e aproximar as comunidades das associações em uma visão conjunta de proteção territorial, fortalecimento cultural e geração de renda.

"PGTA chegou aqui, todos nós, mulheres, homens, crianças, todo mundo foi lá e decidi pra ter o PGTA pra essa área, então a gente desenhou, colocou o nome na língua, tirou foto, fez o sobrevoo, tudo isso a gente fez. E a gente foi falando, corrigindo tudo que pode traduzir na língua portuguesa, e a gente foi trabalhando esse PGTA pra proteger a área, e quando a gente terminou a gente divulgou e a gente recebeu o livro."

Os planos de gestão abordam os aspectos da cultura, dos modos de vida, dos territórios e das relações dos povos indígenas com o mundo externo, relevantes a cada povo indígena. São ferramentas orientadoras com potencial tanto para auxiliar os processos de reflexão, planejamento e avaliação junto às comunidades das TIs, quanto para contribuir para a captação de recursos e promoção de uma melhor articulação entre todas as ações implementadas nas TIs. O próprio processo de construção dos PGTA já gera uma série de reflexões conjuntas importantíssimas junto às comunidades.

"Nos cursos de gestão territorial, a gente trata de meio ambiente, passa filmes com estratégias de gestão territorial de outros povos, fala um pouco de mobilização política, estrutura do estado, uma série de conteúdos interessantes, pra fazer eles (jovens) entenderem melhor. Só que é isso, eles estão vindo de uma geração que está muito sem referência. A educação escolar deles é muito ruim, a juventude está recebendo o que tem de pior. Porque os pais têm uma relação pedagógica que é diferente da nossa, e os pais também estão sem saber o que fazer. Jogam o filho na escola e falam que tem que aprender o mundo do kuben, mas o mundo do kuben que eles têm contato é o regional, que são os garimpeiros e madeireiros."

No atual contexto político, os PGTA serão cada vez mais ferramentas importantíssimas para promover a reflexão dos próprios povos indígenas sobre os processos inevitáveis que os cercam e as formas de garantir sua autonomia a manutenção de seus territórios, sua cultura e seu modos de vida.

3.1.10. Órgãos e organizações que assistem os Kayapó

FUNAI

As comunidades Kayapó das TIs Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti são atualmente atendidas por três Coordenações Regionais (CR) da FUNAI: (1) CR Kayapó sul do Pará e as Coordenações Técnicas Locais (CTL) vinculadas a ela (Redenção e São Félix do Xingu), que atendem todas as aldeias da TI Kayapó, Las Casas, Badjonkôre e as aldeias Kendjam e Karema da TI Menkragnoti; (2) CR Norte do Mato Grosso e CTLs Peixoto de Azevedo e Guarantã do Norte, que atendem as comunidades da TI Capoto/Jarina e do sul da TI Menkragnoti; e (3) CR Cuiabá e CTL Novo Progresso, que atendem as comunidades da TI Baú e a maior parte da TI Menkragnoti (Figura 41).

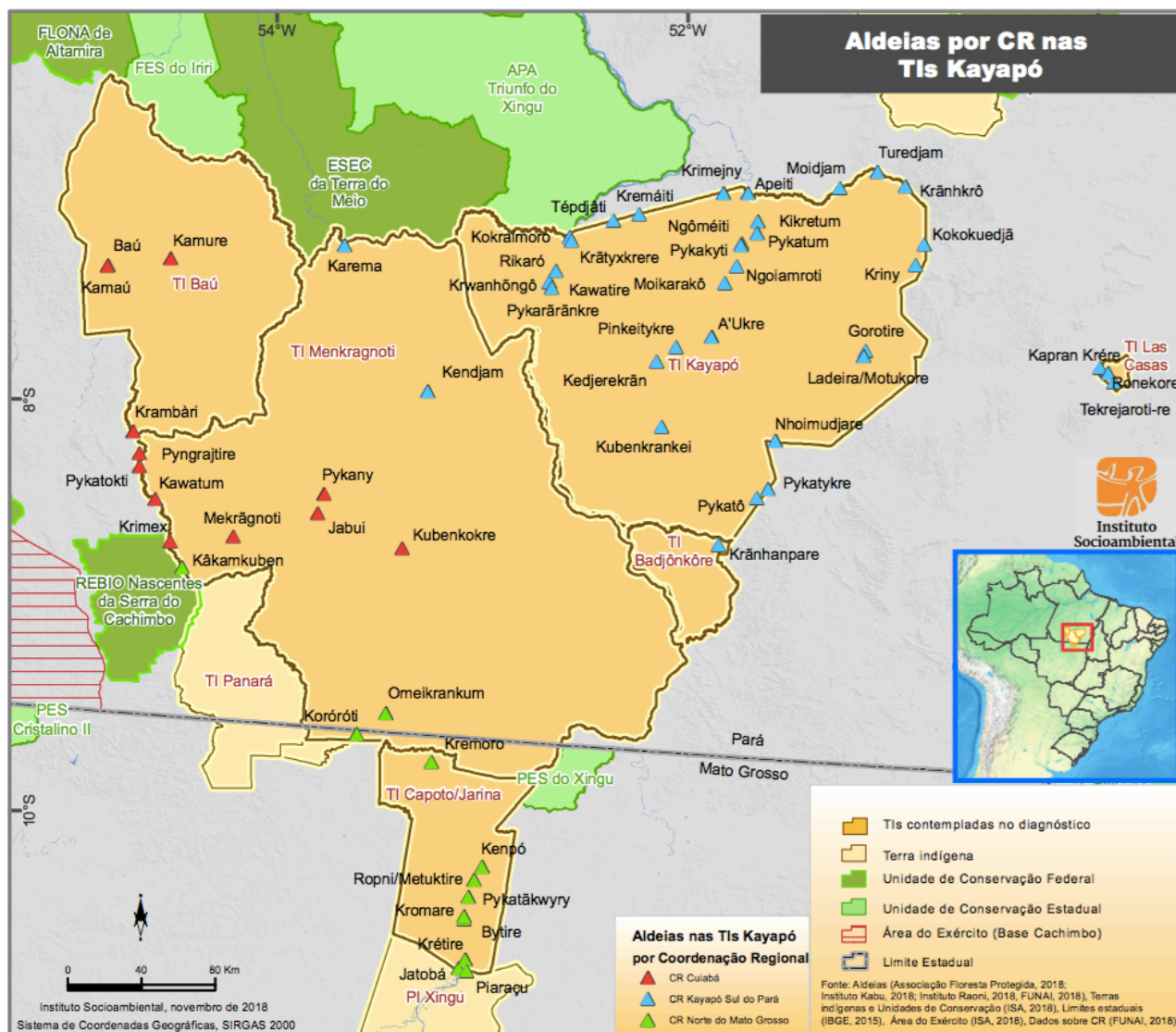


Figura 41. Aldeias Kayapó das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti e Coordenações Regionais da FUNAI que as atendem. Fonte: FUNAI 2018.

As aldeias Kayapó e a CR que atende a cada uma delas encontra-se na tabela 62.

Tabela 62. Coordenações Regionais da FUNAI responsáveis pelas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti em 2018. Fontes: FUNAI 2018.

Terra Indígena	Aldeia	CR Funai responsável
Badjonkôre	Krãnhanpare	CR Kayapó Sul do Pará
Baú	Baú	CR Cuiabá
Baú	Kamaú	CR Cuiabá
Baú	Kamüre	CR Cuiabá
Baú	Krambàri	CR Cuiabá
Capoto/Jarina	Bytire	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Jatobá	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Kenpó	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Kremoro	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Krétire	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Kromare	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	More	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Piaraçu	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	CR Norte do Mato Grosso
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	CR Norte do Mato Grosso
Kayapó	A'Ukre	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Apeiti	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Bananal	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Gorotire	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Juari / Piokrótikô	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kawatire	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kedjerekrãh	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kikretum	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kokokuedjã	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kokraimoro	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Krãnhkrô	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Krãtyxkrere	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kremáiti	CR Kayapó Sul do Pará

Kayapó	Krimejny	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kriny	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Krwanhõngô	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Kubenrankei	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Ladeira/Motukore	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Moidjam	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Moikarakô	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Momokre	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Mutum	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Ngoiamroti	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Ngokongoti-re	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Ngôméiti	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Nhoimudjare	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pidjiokore	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pinkeitykre	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Ponte/Kutenkore	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pykakyti	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pykarãrãnkre	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pykatô	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pykatum	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pykatykre	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Pyuredjan	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Rikaró	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Rokrore/oncinha	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Tantanjere	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Tépdjâti	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Tepore	CR Kayapó Sul do Pará
Kayapó	Turedjam	CR Kayapó Sul do Pará
Las Casas	Arawá	CR Kayapó Sul do Pará
Las Casas	Kapran Krére	CR Kayapó Sul do Pará
Las Casas	Ronekore	CR Kayapó Sul do Pará
Las Casas	Tekrejaroti-re	CR Kayapó Sul do Pará
Menkragnoti	Jabui	CR Cuiabá
Menkragnoti	Kâkakuben	CR Norte do Mato Grosso

Menkragnoti	Karema	CR Kayapó Sul do Pará
Menkragnoti	Kawatum	CR Cuiabá
Menkragnoti	Kendjam	CR Kayapó Sul do Pará
Menkragnoti	Koróróti	CR Norte do Mato Grosso
Menkragnoti	Krimex	CR Cuiabá
Menkragnoti	Kubenkokre	CR Cuiabá
Menkragnoti	Mekrãgnoti	CR Cuiabá
Menkragnoti	Mokrore	CR Norte do Mato Grosso
Menkragnoti	Omeikrankum	CR Norte do Mato Grosso
Menkragnoti	Pykany	CR Cuiabá
Menkragnoti	Pykatokti	CR Cuiabá
Menkragnoti	Pyngrajtire	CR Cuiabá

A FUNAI desempenhou na última década um papel fundamental no atendimento às comunidades Kayapó, em diversas ações relacionadas à educação, cultura e etnodesenvolvimento, na fiscalização e monitoramento territorial, no apoio ao acesso a benefícios sociais, entre outras. Nos últimos anos, no entanto, com crescente sucateamento e corte de recursos à FUNAI a partir de 2016, devido tanto à crise econômica vigente quanto à clara política anti-indígena a partir do governo Temer, houve uma diminuição drástica dos recursos repassados às coordenações regionais e, conseqüentemente, do papel das CRs no atendimento às comunidades indígenas. Atualmente o papel da FUNAI se resume principalmente ao auxílio ao acesso a benefícios sociais, acompanhamento de processos como PBAs e TAC e articulação e acompanhamento de ações de monitoramento e fiscalização.

Associações locais

Com o crescente esvaziamento da FUNAI, o papel das associações locais como alternativa ao atendimento às necessidades das comunidades tem aumentado cada vez mais. Atualmente, das 82 comunidades consideradas neste estudo, a grande maioria está associada a uma das três principais associações Kayapó: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni. Essas associações já possuem mais de 10 anos de existência (AFP 16 anos, IK 10 anos e IR 17 anos) e têm um papel crucial no apoio a diferentes demandas das comunidades Kayapó e luta por seus direitos. Tanto a AFP, como o IK e o IR condicionam o ingresso e permanência das comunidades à não realização de atividades ilícitas.

Nas Terras Indígenas Kayapó e Badjonkôre, recentemente outras duas associações têm também reunido um grande grupo de aldeias: A Associação Indígena Angrokrere, já existente em 2013, e a Associação Koti. A Associação Angrokrere, juntamente com duas associações menores – Associação Indígena Tuto Pombo e Associação Indígena Pore Kayapó – permitiu que comunidades que não fazem parte da Associação Floresta Protegida (em sua maioria, envolvidas com atividades de garimpo e/ou exploração madeireira) recebessem os recursos provenientes da primeira parcela do TAC (Termo de Ajustamento de Conduta referente a Ação Civil Pública 2383-85.2012.4.01.3905 do Ministério Público Federal contra a Mineração Onça Puma, Vale S/A. - mais detalhes na seção 3.1.11), o qual estabeleceu que as aldeias escolhessem por meio de qual associação poderiam receber o recurso. Recentemente, na iminência de receber uma segunda parcela do TAC, a Associação Koti surgiu com o objetivo de reunir aldeias, muitas delas da Angrokrere e inclusive algumas da AFP, para receber parte do recurso do TAC. Há outras associações menores que representam uma ou poucas comunidades, parte delas possivelmente inativas. As Associações mapeadas em 2018 encontram-se na tabela 63.

Tabela 63. Associações indígenas da etnia Kayapó mapeadas em 2018 e Terra Indígena na qual estão localizadas as aldeias representadas por cada uma delas. Fonte: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni e Funai 2018.

Associação indígena	Terra(s) Indígena(s)
Associação Floresta Protegida	Kayapó, Las Casas e Menkragnoti
Instituto Kabu	Baú e Menkragnoti
Instituto Raoni	Capoto/Jarina e Menkragnoti
Associação Indígena Angrokrere	Badjonkôre e Kayapó
Associação Indígena Pore Kayapó*	Kayapó
Associação Indígena Tuto Pombo*	Kayapó
Associação Roikore*	Kayapó
Associação Kranhmenti*	Kayapó
Associação Koti	Badjonkôre e Kayapó
Associação Cultural Indígena Kapot Jarina*	Capoto/Jarina
Associação Kamrek*	Capoto /Jarina
Associação Tapieti*	Baú

*Representam apenas uma ou poucas aldeias

Percepção dos Kayapó sobre os principais órgãos e organizações que atendem as comunidades

A atuação da FUNAI foi considerada mediana por mais de 50% dos indígenas entrevistados (Figura 42), enquanto a atuação da prefeitura foi considerada ruim ou péssima por 50% deles (Figura 43). Já a atuação das associações foi considerada boa ou muito boa pela grande maioria dos entrevistados, valores semelhantes aos de 2013 (Figura 44).

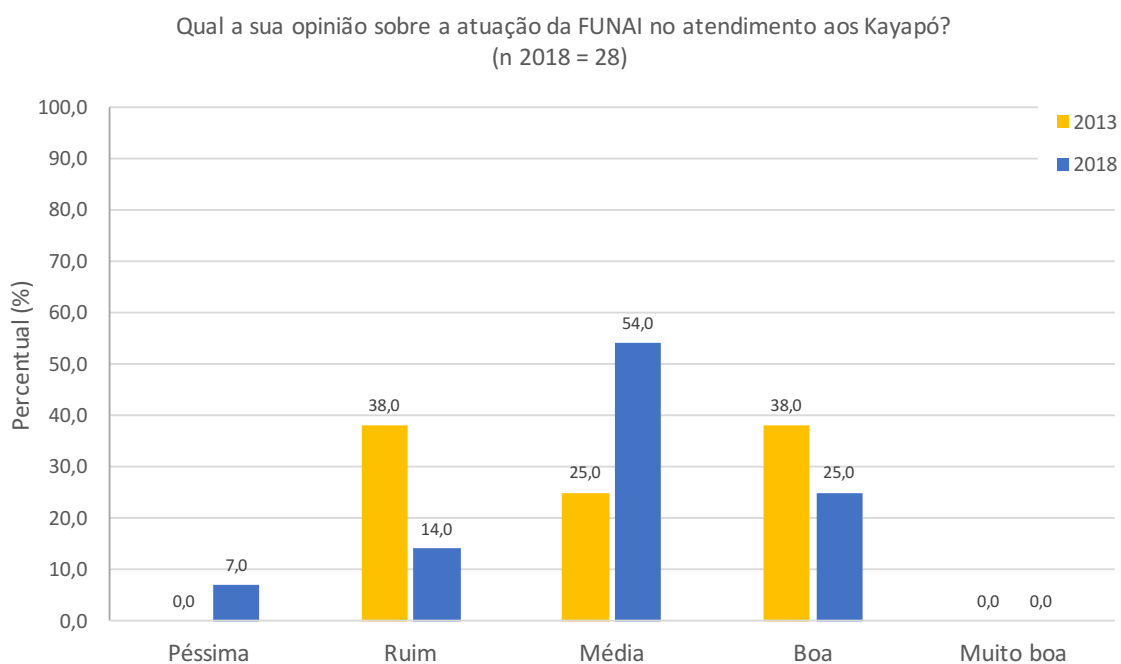


Figura 42. Opinião dos Kayapó sobre a atuação da FUNAI em 2013 e 2018.

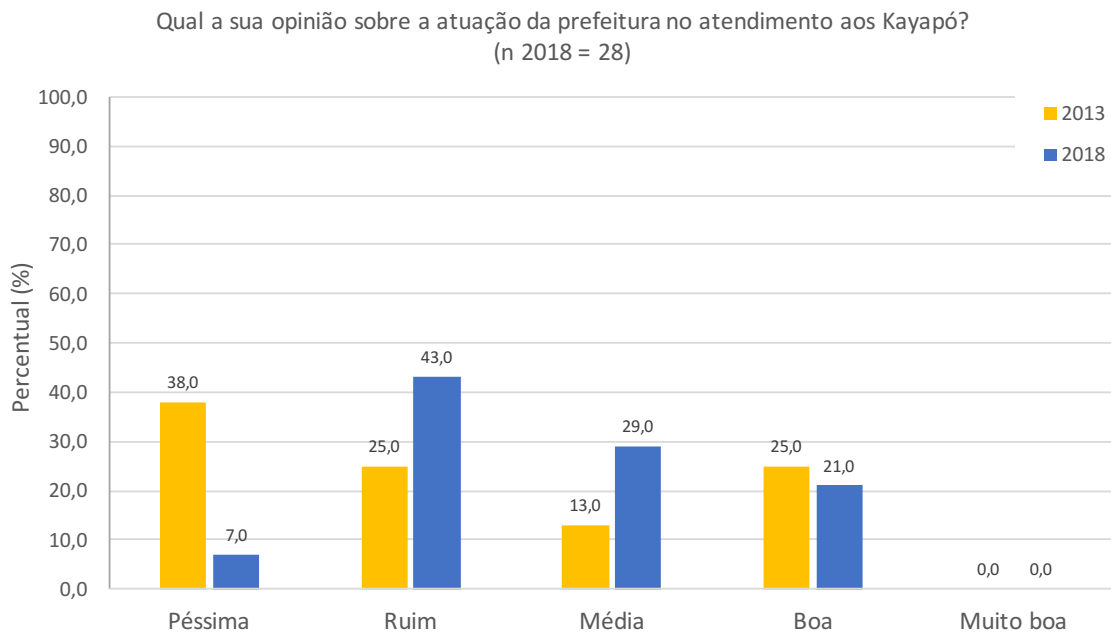


Figura 43. Opinião dos Kayapó sobre a atuação das prefeituras municipais em 2013 e 2018.

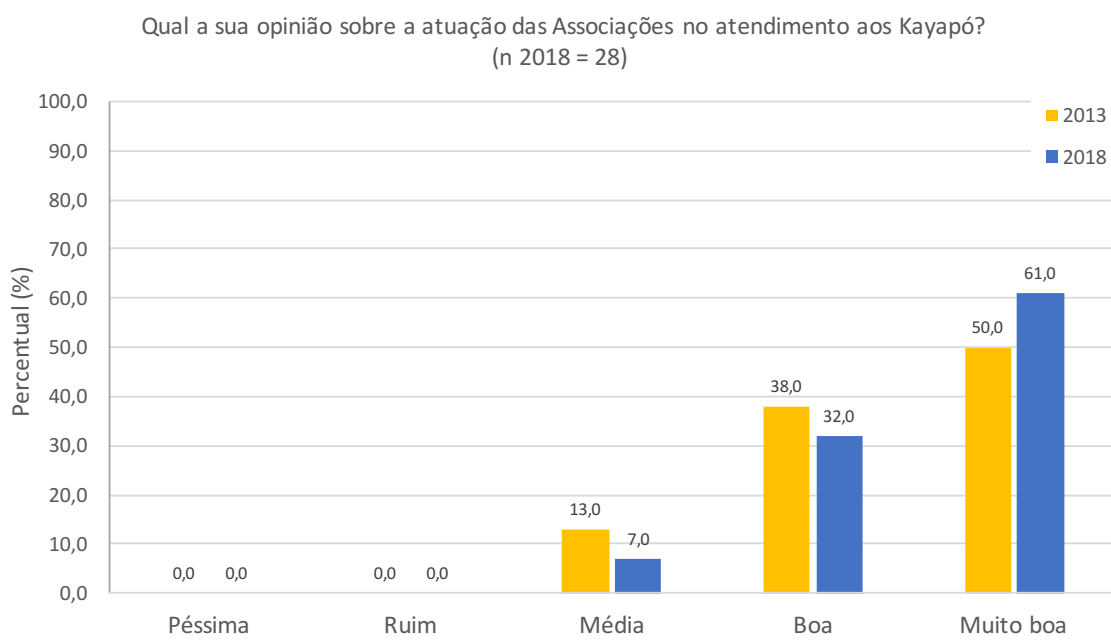


Figura 44. Opinião dos Kayapó sobre a atuação das Associações Kayapó em 2013 e 2018.

3.1.11. Fortalecimento Institucional das Associações apoiadas pelo Fundo Kayapó - AFP, IK e IR

Representatividades das Associações

A Associação Floresta Protegida atualmente representa 25 comunidades e, segundo dados populacionais fornecidos pela SESAI, 1.989 indígenas, sendo sua área de atuação de cerca de 2.341.195,8 hectares (área calculada por meio da divisão do território de cada TI pelo respectivo número de aldeias e da multiplicação do território das aldeias pelo número de aldeias da associação em cada TI; Tabela 64). Sua sede está localizada no município de Tucumã, PA. O Instituto Kabu representa hoje 12 comunidades e 1568 indígenas, tendo uma área de atuação de aproximadamente 4.565.086,9 hectares (área extensa devido ao maior número de comunidades na TI Menkragnoti, que possui a menor densidade de aldeias em comparação às outras TIs Kayapó). Sua sede se encontra no município de Novo Progresso, PA. Já o Instituto Raoni representa atualmente 16 comunidades e 1.840 indígenas, tendo uma área aproximada de atuação de 1.768.973,8 ha. Recentemente a sede do IR foi transferida de Colíder para o município de Peixoto de Azevedo, MT. A localização das aldeias representadas por cada Associação encontra-se na Figura 45.

Tabela 64. Número de aldeias, população total representada e área aproximada de atuação das principais associações indígenas das Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni, FUNAI e SESAI 2018.

Associação	Número de aldeias	População total	Área aproximada de atuação (ha)
AFP	25	2989	2.341.195,8
IK	12	1568	4.565.086,9
IR	14	1840	1.768.973,8
Outra(s)	23	2749	1.942.174,1

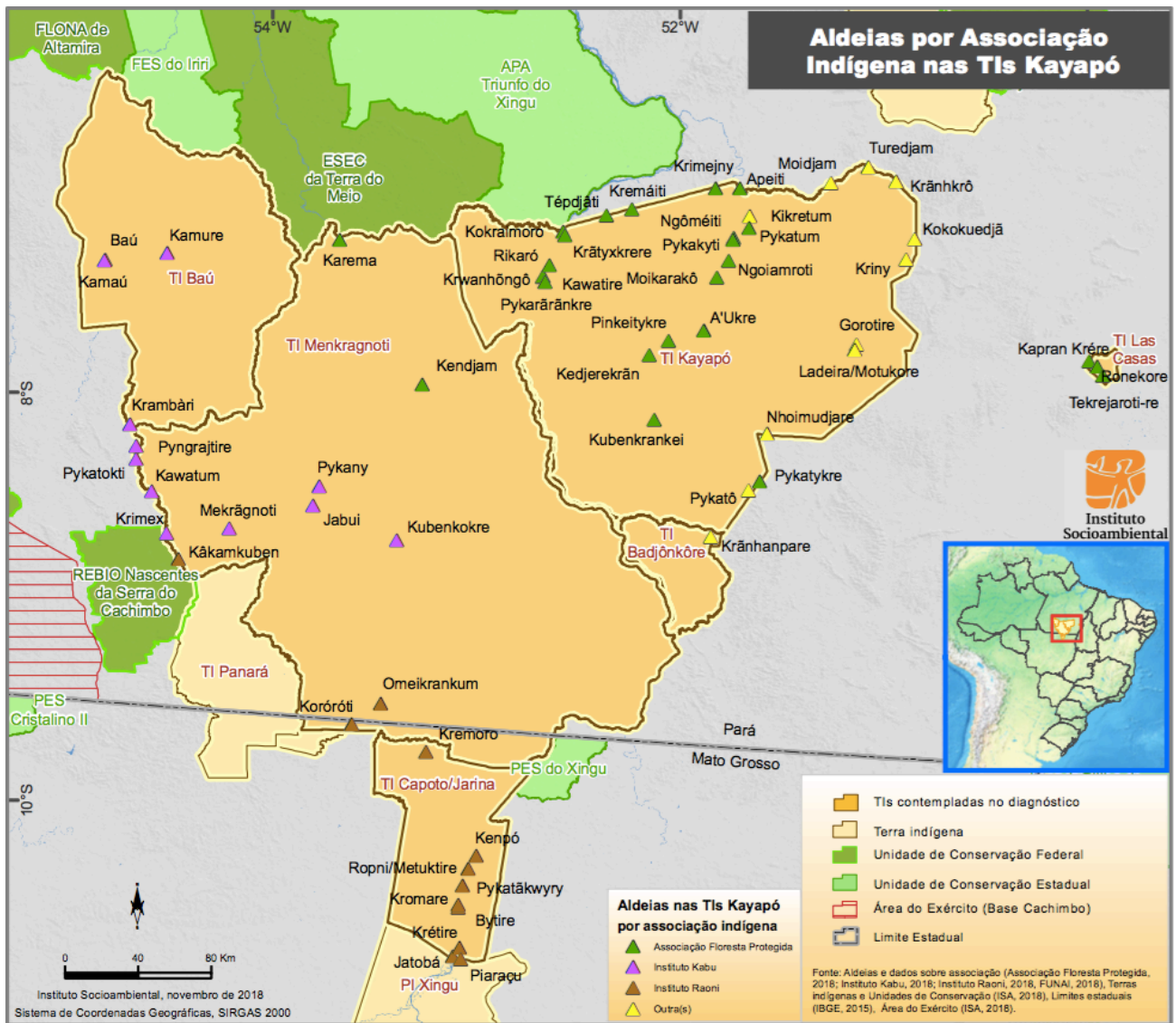


Figura 45. Aldeias Kayapó representadas pela Associação Floresta Protegida, pelo Instituto Kabu e pelo Instituto Raoni, localizadas nas Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

A tabela completa com todas as aldeias representadas pela AFP, pelo IK e pelo IR, assim com aquelas representadas por outras associações encontra-se abaixo (Tabela 65).

Tabela 65. Comunidades Kayapó localizadas nas Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti e as respectivas associações indígenas que as representam. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni e FUNAI 2018.

Terra Indígena	Aldeia	Associação Indígena
Badjonkôre	Krãnhanpare	Outra(s)
Baú	Baú	Instituto Kabu
Baú	Kamaú	Instituto Kabu
Baú	Kamũre	Instituto Kabu
Baú	Krambãri	Instituto Kabu
Capoto/Jarina	Bytire	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Jatobá	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Kenpó	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Kremoro (Kapot)	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Krétire	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Kromare	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	More	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Piaraçu	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Pykatãkwry	Instituto Raoni
Capoto/Jarina	Ropni/Metuktire	Instituto Raoni
Kayapó	A'Ukre	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Apeiti	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Bananal	Outra(s)
Kayapó	Gorotire	Outra(s)
Kayapó	Juari (Piokrótikô/Mikim)	Outra(s)
Kayapó	Kawatire	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Kedjerekrã	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Kikretum	Outra(s)
Kayapó	Kokokuedjã	Outra(s)
Kayapó	Kokraimoro	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Krãnhkrô	Outra(s)
Kayapó	Krãtyxkrere	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Kremáiti	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Krimejny	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Kriny	Outra(s)
Kayapó	Krwanhôngô	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Kubenrankei	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Ladeira (Motukore)	Outra(s)
Kayapó	Moidjam	Outra(s)

Kayapó	Moikarakô	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Momokre	Outra(s)
Kayapó	Mutum	Outra(s)
Kayapó	Ngoiamroti	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Ngokongoti-re	Outra(s)
Kayapó	Ngôméiti	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Nhoimudjare	Outra(s)
Kayapó	Pidjokore	Outra(s)
Kayapó	Pinkeitykre	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Ponte (Kutenkore)	Outra(s)
Kayapó	Pykakyti	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Pykarãrãnkre	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Pykatô	Outra(s)
Kayapó	Pykatum	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Pykatykre	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Pyuredjan	Outra(s)
Kayapó	Rikaró	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Rokrore (oncinha)	Outra(s)
Kayapó	Tantanjere	Outra(s)
Kayapó	Tépdjâti	Associação Floresta Protegida
Kayapó	Tepore	Outra(s)
Kayapó	Turedjam	Outra(s)
Las Casas	Arawá	Outra(s)
Las Casas	Kapran Krére	Associação Floresta Protegida
Las Casas	Ronekore	Associação Floresta Protegida
Las Casas	Tekrejaroti-re (Las Casas)	Associação Floresta Protegida
Menkragnoti	Jabui	Instituto Kabu
Menkragnoti	Kâkakuben	Instituto Raoni
Menkragnoti	Karema	Associação Floresta Protegida
Menkragnoti	Kawatum	Instituto Kabu
Menkragnoti	Kendjam	Associação Floresta Protegida
Menkragnoti	Koróróti	Instituto Raoni
Menkragnoti	Krimex	Instituto Kabu
Menkragnoti	Kubenkore	Instituto Kabu
Menkragnoti	Mekrãgnoti	Instituto Kabu
Menkragnoti	Mokrore	Instituto Raoni
Menkragnoti	Omeikrankum	Instituto Raoni
Menkragnoti	Pykany	Instituto Kabu
Menkragnoti	Pykatokti	Instituto Kabu

Menkragnoti	Pyngrajtire	Instituto Kabu
-------------	-------------	----------------

O número de aldeias representadas pela AFP aumentou levemente em relação ao número de aldeias em 2013 (3 aldeias a mais; Figura 46), porém o número de indígenas representados diminuiu (Figura 47), como consequência da saída de aldeias do Rio Branco em função da opção destas aldeias em conduzir atividades ilícidas (principalmente o garimpo) em seus territórios. Como resultado, somado ao grande número de novas aldeias criadas na região leste da TI Kayapó, o número de aldeias representadas por outras associações cresceu de forma acentuada em comparação a 2013, quando era de apenas duas aldeias. O Instituto Kabu teve um aumento de cinco aldeias em relação a 2013. Já o Instituto Raoni passou a contar com uma nova aldeia Kayapó. Ambos apresentaram um acréscimo de cerca de 300 a 350 indígenas na população total representada. (Figuras 46 e 47)

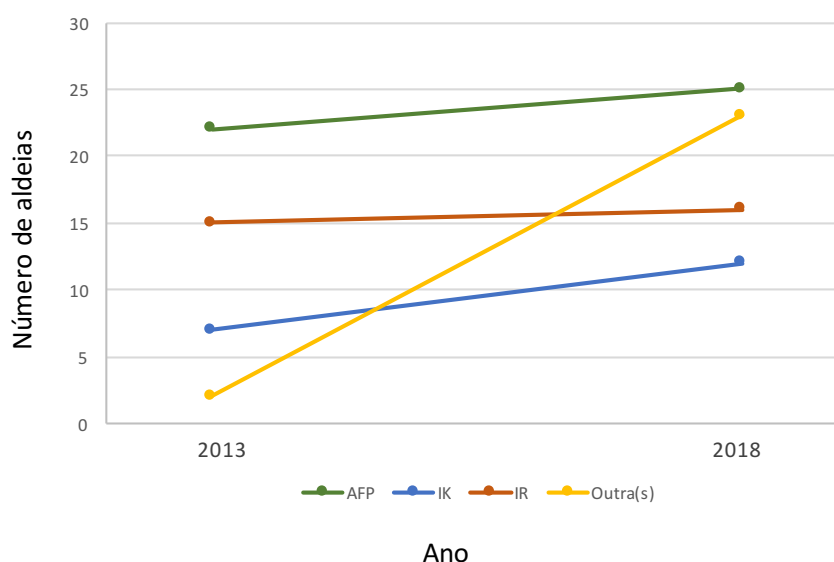


Figura 46. Número de aldeias representadas pelas principais associações indígenas das Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni e FUNAI 2018.

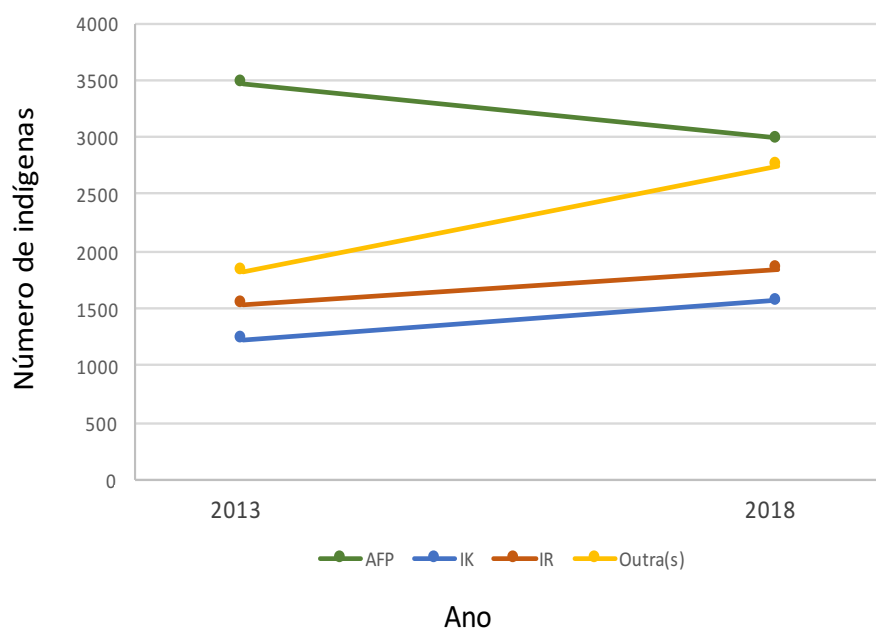


Figura 47. Número de indígenas representados pelas principais associações indígenas das Terras indígenas Baú, Badjonkôre, Capoto/Jarina, Las Casas, Kayapó e Menkragnoti. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni e FUNAI 2018.

Linhas de atuação

Todas as três associações apoiadas pelo FK - AFP, IK e IR - possuem iniciativas relacionadas a cultura, as quais englobam atividades como a capacitação de indígenas para o registro audiovisual da cultura, produção de filmes, realização de cursos de formação de professores e elaboração de materiais didáticos complementares e resgate cultural.

O apoio a atividades produtivas e geração de renda também é um tema comum entre as três associações, respeitando as especificidades dos ambientes em que cada TI está inserida. A AFP e o IK representam comunidades localizadas em sua maioria em áreas com predominância de florestas (com exceção da TI Las Casas) e tem focado seu esforço principalmente nas cadeias da castanha, cumaru e artesanato, além do babaçu (IK) e pequi (AFP em Las Casas). As aldeias do IR encontram-se predominantemente em fisionomias mais abertas, de cerrado e florestas de transição, e tem iniciativas para a produção de mel, pequi e banana desidratados, cumaru, farinha e artesanato. Existem ainda iniciativas relacionadas a roças, intercâmbios, feiras de sementes, além de um curso de campo e uma iniciativa de pesca esportiva em aldeias da AFP.

A gestão e o monitoramento territorial são outros temas comuns entre a AFP, o IK e o IR, desde o início de sua atuação nos territórios Kayapó. Incluem desde iniciativas de mapeamento remoto de ameaças, quanto a realização de expedições de monitoramento, capacitações e mais recentemente, a criação e a manutenção de bases de vigilância na AFP e no IK, além da elaboração dos PGTAs.

A AFP e o IR possuem ainda iniciativas na linha de atuação fortalecimento institucional e político; o IK e o IR trabalham com a linha de educação ambiental, incluindo iniciativas voltadas ao tratamento de resíduos sólidos. O IK é único que atua com o tema saúde. De forma geral, não houve grandes mudanças nas linhas de atuação das associações Kayapó em relação a 2013.

Nos últimos anos, com o enfraquecimento da FUNAI, as associações têm eventualmente assumido algumas demandas que originalmente não estavam contempladas em suas linhas de ação como, por exemplo, o transporte para aposentados acessarem aposentadorias, auxílio na obtenção e regularização de documentos, etc.

As linhas de ação e iniciativas desenvolvidas no âmbito de cada uma delas, para cada associação, encontram-se na tabela 66.

Tabela 66. Linhas de atuação e atividades da Associação Floresta Protegida, do Instituto Kabu e do Instituto Raoni. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Associação	Linhas de atuação	Atividades
AFP	Cultura e Conhecimento	Formação em audiovisual,
		Apoio à formação do Coletivo Beture de Cineastas Mëbêngôkre
		Formação complementar de professores indígenas
		Produção de material didático na lingua Mëbêngôkre
		Produção de vídeos para divulgação externa e interna
	Participação em intercâmbios	
	Gestão Territorial e Ambiental	Análises de SIG para monitoramento remoto de indicadores de integridade ambiental
		Sobrevoos para monitoramento e verificação de alterações detectadas por SIG
		Expedições de monitoramento territorial por vias fluviais e terrestres
		Capacitações para agentes de monitoramento
Elaboração, formalização e atualização de PGTAs (elaboração -		

		TI Las Casas / formalização e atualização- TI Kayapó)	
		Implementação de atividades previstas nos PGTAs das TIs Las Casas e Kayapó	
	Atividades Produtivas e Geração de Renda:	Estruturação de cadeias produtivas do extrativismo destinadas à geração de renda: castanha, cumaru e artesanato	
		Estruturação de iniciativas de turismo de base comunitária (Projeto de Pesca Esportiva de Kendjam, Projeto de Turismo do Xingu e do Alto Riozinho)	
		Iniciativa de extensão universitária (Curso de campo sobre Conservação e desenvolvimento - Aùkre/Pinkaiti)	
		Fortalecimento da Bay Cooperativa Kayapó de Produtos da Floresta - COOBAY	
		Articulação com o mercado para a comercialização dos produtos Kayapó	
		Participação/desenvolvimento de iniciativas para agregar valor aos produtos Kayapó (ex. Selo Origens Brasil, desenvolvimento de embalagens)	
		Apoio à realização de Feiras de Sementes Tradicionais Mëbêngôkre	
		Apoio à criação de pequenos animais (galinhas)	
		Apoio à intercâmbios com foco no desenvolvimento de alternativas de geração de renda	
	Fortalecimento Institucional e Político:	Promoção de reuniões gerais de caciques e lideranças	
		Apoio à participação de delegações Kayapó em mobilizações pela defesa de direitos	
		Participação em fóruns e instâncias de discussão de temas de interesse dos povos indígenas	
		Apoio ao acesso a informações qualificadas sobre alterações na legislação, ameaças e oportunidades aos Kayapó e seus territórios, etc	
	IK	Segurança alimentar e nutricional	Estímulo à produção de farinha de mandioca
			Fruticultura
		Geração de renda	Comercialização de sementes de castanha-da-Amazônia
			Comercialização de sementes de cumaru
Estímulo à produção de farinha de mandioca			
Óleo de babaçu			
Estruturação da cadeia do artesanato			
Gestão e proteção territorial		Expedições de fiscalização	
		Sobrevoos de verificação	
		Oficinas de etnomapeamento	

		Uso de SIG em atividades de proteção territorial
		Bases de vigilância
	Cultura	Documentação
		Resgate cultural
	Saúde	Alcoolismo
		Lixo
DST		
IR	Segurança alimentar e nutricional	Apoio à construção de casas de farinha
		Enriquecimento de roças e pomares
	Geração de renda	Óleo de copaíba
		Banana e pequi desidratados
		Mel de abelha Europa (<i>Apis mellifera</i>)
		Manejo de cumaru
		Estruturação da cadeia do artesanato
	Gestão e Proteção territorial	Brigada indígena anti-incêndio
		Fiscalização e monitoramento territorial
		Capacitação em produção agroecológica
		Oficinas de etnomapeamento
	Cultura	Resgate cultural
		Capacitação para edição de vídeo
	Educação	Formação de professores indígenas
		Elaboração de materiais didáticos na língua Kayapó
		Capacitação em informática
		Capacitação em produção agroecológica (curso técnico em agroecologia)
	Educação ambiental	Coleta de lixo
		Conscientização para reciclagem de resíduos

Financiadores, parceiros e recursos

Entre os principais parceiros das associações Kayapó apoiadas pelo FK, encontram-se tanto organizações não governamentais, como ISA, Imafloa e as próprias associações Kayapó entre si, como órgãos governamentais (FUNAI, IBAMA, MPF, DSEIs). Dentre seus principais financiadores estão organizações não governamentais, a maioria delas em comum entre a AFP, o IK e o IR (ICFC, EDF, Fundo Amazônia/ Embaixada da Noruega/ Fundo Kayapó) e empresas privadas ou empresas/ órgãos estatais, principalmente por meio de projetos de compensação e mitigação de impactos (Vale S/A, Eletrobras/Norte Energia, DNIT). (Tabela 67)

Tabela 67. Principais financiadores e parceiros da Associação Floresta Protegida, do Instituto Kabu e do Instituto Raoni. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Associação	Principais financiadores e parceiros
AFP	International Conservation Fund of Canada (ICFC), Environmental Defense Fund (EDF), Vale S/A, Eletrobras/Norte Energia, Fundo Kayapó, Fundo Amazônia, Instituto Socioambiental (ISA), Imaflora, IBAMA, FUNAI, IK e IR
IK	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), Eletrobras/Norte Energia, International Conservation Fund of Canada (ICFC), Environmental Defense Fund (EDF), Fundo Kayapó, PDRS Xingu, Imaflora, IBAMA, FUNAI, AFP, IR, MPF, DSEI Tapajós, Prefeitura Municipal de Novo Progresso-PA
IR	Fundo Kayapó, Embaixada da Noruega, International Conservation Fund of Canada (ICFC), Environmental Defense Fund (EDF), Imaflora, Ipam, AFP, IK, FUNAI

O recurso médio gerido anualmente de 2014 a 2018 pelas Associações Kayapó variou entre cerca de R\$1,845 milhões (IR) e 5,950 milhões (AFP), o que corresponde a cerca de R\$ 115,3 mil (IR) a R\$ 481,8 mil (IK) por aldeia e a R\$ 1 mil (IR) a R\$ 3,7 mil (IK) por indígena representados. Se for considerado o recurso anual médio por território, o valor varia entre R\$ 1,00 (IR) a R\$ 2,54 (AFP) por hectare. A AFP é a organização que geriu a maior quantidade de recursos total e por área representada, seguida pelo IK e pelo IR, porém o IK atualmente é o que possui mais recursos por aldeia e per capita (tabela 68).

Tabela 68. Recurso médio gerido anualmente, recurso médio anual per capita, recurso médio anual por aldeia, recurso médio anual por área e média de projetos aprovados nos últimos cinco anos para a Associação Floresta Protegida, o Instituto Kabu e o Instituto Raoni. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Associação	Recurso gerido anualmente (R\$)	Recurso anual por aldeia (R\$)	Recurso anual per capita (R\$)	Recurso anual por ha (R\$)	Média de projetos aprovados/ano
AFP	5.949.483,95	237.979,36	1.990,46	2,54	5
IK	5.782.061,64	481.838,47	3.687,54	1,27	4
IR	1.845.267,71	115.329,23	1.002,86	1,04	5

Tanto o recurso total quanto o recurso per capita, por aldeia e por área aumentaram nas três associações em relação a 2013. O recurso total em 2018 foi cerca de 1,8 (AFP) a 2,1 (IK e IR) vezes maior do que recurso em 2013 (figura 48; corrigido pelo índice IPCA para 2018), enquanto o recurso per capita foi 1,7 (IK e IR) a 2,1 (AFP) vezes maior (figura 49) e o recurso por aldeia de 1,2 (IK) a 2,0 (IR) vezes maior do que em 2013. A média de projetos aprovados anualmente variou entre 4 (IK) e 5 (AFP e IR), número levemente maior do que as médias em 2013 (3, 4 e 5 para o IK, a AFP e o IR, respectivamente).

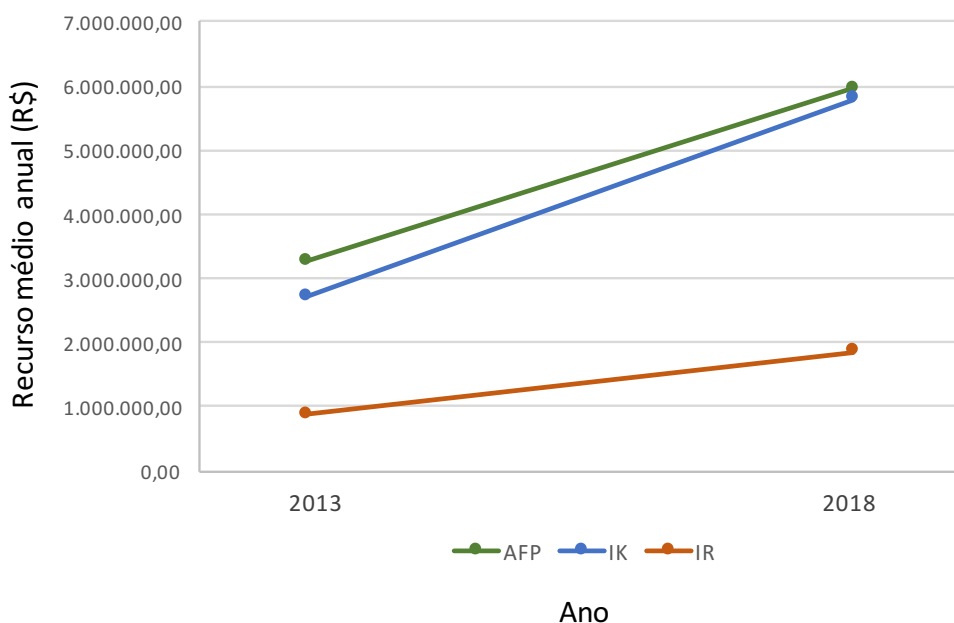


Figura 48. Recurso médio anual gerido pelas associações Kayapó nos últimos anos em 2013 e 2018. Os valores de 2013 foram corrigidos pelo índice IPCA para julho de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu, Instituto Raoni 2013 e 2018.

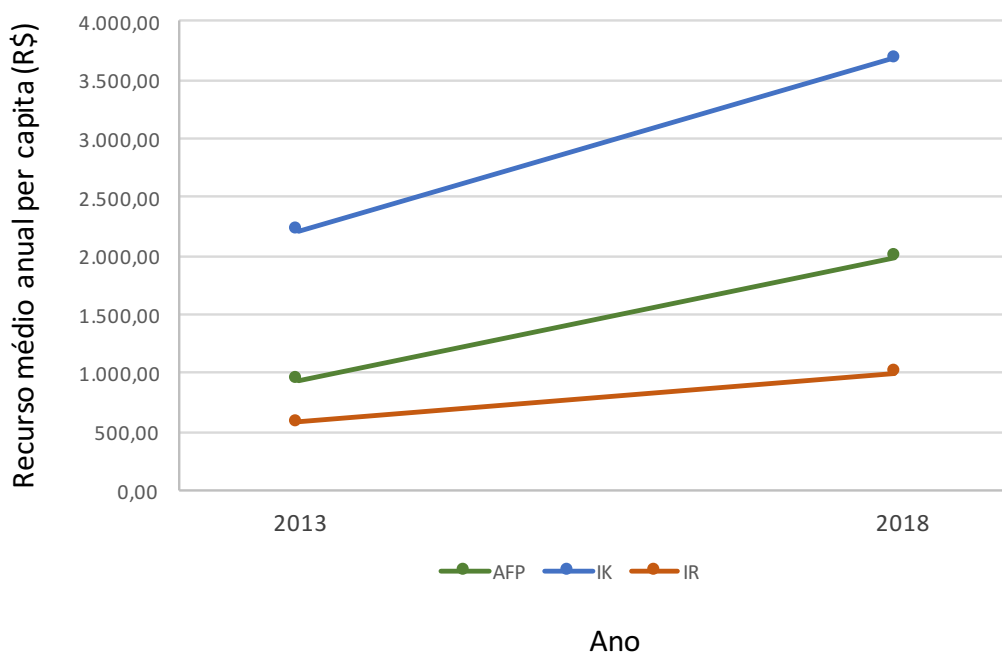


Figura 49. Recurso médio anual per capita gerido pelas associações Kayapó nos últimos anos em 2013 e 2018. Os valores de 2013 foram corrigidos pelo índice IPCA para julho de 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018.

Apesar de o aumento no quadro técnico das associações Kayapó nos últimos anos ter certamente aumentado a capacidade das mesmas para captação de recursos e gestão de projetos, o aumento significativo na quantidade de recursos captados pelas associações Kayapó nos últimos anos se deve em grande parte ao aporte de recursos provindos de projetos de compensação e mitigação de impactos de grandes empreendimentos na região (AFP e IK). No caso do IR, houve uma indenização pelos danos causados pela queda de um avião dentro da TI em 2006. Por sua capacidade técnica e de gestão, a AFP, o IK e o IR foram as associações escolhidas pelos Kayapó e aprovadas pela FUNAI, para receber e gerir os recursos, assim como executar os projetos. De 2014 a 2018, estes recursos representaram aproximadamente 76% do recurso total gerido pela AFP, 79% do recurso total gerido pelo IK e 43% do recurso total gerido pelo IR. Apesar de grande parte deste recurso ter sido destinado a demandas individuais de cada aldeia, em alguns casos, resultou também no aumento do quadro técnico e no fortalecimento da associação, assim como contribuiu para o desenvolvimento de projetos mais estruturantes, como por exemplo capacitações, atividades produtivas, entre outros. Abaixo encontra-se um breve resumo destes projetos:

PBA BR 163 (IK): A primeira etapa do Projeto Básico Ambiental Indígena (PBAI) da BR-163 (Cuiabá-Santarém), ou seja, o conjunto de programas socioambientais desenhados para a prevenção, mitigação ou compensação de impactos ambientais do asfaltamento da BR-163 para o povo Kayapó, foi executado entre 2010 e 2015. O DNIT repassou o recurso para a FUNAI que fez um convênio com o Instituto Kabu, que é o responsável pela implementação das ações do PBA. A primeira etapa foi elaborada para atender três aldeias com um recurso de sete milhões de reais. Em 2015 durante o processo de renovação do PBA o número de aldeias havia aumentado para 11, em grande parte devido aos impactos da BR-163. A segunda etapa do PBA está sendo executada entre 2016 e 2019, com o valor total de 22 milhões de reais.

COMPONENTE INDÍGENA KAYAPÓ DO PLANO BÁSICO AMBIENTAL DO EMPREENDIMENTO ONÇA PUMA (PBA KAYAPÓ - AFP): O componente indígena Kayapó do Plano Básico Ambiental do empreendimento Onça Puma (PBA Kayapó) é um projeto de compensação e mitigação de impactos da exploração e beneficiamento de Níquel em uma jazida localizada nas Serras da Onça e do Puma, 34 km ao norte do limite nordeste da TI Kayapó. Este empreendimento é de propriedade da Companhia Vale S/A e, segundo o estudo etnoecológico da TI Kayapó e, posteriormente, pelo PBA Kayapó, aprovado pela FUNAI, as comunidades afetadas pelo mesmo são todas as localizadas na TI Kayapó e a comunidade de Kendjam, localizada na porção nordeste da TI Menkragnoti (aldeia Kendjam). A AFP foi escolhida pelas comunidades Kayapó impactadas por este empreendimento para executar o PBA Kayapó, cuja implementação foi iniciada em agosto de 2014 e terá duração inicial de 10 anos, prorrogável caso seja dada continuidade à exploração da jazida (capacidade prevista entre 45 e 90 anos). O valor recebido pela AFP desde o início da implementação do PBA variou, de acordo com as atividades previstas no PBA e acordadas entre as partes envolvidas nos planos anuais de trabalho (PATs), entre 2,5 a 3,5 milhões por ano. Os impactos deste empreendimento para as comunidades Kayapó, segundo o estudo etnoecológico e o próprio PBA, são considerados indiretos, advindos principalmente do fluxo migratório para a região e da consequente pressão sobre o território Kayapó e da sobrecarga dos serviços básicos dos municípios usufruídos pelos Kayapó.

TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA REFERENTE À ACP N. ° 2383-85.2012.4.01.3905 (TAC KAYAPÓ - AFP): O TAC Kayapó refere-se a recursos advindos da Ação Civil Pública n. ° 2383-85.2012.4.01.3905 (TAC – Kayapó), movida pelo Ministério Público Federal (MPF), contra a empresa de mineração Vale S/A, a Fundação Nacional do Índio e a Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Pará, pelo não cumprimento de aspectos legais no processo de licenciamento do empreendimento de mineração de níquel, Onça Puma. O TAC Kayapó visa orientar a divisão e execução de recursos devidos às aldeias Kayapó impactadas pelo empreendimento Onça Puma, a título de indenização, por falhas cometidas em seu processo de licenciamento e, segundo o

MPF, devem contemplar as aldeias Kayapó localizadas nas Terras Indígenas Kayapó, Las Casas, Badjonkôre e as aldeias da região nordeste da TI Menkragnoti, associadas à Associação Floresta Protegida, à Associação Indígena Tutu Pombo, à Associação Indígena Pore Kayapó e à Associação Indígena Angrokrere Mebengokre/PA. Em dezembro de 2017 houve uma decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região favorável aos Kayapó e recursos depositados em juízo, pela Vale S/A, no âmbito de decisões relacionadas à referida ACP foram levantados e os valores transferidos para cada uma das quatro associações Kayapó, de acordo com a soma das populações das aldeias que a escolheram para gerir suas cotas-parte do TAC Kayapó. Desta forma, no final de novembro de 2017 a AFP recebeu R\$ 7.651.253,57, dos quais cerca de 96% já foram executados até o final de 2018.

GOL (IR): Em 2017 os Kayapó da TI Capoto/Jarina e a companhia GOL Linhas Aéreas assinaram, por intermédio do Ministério Público Federal, um acordo de indenização por danos ambientais, materiais e imateriais devido à presença de destroços resultantes da queda de um avião da companhia dentro da TI em setembro de 2006. O valor total da indenização foi 4 milhões de reais, pagos ao Instituto Raoni.

ELETOBRAS (AFP e IK): Os recursos recebidos pela AFP e pelo IK da Eletrobras, apesar de não apresentarem relação formal com o Plano Básico Ambiental (PBA) da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, apresentam relação direta com este empreendimento, localizado no rio Xingu, cerca de 400 km ao norte do limite norte das TIs Kayapó e Menkragnoti. Durante o processo de licenciamento da UHE Belo Monte, as TIs de etnia Kayapó da região de atuação da AFP, assim como das regiões de atuação do IK e do IR, não foram consideradas impactadas por este empreendimento, justificativa para não serem contempladas no componente indígena de seu Plano Básico Ambiental (PBA Belo Monte). Porém, os Kayapó foram incluídos entre os grupos indígenas a serem contemplados por um plano de comunicação específico, devido aos impactos psicossociais ocorridos junto a esses povos desde o projeto do Complexo Kararaô, que ainda persiste no imaginário e sistema de representações simbólicas a respeito deste empreendimento.

No Parecer nº 21 (Parecer técnico nº 21/CMAM/CGPIMA-FUNAI), de 30/09/2009, referente à Análise do Componente Indígena dos Estudos de Impacto Ambiental do UHE Belo Monte, a FUNAI sugere a “assinatura de termo de compromisso entre FUNAI e Eletrobrás para elaboração de convênio visando o fortalecimento, a longo prazo, de programas abrangentes de apoio e assistência aos povos e TIs presentes neste parecer”. A Eletrobras formalizou então, em 11/11/2010, o Protocolo de Intenções com a FUNAI, destinado à “elaboração, a longo prazo, de programas específicos e em caráter complementar às atividades ordinárias da FUNAI, de apoio e assistência às comunidades indígenas direta ou indiretamente afetadas pela implantação e/ou

exploração de empreendimentos em que a Eletrobrás e/ou suas subsidiárias tem participação societária direta.”

Neste contexto, entre 2012 e 2013 a Eletrobras apoiou dois projetos ditos “emergenciais” juntos aos Kayapó, um deles contemplando um conjunto de aldeias localizadas à oeste do rio Xingu, executado pelo Instituto Kabu (R\$ 349.739,81) e outro contemplando um conjunto de aldeias localizadas predominantemente a leste do rio Xingu, executado pela AFP (R\$ 1.666.422,63). Ambos os projetos foram viabilizados através de instrumentos particulares de doação com encargos entre a Eletrobras e cada organização executora, tendo a FUNAI como interveniente. A continuidade do apoio da Eletrobras, tanto ao IK, quanto à AFP, foi viabilizada através de projetos de médio-longo prazo viabilizados, desta vez, através de Termos de Cooperação Técnico-Financeiro que passaram a ter como partes, além das associações Kayapó executoras, da Eletrobras e da FUNAI, a Norte Energia S.A., deixando explícita a relação com a UHE Belo Monte.

A implementação do projeto de médio-longo prazo executado pelo IK (R\$ 4.500.000,00) contemplou cerca de 10 comunidades das TIs Menkragnoti e Baú e foi assinado em 2013. O projeto de médio-longo prazo executado pela AFP (R\$ 5.255.520,00) que contemplou 30 comunidades localizadas nas TIs Badjonkôre, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, denominado “Plano de Apoio à Autonomia dos Kayapó do Leste”, foi iniciado em janeiro de 2017 e encontra-se atualmente em fase de conclusão. O IK já iniciou em 2018 um segundo projeto de médio-longo prazo, enquanto a AFP ainda está elaborando uma proposta para apresentar à Eletrobras e Norte Energia para dar continuidade a algumas iniciativas apoiadas no projeto em execução e apoiar outras novas iniciativas.

Infraestrutura e pessoal

Assim como em 2013, todas as Associações possuem sede alugada, porém encontram-se bem equipadas para o atendimento das comunidades, em relação a transportes, comunicação, equipamentos para atividades em campo e escritório (tabela 69). Especificamente em relação aos meios de transporte, em comparação com 2013, o IK continua sendo o melhor equipado em relação a automóveis, porém o caminhão comprado na AFP com recursos do FK representou uma grande melhoria para o transporte de produtos. Todas as associações possuem menos embarcações do que cinco anos atrás.

Tabela 69. Infraestrutura para atendimento às comunidades e número e qualificação dos funcionários das associações Kayapó em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Associação	Infraestrutura para atendimento às comunidades	Número e qualificação dos funcionários
AFP	Sede alugada; 2 caminhonetes L-200; 1 caminhão 8.160 Delivery VW; 25 computadores; 4 impressoras; 2 embarcações 10m; 1 embarcação 12m; 8 embarcações 6m; 12 embarcações 7m; 5 embarcações 8m; 4 geradores de energia; 1 motor 14 HP mercury; 6 motores 15 HP mercury; 8 motores 25 HP mercury; 4 motores 40 HP mercury; 10 motores serra; 12 placas solares; 5 rabetas 2,0; 3 rabetas 6,5; 46 rabetas 7,0; 18 rádios; 6 roçadeiras; 1 motor Toyama 30 HP; 1 motor Yamaha 25; 1 motor yamaha 40; 1 motor suzuki	6 Ens. Fundamental 7 Ens. Médio 7 Ens. Superior 6 Pós-graduação (3 com dedicação não exclusiva)
IK	Sede alugada; 1 caminhonete L200 (irrecuperável); 1 Fiat – Doblô, 1 Sandero; 1 Citroen C3; 1 Hilux diesel 2.8; 1 F4000 diesel - conservação média; 2 Hilux diesel 3.0; 1 Hilux diesel 3.0; 1 Ônibus Volare; 1 Caminhão VW 17.190; 1 Barco alumínio 7m; 1 Barco alumínio 8m; 1 Motor de popa 15 hp; 1 Motor de popa 25 hp; 2 Rádio Vertex	5 Ens. Fundamental 5 Ens. Médio 5 Ens. Superior 5 Pós-graduação
IR	Sede alugada; 1 caminhonete; 1 F4000; 1 barco com motor 40 HP; 5 computadores; 3 impressoras; 3 notebooks; 1 drone; 2 tablets; 1 filmadora; 2 máquinas fotográficas digitais.	2 Ens. Fundamental 3 Ens. Médio 2 Ens. Superior 1 Pós-graduação (dedicação não exclusiva)

O número total de funcionários na AFP é de 26, sendo metade (13) com nível superior ou pós-graduação. No IR o número de funcionários é 20, sendo 10 com nível superior ou pós-graduação. No IR, há atualmente oito funcionários, sendo três com nível superior ou pós-graduação. Tanto o número total de funcionários quanto o número de funcionários mais qualificados (ensino superior + pós-graduação) aumentou nas três associações em relação a 2013, sendo aproximadamente três vezes maiores na AFP, duas vezes maiores no IR e uma vez e meia maiores no IR (Figura 50).

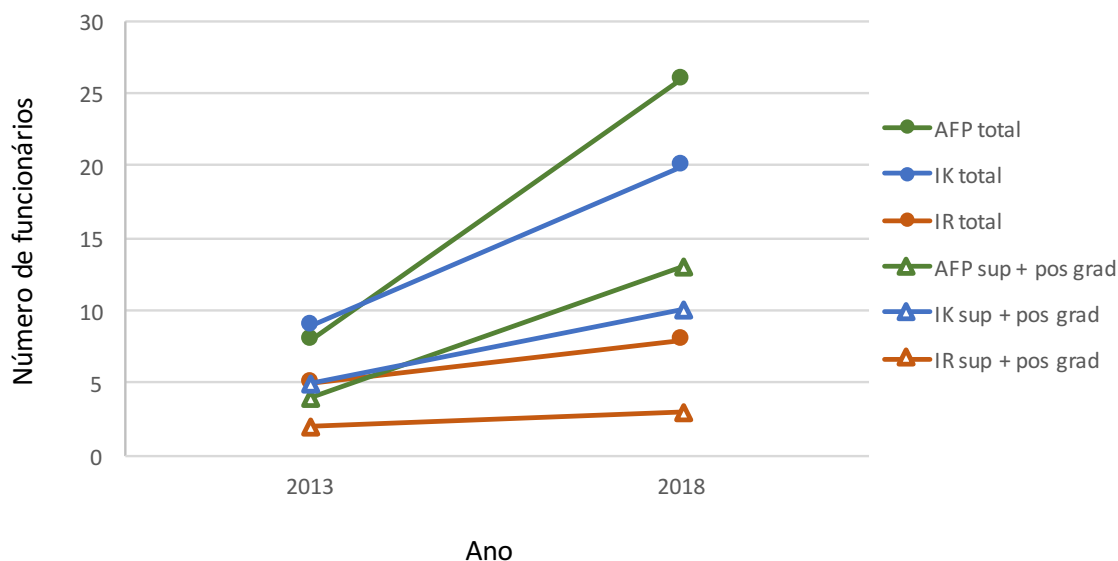


Figura 50. Número total de funcionários e número de funcionários com ensino superior e/ou com pós-graduação completa nas associações Kayapó em 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018.

Participação e Apropriação pelos Kayapó da Associação

Nos últimos anos parece ter havido um esforço por parte das associações em aumentar o protagonismo dos Kayapó em suas decisões e ações. Além da promoção da participação dos indígenas em processos de capacitação, expedições e outras iniciativas implementadas por elas, o número de funcionários indígenas aumentou em todas as associações (Figura 51). Atualmente, o IK é a associação com maior número de funcionários indígenas (9), seguido pela AFP (5) e pelo IR (3) (Tabela 70). A atuação dos funcionários indígenas nas Associações é principalmente de articulação política, planejamento, organização e acompanhamento de atividades, comunicação e interlocução com as comunidades, entre outras. Embora ainda haja lacunas na formação dos Kayapó que dificultam que estes exerçam algumas funções técnicas específicas, o papel dos mesmos nas Associações é fundamental e insubstituível devido ao seu profundo conhecimento dos processos socioculturais e dos territórios do povo Kayapó.

Tabela 70. Número de funcionários indígenas nas associações Kayapó e proporção que estes representam em relação ao número total de funcionários em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Associação	Número de funcionários indígenas (% em relação ao total de funcionários)	Frequência de Assembléias Gerais	Grau de apropriação da Associação pelos Kayapó
AFP	5 (19%)	Anual	Médio
IK	9 (45%)	Anual	Bom
IR	3 (37,5%)	Anual	Bom

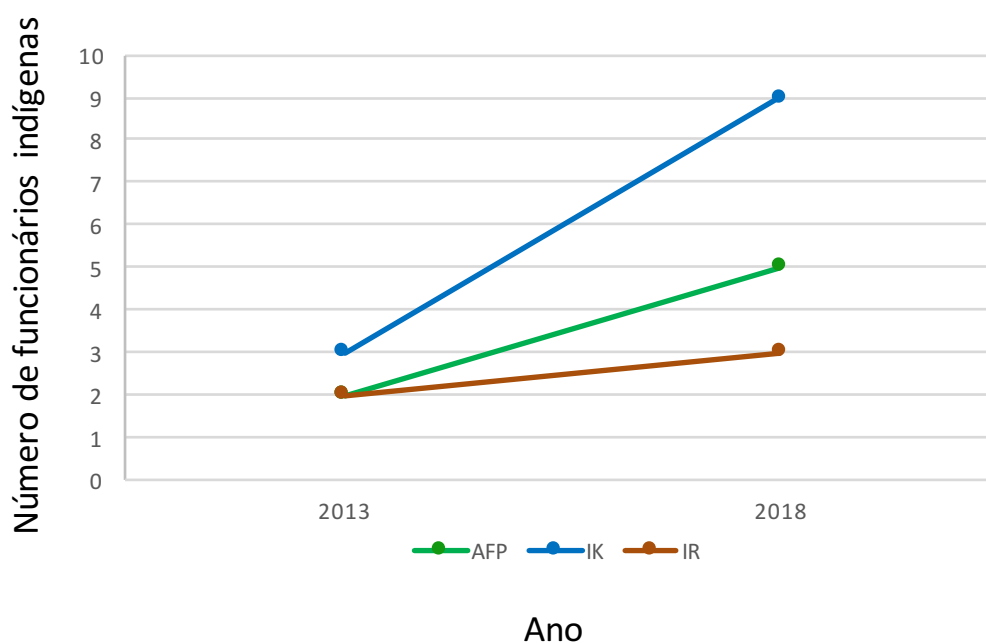


Figura 51. Número total de funcionários indígenas nas associações Kayapó em 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018.

As assembléias gerais das associações são reuniões nas quais são tratadas, pelo corpo técnico das mesmas, suas respectivas presidências e lideranças das comunidades associadas, questões relevantes relacionadas à própria associação, comunidades e processos externos importantes; priorizadas ações; apresentados projetos e propostas por parte tanto da associação como dos representantes indígenas; discutidos orçamentos; entre outras atividades. As assembleias são momentos importantes em que os as comunidades indígenas representadas se informam e participam dos processos de decisão. Todas as associações realizam assembléias gerais anuais.

O grau de apropriação das associações pelos Kayapó foi considerado pelas associações como médio na AFP e alto no IK e no IR (Tabela 70). No IR, a apropriação pelos Kayapó já era considerada alta em 2013, porém melhorou tanto na AFP quanto no IK (Figura 52).

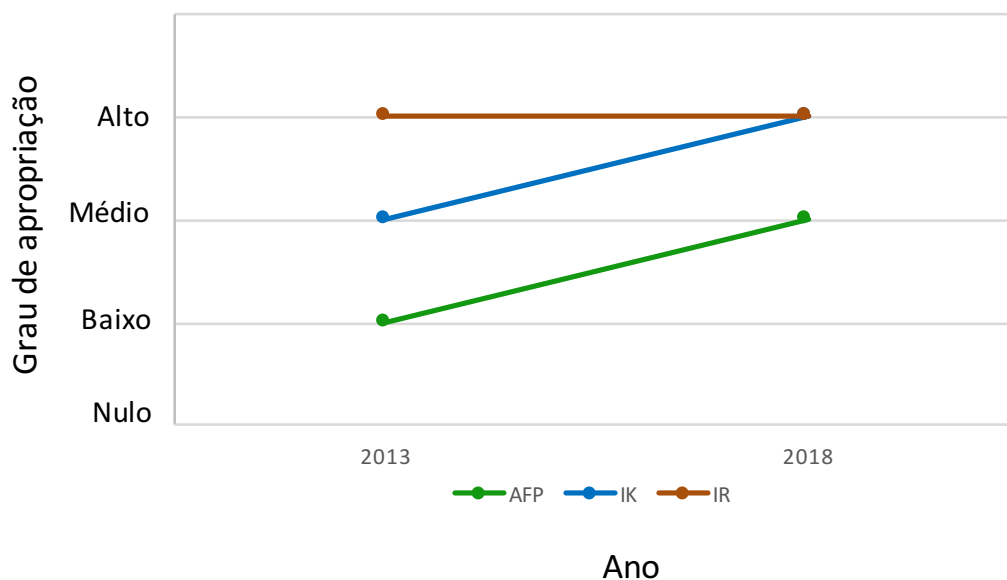


Figura 52. Grau de apropriação das associações pelos Kayapó em 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018.

Fortalecimento político dos Kayapó por meio das Associações

No atual contexto político nacional, é essencial que os povos indígenas se fortaleçam politicamente para fazer frente às atuais e futuras ameaças aos seus direitos. Diante do crescente enfraquecimento do Estado no que se trata de garantir esses direitos e da enorme pressão sobre os recursos dos territórios Kayapó, a resistência e a luta dos povos indígenas terão que emergir de dentro para fora. A união do Povo Kayapó e o engajamento de jovens na gestão de seus territórios, com uma visão sólida e crítica sobre os processos socioeconômicos atuais e suas consequências, será essencial para a defesa de seus territórios, a manutenção de sua cultura e a luta por uma vida digna no presente e no futuro.

Uma das estratégias atualmente mais promissoras para o fortalecimento político dos Kayapó é a formação de jovens lideranças. Atualmente não há iniciativas voltadas para este fim no IK e no IR (Tabela 71). Já na AFP, nos últimos anos foram realizadas algumas iniciativas, ainda que não

voltadas exclusivamente para este fim. Entre elas estão o curso de formação de gestores ambientais e o incentivo à participação em mobilizações.

O grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político é de baixo a médio, segundo as associações, tendo melhorado no IR em relação a 2013 (Tabela 71 e Figura 53). Já a articulação dos Kayapó com o movimento indígena nacional ainda é considerada baixa na AFP, alta no IK e média no IR, tendo também aumentado nos últimos anos para esta associação (Talena 71, Figura 54). O aumento da participação dos indígenas em mobilizações e discussões políticas em nível nacional certamente contribuiu para essa melhoria.

Tabela 71. Existência de iniciativas para formação de jovens lideranças, grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político do Brasil e articulação dos Kayapó com o movimento indígena nacional em 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Associação	Existência de iniciativas para formação de jovens lideranças	Grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político	Articulação dos kayapó com o movimento indígena nacional
AFP	Há um nº razoável	Baixo	Baixa
IK	Não há	Médio	Alta
IR	Não há	Médio	Média

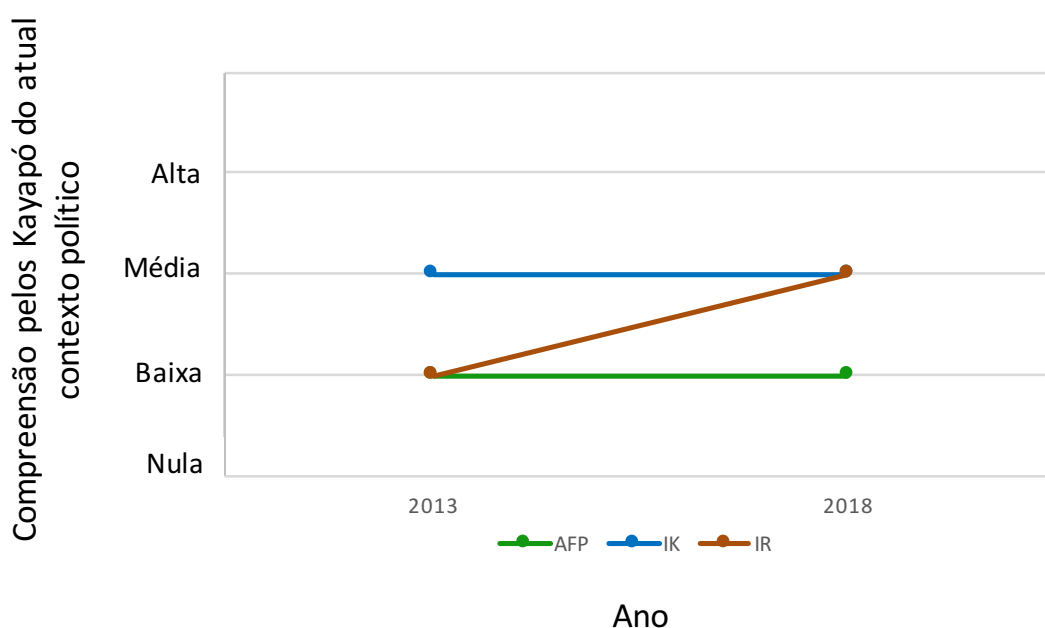


Figura 53. Compreensão pelos Kayapó do atual contexto político do Brasil em 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018

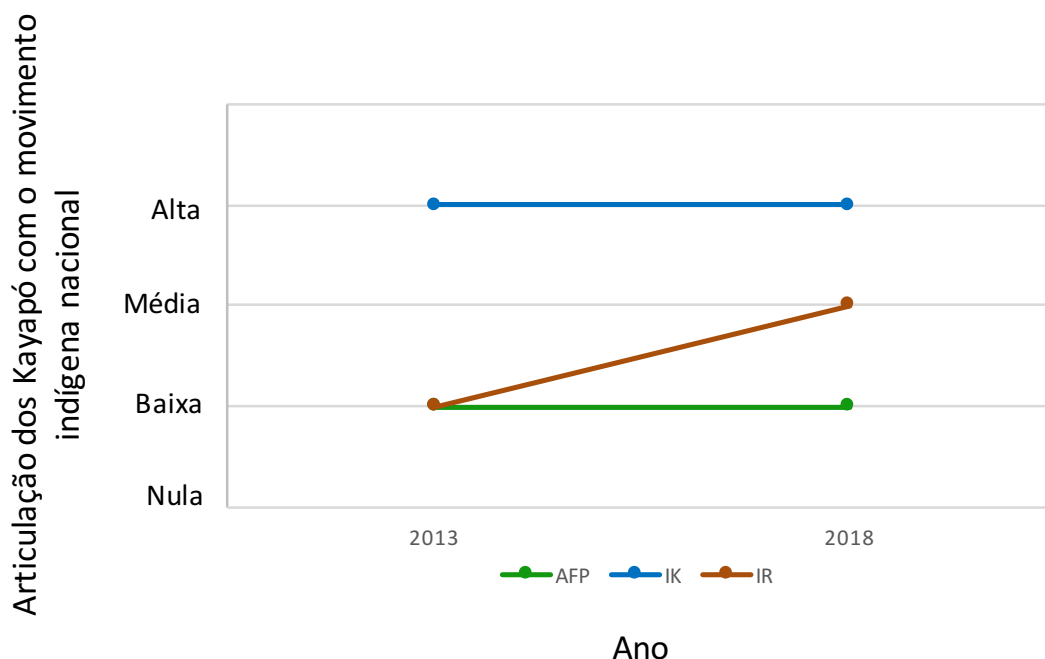


Figura 54. Articulação dos Kayapó com o movimento indígena nacional em 2013 e 2018. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2013 e 2018.

Análise contextualizada das entrevistas com ênfase no tema Fortalecimento das Associações

"Para mim a associação ajuda muito. Hoje ela é adulta; todo mundo enxerga e antes não, não era vista. Hoje todo mundo conhece o trabalho, ouvindo e vendo que está trabalhando."

"Você não via um índio no IR, em 2009, 2010, eu ficava sozinho 2, 3 dias sozinho no IR, e não via nenhum indígena. Olha como está isso aí hoje, e todo dia você vai ver 10, 12 aqui dentro."

As associações passam por um momento de transição importante entre 2013 e 2018 com inúmeros desafios no horizonte. Do ponto de vista da sua gestão interna passaram a gerir volumes maiores de recursos, aumentando seu poder de ação e influência na região. Essa situação exige que se construa simultaneamente uma capacidade de gestão interna e de execução em campo em diversas áreas com a formação de equipes qualificadas que possam atender as demandas em todas as áreas da qualidade de vida e integridade territorial Kayapó. Essa equação é difícil de ser implementada de forma equilibrada, mesmo por que a maioria dos projetos não contempla recursos para a manutenção das Associações.

“É um período que vocês vão avaliar e que ocorreram mudanças significativas: volume de recursos geridos, benefícios concretos chegando nas comunidades, e essa confusão do dinheiro, esse processo de sedução por novas tecnologias, o que o dinheiro pode comprar, e uma leitura bastante limitada sobre autonomia e processos mais estruturantes.”

“Esse ano o Instituto Kabu faz 10 anos, e o desafio é manter os Kayapó unidos, com essa chegada de recursos, projetos, e tantas coisas que estão chegando. Quanto mais chega apoio, mais acontece desentendimentos entre eles. Até essa criação de aldeias tem a ver com a chegada de recursos, porque eles acham que ao criar aldeia eles terão os próprios recursos.”

No entanto um dos maiores desafios das associações é fazer com que o conjunto da sociedade Kayapó se aproprie e apoie as mesmas de forma efetiva e se formem para geri-las. Esse trecho de uma entrevista realizada em 2013 nos dá uma perspectiva desse cenário.

“Ninguém ainda conseguiu fazer com que eles se organizassem de verdade. Isso é difícil até para o branco: reivindicar e mexer com justiça, com legislativo. Isso é muito difícil.”

A atuação das associações e a sua relação com os indígenas nas aldeias está intimamente relacionada a sua capacidade de captar e gerir recursos financeiros para atender as demandas das comunidades. Ao mesmo tempo em que são reconhecidas pelo seu trabalho e pelas suas conquistas, são pressionadas pelas comunidades com uma infinidade de demandas das mais diversas possíveis.

“Mas depois que a associação se criou aqui, ela prestou esclarecimento para toda a comunidade dizendo que estava para ajudar, para ensinar a defender o direito dos indígenas, zelar a terra, com apoio de outra instituição de fora. Mas a gente explica também que tem tempo que o recurso acaba. Como você anda, cada passo está gastando recurso, quando você tá parado é porque tem que esperar recurso pra frente.”

Uma forma nova de execução de projetos que o PBA trouxe, foram as iniciativas comunitárias nas quais foi definido um volume de recursos direto para as aldeias de acordo com a população, por exemplo, aldeias pequenas 50 mil, aldeias médias 100 mil e aldeias grandes 150 mil. Nesse modelo de projeto a comunidade decide o que deseja e a associação recebe o recurso, executa e presta contas. De acordo com os relatos das entrevistas, as comunidades Kayapó criaram expectativas de um recurso mais fácil, de maior autonomia para decidirem o que quisessem, muitas vezes com pouca relação com as linhas de atuação das próprias associações.

“A gestão desse recurso gerou muita confusão. Por um lado, tomou boa parte do tempo dos técnicos em assuntos burocráticos, então, na documentação, no registro de que o equipamento estava sendo entregue na comunidade, na prestação de contas. Esse é um elemento que criou uma lógica distinta que a associação não tinha antes. Antes a gente tinha um edital, um parceiro que tinha suas diretrizes, e a gente tinha que se adequar, voltava pra diretoria, pros conselhos, pras comunidades associadas e discutia, olha, tem uma oportunidade ali.”

A forma como os recursos são aplicados nas aldeias é determinante para que estas sejam vetores de fortalecimento das associações e de garantia de melhoria da qualidade de vida e da integridade territorial ou que sejam vetores de discórdia e disputa entre aldeias e instituições. Para que o modelo de aplicação de recursos seja efetivo é essencial que as associações estejam presentes nas aldeias, colocando em prática estratégias que permitam o envolvimento da comunidade em todas as etapas dos projetos: planejamento, captação, execução e prestação de contas.

“Estamos aqui discutindo com os caciques, e quando chegamos lá na comunidade, essa discussão que está sendo feita aqui de 3, 4 dias, que a gente achou que foi produtiva, alguns caciques não repassaram o que foi combinado, então temos essa lacuna de como que vamos dialogar com um número maior de pessoas que não só as lideranças.”

Mesmo diante dos desafios citados os gestores das três associações - AFP, IK e IR - atestam que o amadurecimento dos Kayapó em relação a compreensão de como funcionam os projetos avançou muito.

“Qualquer projeto que é desenvolvido, é construído com eles nas aldeias. E todos são prestados contas com eles nas aldeias. Os meninos viajam todo ano pra aldeia, com processos pra mostrar onde foram os gastos. Tem porrada? Tem! Por que determinado recurso? Quem autorizou isso? Os técnicos são obrigados a falar: - foi assinado por fulano. Várias lideranças já foram derrubadas por causa disso, mas isso está correto, o processo é esse.”

Outro um fator essencial para o sucesso dos projetos é incorporação das mulheres na sua execução. Quando as mulheres assumem a participação nos projetos elas mobilizam o conjunto da sociedade Kayapó, o que torna a execução mais efetiva.

“Elas que estão diretamente dentro das aldeias, elas sabem quais são os profissionais bons, ruins, o porque daquela criança ter morrido, porque o parente saiu da aldeia, qual o maior índice de doença dentro da sua aldeia, qual o início de histórico de doença daquela pessoa. Ela sabe de

tudo, elas que tem o cuidado, com a mãe, pai, sogro, vizinho, elas têm informação que a gente necessita."

3.1.12. Percepção geral dos Kayapó sobre a qualidade de vida nas aldeias

No geral, considerando diferentes aspectos importantes para o modo de vida dos Kayapó, como saúde, educação, cultura, renda, atividades de subsistência, situação de seu território, assistência, assim como aspectos intengíveis e subjetivos, já que a felicidade é intrínseca a cada indivíduo e depende de fatos passados e presentes vividos por ele, assim como de sua cultura, a grande maioria dos Kayapó (89,7%) encontra-se feliz nas aldeias. Em 2013 este valor correspondia a 62,5%. Apenas 3,4% responderam que se encontram mais ou menos felizes e 6,9% que não estão felizes nas aldeias (Figura 55).

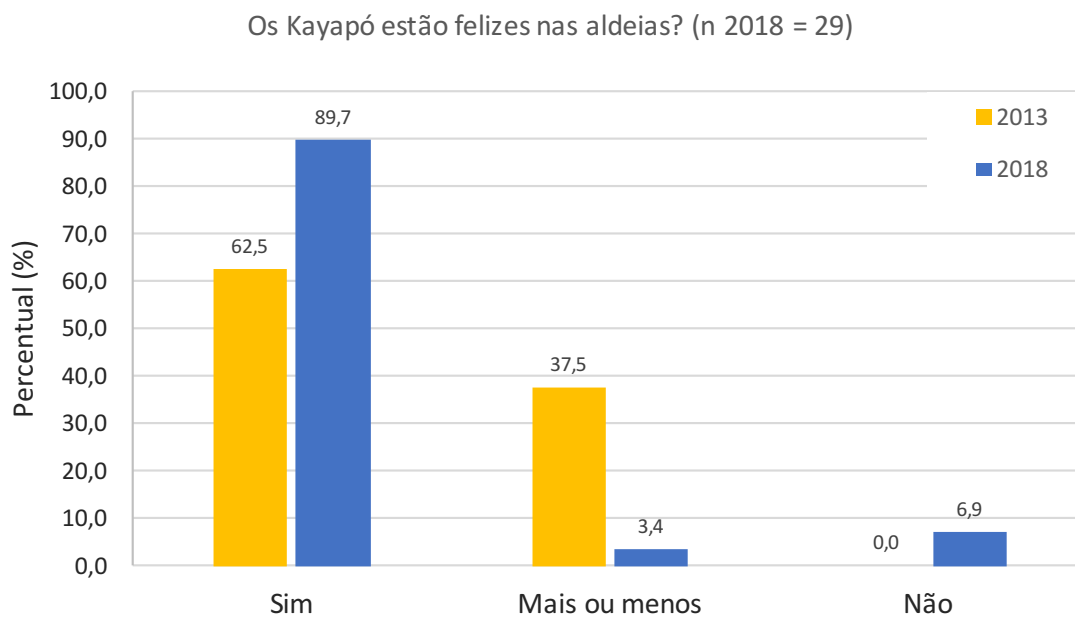


Figura 55. Opinião dos Kayapó sobre a felicidade dos parentes Kayapó nas aldeias das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti.

3.2. Indicadores do Plano de Monitoramento BNDES/Fundo Amazônia

3.2.1. Desmatamento

A avaliação do desmatamento nas TIs Kayapó, por TI e por ano, realizada a partir dos dados de desmatamento do INPE-PRODES apresentados no Componente 2 (Integridade física das TIs Kayapó), mostra que há um cenário distinto de desmatamento entre as TIs. Nas TIs Capoto/Jarina, Baú e Menkragnoti o desmatamento total de 2013 a 2017 variou de 0,70 a 3,80 Km², sendo que não houve claramente uma tendência de aumento. Já na TI Kayapó, os números mostram uma situação mais grave, sendo que houve uma clara tendência de aumento a partir de 2015, alcançando um total de 17,60 Km² no período de 2013 a 2017 (Tabela 72). Conforme discutido no Componente 2, o desmatamento na TI Kayapó está associado principalmente à extração de madeira e ouro e à abertura de estradas na porção leste da TI.

Tabela 72. Desmatamento anual das Terras Indígenas Badjonkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti de 2013 a 2017. Fonte: ISA / Inpe/Prodes 2013-2017.

Terra Indígena	Desmatamento anual (km ²)					Total
	2013	2014	2015	2016	2017	2013-2017
TI Kayapó	3,20	1,70	1,00	3,00	8,70	17,60
TI Menkragnoti	0,50	0,40	0,40	2,40	0,10	3,80
TI Baú	0,20	0,10	0,50	0,20	0,20	1,20
TI Capoto/Jarina	0,40	0,10	0,10	0,10	0,00	0,70
TI Las Casas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
TI Badjonkôre	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
TOTAL TIs Kayapó						23,30

3.2.2. Atividades produtivas

Como detalhado na seção 3.1.6. (Renda), existem diversas iniciativas econômicas sustentáveis sendo conduzidas pelas associações apoiadas pelo Fundo Kayapó, sendo as mais relevantes em termos de volume e renda gerada a castanha *in natura* e beneficiada, o cumaru e o artesanato (figura 1). Além da comercialização de produtos da sociobiodiversidade, a AFP também informou a existência de iniciativas relacionadas à “prestação de serviços”, especificamente a realização de cursos e turismo de pesca.

A análise dos volumes comercializados de produtos pelas associações (tabelas 73 a 77) mostra que houve uma oscilação ao longo dos anos tanto para os produtos “*in natura*” como para os produtos beneficiados. A principal justificativa apresentada pelas associações para a variação no volume comercializado de produtos da floresta foi a variação sazonal na safra de cada produto e suas respectivas influências nos valores de mercado desses produtos. Ou seja, quando há uma boa safra, existe grande oferta regional de um produto no mercado, o que faz seu valor diminuir, diminuindo também o interesse dos indígenas por produzir esse produto, e vice-versa. Variações na demanda de mercado em função do momento econômico também são responsáveis pela flutuação, especialmente de produtos como o artesanato.

A oferta de serviços, como cursos e turismo, também tem se mostrado uma boa alternativa para criação de novas atividades produtivas para os indígenas, com resultados positivos e tendência de aumento crescente ao longo dos anos.

O número de indígenas capacitados variou entre as associações e entre os anos, dependendo das ações de capacitação realizadas em cada ano. O número de indígenas efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos é impreciso devido à subjetividade deste indicador, não sendo possível realizar uma avaliação confiável sobre sua evolução.

Tabela 73. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pela Associação Floresta Protegida, nos anos de 2013 a 2017. Fonte: Associação Floresta Protegida 2018.

Associação	AFP				
	2013	2014	2015	2016	2017
Volume de produto in natura (por unidade de medida) discriminado por produto	Castanha = 180.000 kg	Castanha = 121.250 kg Cumarú = 2.562 kg	Castanha = 123.400 kg Pequi = 9.459 kg	Castanha = 40.572 kg Cumarú = 500 kg	Castanha = 71.640 kg Cumarú = 606 kg
Volume de produto beneficiado (por unidade de medida) discriminado por produto	Artesanato = 2.000 un	Artesanato = 5.000 un	Artesanato = 2.167 un	Artesanato = 4.700 un Castanha descascada = 4.578 kg	Artesanato = 2.654 un Castanha descascada = 2.542 kg

Número de Iniciativas de geração de renda baseadas na prestação de serviços (ex. etno e eco turismo)	2 (cursos de campo)	2 (cursos de campo)	3 (2 cursos de campo + 1 temporada projeto pesca esportiva)	3 (1 curso de campo + 1 temporada do projeto de pesca esportiva)	2 (1 curso de campo + 1 temporada do projeto de pesca esportiva)
Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto	Castanha = R\$ 361.000,00	Castanha = R\$ 91.000,00 Cumaru = R\$ 51.240,00	Castanha = R\$ 345.520,00 Pequi = R\$ 4.725,00	Castanha = R\$ 173.308,56 Cumaru = R\$ 12.705,31	Castanha = R\$ 540.437,25 Cumaru = R\$ 29.512,20
Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto	Artesanato = R\$ 60.000,00	Artesanato = R\$ 150.000,00	Artesanato = R\$ 65.000,00	Artesanato = R\$ 141.370,50 Castanha descascada = R\$ 70.570,00	Artesanato = R\$ 68.645,00 Castanha descascada = R\$ 64.801
Receita obtida com a comercialização de serviços (ex. etno e ecoturismo)	2 Cursos de Campo = R\$ 50.000,00	2 Cursos de Campo = R\$ 55.000,00	2 Cursos de Campo = R\$ 66.500,00 1 temporada Projeto Pesca Esportiva = R\$ 32.000,00	2 Cursos de Campo = R\$ 90.737,66 1 temporada do Projeto de Pesca Esportiva = R\$ 68.872,70	1 Curso de Campo = R\$ 30.000,00 1 temporada do Projeto de Pesca Esportiva = R\$ 77.530,80
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis	20	50	50	50	50
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	10	25	25	Sem informação	Sem informação

Tabela 74. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelo Instituto Kabu, nos anos de 2013 a 2017. Fonte: Instituto Kabu 2018.

Associação	IK				
	2013	2014	2015	2016	2017
Volume de produto in natura (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Castanha = 34.967 kg	Castanha = 29.707 kg Cumarú = 5.248,34 kg	Castanha = 81.565 kg	Castanha = 28.319 kg Cumarú = 1.021 kg	Castanha = 8.625 kg Cumarú = 314 kg
Volume de produto beneficiado (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Artesanato = 2.360 um	Artesanato = 3.074 Un	Artesanato = 8.601 Un	Artesanato = 1.526 Un	Artesanato = 1.980 Un
Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto	Castanha = R\$ 76.927,40	Castanha = R\$ 64.337,40 Cumarú = R\$ 131.208,50	Castanha = R\$ 244.965,00	Castanha = R\$ 99.116,50 Cumarú = R\$ 30.630,00	Castanha = R\$ 38.812,50 Cumarú = R\$ 11.932,00
Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto	Artesanato = R\$ 62.800,00	Artesanato = R\$ 79.925,00	Artesanato = R\$ 164.825,00	Artesanato = R\$ 108.555,00	Artesanato = R\$ 91.210,00
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis	820	980	606	713	580
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	0	0	0	0	0

Tabela 75. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelo Instituto Raoni, nos anos de 2013 a 2017. Fonte: Instituto Raoni 2018.

Associação	IR				
	2013	2014	2015	2016	2017
Volume de produto in natura (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Copaíba = 144 Kg Pequi = 1.200 Kg	0	Copaíba = 250 kg Pequi = 11.280 kg	Copaíba = 150 kg Pequi = 2.200 kg Cumaru = 287 kg	Copaíba = 50 Kg Pequi = 9.356 Kg Cumaru = 90 Kg
Volume de produto beneficiado (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Artesanato = 2.360 un Farinha = 180 Kg	Artesanato = 2.200 un	Artesanato = 2.500 un Farinha = 800 kg	Artesanato = 5.497 un Farinha = 5430 kg	Artesanato = 2.816 un Farinha = 5.268 Kg Polvilho = 1.368 Kg
Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto	Copaíba = R\$ 3.600,00 Pequi = R\$ 6.000,00	0	Copaíba = R\$ 6.250,00 Pequi = R\$ 15.725,00	Copaíba = R\$3.600,00 Pequi = R\$11.000,00 Cumaru = R\$10.045,00	Copaíba = R\$2.500,00 Pequi = R\$ 6.300,00 Cumaru = R\$4.050,00
Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto	Farinha = R\$720,00 Artesanato = R\$62.800,00	Não informado	Farinha = R\$2.000,00 Artesanato = R\$30.000,00	Farinha = R\$4.400,00 Artesanato = R\$47.760,00	Farinha = R\$3.225,00 Artesanato = R\$35.090,00 Polvilho = R\$935,00
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis	0	50	33	97	59
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	0	50	16	72	45

Tabela 76. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelas associações Kayapó, no período de 2013 a 2017 - Totais por Associação. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

INDICADOR	Total AFP	Total IK	Total IR	Total
Volume de produto in natura (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Castanha = 536.862 kg Cumaru = 3.668 kg Pequi = 9.459 kg	Castanha = 183.183 kg Cumaru = 6.583 kg	Copaíba = 594 kg Pequi = 24.036 kg Cumaru = 377 kg	Castanha = 720.045 kg Copaíba = 594 kg Pequi = 33.495 kg Cumaru = 10.628 kg
Volume de produto beneficiado (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Artesanato = 16.521 un Castanha descascada = 7.120 kg	Artesanato = 17.541 un	Artesanato = 2.816 un Farinha = 11.678 Kg Polvilho = 1.368 Kg	Artesanato = 36.878 Un Castanha descascada = 7.120 kg Farinha = 11.678 Kg Polvilho = 1.368 Kg
Número de Iniciativas de geração de renda baseadas na prestação de serviços	12 (9 cursos de campo + 3 temporadas projeto pesca esportiva)	--	--	12 (9 cursos de campo + 3 temporadas projeto pesca esportiva)
Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto	Castanha = R\$ 1.511.266,00 Cumaru = R\$ 93.458,00 Pequi = R\$ 4.725,00	Castanha = R\$ 524.159,00 Cumaru = R\$ 173.771,00	Copaíba = R\$ 15.950,00 Pequi = R\$ 39.025,00 Cumaru = R\$ 14.095,00	Castanha = R\$ 2.035.425,00 Copaíba = R\$ 15.950,00 Pequi = R\$ 43.750,00 Cumaru = R\$ 281.324,00
Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto	Artesanato = R\$ 485.016,00 Castanha descascada = R\$ 135.371,00	Artesanato = R\$ 507.315,00	Artesanato = R\$ 175.650,00 Farinha = R\$ 10.345,00 Polvilho = R\$ 935,00	Artesanato = R\$ 1.167.981,00 Castanha descascada = R\$ 135.371,00 Farinha = R\$ 10.345,00 Polvilho = R\$ 935,00
Receita obtida com a comercialização de serviços	9 Cursos de Campo = R\$ 292.238,00 3 temporadas do Projeto de Pesca Esportiva = R\$	--	--	9 Cursos de Campo = R\$ 292.238,00 3 temporadas do Projeto de Pesca Esportiva = R\$

	178.404,00			178.404,00 /
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis	220	3119	239	3578
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	60	0	183	243

Tabela 77. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de atividades produtivas desenvolvidas pelas associações Kayapó, no período de 2013 a 2017 – Totais por ano. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

INDICADOR	2013	2014	2015	2016	2017
Volume de produto in natura (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Castanha = 214.967 kg Copaíba = 144 Kg Pequi = 1.200 Kg	Castanha = 150.957 kg Cumarú = 7.810 kg	Castanha = 204.965 kg Copaíba = 250 kg Pequi = 20.739 kg Cumarú = 0 kg	Castanha = 68.891 kg Cumarú = 1.808,00 kg Copaíba = 150 kg Pequi = 2.200 kg	Castanha = 80.265 kg Cumarú = 1.010 kg Copaíba = 50 Kg Pequi = 9.356 Kg
Volume de produto beneficiado (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Artesanato = 4.720 Un Farinha = 180 Kg	Artesanato = 5.274 Un	Artesanato = 11.101 Un Farinha = 800 kg	Artesanato = 7.023 Un Farinha = 5430 kg	Artesanato = 4.796 Un Farinha = 5.268 Kg Polvilho = 1.368 Kg
Número de Iniciativas de geração de renda baseadas na prestação de	2 (cursos de campo)	2 (cursos de campo)	3 (2 cursos de campo + 1 temporada projeto pesca esportiva)	3 (1 curso de campo + 1 temporada do projeto de pesca)	2 (1 curso de campo + 1 temporada do projeto de pesca esportiva)

serviços				esportiva)	
Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto	Castanha = R\$ 437.927,40 Copaiba = R\$ 3.600,00 Pequi = R\$ 6.000,00	Castanha = R\$ 155.337,40 Cumaru =R\$ 182.448,50	Castanha = R\$ 590.485,00 Copaiba = R\$ 6.250,00 Pequi = R\$ 20.450,00	Castanha = R\$ 272.425,06 Cumaru = R\$ 53.380,31 Copaiba = R\$3.600,00 Pequi = R\$11.000,00	Castanha = R\$ 579.249,75 Cumaru = R\$ 45.494,20 Copaiba = R\$2.500,00 Pequi = R\$ 6.300,00
Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto	Artesanato = R\$ 185.600,00 Farinha = R\$720,00	Artesanato = R\$ 229.925,00	Artesanato = R\$ 259.825,00 Farinha = R\$2.000,00	Artesanato = R\$ 297.685,50 Castanha descascada = R\$ 70.570,00 Farinha = R\$ 4.400,00	Artesanato = R\$ 194.945,00 Castanha descascada = R\$ 64.801 Farinha = R\$3.225,00 Polvilho = R\$935,00
Receita obtida com a comercialização de serviços	2 Cursos de Campo = R\$ 50.000,00	2 Cursos de Campo = R\$ 55.000,00	2 Cursos de Campo = R\$ 66.500,00 1 temporada Projeto Pesca Esportiva = R\$ 32.000,00	2 Cursos de Campo = R\$ 90.737,66 1 temporada do Projeto de Pesca Esportiva = R\$ 68.872,70	1 Curso de Campo = R\$ 30.000,00 1 temporada do Projeto de Pesca Esportiva = R\$ 77.530,80
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis	840	1080	689	860	689
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	10	75	41	72	45

Quando considerada a receita total gerada por produtos “*in natura*” pelas três associações, a castanha tem grande destaque (Figura 56). Entretanto, este produto não está disponível em todo território, já que não ocorre em áreas de Cerrado.

Dentre os produtos beneficiados, o artesanato mostrou grande relevância nas receitas obtidas (Figura 57). Além disso, este produto representa uma potencial fonte de renda estável, já que não sofre oscilações de acordo com a safra, podendo ser produzido em todo o território e por todos os grupos sociais (homens, mulheres, jovens e idosos).

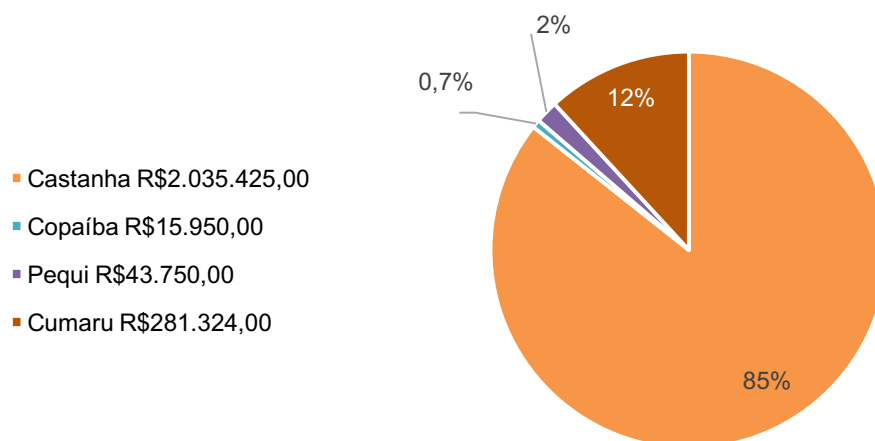


Figura 56. Receita total e relativa gerada por produto “*in natura*”, para as Associações Kayapó, no período de 2013 a 2017. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

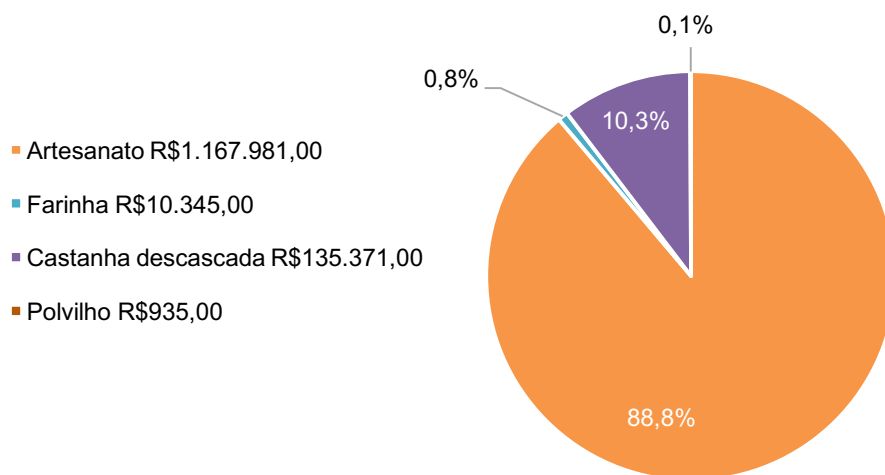


Figura 57. Receita total e relativa gerada por produto beneficiado, para as associações Kayapó, no período de 2013 a 2017. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Entre as associações, há um destaque para a AFP, que demonstrou os maiores valores de receitas tanto para os produtos “*in natura*” como para os produtos beneficiados (Figuras 58 e 59). Por outro lado, merece atenção o fato de que o IR gerou receitas de produtos “*in natura*” muito inferiores às demais associações pelo fato de que o território de sua atuação não há castanha, principal produto vendido pelas demais associações.

Cabe mencionar uma particularidade apontada na análise dos dados do IR, que mostrou os menores valores de receitas. Nas entrevistas com seus representantes foi mencionada a existência de uma fonte de renda pelos serviços da operação da balsa sobre o Rio Xingu na MT-322, próximo da aldeia Piraçu (TI Capoto/Jarina). Segundo informaram, não há uma gestão financeira adequada dessa atividade, cujo faturamento bruto anual é de aproximadamente R\$ 1,5 milhão. Muito embora não represente uma atividade produtiva sustentável e tampouco seja gerida pelo IR, os valores das receitas obtidas são expressivos e distribuídos entre as aldeias da TI Capoto/Jarina.

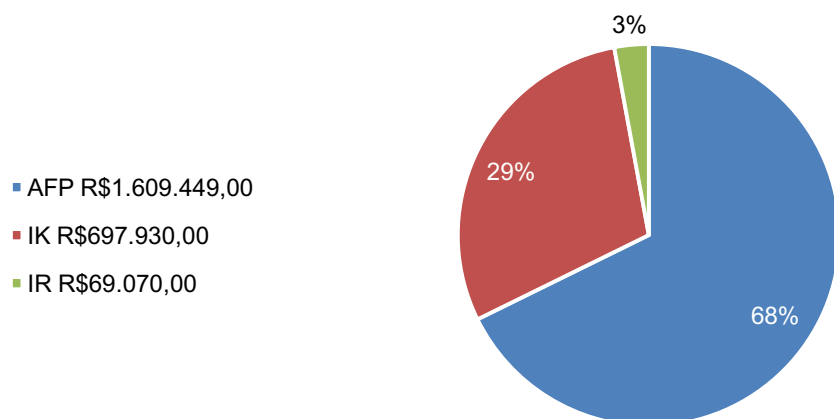


Figura 58. Receita total e relativa gerada por produtos “*in natura*” no período de 2013 a 2017, por Associação Kayapó. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

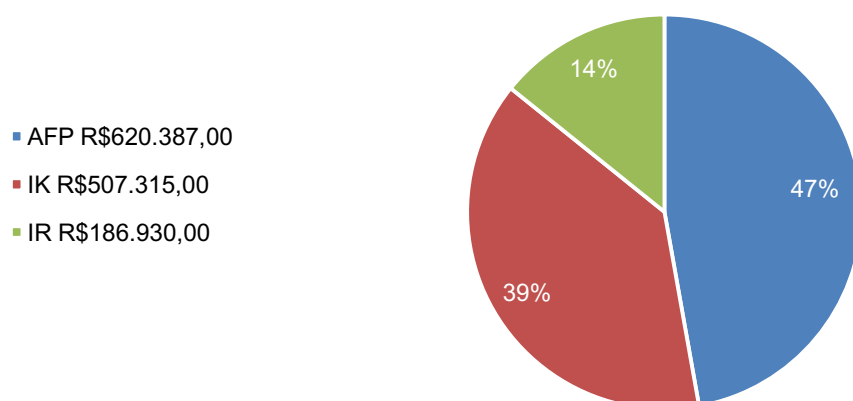


Figura 59. Receita total e relativa gerada por produtos beneficiados no período de 2013 a 2017, por Associação Kayapó. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

3.2.3. Gestão e monitoramento territorial

Os indicadores de gestão e monitoramento territorial foram os que apresentaram a menor confiabilidade em relação aos dados obtidos, em razão da falta de parâmetros para os dados informados, o que limitou a possibilidade de análises mais robustas. Considerando que três indicadores contêm dados sobre “ações de gestão ambiental”, um ponto importante a ser considerado é qual é a interpretação dada pelas associações para ações de gestão ambiental (as próprias associações apresentaram dúvidas sobre o que seriam). Poderiam ser desde a coleta

seletiva de resíduos no escritório da associação, até uma ação de mapeamento das fronteiras, passando por ações de saneamento básico nas aldeias. Portanto, uma sugestão para aprimoramento desses indicadores será colocada no tópico específico da avaliação crítica dos indicadores.

Também há dúvidas sobre a interpretação dada pelas associações aos indicadores Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados (km) e Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária (ha), já que estes poderiam ser tanto o perímetro/ área efetivamente monitorados ou o perímetro/ área total representados pelas Associações.

Em relação ao monitoramento territorial, os dados obtidos mostram que o IK realizou entre os anos de 2013 a 2017 uma quantidade crescente de expedições de monitoramento, sendo esse valor muito superior aos das demais associações, mesmo considerando que o IK é a organização com o maior perímetro e área monitorada. Em 2017, o IR realizou seis vezes mais expedições do que a AFP e sete vezes mais que o IR. O mesmo ocorreu em relação ao número de horas de sobrevôo.

Quanto ao número de indígenas capacitados em gestão e monitoramento, se percebe na AFP e no IR uma leve diminuição nos números de 2017 se comparados com anos anteriores. Não houve uma malhora nos indicadores de monitoramento territorial de 2013 a 2017 para a AFP e o IR, fato que merece atenção, considerando que os números de invasão estão aumentando de uma forma geral.

Já sobre as ocorrências de invasão territorial, os números são baixos frente à intensidade de desmatamento e pressão que as TIs enfrentam. A AFP informou não ser possível definir o número total de invasões diante do grande número de invasões que ocorrem de fato. Portanto, é possível afirmar que os demais números informados não condizem com a realidade e que é necessário aperfeiçoar a forma de obtenção de dados para esse indicador.

Os indicadores de gestão ambiental para todas as associações Kayapó encontram-se nas tabelas 78 a 82.

Tabela 78. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pela Associação Floresta Protegida, nos anos de 2013 a 2017. Fonte: Associação Floresta Protegida 2018.

Associação	AFP				
	2013	2014	2015	2016	2017
Número de ações de gestão ambiental implantadas	6	5	7	9	9
Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados (km)	1044	1044	1044	1044	1044
Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária (ha)	3.061.344	3.061.344	3.061.344	3.061.344	3.061.344
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental	65	60	50	46	30
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	32	30	20	15	15
Número de expedições de monitoramento realizadas	0	6	10	3	5
Número de horas de sobrevôos	0	12	15	12	10
Número de ocorrências de invasão territorial	Informou não ser possível informar o total	Informou não ser possível informar o total	Informou não ser possível informar o total	Informou não ser possível informar o total	Informou não ser possível informar o total

Tabela 79. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelo Instituto Kabu, nos anos de 2013 a 2017. Fonte: Instituto Kabu 2018.

Associação	IK				
	2013	2014	2015	2016	2017
Número de ações de gestão ambiental implantadas	5	5	6	6	6
Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados (km)	1.890	1.890	1.890	1.890	1.890
Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária (ha)	6.458.185	6.458.185	6.458.185	6.458.185	6.458.185
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental	14	24	20	21	30
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	14	24	20	21	30
Número de expedições de monitoramento realizadas	10	11	15	29	31
Número de horas de sobrevôos	25,0	25,0	30,0	30,0	30,0
Número de ocorrências de invasão territorial	8	7	6	7	8

Tabela 80. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelo Instituto Raoni, nos anos de 2013 a 2017. Fonte: Instituto Raoni 2018.

Associação	IR				
	2013	2014	2015	2016	2017
Número de ações de gestão ambiental implantadas	0	0	0	0	1
Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados (km)	0	0	400	489	230
Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária (ha)	634.915	634.915	634.915	634.915	634.915
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental	0	50	0	32	15
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	0	50	0	32	15
Número de expedições de monitoramento realizadas	0	2	2	4	4
Número de horas de sobrevôos	0,0	12,0	5,9	9,3	5,9
Número de ocorrências de invasão territorial	0	1	0	4	2

Tabela 81. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelas associações Kayapó nos anos de 2013 a 2017 – Totais por associação. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Indicador	Total AFP	Total IK	Total IR	Total
Número de ações de gestão ambiental implantadas	36	28	1	65
Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados (km)	5220	9.450	1.349	12.855
Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária (ha)	15.306.720	32.290.925	3.174.575	50.772.220
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental	251	109	112	393
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	112	95	112	287
Número de expedições de monitoramento realizadas	28	102	15	145
Número de horas de sobrevoos	64	137,0	35,3	236
Número de ocorrências de invasão territorial	19	35	8	62

Tabela 82. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES relativos às iniciativas de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelas associações kayapó nos anos de 2013 a 2017 – Totais por ano. Fontes: Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Indicador	2013	2014	2015	2016	2017
Número de ações de gestão ambiental implantadas	11	10	13	15	16
Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados (km)	2.934	2.934	3.334	3.423	3.164
Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária (ha)	10.154.444	10.154.444	10.154.444	10.154.444	10.154.444

Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental	79	134	70	99	75
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	46	104	40	68	60
Número de expedições de monitoramento realizadas	10	19	27	36	40
Número de horas de sobrevoos	25	49	51	51	46
Número de ocorrências de invasão territorial	12	12	10	15	14

3.2.4. Indicadores financeiros do Fundo Kayapó

No total, o Fundo Kayapó já desembolsou cerca de R\$ 5,2 milhões para os projetos das Associações. O total de recursos desembolsados em seus três primeiros ciclos foram distribuídos de forma equilibrada entre as associações AFP, IK e IR (tabela 83; figura 60). A AFP recebeu no total 34,4% do recurso, o IK 30,8% e o IR 34,8%, sendo que o IK não participou do primeiro ciclo de projetos.

No total foram aprovados oito projetos, sendo dois no primeiro ciclo em 2013 (AFP e IR), três segundo ciclo em 2014 (AFP, IK e IR) e três no terceiro ciclo em 2016 (AFP, IK e IR). O número de indígenas diretamente beneficiados pelos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó equivale a 6.397, ou seja, a populações total Kayapó representada pelas três associações.

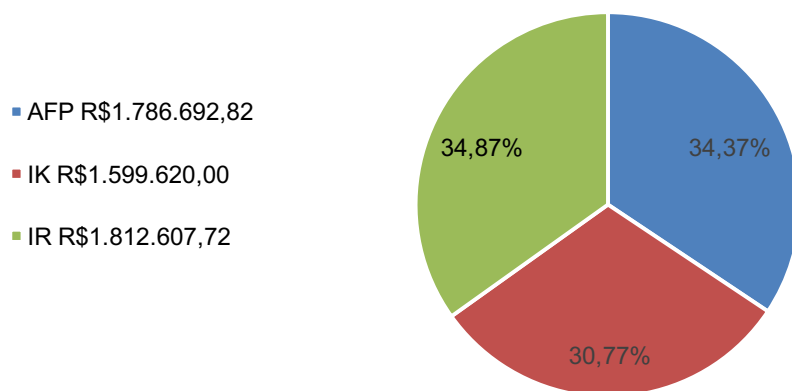


Figura 60. Recurso total desembolsado pelo Fundo Kayapó por associação Kayapó, no período de 2013 a 2017. Fonte: Funbio 2018.

Tabela 83. Valor dos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó de 2013 a 2017, por Associação Kayapó e por ciclo. Fonte: Funbio 2018.

Associação	AFP				
	2013 (1º Ciclo)	2014 (2º Ciclo)	2015	2016 (3º Ciclo)	2017
Valor dos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó*	R\$219.978,66	R\$566.839,66	R\$ 0,00	R\$999.874,50	R\$ 0,00
Associação	IK				
	2013 (1º Ciclo)	2014 (2º Ciclo)	2015	2016 (3º Ciclo)	2017
Valor dos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó*	R\$0,00	R\$599.800,00	R\$ 0,00	R\$999.820,00	R\$ 0,00
Associação	IR				
	2013 (1º Ciclo)	2014 (2º Ciclo)	2015	2016 (3º Ciclo)	2017
Valor dos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó*	R\$213.968,64	R\$599.016,00	R\$ 0,00	R\$999.623,08	R\$ 0,00

* Não inclui as contrapartidas

Em relação aos demais indicadores financeiros do Fundo Kayapó, considerando-se os recursos do Fundo somados aos recursos da conta operativa do mesmo, ao final de 2018 o saldo total era de R\$19.244.685,25. No período de 2012 a 2018, os rendimentos anuais totais somados foram de R\$ 11.440.044,73, enquanto os custos de operação do FK, incluindo despesas como custos do Funbio, consultorias, imposto de renda e despesas operacionais, somaram R\$ 2.415.726,62. Neste período, foi desembolsado para projetos junto às associações Kayapó um total de R\$ 4.548.232,20 (incluindo recursos de devolução), o equivalente a 60,87% dos rendimentos gerados. Os valores detalhados relativos aos rendimentos, despesas e desembolsos anuais do Fundo Kayapó de 2012 a 2018 encontram-se na tabela 84.

Tabela 84. Saldo inicial e final, valor dos rendimentos gerados pelas aplicações financeiras, valor de despesas e valor desembolsado para projetos apoiados pelo Fundo Kayapó, no período de 2013 a 2017. Fonte: Funbio 2018.

	2012 (R\$)	2013 (R\$)	2014 (R\$)	2015 (R\$)	2016 (R\$)	2017 (R\$)	2018 (R\$)
Saldo inicial + aportes	14.392.000,00	15.505.185,51	15.939.317,58	16.932.802,45	17.212.614,68	18.815.273,57	18.987.405,99
Rendimento	1.126.260,34	R\$591.278,30	1.771.420,10	1.883.064,35	2.557.270,51	2.189.545,37	1.321.205,76
Custos FK*	155.861,02	R\$157.146,23	343.987,93	365.459,52	R\$438.763,54	R\$510.925,91	443.582,47
Desembolso projetos**	0,00	0,00	433.947,30	1.237.792,60	515.848,08	1.740.300,19	620.344,03
Saldo final	15.362.399,32	15.939.317,58	16.932.802,45	17.212.614,68	18.815.273,57	18.753.592,84	19.244.685,25

* Inclui IR + Custo Funbio + Despesas gerais (consultorias, diárias, passagens, cartório, combustível e reembolsos variados).

** Inclui devolução de recursos dos projetos.

4. SÍNTESE E AVALIAÇÃO CRÍTICA DA QUALIDADE DE VIDA E GESTÃO DAS TIS KAYAPÓ

Nos últimos anos, houve um grande aumento no número de aldeias Kayapó. Como consequência, atualmente há mais aldeias pequenas, muitas delas nos limites das TIs. As entrevistas apontaram um aumento na movimentação de famílias e jovens entre as aldeias e as cidades do entorno das Terras Indígenas, especialmente em decorrência de tratamentos de saúde e acesso a escolas, benefícios sociais e trabalho.

O atendimento à saúde continua um grande desafio, especialmente diante do aumento de aldeias e da maior movimentação das famílias entre as aldeias e as cidades. Apesar de haver campanhas de vacinação para todas as comunidades, menos da metade das comunidades atualmente possui postos de saúde. O número de médicos é extremamente baixo nos DSEIs. Houve melhorias no saneamento nas aldeias, especialmente relacionados a fontes mais adequadas de água para consumo e tratamento do lixo, o que resultou na diminuição de verminoses em algumas aldeias. Porém a situação ainda está longe da ideal. A taxa de mortalidade infantil e adulta ainda são muito altas e houve um grande aumento no número de partos ocorridos na cidade, assim como de partos cesáreos. A incidência de doenças relacionadas à alimentação também aumentou nos últimos anos, assim como os casos de consumo de bebidas alcóolicas. O tratamento dos pajés ainda é muito utilizado e respeitado pelos indígenas, embora ainda haja conflitos com os tratamentos convencionais.

Em relação à educação, as aldeias maiores possuem escolas, porém as menores e mais novas não possuem. Enquanto a oferta dos primeiros anos do ensino fundamental é comum a todas as escolas, a oferta de ensino médio e EJA é rara, o que dificulta o acesso dos indígenas ao ensino superior. Como consequência, as famílias Kayapó estão indo para as cidades em busca de educação para os filhos, onde os mesmos estão sujeitos à educação convencional e em português, o que resulta em altos índices de repetência e evasão escolar. As escolas na aldeia, apesar de bilíngues e com o calendário adaptado aos eventos culturais, raramente possuem currículo específico, utilizam muito pouco os materiais didáticos específicos para os Kayapó existentes, não possuem bibliotecas e em muitos casos possuem estrutura precária. Apesar de haver uma maior quantidade de professores indígenas e um aumento na qualidade de formação dos mesmos, estes ainda não são os principais protagonistas nas escolas.

A língua Kayapó ainda é muito utilizada nas aldeias, porém parece estar havendo uma perda de vocabulário relacionado a processos culturais que podem estar sendo perdidos. As aldeias ainda realizam bastante festas tradicionais, sendo que as aldeias pequenas geralmente não realizam

festas e participam nas festas realizadas nas aldeias maiores. Em quase todas as aldeias há registros audiovisuais. Houve um aumento na capacitação dos jovens Kayapó para o registro audiovisual, iniciativa importantes diante do desinteresse dos jovens pela cultura tradicional Kayapó. A quantidade de aldeias sem casa do guerreiro e com casas não tradicionais aumentou, assim como a presença de missionários atuando nas aldeias. A produção de artesanato aumentou para uso próprio, provavelmente devido às iniciativas de comercialização. Há um crescente empoderamento das mulheres Kayapó, sendo que hoje já existem 4 caciques mulheres.

As atividades de subsistência, como roças, caça, pesca e coleta de produtos da floresta, ainda apresentam um papel central na alimentação dos Kayapó. No entanto, em decorrência tanto da proximidade com as cidades quanto do aumento da renda nas comunidades, a importância dos produtos alimentares vindos da cidade aumentou muito nos últimos anos. Este fato tem aumentado a incidência de problemas de saúde associados à alimentação inadequada e pode afetar no longo prazo as atividades de subsistência na aldeia.

Houve um aumento significativo na renda das comunidades tanto devido ao fortalecimento de iniciativas de geração de renda a partir da venda de produtos da sociobiodiversidade e serviços, quanto ao maior acesso dos indígenas a benefícios sociais e salários. Hoje, todas as aldeias associadas às principais associações Kayapó comercializam produtos como castanha, cumaru, pequi, farinha e artesanato. Houve uma consolidação das iniciativas de turismo e educação, as quais mostraram ter um grande potencial de aliar geração de renda e conservação da floresta e da cultura Kayapó. Houve um aumento das aldeias que obtêm renda a partir de atividades ilegais e do interesse de alguns indígenas por implementar atividades agropecuárias para geração de renda dentro das TIs. De forma geral, há atualmente uma demanda generalizada por atividades de geração de renda entre os Kayapó, ao mesmo tempo que fica evidente sua dificuldade em relação a processos de gestão financeira. Os grandes empreendimentos que impactam o território Kayapó são atualmente percebidas por muitos Kayapó como oportunidades de acesso a recursos financeiros dos projetos de compensação.

Ainda há poucas aldeias atendidas pela rede elétrica, porém quase todas as aldeias possuem placas solares e/ou geradores a diesel. Todas as aldeias possuem rádio para comunicação, porém muito poucas contam com internet. Nos últimos anos foram abertas novas estradas conectando as aldeias, as cidades e as estradas, e hoje a maioria das aldeias é acessível por via terrestre. No geral, a infraestrutura das aldeias é considerada de média a boa pelos Kayapó.

Apesar do esforço e de melhorias por parte das associações e dos Kayapó no monitoramento de seus territórios, assim como da realização, ainda que esporádica, de operações de comando e

controle na região, nos últimos anos houve uma explosão especialmente de garimpo na TI Kayapó e na TI Baú, o que tem causado grandes impactos ambientais, culturais, políticos e de saúde entre os Kayapó. A maioria das atividades ilegais dentro das TIs ocorre com consentimento dos próprios indígenas, que são assediados por madeireiros e garimpeiros nas cidades para facilitar e participar das mesmas.

Nos últimos anos houve um avanço na elaboração dos PGTA's nas TIs Kayapó, sendo que o PGTA da TI Las Casas (já elaborado e publicado) e o da TI Kayapó (elaborado) estão em fase de implementação. Nas demais TIs, com exceção da TI Badjonkôre, o PGTA está em fase inicial e de planejamento. Esta ferramenta certamente irá auxiliar os Kayapó a refletirem sobre os rumos que querem seguir diante do contexto atual, assim como sobre estratégias para conseguir aliar sua autonomia com a proteção de seus territórios, sua cultura e seus modos de vida.

Diante do atual enfraquecimento da FUNAI, que hoje apresenta um papel restrito de assistência direta aos Kayapó, as associações Kayapó têm assumido um papel cada vez mais importante. Hoje as três principais associações Kayapó são a Associação Floresta Protegida, o Instituto Kabu e o Instituto Raoni, que representam aproximadamente 70% das aldeias e da população das TIs Kayapó. Essas associações atuam nas áreas de fortalecimento e resgate cultural, atividades produtivas e geração de renda, gestão territorial e ambiental, fortalecimento político, segurança alimentar, entre outros temas relevantes para a qualidade de vida dos Kayapó. Possuem uma ampla gama de parceiros e financiadores nacionais e internacionais e geriram no total nos últimos cinco anos de 1,8 a 5,9 milhões de reais. O número de funcionários, inclusive indígenas, aumentou nos últimos anos, aumentando a participação dos indígenas nas atividades da associação. São realizadas assembleias anuais com a diretoria (indígena) e lideranças das aldeias associadas, momentos que fortalecem a compreensão, o protagonismo e a apropriação por parte dos indígenas da associação. Nos últimos anos, as associações têm promovido a participação dos Kayapó em mobilizações e outros eventos que contribuem para sua maior compreensão do momento político atual e para o fortalecimento da luta por seus direitos. No total, o Fundo Kayapó já aprovou oito projetos das três associações Kayapó, somando um total de R\$ 5,2 milhões.

No geral, os Kayapó se sentem felizes nas aldeias.

Abaixo encontra-se uma avaliação dos indicadores em 2018 e sua evolução nos últimos cinco anos (Tabelas 85 a 100).

4.1. Indicadores do diagnóstico de qualidade de vida e gestão das TIs Kayapó

Demografia

Tabela 85. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Demografia” em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AValiação	EVOLUÇÃO
Número de aldeias por Terra Indígena	Grande aumento no número de aldeias pequenas, principalmente na TI Kayapó	Necessita atenção	Estável
Número de habitantes por aldeia e por Terra indígena	Grande aumento no número de habitantes nas TIs, porém diminuição no número de habitantes por aldeias, com consequência culturais e políticas para os Kayapó	Necessita atenção	Estável
Taxa de crescimento populacional por Terra Indígena	Leve diminuição da taxa de crescimento	Necessita atenção	--
Destaque nas entrevistas	Aumento na movimentação de famílias Kayapó entre aldeias e cidades	Ruim/ Necessita atenção	--

Saúde

Tabela 86. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Saúde”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AValiação	EVOLUÇÃO
Presença de posto de saúde na aldeia	O número de aldeias com posto de saúde aumentou em relação a 2013, porém este aumento não acompanhou o crescimento no número de aldeias	Ruim	Estável
Qualidade da estrutura física do posto de saúde	A maioria dos postos foram considerados bons ou ótimos em relação a sua estrutura	Bom	--
Realização de campanhas de vacinação regulares	São realizadas campanhas de vacinação regulares que abrangem toda a população Kayapó	Muito bom	Estável
Número total de médicos e outros profissionais de saúde nos DSEIs	O número de médicos atuando nos DSEIs já era baixo e diminuiu. O número de dentistas aumentou	Ruim	Piorou

Número de profissionais de saúde não indígenas atuando na aldeia	Sem informação	--	--
Número de agentes indígenas de saúde (AIS) e de saneamento (AISAN) atuando na aldeia	Sem informação	--	--
Presença de dentista atuando na aldeia	Sem informação	--	--
Número de Pajés na aldeia	Aparente manutenção do número de pajés	Bom	Estável
Principais problemas de saúde dos Kayapó	Doenças respiratórias / de vias aéreas, problemas de pele, verminoses e doenças do sistema digestivo, assim como dores nas costas e articulações continuam sendo as principais enfermidades dos Kayapó	--	Estável
Número de partos ocorridos na cidade	Grande aumento nos partos ocorridos na cidade	Ruim	--
Taxa de cesarianas	Grande aumento na taxa de cesarianas	Necessita atenção	--
Taxa de mortalidade de recém-nascidos	Taxa de mortalidade de recém-nascidos encontra-se próxima à taxa para o Brasil	Bom	--
Taxa de mortalidade materna	Taxa de mortalidade materna é alta em comparação com a taxa para o Brasil	Necessita maior amostragem	--
Taxa de mortalidade infantil	Taxa de mortalidade infantil aumentou muito para menores de 1 ano, porém é equivalente à taxa para o Brasil para crianças de até 5 anos	Ruim	Piorou
Taxa de mortalidade infanto-juvenil	Taxa de mortalidade infanto-juvenil menor do que taxa para o Brasil	Muito Bom	--
Taxa de mortalidade adulta	Taxa de mortalidade adulta é maior do que taxa para o Brasil	Ruim	Estável
Procedência da água para consumo	Aumento na quantidade de aldeias com poço artesiano	Bom	Melhorou
Tipo de tratamento de esgoto	Aumento na quantidade de aldeias com fossa séptica, embora esse valor ainda seja muito baixo	Ruim	Melhorou

Contaminação da água do rio por <i>Escherichia coli</i>	Alta contaminação dos rios da TI Kayapó, Badjonkôre e Las Casas por bactérias fecais	Ruim	--
Contaminação da água do rio por mercúrio	Mais aldeias com chance de estarem contaminadas por mercúrio, especialmente nas TIs Baú e Kayapó	Ruim	Piorou
Destinação do lixo doméstico e hospitalar na aldeia	A destinação do lixo doméstico e hospitalar ainda é inadequada em grande parte das aldeias, com exceção das aldeias atendidas pelo DSEI Kayapó, onde todo o lixo é encaminhado às cidades	Ruim	Melhorou
Existência de iniciativas de saúde em parceria com outras organizações	O Instituto Kabu possui iniciativas de gestão de resíduos sólidos, DST e bebidas alcóolicas nas aldeias	Bom	--
Percepção dos Kayapó sobre o atendimento à saúde	Segundo os Kayapó entrevistados, a qualidade da saúde melhorou. Ainda existem muitos pajés e o tratamento dos mesmos é muito utilizado e corre baixo risco de ser perdido	Bom	Melhorou

Educação

Tabela 87. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Educação”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AValiação	EVOLUÇÃO
Presença de escola na aldeia	Proporção de aldeias com escola diminuiu, devido ao aumento do número de aldeias. Aldeias maiores possuem escolas, porém a maioria das aldeias menores e novas não possuem	Regular	Piorou
Oferta de ensino fundamental na aldeia	Todas as aldeias que possuem escola têm ensino fundamental ciclo I, porém a maioria não possui o ciclo II	Regular	Estável
Oferta de ensino médio na aldeia	Apenas cinco aldeias possuem ensino médio	Ruim	Estável
Oferta de EJA na aldeia	Oferta muito baixa de EJA nas aldeias	Ruim	--
Número de alunos matriculados na escola	Mais de 30% da população total matriculada em escolas	Bom	--

Gênero dos alunos matriculados na escola	Mais alunos matriculados do gênero masculino do que feminino	Ruim	--
Número de alunos atendidos na cidade	Grande aumento no número de estudantes Kayapó em escolas na cidade	Necessita atenção	--
Presença de turmas multisseriadas	Maior parte das turmas é multisseriada	Ruim / Necessita atenção	Estável
Língua utilizada na escola	Grande maioria das escolas possui ensino bilíngue (português e kayapó)	Bom	Estável
Existência de currículo específico para os Kayapó	Maioria das escolas Kayapó não possui currículo específico	Ruim	Estável
Existência de material didático específico para os Kayapó em sua língua materna	Existem alguns materiais didáticos em Kayapó, inclusive produzidos recentemente pela AFP, porém ainda são pouco conhecidos e utilizados nas escolas	Regular	Melhorou
Valorização da cultura Kayapó nas práticas escolares	A maioria das escolas não possui programas/projetos específicos para valorização cultural	Ruim	--
Existência de Projeto Político Pedagógico (PPP) na escola	Maioria das escolas Kayapó não possui PPP	Ruim	--
Número de professores indígenas e não indígenas na aldeia	Há mais professores indígenas do que não indígenas nas escolas das aldeias, especialmente nas escolas sob responsabilidade de SEDUC do Estado do MT	Bom	Estável
Protagonismo dos professores indígenas na escola	Baixo protagonismo dos professores indígenas	Ruim	Estável
Qualidade da Infraestrutura escolar	Mais da metade das escolas possui infraestrutura considerada ruim e muito ruim, a qualidade dos materiais é considerada de média a boa, e pouquíssimas escolas possuem internet e biblioteca	Ruim	Estável
Qualidade da Alimentação escolar	A merenda é oferecida diariamente, porém em sua maioria apenas com alimentos provenientes da cidade	Regular	Piorou

Existência de formação para os professores Kayapó	Existem atualmente cursos de licenciatura indígena em Universidades e formação complementar, porém estes últimos em sua maioria não específicos para indígenas	Regular	Melhorou
Acesso de alunos indígenas à Universidade	Baixo acesso dos Kayapó ao ensino superior	Ruim	--
Existência de projetos de educação na aldeia em parceria com outras organizações	A AFP tem realizado cursos modulares de formação complementar de professores indígenas. O IR também tem iniciativas relacionadas à formação de professores indígenas	Bom	Melhorou
Percepção dos Kayapó sobre a educação nas aldeias	Cerca de 75% dos Kayapó consideram a educação nas aldeias de média a boa. A % de entrevistados que consideram a educação péssima ou muito boa diminuiu	Regular	Estável
Destaque nas entrevistas	Altos índices de evasão e baixo desempenho escolar decorrente do aumento no número de alunos nas escolas da cidade	Ruim	--

Cultura e língua

Tabela 88. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Cultura e Língua”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Uso da língua materna	Língua materna ainda muito falada, porém parece estar havendo perda de vocabulário	Bom / necessita atenção	Estável
Realização de festas tradicionais na aldeia nos últimos dois anos	Número aproximadamente igual de festas, porém apenas em aldeias grandes	Bom / necessita atenção	Estável
Presença de registros da cultura	Maioria das aldeias tem registros audiovisuais de sua cultura material	Bom	Estável
Capacidade para o registro áudio-visual da cultura	Maioria das aldeias possuem Kayapós capacitados para registro, porém faltam equipamentos audiovisuais adequados	Regular	Estável

Quantidade de artefatos culturais produzidos para uso próprio na aldeia	Aumento da produção de artesanato para uso próprio	Bom	Melhorou
Presença de missionários na aldeia	Grande aumento no número de aldeias frequentadas por missionários evangélicos	Ruim / necessita atenção	Piorou
Presença de casa do guerreiro na aldeia	Leve aumento no número de aldeias sem casa do guerreiro, porém valor é elevado e relacionado ao grande número de aldeias pequenas	Regular	Melhorou
Tipos de moradias existentes na aldeia	Aumento no número de aldeias com moradias não tradicionais	Regular	Piorou
Percepção dos Kayapó sobre a manutenção de sua cultura	A maioria dos Kayapó entrevistados considera a manutenção da cultura média a boa, que as aldeias estão realizando muitas festas tradicionais e que os jovens têm participado muito das festas e atividades tradicionais	Bom	Melhorou
Destaque nas entrevistas	Maior empoderamento das mulheres Kayapó, já existem 4 caciques mulheres	Bom	--
Destaque nas entrevistas	Desinteresse da juventude pela cultura tradicional	Ruim	--

Subsistência e segurança alimentar

Tabela 89. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Subsistência e segurança alimentar”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Consumo de alimentos produzidos nas roças	Roças ainda possuem importância central na alimentação, porém mais aldeias estão consumindo menos produtos das roças	Bom	Estável
Consumo de produtos extrativistas coletados na floresta /cerrado na aldeia	Alto consumo de produtos extrativistas	Bom	Estável
Importância dos produtos vindos da cidade para o consumo	Aumento das aldeias onde os produtos vindos de fora representam a fonte principal de alimentação, especialmente nas TIs Las	Regular	Piorou

na aldeia em comparação com alimentos produzidos nas roças e extrativistas	Casas e Kayapó		
Consumo de carne de caça na aldeia	Carne de caça continua sendo muito consumida. Na TI Las Casas algumas espécies da fauna de grande importância encontram-se extintas	Bom	Melhorou
Consumo de pescado na aldeia	Pescado ainda é muito consumido na maioria das aldeias	Bom	Estável
Existência e tipo de criação de animais para consumo na aldeia	A grande maioria das aldeias possui criação de animais	Bom	Estável
Importância da criação de animais para o consumo na aldeia em comparação com a caça e o pescado	Criação de animais tem pouca importância em comparação à caça e ao pescado	Bom	--
Importância das carnes vindas da cidade para o consumo na aldeia em comparação com a caça e o pescado	O consumo de carnes vindas de fora da TI é menos importante para a obtenção de proteína animal do que a caça e o pescado para a maioria das aldeias	Muito bom	Melhorou
Percepção dos Kayapó sobre subsistência e segurança alimentar nas aldeias	Ainda há bastante roças e grande variedade de alimentos nas mesmas. A abundância de caça e pescado parece ter diminuído. Apesar destes ainda serem considerados os alimentos mais importantes, tem havido um aumento no consumo de alimentos vindos das cidades	Bom	Piorou
Destaque nas entrevistas	Aumento de consumo de produtos industrializados têm aumentado a incidência de problemas de saúde	Ruim	--
Destaque nas entrevistas	Jovens estão pouco envolvidos nas atividades de subsistência	Ruim	--

Renda

Tabela 90. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Renda”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Principais atividades econômicas na aldeia	Castanha e artesanato são atualmente os produtos mais comercializados pelas aldeias. Houve um aumento de aldeias que praticam atividades ilícitas	Bom/ Necessita atenção	--
Comercialização de produtos da floresta na aldeia	Aumento no número de aldeias que comercializam produtos da floresta	Muito Bom	Melhorou
Comercialização de artesanato na aldeia	Aumento no número de aldeias que comercializam artesanato	Muito Bom	Melhorou
Comercialização de produtos das roças na aldeia	Diminuição no número de aldeias que comercializam produtos das roças	Ruim	Piorou
Geração de renda na comunidade através de serviços (ecoturismo, pesca, pesquisa e balsa)	Consolidação de iniciativas de turismo e educação na TI Kayapó. Balsa representa uma importante fonte de renda para comunidades da TI Capoto/Jarina	Muito bom	Melhorou
Existência de atividades ilícitas que geram renda na aldeia	Mais aldeias estão obtendo renda a partir de atividades ilegais	Ruim	Piorou
Presença de iniciativas de geração de renda nas aldeias	100% das aldeias vinculadas à AFP, IK e IR participam de iniciativas de geração de renda sustentável	Muito bom	Melhorou
Renda gerada por iniciativas de geração de renda	A renda gerada pelas iniciativas de comercialização de produtos da sociobiodiversidade das associações superou R\$ 4,1 milhões nos últimos 5 anos nas TIs Kayapó. A castanha foi responsável por mais de metade da renda gerada.	Muito bom	Melhorou
Número de indígenas assalariados na aldeia	Houve um aumento no acesso a benefícios sociais e salários nas aldeias. Não foi possível obter dados específicos de salários por aldeia.	Muito Bom	Melhorou

% de renda total gerada por iniciativas de geração de renda em comparação a renda total da comunidade	A renda gerada pelas iniciativas das associações corresponde a cerca de 3 a 15% da renda total das comunidades amostradas entre 2013 e 2017	Regular	--
Percepção dos Kayapó sobre a situação da renda nas comunidades	Atividades de geração de renda consideradas boas/muito boas pela maioria	Bom	Melhorou
Destaque das entrevistas	Falta de gestão financeira por parte dos Kayapó	Ruim	--
Destaque das entrevistas	Interesse em realizar plantios em grande escala para comercialização e também a incorporação da atividade agropecuária.	Muito ruim	--

Infraestrutura - Energia, acesso e comunicação

Tabela 91. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Infraestrutura - Energia, acesso e comunicação”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Existência de energia elétrica na aldeia	Aumento da quantidade de aldeias atendidas pela rede elétrica, porém ainda são poucas aldeias	Regular	Melhorou
Existência e tipo de fontes alternativas de energia na aldeia	A grande maioria das aldeias possui energia provinda de fontes alternativas, como gerador e placas solares	Muito bom	Melhorou
Tipo de acesso às aldeias	A maioria das aldeias é acessível por via terrestre	Bom	Estável
Condição do acesso às aldeias	Em aproximadamente metade das aldeias o acesso é considerado médio	Regular	Estável
Tipos de meios de comunicação utilizados na aldeia	Todas as aldeias possuem rádios como meio de comunicação.	Muito bom	Estável
Existência de internet na aldeia	Poucas aldeias contam com internet ou sinal de celular	Ruim	Estável

Percepção dos Kayapó sobre a infraestrutura nas aldeias	A infraestrutura das aldeias é considerada média a boa pela grande maioria dos entrevistados	Bom	Melhorou
---	--	-----	----------

Proteção e monitoramento territorial

Tabela 92. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Proteção e monitoramento territorial”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Situação jurídica das TIs	Todas as Terras indígenas Kayapó contempladas neste estudo são homologadas	Muito bom	Estável
Principais ameaças aos entornos das TIs	Exploração ilegal de madeira, garimpos, pecuária e soja	Ruim	Estável
Grau de ameaça aos entornos das TIs	De médio (TI Capoto/Jarina) a muito alto (TI Kayapó)	Ruim	Estável
Existência de projetos nos entornos das TIs	Não há projetos nos entornos	Muito ruim	Estável
Principais ameaças à integridade das TIs	Exploração ilegal de madeira, garimpos, pesca ilegal e arrendamentos. O garimpo representa atualmente a maior ameaça, especialmente na TI Kayapó	Muito ruim	Piorou
Grau de ameaças à integridade das TIs	De médio (TI Capoto/Jarina) a muito alto (TIs Baú e Kayapó)	Muito ruim	Piorou
Infraestrutura voltada ao monitoramento das TIs	Infraestrutura adequada ao monitoramento	Bom	Melhorou
Periodicidade do monitoramento das TIs pelas Associações	Em média 3 expedições ao ano	Bom	Melhorou
Articulação entre diferentes atores para o monitoramento das TIs	Comunidades, associações e FUNAI atuam na maioria das vezes em conjunto no monitoramento das TIs	Bom	Estável
Envolvimento dos Kayapó no monitoramento de seus territórios	Crescente envolvimento dos Kayapó com as atividades de monitoramento	Bom	Melhorou
Circulação e apropriação do território pelos	Aumento da circulação e apropriação do território pelos Kayapó	Bom	Melhorou

Kayapó			
Articulação entre diferentes atores para a fiscalização das TIs	Diferentes órgãos do Estado participam da fiscalização das TIs	Muito bom	Estável
Existência e periodicidade das operações do governo (PF/IBAMA) para coibir atividades ilegais dentro da TI	Operações para coibir atividades ilegais realizadas periodicamente, entre 1 e duas vezes por ano em cada TI	Regular	--
Percepção dos Kayapó sobre proteção e monitoramento territorial	A maioria dos indígenas considera as ações de proteção territorial boas ou muito boas	Bom	Melhorou

Gestão Ambiental e Territorial

Tabela 93. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Gestão Ambiental e Territorial”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Elaboração do PGTA	Apenas a TI Las Casas possui PGTA elaborado e formalizado, o qual será implementado nos próximos anos. Na TI Kayapó, o PGTA está elaborado e em etapa de formalização e atualização. Nas TIs Capoto/Jarina, Menkragnoti e Baú o PGTA encontra-se em fase inicial. A TI Badjonkôre não possui atividades relacionadas ao PGTA	Bom	Melhorou

Órgãos e organizações que assistem os Kayapó

Tabela 94. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Órgãos e organizações que assistem os Kayapó”, em 2018.

INDICADOR	OBSERVAÇÃO	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Papel dos órgãos e organizações que prestam atendimento	Crescente diminuição do papel do Estado no atendimento aos Kayapó e consequente aumento da importância das associações	Ruim	Piorou

aos Kayapó	indígenas locais		
Número de associações locais Kayapó existentes	Existem hoje ao menos 12 associações Kayapó, número provavelmente subestimado	Bom / necessita atenção	--
Percepção dos Kayapó sobre os principais órgãos e organizações que atendem as comunidades	Maioria considerou a atuação da FUNAI mediana; das prefeituras ruim ou péssima; e das associações boa ou muito boa.	FUNAI e prefeituras – Ruim Associações - Bom	

Fortalecimento institucional das associações apoiadas pelo Fundo Kayapó

Tabela 95. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Fortalecimento institucional das associações apoiadas pelo Fundo Kayapó”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Representatividade de cada associação	As associações apoiadas pelo FK representam ao todo 23 comunidades e 2749 indígenas. O número de indígenas representados pela AFP diminuiu em função da saída de aldeias devido ao envolvimento com atividades ilícitas	Bom	Piorou
Linhas de atuação e projetos desenvolvidos por cada associação	Todas as associações atuam nas linhas de cultura, atividades produtivas e geração de renda, gestão e monitoramento territorial e fortalecimento institucional	Muito bom	Estável
Principais financiadores e parceiros de cada associação	Todas as associações possuem parceiros e financiadores nacionais e internacionais, de diferentes setores da sociedade	Muito bom	Estável
Quantidade de recursos geridos anualmente nos últimos cinco anos por cada associação	Recursos geridos pelas associações aumentaram em relação a 2013	Muito bom	Melhorou
Número de projetos aprovados anualmente nos últimos cinco anos por cada associação	Números de projetos aprovados pelas associações aumentaram em relação a 2013	Muito bom	Melhorou
Infraestrutura de cada associação para	Todas as associações possuem infraestrutura adequada ao atendimento das comunidades,	Bom	Melhorou

atendimento às comunidades	porém nenhuma possui sede própria		
Número e qualificação dos funcionários de cada associação	O número e a qualificação dos funcionários aumentou em todas as associações	Muito bom	Melhorou
Número de funcionários indígenas	O número de funcionários indígenas aumentou em todas as associações	Muito bom	Melhorou
Frequência de realização de Assembleias Gerais por cada associação	Todas as associações realizam assembleias gerais anuais	Muito bom	Estável
Apropriação da associação pelos indígenas	Indígenas estão mais apropriados das associações (AFP e IK)	Bom	Melhorou
Existência de iniciativas para formação de jovens lideranças	Não há iniciativas de formação de jovens lideranças no IK e IR e há algumas na AFP	Ruim	Melhorou
Grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político	Compreensão baixa a média do contexto político atual pelos Kayapó	Ruim	Melhorou
Articulação dos kayapó com o movimento indígena nacional	Articulação baixa na AFP, média no IR e alta no IK	Regular	Melhorou

Percepção geral dos Kayapó sobre a qualidade de vida nas aldeias

Tabela 96. Síntese, avaliação e evolução do indicador do tema “Percepção geral dos Kayapó sobre a qualidade de vida nas aldeias”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Felicidade dos Kayapó nas aldeias	A grande maioria dos Kayapó entrevistados encontra-se feliz nas aldeias	Muito bom	Melhorou

4.2. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia

Desmatamento

Tabela 97. Síntese, avaliação e evolução do indicador “Desmatamento nas Terras indígenas Kayapó”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Desmatamento anual nas terras indígenas Kayapó (INPE – PRODES)	Desmatamento não apresentou uma clara tendência de aumento em todas as TIs, exceto na TI Kayapó, na qual houve uma explosão de desmatamento em 2017	Ruim	Piorou

Atividades produtivas

Tabela 98. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Atividades produtivas”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Volume de produção in natura (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Há pelo menos quatro produtos “ <i>in natura</i> ” comercializados atualmente pelas associações. Houve uma oscilação ao longo dos anos no volume de produção, devido à fatores inerentes às espécies exploradas e ao mercado, exceto para o pequi, cuja produção aumentou.	Bom	Melhorou
Volume de produto beneficiado (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Há pelo menos quatro produtos beneficiados comercializados atualmente pelas Associações. Houve uma oscilação ao longo dos anos no volume de produtos beneficiados, exceto para a farinha, cuja produção aumentou.	Bom	Melhorou
Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto	Houve uma oscilação ao longo dos anos na receita obtida a partir da comercialização de produtos “ <i>in natura</i> ”.	Bom	Estável

Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto	Houve uma oscilação ao longo dos anos na receita obtida a partir da comercialização de produtos beneficiados, exceto para a farinha, cuja receita aumentou.	Bom	Melhorou
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis	O número de indígenas capacitados variou entre as associações e entre os anos	--	Estável
Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	Indicador subjetivo, dificulta a avaliação	--	--

Gestão e monitoramento territorial

Tabela 99. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores do tema “Gestão e monitoramento territorial”, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Número de ações de gestão ambiental implantadas	Indicador subjetivo, dificulta a avaliação	--	--
Número de associações Kayapó fortalecidas	São apoiadas três associações Kayapó – AFP, IK e IR	--	Estável
Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados	IK é a organização que possui o maior perímetro monitorado e IR é a que possui o menor	--	Estável
Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária	IK é a organização que possui a maior área sob vigilância e IR é a que possui o menor	--	Estável
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão	O número de indígenas capacitados variou entre as associações e entre os anos	--	Estável

ambiental			
Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	Indicador subjetivo, dificulta a avaliação	--	--
Número de expedições de monitoramento realizadas	IK é a organização que possui maior número de expedições realizadas. O número de expedições aumentou no IK e IR, mas não na AFP	Regular	IK e IR - Melhorou AFP - Piorou
Número de horas de sobrevoos	IK é a organização que possui mais horas de sobrevoos. O número de horas de sobrevoos aumentou levemente no IK, mas diminuiu na AFP e no IR	Regular	IK - Estável AFP e IR - Piorou
Número de ocorrências de invasão territorial	Indicador subjetivo, dificulta a avaliação	--	--

Indicadores financeiros do Fundo Kayapó

Tabela 100. Síntese, avaliação e evolução dos indicadores financeiros do Fundo Kayapó, em 2018.

INDICADOR	SÍNTESE	AVALIAÇÃO	EVOLUÇÃO
Valor desembolsado para os projetos apoiados pelo Fundo Kayapó	Os projetos já aprovados para as Associações pelo Fundo Kayapó somam cerca de R\$ 5,2 milhões, variando de aprox. R\$ 433,9 mil em 2013 a aprox. R\$ 3 milhões em 2016	--	Aumentou
Valor dos ativos financeiros na conta do Fundo Kayapó	O saldo total do FK (Fundo + conta operativa) ao final de 2018 era de R\$19.244.685,25	--	--

Valor dos rendimentos financeiros reais líquidos gerados pelas aplicações financeiras do Fundo Kayapó	No período de 2012 a 2018, os rendimentos anuais totais somados foram de R\$ 11.440.044,73	--	--
Número de projetos apoiados pelo Fundo Kayapó	Ao todo foram aprovados 8 projetos pelo FK	--	--
Número de indígenas diretamente beneficiados pelas atividades do projeto	Atualmente são beneficiados no total 6.397 indígenas	--	Estável

5. AVALIAÇÃO DOS INDICADORES UTILIZADOS

5.1. Indicadores do diagnóstico da qualidade de vida

Ao longo da execução deste diagnóstico, alguns indicadores foram complementados para que se tornassem mais completos e outros tiveram sua nomenclatura ajustada para que estas ficassem adequadas à informação de fato obtida. Foram ainda incluídos novos indicadores que abordam temas relevantes para o contexto atual Kayapó e para a avaliação dos impactos do Fundo Kayapó.

Na tabela abaixo (Tabela 101) encontram-se todos os indicadores inseridos e a justificativa para sua inclusão, assim como os indicadores complementados ou com nomenclatura modificada.

Tabela 101. Indicadores inseridos e modificados no diagnóstico da qualidade de vida e gestão das Terras Indígenas Kayapó e as respectivas justificativas para sua inclusão/modificação.

Tema	Indicador	Justificativa
Demografia	Número de aldeias por Terra Indígena**	Adequação da nomenclatura
	Número de habitantes por aldeia e por Terra indígena**	Adequação da nomenclatura
	Taxa de crescimento populacional por Terra Indígena*	Complementação dos demais indicadores do tema
Saúde	Qualidade da estrutura física do posto de saúde*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Número de pajés na aldeia**	Mudança do tema cultura para o tema saúde
	Procedência da água para consumo**	Adequação da nomenclatura
	Tipo de tratamento de esgoto**	Adequação da nomenclatura
	Contaminação da água do rio por <i>Escherichia coli</i> *	Complementação dos demais indicadores do tema
	Contaminação da água do rio por mercúrio**	Adequação da nomenclatura
	Número de partos ocorridos na cidade*	Informação relevante diante do aumento observado de partos fora das aldeias
	Taxa de mortalidade de recém-nascidos**	Informação relevante diante do aumento observado de partos fora das aldeias
	Taxa de mortalidade infanto-juvenil*	Indicador alterado para ser comparável a indicador da OMS
	Existência de projetos de saúde em parceria com outras organizações*	Complementação dos demais indicadores do tema
Educação	Oferta de EJA na aldeia*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Número de alunos matriculados na escola**	Adequação da nomenclatura
	Gênero dos alunos matriculados na escola*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Valorização da cultura Kayapó no contexto escolar*	Informação relevante diante do distanciamento dos jovens das tradições Kayapó observado
	Existência de Projeto Político Pedagógico (PPP) na escola*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Protagonismo dos professores indígenas na escola*	Complementação dos demais indicadores do tema

	Existência de formação para os professores Kayapó**	Adequação da nomenclatura
	Qualidade da Infraestrutura escolar*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Qualidade da Alimentação escolar*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Existência de projetos de educação na aldeia em parceria com outras organizações*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Número de alunos atendidos na cidade*	Informação relevante diante do aumento observado de crianças estudando na cidade
	Acesso de alunos indígenas à universidade*	Complementação dos demais indicadores do tema
Cultura e língua	Realização de festas tradicionais na aldeia nos últimos dois anos**	Adequação da nomenclatura
	Capacidade para o registro áudio-visual da cultura*	Complementação dos demais indicadores do tema
Subsistência e segurança alimentar	Consumo de alimentos produzidos nas roças **	Adequação da nomenclatura
	Consumo de produtos extrativistas coletados na floresta /cerrado na aldeia**	Adequação da nomenclatura
	Importância dos produtos vindos da cidade para o consumo na aldeia em comparação com alimentos produzidos nas roças e extrativistas**	Adequação da nomenclatura
	Consumo de carne de caça na aldeia**	Adequação da nomenclatura
	Consumo de pescado na aldeia**	Adequação da nomenclatura
	Importância da criação de animais para o consumo na aldeia em comparação com a caça e o pescado*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Importância das carnes vindas da cidade para o consumo na aldeia em comparação com a caça e o pescado**	Adequação da nomenclatura
Renda**	Existência de atividades ilícitas que geram renda na aldeia*	Informação relevante diante do aumento observado de atividades ilegais na região

	Número e renda de indígenas assalariados na aldeia**	Adequação da nomenclatura
Infraestrutura - Energia, acesso e comunicação**	Existência e tipo de fontes alternativas de energia na aldeia*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Tipos de meios de comunicação utilizados na aldeia*	Complementação dos demais indicadores do tema
Integridade territorial	Grau de ameaça aos entornos das TIs*	Informação relevante diante do aumento observado de atividades ilegais na região
	Grau de ameaças à integridade das TIs*	Informação relevante diante do aumento observado de atividades ilegais na região
	Infraestrutura voltada ao monitoramento das TIs**	Adequação da nomenclatura
	Periodicidade do monitoramento das TIs pelas Associações*	Informação relevante diante do aumento observado de atividades ilegais na região
	Articulação entre diferentes atores para o monitoramento das TIs**	Adequação da nomenclatura
	Envolvimento dos Kayapó no monitoramento de seus territórios*	Informação relevante diante do aumento observado de atividades ilegais na região
	Circulação e apropriação do território pelos Kayapó*	Informação relevante diante do aumento observado de atividades ilegais na região
	Articulação entre diferentes atores para a fiscalização das TIs **	Adequação da nomenclatura
	Existência e Periodicidade das operações da PF/IBAMA para coibir atividades ilegais dentro da TI**	Adequação da nomenclatura
PGTA*	Elaboração do PGTA*	Informação relevante diante da importância dos PGTAs como ferramenta de implementação da PNGATI
Atendimento aos Kayapó*	Papel dos órgãos e organizações que prestam atendimento aos Kayapó*	Informação relevante diante do atual contexto de enfraquecimento da FUNAI
	Número de associações Kayapó existentes*	Informação relevante diante do aumento de aldeias envolvidas com atividades ilegais e da formação de novas associações para representá-las
Fortalecimento institucional das Associações apoiadas pelo Fundo Kayapó**	Representatividade das associações Kayapó existentes*	Complementação dos demais indicadores do tema
	Quantidade de recursos geridos anualmente nos últimos cinco anos por cada associação**	Adequação da nomenclatura
	Número de projetos aprovados	Adequação da nomenclatura

	anualmente nos últimos cinco anos por cada associação**	
	Número de funcionários indígenas*	Informação relevante para avaliação do grau de apropriação das associações pelos indígenas
	Apropriação da associação pelos indígenas*	Informação relevante para avaliação do grau de apropriação das associações pelos indígenas
	Existência de iniciativas para formação de jovens lideranças*	Informação relevante diante do atual contexto político e da necessidade de fortalecimento dos povos indígenas
	Grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político*	Informação relevante diante do atual contexto político e da necessidade de fortalecimento dos povos indígenas
	Articulação dos Kayapó com o movimento indígena nacional*	Informação relevante diante do atual contexto político e da necessidade de fortalecimento dos povos indígenas

5.2. Indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia

De forma geral, com exceção dos indicadores de desmatamento e sobre o próprio Fundo Kayapó, os indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia precisam ser aprimorados para fornecerem informações mais consistentes e precisas.

O indicador de desmatamento utilizado pelo plano de monitoramento consiste de dados secundários obtidos por meio do PRODES-INPE (Projeto de Monitoramento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite), que utiliza uma metodologia de processamento de dados em sistemas de informações geográficas que permitem monitorar a alteração da cobertura florestal da Amazônia desde 1988. Considerando se tratar de uma metodologia reconhecida pela comunidade científica, que fornece dados confiáveis e objetivos, é possível realizar uma mensuração fiel dos índices de desmatamento da região, sendo uma boa referência como fonte de dados.

Os indicadores para atividades produtivas são compostos de dados primários obtidos junto às associações indígenas sobre volumes de produção, receitas obtidas com a produção e número de indígenas capacitados em atividades produtivas. Tanto o volume de produção como a receita obtida variam de produto para produto, de forma que estas variáveis, quando avaliadas de forma agregada para todos os produtos, não permitem avaliar de forma realista a evolução deste

indicador. Uma variável importante que complementaria o volume e a renda obtida é a diversidade de produtos.

Ressalta-se que as associações relataram que a melhor forma de obter os dados de volume e receita para os produtos extrativistas seria por safra e não por volume anual, considerando aspectos específicos da produção de castanha, cumaru e pequi, por exemplo. Também seria importante incluir “prestação de serviços” como uma das categorias de atividades produtivas, como por exemplo o etnoturismo, cursos e pesquisa, já que estas iniciativas têm gerado uma renda considerável para algumas comunidades.

Os indicadores “número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis” e os “que efetivamente estão utilizando os conhecimentos adquiridos” não são objetivos e não permitem uma análise confiável. Com ausência de um parâmetro para avaliar se o indígena está efetivamente utilizando os conhecimentos, o indicador se torna subjetivo. E também não há um parâmetro mínimo para considerar um indígena capacitado, como número de horas, entre outras. Dessa forma, sugere-se reavaliar esse indicador pela sua falta de confiabilidade.

Os indicadores de gestão territorial são os que necessitam maior aprimoramento. A gestão ambiental é uma ciência ampla e que envolve ações variadas e distintas, desde a gestão de resíduos sólidos, gestão e tratamento de efluentes, abastecimento de água potável, sistemas de informações geográficas até mesmo gestão dos recursos naturais disponíveis. Houve muita dúvida por parte das associações sobre que tipo de ação seria incluída no indicador “número de ações de gestão ambiental implantadas”. Desta forma, não foi possível saber qual tipo de ação foi considerada como “ação de gestão ambiental” pelas associações sem a definição prévia desses parâmetros.

Com relação à “extensão dos limites monitorados” e “área sob proteção e vigilância comunitária”, é preciso esclarecer se estes indicadores são simplesmente a área total e os limites sob responsabilidade de cada organização ou a área efetivamente monitorada e sob proteção. Houve dúvida tanto por parte da equipe do ISA quanto por parte das associações.

Da mesma forma que no item anterior, o “número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental” e os “que efetivamente estão utilizando os conhecimentos adquiridos” não são objetivos e não permitem uma análise confiável. Com ausência de um parâmetro para avaliar se o indígena está efetivamente utilizando os conhecimentos o critério se torna subjetivo. E também não há um parâmetro mínimo para considerar um indígena capacitado, como número de horas, entre outros.

Ainda, quanto ao indicador “número de ocorrências de invasão territorial” sugere-se atrelar esse indicador aos dados secundários que podem ser obtidos junto às autoridades competentes para a tarefa de monitoramento das Terras Indígenas, seja FUNAI, Polícia Federal e/ou IBAMA. A tabela abaixo (102) apresenta comentários e/ou sugestões de melhorias para cada um dos indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES/Fundo Amazônia.

Tabela 102. Avaliação dos indicadores do Plano de Monitoramento do BNDES e sugestões para sua melhoria.

Tema	Indicador	Avaliação / Sugestões
Atividades Produtivas	Volume de produto in natura (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Sugestão: volume por safra
	Volume de produto beneficiado (toneladas ou outra unidade de medida) discriminado por produto	Sugestão: volume por safra
	Número de Iniciativas de geração de renda baseadas na prestação de serviços	Sugestão: inclusão, já que não estava inclusa na planilha original.
	Receita obtida com a comercialização de produtos in natura discriminada por produto	Sugestão: receita por safra para produtos extrativistas
	Receita obtida com a comercialização de produtos beneficiados discriminada por produto	Sugestão: receita por safra para produtos extrativistas
	Receita obtida com a comercialização de serviços	Sugestão: inclusão, já que não estava inclusa na planilha original.
	Diversidade de iniciativas de geração de renda (número de iniciativas de produtos diferentes)	Sugestão: inclusão
	Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis	Não há parâmetro para considerar um indígena capacitado. Sugestão: definir carga horária mínima ou participação em curso como parâmetro de capacitação.
	Número de indígenas capacitados em atividades produtivas sustentáveis efetivamente utilizando os conhecimentos	Não há parâmetro para avaliar se o indígena está efetivamente utilizando os conhecimentos. O critério se torna

	adquiridos	subjetivo para o fornecedor dos dados. Sugestão: definir parâmetros.
Gestão e monitoramento territorial	Número de ações de gestão ambiental implantadas	Gestão ambiental é uma ciência ampla e que envolve ações variadas e muito distintas. Não é possível saber qual tipo de ação foi considerada como ação de gestão ambiental. Sugestão: definir parâmetros e/ou ser mais objetivo na definição da ação.
	Extensão (perímetro) dos limites das terras Kayapó monitorados (km)	Definir se são os limites sob responsabilidade da organização ou os limites efetivamente monitorados. Caso seja a última opção, definir parâmetros para avaliar a localização e extensão dos limites monitorados.
	Área das terras Kayapó sob proteção e vigilância comunitária (ha)	Definir se é a área total sob responsabilidade da organização ou a área efetivamente monitorada. Caso seja a última opção, definir parâmetros para determinar qual área estaria, ou não, sob proteção e vigilância comunitária. Sugestão: definir um raio de abrangência para vigilância a partir de aldeias, estradas e rotas de monitoramento.
	Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental	Não há parâmetro para considerar um indígena capacitado. Sugestão: definir carga horária mínima como parâmetro de capacitação.
	Número de indígenas capacitados em atividades relacionadas ao monitoramento territorial e/ou gestão ambiental efetivamente utilizando os conhecimentos adquiridos	Não há parâmetro para avaliar se o indígena está efetivamente utilizando os conhecimentos. O critério se torna subjetivo para o fornecedor dos dados. Sugestão: definir parâmetros
	Número de expedições de monitoramento realizadas	Não há parâmetros para indicar a abrangência de uma expedição. Sugestão: definir parâmetros que indiquem a duração e/ou extensão percorrida/monitorada.

	Número de ocorrências de invasão territorial	Não há fonte de dados confiável. Sugestão: atrelar esse indicador aos dados secundários que podem ser obtidos junto às autoridades competentes (FUNAI, IBAMA, Polícia Federal)
--	--	---

5.3. Sugestões gerais para melhoria dos indicadores e do diagnóstico

Para que os indicadores possam ser de fato comparáveis ao longo dos anos, permitindo uma análise mais precisa da evolução dos mesmos, seria ideal que todos os indicadores utilizados neste estudo, assim como os indicadores do BNDES, fossem detalhados em termos de variáveis utilizadas, recorte espacial e temporal, fontes de informação e métricas utilizadas para o cálculo de cada um. Isso guiaria e facilitaria o trabalho de reavaliação dos indicadores daqui a cinco anos.

O prazo de três meses foi extremamente curto para realizar um trabalho tão detalhado e extenso, especialmente considerando que, em comparação com o primeiro diagnóstico, este contou com: (a) mais indicadores, já que foram incluídos os indicadores do plano de monitoramento do BNDES; (b) mais aldeias, cujo número aumentou de 46 para 74; (c) a análise da evolução de cada indicador em comparação com os dados de 2013; (d) a avaliação e inclusão / exclusão de indicadores; e (e) a avaliação da efetividade do Fundo Kayapó.

Considerando que o conjunto de indicadores utilizados atualmente neste estudo possui dois objetivos principais: (1) avaliar a situação da qualidade de vida e a gestão e integridade territorial das TIs Kayapó e (2) avaliar os impactos do Fundo Kayapó; uma opção para “enxugar” a quantidade de informações e, portanto, facilitar execução deste estudo daqui a cinco anos seria focar apenas nos indicadores ou temas relevantes para avaliar os impactos do Fundo Kayapó, ou seja, naqueles potencialmente impactados por ele. No entanto, optando por este caminho perderíamos a oportunidade de ter um panorama geral dos territórios Kayapó, que além de ser extremamente útil para todos os atores que atuam junto a este povo, nos permite avaliar lacunas e oportunidades de financiamento e ações. Desta forma, a segunda opção seria estender o prazo de realização deste estudo para ao menos seis meses.

6. CONCLUSÕES

Se por um lado alguns aspectos da qualidade de vida dos Kayapó melhoraram nos últimos anos, como por exemplo o aumento das atividades de geração de renda e acesso a benefícios sociais e o fortalecimento e apoio por parte das associações às comunidades; outros aspectos pioraram e representam uma ameaça aos territórios, à cultura e aos modos de vida dos Kayapó. O aumento no número de pequenas aldeias, em contraposição às antigas aldeias grandes e populosas, apesar de resultar na ampliação da ocupação do território pelos Kayapó, tem impactos tanto na unidade política dos Kayapó como em sua cultura (por exemplo, aldeias menores fazem menos festas). A localização das novas aldeias, em grande parte nas proximidades dos limites das TIs, juntamente com o grande aumento da movimentação de famílias Kayapó para as cidades em decorrência de tratamentos médicos e em busca de educação para as crianças, maior acesso a benefícios sociais e trabalho, têm tido importantes impactos socioculturais para o povo Kayapó. O crescente desinteresse dos jovens pela cultura tradicional Kayapó e pelas atividades de subsistência como consequência do aumento do contato com tecnologias e por frequentarem escolas na cidade representam uma potencial ruptura com as tradições Kayapó nas próximas gerações. O afastamento das famílias das aldeias gera uma dependência por bens e alimentos comprados na cidade, aumentando a demanda por fontes de renda e diminuindo o vínculo dos indígenas com a terra, o que representa uma grande ameaça à sua soberania alimentar. O crescente consumo de alimentos industrializados tem aumentado os casos de hipertensão, diabetes e obesidade. O maior contato dos Kayapó com a população das cidades do entorno das TIs, cuja economia gira em grande parte em torno de atividades predatórias, somada à crescente demanda por renda, aumenta enormemente sua vulnerabilidade ao envolvimento com atividades ilegais. Nos últimos anos houve um enorme aumento de aldeias envolvidas com atividades ilícitas, em especial o garimpo. Diante do atual cenário político, em que as políticas anti-indígenas se somam ao enfraquecimento dos órgãos de proteção ambiental do Estado, as ameaças aos territórios e modo de vida dos Kayapó certamente tendem a se agravar. Neste complexo contexto, o papel das associações Kayapó Associação Floresta Protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni tem sido e será fundamental para um melhor entendimento e interlocução dos Kayapó com a sociedade envolvente, para a prevenção e/ou mitigação dos impactos das atividades ilegais em seus territórios, para a manutenção de sua unidade, sua cultura e seus modos de vida e para a promoção de sua autonomia e seu fortalecimento político. O Fundo Kayapó tem apoiado o fortalecimento das associações Kayapó e o desenvolvimento de iniciativas voltadas a geração de renda de forma sustentável, gestão, proteção e monitoramento territorial e fortalecimento político dos Kayapó. Apesar dos recursos do Fundo Kayapó representarem apenas uma pequena parte dos recursos geridos pelas Associações Kayapó, sua atuação é estratégica pelo seu caráter

contínuo, por apoiar projetos estruturantes e principalmente pelo seu apoio ao fortalecimento institucional das associações, as quais potencializam o alcance dos recursos investidos.



Componente 2

Integridade física das Terras Indígenas do povo Kayapó

SUMÁRIO

1. OBJETIVOS	297
2. MÉTODOS	298
2.1 Compilação de dados do histórico de desmatamento e queimadas	298
2.2 Mapeamento de perturbações antrópicas	299
2.2.1 Estradas	301
2.2.2 Garimpos	302
2.2.3 Extração seletiva de madeira	303
2.2.4 Pistas de pouso	303
2.2.5 Cicatrizes de queimada	304
2.3 Compilação e atualização da base cartográfica	305
3. RESULTADOS	308
3.1 Avaliação do histórico de desmatamento e queimadas	308
3.1.1 TI Badjonkôre	310
3.1.2 TI Baú	312
3.1.3 TI Capoto/Jarina	314
3.1.4 TI Kayapó	316
3.1.5 TI Menkragnoti	318
3.1.6 TI Las Casas	320
3.1.7 Síntese comparativa entre as TIs Kayapó	322
3.2 Resultados da análise detalhada de perturbações antrópicas	326
3.2.1 Estradas	326
3.2.2 Garimpos	330
3.2.3 Extração de madeira	333
3.2.4 Pistas de pouso	333
3.2.5 Cicatrizes de queimadas	334
3.3 Análise específica da situação de integridade territorial das Terras Indígenas Kayapó	338
3.3.1 TI Baú	338
3.3.2 TI Capoto/Jarina	330
3.3.3 TI Badjonkôre	340
3.3.4 TI Las Casas	340
	291

3.3.5	TI Menkragnoti	341
3.3.6	TI Kayapó	342
3.4	Descrição e histórico dos empreendimentos que potencialmente afetam as Tis Kayapó	344
3.4.1	Rodovia BR-163 (Santarém-Cuiabá)	345
3.4.2	Ferrovias EF-170 (Ferrogrão)	346
3.4.3	Mineração Coringa	348
3.4.4	Mineração Onça Puma	349
3.4.5	Rodovia MT-322	349
4.	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	351
5.	PRODUTOS	353
5.1	Base de dados geográfica	353
5.2	Mapas	355

Índice de tabelas

Tabela 1. Área das TIs Kayapó e suas respectivas faixas de entorno (10 km)	298
Tabela 2. Estrutura de dados disponível em formato geodatabase	306
Tabela 3. Desmatamento acumulado nas áreas das TIs Kayapó	308
Tabela 4. Área de Desmatamento em cada uma das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km ²)	322
Tabela 5. Área de Desmatamento, no entorno de cada uma das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km ²)	323
Tabela 6. Quantidade de focos, dentro de cada uma das TIs Kayapós, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017.	324
Tabela 7. Quantidade de focos, no entorno de cada uma das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km ²)	325
Tabela 8. Evolução do comprimento (em km) das estradas construídas no território Kayapó entre 2011 e 2017	326
Tabela 9. Evolução do comprimento (em km.) das estradas construídas no território Kayapó entre 2011 e 2017, por função	327
Tabela 10. Evolução do comprimento (em km.) das estradas construídas no território Kayapó (incluindo o período anterior a 2011), por situação em 2017.	328
Tabela 11. Distribuição das estradas construídas no território Kayapó entre 2011 e 2017, por função. Os números expressam o comprimento total em quilômetros.	329
Tabela 12. Evolução do número de áreas afetadas por garimpo em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017.	331
Tabela 13. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por exploração garimpeira em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017.	331
Tabela 14. Situação e função das pistas de pouso ativas detectadas no bloco Kayapó	334
Tabela 15. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por queimadas em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017	334
Tabela 16. Terras Indígenas impactadas por cada empreendimento	345

Índice de gráficos

Gráfico 1. Desmatamento anual na TI Badjonkôre, entre os anos de 2002 e 2017	310
Gráfico 2. Desmatamento anual no entorno da TI Badjonkôre, entre os anos de 2002 e 2017	310
Gráfico 3. Focos de queimada na TI Badjonkôre, entre 2002 e 2017	311
Gráfico 4. Focos de queimada no entorno da TI Badjonkôre, entre 2002 e 2017	311
Gráfico 5. Desmatamento anual na TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017	312
Gráfico 6. Desmatamento anual no entorno da TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017	312
Gráfico 7. Focos de queimada na TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017	313
Gráfico 8. Focos de queimada no entorno da TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017	313
Gráfico 9. Desmatamento anual na TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017	314
Gráfico 10. Desmatamento no entorno da TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017	314
Gráfico 11. Focos de queimada na TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017	315
Gráfico 12. Focos de queimada no entorno da TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017	315
Gráfico 13. Desmatamento anual na TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017	316
Gráfico 14. Desmatamento anual no entorno da TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017	316
Gráfico 15. Focos de queimada na TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017	317
Gráfico 16. Focos de queimada no entorno da TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017	317
Gráfico 17. Desmatamento anual na TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017	318
Gráfico 18. Desmatamento anual no entorno da TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017	318
Gráfico 19. Focos de queimada na TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017	319
Gráfico 20. Focos de queimada no entorno da TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017	319
Gráfico 21. Desmatamento anual na TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017	320
Gráfico 22. Desmatamento anual no entorno da TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017	320
Gráfico 23. Focos de queimada na TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017	321
Gráfico 24. Focos de queimada no entorno da TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017	321
Gráfico 25. Desmatamento anual nas TIs, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017	322
Gráfico 26. Desmatamento anual no entorno das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km ²)	323
Gráfico 27. Focos de queimadas nas TIs, TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017.	324
Gráfico 28. Focos de queimada no entorno das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017	325
Gráfico 29. Evolução do comprimento (em Km) das estradas construídas entre 2011 e 2017, pelas TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti	327

Gráfico 30. Função das estradas detectadas no território Kayapó (2011-2017)	328
Gráfico 31. Distribuição de estradas por função nas TIs, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti	329
Gráfico 32. Situação em 2017 das estradas abertas no território Kayapó (por função)	330
Gráfico 33. Evolução do preço da grama de ouro (em Reais Brasileiros) no mercado internacional, nos últimos 10 anos. Observar a tendência crescente praticamente continua em todo o período. Obtido de https://goldprice.org/pt/gold-price-history.html	331
Gráfico 34. Evolução de número de áreas afetadas por garimpo no período 2011-2017	332
Gráfico 35. Evolução de superfície total afetada por garimpo no período 2011-2017	333
Gráfico 36. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por queimadas em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017	335
Gráfico 37. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por queimadas na TI Las Casas entre 2011 e 2017	336
Gráfico 38. Série histórica de precipitações nas TIs estudadas, comparada com a incidência de focos de calor no período 2001-2017. Fonte precipitações: CHIRPS. Elaboração própria.	337

Índice de figuras

- Figura 1.** Exemplo de visualização de estradas endógenas no interior das TIs Kayapó. Imagem utilizada: Sentinel-2, resolução 10 metros. Observar que a imagem consegue individualizar árvores emergentes sobre o dossel florestal. 301
- Figura 2.** Caracterização de áreas de garimpo sobre imagens de satélite. As imagens são composições Landsat 8-OLI 654 sobre a região do garimpo Santilli, TI Kayapó. À esquerda, imagem de 2015. À direita, 2017. Observar o rápido crescimento das frentes de mineração no intervalo mostrado. 302
- Figura 3.** Extração seletiva de madeira na TI Kayapó. Esquerda: imagem NDFI de 2015. Direita: imagem NDFI de 2017, evidenciando sinais de extração ilegal de madeira (centro da imagem). 303
- Figura 4.** Reativação de pista de pouso para exploração mineral. TI Menkragnoti. Esquerda: imagem Landsat 2015, a pista é apenas visível. Direita: imagem Landsat 2017. A pista, reativada, aparece nitidamente. 304
- Figura 5.** Detecção de áreas severamente afetadas por queimadas. TI Capoto/Jarina. Esquerda: imagem Landsat 8-OLI, composição 654. Centro: índice BAI. Direita: máscara elaborada com os valores de BAI maiores de 100. 305
- Figura 6.** Evolução das áreas severamente afetadas por queimadas entre 2011 e 2017. Observar como em 2017 (último quadro a direita), as áreas queimadas diferem das anteriormente afetadas. 341
- Figura 7.** Áreas prioritárias para monitoramento e controle na TI Kayapó. Os círculos vermelhos denotam as pistas de garimpo ativas em 2017. As manchas vermelhas indicam o impacto de garimpos abertos em 2017. 343
- Figura 8.** Situação dos principais empreendimentos com impacto significativo sobre o bloco de Terras Indígenas Kayapó. Fonte: observatório Xingu (<https://www.xingumais.org.br>). 344
- Figura 9.** Estrutura dos geodatabases 353

1. OBJETIVOS

Realizar um diagnóstico da integridade territorial das Terras Indígenas da etnia Kayapó - Badjonkore, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti - nos últimos cinco anos, incluindo:

- Avaliação do histórico de desmatamento e queimadas nas TIs Kayapó e seus entornos;
- Mapeamento detalhado de perturbações antrópicas nas TIs Kayapó, a saber: estradas, garimpos, extração seletiva de madeira, pistas de pouso e cicatrizes de queimadas;
- Análise da situação específica de integridade territorial de cada uma das TIs Kayapó;
- Descrição dos empreendimentos que potencialmente afetam as TIs Kayapó;
- Compilação e atualização de base cartográfica sobre a região na qual as TIs Kayapó estão inseridas.

2. MÉTODOS

2.1 Compilação de dados do histórico de desmatamento e queimadas

Foram analisados os dados de desmatamento disponibilizados publicamente pelo Projeto Prodes (INPE) dentro de TI e em uma faixa de 10 km no entorno das mesmas no período de 2013 a 2017. A área das TIs e das suas respectivas faixas de entorno são apresentadas na Tabela 1. A compilação e análise do histórico de focos de queimada dentro e no entorno de cada TI no mesmo período foi realizada utilizando a série temporal de dados do satélite de referência AQUA-MT, disponibilizados publicamente pelo INPE. As análises espaciais e mapas foram realizadas no programa ArcGis Desktop 10.6.

Visando a análise comparativa, os dados anteriores de 2002 a 2012 foram integrados a este documento de forma a permitir o acompanhamento desta evolução em cada uma das TIs. Nesta atualização, entretanto, houve mudanças nos parâmetros e na metodologia aplicadas para compor esse cenário evolutivo: entre 2002 e 2012 os satélites de referência utilizados nas análises de queimadas foram o NOAA 12 e o AQUA UMD-T, para este diagnóstico (2013 – 2017) utilizamos o AQUA-MT; para o desmatamento, consideramos a nova metodologia implantada pelo INPE¹, sendo utilizado o último dado vetorial disponível (maio de 2018).

Tabela 1. Área das TIs Kayapó e suas respectivas faixas de entorno (10 km)

Terra Indígena	Área (km ²)*	Área da faixa de entorno (km ²)*
Baú	15.477	6.352
Capoto/Jarina	6.370	4.146
Kayapó	32.990	8.855
Menkragnoti	49.492	11.602
Badjonkôre	2.238	2.568
Las Casas	214	1.144

*Calculada através de análise espacial a partir de arquivo vetorial em escala 1:100.000. Fonte: ISA, 2018.

¹ Em 2015, o INPE promoveu o ajuste de toda máscara vetorial do PRODES, tomando-se como base de referência as imagens ortorretificadas do Landsat 8 do ano de 2013.

2.2 Mapeamento de perturbações antrópicas

Depois da análise dos dados de desmatamento e focos de calor disponibilizados pelo INPE, realizamos uma análise detalhada de todas as feições presentes sobre imagens de satélite que pudessem indicar algum tipo de perturbação antrópica. O objetivo desta atividade foi a caracterização precisa de quais são os vetores de pressão mais importantes sobre o território e qual foi a sua evolução desde 2011 até 2017.

O mapeamento foi realizado por interpretação visual de imagens de satélite disponibilizadas pelo USGS (Serviço Geológico dos Estados Unidos) e pela ESA (Agência Espacial Europeia). As imagens foram processadas para poder aumentar o poder resolutivo das mesmas. Outras referências compiladas anteriormente, como os dados do sistema PRODES (desmatamento em floresta) e BDQueimadas (focos de calor) foram utilizadas como dado de apoio.

Foram mapeadas as seguintes feições indicadoras de perturbação: áreas onde a extração de madeira foi evidenciada, áreas de garimpo ativo, estradas (determinando a sua função e grau de atividade), pistas de pouso (determinando também a sua função e grau de atividade) e cicatrizes de queimadas.

O insumo principal para os trabalhos de mapeamento de detalhe foram imagens 'Surface Reflectance' pertencentes ao Tier 1 da Collection 1 do arquivo histórico Landsat. Essas imagens são inter-correladas e com correção atmosférica de alta qualidade, o que permite uma efetiva comparação entre imagens de diferentes anos. Mais informação pode ser encontrada em: <https://landsat.usgs.gov/landsat-collections>. Outras imagens foram utilizadas ocasionalmente para calibrar ou elucidar alguns aspetos da paisagem. São elas:

- Imagens Sentinel-2: disponíveis na região a partir de 2016. Oferecem uma resolução excelente (10 metros) nas bandas visíveis e infravermelho próximo.

- Imagens Worldview e SPOT: usadas a partir da camada 'Satellite' da Google, disponível no aplicativo QGIS a través do plugin 'OpenLayers'. Apesar de terem uma excelente resolução, as imagens não possuem uma data certa, o que prejudica a análise temporal das perturbações.

As imagens Landsat foram processadas na plataforma Google Earth Engine gerando mosaicos contínuos sem nuvens, selecionando de cada ano e local o melhor pixel do conjunto de imagens disponíveis para esse ano².

² A metodologia para o cálculo do mosaico otimizado é similar à descrita em Kennedy, R.E., Yang, Z., Gorelick, N., Braaten, J., Cavalcante, L., Cohen, W.B., Healey, S. (2018). Implementation of the LandTrendr Algorithm on Google Earth Engine. *Remote Sensing*. 10, 691.

A partir das imagens NDFI geradas para cada mosaico³ e das composições coloridas das cenas dos sensores orbitais Landsat-5/TM e Landsat-8/OLI, com resolução de 30 metros, foram identificadas as feições relevantes (queimadas, garimpos, estradas, pistas de pouso e áreas de extração seletiva de madeira).

A metodologia específica usada para detectar cada uma das feições mencionadas será detalhada abaixo.

³ NDFI: Índice de Vegetação pela Diferença Normalizada. Para mais informações consultar: Souza, C.; Roberts, D. & Cochrane, M. Combining spectral and spatial information to map canopy damage from selective logging and forest fires. *Remote Sensing of Environment*, Elsevier, 2005, 98, 329-343; Souza Júnior, C. Avanços do sensoriamento remoto para o monitoramento da exploração madeireira na Amazônia. *Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*, 13 (SBSR), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), 2007, 6987-6994

2.2.1 Estradas

As estradas identificadas nas imagens são vias de ligação entre áreas agrícolas, aldeias, ramais de exploração florestal manejada ou ilegal e, eventualmente, garimpos, com estradas principais e rodovias. São representadas por feições lineares identificáveis nas imagens NDFI ou nas imagens orbitais graças às características de continuidade e conectividade (Figura 1). Enquanto as estradas em áreas agrícolas e pastagens são retilíneas por separarem os talhões, assim como em explorações madeireiras legalizadas e frentes de sondagem, nas explorações de ilegais de madeira e garimpo, as estradas correspondem a feições sinuosas, às vezes próximas de drenagens e com conexão em apenas uma de suas extremidades.

Devido à importância das estradas na caracterização do tipo de atividade associada a uma determinada degradação, todas as estradas detectadas no interior dos territórios indígenas foram classificadas em função do seu propósito, seja ele extração de madeira, garimpo, pesca irregular, grilagem de terras ou ligação de aldeia com o exterior da TI. Adicionalmente, foi avaliada a situação da estrada em termos de conservação, para determinar se ela permanece ativa ou foi desativada.



Figura 1. Exemplo de visualização de estradas endógenas no interior das TIs Kayapó. Imagem utilizada: Sentinel-2, resolução 10 metros. Observar que a imagem consegue individualizar árvores emergentes sobre o dossel florestal.

2.2.2 Garimpos

Esta categoria corresponde à intensa alteração da superfície terrestre identificável por sinais como lagos de rejeitos, pistas de pouso, clareiras e marcas de escavação e movimento de terra em barrancos e bancos de areias em planícies fluviais relacionados ao assoreamento das drenagens existentes. Diferente de atividades minerárias licenciadas, as áreas de garimpo não possuem grandes e geométricas cavas de exploração, mas sim feições irregulares próprias da menor tecnologia de exploração disponível (Figura 2).

Adicionalmente à vetorização, cada polígono desenhado foi caracterizado em termos de períodos de atividade, para assim poder reconstruir de forma muito precisa a evolução das frentes garimpeiras desde 2011 até 2017.

De longe, o garimpo é a atividade degradante mais frequente no território Kayapó. Ao longo do nosso trabalho foram detectados e caracterizados mais de 922 polígonos correspondentes a frentes de trabalho garimpeiro.

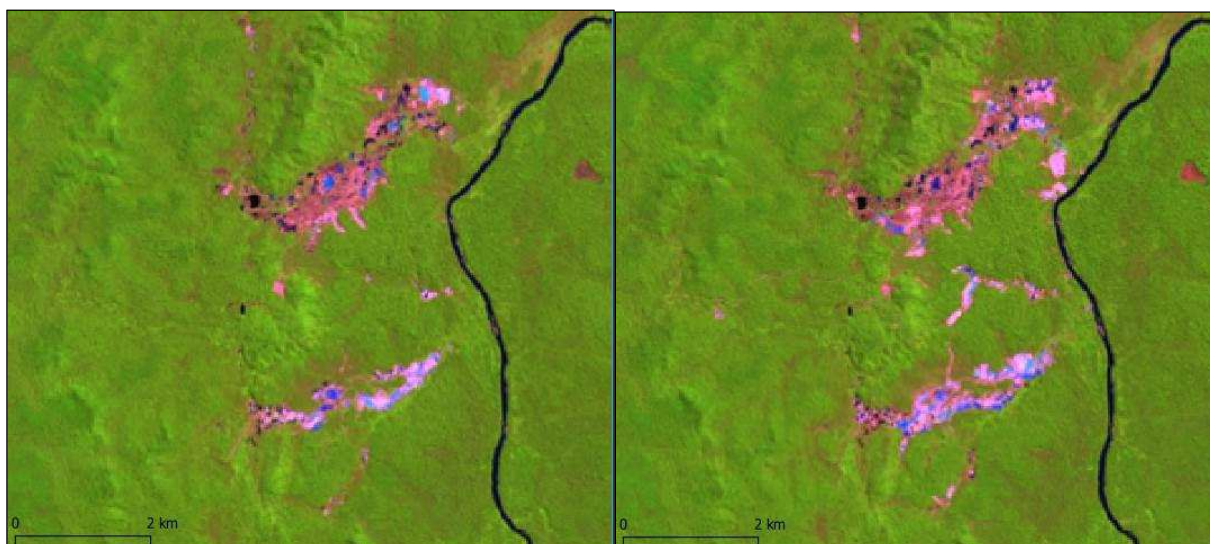


Figura 2. Caracterização de áreas de garimpo sobre imagens de satélite. As imagens são composições Landsat 8-OLI 654 sobre a região do garimpo Santilli, TI Kayapó. À esquerda, imagem de 2015. À direita, 2017. Observar o rápido crescimento das frentes de mineração no intervalo mostrado.

Os garimpos identificados neste trabalho estão apresentados no Mapa 9 (Desmatamento nas TIs Kayapós) e novamente no Mapa 11 (Mineração nas TIs Kayapó) combinado com os títulos minerários fornecidos digitalmente pelo DNPM (Departamento Nacional de produção Mineral) através do ambiente SIGMINE.

2.2.3 Extração seletiva de madeira

As áreas com extração seletiva de madeira são áreas ainda florestadas porém em processo de desmatamento, podendo estar associada a atividades de exploração florestal como exploração madeireira, queimadas e pequenas clareiras, desde que mantida sua estrutura arbórea ou que apresente sinais de regeneração. A delimitação destas áreas dá-se pela identificação visual de sinais como pátios de estocagem, ramais, clareiras e queimadas nas cenas NDFI geradas para cada ano avaliado (Figura 3).

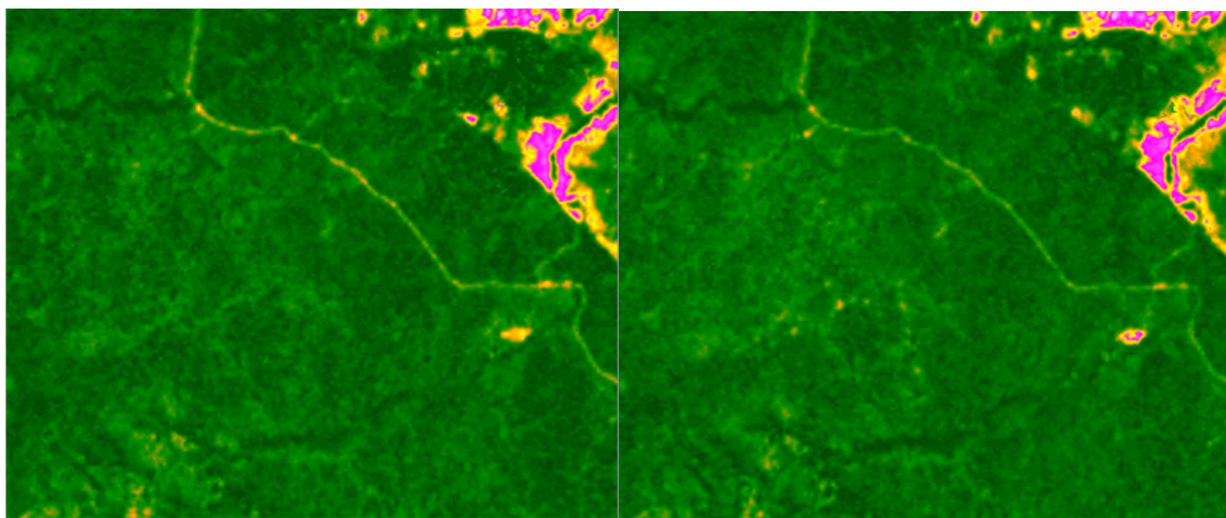


Figura 3. Extração seletiva de madeira na TI Kayapó. Esquerda: imagem NDFI de 2015. Direita: imagem NDFI de 2017, evidenciando sinais de extração ilegal de madeira (centro da imagem).

2.2.4 Pistas de pouso

Pistas de pouso correspondem a feições lineares na superfície terrestre com extensão aproximada entre 700 e 1500 metros, localizadas próximas a aldeias, garimpos, clareiras e pátios de estocagem de madeira, conectadas ou não a estradas não oficiais. As pistas estão representadas por pontos que correspondem aos pares de coordenadas centrais delas, e ainda são classificadas em ativas ou inativas: quando são identificadas gramíneas e arbustos característicos de regeneração florestal a pista é classificada como “inativa”; do contrário caso a pista esteja com solo exposto (terra batida) em evidência na imagem NDFI ou na imagem de satélite a pista é classificada como “ativa” (Figura 4). Se a estrada não mostrou sinais de atividade desde o início do período de estudo (2011), ela é classificada como ‘abandonada’.



Figura 4. Reativação de pista de pouso para exploração mineral. TI Menkragnoti. Esquerda: imagem Landsat 2015, a pista é apenas visível. Direita: imagem Landsat 2017. A pista, reativada, aparece nitidamente.

As pistas de pouso e estradas encontram-se no Mapa 10 (Infraestrutura nas TIs Kayapó).

2.2.5 Cicatrizes de queimada

Para diferenciar de forma efetiva as áreas queimadas das áreas afetadas por episódios de estresse hídrico, que apresentam características espectrais similares, foi utilizado o índice BAI (Burn Area Index)⁴. Outros índices utilizados comumente, como o NBR (Normalized Burn Ratio) ou o dNBR não foram efetivos, devido às particularidades das fitofisionomias presentes no território Kayapó (Figura 5).

O índice BAI é calculado, para cada imagem-mosaico, seguindo a fórmula a seguir:

$$BAI = \frac{1}{(0.1 - Red)^2 + (0.06 - NIR)^2}$$

Após processamento dos mosaicos para geração do índice BAI⁵, as máscaras de áreas queimadas foram editadas e vetorizadas de forma semi-automática no pacote ArcMap.

⁴ Chuvieco, E., M. Pilar Martin, and A. Palacios. "Assessment of Different Spectral Indices in the Red-Near-Infrared Spectral Domain for Burned Land Discrimination." *Remote Sensing of Environment* 112 (2002): 2381-2396.

⁵ O script utilizado pode ser encontrado em <https://code.earthengine.google.com/abaf25d32ffdda5c774cee0c4f3e8904>

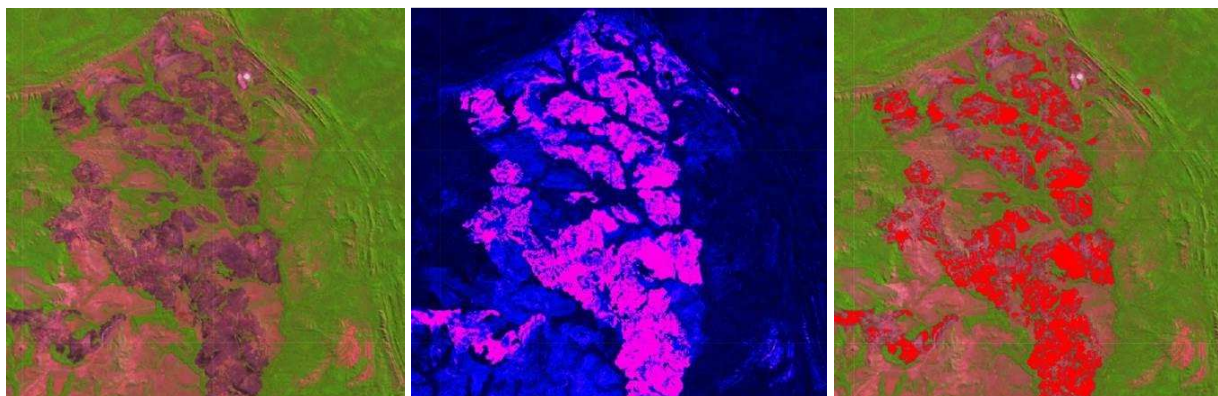


Figura 5. Detecção de áreas severamente afetadas por queimadas. TI Capoto/Jarina. Esquerda: imagem Landsat 8-OLI, composição 654. Centro: índice BAI. Direita: máscara elaborada com os valores de BAI maiores de 100.

2.3 Compilação e atualização da base cartográfica

As informações compiladas das bases cartográficas referem-se aos dados públicos de informações a assentamentos, interesses minerários, linhas de transmissão, publicamente, além de informações e que fazem parte dos bancos georreferenciados do ISA. Tais dados estão elencados na Tabela 2, a saber:

Tabela 2. Estrutura de dados disponível em formato geodatabase

File Geodatabase	DATASET	FeatureClass	Descrição	Fonte	
monitoramento	areaindigena	desmat_tisbuffer	Limites poligonais de desmatamento acumulado até 2017 no recorte das tis, e no seu entorno em uma faixa de 10km	PRODES, 2018	
		tis_buffer_10km	Limites de terras indígenas com uma faixa de entorno de 10km	ISA, 2018	
		densidade_focos	Quantidade de focos distribuídos por células de 25km ² (5x5km)	INPE/BDqueimadas, 2018	
		focos_2013_2017	Focos de calor no período de 2013 a 2017 (satélite de referência AQUA-MT)	INPE/BDqueimadas, 2018	
		tis_kayapo_buffer_10km	Area fora do entorno de 10 Km das TIs Kayapó (apoio para layout)	ISA, 2018	
		aldeias_pt_isa	Localização pontual das aldeias	Rede de Monitoramento Territorial do Xingu, 2018	
		AREAINDI_ISA_PL_100	Limites poligonais de terras indígenas compatíveis com a escala de 1:100.000	ISA, 2018	
		TI_badjokore_buffer_10km	Limite da TI Badjokôre com um buffer de 10km	ISA, 2018	
		TI_Bau_buffer_10km	Limite da TI Baú com um buffer de 10km	ISA, 2018	
		TI_CapotoJarina_buffer_10km	Limite da TI Capoto/Jarina com um buffer de 10km	ISA, 2018	
		TI_Kayapo_buffer_10km	Limite da TI Kayapó com um buffer de 10km	ISA, 2018	
		TI_LasCasas_buffer_10km	Limite da TI Las Casas com um buffer de 10km	ISA, 2018	
		TI_Menkrangoti_buffer_10km	Limite da TI Menkragnoti com um buffer de 10km	ISA, 2018	
		areacons_isa_pl_100	Limites poligonais de unidades de conservação Federal compatíveis com a escala de 1:100.000	ISA, 2018	
		consect_isa_pl_100	Limites poligonais de unidades de conservação estadual compatíveis com a escala de 1:100.000	ISA, 2018	
		outrasareas	oa_area_exercito_isa_pl_10000	Limites poligonais de áreas do exercício compatíveis com a escala de 1:1000.000	ISA, 2018
			hd_curso_dagua_sivam_lh_250	Representação linear dos rios, na escala de 1:250.000	Sipam/IBGE, 2004
hd_massa_dagua_sivam_pl_250	Representação de corpos d'água, na escala de 1:250.000		Sipam/IBGE, 2004		
base	Hidrografia				

Tematicos	Limite	LIM_Municipios_A	Limites dos municípios até o ano de 2013, na escala de 1:1250.000	IBGE,2015
		LIM_Pais_A	Limites Nacionais, na escala 1:1.250.000	IBGE, 2015
		LIM_Unidade_Federacao_A	Limites Estaduais, na escala 1:1.250.000	IBGE, 2015
		LOC_CidadeCapital_P	Localidades das sedes municipais, na escala de 1:1.250.000	IBGE, 2015
		recorte_area	Área da abrangência geográfica do projeto	ISA, 2018
		TRA_TrechoRodoviarioEstadual_2017	Representação linear das estradas estaduais	DNIT, 2017, SINFRA, 2017 e AGETO, 2017. Compilada por ISA, 2018
		TRA_TrechoRodoviarioEstadual_2017	Representação linear das estradas federais	DNIT, 2017. Compilada por ISA, 2018
		bases_pouso_p	Localização geográfica aproximada da pista de pouso, obtida sobre a interpretação de imagens para o ano de 2017	ISA, 2018
		CicatrizesQueimadas	Limites de áreas identificadas como cicatrizes de queimadas	ISA, 2018
		ExploracaoMadeiraira	Áreas florestadas com extração seletiva de madeira	ISA, 2018
desmatamento	estradas	estradas	Estradas obtidas sobre interpretação de imagens de satélite para o ano de 2017	ISA, 2018
		garimpo	Áreas de extração garimpeira obtidas sobre interpretação de imagens de satélites, anos 2011, 2013, 2015 e 2017	ISA, 2018
		desmat_tis_buffer	Limites poligonais de desmatamento obtido junto ao PRODES	PRODES, 2018
		PCH	Localização geográfica das Pequenas Centrais Hidrelétricas	Aneel,2018
		UHE	Localização geográfica das Usinas Hidrelétricas	Aneel,2018
		UTE	Localização geográfica das Usinas Termoelétricas	Aneel,2018
		ENC_LinhaTransmissao_ONS_2017	Linhas de transmissão de energia	Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS, 2017
		assentamentos	Limites poligonais de assentamentos rurais	INCRA, 2018
		InteressesMinerarios	Títulos de interesses minerários protocolados no DNPM até 06/ago/2018	DNPM, 2018
		energia	fundario	assentamentos
InteressesMinerarios	Títulos de interesses minerários protocolados no DNPM até 06/ago/2018			DNPM, 2018
InteressesMinerarios	Títulos de interesses minerários protocolados no DNPM até 06/ago/2018			DNPM, 2018

3. RESULTADOS

3.1 Avaliação do histórico de desmatamento e queimadas

De modo geral observa-se significativa variação no padrão temporal de desmatamento e focos de queimada entre TIs. É importante reforçar que os valores absolutos de área desmatada e número de focos de queimada continuam expressivamente maiores nas faixas de entorno do que dentro das TIs, se compararmos com o período de 2002 a 2012. Diante da magnitude relativamente pequena dos valores observados dentro das TIs, mantemos nossa posição: parte da variação observada no padrão temporal do desmatamento e queimadas entre as mesmas, assim como entre cada TI e sua faixa de entorno, é decorrente de eventos particulares e pontuais dentro das TIs, como a abertura de uma nova aldeia ou um incêndio florestal no entorno de uma aldeia específica onde, por exemplo, após uma queimada de roça, o fogo se alastrou e saiu do controle dos índios.

Um ano destoante e que surge nas análises, é o de 2017, no qual houve um elevado número de focos de queimada tanto dentro como no entorno de todas as TIs. Por outro lado, houve pouca variação no desmatamento dentro das TIs no período de 2013 a 2017, com exceção da TI Kayapó, cuja quantidade desmatada em 2017 voltou aos níveis de 2008.

A Tabela 3 a seguir apresenta os dados de desmatamento acumulado (em km²) para as seis TIs Kayapó para os seguintes intervalos temporais: “anterior a 2002”, “2002 a 2012” e “2013 a 2017”, além da somatória destes dados e a proporção (em %) de área desmatada em relação à área total de cada TI.

Tabela 3. Desmatamento acumulado nas áreas das TIs Kayapó

Terra Indígena	Área (km ²)*	Desmatamento (km ²)				% em relação a TI
		Anterior a 2002	2002 a 2012	2013 a 2017	Total	
Baú	15.477	3,3	6,4	1,2	10,9	0,07%
Capoto/Jarina	6.370	43,8	10,6	0,7	55,1	0,86%
Kayapó	32.990	88,9	53,1	17,6	159,6	0,40%
Menkragnoti	49.492	23,8	11,9	3,8	39,5	0,10%
Badjonkôre	2.238	28,7	35,3	0,03	64,03	2,86%
Las Casas	214	31,8	0,8	0	32,6	15,20%

Para ilustrar as ocorrências do desmatamento o mapa 1 (Desmatamento dentro e no entorno (10 km) das TIs Kayapó) apresenta o desmatamento acumulado até 2012 e novo período 2013 a 2017 – anexo I.

No caso de queimadas, o mapa 2 (Focos de queimada dentro e no entorno (10km) das TIs Kayapó) apresenta a densidade de focos de queimadas no período de análise 2013 a 2017 – anexo I.

Os dados sobre desmatamento anual e focos de queimada em cada uma das seis TIs e suas áreas de entorno, serão apresentados em dois momentos: no primeiro, mantivemos a análise no período de 2002 a 2012 e no segundo de 2013 a 2017, para a atualização e continuação da análise, já que não há uma continuidade metodológica entre os dados.

3.1.1 TI Badjonkôre

Situação 2002-2012: O desmatamento anual dentro da TI Badjonkôre decresceu em 2003 em comparação com o ano anterior e manteve-se baixo desde então (**Gráfico 1**), ao contrário do desmatamento no entorno da TI, que teve um pico em 2007 (**Gráfico 2**), quando houve também uma elevação do número de focos de queimada tanto no entorno (**Gráfico 4**) quanto, menos acentuadamente, dentro da TI (**Gráfico 3**). O número de focos de queimada dentro e no entorno da TI apresentou ainda uma elevação em 2010, como na maior parte das TIs analisadas.

Situação 2013-2017: O desmatamento anual dentro da TI Badjonkôre ficou próximo de zero a partir de 2013 (**Gráfico 1**), enquanto que em seu entorno, se manteve praticamente estável, com poucas oscilações (**Gráfico 2**). Os focos mantiveram uma curva semelhante dentro e fora da TI, com aumento significativo nos anos 2015 e 2017 (**Gráfico 3** e **Gráfico 4**).

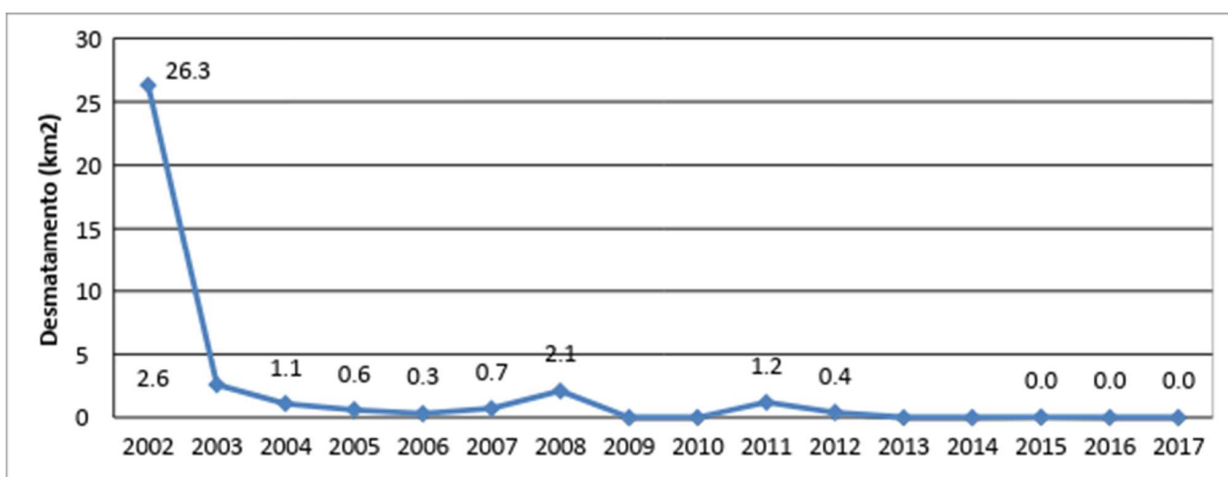


Gráfico 1. Desmatamento anual na TI Badjonkôre, entre os anos de 2002 e 2017

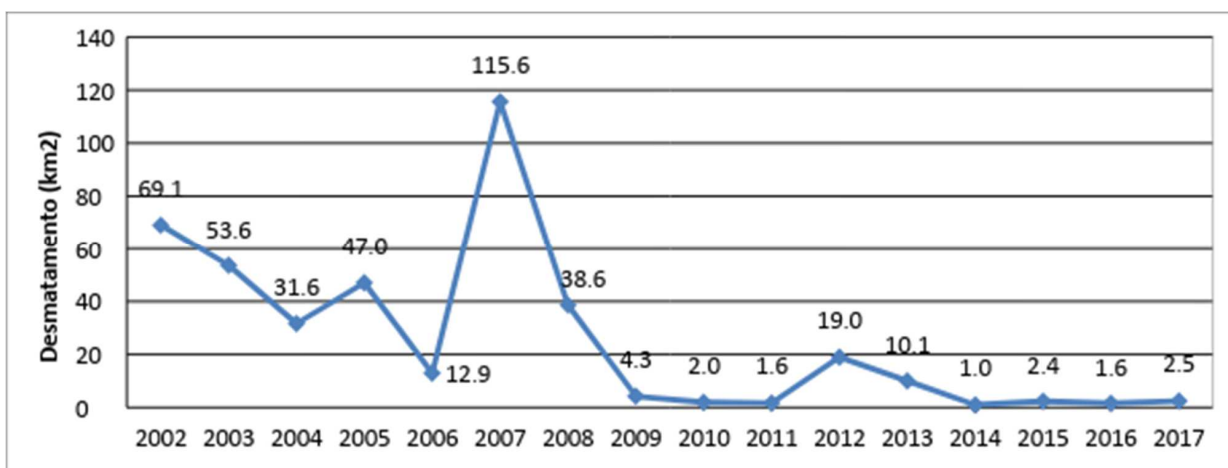


Gráfico 2. Desmatamento anual no entorno da TI Badjonkôre, entre os anos de 2002 e 2017

No Mapa 3 (Desmatamento dentro e no entorno da TI Badjonkôre) apresentado no Anexo I, é possível visualizar espacialmente os dados dos gráficos sobre desmatamento anual dentro e no entorno desta Terra Indígena.

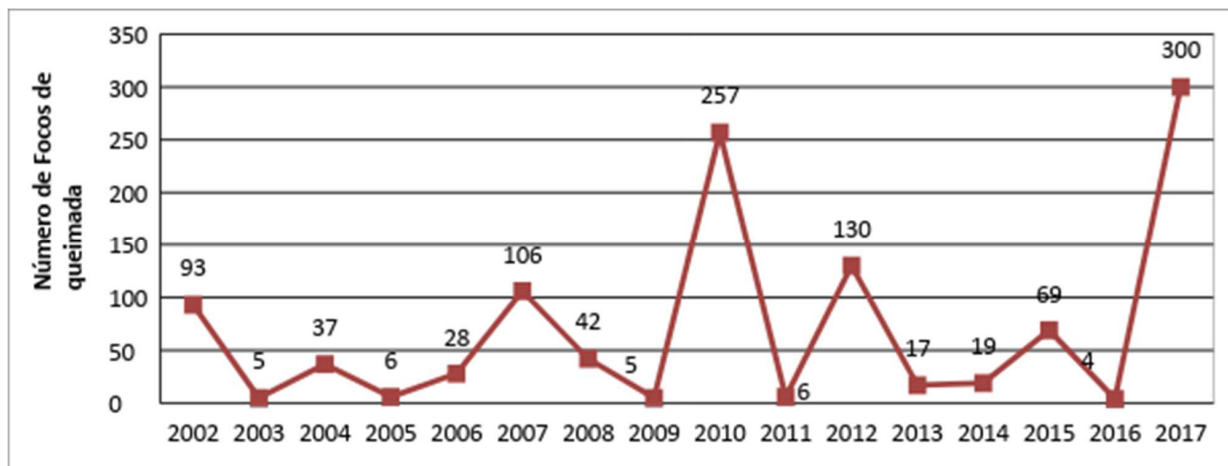


Gráfico 3. Focos de queimada na TI Badjonkôre, entre 2002 e 2017

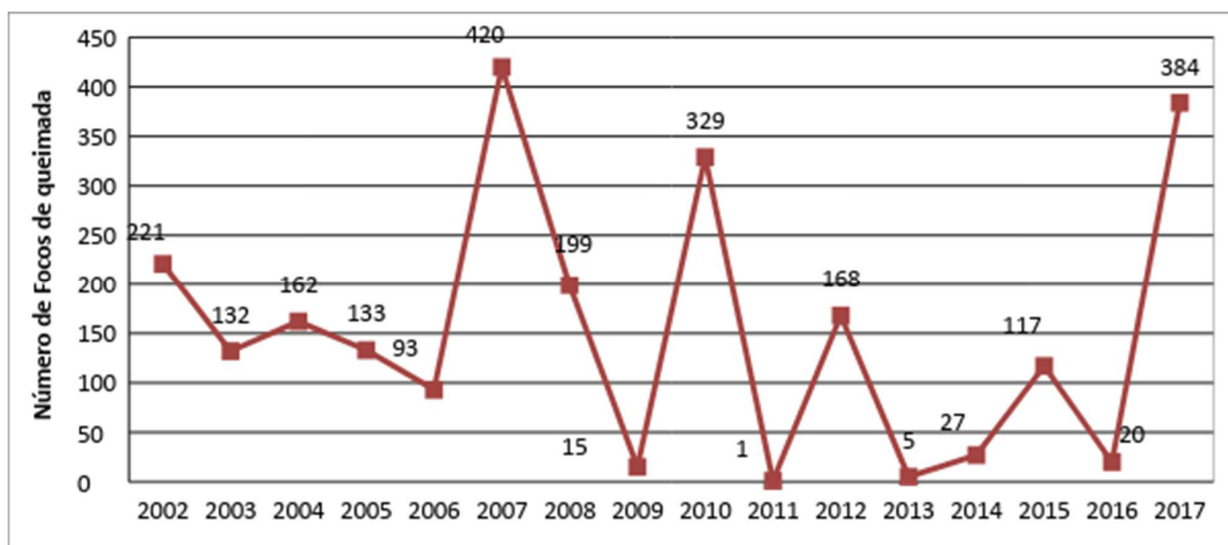


Gráfico 4. Focos de queimada no entorno da TI Badjonkôre, entre 2002 e 2017

3.1.2 TI Baú

Situação 2002-2012: O desmatamento na TI Baú teve um pico em 2004 (Gráfico 5), quando houve também um número comparativamente elevado de focos de queimada na TI (Gráfico 7). No entorno, as maiores taxas de desmatamento ocorreram em 2008 e 2009 (Gráfico 6), enquanto os focos de queimada foram comparativamente altos em 2010 e 2012 (Gráfico 8).

Situação 2013-2017: Após alcançar o terceiro maior pico desta série histórica em 2013, o desmatamento no entorno da TI Baú sofreu quedas progressivas até o ano de 2017, chegando ao menor número até então (Gráfico 6). Dentro da TI, os números não sofreram grandes oscilações, permanecendo baixo (Gráfico 5). Os focos sofreram pouca oscilação dentro da TI, em contrapartida, fora houve bastante oscilação, sendo 2017 o ano que ocorreram mais focos (Gráfico 7 e Gráfico 8).

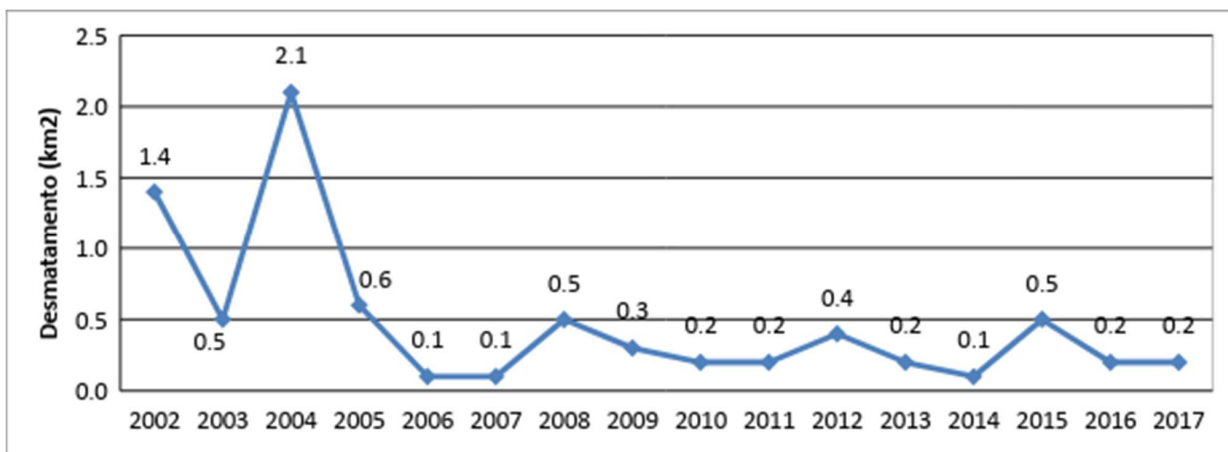


Gráfico 5. Desmatamento anual na TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017

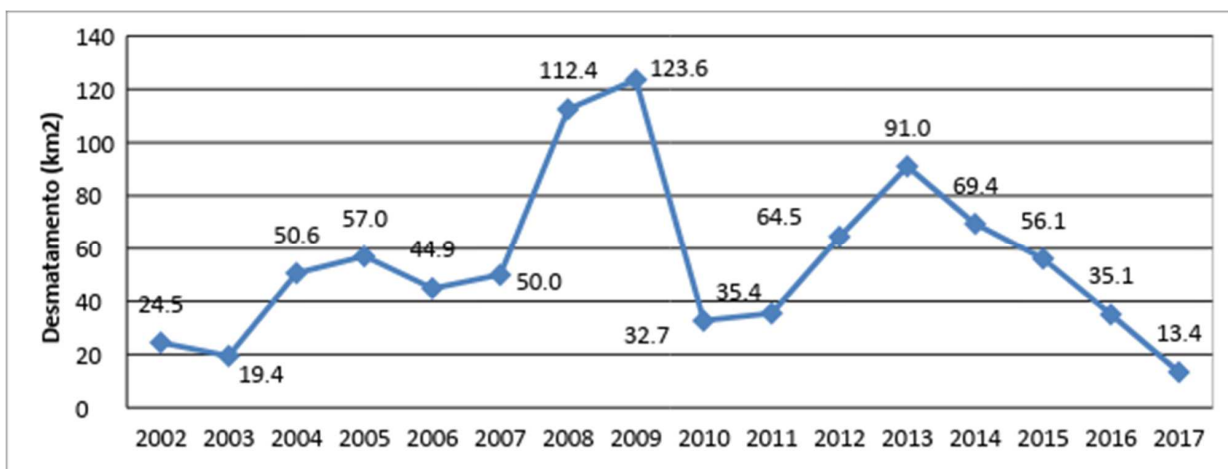


Gráfico 6. Desmatamento anual no entorno da TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017

No Mapa 4 (Desmatamento dentro e no entorno da TI Baú) apresentado no Anexo I, é possível visualizar espacialmente os dados dos gráficos sobre desmatamento anual dentro e no entorno desta Terra Indígena.

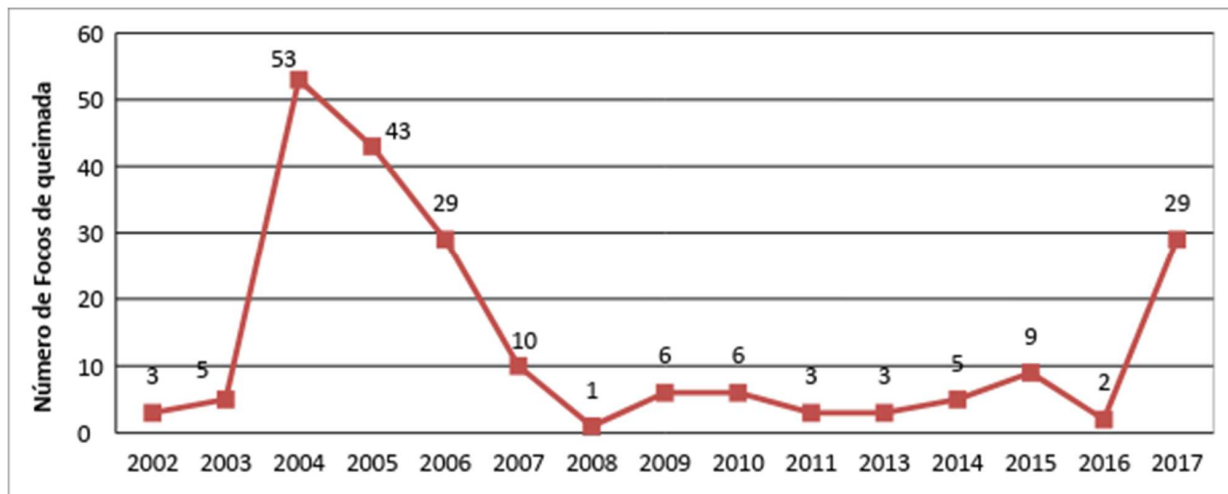


Gráfico 7. Focos de queimada na TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017

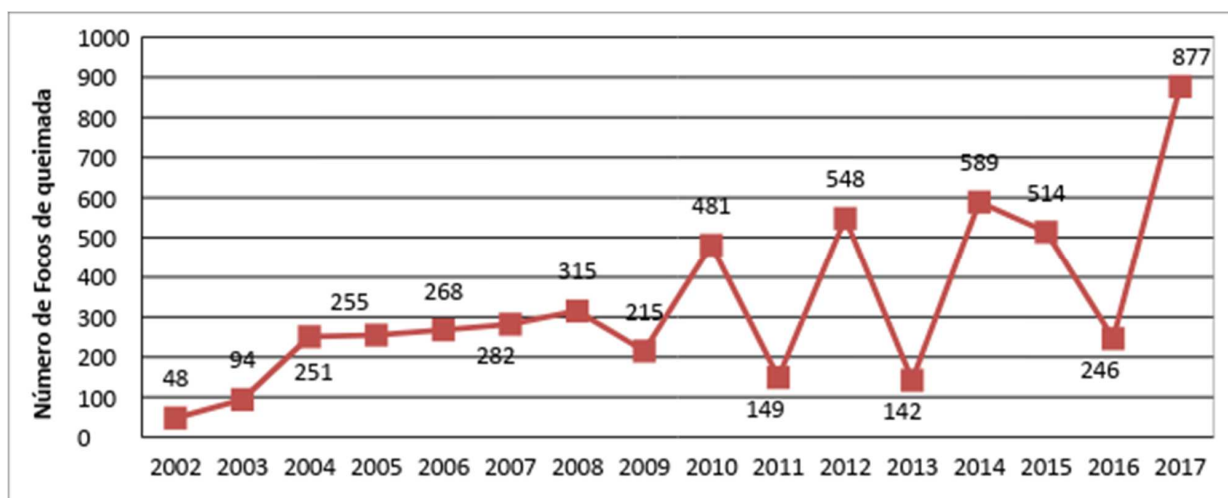


Gráfico 8. Focos de queimada no entorno da TI Baú, entre os anos de 2002 e 2017

3.1.3 TI Capoto/Jarina

Situação 2002-2012: O desmatamento no entorno da TI Capoto/Jarina foi comparativamente mais elevado entre 2003 e 2005 (Gráfico 10) e no final deste período observa-se um pico de desmatamento dentro da TI (Gráfico 9). Os focos de queimada dentro da TI foram comparativamente mais altos em 2007 e 2010 (Gráfico 11). No entorno da TI, houve um número comparativamente elevado de queimadas em 2004 e em 2007 (Gráfico 12).

Situação 2013-2017: O desmatamento dentro da TI apresentou uma tendência de queda até zerar em 2017 (Gráfico 9), já em seu entorno, observou-se oscilações, com números mais elevados comparativamente em 2013 e 2017 (Gráfico 10). Quanto à quantidade de focos de queimada, o ano de 2017 superou a marca de 200 (Gráfico 11) tanto dentro quanto fora da TI (Gráfico 12), sendo a maior nesta série histórica.

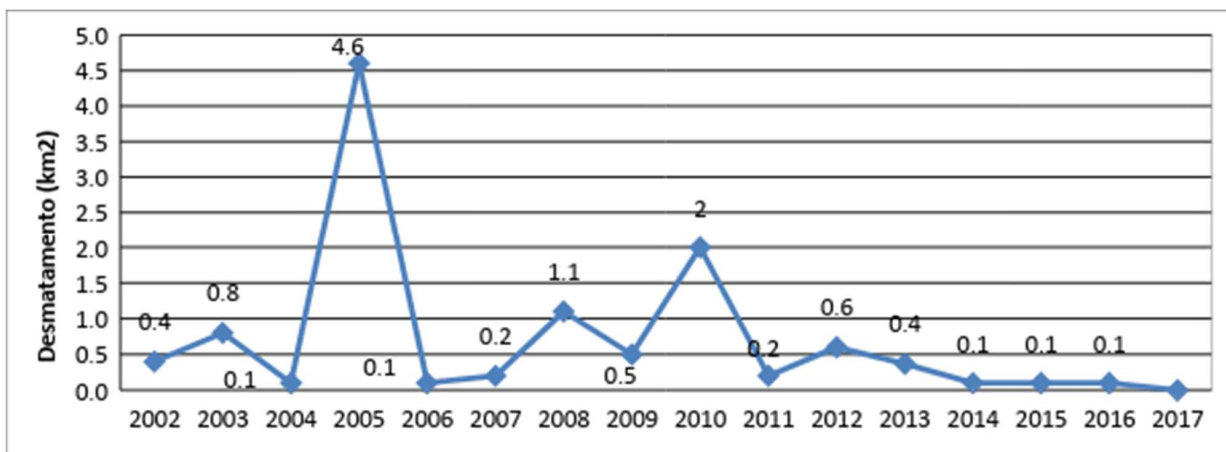


Gráfico 9. Desmatamento anual na TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017

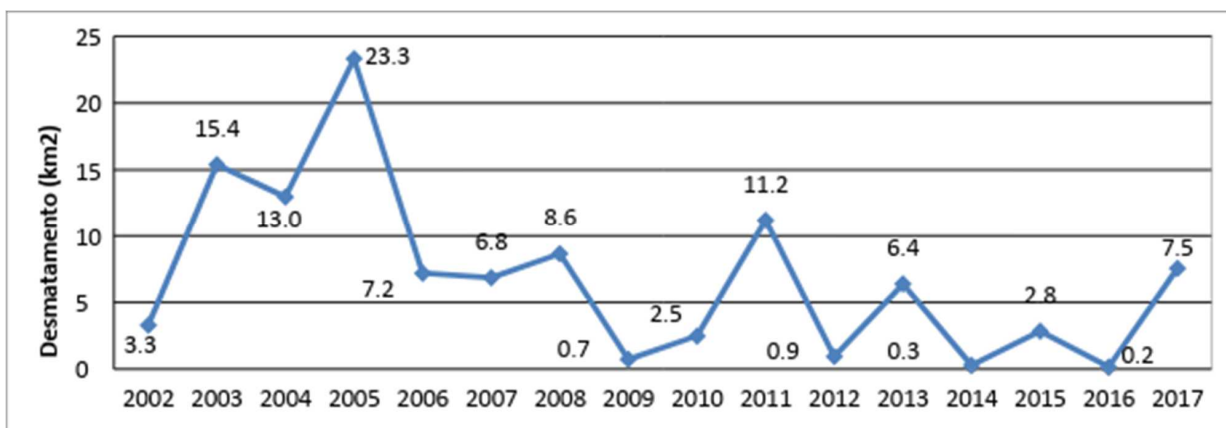


Gráfico 10. Desmatamento no entorno da TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017

No Mapa 5 (Desmatamento dentro e no entorno da TI Capoto/Jarina) apresentado no Anexo I deste diagnóstico é possível visualizar espacialmente os dados dos gráficos sobre desmatamento anual dentro e no entorno desta Terra Indígena.

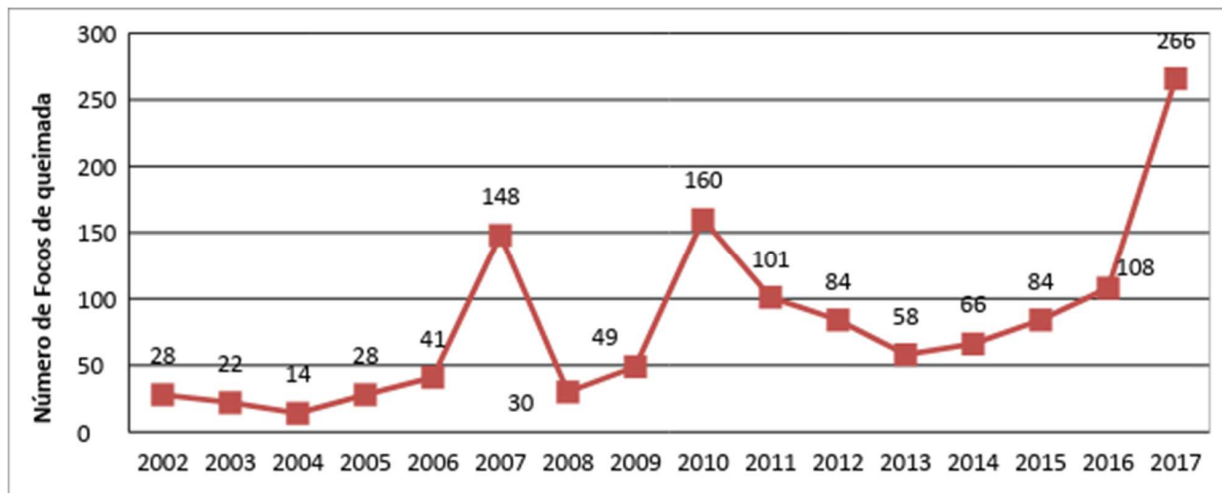


Gráfico 11. Focos de queimada na TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017

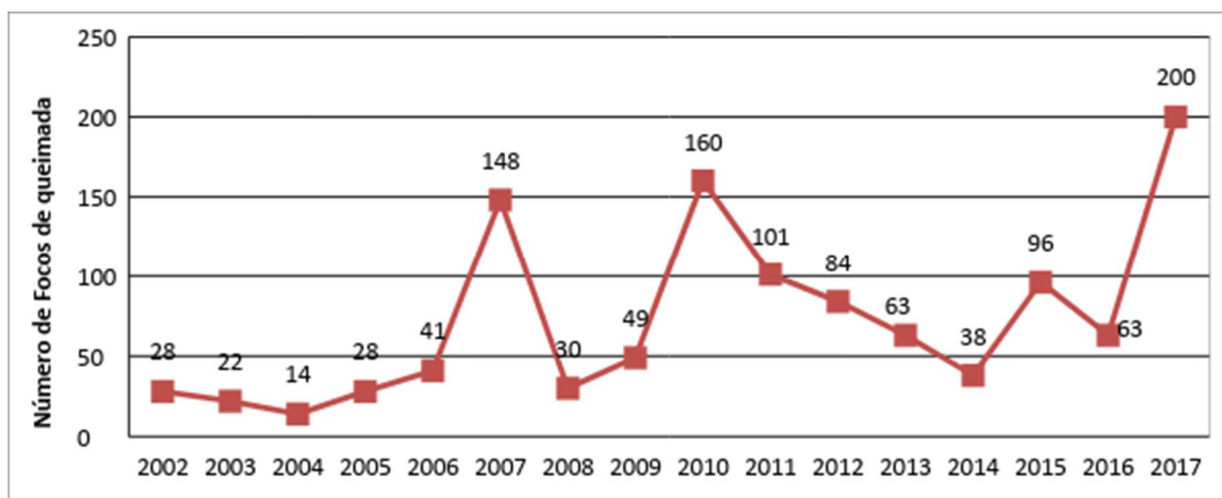


Gráfico 12. Focos de queimada no entorno da TI Capoto/Jarina, entre os anos de 2002 e 2017

3.1.4 TI Kayapó

Situação 2002-2012: O desmatamento dentro da TI Kayapó variou marcadamente ao longo do período (Gráfico 13), enquanto em seu entorno observa-se um pico em 2005 e valores mais baixos a partir de então (Gráfico 14). Os focos de queimada dentro da TI Kayapó (Gráfico 15) foram comparativamente elevados em 2007 e 2010, enquanto no entorno observa-se um pico de queimadas também em 2005 (Gráfico 16).

Situação 2013-2017: Dentro da TI o desmatamento voltou a crescer após 2015, com pico em 2017 (Gráfico 13) e no entorno se manteve estável (Gráfico 14). De forma análoga, 2017 também foi o ano com mais focos de calor dentro e fora da TI, rompendo a barreira dos 1100; mais uma vez é a maior nesta série histórica (Gráfico 15 e Gráfico 16).

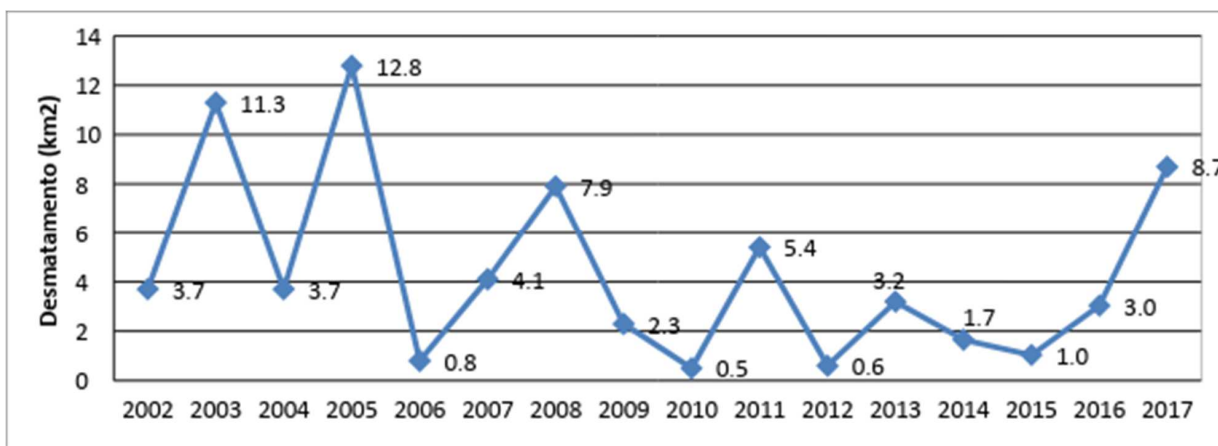


Gráfico 13. Desmatamento anual na TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017

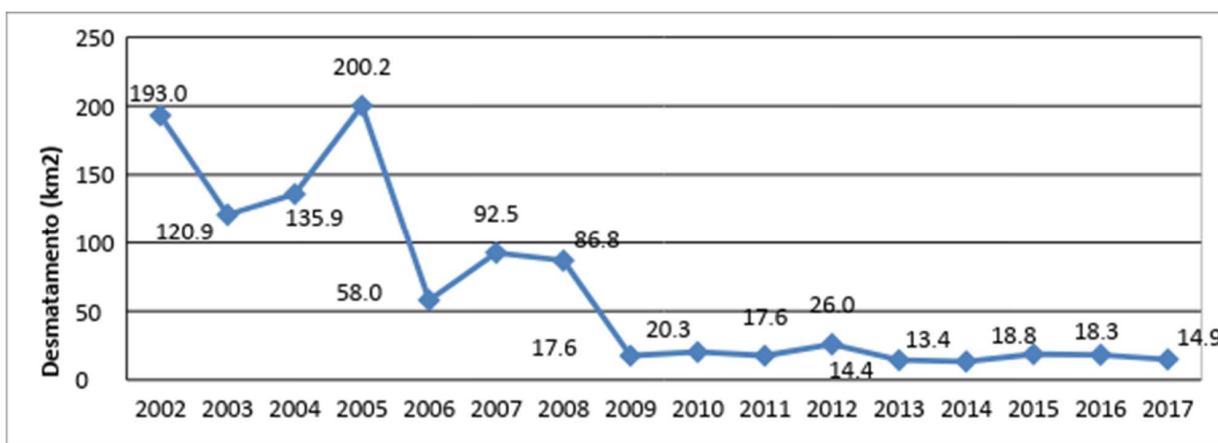


Gráfico 14. Desmatamento anual no entorno da TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017

No Mapa 6 (Desmatamento dentro e no entorno da TI Kayapó) apresentado no Anexo I deste diagnóstico é possível visualizar espacialmente os dados dos gráficos sobre desmatamento anual dentro e no entorno desta Terra Indígena.

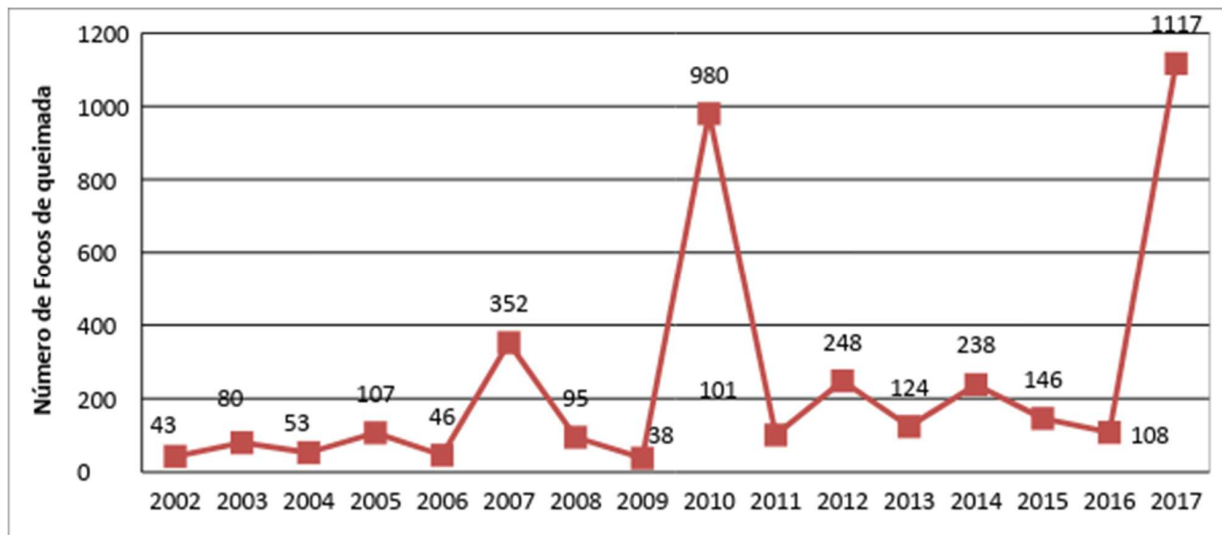


Gráfico 15. Focos de queimada na TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017

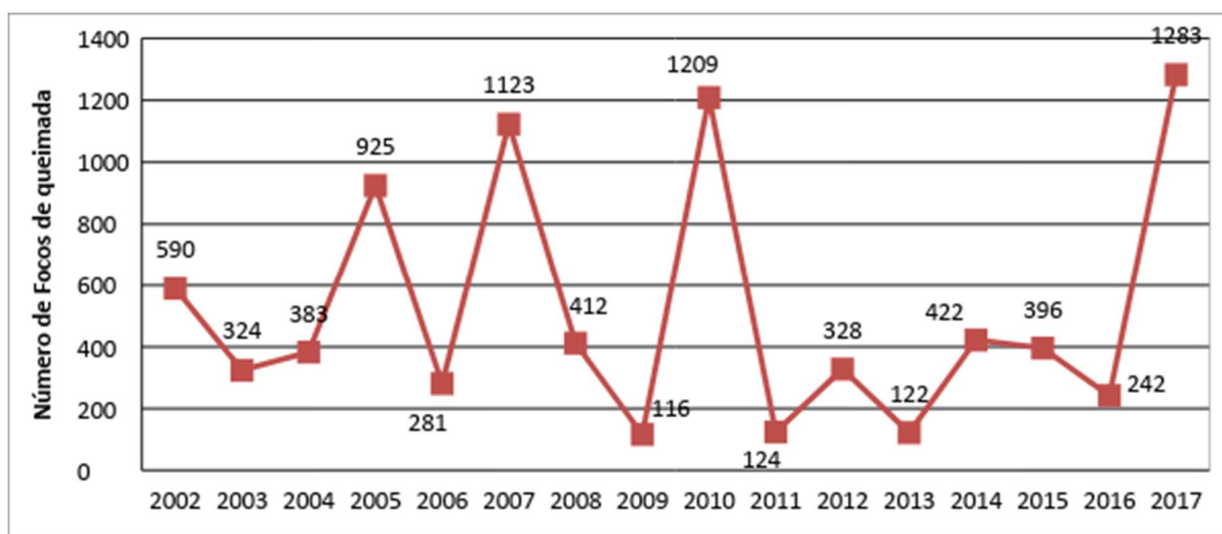


Gráfico 16. Focos de queimada no entorno da TI Kayapó, entre os anos de 2002 e 2017

3.1.5 TI Menkragnoti

Situação 2002-2012: O desmatamento dentro da TI Menkragnoti teve um pico em 2003 e outro em 2008 (Gráfico 17), enquanto no entorno aumentou em 2004 (Gráfico 18) e decresceu a partir de então. Os focos de queimada foram comparativamente elevados em 2010, tanto dentro (Gráfico 19) como no entorno da TI (Gráfico 20).

Situação 2013-2017: O desmatamento dentro da TI apresentou um pico de desmatamento atípico em 2016, enquanto que no entorno (Gráfico 18) temos um pico em outro ano, 2014, e o decréscimo na quantidade desmatada nos anos subsequentes. Os focos, no geral apresentam números mais altos em comparação ao período de 2002 a 2012 (Gráfico 19 e Gráfico 20), principalmente no entorno da TI.

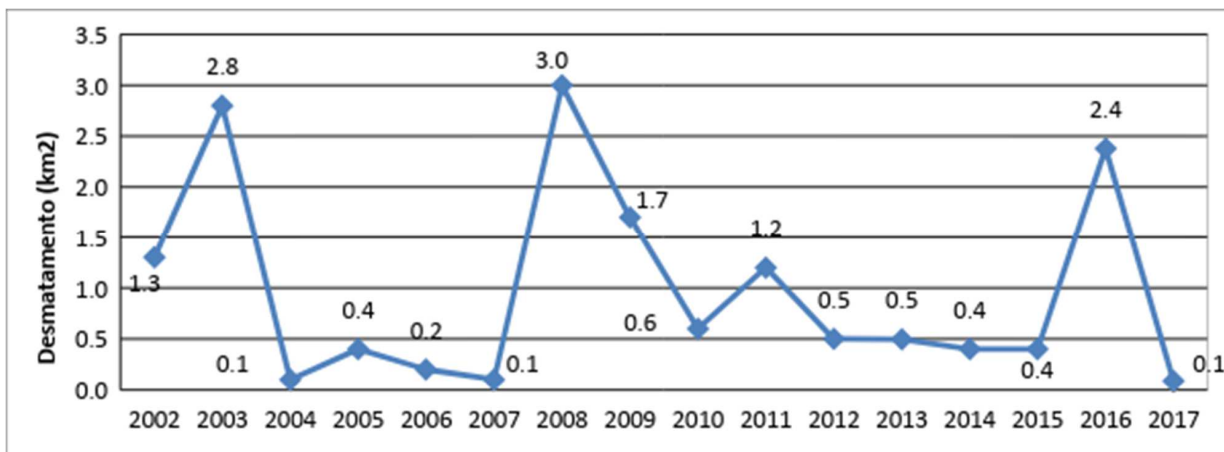


Gráfico 17. Desmatamento anual na TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017

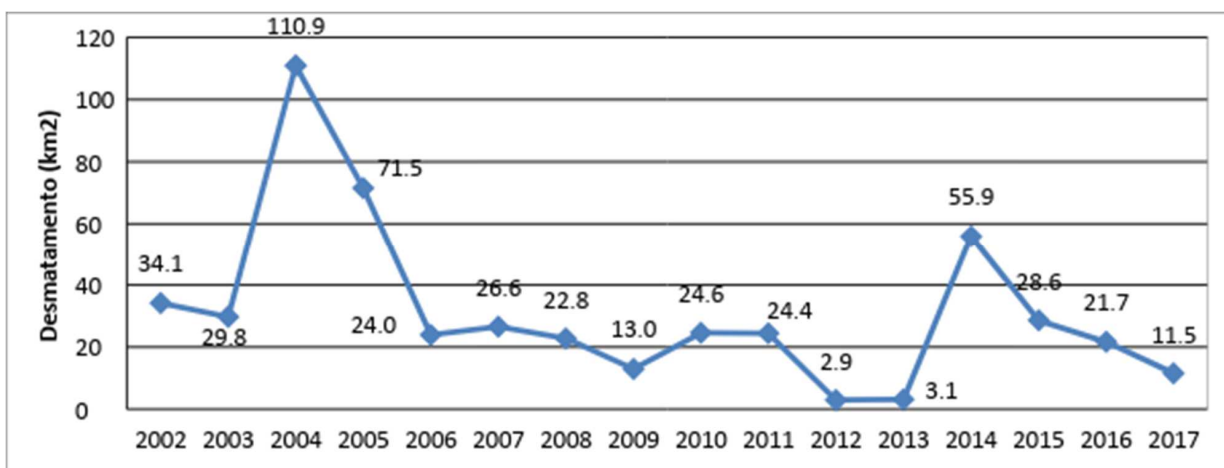


Gráfico 18. Desmatamento anual no entorno da TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017

No Mapa 7 (Desmatamento dentro e no entorno da TI Menkragnoti) apresentado no Anexo I deste diagnóstico é possível visualizar espacialmente os dados dos gráficos sobre desmatamento anual dentro e no entorno desta Terra.

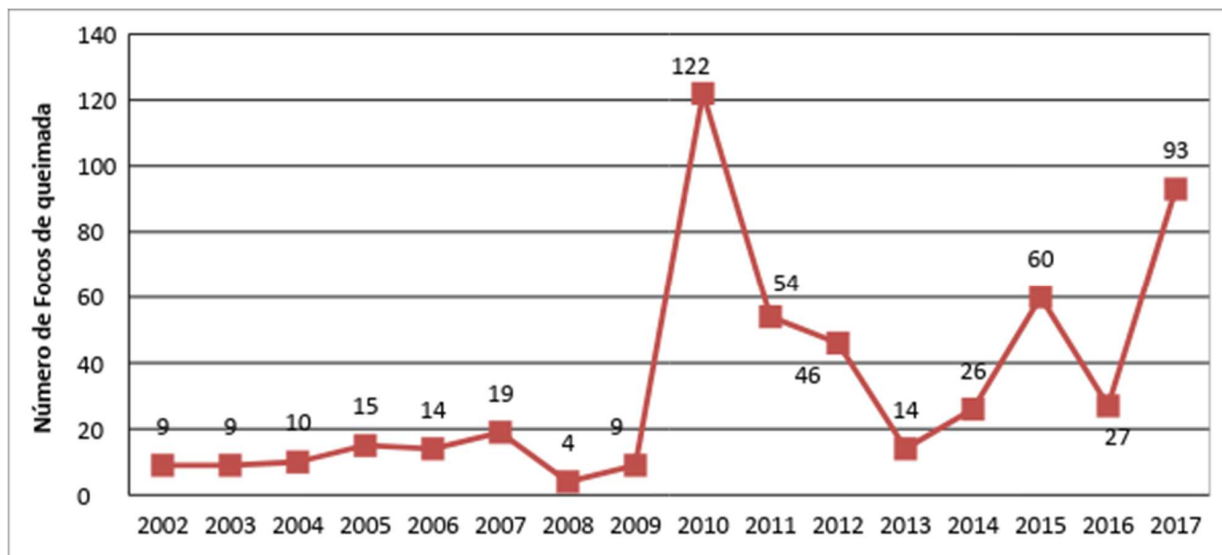


Gráfico 19. Focos de queimada na TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017

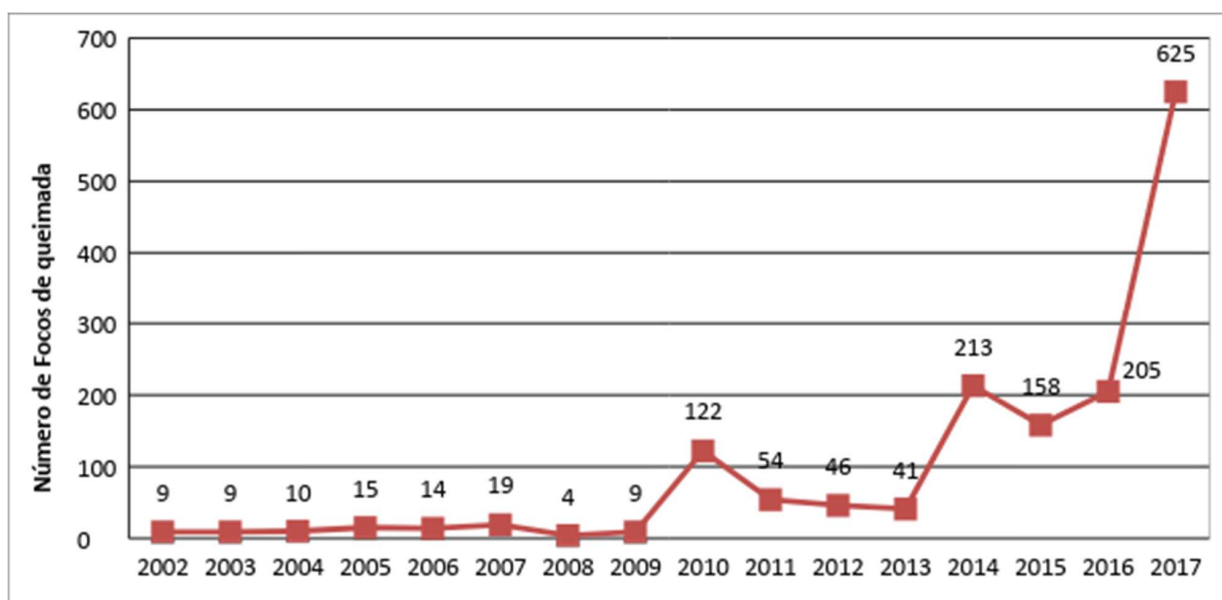


Gráfico 20. Focos de queimada no entorno da TI Menkragnoti, entre os anos de 2002 e 2017

3.1.6 TI Las Casas

Situação 2002-2012: Em somente dois anos houve desmatamento dentro da TI Las Casas: 2002 e 2005 (Gráfico 21). No entorno ocorreram picos justamente nos mesmos anos descritos anteriormente (Gráfico 22). Nos focos ocorreu algo idêntico no entorno da TI (Gráfico 24): 2002 e 2005 foram os anos em que ocorreram mais focos, enquanto que dentro da TI (Gráfico 23) o pico aconteceu em 2010.

Situação 2013-2017: A TI continuou sem desmatamento (Gráfico 21), já em seu entorno houve pouca variação (Gráfico 22). Entretanto, os focos apresentaram oscilação comparativamente, dentro e fora da TI (Gráfico 23 e Gráfico 24), sendo 2017 o ano com mais focos.

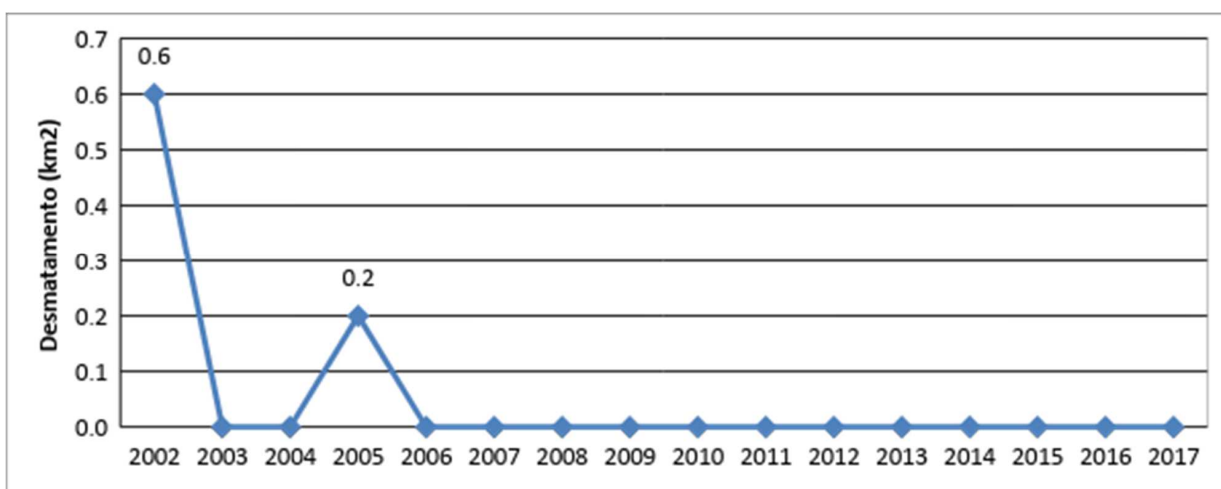


Gráfico 21. Desmatamento anual na TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017

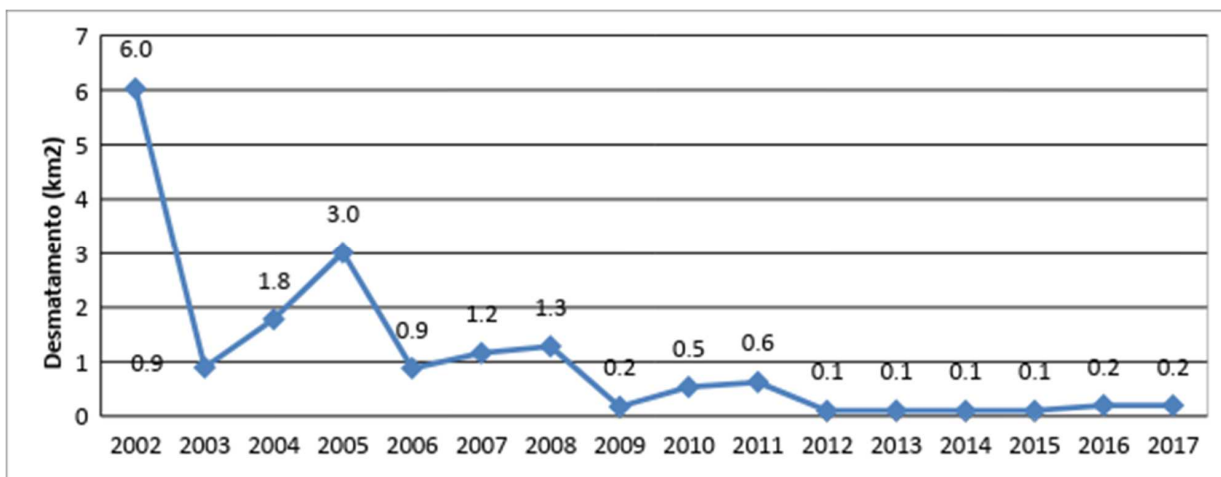


Gráfico 22. Desmatamento anual no entorno da TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017

No mapa 8 (Desmatamento dentro e no entorno da TI Las Casas) apresentado no Anexo I deste diagnóstico é possível visualizar espacialmente os dados dos gráficos sobre desmatamento anual dentro e no entorno desta Terra Indígena.

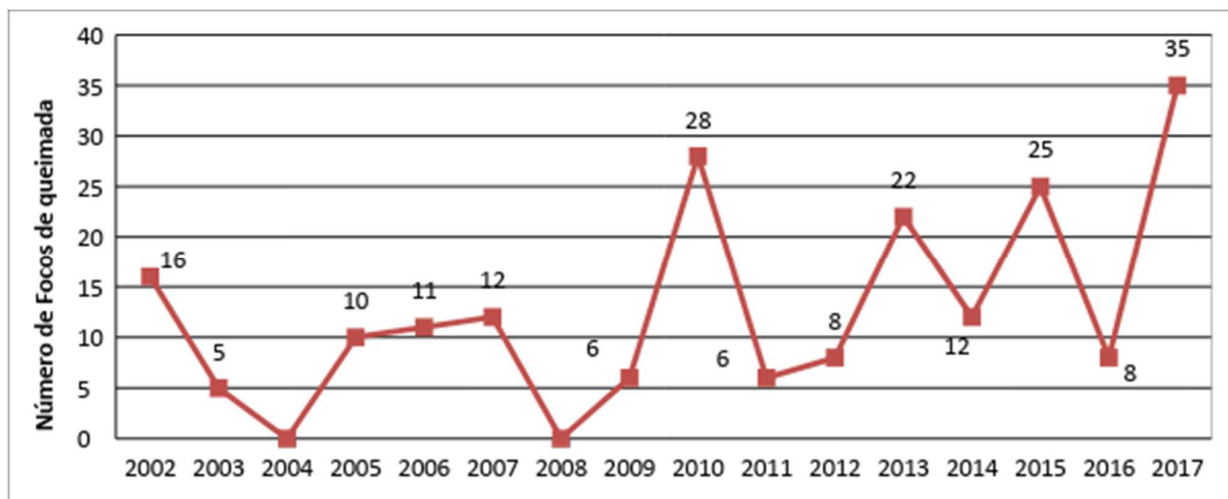


Gráfico 23. Focos de queimada na TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017

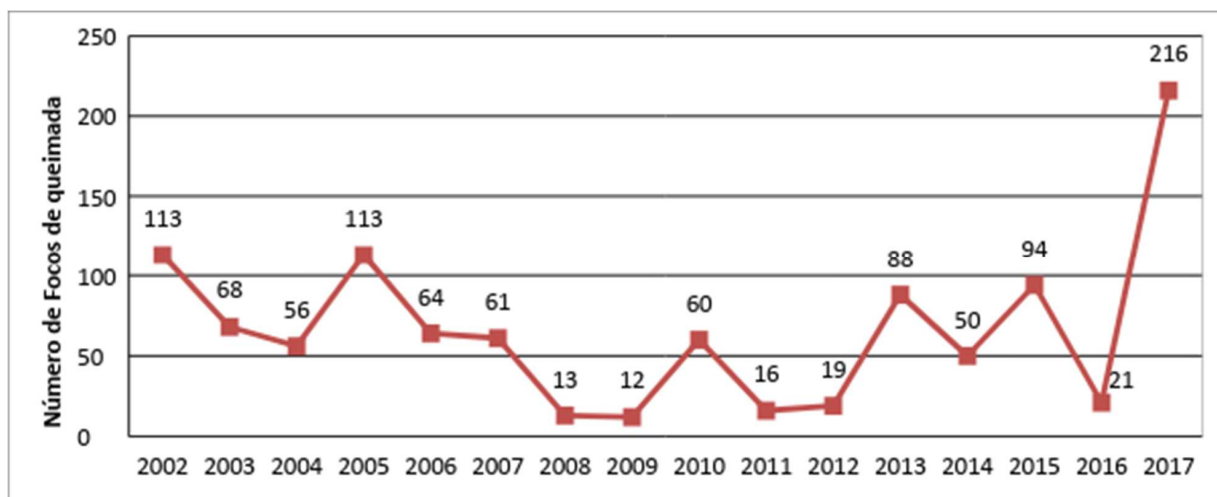


Gráfico 24. Focos de queimada no entorno da TI Las Casas, entre os anos de 2002 e 2017

3.1.7 Síntese comparativa entre as TIs Kayapó

Apresentamos uma síntese dos resultados, permitindo ter uma visão comparativa entre as TIs que foram analisadas individualmente para o período de 2013 a 2017.

Para o desmatamento, a **Tabela 4** mostra os valores absolutos, distribuídos e apresentados no Gráfico 25.

Tabela 4. Área de Desmatamento em cada uma das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km²)

TI	2013	2014	2015	2016	2017	Total
TI Badjônkôre	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,03
TI Baú	0,20	0,10	0,50	0,20	0,20	1,20
TI Capoto/Jarina	0,37	0,10	0,10	0,10	0,00	0,67
TI Kayapó	3,19	1,66	1,04	3,04	8,70	17,62
TI Las Casas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
TI Menkragnoti	0,50	0,40	0,40	2,38	0,09	3,76
Total	4,26	2,26	2,07	5,72	8,99	23,28

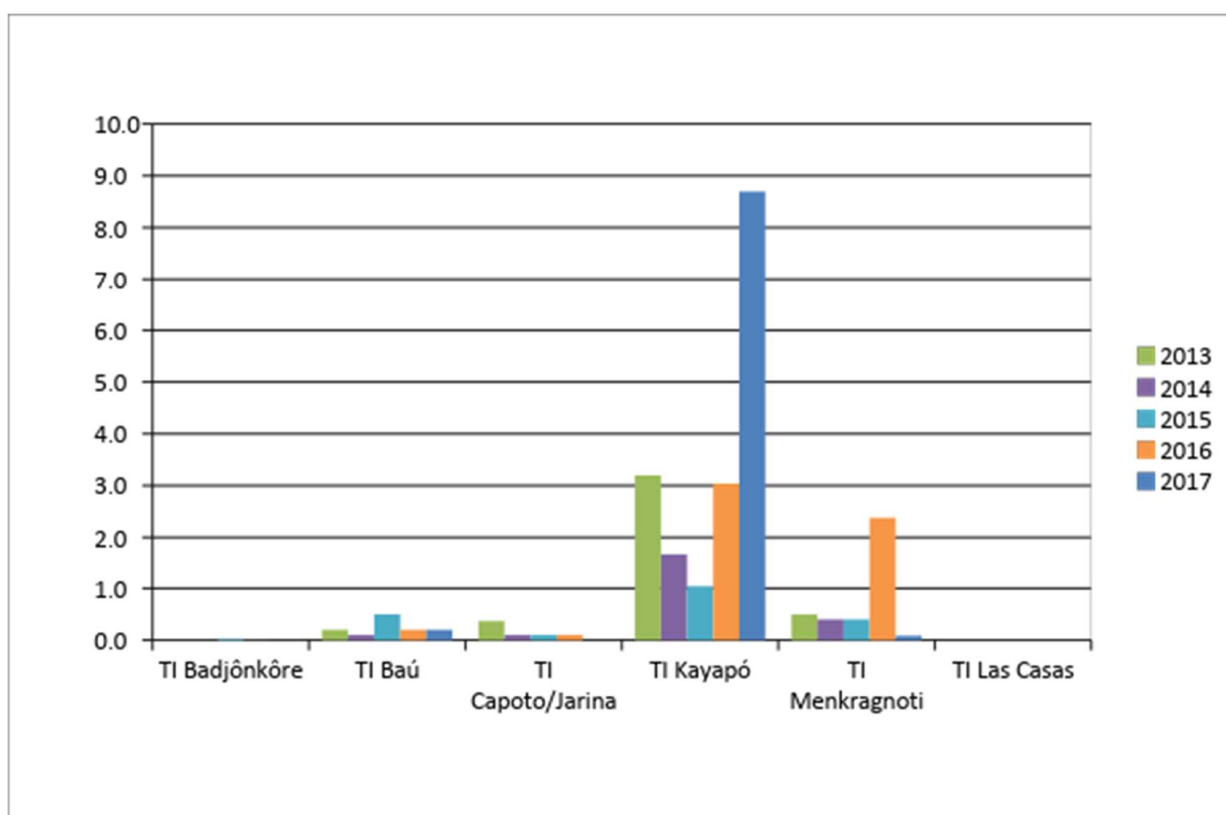


Gráfico 25. Desmatamento anual nas TIs, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017

A **Tabela 5** mostra os valores absolutos no entorno de cada uma das TIs Kayapós, distribuídos e apresentados no **Gráfico 26**.

Tabela 5. Área de Desmatamento, no entorno de cada uma das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km²)

TI	2013	2014	2015	2016	2017	Total
TI Badjônkôre	10,1	1,0	2,4	1,6	2,5	17,4
TI Baú	91,0	69,4	56,1	35,1	13,4	265,1
TI Capoto/Jarina	6,4	0,3	2,8	0,2	7,5	17,2
TI Kayapó	14,4	13,4	18,8	18,3	14,9	79,8
TI Las Casas	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,7
TI Menkragnoti	3,1	55,9	28,6	21,7	11,5	120,9
Total Geral	125,2	140,1	108,8	76,9	50,1	501,1

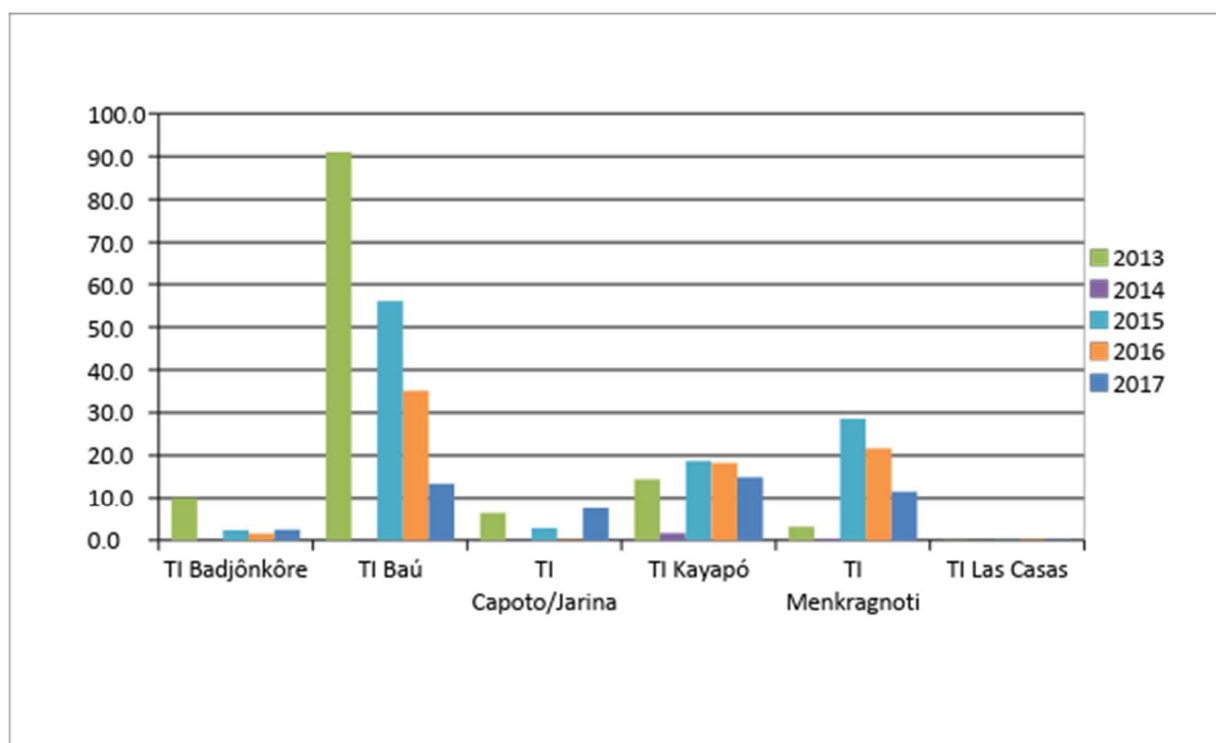


Gráfico 26. Desmatamento anual no entorno das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km²)

Para focos, a Tabela 6 mostra os valores absolutos da quantidade de focos distribuídos em cada uma das TIs Kayapós, e apresentados no Gráfico 27.

Tabela 6. Quantidade de focos, dentro de cada uma das TIs Kayapós, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017.

TI	2013	2014	2015	2016	2017	total
TI Badjônkôre	17	19	69	4	300	409
TI Baú	3	5	9	2	29	48
TI Capoto/Jarina	58	66	84	108	266	582
TI Kayapó	124	238	146	108	1117	1733
TI Las Casas	22	12	25	8	35	102
TI Menkragnoti	14	26	60	27	93	220
Total	238	366	393	257	1840	3094

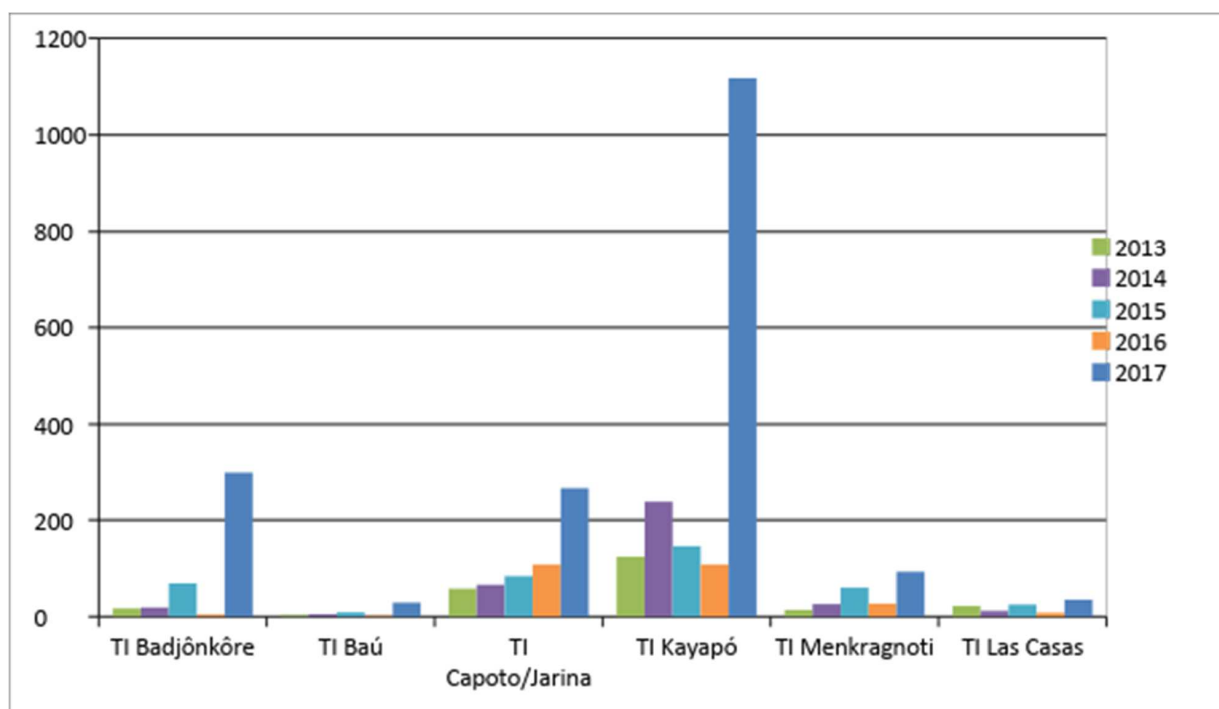


Gráfico 27. Focos de queimadas nas TIs, TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017.

A Tabela 7 mostra os valores absolutos da quantidade de focos distribuídos no entorno de cada uma das TIs Kayapós, distribuídos e apresentados no Gráfico 28.

Tabela 7. Quantidade de focos, no entorno de cada uma das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017. (em km²)

TI	2013	2014	2015	2016	2017	total
TI Badjônkôre	5	27	117	20	384	553
TI Baú	142	589	514	246	877	2368
TI Capoto/Jarina	63	38	96	63	200	460
TI Kayapó	122	422	396	242	1283	2465
TI Las Casas	88	50	94	21	216	469
TI Menkragnoti	41	213	158	205	625	1242
Total	461	1339	1375	797	3585	7557

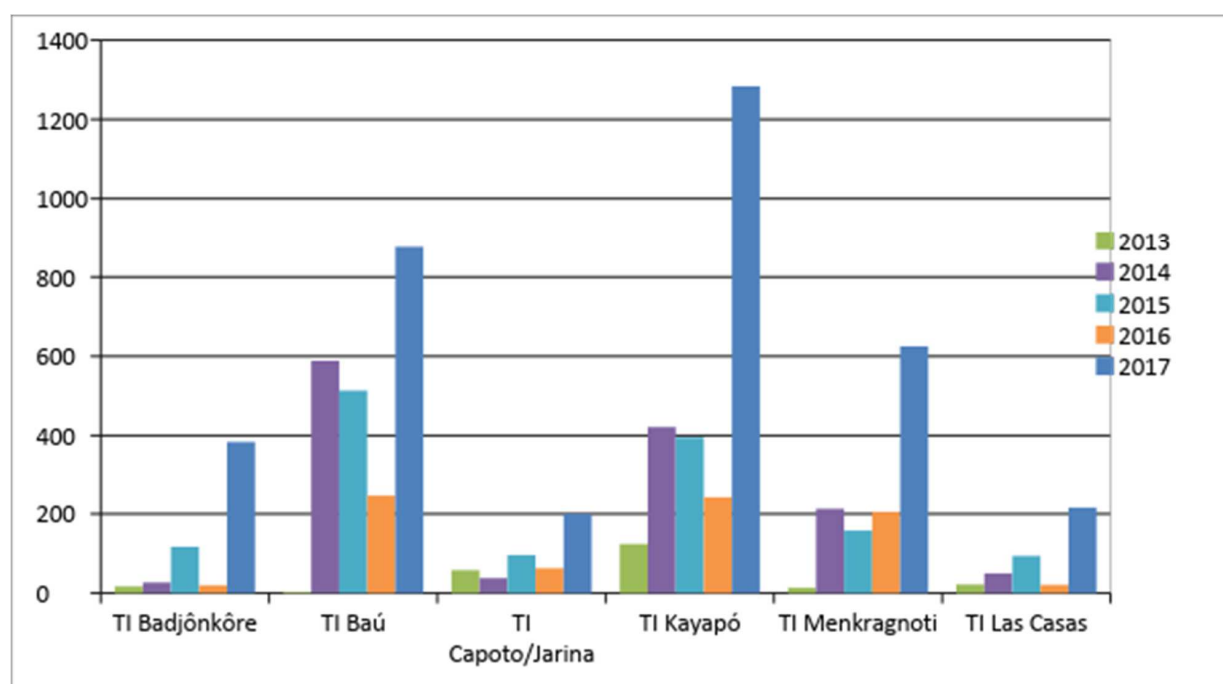


Gráfico 28. Focos de queimada no entorno das TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti, entre os anos de 2013 e 2017.

3.2 Resultados da análise detalhada de perturbações antrópicas

O mapeamento detalhado e posterior qualificação das alterações na cobertura do solo sobre o território Kayapó permite avaliar com precisão a evolução dos diferentes vetores de pressão que agem sobre o território e realizar uma prognosis da sua possível evolução. Inicialmente, iremos avaliar a evolução de cada tipo de feição mapeada:

3.2.1 Estradas

A nossa análise foi focada na construção, função e atividade das estradas encontradas no interior das Terras Indígenas estudadas.

Durante o período estudado foi construído um total de 941 km de estradas nas TIs Kayapó (Tabela 8).

Tabela 8. Evolução do comprimento (em km) das estradas construídas no território Kayapó entre 2011 e 2017

	2011	2013	2015	2017	Total 2011-2017
TI Badjônkôre	6	0	0	0	6
TI Baú	2	3	36	31	73
TI Capoto/Jarina	18	0	0	0	18
TI Kayapó	26	114	116	395	651
TI Menkragnoti	0	31	136	27	194
TOTAL	52	147	289	454	941

Graficamente, surpreende constatar a aceleração linear no ritmo de construção de estradas, desde 2011 até 2017, sendo as TIs Kayapó e Menkragnoti as que lideram essa evolução (**Gráfico 29**).

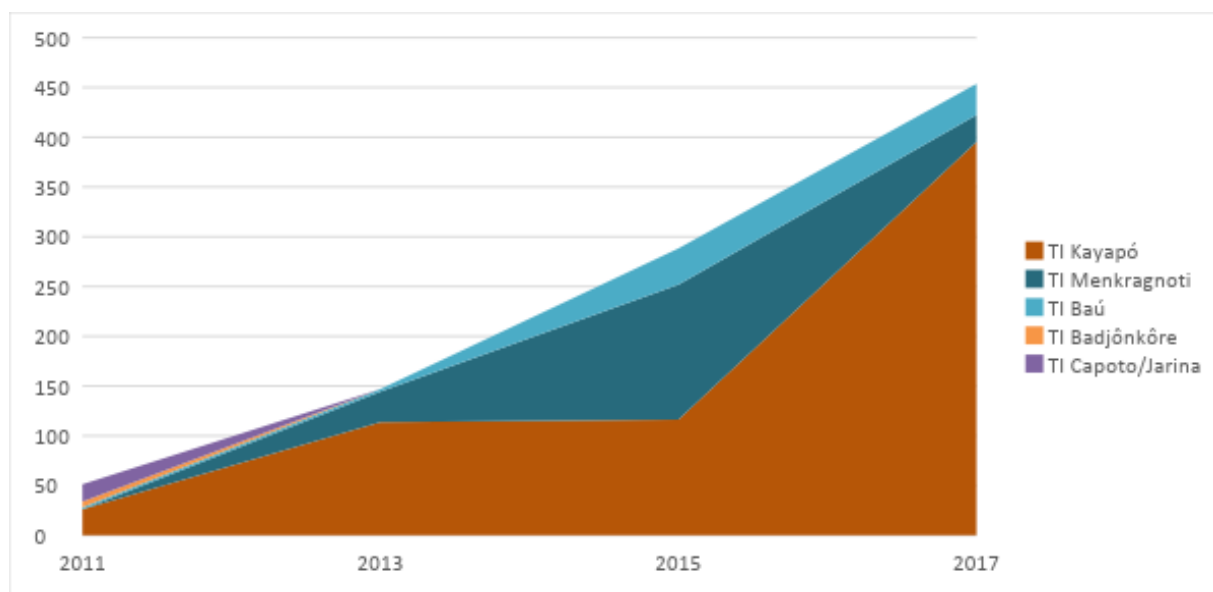


Gráfico 29. Evolução do comprimento (em Km) das estradas construídas entre 2011 e 2017, pelas TIs Kayapó, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti

Para determinar quais são os 'drivers' dessa dinâmica tão marcante, recorreremos à classificação por função da estrada, avaliada individualmente (Tabela 9).

Tabela 9. Evolução do comprimento (em km.) das estradas construídas no território Kayapó entre 2011 e 2017, por função

Função da estrada	2011	2013	2015	2017	Total 2011-2017
Acesso aldeia	11	31	128	38	207
Garimpo	24	39	88	262	413
Grilagem	13	0	0	0	13
Madeira	4	74	62	139	280
Madeira e garimpo	0	0	0	31	31
Pesca	0	3	11	4	18
TOTAL	52	147	289	474	962

Constatamos que a maioria das estradas construídas no período corresponde a dinâmicas ilegais, como o garimpo e extração de madeira. Dos 962 quilômetros de estradas abertas no território, apenas 207 km, isto é, o 21% do total foi aberto para facilitar o acesso a aldeias (**Gráfico 30**).

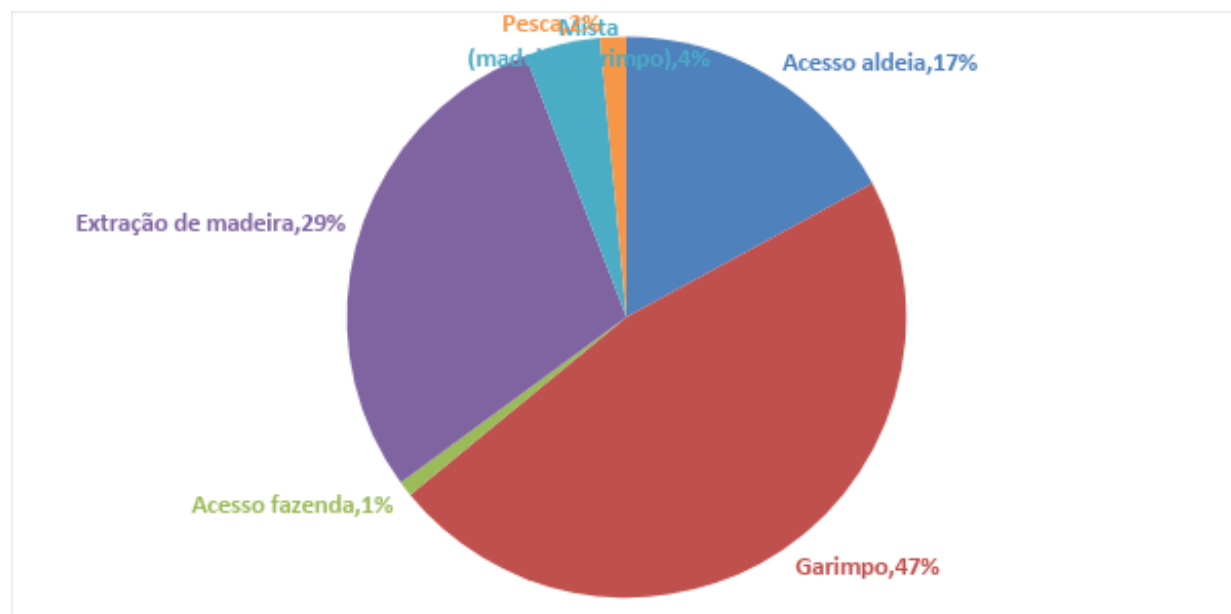


Gráfico 30. Função das estradas detectadas no território Kayapó (2011-2017)

Ao longo do nosso mapeamento constatamos que muitas das estradas abertas para um determinado tipo de exploração (seja madeira ou garimpo), e que são nitidamente visíveis em um determinado período, são abandonadas após alguns anos, até não serem mais visíveis nas imagens de satélite. Nesse sentido, e para apoiar o diagnóstico da situação de integridade territorial nas TIs Kayapó, determinamos a situação de atividade de todas as estradas mapeadas no final do período estudado (ano de 2017); Tabela 10.

Tabela 10. Evolução do comprimento (em km.) das estradas construídas no território Kayapó (incluindo o período anterior a 2011), por situação em 2017.

Situação	Acesso aldeia	Garimpo	Madeira	Outras	TOTAL
Abandonada	218	182	1514	66	1980
Ativa	338	467	304	53	1162
Total Geral	556	648	1819	119	3142

Desta forma apresentamos a distribuição dentro de cada uma das Tis (Tabela 11), assim como a sua distribuição no Gráfico 31.

Tabela 11. Distribuição das estradas construídas no território Kayapó entre 2011 e 2017, por função. Os números expressam o comprimento total em quilômetros.

Terra Indígena	Acesso aldeia	Garimpo	Grilagem	Madeira	Garimpo/Madeira	Pesca	Total Geral
TI Badjônkôre			6				6
TI Baú		7		48		18	73
TI Capoto/Jarina	11		7				18
TI Kayapó	12	406		223	31		672
TI Menkragnoti	185			9			194
Total Geral	207	413	13	280	31	18	961

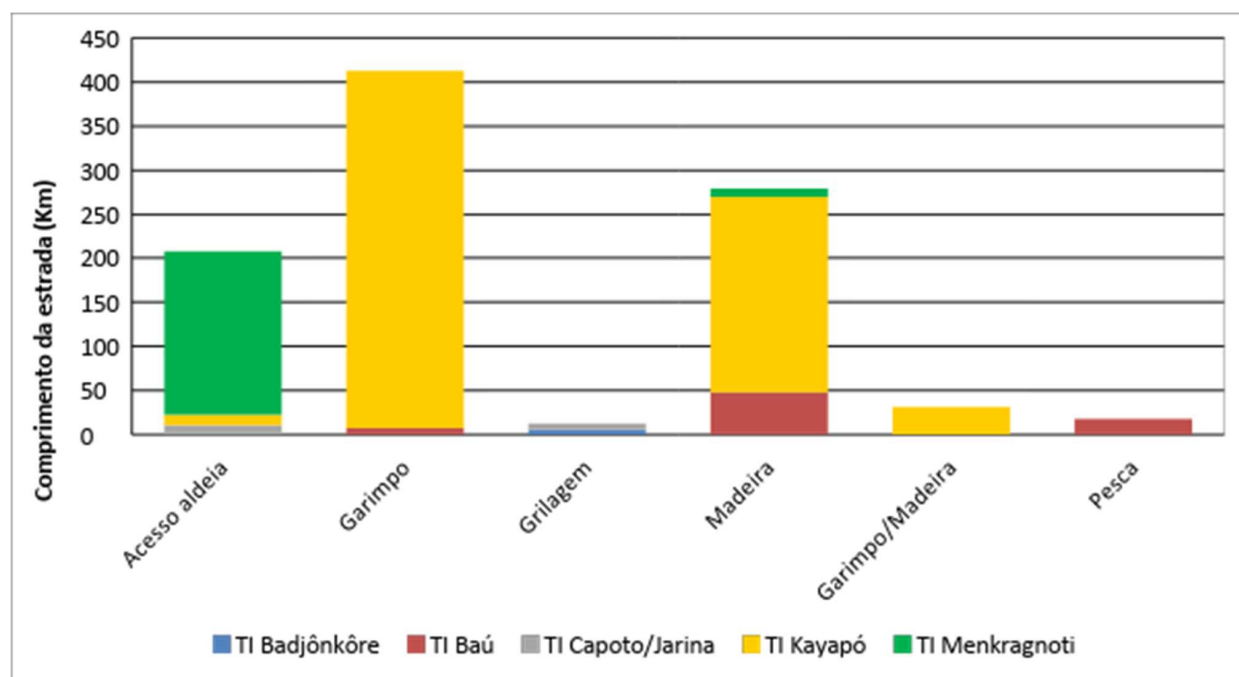


Gráfico 31. Distribuição de estradas por função nas TIs, Badjônkôre, Baú, Capoto/Jarina, Kayapó, Las Casas e Menkragnoti

Graficamente, é interessante constatar que a maior parte das estradas construídas para exploração ilegal de minério continua ativa, o que corresponde ao aumento de garimpo detectado (ver seção dedicada ao mapeamento de garimpos). A maior parte das estradas dedicadas à exploração de madeira está desativada (**Gráfico 32**). Grande parte desse contingente de estradas abandonadas

corresponde à exploração de mogno que assolou o território Kayapó na última década do século XX.

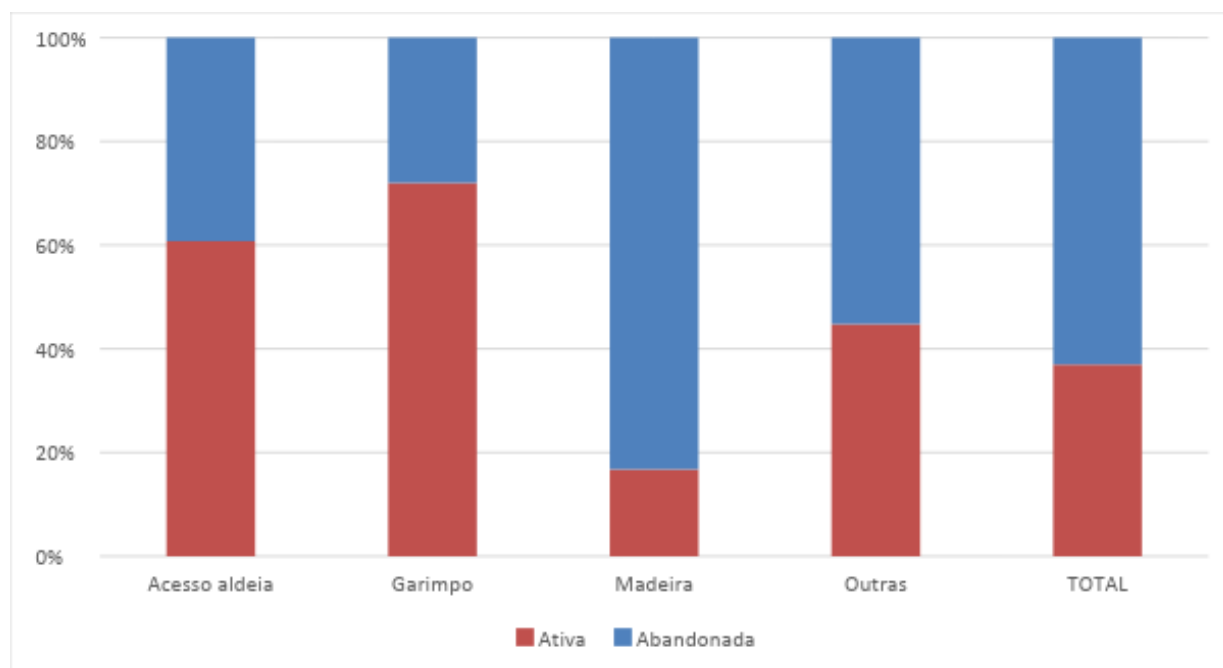


Gráfico 32. Situação em 2017 das estradas abertas no território Kayapó (por função)

3.2.2 Garimpos

Conforme detalhado no início da presente seção, a importância e o crescimento da mineração ilegal no território Kayapó, especificamente na sua porção leste, fez com que fizéssemos um esforço de caracterização da dinâmica associada ao garimpo no período 2011-2017, determinando todos os focos de atividade e os anos em que cada foco permaneceu ativo.

O resultado desse trabalho pode ser apresentado de diversas formas. As duas tabelas Tabela 12 e Tabela 13 apresentam o número de áreas e o tamanho total das mesmas, em função do tempo e do território afetado.

Tabela 12. Evolução do número de áreas afetadas por garimpo em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017.

Território	2011	2013	2015	2017	Total
TI Baú	11	7	17	13	48
TI Kayapó	52	82	119	629	882
Buffer TI Baú	2	4	9	9	24
Buffer TI Kayapó	80	108	140	234	562
Buffer TI Menkragnoti	1	5	1	4	11
Total Geral	146	206	286	889	1527

Tabela 13. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por exploração garimpeira em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017.

Território	2011	2013	2015	2017	Total
TI Baú	38	33	67	59	196
TI Kayapó	1668	2090	2414	4648	10820
Buffer TI Baú	6	9	73	73	161
Buffer TI Kayapó	1027	1170	1751	2487	6434
Buffer TI Menkragnoti	16	31	16	22	85
Total Geral	2755	3332	4321	7290	17697

A expressão gráfica das tabelas anteriores (**Gráfico 34 e Gráfico 35**) mostra a aceleração, entre 2015 e 2017, da abertura de áreas para garimpo no interior da TI Kayapó, impulsionada pela subida praticamente constante do preço do ouro na última década (ver **Gráfico 33**) e por um contexto político local favorável.



Gráfico 33. Evolução do preço da grama de ouro (em Reais Brasileiros) no mercado internacional, nos últimos 10 anos. Observar a tendência crescente praticamente contínua em todo o período. Obtido de <https://goldprice.org/pt/gold-price-history.html>

Apesar do ano de 2018 se situa fora do escopo do presente trabalho, é necessário assinalar que as invasões no leste do bloco Kayapó se acentuaram ainda mais no primeiro semestre de 2018, atingindo níveis inéditos de penetração no território protegido, e se constituindo, de longe, na maior ameaça à integridade territorial do bloco de Terras Indígenas⁶. Uma recente operação combinada do IBAMA e da polícia federal⁷ teve como alvo os principais focos de exploração na TI Kayapó, o que deve arrefecer o processo atual de invasão.

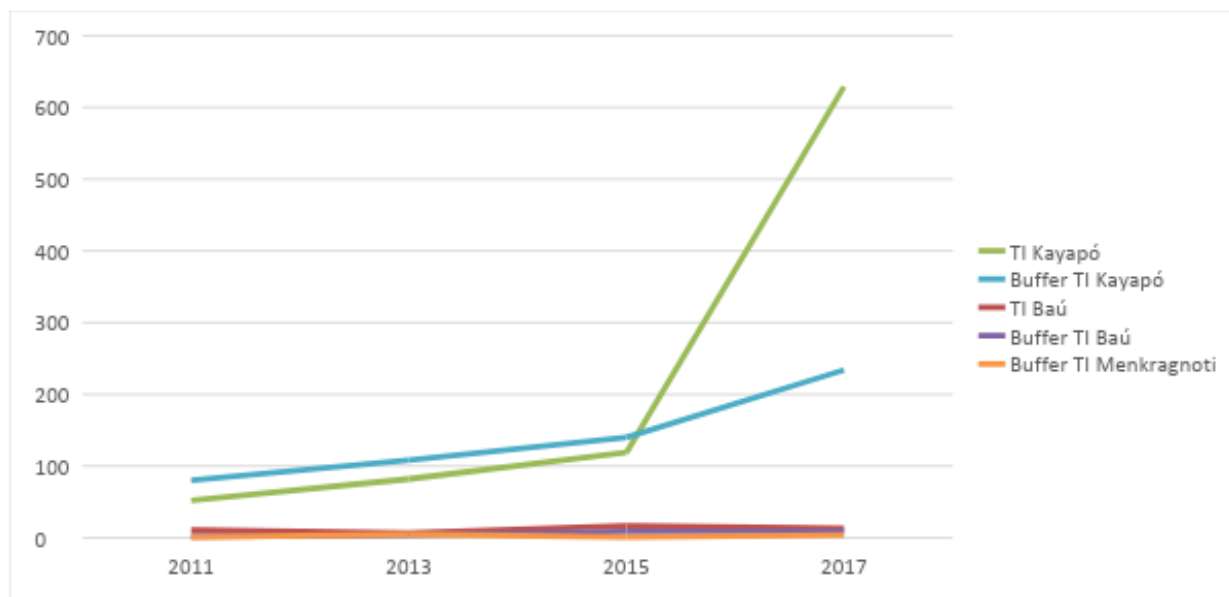


Gráfico 34. Evolução de número de áreas afetadas por garimpo no período 2011-2017

⁶ Ver, por exemplo: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-xingu/desmatamento-no-xingu-avanca-mesmo-debaixo-de-chuva>

⁷ Ver <https://www.ibama.gov.br/noticias/436-2018/1695-operacao-conjunta-desativa-27-escavadeiras-e-11-balsas-de-garimpo-ilegal-na-terra-indigena-kayapo-pa>

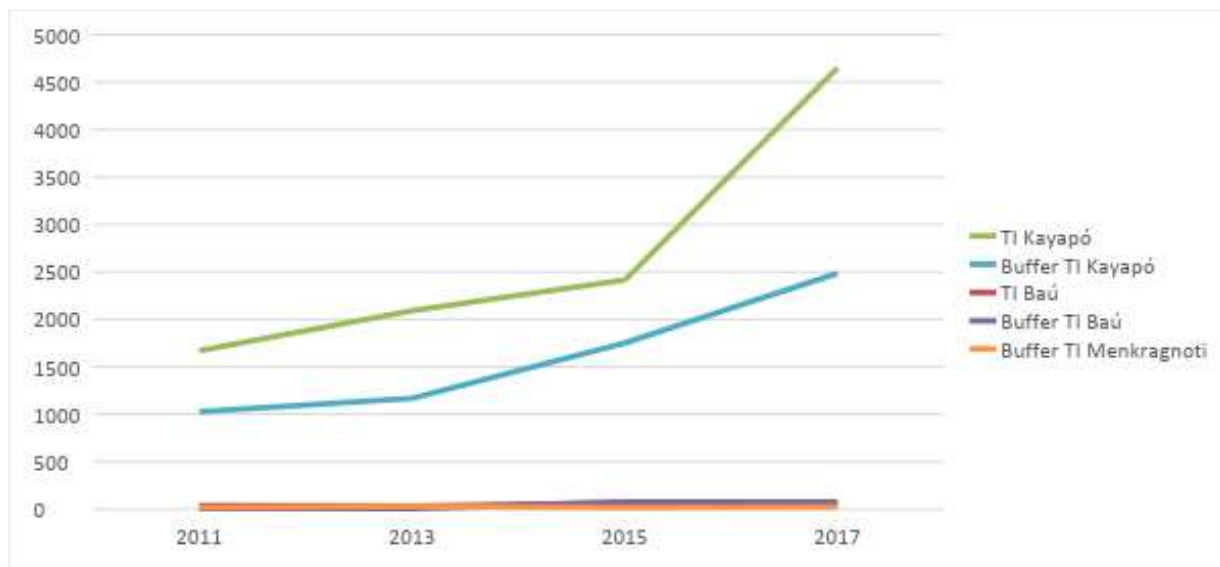


Gráfico 35. Evolução de superfície total afetada por garimpo no período 2011-2017

3.2.3 Extração de madeira

O mapeamento de áreas sujeitas a extração ilegal de madeira não foi satisfatório, não sendo possível detectar este tipo de degradação através das imagens. Entendemos que houve uma mudança muito significativa no *modus operandi* dos grupos especializados na extração de madeira. O aumento da repressão a esse tipo de crime forçou uma mudança no tipo de exploração, que passou a focar especificamente em indivíduos de espécies de alto valor. Também constatamos que os agentes exploradores deixaram de abrir pátios no meio da floresta, justamente para evitar detecção por sensoriamento remoto. Como consequência disso, a degradação visível nas imagens de satélite diminuiu muito, sendo difícil distingui-la de outras feições de degradação que ocorrem de forma natural no período seco.

3.2.4 Pistas de pouso

Das 39 pistas encontradas no bloco de TI Kayapó e as suas adjacências, 32 se encontram ativas, 5 foram abandonadas e duas estão aparentemente inativas. Das 39, 34 estão situadas dentro do território protegido. Destas 34, 27 (isto é, o 80%) permanecem ativas. A tabela a seguir (**Tabela 14**) detalha a região e função aparente das pistas detectadas e em atividade.

Tabela 14. Situação e função das pistas de pouso ativas detectadas no bloco Kayapó

Território	Acesso aldeia	Garimpo	Total Geral
TI Baú	1		1
TI Capoto/Jarina	3		3
TI Kayapó	9	6	15
TI Menkragnoti	7	1	8
Total Geral	20	7	27

É interessante constatar que existem pistas de pouso ativas em lugares que tem pouca ou nenhuma exploração de garimpo. Essas pistas mostram lugares de potencial desenvolvimento futuro da atividade de mineração ilegal.

3.2.5 Cicatrizes de queimadas

Conforme detalhado na introdução da presente seção, os mosaicos de imagens de satélite de cada período considerado foram processados para detectar, de forma semi-automática, regiões severamente afetadas por queimadas. Estas áreas apresentam baixa resiliência pós-incêndio e são de máxima relevância na avaliação das transformações da paisagem no território Kayapó.

A tabela a seguir (**Tabela 15**) resume o trabalho de mapeamento realizado.

Tabela 15. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por queimadas em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017

Território	2011	2013	2015	2017	Total Geral
TI Capoto/Jarina	3069	1562	2755	7549	14934
Buffer Capoto/Jarina	136	157	73	431	796
TI Kayapó	3953		781	713	5447
Buffer TI Kayapó		40	75	1056	1171
TI Badjônkôre			298	464	762
Buffer TI Badjônkôre			119	1354	1473
TI Baú			1	9	10
Buffer TI Baú			3860	922	4782
TI Menkragnoti			21	16	37
Buffer TI Menkragnoti			161	889	1049
Total Geral	7157	1759	8143	13403	30462

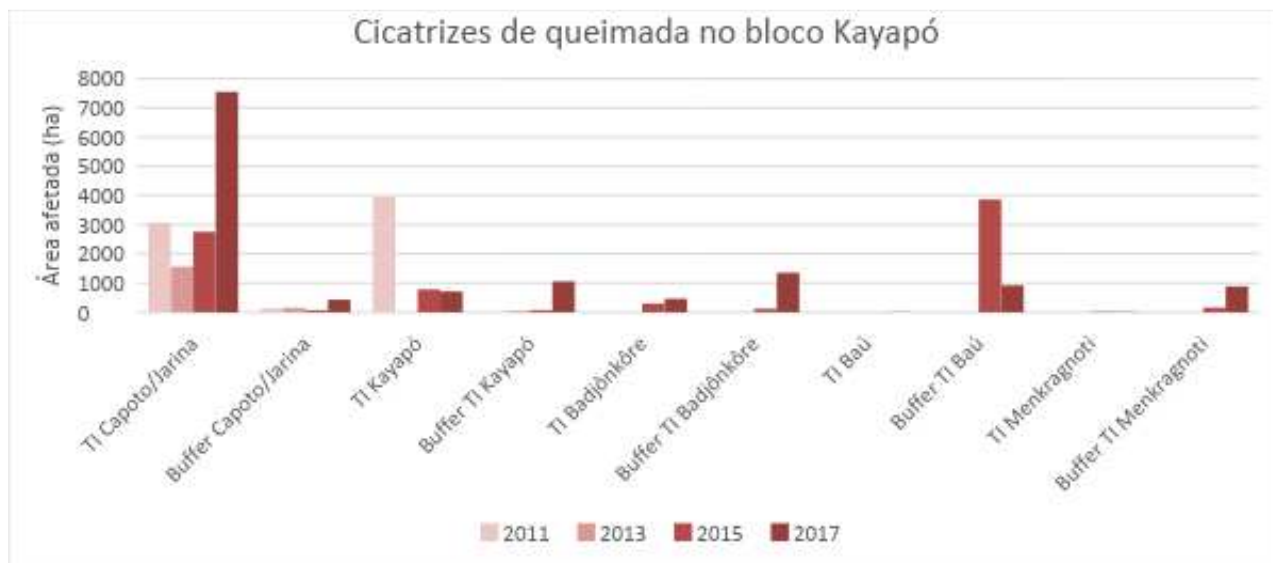


Gráfico 36. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por queimadas em território Kayapó e adjacências entre 2011 e 2017

A análise espacial dos polígonos de cicatrizes de queimadas permite afirmar que a clara tendência ao aumento das áreas queimadas no território Kayapó e adjacências não está correlacionada com os processos de ocupação do território. Com efeito, vemos que nas TIs mais afetadas por invasões, as áreas queimadas não aumentam. Já a TI Capoto/Jarina, que não registrou nenhuma invasão no período, mostra um claro aumento da área queimada (**Gráfico 36**).

É significativo observar que o grande aumento dos focos de calor detectado no ano de 2017 não teve um reflexo no cômputo de cicatrizes de queimada. Isto é devido à técnica utilizada para calcular os mosaicos de imagens de satélite. Com efeito, o algoritmo seleciona, entre todas as imagens disponíveis, o pixel mais representativo para o ano selecionado. Se a queimada aconteceu no final do período seco, o pixel mais representativo não será o que representa a queimada, e sim aquele que representa o período anterior à queimada, por ser este mais representativo. As áreas mais gravemente queimadas serão registradas no ano seguinte, no caso 2018.

O aumento do número de focos de calor e das áreas severamente afetadas por incêndios, especialmente no sul do mosaico tem uma correlação clara com os padrões de alteração climática que afetam à região de transição cerrado-amazônia. A diminuição das precipitações e o alongamento da estação seca provocam episódios de estresse hídrico sem precedentes, que tendem a aumentar a virulência e a extensão dos incêndios em matas de transição. Esse fenômeno, fartamente documentado no Parque Indígena do Xingu, parece estar se propagando em direção ao norte, e começa a afetar as áreas de vegetação savânica (*kapotós*) do território Kayapó.

A TI Las Casas apresentou também um aumento significativo da sua área afetada por queimadas no período estudado (**Gráfico 37**).

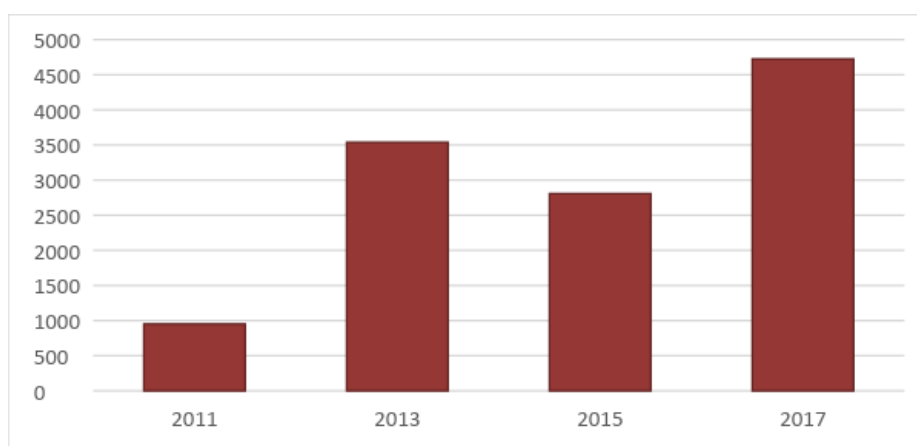


Gráfico 37. Evolução do total de superfície afetada (em hectares) por queimadas na TI Las Casas entre 2011 e 2017

Para melhor avaliar a tendência crescente de ocorrência de fogos de calor e queimadas, realizamos um estudo do histórico de precipitações do bloco Kayapó, utilizando para tal o dado CHIRPS (*Climate Hazards Group InfraRed Precipitation with Station data*)⁸, que apresenta uma boa consistência quando comparado com dados de estação de medição (no nosso caso, utilizamos a estação de Matupá (MT), como elemento de calibração). O resultado do estudo é sintetizado no **Gráfico 38**.

⁸ Dado disponível em <http://chg.geog.ucsb.edu/data/chirps/> e na plataforma Google Earth Engine.

Para uma completa descrição do método de registro e calibração de dados de calibração, consultar: Funk, Chris, Pete Peterson, Martin Landsfeld, Diego Pedreros, James Verdin, Shraddhanand Shukla, Gregory Husak, James Rowland, Laura Harrison, Andrew Hoell & Joel Michaelsen. *The climate hazards infrared precipitation with stations—a new environmental record for monitoring extremes*. Scientific Data 2, 150066. doi:10.1038/sdata.2015.66 2015.

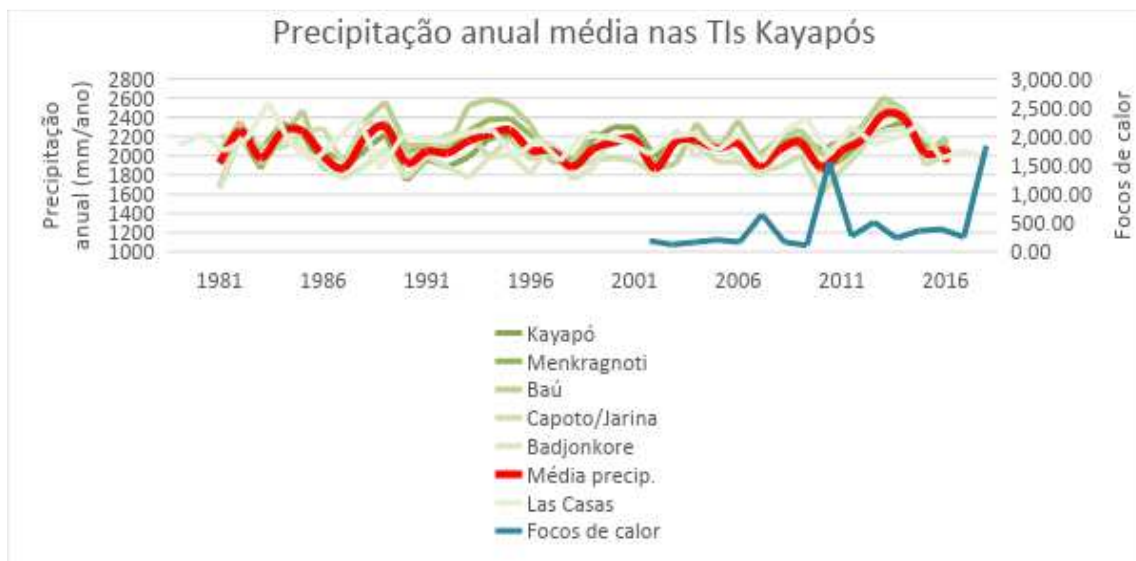


Gráfico 38. Série histórica de precipitações nas TIs estudadas, comparada com a incidência de focos de calor no período 2001-2017. Fonte precipitações: CHIRPS. Elaboração própria.

É possível constatar que a desde 2014 e de forma mais acentuada, de 2015 a 2017, a região vive um período de estiagem longo após um período de fortes precipitações (2012-1014), o que poderia explicar a forte incidência de incêndios na região, especificamente no ano de 2017. Podemos supor também que nos anos de 2015 e 2016 não houve aumento dos incêndios devido ao remanescente de umidade após o período de fortes precipitações.

Mesmo reconhecendo a necessidade de aprofundar as análises, estudando, por exemplo, a evolução da duração da estação seca, já é possível afirmar que o território Kayapó sofre atualmente uma estiagem plurianual anômala, que teve como consequência um aumento na extensão e frequência de fogos nas regiões de campos e florestas de transição da região.

3.3 Análise específica da situação de integridade territorial das Terras Indígenas Kayapó

Com base nas informações compiladas anteriormente realizamos uma análise detalhada da situação de cada TI, relativa aos riscos a sua integridade territorial.

3.3.1 TI Baú

A análise das diversas feições mapeadas para o período 2011-2017, junto com os dados de desmatamento e focos de calor relatados no capítulo anterior, revela um cenário positivo no que diz respeito à integridade territorial da TI Baú. No entanto, existem vetores de degradação ativos que devem ser desativados e monitorados. Enumeramo-los, por tipo de ameaça:

- Garimpo: existem quatro focos com diferentes níveis de atividade na TI. Aquele que aparenta um maior risco é do Coringa, situado no limite da TI, a aproximadamente 15 km. da aldeia Baú. A proximidade da aldeia e sobretudo a proximidade a uma frente de mineração ativa e em processo de legalização⁹ aumentam o risco desta área que deve ser objeto de ação de fiscalização imediata¹⁰. As outras três áreas de garimpo da TI (Nova Esperança, Pista Velha e Pista Nova) apresentam níveis inferiores de atividade, e o acesso às mesmas parece dificultado (as pistas de pouso não aparentam estar em bom estado).

- Roubo de madeira: existe atualmente um foco de extração de madeira que parece ter tido atividade desde 2013 até hoje, se expandido até cobrir uma área significativa. A área, chamada de Coringa, e acessada através do PDS Terra Nossa. Devido ao caráter seletivo da extração de madeira, não foi possível determinar com precisão a área total afetada. Existe uma correlação entre o desenvolvimento da área de garimpagem ilegal e a de remoção de madeira, apontando à possibilidade de que os dois vetores citados estejam sendo explorados de forma conjunta por um mesmo grupo ou consórcio.

- Pesca não autorizada: dois ramais permanecem ativos na região norte da TI, entre a divisa e o rio Curuá. Localmente eles são denominados: vicinal Sarandi (mais ao sul) e vicinal Tonelli. Outros três ramais, mais próximos da aldeia, já foram desativados.

⁹ Para mais detalhes sobre o controverso processo de licenciamento da mineração Coringa, ver <https://xingumais.org.br/obra/mineracao-coringa-chapleau>

¹⁰ A região de Coringa, no interior da TI, foi objeto de uma operação de fiscalização do IBAMA em agosto de 2018.

Medidas recomendadas:

- Monitoramento constante (rotinas mensais) do limite oeste da TI, para possibilitar a detecção e desativação rápida de estradas secundárias entrando no território.
- Monitoramento das áreas de garimpo na região do Coringa, para evitar a sua reativação.
- Destruição das pistas de pouso relacionadas com garimpo no interior da TI.
- Acompanhamento e incidência política no processo de licenciamento da mineração Coringa/Chapelau.

3.3.2 TI Capoto/Jarina

A pesar de não mostrar sinais de degradação antropogênicas (como as motivadas pelo garimpo e pela extração de madeira) a TI Capoto/Jarina sofreu um incremento inquietante na proporção de áreas queimadas e de focos de calor no período estudado. Esse aumento, que não obedece a invasões de não indígenas ou a mudanças no padrão de uso da terra dos residentes indígenas, está relacionado com as mudanças climáticas que afetam às regiões de transição entre os biomas Amazônia e Cerrado. No Parque Indígena do Xingu essas mudanças já foram percebidas pelos habitantes indígenas no início do século¹¹, e motivaram iniciativas de adaptação do manejo tradicionais bem sucedidas¹². Tudo indica que as mudanças climáticas estão atingindo territórios situados mais ao norte, e que em breve irão comprometer a conservação das florestas de todo o território Kayapó.

No entorno da TI, registramos um aumento da pressão, sinalizado pelo significativo aumento do desmatamento entre 2015 e 2017. Dois fatores estão ligados a esse aumento: de um lado, a expansão das lavouras de soja na região leste da rodovia BR-163, e de outro lado, o aquecimento do mercado de terras no entorno da estrada MT-322. Os dois processos têm a ver com a pavimentação das respectivas rodovias. No caso da BR-163, o asfaltamento da parte paraense avançou e foi praticamente finalizado no período estudado (2011-2017), o que provocou um significativo aumento da capacidade de exportação e, por tanto, da demanda de soja no Mato Grosso¹³. O início do processo de asfaltamento da MT-322 (antiga BR-080), na região que atravessa

¹¹ Ver Schwartzman, S. et al (2013) *The natural and social history of the indigenous lands and protected areas corridor of the Xingu River basin*. Philosophical Transactions of the Royal Society of Biological Sciences, 368 (1619).

¹² Para uma visão abrangente das ações de adaptação às mudanças climáticas no Parque Indígena do Xingu, acessar: <https://medium.com/@socioambiental/fogo-do-%C3%ADndio-65df77094096>

¹³ Recomendamos a leitura de: Torres, M.; Doblas, J; e Alarcon, D., *Dono é quem desmata. Conexões entre grilagem e desmatamento no sudoeste paraense*. Altamira, 2017.

a divisa entre o Parque Indígena do Xingu e a própria TI Capoto-Jarina, também teria provocado um aquecimento do mercado fundiário na região e o consequente aumento do desmatamento.

Medidas recomendadas:

- Implantação de práticas de adaptação às mudanças climáticas, especificamente no manejo e monitoramento do fogo;
- Acompanhamento e incidência no processo de asfaltamento da rodovia MT-322;
- Monitoramento contínuo dos limites da TI, especialmente no seu lado Oeste.

3.3.3 TI Badjonkôre

De forma similar à TI Capoto/Jarina, a TI Badjonkôre não apresentou na análise de dados nenhuma pressão antropogênica direta, sendo o único motivo atual de preocupação o aumento dos focos de calor e das áreas queimadas no seu interior. Conforme relatamos anteriormente, o aumento das temperaturas médias, assim como o alongamento da temporada de seca provocam modificações no comportamento dos maciços vegetais frente ao fogo, que se propagam de forma virulenta em florestas e formações campestres ressecadas.

Medidas recomendadas:

- Monitoramento remoto das divisas do território;
- Implantação de práticas de adaptação às mudanças climáticas, especificamente no manejo e monitoramento do fogo.

3.3.4 TI Las Casas

A TI Las Casas apresenta várias particularidades, tanto no seu processo de criação tanto nas características da sua cobertura vegetal, que a diferencia do resto das TIs Kayapó. Com efeito, a TI apresenta, em 100% da sua extensão, uma fitofisionomia savânica, com algumas florestas de galeria. Essa característica provoca uma maior vulnerabilidade das formações vegetais às mudanças climáticas, especificamente na resiliência após incêndios. De forma similar a outras TIs estudadas, a TI Las Casas apresentou um aumento significativo da superfície queimada e dos focos de calor no período estudado. Em 2017 as queimadas atingiram áreas até então pouco afetadas, somando um total de 4.727 ha, ou 22% do total da superfície da TI (Figura 6).

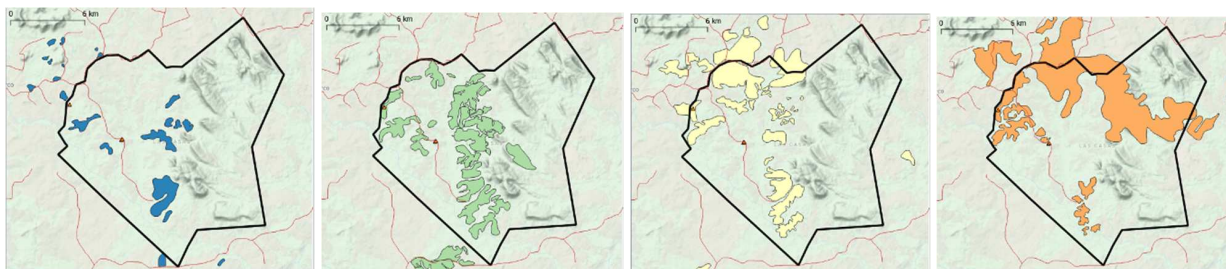


Figura 6. Evolução das áreas severamente afetadas por queimadas entre 2011 e 2017. Observar como em 2017 (último quadro a direita), as áreas queimadas diferem das anteriormente afetadas.

Medidas recomendadas:

- Monitoramento remoto das divisas do território;
- Implantação de práticas de adaptação às mudanças climáticas, especificamente no manejo e monitoramento do fogo.

3.3.5 TI Menkragnoti

A TI Menkragnoti é a maior do conjunto de TIs Kayapó. A maior parte dela não registra atividade antrópica significativa, estando concentrada na sua divisa leste a maior parte dos focos de degradação. Seriam eles:

- Extração seletiva de madeira: concentrada no limite sul da fronteira da TI com a região de Castelo dos sonhos. Existem dois focos ativos: 1) Na proximidade imediata da aldeia Krimej 2) Região do ramal da bucha, 10 km ao norte da aldeia Krimej. Os dois focos de extração de madeira permaneciam ativos em 2017, e provavelmente foram abertos entre 2014 e 2015.

- Garimpo: unicamente foi constatada uma ameaça significativa: a abertura de uma pista de pouso para exploração mineral ilegal nas proximidades da aldeia Kendjan, numa região muito remota, mas que já sofreu exploração de mogno no passado.

- Incêndios: para além do aumento de focos de incêndio nas proximidades da TI, constatamos um aumento recente dos focos de calor nas proximidades da aldeia Pukany, atribuível a episódios de fogos descontrolados após a abertura de roças. Conforme tratado anteriormente, esses tipos de acidentes têm uma relação direta com as mudanças climáticas e a chegada tardia da estação de chuvas.

A estrada construída como parte do Plano Básico Ambiental da BR-163 (“ramal Kayapó”), apesar de penetrar profundamente no território indígena (mais de 160 km, desde a divisa da TI até o rio Iriri), não apresenta sinais de ter provocado episódios de degradação ou invasão significativos, desde o início da sua construção, em 2013, até o ano de 2017. Esse fato apresenta uma especial relevância dentro de um contexto de fronteira amazônica, em que as estradas são geralmente os

principais fatores de degradação ambiental das áreas protegidas e prenunciam invasões, desmatamento e degradação do tecido social.

Entendemos que existem dois fatores que podem explicar essa experiência positiva: 1) A existência de uma barreira permanente, instalada e mantida pela empresa responsável pela manutenção da estrada e 2) O intenso trânsito de indígenas, que contribuem a monitorar e denunciar atividades suspeitas ao longo da estrada.

Medidas recomendadas:

- Manutenção da barreira no início do “ramal Kayapó”.
- Práticas de adaptação a mudanças climáticas e manejo de fogo na aldeia Pukany, Jabuí e outras interessadas.
- Destruição da pista de garimpo próxima à aldeia Kendjan.
- Controle e monitoramento da região do ramal da Bucha e aldeia Krimej.

3.3.6 TI Kayapó

A TI Kayapó é, atualmente, o território mais ameaçado do conjunto de terras indígenas do povo Mebêngôkre. Conforme exposto anteriormente, registramos um incremento alarmante do número de garimpos e do total de área afetada pelos mesmos, assim como dos focos de calor e áreas afetadas pelo fogo.

A TI sofre então uma dupla ameaça: aquela vinda da invasão massiva de garimpeiros no seu limite leste, e a causada pelas mudanças climáticas globais.

As áreas mais ameaçadas pelo garimpo, em ordem de importância da degradação, seriam (Figura 7).

1. Setor Rio Branco: região entre as aldeias Moidjam e Krânhkro, na divisa da TI. Crescimento constante do garimpo desde a década passada. Não parece dar sinais de remissão. Para além dos riscos à integridade territorial da TI, compromete seriamente a qualidade das águas de Rio Branco, Fresco e Xingu, devido à grande quantidade de material removido.
2. Setor Gorotire/Maria Bonita: mostrou muita atividade em 2017, consistente em ampliação dos ‘fronts’ de exploração antiga. O uso intensivo de pás-carregadoras (PCs) acelera consideravelmente a abertura de novos barrancos. Acesso via Cumarú do Norte.
3. Setor Santilli: mostrou forte ampliação entre 2015 e 2017. Acesso via Vila do Brilhante.
4. Setor Kriny: apresentou sinais de reativação em 2017, e pode se desenvolver no futuro.

Outros dois setores mostram sinais de ativação (pistas ativas, rastros de exploração) e devem ser monitorados de perto:

5. São Sebastião/Arara Preta: são duas pistas vizinhas, abertas antigamente e que aparentemente estariam em processo de reativação¹⁴.
6. Região sudeste da TI: o triângulo definido pelas aldeias Kubenkrankrei, Pykatô e Nho mundjare contém algumas áreas de antiga garimpagem. Pelo menos três pistas nessa área apresentam boas condições para pousos, o que indica um risco de reativação dos antigos garimpos. A região deve ser monitorada de forma constante.

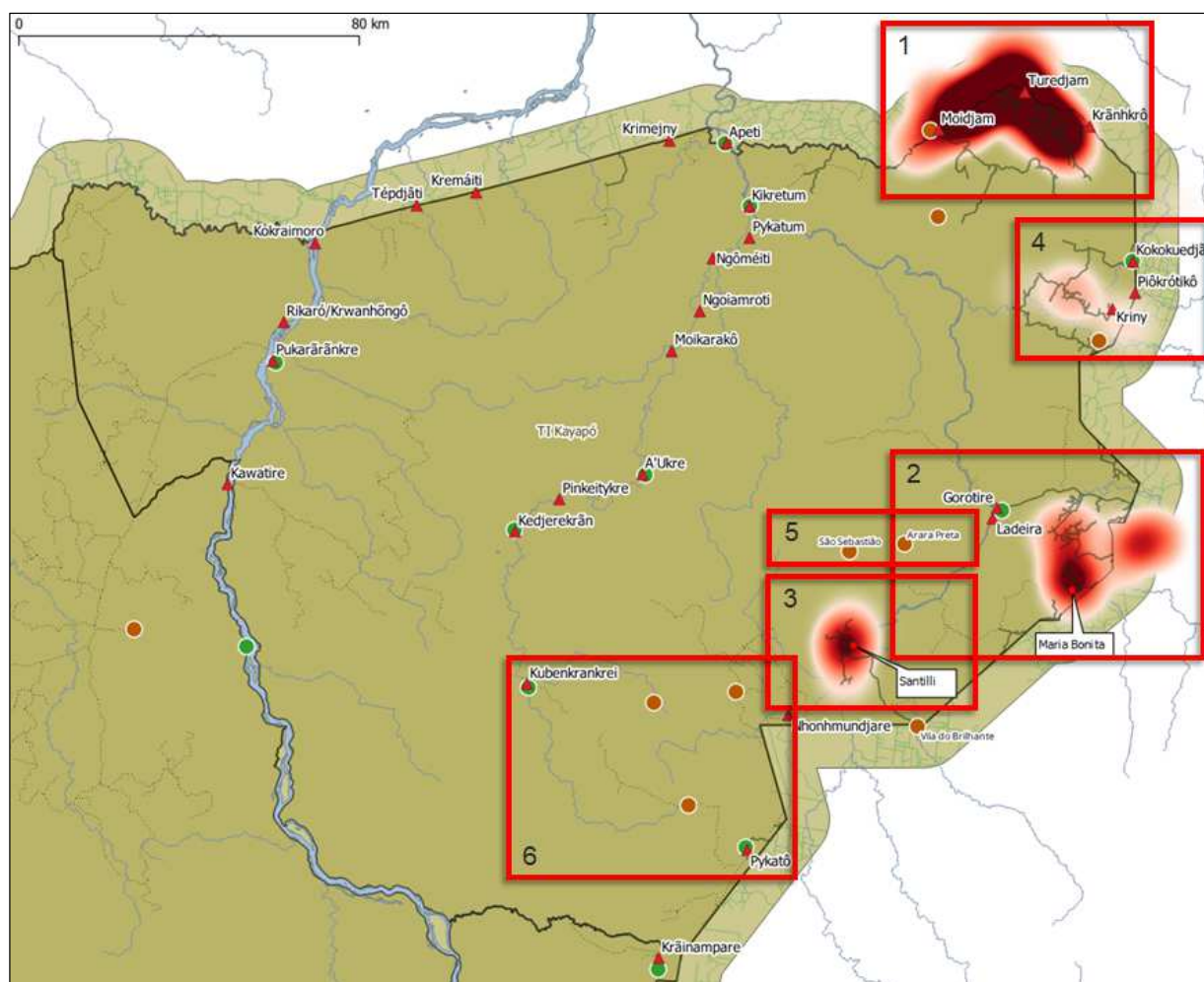


Figura 7. Áreas prioritárias para monitoramento e controle na TI Kayapó. Os círculos vermelhos denotam as pistas de garimpo ativas em 2017. As manchas vermelhas indicam o impacto de garimpos abertos em 2017.

¹⁴ As duas pistas foram destruídas na operação Muiraquitã, do IBAMA/PF, em agosto de 2018. Ver, por exemplo, <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2018/08/21/operacao-desarticula-garimpo-e-comercializacao-ilegal-de-ouro-na-terra-indigena-kayapo-no-pa.ghtml>

3.4 Descrição e histórico dos empreendimentos que potencialmente afetam as TIs Kayapó

A seguir, serão descritos os empreendimentos que foram avaliados como relevantes no que diz respeito à integridade territorial das TIs Kayapó. Grande parte das informações aqui reproduzidas foi gerada no contexto da rede Xingu+ (<https://www.xingumais.org.br>), pela equipe do componente Proteção e Direitos Territoriais do Programa Xingu do ISA.

A Figura 8 situa, em relação ao bloco Kayapó, os principais empreendimentos que serão objetos de detalhamento no presente capítulo.

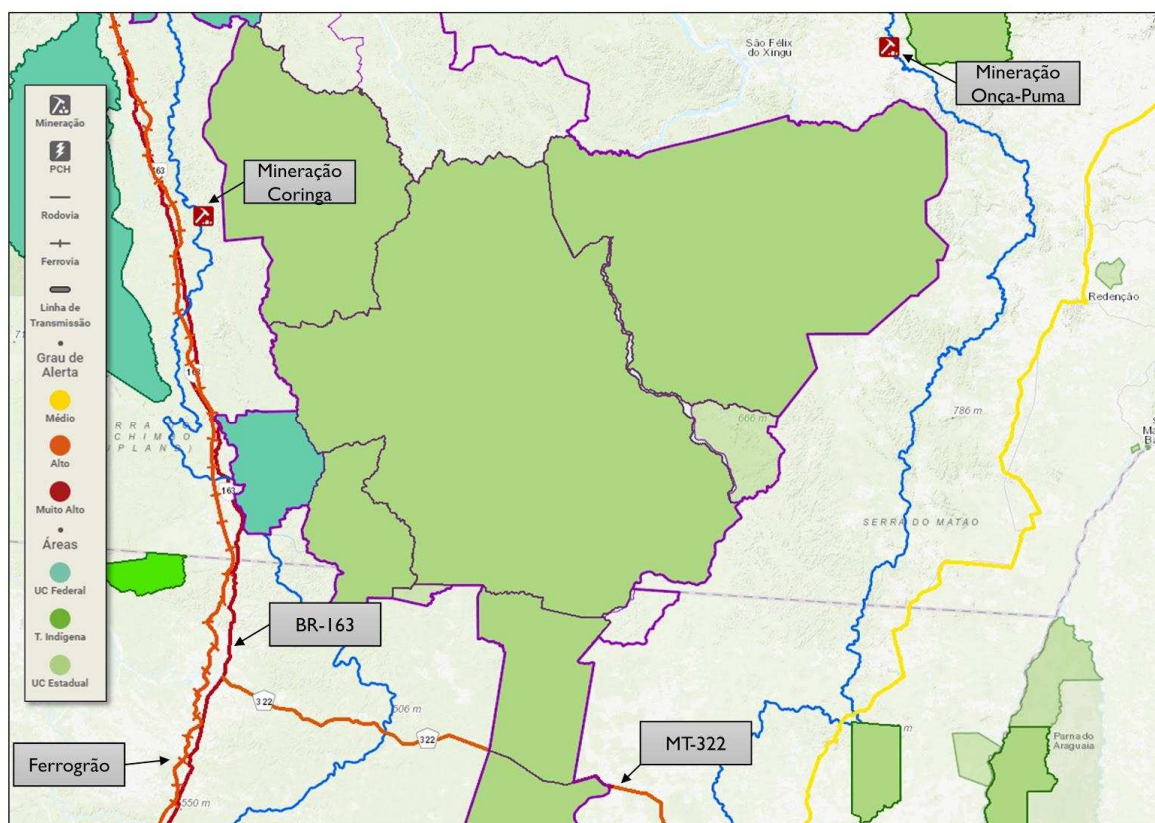


Figura 8. Situação dos principais empreendimentos com impacto significativo sobre o bloco de Terras Indígenas Kayapó. Fonte: observatório Xingu (<https://www.xingumais.org.br>).

A Tabela 16 resume as terras indígenas impactadas por cada empreendimento.

Tabela 16. Terras Indígenas impactadas por cada empreendimento

Empreendimento	Terras Indígenas Kayapó impactadas	Grau de Alerta
Rodovia BR-163 (Santarém-Cuiabá)	TI Baú, TI Menkragnoti	Muito Alto
Ferrovia EF-170 (Ferrogrão)	TI Baú, TI Menkragnoti	Alto
Mineração Coringa	TI Baú	Muito Alto
Mineração Onça Puma	TI Kayapó	Muito Alto
Rodovia MT-322	TI Capoto/Jarina	Alto

3.4.1 Rodovia BR-163 (Santarém-Cuiabá)

A rodovia BR-163, conhecida como rodovia Cuiabá-Santarém, é um projeto rodoviário do Regime Militar, que começou a ser aberto em 1973, para "ocupação" do interior do Brasil e teria a função de conectar a região Centro-Oeste do Brasil ao porto de Santarém (PA). Quando da construção da estrada, pessoas foram trazidas de várias regiões do Brasil e assentadas em vilas com precárias condições de saneamento básico, saúde ou educação. Nessa época, expandiu-se o número de grileiros, madeireiros e garimpeiros, que até hoje conformam uma forma de ocupação do território de alto impacto socioambiental.

A rodovia foi implantada na zona do limite entre as bacias do Xingu e do Tapajós, rompendo, assim, a conectividade entre esses ecossistemas. A implantação da rodovia seria acompanhada, entre diversas medidas de compensação, pela criação de Áreas de Proteção na região para contenção de diversos impactos socioambientais. Nesse contexto, construiu-se o Plano BR-163 Sustentável, que envolvia a implantação de diversas políticas de cunho ambiental, como a criação de Unidades de Conservação (UCs) no entorno da rodovia, e de cunho social, como a ampliação da rede de educação e saúde nos municípios impactados pela rodovia. Contudo, o plano não foi implementado com sucesso e a região hoje é palco de violentos conflitos socioambientais de disputas por territórios, recursos naturais e valores e modos de vida.

Desde setembro de 2017, o 8º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército instalou em Moraes de Almeida, distrito de Itaituba-PA, um destacamento com 350 militares e 200 equipamentos e viaturas, em razão de um convênio com o DNIT para pavimentação de 65 dos 150 km de rodovia

aberta, mas não asfaltada. Os 150 km localizam-se entre Novo Progresso-PA, região de grande atividade minerária, com grandes projetos como o Coringa, da mineradora Chapleau. O objetivo da obra é melhorar o escoamento de milho e soja para o porto de Miritituba-PA e o de Santarém-PA. Assim, considerando a implantação da Ferrogrão, que deve ser leiloadada ainda no final deste ano (2018), deverão ser acentuados impactos como o surgimento de novas fazendas, o aumento do desmatamento e da pressão sobre os recursos naturais das UCs e Terras Indígenas (TIs) da região, especificamente a TI Baú, TI Menkragnoti e a TI Panará.

O Projeto Básico Ambiental Indígena (PBAI) da BR-163, ou seja, o conjunto de programas socioambientais desenhados para a prevenção, mitigação ou compensação de impactos ambientais na região, apesar de pronto, não tem sido executado pelo DNIT (responsável pela construção da obra), sob alegação de falta de verba.

3.4.2 Ferrovía EF-170 (Ferrogrão)

A EF-170, também conhecida como Ferrogrão, faz parte do corredor logístico de exportação de grãos pelo rio Tapajós, ao norte do país. Trata-se de uma ferrovia em fase de planejamento, a ser implantada paralelamente à citada BR-163, entre Sinop (MT) e Itaituba (PA), com 933,725 km de extensão e capacidade de transporte exclusivo de carga 58 milhões de toneladas por ano. O objetivo da ferrovia é carregar para exportação: soja, milho, farelo de soja, açúcar; e trazer por importação de outros países: fertilizantes, etanol, gasolina e diesel. A construção e operação do empreendimento será concedida pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) para um empreendedor privado pelo período de 65 anos, prorrogáveis por mais 65 anos. O custo total do investimento previsto é de R\$ 12,7 bilhões. O recurso destinado para compensações socioambientais no projeto é de apenas 3,1% do valor total da obra, que devem ser gastos apenas durante os primeiros 10 anos do contrato de concessão. No orçamento do projeto atual não há recursos previstos para medidas de prevenção, mitigação ou compensação de impactos durante 55 anos de operação da ferrovia e o governo federal já admitiu que todos os custos socioambientais da Ferrogrão que ultrapassarem os 3,1% previsto vão sobrar para o bolso do contribuinte brasileiro.

Os principais impactos da ferrovia, já denunciados pelos povos indígenas aos possíveis investidores do projeto da Ferrogrão, entre eles investidores chineses, estão relacionados com seu potencial para promover o aumento e intensificação da agricultura empresarial, baseada em monoculturas para exportação, principalmente de grãos, com significativa concentração fundiária. Esse crescimento de produção destinada ao mercado internacional estará acompanhado do aumento do consumo de água e agrotóxicos, da perda de remanescentes florestais e de conectividade entre eles, assim como um aumento da pressão sobre os recursos naturais de Áreas Protegidas,

principalmente com o aumento da grilagem, garimpo e roubo de madeira em Terras Indígenas e Unidades de Conservação da área de influência da ferrovia.

No final de 2017, a ANTT realizou audiências públicas para a concessão do empreendimento. Nessa fase, a agência pública apresentou o Estudo de Viabilidade Técnica, Econômica e Ambiental (EVTEA) da Ferrogrão, produzido pela empresa Estação da Luz Participações (EDLP). Esse estudo aponta, entre outras coisas, que a ferrovia será construída próxima a diversas Terras Indígenas (TIs), porém, nenhum processo de Consulta e Consentimento Livre, Prévio e Informado (CCLPI) foi marcado com esses povos, nem com demais povos tradicionais presentes na região. Pelo contrário, o governo já confirmou que não fará a Consulta Prévia antes do leilão da ferrovia. Dessa forma, o governo quebrou a promessa que fez para lideranças indígenas, registrada em ata de encaminhamento, de que faria o processo de CCLPI antes de remeter o processo ao Tribunal de Contas da União (TCU).

Em novembro de 2017, o Ministério Público Federal de Itaituba/PA já havia emitido uma Recomendação para a ANTT alertando sobre a obrigatoriedade de se incluir dentro do processo de controle e participação social da ferrovia - momento no qual são realizadas as audiências públicas - a realização do processo de CCLPI com os povos indígenas e comunidades tradicionais da área de influência da Ferrogrão, mesmo antes da realização de audiências públicas. A ANTT ignorou a Recomendação e realizou as Audiências Públicas programadas sem a convocatória de CCLPI. Na audiência pública ocorrida em Brasília em dezembro de 2017, a ANTT se comprometeu com lideranças indígenas a realizar a CCLPI antes do próximo passo processual, que seria remeter o processo da ferrovia ao Tribunal de Contas da União (TCU) para emissão de parecer.

No início de março de 2018, lideranças de associações indígenas (Atix, Associação Iakiô e os Institutos Kabu e Raoni) se reuniram em Brasília-DF para discutir os impactos socioambientais da Ferrogrão, bem como o direito de Consulta e Consentimento Livre, Prévio e Informado (CCLPI) dos povos indígenas e comunidades tradicionais. No encontro, três cartas foram redigidas, sendo uma encaminhada ao Ministério Público Federal, outra aos povos indígenas da bacia do Tapajós também impactados pela Ferrogrão e uma terceira aos empreendedores, associações de empreendedores e bancos.

Em abril deste ano (2018), ocorreram no Congresso Nacional duas audiências públicas sobre a Ferrogrão, na semana do Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília-DF, e que contaram com a presença de dezenas de indígenas do Xingu e do Tapajós, de comunidades impactadas pelo empreendimento, que exigiram que seus direitos fossem respeitados.

Após tramitar no TCU, o Edital de Concessão pode ser finalizado para que a ANTT realize a licitação, ou seja, faça o procedimento de escolha da empresa que irá construir e operar a Ferrogrão. A previsão do governo federal é que o leilão da obra ocorra no final deste ano (2018). Já o licenciamento ambiental da obra só deve ter início após a concessão pelo leilão.

O último episódio do processo de licenciamento da Ferrogrão foi uma decisão da Justiça Federal, que suspendeu, no dia 26 de outubro de 2018, o processo administrativo de concessão por insuficiência de estudos socioambientais.

3.4.3 Mineração Coringa

O projeto de mineração Coringa localiza-se no município de Novo Progresso (PA). A mineradora pertence à Mineradora Chapleau Exploração Mineral Ltda, que, por sua vez, pertence ao grupo Anfield Gold Corp. A mina localiza a apenas 11 km da Terra Indígena (TI) Baú, e se situa muito próxima do rio Curuá - um dos principais rios que passam ali.

A localidade já vinha sendo explorada desde a década de 1980, bem antes do projeto Coringa. No início, a exploração era feita por garimpeiros, mas desde 1990 tem sido propriedade empresarial. De 2012 a 2017 a Licença de Operação (LO) do empreendimento esteve vencida, conforme constatou o Ibama. Mesmo assim, as atividades de pesquisa não pararam. Em 2017, a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará (Semas-PA) deu nova LO para o empreendimento, mesmo sem realização de Estudo de Componente Indígena (ECI), para que sejam estudados os impactos sobre comunidades indígenas no Licenciamento Ambiental.

Além disso, a LO emitida para o Projeto Coringa, apesar de ser uma licença somente para Pesquisa Mineral, autoriza a extração de 50.000 toneladas de minério por ano, durante os 5 anos de sua vigência. Isso equivale a um terço do total de minério previsto para o projeto no total. Ou seja, um terço do projeto pode ser imediatamente viabilizado sem que os estudos necessários sejam realizados.

Também não foi realizada a Consulta Livre, Prévia e Informada (CLPI) com os povos afetados pelo empreendimento. Por isso, o Instituto Kabu, representante de algumas aldeias Kayapó da região, pediu que o Ministério Público Federal (MPF) tomasse as devidas providências para que o empreendedor faça os estudos e consultas necessárias.

3.4.4 Mineração Onça Puma

O Projeto Onça-Puma de mineração está localizado próximo às Terras Indígenas (TIs) Kayapó e Xikrin do Cateté, na região Sudeste do Pará, no município de Ourilândia do Norte. Propriedade da Vale S.A., o projeto existe desde 2011 para a extração de níquel e é licenciado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas-PA). Enquanto os impactos do Empreendimento Onça Puma para a TI são diretos para a TI Xikrin do Cateté, para a TI Kayapó os impactos são considerados indiretos, decorrentes do aumento do fluxo migratório para a região. Desde 2014 vem sendo implementado pela Associação Floresta Protegida, o componente indígena Kayapó do Plano Básico Ambiental do empreendimento Onça Puma (PBA Kayapó).

Em agosto de 2017, Onça-Puma teve sua Licença de Operação (LO) suspensa por decisão do Tribunal Regional Federal da Primeira Região (TRF1), por conta do descumprimento de Condicionantes Socioambientais relativas aos povos Xikrin e Kayapó, inclusive o não pagamento de compensações ambientais em decorrência dos impactos causados sobre as populações das TIs. Essa decisão do TRF1 provoca a terceira paralisação do empreendimento devido aos impactos socioambientais que causa aos povos indígenas. As atividades minerárias desse projeto já causaram diversas consequências sobre a região, como o afugentamento de fauna por conta das explosões nas minas e a contaminação do rio Cateté, que trouxe novas doenças aos povos da região.

Diante disso, a 6ª Câmara do Ministério Público Federal (MPF) celebrou em 7 de dezembro de 2017 um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com os povos indígenas afetados pelo empreendimento, para acertar o valor referente à compensação ambiental dos impactos causados pela atividade minerária, a serem transferidos às associações representantes de cada povo.

3.4.5 Rodovia MT-322

A MT-322 (BR-080) é uma rodovia do governo do Mato Grosso que, em determinado trecho, faz a divisa do Território Indígena do Xingu (TIX) com a Terra Indígena (TI) Capoto Jarina, ao norte do Estado. Antes, o projeto da rodovia pertencia ao Governo Federal, quando se chamava BR-080. Hoje, a MT-322 ainda não está totalmente pavimentada. O trecho que corta as TIs corta também o rio Xingu, e é um dos trechos que ainda não está pavimentado.

Pelo fato de localizar-se dentro das mencionadas Terras Indígenas, a Secretaria do Meio Ambiente do Mato Grosso (SEMA-MT) reconheceu, no Ofício nº 102930/CIE/SUIMIS/2014, que esse segmento deve ser licenciado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Contudo, a despeito da recomendação, o licenciamento ambiental não subiu para a esfera federal, mas está parado na SEMA-MT desde 2013, e o empreendimento nunca obteve qualquer licença. A matriz de impacto desse segmento é a única que reconhece algum impacto socioambiental sobre Terras Indígenas do Corredor Xingu, porém de forma amplamente genérica, sob o nome de “Alteração no Cotidiano da População Indígena”.

Mesmo não estando totalmente pavimentada, a MT-322 já causa impactos diretos sobre as populações indígenas do TIX e da TI Capoto/Jarina, por conta do intenso fluxo de caminhões na rodovia. A pavimentação total da rodovia deve aumentar o fluxo de caminhões e em consequência, os impactos ambientais. Além disso, a construção de outros empreendimentos previstos para a região onde se encontra a MT-322 deve provocar graves impactos cumulativos e sinérgicos.

Além disso, as obras de construção da Ferrogrão (EF-170) e de duplicação da rodovia BR-163, ambas a oeste do Corredor Xingu, devem aumentar o escoamento da produção agrícola do Mato Grosso para as Estações de Transbordo de Carga (ETCs) de Miritituba, no Pará e, em consequência, aumentar o tráfego de veículos pela MT-322. O Estudo de Viabilidade Técnica, Econômica e Ambiental (EVTEA) da Ferrogrão, por exemplo, prevê a possibilidade de instalação de uma estação em Matupá-MT, município localizado na interseção entre a MT-322 e a BR-163.

4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A avaliação completa da situação de integridade territorial de cada uma das Terras Indígenas objeto do presente relatório determina um quadro complexo, em que diferentes regiões do bloco de TIs Kayapó enfrentam diferentes problemas em diferentes graus de intensidade. Em geral, é possível afirmar que o maior problema de todo o bloco é a exploração ilegal de ouro, que incide especialmente na sua fronteira leste. Outros tipos de degradação, como a exploração madeireira e o desmatamento se encontram controlados ou em vias de controle. Em relação à década passada, a grande novidade do período estudado é o incremento sem precedentes da quantidade de focos de calor registrados. Atribuímos boa parte deste incremento a mudanças no padrão de precipitação da região nos últimos anos. Entendemos que essa tendência deve se acentuar nos próximos anos devido às mudanças climáticas globais.

A seguir, enumeramos os destaques positivos e os pontos de atenção no que diz respeito à integridade territorial do bloco Kayapó nos últimos anos.

São experiências positivas que devem ser continuadas e reforçadas:

- **A proteção e controle no ingresso da estrada** que atinge o rio Iriri desde a divisa da TI Menkragnoti tem sido extremamente efetiva. Recomendamos que seja garantida a continuidade dessas ações de proteção no futuro.
- Todas as Terras Indígenas avaliadas se apresentam como **uma barreira efetiva contra o desmatamento especulativo** (aquele realizado com intenção de se apropriar de terras). É significativo que, apesar das TIs estarem inseridas em municípios que sofreram intensos processos de especulação fundiária, como Novo Progresso e São Felix do Xingu, não foi registrada nenhuma tentativa recente de grilagem. Nesse sentido, recomendamos que as ações de reivindicação territorial por parte das associações indígenas continuem sendo apoiadas.
- O **roubo de madeira** na fronteira leste do bloco tem sido contido de forma efetiva, porém os focos de exploração continuam aparecendo ocasionalmente. Recomendamos um monitoramento constante dessa fronteira para poder combater de forma rápida as tentativas de exploração ilegal. Especificamente, o monitoramento deve focar na região entre a divisa da TI Baú e o Rio Curuá, e na região do ramal da Bucha, na TI Menkragnoti.

Finalmente, duas questões devem ser abordadas com urgência, pois do seu correto tratamento depende a integridade de grandes áreas do território Kayapó:

- **Expansão do garimpo dentro da TI Kayapó:** A substituição das mangueiras d'água pressurizada por pás-carregadoras mudou a capacidade de destruição dos garimpos e a sua capacidade de gerar lucros. A progressão exponencial das áreas afetadas aumenta e muito o risco de 'contagio' entre as comunidades até agora não afetadas pelo garimpo. Para além das operações de fiscalização em campo, recomendamos ações de

inteligência que desmontem a rede de exportação do ouro explorado, e a implantação de postos de vigilância permanentes em lugares chave do território.

- **Adaptação das práticas tradicionais de uso do fogo às mudanças climáticas:** Os dados de precipitação indicam claramente uma relação entre o número de queimadas nos últimos anos e o clima nas Terras Indígenas Kayapó. A tendência no longo prazo é que a precipitação nestas áreas diminua ainda mais e a temperatura aumente tanto devido a alterações na cobertura vegetal da região sudeste da Amazônia como um todo, como devido às mudanças climáticas globais¹⁵. É sabido que períodos de seca severos, como os que ocorreram a partir de 2014 na região estudada, resultam em uma diminuição na disponibilidade de água no solo para as plantas e conseqüentemente no ressecamento da floresta, tornando-a muito mais inflamável do que em condições de pluviosidade normais¹⁶. Os Kayapó tradicionalmente praticam agricultura de corte e queima, na qual as florestas secundárias (antigas roças) ou mesmo primárias são cortadas e queimadas anualmente na estação seca como parte do preparo do solo para o plantio de novas roças na estação chuvosa. Costumam também utilizar o fogo para manejo de áreas abertas, como manchas de cerrado. Em anos muito secos, não é incomum que o fogo se alastre para além das áreas desejadas, causando por vezes grandes incêndios florestais em áreas no interior das Terras Indígenas. O aumento na incidência de incêndios florestais, por sua vez, resulta em um empobrecimento geral da vegetação e, conseqüentemente, em uma maior abertura do dossel da floresta e maior exposição do solo e da camada de folhas do solo aos raios solares, gerando uma matéria orgânica seca altamente inflamável, o que torna a vegetação ainda mais vulnerável a novos incêndios¹⁶. É extremamente importante que iniciativas futuras foquem na adequação das práticas tradicionais de manejo do fogo a essa nova realidade climática, que deve se agravar consideravelmente nos próximos anos.

¹⁵ IPCC, 2014: Climate Change 2014: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Core Writing Team, R.K. Pachauri and L.A. Meyer (eds.)]. IPCC, Geneva, Switzerland, 151 pp.

¹⁶ D.C. Nepstad, A. Veríssimo, A. Alencar, C. Nobre, E. Lima, P. Lefebvre, P. Schlesinger, C. Potter, P. Moutinho, E. Mendoza, M. Cochrane and V. Brook. Large-scale impoverishment of Amazonian forests by logging and fire, 1999. *Nature*, vol 398, pp 505-508.

5. PRODUTOS

Os produtos citados no relatório estão disponíveis em FTP (<ftp://ftpfunbio.socioambiental.org:2121>) e serão entregues posteriormente em uma cópia de DVD. O usuário e senha para acesso ao FTP serão fornecidos por e-mail.

A estrutura no FTP apresenta os seguintes diretórios:

- 1_dados – conteúdo dos arquivos raster e vetores.
- 2_mapas – os arquivos mxds e os pdfs

5.1 Base de dados geográfica

As informações geográficas espaciais foram compiladas, organizadas e sistematizadas no formato geodatabase (Banco de Dados em formato ESRI), versão 10.6, no sistema de coordenadas geográficas, em SIRGAS 2000 (Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas 2000).

Estes bancos estão disponíveis no diretório de nome 1_dados, em acordo com o que foi apresentado na **Figura 9**.



Figura 9. Estrutura dos geodatabases

As imagens de satélite para o processo de classificação foram obtidas do Satélite Landsat do produto Surface Reflectance¹⁷, Colection 1, Tier 1.

Para a geração de mosaicos foi utilizada a metodologia chamada 'meioide'. Para cada posição e para cada banda é calculada a mediana de todas as observações ao longo do ano (após mascaramento de nuvens e sombra de nuvens). Na sequencia, é selecionada a observação que mais parece com a mediana em cada ponto. A vantagem do meioide, frente à mediana, é que a observação que será selecionada configura sim uma observação real, e não uma observação sintetizada com valores de bandas que podem ser cada um de uma data diferente. A referência desta metodologia está em <https://emapr.github.io/LT-GEE/>

As imagens estão disponíveis na estrutura do FTP 1_dados/imagens

¹⁷ Maiores detalhes em <https://landsat.usgs.gov/landsat-surface-reflectance-data-products>

5.2 Mapas

O Anexo I apresenta todos os Mapas elaborados para este Diagnóstico, que podemos separar em dois grupos diferentes, a saber:

O primeiro grupo de mapas corresponde a mapas sobre desmatamento (com dados PRODES) e focos de queimada nas TIs Kayapós e seus entornos de 10 Km:

- Mapa 1. Desmatamento dentro e no entorno (10 km) das TIs Kayapó
- Mapa 2. Focos de queimada dentro e no entorno (10 km) das TIs Kayapó
- Mapa 3. Desmatamento dentro e no entorno da TI Badjonkôre
- Mapa 4 - Desmatamento dentro e no entorno da TI Baú
- Mapa 5. Desmatamento dentro e no entorno da TI Capoto/jarina
- Mapa 6. Desmatamento dentro e no entorno da TI Kayapó
- Mapa 7. Desmatamento dentro e no entorno da TI Menkragnoti
- Mapa 8 Desmatamento dentro e no entorno da TI Las Casas

O Segundo grupo de mapas – corresponde a mapas com dados e análises elaborados no ISA com o uso de imagens de satélite e imagens NDFI, e também outros dados secundários como títulos minerários:

- Mapa 9. Carta Imagem das TIs Kayapós
- Mapa 10. Desmatamento nas TIs Kayapós
- Mapa 11. Infraestrutura nas TIs Kayapós
- Mapa 12. Mineração nas TIs Kayapós

Os mapas estão em tamanho A3 e no formato pdf com 300 dpi de resolução.

Os projetos (arquivos mxd) que produziram cada mapa estão disponíveis no diretório 2_mapas, e estão identificados de acordo com a sua identificação neste documento.

Os arquivos mxds podem ser abertos em uma estrutura local, desde que os diretórios 1_dados e 2_mapas estejam baixados no mesmo diretório.



**AVALIAÇÃO DE IMPACTOS DO FUNDO KAYAPÓ PARA A QUALIDADE
DE VIDA, GESTÃO E INTEGRIDADE TERRITORIAL DAS TERRAS
INDÍGENAS KAYAPÓ**

SUMÁRIO

1. REPRESENTATIVIDADE E LINHAS DE AÇÃO APOIADAS PELO FUNDO KAYAPÓ.....	359
1.1. Importância dos recursos do Fundo Kayapó para as associações e TIs Kayapó.....	361
2.1. Distribuição de projetos e recursos do Fundo Kayapó por linha de ação.....	362
2. IMPACTOS DIRETOS E INDIRETOS DO FUNDO KAYAPÓ.....	365
2.1. Impactos dos projetos do Fundo Kayapó nos indicadores de qualidade de vida, gestão e integridade territorial.....	365
2.2. Impactos do Fundo Kayapó destacados nas entrevistas.....	375
3. SUGESTÕES PARA POTENCIALIZAR O FUNDO KAYAPÓ.....	376
3.1. Pontos de atenção.....	376
3.2. Sugestões de melhorias.....	377
3.3. Potenciais linhas de ação e abordagens para o Fundo Kayapó.....	378
3.4. Manutenção das linhas de apoio “Fortalecimento Institucional” das Associações Indígenas”.....	379
4. CONCLUSÕES.....	380

Lista de Tabelas

Tabela 1. Detalhamento das linhas de ação dos projetos apoiados e dos recursos aportados pelo Fundo Kayapó (FK) para a Associação Floresta Protegida, o Instituto Kabu e o Instituto Raoni, de 2013 a 2017.....	360
Tabela 2. Recursos totais, por aldeia, per capita e por área de atuação repassado pelo FK às Associações indígenas Kayapó Associação Floresta Protegida (AFP), Instituto Kabu (IK) e Instituto Raoni (IR) e proporção que estes recursos representam do total de recursos geridos por essas associações de 2013 a 2017.....	362
Tabela 3. Situação dos indicadores potencialmente afetados pelas iniciativas de fomento a atividades produtivas sustentáveis, as quais incluíram ações de gestão ambiental, apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.....	368

Tabela 4. Situação dos indicadores potencialmente afetados pelas iniciativas de fortalecimento institucional das associações indígenas e fortalecimento da representação política apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.....372

Tabela 5. Situação dos indicadores potencialmente afetados pelas iniciativas de controle e monitoramento ambiental apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.....374

Lista de Figuras

Figura 1. Destinação do recurso total desembolsado pelo Fundo Kayapó para as associações Kayapó entre 2013 e 2017, por linha de ação.....363

Figura 2. Destinação do recurso desembolsado pelo Fundo Kayapó para a Associação Floresta Protegida entre 2013 e 2017, por linha de ação.....364

Figura 3. Destinação do recurso desembolsado pelo Fundo Kayapó para o Instituto Kabu entre 2013 e 2017, por linha de ação.....364

Figura 4. Destinação do recurso desembolsado pelo Fundo Kayapó para o Instituto Raoni entre 2013 e 2017, por linha de ação.....365

Figura 5. Potenciais impactos das iniciativas de fomento a atividades produtivas sustentáveis, as quais incluíram ações de gestão ambiental, apoiadas pelo Fundo Kayapó, entre 2013 e 2017.....368

Figura 6. Potenciais impactos das iniciativas de fortalecimento institucional das associações indígenas e fortalecimento da representação política apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.....371

Figura 7. Potenciais impactos das iniciativas de controle e monitoramento ambiental apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.....374

1. REPRESENTATIVIDADE E LINHAS DE AÇÃO APOIADAS PELO FUNDO KAYAPÓ

Desde sua criação, o Fundo Kayapó (FK) apoiou projetos de três associações Kayapó - Associação Floresta Protegida (AFP), Instituto Kabu (IK) e Instituto Raoni (IR) - por meio de três editais:

- I. 1º Ciclo – Edital 01/2013
- II. 2º Ciclo – Edital 01/2014
- III. 3º Ciclo – Edital 01/2016

Em cada um dos editais acima, os objetivos gerais foram os mesmos:

- Melhoria da qualidade de vida dos Kayapó, por meio do desenvolvimento de atividades produtivas sustentáveis;
- Conservação e proteção da floresta e sua biodiversidade nas TIs Kayapó, em decorrência da melhoria da capacidade institucional das organizações locais

Os editais do 1º e 2º ciclo apoiaram projetos dentro das seguintes linhas de ação:

- a) Controle e monitoramento ambiental e territorial;
- b) Fomento a atividades produtivas sustentáveis;
- c) Atividades de gestão ambiental;
- d) Fortalecimento institucional das associações indígenas cujas atividades estejam associadas às três linhas acima.

Já o edital do 3º ciclo trouxe uma inovação, apoiando também iniciativas de fortalecimento político dos Kayapó, segundo a seguinte linha de ação:

- e) Fortalecimento da representação política e/ou participação em eventos e fóruns para definição de ações relativas aos Povos e Terras Indígenas;

Diante das condições dos editais, as associações indígenas AFP, IK e IR apresentaram projetos para todos os editais, exceto o IK para o 1º ciclo. A tabela 1, a seguir, apresenta o total de projetos apoiados para cada associação, o volume total de recursos aportados, os temas escolhidos por cada associação para seus projetos e quantas vezes cada linha foi acessada.

Tabela 1. Detalhamento das linhas de ação dos projetos apoiados e dos recursos aportados pelo Fundo Kayapó (FK) para a Associação Floresta Protegida, o Instituto Kabu e o Instituto Raoni, de 2013 a 2017. Fonte: Funbio 2018.

Associação	Associação Floresta Protegida	
Projetos apoiados	3	
Linhas de ação e destinação de recursos* (Nº de vezes que a linha foi acessada)	(a) Controle e monitoramento ambiental e territorial (2x)	R\$ 547.017,00
	(b) Fomento a atividades produtivas sustentáveis (3x)	R\$ 1.236.626,66
	(d) Fortalecimento Institucional (3x)	R\$ 782.456,66
Total de recursos dos projetos	R\$2.566.100,32	
Recursos FK	R\$1.786.692,82	
Recursos contrapartida	R\$779.407,50	
Associação	Instituto Kabu	
Projetos apoiados	2	
Linhas de ação e destinação de recursos* (Nº de vezes que a linha foi acessada)	(b) Fomento a atividades produtivas sustentáveis (2x)	R\$ 1.829.620,00
	(f) Fortalecimento Institucional (1x)	R\$ 100.000,00
Total de recursos dos projetos	R\$1.929.620,00	
Recursos FK	R\$1.599.620,00	
Recursos contrapartida	R\$330.000,00	
Associação	Instituto Raoni	
Projetos apoiados	3	
Linhas de ação e destinação de recursos* (Nº de vezes que a linha foi acessada)	(a) Controle e monitoramento ambiental e territorial (3x)	R\$ 228.210,00
	(b) Fomento a atividades produtivas sustentáveis (3x)	R\$ 955.573,00
	(d) Fortalecimento Institucional (3x)	R\$ 932.475,84
	(e) Fortalecimento da representação política (1x)	R\$ 85.080,00
Total de recursos dos projetos	R\$2.201.338,84	
Recursos FK	R\$1.812.607,72	

Recursos contrapartida	R\$388.731,12	
	TOTAL	
Projetos apoiados	8	
Linhas de ação e destinação de recursos* (Nº de vezes que a linha foi acessada)	(a) Controle e monitoramento ambiental e territorial (5x)	R\$ 775.227,00
	(b) Fomento a atividades produtivas sustentáveis (8x)	R\$ 4.021.819,66
	(d) Fortalecimento Institucional (7x)	R\$ 1.800.012,5
	(e) Fortalecimento da representação política (1x)	R\$ 100.000,00
Totais de recursos dos projetos	R\$6.697.059,16	
Recursos FK	R\$5.198.920,54	
Recursos contrapartida	R\$1.498.138,62	

* Os valores apresentados para cada linha de ação incluem recursos do FK + contrapartida das associações.

1.1. Importância dos recursos do Fundo Kayapó para as associações e TIs Kayapó

O valor total desembolsado pelo FK nos três ciclos aos projetos da AFP foi de R\$ 1.786.692,82 (34,4% do recurso total). O IK, que participou apenas dos dois últimos ciclos, recebeu R\$ 1.599.620,00 (correspondente a 30,8% do total). Já o IR recebeu R\$ 1.812.607,72, (34,8% do total).

Esses valores somados, no entanto, representam no total menos de 8% do recurso gerido pelas associações no mesmo período, tanto por meio de projetos quanto por meio de recursos de mitigação e compensação de empreendimentos. Para a AFP, os recursos do FK representam 6% do total de recursos geridos de 2013 a 2017; para o IK, representam 5,5%; e para o IR, os recursos do FK representam, 19,6% do total de recursos geridos.

Quando os recursos obtidos são ponderados pelas respectivas áreas de atuação das associações, observamos que os recursos destinados representam em média apenas R\$ 0,12/ha/ano. Para a AFP este valor é de R\$ 0,15/ha/ano; para o IK, que representa atualmente a maior área, é de R\$ 0,07/ha/ano; e para o IR, que representa a menor área, os recursos provenientes do FK representam R\$ 0,20/ha/ano (tabela 2).

Segundo Wikkie *et al.* (2001), países africanos da Bacia do Congo destinam uma média de aproximadamente US\$ 1,17 (R\$ 4,53) por hectare, e países da Europa e América do Norte destinam uma média de aproximadamente US\$ 27,68 (R\$ 107,12) por hectare na gestão de suas Áreas Protegidas. Se considerarmos apenas os recursos destinados para a linha de controle e monitoramento ambiental territorial, a média de recurso por ha aplicados pelo FK é de apenas R\$ 0,02/ha/ano, valor muito baixo considerando-se o atual contexto de ameaças às TIs Kayapó.

Se os recursos destinados pelo FK às TIs Kayapó forem ponderados pelo número de aldeias vinculadas às associações, eles representam cerca de R\$ 19.618,57 por aldeia/ano, sendo R\$ 14.293,54/ano para aldeias da AFP, R\$ 26.660,33 por aldeia/ano no IK e R\$ 22.657,60 por aldeia/ano no IR (Tabela 2), valores baixos quando comparados aos recursos de outros projetos das associações (aprox. R\$ 115 mil no IR a R\$ 482 no IK). O mesmo ocorre para os valores per capita.

Tabela 2. Recursos totais, por aldeia, per capita e por área de atuação repassado pelo FK às associações indígenas Kayapó Associação Floresta Protegida (AFP), Instituto Kabu (IK) e Instituto Raoni (IR) e proporção que estes recursos representam do total de recursos geridos por essas associações de 2013 a 2017. Fontes: Funbio, Associação Floresta protegida, Instituto Kabu e Instituto Raoni 2018.

Associação	Recurso total 2013 - 2017 (R\$)*	Recurso anual por aldeia (R\$/aldeia/ano)	Recurso anual per capita (R\$/hab/ano)	Recurso anual por área (R\$/ha)	% em relação ao recurso total da Associação
AFP	1.786.692,82	14.293,54	119,55	0,15	6,0
IK	1.599.620,00	26.660,33	204,03	0,07	5,5
IR	1.812.607,72	22.657,60	197,02	0,20	19,6
Total	5.198.920,54	19.618,57	162,54	0,12	7,7

* Apenas recursos do FK. Não foram incluídas as contrapartidas.

1.2. Distribuição de projetos e recursos do Fundo Kayapó por linha de ação

Desde o início de sua implementação, a linha de ação mais acessada pelos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó foi a de fomento a atividades produtivas sustentáveis (acessada 8 vezes), seguida por fortalecimento institucional (6 vezes), e controle e monitoramento ambiental e territorial (5 vezes).

Por outro lado, a linha de atividades de gestão ambiental não foi diretamente acessada por nenhum projeto. No entanto alguns projetos abordaram atividades de gestão ambiental, como, por exemplo, perfuração de poços para captação de água nas aldeias pelo IK e gestão de resíduos sólidos nas aldeias pelo IR, porém as mesmas estavam vinculadas a projetos dentro do tema de fomento a atividades produtivas sustentáveis.

Se considerarmos o recurso total dos projetos aprovados pelo FK (incluindo suas respectivas contrapartidas), 60,1% do recurso foi destinado à linha de fomentos a atividades produtivas, cerca de 27% foi para projetos de fortalecimento institucional, aproximadamente 12% foi para controle e monitoramento ambiental territorial e fortalecimento institucional e o restante para fortalecimento da representação política (Figura 1).

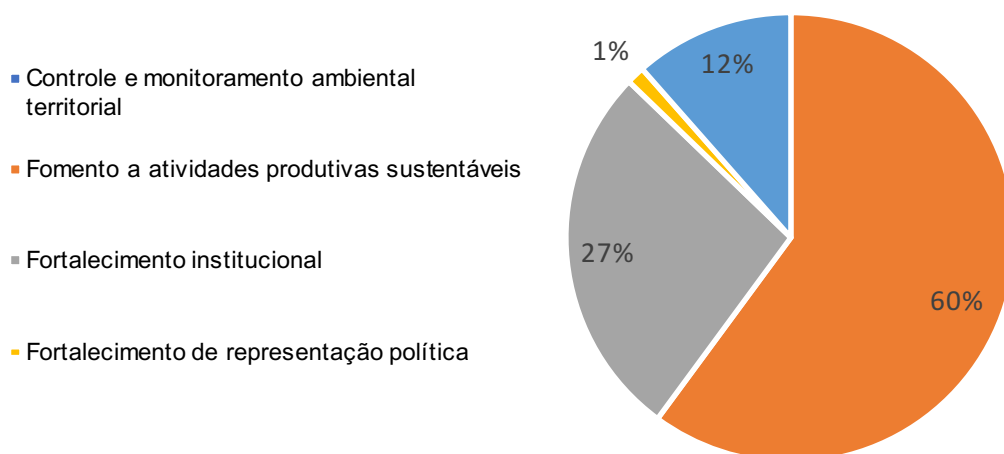


Figura 1. Destinação do recurso total desembolsado pelo Fundo Kayapó para as associações Kayapó entre 2013 e 2017, por linha de ação. Fonte: Funbio 2018.

Se considerarmos os recursos destinados por linha de ação para cada uma das organizações Kayapó, vemos que a linha de fomentos a atividades produtivas é também a que mais recebeu recursos em todas as associações, representando 48% na AFP, 95% no IK e 43% no IR. O fortalecimento institucional vem em segundo lugar em relação recursos recebidos na AFP (30%) e no IR (42%), seguindo de controle e monitoramento territorial (21% e 10% na AFP e IR, respectivamente) (Figuras 2, 3 e 4). O fortalecimento da representação política foi a linha que menos recebeu recursos, porém entrou apenas no terceiro ciclo de projetos.

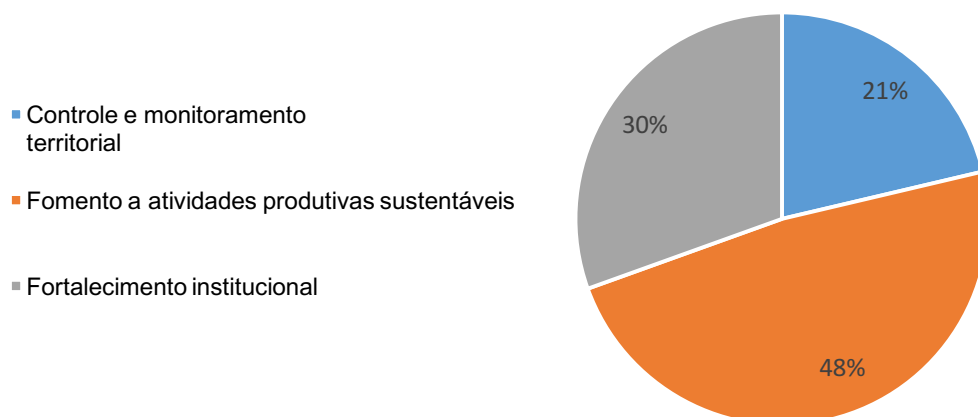


Figura 2. Destinação do recurso desembolsado pelo Fundo Kayapó para a Associação Floresta Protegida entre 2013 e 2017, por linha de ação. Fonte: Funbio 2018.

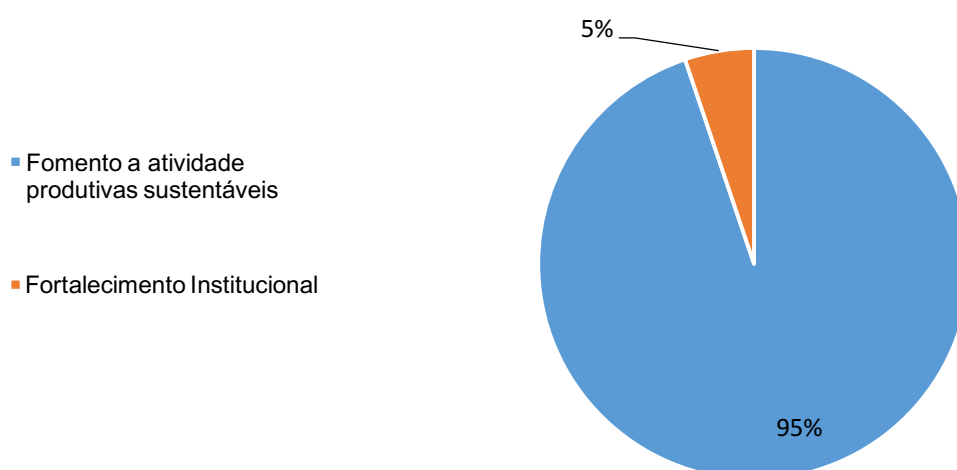


Figura 3. Destinação do recurso desembolsado pelo Fundo Kayapó para o Instituto Kabu entre 2013 e 2017, por linha de ação. Fonte: Funbio 2018.

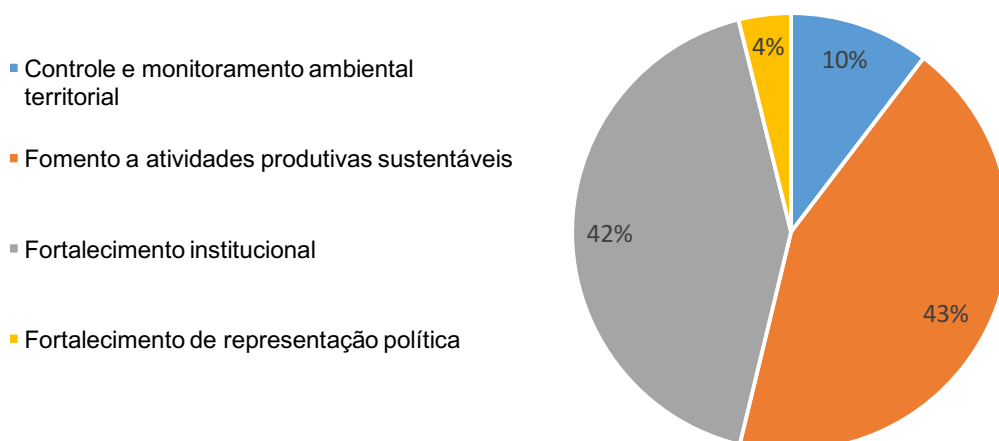


Figura 4. Destinação do recurso desembolsado pelo Fundo Kayapó para o Instituto Raoni entre 2013 e 2017, por linha de ação. Fonte: Funbio 2018.

2. IMPACTOS DIRETOS E INDIRETOS DO FUNDO KAYAPÓ

2.1. Impactos dos projetos do FK na qualidade de vida, gestão e integridade territorial das TIs Kayapó

Abaixo são apresentados os potenciais impactos diretos e indiretos relativos a cada linha de atuação ou conjunto de linhas de atuação relacionadas dos projetos apoiados pelo Fundo Kayapó para as TIs Kayapó: (a) Fomento a atividades produtivas sustentáveis (inclui ações de gestão ambiental); (b) Fortalecimento institucional + Fortalecimento da representação política; e (c) Controle e monitoramento ambiental e territorial.

Em seguida, a evolução de cada um dos indicadores entre 2013 e 2018 é apresentada, para que seja possível avaliar os possíveis impactos do Fundo Kayapó. A evolução dos indicadores é baseada no diagnóstico da qualidade de vida, gestão e integridade territorial das TIs Kayapó realizado e está de acordo com a avaliação realizada no componente 1, na seção 4.

Não foi avaliada a magnitude dos impactos dos projetos, já que os impactos não são necessariamente diretamente proporcionais aos recursos investidos e dependem de uma série de outros fatores como: custos específicos de cada projeto, outros projetos implementados, contexto econômico e político local, entre outros fatores previsíveis e imprevisíveis que afetam cada aspecto

da qualidade de vida do Povo Kayapó e da integridade de seus territórios. No entanto, é importante lembrar que os recursos repassados pelo Fundo Kayapó representam uma pequena porção dos recursos totais das Associações. Portanto, o mesmo apenas contribui para os impactos apresentados abaixo, não sendo por isso menos importante.

Fomento a atividades produtivas sustentáveis + Gestão ambiental

Os projetos apoiados pelo Fundo Kayapó voltados ao fomento a atividades produtivas sustentáveis nas comunidades Kayapó têm como potenciais impactos diretos: (a) o fortalecimento das organizações de apoio às cadeias produtivas, incluindo as próprias associações e/ou cooperativas; e (b) o aumento do número e/ou fortalecimento das iniciativas já existentes de comercialização de produtos agroextrativistas e artesanato pelas aldeias.

O principal impacto esperado a partir do fortalecimento das organizações e das iniciativas de comercialização de produtos da sociobiodiversidade é o aumento da renda dos Kayapó nas comunidades. Espera-se ainda que o aumento da renda com atividades produtivas sustentáveis resulte em uma redução na vulnerabilidade ao envolvimento dos indígenas com atividades ilícitas, já que a renda obtida poderia suprir, ao menos em parte, a crescente necessidade de bens de consumo vindos de fora das TIs. No entanto, o que se vê nas TIs Kayapó atualmente, especialmente nas TIs Kayapó e Baú, é um aumento das atividades ilegais, devido a fatores econômicos (como o aumento do preço do ouro por exemplo), aumento das pressões no entorno das TIs e baixa presença do Estado, legalmente o responsável pelas ações de comando e controle na região. O garimpo de ouro, principal atividade ilícita realizada atualmente dentro das TIs Kayapó, tem consequências não apenas socioambientais, mas também para a saúde dos Kayapó, já que a atividade mineradora contamina os rios e conseqüentemente os peixes com mercúrio. Apesar de não ter sido possível obter valores concretos sobre a renda gerada pelas atividades ilegais, é certo que estas superam muito a de atividades legais. No entanto, sabe-se que a renda obtida por meio de atividades ilícitas é mal distribuída nas aldeias, beneficiando apenas algumas famílias, ao contrário da renda gerada pelas iniciativas de geração de renda promovida pelas associações, que beneficia homens e mulheres de diferentes faixas etárias.

Além da aquisição de bens materiais, uma necessidade crescente e inevitável das comunidades, o aumento da renda nas comunidades traz como consequência o aumento de consumo de alimentos vindos de fora da TI, incluindo alimentos industrializados. As mudanças nos hábitos alimentares já vêm trazendo consequências negativas para a saúde dos Kayapó em algumas comunidades na TI Capoto/Jarina por exemplo, como hipertensão e diabetes. O crescente aumento de produtos

alimentares vindos da cidade também tem como umas de suas principais consequências a diminuição da quantidade de alimentos produzidos nas próprias aldeias, o que, no longo prazo, pode ter consequências graves para a segurança alimentar e nutricional das comunidades indígenas devido à perda tanto de variedades de alimentos e quanto do vínculo dos indígenas com a terra.

Por outro lado, as iniciativas de geração de renda em curso nas TIs Kayapó tem como foco principal atividades tradicionalmente realizadas pelos Kayapó, como a coleta de castanha, pequi, a confecção de artesanato e a produção de farinha. Estas atividades podem resultar em um aumento no consumo destes produtos nas aldeias, no caso de alimentos, compensando a entrada de produtor alimentícios da cidade. No entanto, apesar de os Kayapó declararem que as roças ainda são abundantes e diversas, os alimentos vindos da cidade estão adquirindo cada vez mais importância dentro das comunidades, e este fato certamente está relacionado à maior renda dos indígenas, mas também à crescente proximidade das aldeias com as sedes municipais. Deve-se ressaltar que a renda gerada pelas iniciativas de geração de renda corresponde a apenas uma pequena parte da renda total das comunidades.

Alguns impactos positivos do aumento da comercialização de produtos da sociobiodiversidade são o aumento da confecção de artesanato para uso próprio (ocorrido na TI Baú, por exemplo), que provavelmente está relacionado tanto à valorização e ao resgate de peças tradicionais quanto ao aumento da renda, com a qual se compra miçangas, linhas e outros materiais. Outro impacto positivo é o aumento da circulação dos Kayapó e do conhecimento do território pelos jovens, devido à coleta de produtos extrativistas, como castanha e cumaru. Os acampamentos realizados durante a época de coleta destes produtos também representam momentos importantes de transmissão cultural para os jovens. Finalmente, as mulheres são as principais protagonistas nos projetos relacionados a artesanato, o que contribui para a maior autonomia financeira deste grupo nas aldeias.

Duas ações de gestão ambiental foram realizadas no âmbito de projetos de fomento a atividades produtivas sustentáveis: a perfuração de poços, no IK, e ações de gestão de resíduos sólidos, no IR. Apesar de relacionadas a melhorias nas cadeias produtivas, estas ações trazem como consequência a melhoria da qualidade da água para consumo e destinação adequada no lixo produzido nas aldeias, reduzindo a incidência de doenças relacionadas à falta de saneamento básico.

O diagrama abaixo (Figura 5) representa os potenciais impactos diretos e indiretos dos projetos relacionados ao fomento de atividades produtivas, incluindo as ações realizadas de gestão

ambiental. A tabela 3 apresenta a evolução dos indicadores potencialmente afetados por estes projetos em relação à situação dos mesmos em 2013 (ISA 2014).

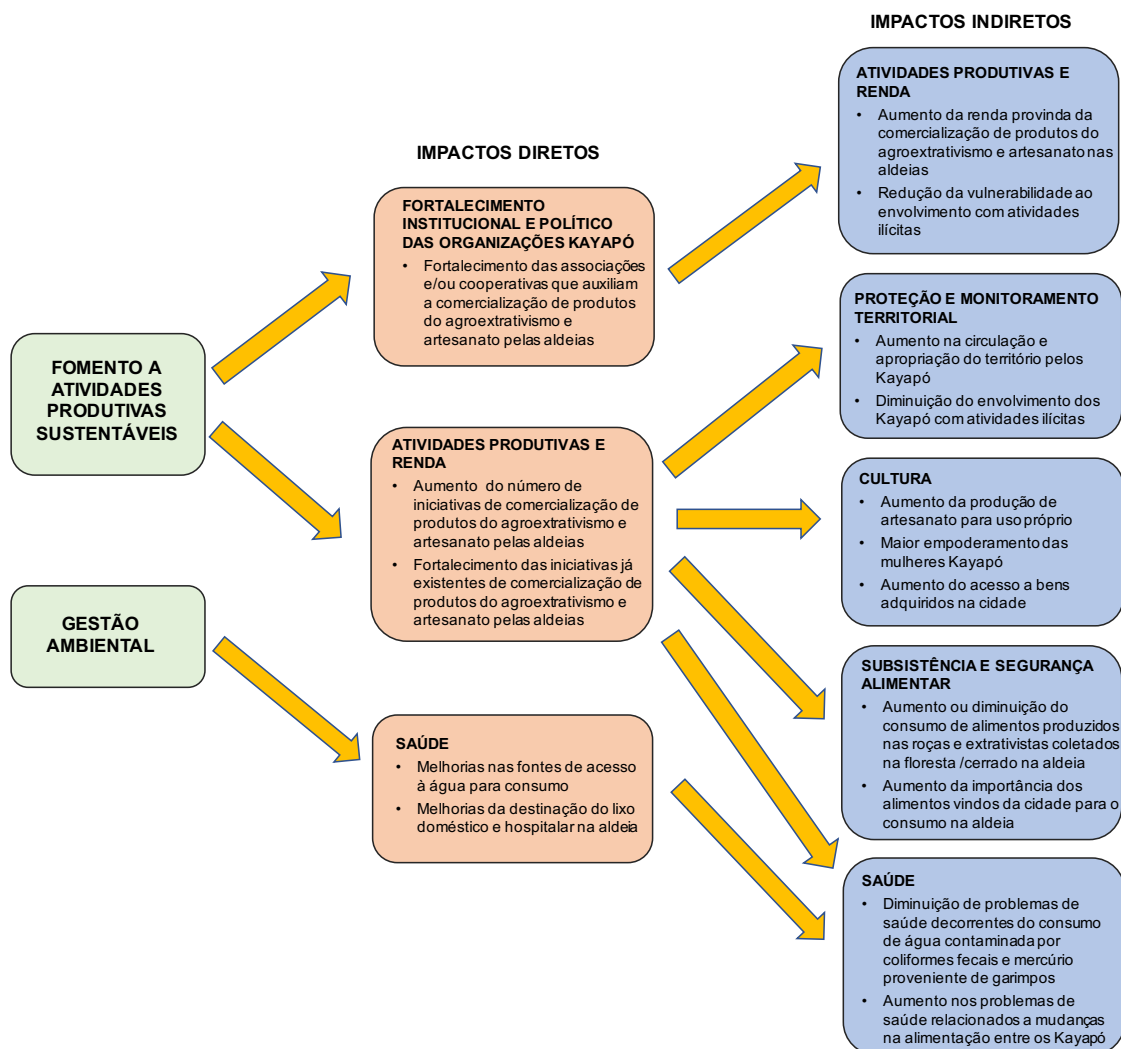


Figura 5. Potenciais impactos das iniciativas de fomento a atividades produtivas sustentáveis, as quais incluíram ações de gestão ambiental, apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.

Tabela 3. Situação dos indicadores potencialmente afetados pelas iniciativas de fomento a atividades produtivas sustentáveis, as quais incluíram ações de gestão ambiental, apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.

Linha de ação	Tema	Indicador	Impacto	Evolução
	Cultura e língua	Quantidade de artefatos culturais produzidos para uso próprio na aldeia	Indireto	Melhorou

Fomento a atividades produtivas + Gestão ambiental	Subsistência e segurança alimentar	Consumo de alimentos produzidos nas roças	Indireto	Estável
		Consumo de produtos extrativistas coletados na floresta /cerrado na aldeia	Indireto	Estável
		Importância dos produtos vindos da cidade para o consumo na aldeia em comparação com alimentos produzidos nas roças e extrativistas	Indireto	Piorou
		Consumo de pescado na aldeia	Indireto	Estável
		Importância das carnes vindas da cidade para o consumo na aldeia em comparação com a caça e o pescado	Indireto	Melhorou
	Atividades Produtivas e Renda	Comercialização de produtos da floresta na aldeia	Direto	Melhorou
		Comercialização de artesanato na aldeia	Direto	Melhorou
		Comercialização de produtos das roças na aldeia	Direto	Piorou
		Existência de atividades ilícitas que geram renda na aldeia	Indireto	Piorou
		Presença de iniciativas de geração de renda nas aldeias	Direto	Melhorou
		Renda gerada por iniciativas de geração de renda	Indireto	Melhorou
	Proteção e monitoramento territorial	Principais ameaças à integridade das TIs	Indireto	Piorou
		Circulação e apropriação do território pelos Kayapó	Indireto	Melhorou
	Fortalecimento institucional e político das Associações apoiadas pelo FK	Infraestrutura de cada organização para atendimento às comunidades	Direto	Melhorou
	Saúde	Principais problemas de saúde dos Kayapó	Indireto	Estável
		Procedência da água para consumo	Direto	Melhorou
		Contaminação da água do rio por mercúrio	Indireto	Piorou
		Destinação do lixo doméstico e hospitalar na aldeia	Direto	Melhorou

Fortalecimento institucional + Fortalecimento da representação política

O fortalecimento institucional das associações tem como impactos diretos principalmente a melhoria de sua infraestrutura, incluindo comunicação e infraestrutura para o monitoramento territorial, o aumento no quadro técnico e a realização de assembleias. Estes resultados, por sua vez, têm potenciais reflexos positivos indiretos nas diversas áreas em que a associação atua, incluindo aumento na capacidade de captação e gestão de recursos, gestão de projetos e maior apoio técnico para todas as linhas de ação da associação, incluindo atividades produtivas, monitoramento do território, ações de educação e cultura, entre outros. O aumento no número de funcionários indígenas e a manutenção da realização de assembleias têm como consequências a maior participação e apropriação da associação pelos indígenas. As associações Kayapó, portanto, funcionam como um guarda chuva no que se refere aos impactos dos projetos, já que seu fortalecimento potencializa os impactos dos financiamentos para todos os temas tratados por elas. Todos os indicadores relacionados ao fortalecimento das associações Kayapó apresentaram melhora nos últimos cinco anos, com exceção da frequência de realização de assembleias e das linhas de atuação, os quais se mantiveram estáveis.

Os projetos na linha de fortalecimento da representação política incluíram a participação dos indígenas em mobilizações, reuniões e intercâmbios e têm como consequências a maior compreensão pelos indígenas do contexto político em que o Brasil se encontra e a maior articulação dos Kayapó com o movimento indígena nacional na luta por seus direitos.

A figura 6 representa os potenciais impactos diretos e indiretos dos projetos relacionados ao fortalecimento institucional e ao fortalecimento da representação política dos Kayapó. A tabela 4 apresenta a evolução dos indicadores potencialmente afetados por estes projetos em relação à situação dos mesmos em 2013 (ISA 2014).

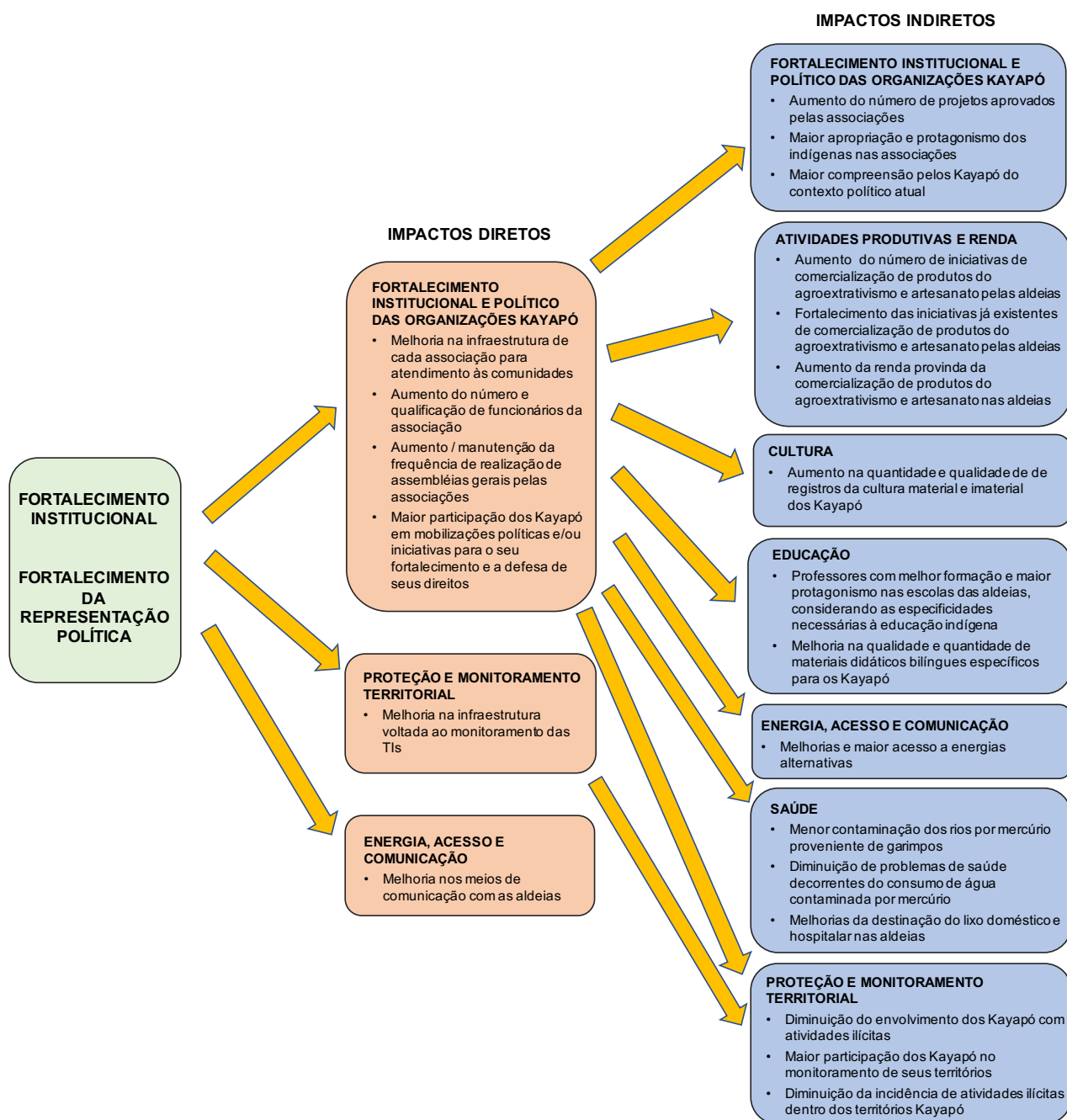


Figura 6. Potenciais impactos das iniciativas de fortalecimento institucional e fortalecimento da representação política apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.

Tabela 4. Situação dos indicadores potencialmente afetados pelas iniciativas de fortalecimento institucional e fortalecimento da representação política apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.

Linha de ação	Tema	Indicador	Impacto	Evolução
	Saúde	Principais problemas de saúde dos Kayapó	Indireto	Estável

Fortalecimento institucional + Fortalecimento da representação política		Contaminação da água do rio por mercúrio	Indireto	Piorou	
		Destinação do lixo doméstico e hospitalar na aldeia	Indireto	Melhorou	
	Educação		Existência de material didático específico para os Kayapó em sua língua materna	Indireto	Melhorou
			Protagonismo dos professores indígenas na escola	Indireto	Estável
			Existência de formação para os professores Kayapó	Indireto	Melhorou
	Cultura e língua		Presença de registros da cultura na aldeia	Indireto	Melhorou
			Capacidade para o registro audiovisual da cultura	Indireto	Melhorou
	Atividades Produtivas e Renda		Presença de iniciativas de geração de renda nas aldeias	Indireto	Melhorou
			Renda gerada por iniciativas de geração de renda	Indireto	Melhorou
	Infraestrutura - Energia, acesso e comunicação		Existência e tipo de fontes alternativas de energia na aldeia	Indireto	Melhorou
			Tipos de meios de comunicação utilizados na aldeia	Direto	Estável
	Proteção e monitoramento territorial		Principais ameaças à integridade das TIs	Indireto	Piorou
			Grau de ameaças à integridade das TIs	Indireto	Piorou
			Infraestrutura voltada ao monitoramento das TIs	Direto	Melhorou
			Circulação e apropriação do território pelos Kayapó	Indireto	Melhorou
	Fortalecimento institucional e político das associações apoiadas pelo Fundo Kayapó		Linhas de atuação e projetos desenvolvidos por cada organização	Direto	Estável
			Quantidade de recursos geridos anualmente nos últimos cinco anos por cada organização	Indireto	Melhorou
			Número de projetos aprovados anualmente nos últimos cinco anos por cada organização	Indireto	Melhorou
			Infraestrutura de cada organização para atendimento às comunidades	Direto	Melhorou

		Número e qualificação dos funcionários de cada organização	Direto	Melhorou
		Número de funcionários indígenas	Direto	Melhorou
		Frequência de realização de Assembleias Gerais por cada organização	Direto	Estável
		Apropriação da associação pelos indígenas	Indireto	Melhorou
		Grau de compreensão pelos Kayapó do atual contexto político	Indireto	Melhorou
		Articulação dos Kayapó com o movimento indígena nacional	Direto	Melhorou

Controle e monitoramento ambiental e territorial

Os projetos relacionados ao controle e monitoramento territorial têm como potenciais impactos diretos a melhoria na infraestrutura das associações voltada ao monitoramento territorial, o aumento na quantidade de expedições de monitoramento e o aumento na participação dos Kayapó nas ações de monitoramento. Foram apoiados projetos que incluíram capacitações de indígenas, melhoria no mapeamento por geoprocessamento e custeio das expedições.

As melhorias no monitoramento territorial por parte das associações têm como principal impacto a diminuição das atividades ilegais dentro dos territórios Kayapó, em especial o garimpo de ouro, a atividade madeireira, a pesca ilegal, entre outros. A redução destas atividades predatórias tem como consequência a proteção dos ecossistemas presentes nos territórios Kayapó, tanto para a sociedade em geral, que depende dos serviços ambientais prestados por eles, quanto para os próprios Kayapó, que dependem da fauna, da flora e dos rios preservados e saudáveis para garantir sua saúde e seus modos de vida. A diminuição dos garimpos tem como consequência a redução da contaminação dos rios que banham as aldeias e dos peixes consumidos pelos indígenas por mercúrio, o que pode causar sérios problemas de saúde.

A figura 7 representa os potenciais impactos diretos e indiretos dos projetos relacionados a controle e monitoramento territorial para os Kayapó e seus territórios. A tabela 5 apresenta a evolução dos indicadores potencialmente afetados por estes projetos em relação à situação dos mesmos em 2013 (ISA 2014).

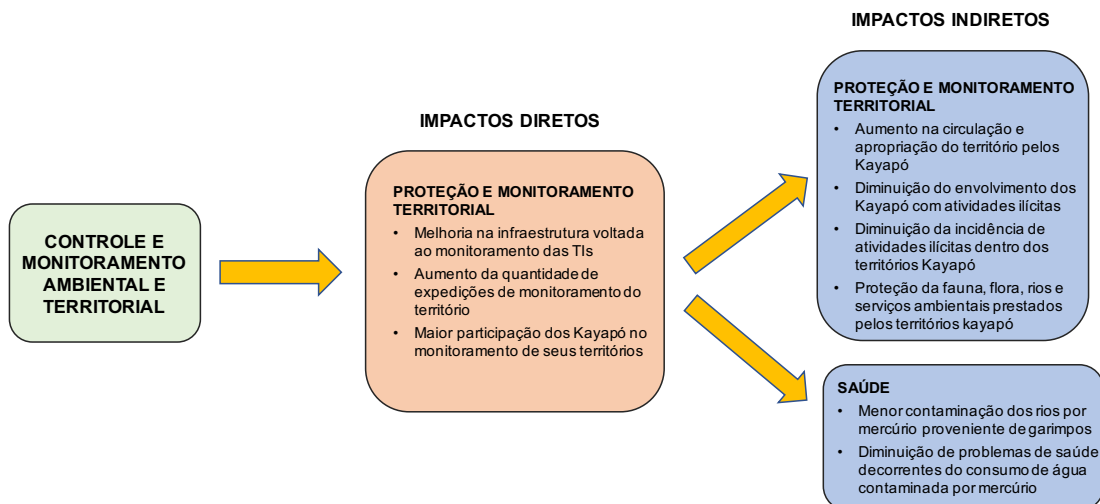


Figura 7. Potenciais impactos das iniciativas de controle e monitoramento ambiental apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.

Tabela 5. Situação dos indicadores potencialmente afetados pelas iniciativas de controle e monitoramento ambiental apoiadas pelo Fundo Kayapó entre 2013 e 2017.

Linha de ação	Tema	Indicador	Impacto	Evolução
Controle e monitoramento ambiental e territorial	Saúde	Principais problemas de saúde dos Kayapó	Indireto	Estável
		Contaminação da água do rio por mercúrio	Indireto	Piorou
	Atividades Produtivas e Renda	Existência de atividades ilícitas que geram renda na aldeia	Indireto	Piorou
	Proteção e monitoramento territorial	Principais ameaças à integridade das TIs	Indireto	Piorou
		Grau de ameaças à integridade das TIs	Indireto	Piorou
		Infraestrutura voltada ao monitoramento das TIs	Direto	Melhorou
		Periodicidade do monitoramento das TIs pelas associações	Direto	Melhorou
		Envolvimento dos Kayapó no monitoramento de seus territórios	Direto	Melhorou
	Circulação e apropriação do território pelos Kayapó	Indireto	Melhorou	

2.2. Impactos do Fundo Kayapó destacados nas entrevistas

De forma geral, o Fundo Kayapó tem sido visto de forma bastante positiva entre os entrevistados.

A importância dos projetos do Fundo Kayapó para o fortalecimento institucional foi destacada entre grande parte dos atores das associações entrevistados. Estes afirmaram que a linha de fortalecimento institucional é um diferencial em relação a outras linhas de financiamentos, assim como seu caráter contínuo, fazendo com que o Fundo Kayapó, mesmo com um valor pequeno de recursos quando comparado a outros fundos, contribua para o cumprimento da missão institucional das associações.

Considerando o atual contexto político, a linha de ação Fortalecimento da representação política, por meio da participação dos Kayapó em mobilizações e outras reuniões, também tem sido vista como extremamente importante atualmente na luta dos Kayapó por seus direitos.

Os projetos apoiados pelo Fundo Kayapó também impactaram positivamente as cadeias produtivas da castanha, do cumaru, do artesanato e outras atividades de produção agrícola e extrativista, principalmente pela sua capacidade de influenciar positivamente um conjunto de atividades alinhadas com o propósito institucional das associações. Para além do volume de recursos gerados pelas atividades produtivas sustentáveis, os relatos dos entrevistados evidenciam o conjunto de impactos positivos que essas atividades geram em relação ao fortalecimento da cultura Kayapó e à integridade territorial.

As atividades de geração de renda são atualmente uma demanda generalizada entre os Kayapó, tanto por aqueles que apoiam a proteção do território quanto pelos que se envolvem em atividades ilícitas. No momento atual qualquer ação que vise a conservação da biodiversidade, a melhoria da qualidade de vida e a proteção do território Kayapó deve necessariamente prever um componente de geração de renda com atividades sustentáveis. As outras fontes de renda disponíveis para os Kayapó estão associadas à atuação do Estado (benefícios sociais e empregos na FUNAI, saúde e educação) ou às atividades ilícitas (extração de madeira e garimpo principalmente) e apesar de serem consideradas importantes por muitos Kayapó, não são atividades que geram autonomia e potencializam o uso sustentável do território.

Os projetos de controle e monitoramento ambiental, além de serem de fundamental importância para a garantia da integridade territorial das Terras Indígenas, têm sido reconhecidos por seus impactos positivos em diversas aspectos: representam uma fonte de renda para os monitores, possibilitam a integração entre diferentes gerações nas expedições pelo território, criando

oportunidades para transmissão dos conhecimentos tradicionais e atualização do conhecimento sobre o território, possibilitam o acesso dos jovens as novas tecnologias (uso de GPS por exemplo) e são oportunidades para mapear os recursos naturais com potencial extrativista no território.

3. SUGESTÕES PARA POTENCIALIZAR O FUNDO KAYAPÓ

3.1. Pontos de atenção

As diferentes linhas de ação disponíveis para financiamento pelo Fundo Kayapó, assim como a adição de novas linhas no último ciclo para atender às necessidades e desafios levantados pelas próprias associações Kayapó, são vistas por estas de forma positiva. Este leque de opções permite que as organizações utilizem os recursos do fundo de forma estratégica para se estruturar conforme suas necessidades e potencializar sua ação no território Kayapó.

Uma preocupação levantada pelos representantes das associações é que o Fundo Kayapó não torne os seus procedimentos excessivamente burocráticos e lentos. A expectativa é que o FK se adapte cada vez mais à realidade da região, criando mecanismos de apoio, remanejamento e prestação de contas flexíveis e eficientes. A comunicação entre o Funbio e as associações visando a constante melhoria do fundo é extremamente positiva para adequar o FK à realidade das associações.

O apoio a projetos mais longos (com duração maior que 1 ano) e com maior aporte de recursos, como vem sendo realizado no 3º ciclo de projetos, parece mais adequado para atender às demandas das associações e mais eficiente do que projetos anuais e de menor porte, como no 1º ciclo de projetos. Desta forma, podem ser apoiadas ações mais contínuas e com maior potencial de impacto nos territórios Kayapó. No entanto, esta estratégia requer atenção em relação a dois aspectos essenciais:

1. Apoiando projetos de maior porte, o FK possivelmente utilizará recursos do próprio Fundo, além dos rendimentos, os quais seriam a fonte original de financiamentos nos projetos. Optando por essa estratégia, a continuidade do Fundo Kayapó é ameaçada, a não ser que mais recursos sejam alavancados para o próprio Fundo ou para projetos;

2. É importante que haja um limite para o montante de recursos destinado aos projetos de cada associação ou outra forma de controle para que haja um equilíbrio entre os recursos destinados a cada uma delas, já que todas apresentam questões prioritárias, dependendo do ponto de vista. A AFP é a que representa mais aldeias e indígenas associados e se encontra na região mais ameaçada por atividades ilegais; já o IK é o que representa a maior área, a qual também sofre a pressão de diferentes atividades ilegais; em compensação o IR é a associação menos estruturada, que gere a menor quantidade de recursos e que não recebe recursos de compensação de empreendimentos. No geral, todas encontram-se sobrecarregadas e necessitam de apoio.

3.2. Sugestões de melhorias

- **Estratégias de divulgação do Fundo Kayapó entre os Kayapó:** A importância em divulgar o Fundo Kayapó não está associada diretamente à execução de cada projeto específico, mas sim de consolidar a imagem e a posição estratégica do FK nos territórios Kayapó, resultando em um maior conhecimento e apropriação do FK pelos indígenas, confiança nas organizações, efetividade das ações em campo e estabilidade nos processos de gestão do território. Recentemente, tem havido uma onda de notícias falsas circulando na região, inclusive envolvendo o FK e a AFP.
- **Maior presença dos técnicos do Fundo Kayapó em campo para acompanhar as atividades:** Todos os envolvidos com a execução dos projetos do FK sentiram falta da presença dos seus técnicos em campo para acompanhamento das atividades, o que criaria mais espaços de diálogo e consequentemente melhoraria a eficiência na execução e gestão dos projetos.
- **Contratação de consultores comuns a todas as organizações para a implementação de ações estratégicas:** Avaliação de demandas transversais / comuns a todas as associações Kayapó e, caso seja viável e de interesse para o Fundo e as Associações, contratação de consultorias para a realização de ações conjuntas que possam beneficiar o território, como por exemplo, a assessoria tributária e fiscal para a estruturação de cadeias produtivas;
- **Avaliação e implementação de uma estratégia de apoio às aldeias envolvidas com atividades ilícitas:** Um dos principais desafios atualmente é o crescente envolvimento das aldeias da TI Kayapó com a atividade garimpeira. Atualmente cerca de 30% das aldeias praticam atividades ilegais nessa região e estão associadas a outras organizações

representativas. O FK não apoia organizações envolvidas com atividades ilícitas no território Kayapó. A postura adequada a ser tomada em relação às aldeias que participam de atividades ilícitas é uma questão polêmica e de difícil solução tanto para a própria AFP quanto para os financiadores. A criação de canais de comunicação com as aldeias que participam de atividades ilícitas e a oferta de caminhos de transição para essas aldeias deve ser avaliados, considerando que apenas poucas famílias estão de fato envolvidas com as atividades ilícitas, que a renda provinda destas atividades é mal distribuída, que as estratégias atuais de não envolver as aldeias que praticam atividades ilícitas não têm conseguido brevar esta atividade, que o nível do assédio de garimpeiros e madeireiros é crescente, e que o seu potencial destrutivo é altíssimo tanto em relação ao território quanto à cultura Kayapó. A decisão de atuar junto a estas comunidades deve ser discutida com a AFP e especialmente com os indígenas que fazem parte da mesma, para evitar conflitos internos. Deve se ter o cuidado de não “premiar quem fez errado”. Não necessariamente essas aldeias ou organizações precisam ser apoiadas via editais, havendo a necessidade de elaborar outras formas de apoio para esses casos. O importante é que o Fundo Kayapó seja reconhecido e legitimado por todos como um espaço de apoio às associações que desejam se engajar na conservação da biodiversidade e na melhoria da qualidade de vida do povo Kayapó.

- **Busca por recursos adicionais ao Fundo Kayapó:** o alavancamento de novos recursos permitiria ao FK apoiar projetos de maior porte, sem ameaçar a sua sustentabilidade.

3.3. Potenciais linhas de ação e abordagens para o Fundo Kayapó

Além da manutenção das linhas de ação já apoiadas pelo Fundo Kayapó, sugerimos a inclusão das seguintes linhas, as quais representam aspectos importantes levantados no presente diagnóstico e com potencial de gerar impactos positivos entre os Kayapó:

- **Apoio à elaboração e implementação dos PGTAs nas Terras Indígenas Kayapó:** Por serem instrumentos que abordam os mais diversos aspectos relacionados à vida e aos territórios dos Kayapó e construídos a partir de reflexões conjuntas com os indígenas, visando a manutenção da cultura, dos modos de vida, dos territórios e dos direitos do Povo Kayapó, os PGTAs estão completamente alinhados com os objetivos do Fundo Kayapó. Assim como o fortalecimento das associações Kayapó, os PGTAs atuam como um guarda-chuva, potencializando os impactos do recurso aplicado pelo FK. A elaboração e implementação dos PGTAS representam também uma oportunidade para criar um espaço de diálogo institucional entre as diferentes organizações

Kayapó e integrar todos os atores envolvidos em um mesmo processo de planejamento do território.

- **Formação de jovens lideranças:** A migração dos jovens para a cidade e o desinteresse pela cultura tradicional foi um dos temas mais recorrentes nas entrevistas. Tendo em vista a fragilidade da educação nas aldeias e nas cidades e a ausência de oportunidades de geração de renda e formação qualificada na região, é essencial que se criem espaços formativos para os jovens. Esses espaços devem funcionar como instâncias mediadoras entre a visão de mundo dos mais velhos e dos jovens e como uma estratégia de fortalecimento da cultura tradicional por meio da ressignificação dos saberes Kayapó, adaptados à dinâmica geopolítica contemporânea onde a proteção do território, a implementação das cadeias de valor dos produtos da sociobiodiversidade e o ativismo político são pilares fundamentais. Diante do atual cenário de ameaças aos direitos indígenas, lideranças fortes, informadas e engajadas serão essenciais para proteger os territórios, a cultura e os modos de vida Kayapó.
- **Empoderamento das mulheres:** O papel das mulheres na cultura Kayapó e sua presença nas atividades realizadas nas aldeias faz com que as ações nas quais elas se envolvem tenham grandes chances de sucesso e perenidade. É importante criar oportunidades para que as mulheres se envolvam mais na gestão dos projetos e nos processos de tomada de decisão.

3.4. Manutenção da linha de apoio “Fortalecimento Institucional”

Dentre todas as linhas de ação já apoiadas pelo Fundo Kayapó e potenciais, a linha de fortalecimento institucional das associações indígenas representa, sem dúvida, a mais relevante. Os indicadores relacionados ao fortalecimento das associações Kayapó apresentaram uma melhora significativa e a opinião de atores importantes que atuam nessas organizações foi bastante positiva.

O fortalecimento das associações potencializa os impactos do FK a todas as atividades realizadas por elas e a todas as aldeias representadas, aumenta sua capacidade de gestão e captação de recursos, além de promover um maior protagonismo dos indígenas em sua atuação. Ademais, o fortalecimento institucional não é o foco da grande maioria dos projetos geridos pelas associações, de modo que o apoio do FK é um importante diferencial.

A continuidade das ações do FK focadas nas necessidades das associações é fundamental, especialmente considerando o objetivo de organizações do terceiro setor de atuar onde o Estado é omissivo ou ausente, e o cenário de enfraquecimento dos órgãos do governo responsáveis pela

proteção das florestas e atendimento às necessidades dos indígenas – IBAMA e FUNAI. Desta forma, enfatizamos a importância de se manter recursos mínimos para estas linhas de ação.

4. CONCLUSÕES

Os potenciais impactos diretos e indiretos do Fundo Kayapó alcançam os mais diferentes aspectos da vida do Povo Kayapó, porém os mesmos estão sujeitos a diversos outros fatores, incluindo outros projetos implementados nas comunidades, forças econômicas e políticas. O Fundo Kayapó representa uma parcela pequena das necessidades de recurso e dos recursos de fato geridos pelas Associações Kayapó e suas aldeias. A grande contribuição do Fundo Kayapó para os territórios Kayapó é a aplicação deste recurso em projetos estruturantes e no fortalecimento das próprias associações indígenas, cuja atuação em diferentes linhas de ação faz com que os impactos do recurso aplicado, ainda que pequenos, sejam potencializados em termos de abrangência espacial, diversidade de aspectos impactados e inclusive intensidade, devido ao potencial alavancamento de recursos de outros projetos. A inclusão de novos temas de apoio transversais e relevantes no contexto atual poderão aumentar os impactos do Fundo Kayapó para proporcionar a melhoria na qualidade de vida e a proteção dos territórios Kayapó.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, E. 1987. A expansão dos índios Kayapó-Gorotíre e a ocupação nacional (Região Sul do Pará). Em E. Arnauld, O Índio e a expansão Nacional, CEJUP, Belém, pp. 427-495.

ASSOCIAÇÃO FLORESTA PROTEGIDA, 2016. *Gwaj Ba Nhõ Pyka – A Nossa Terra*. Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra indígena Las Casas.

BAIDER, C. 2000. Demografia e ecologia de dispersão de frutos de *Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl. (Lecythidaceae) em castanhais silvestres da Amazônia Oriental. Tese de Doutorado, Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 231pp.

FISHER, W.H., 2003. Name Rituals and Acts of Feeling Among the Kayapó (Mebengokre). *Journal of Royal Anthropological Institute (N.S.)* 9, 117-135.

FUNASA, 2013. Manual Prático de Análise de Água, 4ª edição. Brasília. Disponível em http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/files_mf/manual_pratico_de_analise_de_agua_2.pdf

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, 2013. COORDENAÇÃO GERAL DE GESTÃO AMBIENTAL. (Org.). Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas: Orientações para Elaboração. – Brasília: FUNAI, 2013. 20p. Ilust.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2014. Diagnóstico da qualidade de vida e da integridade dos territórios do Povo Kayapó (Org. A. Villas-Bôas). Instituto Socioambiental / Funbio. São Paulo. pp. 4-143.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018. https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-xingu/em-2018-150-milhoes-de-arvores-foram-derrubadas-no-xingu-e-o-ano-nao-acabou?utm_source=isa&utm_medium=&utm_campaign=

JEROZOLIMSKI, A., RIBEIRO, M.B.N., INGLÊZ DE SOUSA, C.N., & TURNER, T. 2011. Cisões recentes e mobilidade das comunidades Kayapó Gorotire. Em: Ricardo, B.; Ricardo, F. Povos Indígenas no Brasil 2006/2010. Instituto Socioambiental, São Paulo. pp. 444-450.

KAYAPÓ, B.M., *et al.* 2007. Atlas dos territórios Mebêngôkre, Panará e Tapajúna. Associação Iprenre de Defesa do Povo Kayapó / FUNAI / Programa de Formação de Professores Mebêngôkre, Panará e Tapajúna.

KAYAPÓ, A. *et al.* 2015. *Mëbêngôkre kabên mari kadjy 'ã pi'ók nê ja* - Livro de alfabetização na língua Mebêngôkre. Associação Floresta Protegida, PA.

LEA, V. R. 2012. Riquezas Intangíveis de Pessoas Partíveis: Os Mebêngôkre (Kayapó) do Brasil Central. Editora da Universidade de São Paulo / FAPESP. São Paulo. 496 p.

NIMUENDAJÚ, C. 1952. Os Gorotire: relatório apresentado ao serviço de proteção aos índios, em 18 de abril de 1940. Revista do Museu Paulista, n.s., vol. VI. São Paulo. pp. 427-452.

PERES, C.A.; NASCIMENTO, H.S. 2006. Impact of game hunting by the Kayapó of Southeastern Amazonia: Implications for wildlife conservation in tropical forest indigenous reserves. *Biodiversity and Conservation* 15: 2627-2653.

RICARDO, C.A. (Ed.). 2000. Povos Indígenas no Brasil, 1996/2000. Instituto Socioambiental, São Paulo.

RICARDO, B., & RICARDO, F. (Eds.). 2006. Povos Indígenas no Brasil: 2001-2005. Instituto Socioambiental, São Paulo.

RICKETTS, T. H. *et al.* 2010. Indigenous Lands, Protected Areas, and Slowing Climate Change. *PLOS Biology*. March 16, 2010 <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.1000331>

SALM, A.R. 2004. Tree species diversity in a seasonally-dry forest: the case of the Pinkaití site, in the Kayapó Indigenous Area, southeastern limits of the Amazon. *Acta Amazonica* 34: 435-443.

SCHMINK, M.; WOOD, C. 1992. *Contested Frontiers in Amazonia*. Columbia University Press, New York. 387pp.

SCHWARTZMAN, S.; MOREIRA, A.; NEPSTAD, D. 2000. Rethinking tropical forest conservation: perils in parks. *Conservation Biology* 14: 1351-1357.

SOLORZANO-FILHO, J.A. 2009. On small mammal sympatry in the Southeastern Amazon and ecological relationships with Brazil nut dispersal and harvesting. PhD Thesis. University of Toronto, Toronto. 170pp.

SOUZA Jr., C., ROBERTS, D. & COCHRANE, M. 2005. Combining spectral and spatial information to map canopy damage from selective logging and forest fires, *Remote Sensing of Environment* 98:329-343.

TORRES, M; DOBLAS, J.; ALARCON, D. F. 2017. "Dono é quem desmata": conexões entre grilagem e desmatamento no sudoeste paraense. 1. ed. São Paulo: Urutu Branco; Instituto Agrônômico da Amazônia. v. 1. 290p.

TURNER, T. 1992. Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social. In: Cunha, M.C. (Ed). *História dos Índios no Brasil*. Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura / FAPESP, São Paulo. p. 311-338.

UNITED NATIONS, 2018 - <https://population.un.org/wpp/>

WIKKIE, D. S.; CARPENTER, J. F. & ZHANG, Q. 2001. "The under-financing of protected areas in the Congo Basin: so many parks and so little willingness-to-pay". *Biodiversity and Conservation* 10: 691–709.